

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA
FACULTAD DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA Y DE LA
EDUCACIÓN



VNiVERSiDAD
D SALAMANCA

EXPERIÊNCIAS ROMÂNTICAS, SEXUAIS E
NEGOCIAÇÃO PARA SEXO SEGURO NOS
ADOLESCENTES ALENTEJANOS

MARIA MARGARIDA SANTANA FIALHO SIM-SIM

2007



VNiVERSiDAD
D SALAMANCA



União
Europeia



Fundo
Social
Europeu



Tesis Doctoral realizada por Maria Margarida Santana Fialho Sim-Sim.

Dirigida por:

Dr. António Fuertes Martín y

Dr. Ramón Fernández Pulido

Realizada con apoyo del Programa PRODEP III Medida 05.

Facultad de Psicología - Universidad de Salamanca

Escola Superior de Enfermagem S. João de Deus – Universidade de Évora

2007

Dr. António Fuertes Martín, Profesor Titular y Coordinador del Doctorado en Sexualidad y Relaciones Interpersonales en el Departamento de Psicología Evolutiva y e la Educación

Dr.Ramón Fernández Pulido, Profesor Titular de Metodología C. C. Ctº en el Departamento de Psicología Básica Psicobiología y Metodología C.C. Ctº

Certifican que:

La presente Tesis Doctoral, titulada de **“EXPERIÊNCIAS ROMÂNTICAS, SEXUAIS E NEGOCIAÇÃO PARA SEXO SEGURO NOS ADOLESCENTES ALENTEJANOS”**, realizada por Maria Margarida Santana Fialho Sim-Sim, licenciada en Enfermería, se ha desarrollado bajo su dirección y reúne, en su juicio, méritos suficientes de originalidad y rigor para que la autora pueda optar con ella al título de Doctor

Por todo ello autorizan la presentación de dicha Tesis Doctoral, en Salamanca a

Fdº _____
(Dr. António Fuertes Martín)

Fdº _____
(Dr. Ramón Fernández Pulido)

ILMO. SR. PRESIDENTE DE LA COMISSIÓN DE DOCTORADO

Às minhas filhas Mariana e Inês

Ao Gino,
companheiro há 25 anos.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar a minha gratidão às pessoas que orientaram este trabalho, Prof. Dr. Antonio Fuertes Martín e Prof. Dr. Ramón Fernández Pulido, pelos seus ensinamentos, estímulo e apoio.

O meu agradecimento à Prof^a Dr^a Esmeralda Ramalho, professora da Universidade de Évora que me ajudou a compreender as estatísticas da regressão ordinal.

A todas as escolas do Distrito de Évora que participaram neste trabalho, Direcções Executivas, professores directores de turma e outros professores que colaboraram na aplicação do questionário e em especial aos alunos que com a sua disponibilidade, ajudaram a aumentar o conhecimento na temática.

À Direcção da Escola de Enfermagem de S. João de Deus, que facilitou a minha formação e iniciou o processo do Programa PRODEP. Uma palavra às minhas colegas de trabalho, particularmente às colegas do Departamento de Enfermagem da Mulher, Criança e Adolescente, que me substituíram nesta ausência prolongada. Às bibliotecárias, um obrigada pela prontidão nos momentos de muita preocupação com a bibliografia.

Agradeço à minha família pelo seu apoio incondicional. A Otília Roque, parceira de quilómetros, sustos e gargalhadas e a essa mão cheia de amigos, em especial aos “amigos da Páscoa”, pessoas com as quais sempre pude contar, para escutar os problemas e gozar as alegrias.

“Recebi o teu bilhete para ir ter ao jardim...

A tua caixa de segredos
Queres abri-la para mim

E tu não vais fraquejar
Ninguém vai saber de nada
Juro que não me vou gabar
A minha boca é sagrada

De estar mesmo atrás de ti
Ver-te da minha carteira
Sei de cor o teu cabelo
Sei o champô a que cheira

Já não como já não durmo
E eu caía se te minto
Haverá gente informada
Se é amor isto que sinto

Quero o meu primeiro beijo
Não quero ficar impune
E dizer-te cara a cara
Muito mais é o que nos une
Que aquilo que nos separa

Promete-me lá outro encontro
Foi tão fugaz que nem deu
Para ver como era o fogo
Que a tua boca prometeu

Pensava que a tua boca
Sabia a flor de jasmim
Sabe a chicla de mentol
E eu gosto dela assim”

Carlos Tê e Rui Veloso (2002)

Introdução	27
PARTE I. REVISÃO TEÓRICA	35
<i>Capítulo 1. DESENVOLVIMENTO ROMÂNTICO NA ADOLESCÊNCIA</i>	37
1.1 O Amor Romântico Adolescente no Contexto Cultural	45
1.2 O Amor Romântico Adolescente no Contexto da Família	47
1.3 O Amor Romântico Adolescente no Contexto do Desenvolvimento Pessoal	51
1.3.1 O Amor Romântico Adolescente no Género	54
1.4 O Amor Romântico Adolescente no Contexto do Grupo de Pares	56
1.4.1 O Romance e os Amigos do Mesmo Sexo	56
1.4.2 O Romance e o Grupo Misto de Pares	58
1.4.2.1 Modelo de Transição dos Encontros Afectivos	59
1.4.2.2 Modelo de Fases nos Relacionamentos Românticos Adolescentes	61
1.4.2.3 Modelo de Estádios nos Relacionamentos Românticos Adolescentes	64
1.4.2.4 Teoria da Visão Romântica	65
Conceptualização da Teoria da Visão Romântica	68
Sistemas Comportamentais	68
Visões Românticas Relacionais	70
Tipologia das Visões Relacionais Românticas	72
Passos no Relacionamento Romântico Adolescente	73
<i>Capítulo 2. DESENVOLVIMENTO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA</i>	75
Modelo Eclético Interactivo do Desenvolvimento Sexual na Adolescência.	76
2.1 Comportamentos Sexuais na Adolescência	80
2.1.1 Comportamentos Pré-coitais	82
2.1.1.1 Comportamentos de Manipulação Genital	82
2.1.1.2 Comportamentos Oro-genitais	83
Modelo de Comportamentos Pré-coitais na Adolescência	85
2.1.2 Comportamentos Coitais	87
2.1.2.1 A Iniciação no Coito a Idade e o Sexo	88
2.1.2.2 A Iniciação no Coito e a Aparência Física	91
2.1.2.3 A Iniciação no Coito e o Meio Familiar	92
2.1.2.4 A Iniciação no Coito e o Grupo de Pares	94
2.1.2.5 Número e Tipo de Parceiros Sexuais	95
Modelos de Transição para o Coito	96
Modelo de Influências Intra-individuais e dos Pares nos Comportamentos Romântico-Sexuais na Adolescência	97
Modelo de Contágio Social nos Comportamentos Sexuais na Adolescência	99
2.2 Estilos Românticos e Comportamentos Sexuais	101
<i>Capítulo 3. SEXO SEGURO NA ADOLESCÊNCIA</i>	105
3.1 Modelos Desenvolvimentistas de Sexo Seguro na Prevenção de Gravidez não Desejada	106
3.2 Modelos Teóricos de Sexo Seguro na Prevenção de Gravidez não Desejada e de Infecções Sexualmente Transmissíveis	107
3.2.1 Modelo de Crenças de Saúde	108
3.2.2 Teoria da Acção Ponderada	111
3.2.3 Modelo de Redução de Riscos de Sida	113
3.2.4 Modelo de Informação-Motivação-Competências Comportamentais	116
3.2.5 Modelo Transteórico de Mudança Comportamental	118
3.3 Factores Contextuais no Uso de Preservativo na Adolescência	121
3.3.1 Selecção do Método	122
3.3.2 Factores Intrapessoais	125
3.3.3 Factores Interpessoais	126
3.3.3.1 Negociação no Uso de Preservativo	129

Modelo de Estratégias de Influência no Uso de Preservativo _____	131
3.4 Estilos Românticos e Sexo Seguro _____	133
PARTE II. TRABALHO EMPÍRICO _____	137
<i>Capítulo 4. OBJECTIVOS, VARIÁVEIS E HIPÓTESES _____</i>	<i>139</i>
4.1 Objectivos _____	139
4.1.1 Objectivo Geral 1 _____	139
4.1.1.1 Objectivos Específicos _____	139
4.1.2 Objectivo Geral 2 _____	140
4.1.2.1 Objectivos Específicos _____	140
4.1.3 Objectivo Geral 3 _____	141
4.1.3.1 Objectivos Específicos _____	141
4.1.4 Objectivo Geral 4 _____	141
4.1.4.1 Objectivos Específicos _____	142
4.1.5 Objectivo 5 _____	142
4.2 Variáveis _____	143
4.2.1 Variável Predictora - Estilos Românticos _____	143
4.2.1.1 Estilos Românticos Globais e Nos Sistemas Comportamentais _____	143
Estilos Românticos Globais. _____	144
Estilos Românticos nos Sistemas Comportamentais _____	145
4.2.1.2 Análise Psicométrica _____	148
4.2.2 Variável Critério – Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo _____	157
4.2.3 Variável Critério - Consistência no Uso de Preservativo _____	160
4.2.4 Variáveis Complementares Caracterizadoras dos Sujeitos _____	161
4.2.4.1 Desenvolvimento Físico, Atractividade e Orientação Sexual _____	161
4.2.4.2 Historial de Romances _____	162
4.2.4.3 Práticas Sexuais e Respectivo Contexto _____	163
4.2.4.4 Disponibilidade de Contraceptivo, Conhecimentos na Aplicação e Uso nas Práticas Não Coitais e Coitais _____	165
4.2.4.5 Características Afectivo-sexuais dos Pares na Perspectiva dos Sujeitos _____	167
4.2.4.6 Agentes de Informação sobre Temáticas Afectivo-sexuais _____	167
4.2.4.7 Consumo e Efeito do Consumo de Álcool no Contexto Afectivo -Sexual _____	168
4.3 Hipóteses _____	171
4.3.1 Hipóteses Referentes à Teoria das Visões Românticas e às Relações com Variáveis Complementares Caracterizadoras dos Sujeitos _____	171
4.3.2 Hipóteses Referentes às Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e às Relações com Variáveis Complementares Caracterizadoras dos Sujeitos e com os Estilos Românticos _____	174
4.3.3 Hipóteses Referentes à Consistência no Uso de Preservativo e às Relações com os Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais _____	176
4.3.4 Hipóteses Referentes às Relações entre os Estilos Românticos as Estratégias de Negociação e a Consistência no Uso de Preservativo _____	176
<i>Capítulo 5. MÉTODO E PROCEDIMENTO GERAL _____</i>	<i>179</i>
5.1 Desenho Básico _____	179
5.2 População _____	179
5.2.1 Amostra _____	180
5.2.1.1 Dados Sócio-demográficos dos Sujeitos _____	181
5.3 Procedimento Geral _____	184
5.3.1 Descrição Geral do Questionário Aplicado _____	184
5.3.2 Pré-teste _____	186
<i>Capítulo 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO _____</i>	<i>187</i>
6.1 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 1 _____	189
6.1.1 Desenvolvimento Físico, Atractividade e Orientação Sexual _____	189
6.1.1.1 Idade da Espermarca/Menarca _____	189

6.1.1.2	Percepção do Desenvolvimento Físico	190
6.1.1.3	Atractividade Auto-atribuída e Percebida no Grupo de Pares	191
6.1.1.4	Orientação Sexual	193
6.1.2	Caracterização dos Sujeitos Quanto ao Historial de Romances	194
6.1.2.1	Atracção	194
6.1.2.2	Emergência do Amor	194
6.1.2.3	Estima Percebida nos Amigos Íntimos/Namorado	195
6.1.2.4	Idade do Primeiro Amor e Reciprocidade do Parceiro	197
6.1.2.5	A Idade do Primeiro Namoro	199
	A Memória da Idade do Primeiro Namoro	199
	Idade do Parceiro no Primeiro Namoro	201
6.1.2.6	O Namoro Mais Longo	203
6.1.2.7	Ocorrência de Namoro Actual	206
	Duração do Namoro Actual	208
	Atributos do Namorado Actual	211
6.1.2.8	Identificação de Predictores do Número de Namorados	212
	Predictores do Número de Namorados nas Raparigas	214
	Predictores do Número de Namorados nos Rapazes	219
	Comentário aos Predictores do Número de Namorados	222
6.1.3	Caracterização dos Sujeitos Quanto à Idade de Iniciação e Contexto das Primeiras Experiências Afectivo-Sexuais;	224
6.1.3.1	Práticas Afectivo-Sexuais	224
6.1.3.2	As Práticas Afectivo-sexuais e o Sexo dos Sujeitos	226
6.1.3.3	A Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração	228
	A Memória da Idade da Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração	228
	Idade do Parceiro no Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração	232
6.1.3.4	A Primeira Experiência de Sexo Oral como Receptor e como Executor	233
	Memória da Idade da Primeira Experiência de Sexo Oral como Executor e Receptor	233
6.1.3.5	Idade do Primeiro Coito	241
	Memória da Idade do Primeiro Coito	241
	Sequência das Práticas Afectivo-sexuais	246
6.1.3.6	Idade do Parceiro no Primeiro Episódio de Sexo Coital	246
6.1.3.7	Motivos do Primeiro Coito	247
	Conhecimento do Parceiro no Primeiro Coito	249
	Sensações Após Primeiro Coito	250
6.1.3.8	Número de Parceiros Sexuais	251
6.1.3.9	Tipo de Relacionamento com Parceiros Sexuais	252
6.1.3.10	Predictores da Idade de Iniciação ao Coito	254
	Predictores da Idade do Primeiro Coito nos Rapazes	254
	Predictores da Idade do Primeiro Coito nas Raparigas	256
6.1.4	Caracterização dos Sujeitos Quanto Disponibilidade de Método Contraceptivo, Conhecimentos na Aplicação e Uso nas Práticas Sexuais Não Coitais e Coitais	257
6.1.4.1	Hábito de Transportar Preservativos	257
6.1.4.2	Correcção Teórica na Aplicação do Preservativo	258
6.1.4.3	Uso de Contraceptivo nas Experiências de Sexo Sem Penetração	258
	Método Mais Utilizado no Sexo Sem Penetração	259
6.1.4.4	Uso de Protecção nas Experiências de Sexo Oral	259
	Resumo do Uso de Protecção em Práticas Sexuais Não Coitais	260
6.1.4.5	Uso de Contracepção no Primeiro Episódio de Coito	261
6.1.4.6	Agrado dos Sujeitos no Uso de Preservativo	262
6.1.4.7	Agrado dos Parceiros no Uso Preservativo	264
6.1.4.8	Método Contraceptivo Habitualmente Utilizado de Acordo com o Tipo de Relacionamento dos Sujeitos	266
6.1.4.9	Método Contraceptivo Utilizado no Último Episódio de Coito em Sujeitos Com Parceiros Ocasionais e Sujeitos Com Parceiros Extemporâneos	268
6.1.5	Caracterização dos Pares, no Âmbito Afectivo-Sexual no Contexto das Experiências Afectivo-Sexuais dos Sujeitos	269
6.1.5.1	O Namoro nos Amigos e o Namoro nos Sujeitos	269
6.1.5.2	As Experiências de Coito nos Pares e as Experiências de Coito nos Sujeitos	270
6.1.5.3	As Experiências de Sexo Oral nos Pares e as Experiências de Sexo Oral nos Sujeitos	272

6.1.5.4 Ocorrência de Parceiros Múltiplos nos Amigos e nos Sujeitos	273
6.1.6 Caracterização dos Sujeitos Quanto aos Recursos de Informação Sobre Temáticas Afectivo-sexuais	275
6.1.6.1 Agentes de Informação sobre o Amor	275
6.1.6.2 Agentes de Informação Sobre Relações Sexuais	276
6.1.6.3 Agentes de Informação Sobre Contracepção	277
6.1.7 Caracterização dos Sujeitos Quanto a Consumo e Efeitos do Álcool	278
6.1.7.1 Consumo de Álcool nas Saídas com Amigos	278
6.1.7.2 Efeitos do Álcool nas Saídas com Amigos	279
6.1.7.3 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração	280
6.1.7.4 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Oral	280
6.1.7.5 Consumo de Álcool no Primeiro Coito	281
6.2 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 2	283
6.2.1 Estilos Românticos Globais e Estilos Seguros dos Sistemas Comportamentais	283
6.2.2 Estilos Românticos Globais a Idade e o Sexo	285
6.2.2.1 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Idade	294
6.2.2.2 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e o Sexo	300
6.2.3 Estilos Românticos Globais e a Estima dos Pares	303
6.2.3.1 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Estima dos Pares	308
6.2.4 Estilos Românticos Globais e a Ocorrência de Namoro	311
6.2.4.1 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Ocorrência de Namoro	314
6.2.5 Estilos Românticos Globais e a Duração do Namoro	318
6.2.5.1 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Duração do Namoro	321
6.2.6 Estilos Românticos Globais e o Tipo de Parceiros	325
6.2.6.1 Estilos Seguros dos Sistemas Comportamentais e o Tipo de Parceiros	328
6.3 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 3	333
6.3.1 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e o Sexo dos Sujeitos	333
6.3.2 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo nos Grupos de Idade	334
6.3.3 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e a Ocorrência de Namoro	335
6.3.4 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e a Ocorrência de Coito	337
6.3.5 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e o Tipo de Parceiros Sexuais	338
6.3.6 A Negociação no Uso de Preservativo e os Estilos Românticos	341
6.3.7 Os Níveis de Negociação no Uso de Preservativo e os Estilos Românticos Globais	343
6.3.7.1 Os Estilos Românticos Globais e a Negociação no Uso de Preservativo nos Rapazes	344
6.3.7.2 Os Estilos Românticos Globais e a Negociação no Uso de Preservativo nas Raparigas	356
6.4 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 4	365
6.4.1 Os Estilos Românticos e a Consistência no Uso do Preservativo	367
6.4.1.1 Os Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos	367
6.4.1.2 Os Estilos Românticos e a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos com Parceiros Ocasionalis	371
6.5 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 5	377
6.5.1 Estilos Românticos, Estratégias de Negociação e Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos com Parceiro Fixo	377
Capítulo 7. CONCLUSÕES	399
7.1 Desenvolvimento Físico, Afectivo e Sexual	399
7.1.1 Desenvolvimento Físico	399
7.1.2 Historial de Romances	399
7.1.3 Iniciação e Contexto das Primeiras Experiências Afectivo-Sexuais	401
7.1.4 Disponibilidade de Contraceptivos, Conhecimento Básico de Aplicação e Uso nas Experiências Não Coitais e Coitais	402
7.1.5 Experiências Afectivo-Sexuais dos Sujeitos no Contexto das Experiências dos Pares	403
7.1.6 Agentes de Informação Afectivo-Sexual Mais Úteis	403
7.1.7 O Álcool no Contexto das Primeiras Experiências Não Coitais e Coitais	403
7.2 Características da Visão Romântica	404

7.3 As Estratégias de Negociação Para o Uso de Preservativo	404
7.4 A Consistência no Uso de Preservativo	406
7.5 A Visão Romântica no Contexto das Estratégias de Negociação e da Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Com Parceiros Fixos	406
<i>Capítulo 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	409
8.1 Limitações e Sugestões para Futuras Investigações	410
8.2 Implicações Práticas	411
Referências	413
APÊNDICE	445

Índice de Tabelas

Tabela 1 Representação dos Sujeitos Relativamente à População _____	180
Tabela 2 Distribuição dos Sujeitos nas Instituições Escolares _____	181
Tabela 3 Distribuição dos Sujeitos por Idades e Sexo _____	182
Tabela 4 Sucesso Académico de Acordo com o Sexo _____	183
Tabela 5 Distribuição dos Sujeitos Quanto ao Tipo de Família _____	183
Tabela 6 Distribuição dos Sujeitos de Acordo com a Formação Académica dos Pais _____	183
Tabela 7 Distribuição dos Sujeitos de Acordo com o Sexo e Idade da Espermarca/Menarca _____	190
Tabela 8 Percepção do Desenvolvimento Físico de Acordo com o Sexo _____	191
Tabela 9 Atractividade Auto-atribuída de Acordo com o Sexo _____	192
Tabela 10 Emergência de Amor ou Desejo de Proximidade de Acordo com o Sexo _____	194
Tabela 11 Estima Percebida nos Amigos Íntimos/Namorados de Acordo com o Sexo _____	196
Tabela 12 Reciprocidade no Primeiro Amor de Acordo com o Sexo _____	198
Tabela 13 Diferença de Médias na Memória de Idade do Primeiro Namoro nos Três Grupos de Idade _____	200
Tabela 14 Médias da Duração do Namoro Mais Prolongado nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	203
Tabela 15 Diferenças de Média na Duração do Namoro Mais Longo nos Rapazes e nas Raparigas de Acordo com os Grupos de Idade _____	204
Tabela 16 Diferenças de Média na Duração do Namoro Mais Longo nos Grupos de Idade de Acordo com o Sexo _____	205
Tabela 17 Média da Duração do Namoro Actual nos Rapazes e Raparigas por Grupos de Idade _____	208
Tabela 18 Diferenças de Média na Duração do Namoro Actual nos Rapazes e Raparigas de Acordo com os Grupos Etários _____	209
Tabela 19 Diferenças de Média na Duração do Namoro Actual Nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	210
Tabela 20 Atributos do Namorado Actual de Acordo com o Sexo _____	211
Tabela 21 Estimativas do Modelo Logit de Regressão Ordinal na Amostra das Raparigas _____	215
Tabela 22 Estimativas do Modelo Logit de Regressão Ordinal na Amostra dos Rapazes _____	220
Tabela 23 Memória da Idade de Iniciação no Sexo Sem Penetração de Acordo com os Grupos Etários e o Sexo _____	229
Tabela 24 Diferenças de Médias na Memória da Idade do 1º Episódio de Sexo Sem Penetração de Acordo com os Grupos Etários _____	230
Tabela 25 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com o Sexo _____	230
Tabela 26 Diferenças de Médias na Memória do Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração Por Sexo de Acordo com os Grupos de Idade _____	231
Tabela 27 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração Por Grupos de Idade de Acordo com o Sexo _____	232
Tabela 28 Médias da Memória da Idade de Iniciação nas Práticas de Sexo Oral por Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	234
Tabela 29 Diferenças de Média na Memória da Idade de Iniciação ao Sexo Oral como Receptor e Executor de Acordo com o Sexo _____	236
Tabela 30 Diferenças de Médias na Memória da Idade de Iniciação ao Sexo Oral como Receptor e Executor de Acordo com os Grupos Etários _____	237
Tabela 31 Diferenças de Médias na Memória da Idade de Iniciação nos Papéis de Receptor e Executor nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	238
Tabela 32 Diferenças de Médias na Memória da Idade de Iniciação nos Papéis de Receptor e Executor Por Sexo de Acordo com os Grupos Etários _____	240
Tabela 33 Médias da Memória da Idade do Primeiro Episódio de Coito nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	242
Tabela 34 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com os Grupos Etários _____	243
Tabela 35 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com o Sexo _____	243
Tabela 36 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito Por Sexo de Acordo com os Grupos Etários _____	244
Tabela 37 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito Por Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	245
Tabela 38 Diferença de Idade Sujeito-Parceiro à Data do Primeiro Coito _____	247
Tabela 39 Motivos do Primeiro Episódio de Coito de Acordo com o Sexo dos Sujeitos _____	248
Tabela 40 Conhecimento do Parceiro no Primeiro Episódio de Coito de Acordo com o Sexo _____	249
Tabela 41 Sensações Após Primeiro Coito de Acordo com o Sexo _____	251
Tabela 42 Tipo de Relacionamento com Parceiros Sexuais de Acordo com o Sexo dos Sujeitos _____	253
Tabela 43 Regressão da Idade do Primeiro Coito nos Rapazes - Método Stepwise _____	255

Tabela 44 Regressão da Idade do Primeiro Coito nas Raparigas - Método Stepwise	256
Tabela 45 Hábito de Transportar Preservativos de Acordo com o Sexo	257
Tabela 46 Agrado dos Parceiros(as) em usar Preservativo de Acordo com o Sexo dos Sujeitos	264
Tabela 47 Métodos Contraceptivos Usados Com Parceiros Ocasionais	267
Tabela 48 Ocorrência de Namoro nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Namoro nos Sujeitos	269
Tabela 49 Ocorrência de Relações Sexuais nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Relações Sexuais nos Sujeitos	270
Tabela 50 Ocorrência de Relações Sexuais nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Relações Sexuais nos Rapazes	271
Tabela 51 Ocorrência de Relações Sexuais nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Relações Sexuais nas Raparigas	271
Tabela 52 Ocorrência de Sexo Oral nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Sexo Oral nos Sujeitos	273
Tabela 53 Ocorrência de Múltiplos Parceiros nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Parceiros Ocasionais nos Sujeitos	274
Tabela 54 Agentes de Informação Sobre o Amor Considerados Mais Úteis	275
Tabela 55 Agentes de Informação Sobre Relações Sexuais Considerados Mais Úteis	276
Tabela 56 Frequências dos Agentes de Informação Sobre Contracepção Considerados Mais Úteis	277
Tabela 57 Consumo de Álcool nas Saídas com os Amigos de Acordo com o Sexo	279
Tabela 58 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração de Acordo com o Sexo	280
Tabela 59 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Oral de Acordo com o Sexo	281
Tabela 60 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Coito de Acordo com o Sexo	282
Tabela 61 Correlações por Pares dos Estilos Românticos em Cada Sistema Comportamental	284
Tabela 62 Diferenças por Pares nas Médias dos Estilos Seguros dos Sistemas Comportamentais	285
Tabela 63 Médias dos Estilos Românticos nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo	286
Tabela 64 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Grupos Etários	288
Tabela 65 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com o Sexo	289
Tabela 66 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos por Sexo de Acordo com os Grupos Etários	290
Tabela 67 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos por Grupos Etários de Acordo com o Sexo	291
Tabela 68 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com os Grupos de Idade	295
Tabela 69 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Idade	298
Tabela 70 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com o Sexo	300
Tabela 71 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com o Sexo	302
Tabela 72 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estima Percebida nos Pares	304
Tabela 73 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estima Percebida nos Pares	306
Tabela 74 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos Por Sexo de Acordo com a Estima Percebida nos Pares	307
Tabela 75 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Estima Percebida	309
Tabela 76 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Estima Percebida	311
Tabela 77 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Existência de Namoro Actual	312
Tabela 78 Diferenças de médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Ocorrência de Namoro Actual	313
Tabela 79 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Ocorrência de Namoro	315
Tabela 80 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Ocorrência de Namoro	317
Tabela 81 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Duração do Namoro Actual	318
Tabela 82 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Duração do Namoro Actual	320
Tabela 83 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais Consoante a Duração do Namoro Actual	322
Tabela 84 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais	323
Tabela 85 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Duração do Namoro Actual	324
Tabela 86 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com o Tipo de Parceiros	326
Tabela 87 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com o Tipo de Parceiros Sexuais	327
Tabela 88 Descritivas do Estilo Seguro nos Sistemas Comportamentais de Acordo com o Tipo de Parceiros	329
Tabela 89 Diferença de Médias nos Estilos Seguros dos Sistemas Comportamentais de Acordo com o Tipo de Parceiros	330
Tabela 90 Descritivas das Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo	333
Tabela 91 Médias nas Estratégias de Negociação de Preservativo de Acordo com o Sexo	334
Tabela 92 Médias nas Estratégias de Negociação de Preservativo de Acordo com os Grupos Etários	335
Tabela 93 Médias nas Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo de Acordo com a Ocorrência de Namoro Actual	336

Tabela 94 Diferenças de Médias nas Estratégias de Negociação no Uso de preservativo de Acordo com a Experiência de Coito _____	337
Tabela 95 Diferenças de Médias nas Estratégias de Negociação Para o Uso de Preservativo de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	340
Tabela 96 Correlações Entre os Estilos Românticos e as Estratégias de Negociação nos Rapazes _____	342
Tabela 97 Correlações entre os Estilos Românticos e as Estratégias de Negociação nas Raparigas _____	343
Tabela 98 Frequências dos Níveis de Negociação para o Uso de Preservativo _____	344
Tabela 99 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estratégia de Recusa da Relação Sexual nos Rapazes _____	345
Tabela 100 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis da Estratégia de Recusa da Relação Sexual nos Rapazes _____	346
Tabela 101 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis de Pedido Directo do Uso de Preservativo nos Rapazes _____	347
Tabela 102 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis de Pedido Directo nos Rapazes _____	348
Tabela 103 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estratégia de Sedução nos Rapazes _____	349
Tabela 104 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes _____	350
Tabela 105 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes _____	351
Tabela 106 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estratégia de Informação Sobre IST nos Rapazes _____	352
Tabela 107 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis da Estratégia de Informação Sobre IST nos Rapazes _____	353
Tabela 108 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis das Estratégias de Engano nos Rapazes _____	354
Tabela 109 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis da Estratégia de Engano nos Rapazes _____	355
Tabela 110 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Recusa da Relação Sexual nas Raparigas _____	356
Tabela 111 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Pedido Directo nas Raparigas _____	357
Tabela 112 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Sedução nas Raparigas _____	358
Tabela 113 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nas Raparigas _____	359
Tabela 114 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Informação Sobre IST nas Raparigas _____	360
Tabela 115 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis das Estratégias de Engano nas Raparigas _____	361
Tabela 116 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis das Estratégias de Engano nas Raparigas _____	363
Tabela 117 Consistência do Uso de Preservativo de Acordo com os Grupos de Idade na Amostra dos Sujeitos com Parceiros Ocasionalis _____	366
Tabela 118 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos _____	368
Tabela 119 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos _____	370
Tabela 120 Médias nos Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos com Parceiros Ocasionalis _____	372
Tabela 121 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos com Parceiros Ocasionalis _____	374
Tabela 122 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Recusa da Relação Sexual _____	378
Tabela 123 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Níveis de Recusa da Relação Sexual _____	380
Tabela 124 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Pedido Directo _____	381
Tabela 125 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e nos Níveis de Pedido Directo _____	383

Tabela 126 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Sedução	384
Tabela 127 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Níveis de Sedução	386
Tabela 128 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento.	387
Tabela 129 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Níveis de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento	389
Tabela 130 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Aplicação da Informação Sobre IST	390
Tabela 131 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Níveis de Informação Sobre IST	392
Tabela 132 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Engano	393
Tabela 133 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis de Engano	395

Índice de Gráficos

Gráfico 1 Memória da Idade do Primeiro Namoro nos Três Grupos de Idade _____	200
Gráfico 2 Representação da Diferença de Idades Sujeito-Parceiro no Primeiro Namoro de Acordo com o Sexo _____	202
Gráfico 3 Médias de Duração do Namoro Mais Longo nos Rapazes e Raparigas de Acordo com os Grupos de Idade _____	204
Gráfico 4 Médias de Duração do Namoro Mais Longo nos Grupos de Idade de Acordo com o Sexo _____	205
Gráfico 5 Médias da Duração do Namoro Actual Nos Rapazes e Raparigas de Acordo com os Grupos Etários _____	209
Gráfico 6 Médias da Duração do Namoro Actual Nos Grupos de Idade de Acordo com o Sexo _____	210
Gráfico 7 Representação dos Sujeitos Quanto ao Número de Namorados de Acordo com o Sexo _____	213
Gráfico 8 Percentagens Acumuladas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com a Idade da Menarca _____	216
Gráfico 9 Percentagens Cumulativas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com os Grupos Etários _____	217
Gráfico 10 Percentagens Acumuladas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com a Percepção de Desenvolvimento Físico _____	217
Gráfico 11 Percentagens Acumuladas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com a Reciprocidade do Parceiro no Primeiro Episódio Amoroso _____	218
Gráfico 12 Percentagens Acumuladas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com a Percepção de Atractividade na Opinião dos Amigos _____	219
Gráfico 13 Percentagens Cumulativas do Número de Namoradas nos Rapazes de Acordo com a Reciprocidade no Primeiro Episódio Amoroso _____	220
Gráfico 14 Percentagens Cumulativas do Número de Namoradas nos Rapazes de Acordo com a Percepção de Estima dos Amigos Íntimos /Namorados _____	221
Gráfico 15 Percentagens Cumulativas do Número de Namoradas nos Rapazes de Acordo com o Consumo de Álcool nas Saídas com os Amigos _____	222
Gráfico 16 Médias da Memória da Idade do 1º Episódio de Sexo Sem Penetração de Acordo com os Grupo de Idade Actual _____	230
Gráfico 17 Médias da Memória da Idade do 1º Episódio de Sexo Sem Penetração de Acordo com o Sexo _____	230
Gráfico 18 Médias na Memória da Idade do Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração Por Sexo de Acordo com os Grupos de Idade _____	231
Gráfico 19 Médias na Memória da Idade do Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração Por Grupos de Idade de Acordo com o Sexo _____	231
Gráfico 20 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Receptor de Acordo com o Sexo _____	236
Gráfico 21 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Executor de Acordo com o Sexo _____	236
Gráfico 22 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Receptor de Acordo com os Grupos Etários _____	237
Gráfico 23 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Executor de Acordo com os Grupos Etários _____	237
Gráfico 24 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Receptor de Acordo com o Sexo nos Grupos Etários _____	238
Gráfico 25 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Executor de Acordo com o Sexo nos Grupos Etários _____	238
Gráfico 26 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Receptor de Acordo com os Grupos Etários nos Rapazes e Raparigas _____	239
Gráfico 27 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Executor de Acordo com os Grupos Etários nos Rapazes e Raparigas _____	239
Gráfico 28 Médias da Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com os Grupo de Idade Actual _____	243
Gráfico 29 Médias da Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com o Sexo _____	243
Gráfico 30 Médias da Memória da Idade do Primeiro Coito Por Sexo de Acordo com os Grupos Etários _____	244
Gráfico 31 Médias da Memória da Idade do Primeiro Coito Por Grupos de Idade de Acordo com o Sexo _____	245
Gráfico 32 Número de Parceiros Sexuais de Acordo com o Sexo _____	252
Gráfico 33 Médias no Estilo Seguro de Acordo com os Grupos de Idade _____	288
Gráfico 34 Médias no Estilo Receoso de Acordo com os Grupos de Idade _____	288
Gráfico 35 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com os Grupos de Idade _____	288
Gráfico 36 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Sexo _____	289
Gráfico 37 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Sexo _____	289
Gráfico 38 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Sexo _____	289
Gráfico 39 Médias no Estilo Seguro por Sexo de Acordo com os Grupos Etários _____	290

Gráfico 40 Médias no Estilo Receoso por Sexo de Acordo com os Grupos Etários _____	290
Gráfico 41 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação por Sexo de Acordo com os Grupos Etários _____	290
Gráfico 42 Médias no Estilo Seguro por Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	291
Gráfico 43 Médias no Estilo Receoso por Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	291
Gráfico 44 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação por Grupos Etários de Acordo com o Sexo _____	291
Gráfico 45 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com os Grupos de Idade _____	296
Gráfico 46 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com os Grupos de Idade _____	296
Gráfico 47 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com os Grupos de Idade _____	296
Gráfico 48 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com os Grupos de Idade _____	296
Gráfico 49 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com o Sexo _____	302
Gráfico 50 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com o Sexo _____	302
Gráfico 51 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com o Sexo _____	302
Gráfico 52 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com o Sexo _____	302
Gráfico 53 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Estima Percebida nos Pares _____	305
Gráfico 54 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Estima Percebida nos Pares _____	305
Gráfico 55 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Estima Percebida nos Pares _____	305
Gráfico 56 Médias no Estilo Seguro Por Sexo de Acordo com a Estima Percebida nos Pares _____	306
Gráfico 57 Médias no Estilo Receoso Por Sexo de Acordo com a Estima Percebida nos Pares _____	306
Gráfico 58 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação Por Sexo de Acordo com a Estima Percebida nos Pares _____	306
Gráfico 59 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com a Estima dos Pares _____	310
Gráfico 60 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com a Estima dos Pares _____	310
Gráfico 61 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com a Estima dos Pares _____	310
Gráfico 62 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com a Estima dos Pares _____	310
Gráfico 63 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com a Ocorrência de Namoro _____	316
Gráfico 64 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com a Ocorrência de Namoro _____	316
Gráfico 65 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com a Ocorrência de Namoro _____	317
Gráfico 66 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com a Ocorrência de Namoro _____	317
Gráfico 67 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Duração do Namoro Actual _____	319
Gráfico 68 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Duração do Namoro Actual _____	319
Gráfico 69 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Duração do Namoro Actual _____	319
Gráfico 70 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com a Duração do Namoro _____	324
Gráfico 71 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com a Duração do Namoro _____	324
Gráfico 72 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com a Duração do Namoro _____	324
Gráfico 73 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com a Duração do Namoro _____	324
Gráfico 74 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	327
Gráfico 75 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	327
Gráfico 76 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	327
Gráfico 77 Médias na Vinculação Segura de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	330
Gráfico 78 Médias no Cuidado Seguro de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	330
Gráfico 79 Médias na Afiliação Segura de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	330
Gráfico 80 Médias na Intimidade Segura de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	330
Gráfico 81 Médias na Estratégia de Recusa da Relação Sexual de Acordo com o Tipo de Relacionamento _____	338
Gráfico 82 Médias na Estratégia de Pedido Directo de Acordo com o Tipo de Relacionamento _____	338
Gráfico 83 Médias na Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relação de Acordo com o Tipo de Relacionamento _____	339
Gráfico 84 Médias na Estratégia de Aplicação da Informação Sobre IST de Acordo com o Tipo de Relacionamento _____	339
Gráfico 85 Médias na Estratégia de Engano de Acordo com o Tipo de Relacionamento _____	339
Gráfico 86 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Recusa de Relação Sexual nos Rapazes _____	346
Gráfico 87 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Recusa de Relação Sexual nos Rapazes _____	346
Gráfico 88 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Recusa de Relação Sexual nos Rapazes _____	346
Gráfico 89 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível da Estratégia de Pedido Directo nos Rapazes _____	348
Gráfico 90 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível da Estratégia de Pedido Directo nos Rapazes _____	348
Gráfico 91 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível da Estratégia de Pedido Directo nos Rapazes _____	348

Gráfico 92 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes _____	351
Gráfico 93 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes _____	351
Gráfico 94 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes _____	351
Gráfico 95 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível de Aplicação da Informação Sobre IST nos Rapazes _____	353
Gráfico 96 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível de Aplicação da Informação Sobre IST nos Rapazes _____	353
Gráfico 97 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível de Aplicação da Informação Sobre IST nos Rapazes _____	353
Gráfico 98 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível da Estratégia de Engano nos Rapazes _____	355
Gráfico 99 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível da Estratégia de Engano nos Rapazes _____	355
Gráfico 100 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível da Estratégia de Engano nos Rapazes _____	355
Gráfico 101 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Engano nas Raparigas _____	362
Gráfico 102 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Engano nas Raparigas _____	362
Gráfico 103 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Engano nas Raparigas _____	362
Gráfico 104 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos _____	369
Gráfico 105 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos _____	369
Gráfico 106 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos _____	370
Gráfico 107 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos _____	370
Gráfico 108 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo com Parceiros Ocasionais _____	373
Gráfico 109 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo com Parceiros Ocasionais _____	373
Gráfico 110 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo com Parceiros Ocasionais _____	374
Gráfico 111 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo com Parceiros Ocasionais _____	374
Gráfico 112 Médias no Estilo Seguro de Acordo com os Níveis de Recusa da Relação Sexual e a Consistência no Uso de Preservativo _____	380
Gráfico 113 Médias no Estilo Receoso de Acordo com os Níveis de Recusa da Relação Sexual e a Consistência no Uso de Preservativo _____	380
Gráfico 114 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com os Níveis de Recusa da Relação Sexual e a Consistência no Uso de Preservativo _____	380
Gráfico 115 Médias no Estilo Seguro de Acordo com os Níveis da Estratégia de Pedido Directo e a Consistência no Uso de Preservativo _____	383
Gráfico 116 Médias no Estilo Receoso de Acordo com os Níveis da Estratégia de Pedido Directo e a Consistência no Uso de Preservativo _____	383
Gráfico 117 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com os Níveis da Estratégia de Pedido Directo e a Consistência no Uso de Preservativo _____	383
Gráfico 118 Médias no Estilo Seguro de Acordo com os Níveis da Estratégia de Sedução e a Consistência no Uso de Preservativo _____	386
Gráfico 119 Médias no Estilo Receoso de Acordo com os Níveis da Estratégia de Sedução e a Consistência no Uso de Preservativo _____	386
Gráfico 120 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com os Níveis da Estratégia de Sedução e a Consistência no Uso de Preservativo _____	386
Gráfico 121 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Argumentação Sobre o Relacionamento e a Consistência no Uso de Preservativo _____	389
Gráfico 122 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Argumentação Sobre o Relacionamento e a Consistência no Uso de Preservativo _____	389

Gráfico 123 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Argumentação Sobre o Relacionamento e a Consistência no Uso de Preservativo _____	389
Gráfico 124 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Estratégia de Informação Sobre IST e a Consistência no Uso de Preservativo _____	392
Gráfico 125 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Estratégia de Informação Sobre IST e a Consistência no Uso de Preservativo _____	392
Gráfico 126 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Estratégia de Informação Sobre IST e a Consistência no Uso de Preservativo _____	392
Gráfico 127 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Estratégia de Engano e a Consistência no Uso de Preservativo _____	395
Gráfico 128 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Estratégia de Engano e a Consistência no Uso de Preservativo _____	395
Gráfico 129 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Estratégia de Engano e a Consistência no Uso de Preservativo _____	395

Índice de Quadros

Quadro 1 Componentes da Matriz Rodada no Sistema de Vinculação _____	149
Quadro 2 Componentes da Matriz Rodada no Sistema de Cuidado _____	150
Quadro 3 Componentes da Matriz Rodada no Sistema de Afiliação _____	151
Quadro 4 Componentes da Matriz Rodada do Sistema de Intimidade – Primeira Experiência _____	152
Quadro 5 Componentes da Matriz Rodada do Sistema de Intimidade – Segunda Experiência _____	152
Quadro 6 Resumo da Consistência Interna nas Sub-Escalas dos Estilos Românticos _____	153
Quadro 7 Resultado da AFCP da Escala de Visões Românticas _____	156
Quadro 8 Resumo da Consistência Interna nas Escalas Globais _____	157
Quadro 9 Resumo da Ocorrência de Namoro Actual nos Grupos de Idade de Acordo com o Sexo _____	207
Quadro 10 Resumo das Práticas Afectivo-Sexuais de Acordo com o Sexo _____	226
Quadro 11 Resumo da Diferença de Idades Sujeito-Parceiro no Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração _____	233
Quadro 12 Resumo da Memória da Idade de Iniciação nas Experiências Sexuais de Acordo com o Sexo _____	246
Quadro 13 Resumo do Uso de Protecção nas Práticas Sexuais Não Coitais de Acordo com o Sexo _____	261
Quadro 14 Resumo das Preferências dos Sujeitos Quanto ao Uso de Preservativo no Contexto do Tipo de Relacionamentos _____	263
Quadro 15 Resumo do Agrado dos Parceiros em Usar Preservativo _____	265
Quadro 16 Resumo dos Métodos Contraceptivos Mais Usados Pelos Sujeitos Com Parceiros Fixos nos Relacionamentos Com os Parceiros Principais e Extemporâneos _____	266
Quadro 17 Resumo do Uso de Contracepção no Último Episódio de Coito com Parceiros Ocasionalis nos Sujeitos com Parceiros Extemporâneos e Ocasionalis _____	268
Quadro 18 Representação dos Sujeitos Quanto à Consistência no Uso de Preservativo de Acordo com o Tipo de Parceiros _____	365

Introdução

O amor romântico, porventura uma das experiências humanas mais significativas, revela-se como fenómeno intemporal, transcultural, de acessibilidade universal (Yela, 2002; Buss, 2004; Walsh, 1991) e em termos latos, configura-se na tendência para pensar e agir de maneira característica relativamente a uma pessoa específica (Neto, 2000; Aron & Aron, 1991). Sendo simultaneamente uma emoção social (Neto, 2000), um processo físico-químico (Lewis, Amini & Lannon, 2002) e um efeito da evolução da espécie (Buss, 1998), a sua melhor compreensão pode ser atingida através de concepções teóricas que lhe identificam fases ou estádios (Brehm, 1988; Reiss, 1960 citada por Williams, Sawyer & Washlstrom, 2005), componentes (Sternberg, 2001), actos (Buss, 1988), ou ainda estilos (Lee, 1998) e tipos de envolvimento (Sprecher & Regan, 1998). Outras perspectivas teóricas enraizadas nas concepções de Bowlby e Ainsworth, defendem a ideia de que o amor se constrói com base na vinculação, enraizando-se no historial afectivo, sendo previsíveis os estilos de ligação ao parceiro (Hazan & Shaver, 1987; Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan, Clark & Shaver, 1998).

Apesar da importância das experiências amorosas iniciais em relacionamentos posteriores (Feeney, 1999) e da conotação romântica das ligações ser identificável desde idades temporãs (Hatfield, Schmitz, Cornelius & Rapson, 1988), os estudos sobre o amor romântico contemplam sobretudo adultos, especialmente universitários, existindo pouca representatividade da temática em adolescentes (Furman & Wehner, 1997; Shulman & Seiffge-Krenke, 2001; Collins, 2003; Brown, Feiring & Furman, 1999). Alguns dos motivos para esta lacuna, serão a 1) desvalorização dos romances na adolescência pela curta duração, maior vulnerabilidade, grande variabilidade e assim problemáticos na conceptualização teórica, 2) dificuldades práticas de acesso aos participantes, dada a menoridade, exigindo processos de permissão das figuras dos educadores, 3) perda de casos, pois em pesquisas que

incluem mais que uma abordagem, alguns dos romances estarão terminados antes da recolha integral dos dados, 4) sobrevalorização dos comportamentos sexuais, em detrimentos dos romances, que muitas vezes estão na base dessas experiências, 5) razões financeiras que preferem investimento noutros aspectos da vida dos adolescentes, ou porque 6) em termos de cultura na investigação, as temáticas emergem por períodos e o romance adolescente é algo recente (Furman & Shaffer, 2003; Shulman & Scharf, 2000; Montgomery & Sorell, 1998; Brown, Feiring & Furman, 1999; Shulman & Seiffge-Krenke, 2001).

Por razões biológicas e psico-sociais o amor romântico surge frequentemente na segunda década da vida, idade em que socialmente é aceitável ou mesmo previsível a ocorrência de namoros (Vilar, 2003; Steinberg & Morris, 2001). A atracção sexual começa a ser percebida e é comum a manifestação de aproximação do(s) outro(s), no sentido de relacionamento afectivo-sexual (López & Fuertes, 1999; Zapiain, 1997). Através de fantasias e/ou de incursões junto do sujeito-objecto de atracção, o indivíduo dá os primeiros passos para se iniciar no romance (Miller & Benson, 1999; Collins & Sroufe, 1999). As experiências amorosas iniciais são geralmente breves na duração, mas intensas e importantes no momento (Collins & Sroufe, 1999; Miller & Benson, 1999; Furman & Shafer, 2003; Furman & Wehner, 1994; Collins, 2003) e têm repercussões no próprio e no envolvente. O adolescente romanticamente iniciado altera o panorama de si na dimensão afectivo-sexual, no contexto do “ser com os outros” e os novos laços criados, introduzem modificações nas redes relacionais (Furman & Shaffer, 2003; Larson, Clore & Wood, 1999; Gray & Steinberg, 1999; Noller, 1994).

No estudo do fenómeno do amor na adolescência identificam-se diferentes modelos. Num quadro teórico de desenvolvimento bio-psyco-social os modelos de Brown (1999) e de Connolly e Goldberg (1999) representam o amor romântico adolescente em fases ou estádios e reconhecem a interacção de influências orgânicas, resultado da constituição individual e de

influências psico-sociais, provenientes da cultura, meio familiar ou dos pares. O quadro teórico enraizado na Teoria da Vinculação de Bowlby e Ainsworth, reconhecendo estas influências, centra-se nas ligações sócio-emocionais dos adolescentes e considera as experiências de romance como ensaios afectivo-sexuais, que numa perspectiva evolutiva, levam à vinculação a uma figura preferencial de entre os pares (Hazan & Zeifman, 1994; Furman & Wehner, 1994).

Numa abordagem que conjuga a Teoria da Vinculação de Bowlby, o modelo de Vinculação Romântica de Hazan e Shaver e a Teoria do Desenvolvimento Social da Personalidade de Sullivan, os autores Furman e Wehner (1994/1997) construíram a Teoria da Visão Romântica, que considera o desenvolvimento adolescente em termos afiliativos, vinculativos, cuidativos e da sexualidade. Reconhecem os autores, que as modificações biológicas e o conseqüente impelir para a procura de um par, promovem o aparecimento de uma nova figura de afecto. Nas interacções com carácter romântico, nas tentativas relacionais empreendidas, num misto de desejo de experimentação e embaraço, o adolescente percorre um caminho que leva à eleição do parceiro romântico, substituto das figuras parentais, para a satisfação das necessidades sociais básicas de ternura, companheirismo, aceitação, intimidade e sexualidade (Furman & Whener, 1994; Furman, 1999; Furman & Wehner, 1997). Surge o amor romântico no envolvente dos pares, em contextos de duração variável, com um ou mais parceiros simultâneos ou em monogamias sucessivas (Furman & Shaver, 2003; Furman & Wehner, 1997; Bearman, Moody & Stovel, 2004). Sugestionados por esta visão dinâmica do desenvolvimento afectivo-sexual, optou-se neste estudo por seguir o modelo teórico de Furman e Wehner (1994/1997).

O amor romântico na adolescência, que caminha para expressões de maior intimidade, possui erotismo inerente (López & Oroz, 1999), mas embora exista atracção sexual, os comportamentos de coito não são uma característica absolutamente necessária (Diamond,

Savin-Williams & Dubé, 1999). Ensaia-se por semelhança, os relacionamentos dos progenitores, espelha-se o desenvolvimento positivo, no caminho da aquisição de competência para a formação de futuro casal. Contudo para as figuras parentais, o erotismo intrínseco do romance, é um aspecto essencialmente valorizado pelas consequências problemáticas do exercício da sexualidade, redundando em prescrição mais ou menos clara dos comportamentos aceitáveis, em geral mais restrictivos para as raparigas (Vilar, 2003; Smiler, Ward, Caruthers & Merriwether, 2005). Aceitando/rejeitando aconselhamentos, os adolescentes tendem a entrar em experiências que evoluem de perspectivas individuais, para perspectivas relacionais, em desenvolvimento romântico para a díade (Shulman & Seiffge-Krenke, 2001; Diamond, Savin-Williams & Dubé, 1999).

No desenvolvimento adolescente, onde se aproximam a construção da identidade, a autonomia, a vivência da resposta sexual e a intimidade (Bancroft, 1989; Brown, Feiring & Furman, 1999; Zapiain, 1997), o amor romântico é a razão mais invocada para a passagem às experiências sexuais (Boyce, Doherty, Fortin & MacKinnon, 2003; Furman & Shaver, 2003; Bearman, Moody & Stovel, 2004). No contexto das primeiras experiências sexuais, os jovens românticamente iniciados, tornam-se susceptíveis a infecções sexualmente transmissíveis (IST) ou gravidez não desejada (GND) se as precauções contraceptivas não são cumpridas (Furman & Wehner, 1994; Bearman, Moody & Stovel, 2004). Numa perspectiva positiva, factores tais como a intenção declarada de coito e o seu planeamento, o maior tempo decorrido entre o início do romance e as relações sexuais, a concertação do par na decisão do coito e ou a menor disposição ao risco, estão associados a maior uso de preservativo, diminuindo consequências negativas (Zapiain, 1993; Furman & Wehner, 1994; Bearman, Moody & Stovel, 2004; Zapiain, 2005; Smiler et al, 2005). Por outro lado os riscos estão aumentados, em situações, que sendo entendidas como positivas pelos adolescentes, concorrem para IST ou GND. Por exemplo, o coito desprotegido como “testemunho de

amor”, a crença na infalibilidade do coito interrompido, a visão do parceiro como a “pessoa certa” e definitiva, ou quando se supõe monogamia (Nodin, 2001; Hillier, Harrison & Warr, 1998). A susceptibilidade do adolescente evidencia-se, pois o investimento afectivo ou a imagem de segurança do parceiro não são condicentes com a noção de risco (Pilkington, Kern & Indest, 1994), existindo possíveis repercussões na saúde que estão condicionadas ao *status* de IST do próprio e dos parceiros (Bearman, Moody & Stovel, 2004). O mapeamento da cadeia das relações romântico-sexuais, mostra esta susceptibilidade dos adolescentes, por razões fisiológicas mais visível no sexo feminino (Bearman, Moody & Stovel, 2004; Noar, Zimmerman & Atwood, 2004; Nodin, 2001).

As IST podem ser prevenidas quando se adoptarem comportamentos protectores, sendo o preservativo, método recomendável e também o mais divulgado (WHO/OMS, 2004; Nguyet, Maheux, Béland & Pica, 1994). Este método exige aprendizagem na utilização e implica o desenvolvimento de competências relacionais, para que seja eficaz e consistente (Nguyet et al, 1994; Grimley, Prochaska & Prochaska, 1997; Lopez & Fuertes, 1999; Fazekas, Senn & Ledgerwood, 2001).

Falar de precauções contraceptivas, nomeadamente do uso de preservativo, pode ser aspecto difícil entre adolescentes (Fazekas, Senn & Ledgerwood, 2001; Matos, 2003) mas o processo comunicativo é facilitador do sexo seguro (Manlove, Ryan & Franzetta, 2003; Hocking, Turk & Ellinger, 1999). Como a utilização do preservativo é uma novidade na vida do adolescente, pode apresentar alguns desafios no que respeita a negociação (Boyce et al, 2003). A negociação contraceptiva é uma capacidade a exercitar em ambos os sexos (Noar, Morokoff & Harlow, 2002; WHO/OMS, 2004), observando-se que tem uma relação directa com a comunicação sexual e as práticas reais de sexo seguro (Hillier, Harrison & Warr, 1998). As estratégias de negociação são variadas, podendo exhibir-se através de exigências directas ou de formas mais difusas tais como a sedução (Noar, Morokoff & Harlow, 2002). Face à

panorâmica de algumas IST (Eurotrials, 2001; Pereira & Espírito Santo, CVEDT, 2005) e ao reconhecimento de que uma parte significativa dos episódios infectantes ocorre na adolescência, no início da actividade sexual (Pombo, 2002), supõe-se que o estudo da negociação no uso de preservativo é um fenómeno com interesse pois no nosso país os estudos tanto revelam que a comunicação sobre sexo seguro é crítica nos jovens (Nodin, 2001), como mostram que na opinião dos adolescentes o assunto não é problemático (Matos, 2003).

O estudo actual contextualiza-se na adolescência, período impossível de delimitar com exactidão na idade, ou como afirma Hotved (1990) citando Cohen (1964, pp. 22-23) “a adolescência ou adultícia nascente, é um período variável a partir da pré-pubescência tardia até à completa maturação biológica, no qual o indivíduo aprende a ser socialmente responsável por si mesmo e pelas suas próprias acções”. Os limites etários não são absolutamente consensuais e é frequente a utilização de critério biológico para localizar o início (i.e. puberdade) e um critério social (i.e. independência económica) para determinar o final, apesar das fragilidades inerentes à evolução da humanidade e à cultura. O facto é que durante aproximadamente uma década, o indivíduo tem privilégios e responsabilidades que são diferentes quer daqueles da infância, quer da idade adulta (Hotved, 1990). O género é outro aspecto que flexibiliza o conceito de adolescência na sua delimitação, já que os sinais pubertários, tendo caminhos aproximados em ambos os sexos, se mostram mais precoces na rapariga (López e Fuertes, 1999) e conduzem a implicações sócio-familiares que determinam valorizações ou exigências diferentes. Colhe-se assim uma perspectiva flexível na circunscrição do conceito de adolescência.

Por necessidade de compreensão da abrangência das populações objecto de estudo, algumas organizações representativas definiram conceitos de adolescência. É o caso da Organização Mundial de Saúde (WHO/OMS) que em 2001, ao produzir as “Linhas

Orientadoras para a abordagem às Infecções Sexualmente Transmissíveis”, relembra os conceitos definidos pela UNICEF/OMS em 1995, que referem como adolescentes as pessoas entre os 10 e os 19 anos e como jovens os indivíduos que têm entre 15 a 24 anos, enunciando como “gente jovem” a combinação destes grupos de idade que se sobrepõe entre os 10 e os 24 anos. Contudo, a temática abordada na população pode condicionar a delimitação etária, facto observado por Sampaio (1999), que com base na clínica utiliza a faixa 12 a 21 anos, denunciando a flexibilidade do conceito.

No estudo actual perfilha-se a ideia de que o adolescente é um ser em construção, através das suas potencialidades individuais e do intercâmbio com o que lhe é proporcionado no envolvente cultural, familiar, no grupo de pares, na escola. Dado que o acesso via família ou locais de lazer é difícil, optou-se por eleger a escola como espaço de abordagem dos sujeitos. Na escola oferece-se, teoricamente de maneira igualitária, a educação formal complementar à família e é simultaneamente um local de interações e partilhas variadas, com alguns mais íntimos e com outros menos próximos.

Elegeram-se para este estudo os indivíduos que se encontram entre o 9º e o 12º anos. Justifica-se o limite inferior do 9º ano, pelo atingir dos mínimos escolares oferecidos como preparação para a vida (i.e. escolaridade obrigatória) e porque a maior parte (53.9%) dos estudantes que frequentam os 8º e 10º anos tem a percepção que os jovens da sua idade se iniciaram em práticas afectivo-sexuais (Matos, 2003). O 12º ano como extremo superior, justifica-se por duas razões: corresponde à especificação do caminho para a carreira profissional, quer o adolescente progrida para o ensino superior, quer entre no mercado de trabalho; por outro lado, a idade dos adolescentes que frequentam o 12º ano aproxima-se da idade adequada para a primeira relação coital (i.e. 17,2 anos), na perspectiva de adolescentes portugueses (Matos, 2003). Pelas características etárias dos sujeitos do estudo actual, a delimitação 9º-12º anos, leva a considerar uma faixa de indivíduos entre os 14 e os 21 anos.

Assim, quando enunciamos o termo adolescente, no nosso contributo para a investigação, referimo-nos a indivíduos que estão no sistema de ensino e têm entre 14 e 21 anos. Em termos geográficos, o estudo reporta-se a adolescentes do distrito de Évora, uma vez que nos são mais acessíveis, com os quais temos maior afinidade e junto dos quais poderemos intervir.

No nosso país a pesquisa tem-se debruçado essencialmente sobre os comportamentos sexuais dos adolescentes, deixando um pouco de lado a dimensão amorosa, revelando-se lacunas quanto à perspectiva romântica do envolvimento. Nesta ordem de ideias justifica-se a presente investigação que, a partir da perspectiva individual dos sujeitos, tem por objectivos caracterizar os adolescentes escolarizados do distrito de Évora, que têm entre 14 e 21 anos, quanto a experiências amorosas e sexuais e aprofundar conhecimentos sobre as relações entre os estilos de amor romântico, negociação no uso de preservativo e a consistência no uso do método.

Na primeira parte deste estudo faz-se o enquadramento teórico da temática, seguindo-se a investigação empírica com a apresentação dos resultados e discussão. O texto é acompanhado de tabelas e gráficos no sentido de clarificar a descrição. Em apêndice figuram outros elementos que documentam o texto. A apresentação gráfica segue a orientação da American Psychological Association (APA) em edição para português, do ano 2001 e de Pereira e Poupa (2004).

Por razões que se prendem com o regulamento académico da Universidade de Salamanca, este trabalho é acompanhado por um volume, que consiste no resumo da investigação, redigido em castelhano por Ana Margarida Pereira¹.

¹ Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras Aplicadas, vertente tradução (1995-2000). Universidade Católica de Lisboa.

PARTE I. REVISÃO TEÓRICA

Capítulo 1. DESENVOLVIMENTO ROMÂNTICO NA ADOLESCÊNCIA

As experiências românticas, podem exibir diferentes formas, que vão desde a idealização ou fantasia relativamente a outro(a), a breves aventuras sentimentais ou a relacionamentos que perduram. Em particular na adolescência, constituem um fenómeno difícil de conceptualizar pela variabilidade. Excluindo-se aqui a idealização, e pressupondo duas pessoas com possibilidade de interagir, as experiências românticas são influenciados pelas particularidades do indivíduo e do parceiro, pelas interações de ambos, pelo seu historial individual e como parceiro, pelo historial do parceiro, pelas atitudes e expectativas face ao outro e pela interacção de todos estes aspectos, no envolvente cultural (Brown, Feiring, & Furman, 1999).

Na literatura anglo-saxónica encontram-se várias expressões que caracterizam as experiências românticas entre adolescentes, propondo Diamond, Savin-Williams e Dubé (1999) a seguinte tipologia, com base nas características e funções: 1) *sexual relationships* (relacionamentos sexuais), 2) *dating relationships* (encontros românticos), 3) *passionate friendships* (amizade apaixonada) e 4) *romantic relationships* (relacionamentos românticos).

Os autores definem os conceitos da seguinte forma. 1) Relacionamentos sexuais: têm ênfase principal na actividade sexual, frequentemente existe atracção entre os parceiros, mas não está necessariamente presente o interesse mútuo. Quando os relacionamentos têm este carácter predominantemente sexual, os adolescentes raramente se constituem como par no sentido do reconhecimento social, podendo desejar evitar ou reduzir a aproximação emocional, relacionar-se apenas em um ou poucos mais episódios e terminar sem qualquer justificação entre os dois. 2) Encontros românticos: incluem expressões de interesse romântico mútuo, com participação em actividades visíveis pelos significativos (i.e. família, pares). O auto-reconhecimento de compromisso de futuro não está estabelecido, não existe envolvimento sexual ou romântico em sentido mais profundo, podendo terminar facilmente

ou ocorrer em poucos episódios. Simboliza a entrada nos relacionamentos heterossexuais e prova para o próprio e os demais a sua atractividade, promovendo o *status*. 3) Amizade apaixonada: reside no companheirismo, confiança profunda, intimidade e aceitação, sem actividade sexual no par, mas com expressões físicas de afecto, sendo mais frequentes entre as raparigas. Quando ocorrem entre adolescentes do sexo oposto, ao evoluírem com estas características, surpreendem por vezes os próprios pela profundidade, podendo levar a interesse sexual. 4) Relacionamentos românticos: distinguem-se pela mútua concordância na continuidade e pelo reconhecimento social como par, que valida e reforça, criando a imagem de maturidade. Os adolescentes podem procurar este tipo de relacionamentos pelo apoio, intimidade e segurança, embora a turbulência possa ocorrer. O compromisso é frequente, mas os comportamentos sexuais não são uma característica absolutamente necessária. Às vezes os relacionamentos românticos entre adolescentes são secretos.

Outros autores enunciam três termos para definir o fenómeno amoroso: “interacção romântica”, no sentido de encontros que podem não perdurar, “relacionamentos românticos”, no sentido de intercâmbio em período duradouro (Hinde, 1997, citado por Shulman & Seiffge-Krenke, 2001), ou “romance”, no sentido de experiências românticas que inclui as anteriores (Brown, Feiring & Furman, 1999; Diamond, Savin-Williams & Dubé, 1999). O próprio contexto de estudo pode determinar a eleição da expressão, pois se a pesquisa se enquadra em participantes na adolescência inicial será preferível a nomenclatura de interacção romântica, justificada tanto pela curta duração como pela provável perspectiva individual. Se os participantes se encontram em fase mais avançada da adolescência, poder-se-á avançar com o termo relações românticas, uma vez que supostamente a duração dos romances é mais longa e mais sustentada em compromisso com o parceiro(a) (Shulman & Seiffge-Krenke, 2001; Diamond, Savin-Williams & Dubé, 1999). Esta problemática justifica no presente estudo, a opção pelo termo “romance” ou “experiências românticas”, dada a

longitude da idade dos participantes, da possível diversidade, apreciando-se o fenómeno na perspectiva individual.

Considerando como função, actividades a cumprir ou papéis a desempenhar, as experiências românticas na adolescência, servem funções de 1) autonomia emocional, 2) construção da identidade, 3) selecção natural e não consanguinidade e 4) vinculação (Furman, Feiring & Brown, 1999).

Funções de Autonomia Emocional: referem-se a processos interpessoais que permitem o “ser-na-relação-com-o-outro”, onde o indivíduo experimenta conforto, proximidade, intimidade, sem perder a capacidade de auto-determinação dos seus sentimentos, pensamentos e acções (Connolly & Goldberg, 1999). A autonomia emocional é um desafio que se coloca, pois supõe a exibição de competências, que na apresentação das perspectivas pessoais perante figuras significativas, demonstram a independência (Furman & Wehner, 1997; Connolly & Goldberg, 1999; Taradash, Connolly, Pepler, Craig & Costa, 2001). A autonomia emocional e as ligações aos significativos são entendidas como um processo indissociável, uma vez que se justificam e facilitam mutuamente, promovendo no adolescente, a construção de um modelo afectivo de si (Allen, Hauser, Bell & O’Connor, 1994).

A independência emocional oferecida pelo romance, contribui para a definição do adolescente face aos pais e aos pares. Na família, o adolescente renegoceia as relações no sentido de obter maior individuação, reduzindo o romance as assimetrias com as figuras parentais uma vez que se ensaia a reprodução do modelo, ainda que as experiências românticas possam trazer conflitos mais ou menos explícitos com os progenitores (Allen et al, 1994; Gray & Steinberg, 1999). Por outro lado, atinge a adolescência com as noções de amizade da infância, que ao constituírem a base para a intimidade com os pares, influenciarão os relacionamentos românticos. O processo ligação-autonomia relativamente aos pares e aos

parceiros românticos é crítico na medida da negociação entre as similaridades e a diferenciação. A autonomia emocional, favorece a auto-imagem de respeito, de fidelidade a princípios, de afirmação romântica individual, mas enfrenta dificuldades, face à pressão dos pares na imposição das suas regras ou códigos, nomeadamente no controlo das experiências. Estes aspectos, declinam no avançar na adolescência, devido à acomodação dos pares às experiências românticas dos seus elementos e à menor susceptibilidade do adolescente *per se* a estas regras, (Brown, 1999; Connolly & Goldberg, 1999; Taradash et al, 2001).

Na adolescência inicial, o romance não é acompanhado de elevada autonomia emocional, mostrando-se mais evidentes com o amadurecimento, pois se o envolvimento romântico com o parceiro(a) tende a aumentar, o lugar de recurso afectivo especifica-se, diminuindo a susceptibilidade às pressões dos amigos (Connolly & Goldberg, 1999 citam Furman & Buhrmester, 1992; Furman & Wehner, 1997). A autonomia emocional em relação ao parceiro romântico, é mais evidente quando o compromisso é estabelecido, uma vez que diminuem os receios de perda de ligação, e estando o envolvimento mais consolidado, permite mais facilmente a exibição de auto-determinação. Comprovam Taradash et al (2001) que quanto maior é a percepção de segurança, confiança, apoio e comunicação relativamente ao parceiro, mais confortável o adolescente se sente em exprimir as suas diferentes opiniões no contexto do relacionamento, facto que sugere o co-desenvolvimento da autonomia e da intimidade das ligações. Com o crescer da autonomia emocional, os adolescentes tornam-se progressivamente mais reflexivos sobre os seus romances e a sua própria pessoa nos vários desempenhos românticos (Connolly & Goldberg, 1999).

Funções de Construção da Identidade: consistem num processo integrador das transformações pessoais, das exigências do envolvente e das expectativas de futuro, no sentido da unicidade na definição do si. Em particular, a identidade de género reside na convicção intrínseca e individual de masculinidade/feminilidade, iniciando-se na infância, e

sofrendo algum abalo na adolescência, pela conjuntura bio-fisiológica, emocional e relacional que o indivíduo enfrenta (Saavedra & Barros, 1996; Sprintall & Collins, 1994).

Na adolescência, as diferentes concepções de si, por vezes contraditórias, tendem à integração de auto-representações coerentes, podendo as experiências românticas desempenhar papéis de desenvolvimento, uma vez que a imagem ficará valorizada se os adolescentes retiram daí oportunidades positivas (Furman & Shafer, 2003).

Os papéis amorosos são novos na vida dos adolescentes e tornam-se importantes na definição e consolidação da identidade de género, pois os indivíduos entram em aprendizagens dos comportamentos românticos e validam-nos na perspectiva da masculinidade/feminilidade (Feiring, 1999). Devido aos estereótipos sexuais e à socialização, rapazes e raparigas enfrentam à partida condições específicas para a construção da identidade de género no romance. O indivíduo pode identificar compatibilidades e incompatibilidades entre os papéis românticos e a sua convicção no género. Frequentemente, no início do historial romântico, os adolescentes estão arreigados aos estereótipos tradicionais, aspecto que tende a tornar-se menos pronunciado (Feiring, 1999; Brown, 1999; Furman & Shafer, 2003; Martinez, 2000).

A identidade de género, pode influenciar e ser influenciada pelas experiências românticas adolescentes, no sentido global de masculinidade/feminilidade (i.e. identidade geral de género), referido aos significados sociais dos comportamentos, na evidência da distinção biológica entre os sexos. Assim, ao mesmo tempo que na idade adolescente existe intensificação das expectativas relacionadas com o género, o romance trás um cenário particular para o exercício dos papéis de género. Num conjunto singular de aspectos (i.e. identidade configurada de género), que individualmente a pessoa retira das construções sexuais-sociais e dos aspectos biológicos, o adolescente cria o entendimento sobre a sua própria masculinidade/feminilidade no contexto amoroso (Feiring, 1999 cita Ashmore, 1990).

Com o avançar da adolescência, acomodam-se as clivagens entre a identidade geral de género e a identidade configurada de género, uma vez que a pessoa enriquece em possibilidades, através dos contributos recebidos no envolvente, das auto-revelações e da clarificação ou reflexão sobre si. Em particular, a convivência com os parceiros amorosos(as), na medida das respostas que os indivíduos oferecem e recebem nas interacções românticas, ajudam à validação e redefinição da masculinidade/feminilidade (Feiring, 1999).

Funções de Selecção Natural e não Consanguinidade: são funções que, em presença das modificações pubertárias, que levam ao interesse nas experiências românticas, podem otimizar a continuidade da espécie (Gray & Steinberg, 1999). Com os romances e a orientação para os pares, a preservação da espécie fica assegurada, pois os adolescentes afastam-se da família para as experimentações de intimidade (Connolly & Goldberg, 1999; Brown, 1999; Gray & Steinberg, 1999).

Ver os filhos amadurecer sexualmente representa um dos desafios mais difíceis para os pais e mostram alguns estudos (Gray & Seteinberg 1999 citam Steinberg & Steinberg, 1994), que nesta fase do ciclo familiar, os pais questionam-se sobre a sua atractividade física, sexualidade e experiências como adolescentes, assim como sobre o seu casamento. Por outro lado, os adolescentes modificam a sua visão sobre os pais, que se tornam menos significativos para demonstrações de afecto com proximidade física, contrariamente à infância. Numa perspectiva evolucionista, a separação dos pais, a quebra de algumas ligações com estes e a aproximação aos pares são processos interligados que se acompanham. Se a maturação leva a um relacionamento mais igualitário entre adolescentes-pais e poderia fomentar a aproximação, o interesse romântico pelos pares protegê-los-á da consanguinidade, num contexto de contactos prolongados entre progenitores e descendência reprodutivamente capaz (Steinberg & Morris, 2001; Gray & Steinberg, 1999).

Funções de Vinculação: são funções que, partindo dos modelos internos construídos no historial de vida afectiva com os cuidadores, veiculam diferenças na qualidade dos relacionamentos de proximidade, nomeadamente os românticos. Os relacionamentos românticos partilham algumas dinâmicas semelhantes às observadas nas relações entre a criança e a figura cuidadora (i.e. linguagem de carinho, contacto ventral-ventral, partilha de experiências e descobertas) (Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988; Fraley & Shaver, 2000). Contudo, nos relacionamentos românticos adultos a distinção entre os sistemas de vinculação e cuidados é menos evidente, pois os intervenientes movem-se nos dois papéis (i.e. provedor e solicitador de cuidados) tendo o adulto no parceiro, a sua “base de segurança”, que utiliza como fonte securizante de conforto e protecção (Kunze & Shaver, 1994).

Nas relações românticas, o sistema vinculativo e o sistema sexual possuem conexões estreitas com sobreposição de comportamentos, existindo influência mútua, por exemplo, tornando acessível ao parceiro, nas interacções de intimidade, os espaços corporais privados (Bowlby, 1990). A proibição social, para contactos físicos íntimos com outros exteriores ao par romântico, pode estar enraizada na convicção de que facilitam a ligação emocional, fomentando a vinculação e pondo em perigo o casal original. O contacto de intimidade (i.e. ventral-ventral) e as sensações de segurança que daí advém parecem ser a pedra de toque para a formação da vinculação, supondo-se que os Modelos Operantes Internos (*Working Model*) que guiam o comportamento sexual entre parceiros românticos, sejam extrapolações de modelos vinculativos desenvolvidos na infância (Hazan & Zeifman, 1994; Fraley & Shaver, 2000).

Na adolescência, uma época de crise de desenvolvimento, onde os imagos parentais são questionados, o *self* caminha para maior consistência e a autonomia emocional facilita a independência, surge a possibilidade de ligações afectivas extra-familiares significativas, nomeadamente nos pares, tornando-os possíveis figuras de vinculação (Allen & Land, 1999,

Oliva & Parra, 2001). As modificações dos relacionamentos pais-adolescentes, as rupturas transitórias na família, levam os adolescentes a criar ligações com os pares, emergindo as experiências românticas num balancear entre o companheirismo nos grupos do mesmo sexo e a entrada em grupos do sexo oposto (Collins & Sroufe, 1999; Furman & Wehner, 1994). As primeiras aproximações românticas iniciam-se com a afiliação, estando relacionadas com a história de vinculação, mas só mais tarde, quando os adolescentes avançam para a idade adulta, revelarão vinculação em ligações recíprocas aprofundando-se a intimidade. (Collins & Sroufe, 1999).

Furman e Wehner (1994/1997), tendo por suporte a teoria da vinculação, descrevem o romance adolescente como representações de afiliação, vinculação, cuidado e intimidade sexual, que se traduzem em percepções seguras, evitativas ou inquietas das experiências românticas. Os autores consideram, que o historial dos afectos com os pais e em especial com os pares, constituem o substracto para os relacionamentos românticos na adolescência.

Embora cada romance adolescente apresente particularidades, algumas características são comuns. Envolvem duas pessoas que reconhecem algum tipo de interesse mútuo, são um assunto de escolha pessoal terminando por expressão de qualquer um dos membros, existe alguma forma de atracção que tem conotação sexual (Feiring, 1999).

O romance adolescente supõe desenvolvimento, que no contexto do envolvente cultural, acompanha as diferentes esferas do quotidiano, onde entram as figuras dos pais e ou educadores, dos amigos íntimos e do grupo alargados de pares, além dos aspectos individuais e de género. Nesta perspectiva, apresentam-se seguidamente considerações sobre o romance adolescente nestes contextos.

1.1 O Amor Romântico Adolescente no Contexto Cultural

A cultura, entendida como o envolvente onde há partilha de linguagens, valores, práticas e pertença, constitui o amplo local onde os adolescentes vivem os romances, estando as expressões amorosas enraizadas nas concepções e processos aí instituídos, definindo-se um quadro regulado e validado nos lugares e no tempo (Coates, 1999; Larson, Clore & Wood, 1999).

Os adolescentes, sofrem as influências da cultura, que normaliza os encontros românticos, as expressões da sexualidade e os papéis de género, mas também, em movimento recíproco, contribuem para modificar as práticas culturais românticas ao longo do tempo (Coates, 1999; Simon, Bouchey & Furman, 1998; Collins, 2003; Connolly, Craig, Goldberg & Pepler, 2004). Várias fontes influenciam as experiências românticas, as mais amplas referidas à cultura na nacionalidade, na etnia, nos mass-media; outras mais restrictas, como a família, a cultura adolescente por contraponto à adulta e a sub-cultura adolescente específica no grupo de pares, são também representativas (Coates, 1999). O envolvente, ao regular a perspectiva dos adolescentes sobre o romance, direcciona-os para experiências validadas como desejáveis (Simon, Bouchey & Furman, 2000), embora alguns se sintam coartados pelas normativas impostas nesses espaços familiares (Coates, 1999).

Na sociedade ocidental, o valor do amor como fundamento para matrimónio é dominante e os estímulos ao romance são constantes, fomentando a procura de parceiro romântico (Furman & Buhrmester, 1992). A possibilidade do adolescente ser manipulado pelas características dominantes na cultura é um facto, nomeadamente nas questões que se reportam a demonstração dos sentimentos e práticas de intimidade (Larson, Clore & Wood, 1999), embora com especificidades para cada sexo, dada a vigência do duplo padrão sexual (Jakupcak, Salters, Gratz & Roemer, 2003; Yela, 2002; Vilar, 2003; Martinez, 2000).

A conservação de padrões culturais românticos, é por exemplo observável em sociedades multi-étnicas ou nos países de maior imigração, onde é frequente, através das

associações com pessoas da mesma etnia ou nacionalidade, a ocorrência de actividades recreativas que facilitam interacções entre adolescentes, no sentido mais longínquo de compromisso amoroso, da formação do casal e da perpetuação dos costumes (Coates, 1999). Em sociedade multi-étnica, Regan, Durvasula, Howell, Ureño e Rea (2004) observaram diferenças entre os adolescentes, mostrando-se menos experientes nas interacções e encontros românticos os asio-americanos, comparativamente aos afro-americanos, latino-hispânicos, e caucasianos não hispânicos, embora a idade do compromisso amoroso mais sério fosse aproximada (i.e. 17 anos). Constataram as autoras que experiências de maior proximidade, tais como o beijo romântico, ocorriam mais precocemente nos latino/hispânicos, caucasianos/não hispânicos e afro-americanos, do que nos asio-americanos. O próprio processo sequencial do romance pode registar particularidades, observando Paul, McManus e Hayes (2000), que em adolescentes universitários afro-americanos, muitas vezes os encontros ocasionais, são mais o primeiro passo numa relação romântica, do que uma experiência sexual inconsequente.

Os adolescentes inserem-se também em culturas mais restrictas, localizadas na escola, bairro, associações de desportivas ou de lazer, formando grupos de pares que inicialmente tendem a ser constituídos por indivíduos do mesmo sexo (Brown, 1999; Coates, 1999). Esses grupos, ampliam-se, entram em rede com amigos de sexo oposto, gerando uma cadeia relacional de influências múltiplas e de possibilidades de contactos com intenções românticas (Connolly, Furman & Konarski, 2000; Bearman, Moody & Stovel, 2004).

Na sub-cultura adolescente os pares empurram para a exibição das competências românticas (Brown, 1999), tendo valorizações diferentes, conforme o enquadramento na idade, desenvolvimento ou valores intrínsecos ao grupo. Por exemplo, mostrar-se apaixonado em idade precoce pode ser sinónimo de troça e romances mais sérios podem levar ao ridículo o adolescente, se nos valores dominantes, os sujeitos do sexo oposto são identificados como

objectos de conquista (Furman & Shafer, 2003). Nestes contextos, ainda que para o adolescente a exibição dos sentimentos seja desejada, a visão de divertimento sublinhada pelo envolvente dos significativos fá-lo-á, em movimento de auto-protecção, repensar a sua maneira romântica de agir.

No percurso romântico adolescente, as diferentes fontes culturais são mais ou menos influentes em períodos específicos. Na adolescência inicial, as expectativas dos pais ou as mensagens dos ídolos podem ser dominantes, na adolescência mediana o grupo de pares pode ser mais importante e na adolescência tardia, o regresso aos modelos e valores familiares pode ser uma hipótese na perspectiva do compromisso romântico (Coates, 1999).

1.2 O Amor Romântico Adolescente no Contexto da Família

A primeira aprendizagem sobre o romance está na observação das figuras parentais e se o modelo é considerado atractivo, a imitação pode oferecer perspectiva de segurança no desempenho (Obegi, Morrison & Shaver, 2004). Através dos pais, a criança obtém orientação para o seu romance futuro, pois se os modelos dinâmicos internos são resistentes à mudança, declinando informação discordante de experiências anteriores (Fraley & Shaver, 2000), será expectável que nas suas experiências românticas posteriores exista algum nível de concordância. Estes aspectos são visíveis no quotidiano, quando a descrição das relações românticas adultas por um dos parceiros relativamente ao seu par, tem frequentemente por base a interpretação que faz do relacionamento ocorrido na infância com as figuras parentais (Feeney, 1999). No estudo longitudinal de Amato e Booth (2001) observou-se que a discórdia continuada entre os pais (i.e. comportamentos de ciúme, não comunicação, dominação de um sobre o outro), presenciada na altura pelos filhos adolescentes (i.e. média de idades 13 anos) predizia moderadamente relatos problemáticos da descendência, 17 anos depois, quando os próprios se encontravam em conjugalidade com os seus parceiros.

As experiências românticas de um filho adolescente são preocupação das figuras parentais pelas implicações que podem ter na escolaridade imediata, na carreira ou na saúde, mas a abordagem da temática na família tem perspectivas diferentes consoante o interlocutor questionado. Numa revisão de literatura Noller (1994), observou que a comunicação pais-filhos se reportava preferencialmente a assuntos domésticos, desobediência, vida escolar, surgindo como evitados, além da droga, a sexualidade, embora os adolescentes desejassem melhoria na comunicação com os pais. Vilar (2003), ao oferecer uma panorâmica sobre os assuntos falados em família portuguesas, encontra clivagens, pois os progenitores referem o namoro como um dos assuntos mais abordados, enquanto os filhos entendem que essa temática é comparativamente menos frequente. A ausência da temática, pode porventura ser atribuída às progressivas modificações da visão dos adolescentes sobre as figuras parentais, à qualidade dos relacionamentos entre os elementos da família ou a dificuldades em abordar temas que expõem sentimentos, criam fragilidades nos papéis, nomeadamente nos progenitores.

As reacções dos adolescentes são por vezes contraditórias. No quotidiano não problemático centram a afectividade nos amigos e podem mostrar desagrado pelas manifestações de carinho dos pais, que passam pelo interesse nas experiências afectivas dos filhos, especialmente na presença dos pares, invertendo-se o quadro nas situações de crise (López, 2003; Allen & Land, 1999). Imaginar a perda dos pais ou deparar-se com a sua indisponibilidade assusta-os, mas a solicitude por assuntos mais pessoais incomoda-os e é conotada como invasão da privacidade, optando pelo grupo de amigos quando deseja partilhar assuntos percebidos como íntimos e constrangedores (López, 2003).

Embora a procura de apoio emocional se direcione para o exterior, reservando as temáticas íntimas para o círculo dos amigos próximos (Gray & Steinberg, 1999), o historial das vivências familiares influencia os relacionamentos românticos adolescentes (Amato &

Booth, 2001). A progressiva autonomia emocional não implica a cessação das ligações afectivas aos pais (Ainsworth, 1999), observando-se que a independência equilibrada se associa a maiores capacidades de estabelecer relacionamentos com os pares (Allen & Land, 1999). A figura materna perdura como referência, comparativamente a outros familiares, mas progressivamente vai tendo menor representatividade para abordagem de assuntos afectivos, surgindo o amigo/a íntimo/a, com maior destaque, entre os 15 e os 20 anos, na rede dos relacionamentos sociais (López, 2003; Connolly, Furman & Konarski, 2000).

Na adolescência a visão de si mesmo ainda algo difusa e fundamentada nas representações dos significativos, nomeadamente dos pais, evolui progressivamente para concepções mais individualizadas. e o romance consubstancia esta perspectiva. No contexto da família, os relacionamentos românticos do adolescente podem ser vistos sob três aspectos: a) tarefas de individuação e separação, b) modificações nos *status* interpessoais dos membros da família e c) início de novo ciclo familiar. As tarefas de individuação e separação surgem à medida que o adolescente desenvolve um sentido mais claro da sua pessoa, se separa psicologicamente, exibindo um certo afastamento pelos pais e encontrando no romance um conforto afectivo, num processo de ligação ao parceiro (Sprinthall & Collins, 1994; Gray e Steinberg, 1999; Furman & Buhrmester, 1992). Martinez (1997), encontra por exemplo nas raparigas que namoram, menor apoio parental percebido, comparativamente àquelas que nunca tiveram este tipo de relacionamento. Os *status* das figuras familiares modificam-se, pois as posições alteram-se, na medida em que a ocorrência do romance é simbólica de aquisição progressiva de maturidade. Na impossibilidade de independência económica, o romance é também uma manifestação de crescimento, redefinindo-se reciprocamente os papéis. O prenúncio de um novo ciclo familiar surge com o romance, permitindo o desenvolvimento do adolescente no exterior da família, criando-se uma nova expectativa familiar com a introdução da figura do parceiro romântico (Gray & Steinberg, 1999).

O tipo de parentalidade exercida, influencia o romance adolescente. Pais democráticos e com autoridade (i.e. afecto e controlo adequados) facilitam um desenvolvimento saudável, estruturam o adolescente, que mostra desvinculação menos abrupta, ao mesmo tempo que oferecem suficiente liberdade para o romance. Neste ambiente, os comportamentos dos filhos coincidem geralmente com as noções de normas e limites dados pela família (Gray & Steinberg, 1999; Oliva & Parra, 2001). Pais muito permissivos, aumentam a possibilidade de envolvimento em relacionamentos extemporâneos, por falta de orientação ou normas. Pais muito restritivos, que de maneiras mais veladas ou impositivas, pretendem grande controlo sobre as relações que os filhos têm no exterior, facilitam o despoletar de tensões. Para os pais, o romance pode ser interpretado como desafiador ou provocador da autoridade, e os filhos, vêm no controlo parental, invasão de privacidade, concorrendo para a instalação de desconforto ou ansiedade no adolescente romanticamente envolvido (Furman & Shaffer, 2003; Gray & Steinberg, 1999; Noller, 1994). Contudo, a resistência parental ao romance adolescente pode não ser a melhor estratégia, induzindo por vezes o efeito “Romeu e Julieta”, um fenómeno documentado que, na medida da interferência, intensifica os sentimentos apaixonados entre os membros do par. Assim, a oposição parental pode gerar o efeito contrário e aumentar a atracção (Sprecher & McKinney, 1993; Larson, Clore & Wood, 1999; Furman & Shaffer, 2003; Neto 2000).

O adolescente romanticamente inexperiente guia as suas expectativas de intimidade, de acordo com as experiências anteriores, transportando as noções de intimidade para estes contextos pouco conhecidos (Simon, Bouchev & Furman, 1998; Collins & Sroufe, 1999). Por exemplo, Flanagan e Furman (2000) observaram que as raparigas com estilos de relacionamento com os pais caracterizadas por maior evitação, maior inquietude e menor segurança, mostravam ser objecto de maior coersão afectivo-sexual pelos parceiros, comparativamente às não victimizadas.

As competências românticas dos adolescentes estão intrincadas nas relações pais-filhos. Os filhos de pais autoritários (i.e. baixo afecto e alto controlo) mostram dificuldades na gratificação das relações com os pares, observando-se que comportamentos negativos das figuras parentais (i.e. rejeição, indiferença, hostilidade) fomentam expectativas negativas de intimidade (Gray & Steinberg, 1999). Um estudo de McElhaney e Insabella (2000) mostrou que grande controlo dos pais (i.e. baixa promoção de autonomia), aos 16 anos estava correlacionado com pouca confiança, comunicação e segurança no namoro, dois anos mais tarde (i.e. 18 anos). Sugere a autora que a falta de autonomia, leva os adolescentes a tornarem-se excessivamente dependentes de relações românticas que não satisfazem as necessidades de proximidade e intimidade. Por outro lado histórias familiares com passado de disponibilidade e responsividade dos cuidadores levam a interacções positivas com os outros, a reciprocidade afectiva e a maior sensação de atractividade relativamente a futuros parceiros (Collins & Sroufe, 1999).

Com o desenvolvimento, as pertenças afectivas modificam-se, o adolescente divide-se entre a família e o grupo de pares e especifica-se a procura de uns ou outros consoante a qualidade das situações (Sprinthall & Collins, 1994). As figuras parentais que eram refúgios importantes de revelações íntimas na infância, diminuem como centro de recursos, pois as modificações biológicas, cognitivas e socio-emocionais acrescentam mais competências, e outros interesses (Ainsworth, 1989; Fuertes, 1996; Buhrmester & Furman, 1987).

1.3 O Amor Romântico Adolescente no Contexto do Desenvolvimento Pessoal

Na adolescência inicial, com a emergência da puberdade, ocorrem modificações cognitivas, emocionais, no funcionamento social, na estatura e configuração corporal, que estão interligadas. As modificações pubertárias que estimulam o interesse sexual, conjuntamente com o pensamento abstracto que aumenta a capacidade para elaborações

cognitivas mais sofisticadas e os processos culturais que facultam as aprendizagens, são factores que criam condições para a instalação do romance adolescente (Collins, 2003; Gray & Steinberg, 1999; Zapiain, 1997; Larson, Clore & Wood, 1999; Halpern, 2003; Ainsworth, 1989).

Enquanto alguns autores reconhecem a possibilidade de amor romântico antes da puberdade (Rademarks, Laan & Straver, 2003), outros são peremptórios quanto à necessidade do meio químico corporal adequado para a pessoa sentir a paixão ou o amor, identificando a puberdade como possível ponto de partida (Ainsworth, 1989; Hatfield et al, 1988 citam Liebowitz, 1983 e Money, 1980). Na adolescência, além da produção hormonal despoletada pelos eixos hipotalâmico-hipofisário-gonadal e hipotalamico-adreno-cortical, no sentido da produção dos androgénios, estrogénios e progesterona, outras condições orgânicas tais como a maior mielinização das células cerebrais, no sentido da maturação cerebral e da operação dos processos cognitivos, parecem indispensáveis ao processo que valida o interesse romântico (Halpern, 2003; Nottelmann, Inoff-Germain, Susman & Chrouos, 1990; Zapiain, 1997; Shafer, 2005).

O adolescente enfrenta emoções que estão enraizadas nos fenómenos psico-fisiológicos, apresentando-se o romance como o contributo major para a emocionalidade (Larson, Clore & Wood, 1999). A paixão ocorre pela primeira vez cerca dos 13 anos e o amor surge cerca dos 17 anos (Hatfield & Sprecher, 1986), aproximando-se das idades dos primeiros contactos amorosos e do primeiro coito (Yela, 2002 que cita Molina, 1992). O amor produz manifestações físicas, observando Tenno nos anos 60, que os apaixonados referem sensações físicas (i.e. tremor, palidez, rubor) quando em interacção com a pessoa amada. Nos anos 80 Liebowitz, considerou que o neurotransmissor Feniletilamina (PEA) estaria em níveis elevados no cérebro dos apaixonados, podendo a sua produção ser despoletada por um toque de mãos ou o cruzar do olhar (Fisher, 1994). As emoções

românticas, nomeadamente a paixão, alteram o estado de consciência da pessoa, perturbam a atenção, geram confusão de sentimentos que remetem para o erotismo, reconhecendo-se que na adolescência estas vivências são arrebatadoras (Hatfield & Sprecher, 1986; Hendrick & Hendrick, 1992; Hogg & Vaughan, 2002).

Actualmente a puberdade é um fenómeno que surge cedo na vida da pessoa, fruto entre outros, da melhoria das condições de saúde e nutrição, iniciando-se em idade precoce o processo orgânico que pode facilitar o romance. Se na interpretação evolucionista, o amor é um processo biológico (i.e. pré-inscrito), que facilita a vinculação entre parceiros românticos e se encontra aliado ao cuidado com a descendência, assegurando a sucessão das gerações (Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988), o amor romântico adolescente será o prenúncio que serve o interesse da espécie.

O tempo passado a pensar no parceiro amoroso actual ou potencial é elevado (i.e. 5-8 horas na semana) (Richards, Crowe, Larson & Swarr, 1998). O adolescente é susceptível a mal-entendidos, vulnerável na idealização do amor (i.e. amigos, poesia, ambiente, *mass-media*) e propenso a alterações de humor, factores que influenciam o decurso do romance (Larson, Clore & Wood, 1999; Ortiz, 2003).

No início, a experiência romântica é reduzida, a capacidade crítica é baixa, aspectos que facilitam romances curtos no tempo, mas também muito intensos de sentimentos (Larson, Clore e Wood, 1999; Furman & Simon, 1999). Na adolescência inicial, a visão romântica deriva das experiências afectivas passadas nas interacções com os pais, pares e envolvente cultural, mas progressivamente, através das experiências românticas específicas que se vão sucedendo, adquirem-se capacidades para elaborar as próprias expectativas sobre o que se deseja no amor romântico (Furman & Simon, 1999). Num processo facilitado pelo aumento da capacidade de abstracção, da auto-reflexão e da atribuição de significados às experiências de intimidade, o adolescente coloca alternativas ao investimento amoroso, sugestivas de que

o romance passa de comportamento com fins de valorização de *status* para possibilidades relacionais mais interiorizadas (Brown, 1999). Contudo, o processo de socialização de género comporta diferenças (Fuertes, 1996), facto que trás especificidades na postura com que os rapazes e raparigas vivem as experiências românticas.

1.3.1 O Amor Romântico Adolescente no Género

A maneira como os rapazes e as raparigas se enquadram no romance tem algumas particularidades, que o processo de socialização pode explicar. De acordo com Leaper e Anderson (1997), a explicação estará na segregação de género, fenómeno que mostra a preferência pela proximidade de indivíduos do mesmo sexo na infância e que pode ter repercussões nos relacionamentos heterossexuais posteriores. À medida que a criança cresce e aumenta a preferência pelas actividades lúdicas com parceiros do mesmo sexo, reforça-se a tipificação sexual. Os pais e educadores têm responsabilidades, uma vez que os jogos, o simbolismo dos brinquedos e as atitudes são direccionadas para o reforço. Enquanto que nas raparigas o lúdico reproduz o doméstico, o privado e assim encoraja a proximidade interpessoal e a orientação para o social, aos rapazes oferecem-se símbolos de estímulo físico, objectos do exterior, fomentando-se a independência, a orientação para tarefas; mesmo os manuais escolares reforçam estes aspectos (Leaper, 1994; Saavedra e Barros, 1996). Assim, as raparigas são socializadas para actividades afectivas e cuidativas, enquanto que nos rapazes se estimula a competição ou posturas de dominância.

Estes aspectos têm repercussões nos relacionamentos românticos na adolescência, pois uma vez que se imprimiram papéis sexuais diferentes, os rapazes e as raparigas entram nos relacionamentos românticos com preparação e perspectivas também diferentes (Leaper e Anderson, 1997). Por exemplo, na adolescência inicial, as raparigas conferem mais importância à intimidade e reconhecem maior frequência deste tipo de interacções do que os

rapazes (Buhrmester & Furman, 1987). Noutro exemplo, Leaper e Andersom (1997) constataam que os papéis românticos masculinos e femininos comportam diferenças até na postura de uma simples interacção, pois os rapazes esperam uma atitude de ouvinte atento nas parceiras, mas não retribuem na mesma medida.

Relativamente à idade em que os adolescentes entram em experiências românticas não há consenso entre os autores nas diferenças de género. Carver, Joyner e Udry (2003) consideram que nas raparigas, o desenvolvimento mais precoce conduz a maior maturidade cognitiva para o romance, quando comparadas com rapazes da mesma idade. Regan et al, (2004) observam diferenças na iniciação às experiências românticas, sendo os rapazes mais precoces. Montgomery e Sorell (1998) observaram, numa população com idades entre os 12 e os 19 anos, que os rapazes sentem o amor mais cedo e mais vezes que as raparigas. Por outro lado Connolly et al (2004) verificaram que os rapazes e raparigas na adolescência inicial (média de idades de 12,8 anos) são semelhantes nas actividades românticas, supondo que as diferenças podem surgir em fase mais tardia da adolescência.

O desenvolvimento físico específico de cada sexo, referido à atractividade, tem implicações nos romances dos rapazes e raparigas, pois a sociedade privilegia, para as raparigas uma imagem ideal de magreza e para os rapazes a musculatura. Os rapazes estão em vantagem, uma vez que por influência dos androgénios tendem a aumentar a musculatura, melhorando a auto-imagem corporal; nas raparigas, os estrogénios e progesterona facilitam a fixação de gordura, facto que remete para problemas com a figura física (Halpern, 2003; Nottelmann et al, 1990). Observa-se por exemplo que nos rapazes ter um índice de massa corporal um pouco acima da média é favorecedor de imagem atractiva, enquanto que nas raparigas ser um pouco mais baixa corresponde a maior atractividade. Nas raparigas com excesso de peso, comprovou-se que o regresso ao peso normal melhorava o relacionamento e aproximação aos pares (Nottelmann et al, 1990; Pereira; 2004).

1.4 O Amor Romântico Adolescente no Contexto do Grupo de Pares

Os grupos de pares, envolvente onde o adolescente vive uma parte significativa do quotidiano, são evolutivos nas suas características e composição, factos que influenciam as oportunidades de relacionamentos românticos e as próprias perspectivas dos adolescentes sobre o romance. Dunphy (1963), citado por Bouchee e Furman (2003), identifica cinco estádios para a evolução heterossocial do grupo: 1) Estádio 1: grupo unissexual com quatro a seis membros que são amigos próximos (i.e. *cliques* na terminologia de Dunphy), 2) Estádio 2: grupos unisexuais de sexo oposto (i.e. *cliques* masculinos e *cliques* femininos) em início de socialização num agrupamento maior (i.e. *crowd* na terminologia de Dunphy), 3) Estádio 3: grupo heterossexual em transição, onde os líderes ou membros mais populares de cada *clique* iniciam as aproximações ao sexo oposto, 4) Estádio 4: o grande grupo está desenvolvido (i.e. *crowd*) e existem associações heterossexuais mais restritas, 5) Estádio 5: formação de casais e desintegração do grande grupo.

A evolução dos grupos e as interacções afectivas que aí se cultivam, oferecem a base de intimidade para os relacionamentos românticos posteriores (Simon, Bouchee & Furman, 2000; Montgomery & Sorell, 1998), constatando-se que as experiências de amizade e romance têm similaridades (Furman & Wehner, 1997; Taradash, 2001). Refere-se em seguida o romance, em contexto mais restrito do grupo de amigos do mesmo sexo e posteriormente no grupo misto de pares.

1.4.1 O Romance e os Amigos do Mesmo Sexo

Com a entrada na adolescência fazem-se amigos com os quais se vai além de actividades lúdicas da infância. À amizade cooperativa com companheiros do mesmo sexo (i.e. *compeers*), acrescentam-se progressivas formas de intimidade. Descobre-se e cultiva-se o relacionamento com outros, que vivendo um desenvolvimento semelhante, compreendem e

sustentam a construção da auto-imagem, não só pelo apoio, mas também pelas comparações críticas e auto-revelações (Johnson, 2004; Sprinthall & Collins, 1994; Sullivan, 1953, citado por Buhrmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988).

A natureza transitória dos relacionamentos românticos contrasta com a grande estabilidade oferecida pelos amigos íntimos, reconhecendo-se que sobretudo na adolescência inicial, as afinidades são maiores na amizade que no romance (Connolly, Furman & Konarski, 2000; Johnson, 2004). Quase todos os adolescentes têm mais amigos do mesmo sexo na sua rede de relações, do que amigos do sexo oposto, sugerindo que aqueles são a referência primordial, porventura porque o modelo específico de gênero facilita as transições, nomeadamente para as experiências românticas (Connolly, Furman & Konarski, 2000; Furman, 1999; Navarro, Reig, Heredia & Ferrer, 2006; Martinez & Fuertes, 1999). Uma significativa parte do dia é passada com este tipo de amigos, facto mais visível nas raparigas e mais característico na adolescência inicial (Johnson, 2004).

Os amigos do mesmo sexo oferecem orientações na preparação para o romance. É frequente nos rapazes, antes de iniciarem a abordagem romântica, que um processo de validação ocorra entre os amigos, relativamente à potencial namorada, sendo as práticas sexuais um tema de conversação, ainda que as experiências não tenham ocorrido (Peretti & Abplanalp, 2004; Navarro et al, 2006). Nas raparigas, noutro exemplo, a opinião das amigas sobre os seus aspectos físicos, oferecem pistas, no sentido da maior atractividade face ao potencial parceiro romântico (Feiring, 1999).

Os adolescentes expõem-se despidoradamente aos amigos que elegeram como íntimos, contam os segredos, fazem pactos de ajuda, assumem compromissos de fidelidade, experimentam a intimidade e a proximidade emocional. Nas revelações validam consensualmente o merecimento individual, aprendem a sensibilidade ao outro e a disponibilidade para oferecer cuidados, observando-se que aqueles que têm capacidade para

iniciar com sucesso os relacionamentos, têm maior possibilidade de desenvolver competências de suporte emocional e gestão de conflitos (Buhrmester et al, 1988; Johnson, 2004).

Alguns estudos apontam para relações de amizade mais prolongadas nos rapazes que nas raparigas (Johnson, 2004), mas embora as raparigas tenham menos amigas, as suas ligações são mais fortes (Navarro et al, 2006; Fuertes, Carpintero, Martinez, Soriano & Hernández, 1997). Entre as raparigas a amizade íntima é mais precoce, mais valorizada, mais profunda, promovida sobretudo pela comunicação verbal, enquanto que entre os rapazes é obtida através da co-participação em actividades, tendo um carácter menos intimista (Johnson, 2004; McNelles e Connolly, 1999 citados por Steinberg & Morris, 2001; Buhrmester et al, 1988; Martinez & Fuertes, 1999). Uma das possíveis explicações destas diferenças, reside nas influências sociais, que atribuem à mulher um papel mais aberto e expressivo aos relacionamentos com outros, enquanto aos homens desempenhos mais reservados, de maior poder e dominação, que não são concordantes com a expressão de sentimentos pessoais, dada a impregnação de vulnerabilidade (Buhrmester et al, 1988, Feiring, 1999). Ao partilhar pensamentos, sentimentos, e interesses, os adolescentes obtém directrizes para romances futuros, comprovando-se que as características afectivas dos relacionamentos entre amigos do mesmo sexo são predictoras de características semelhantes no romance (Furman, 1999; Connolly, Furman & Konarski, 2000).

1.4.2 O Romance e o Grupo Misto de Pares

A maioria dos adolescentes que convive regularmente com um grupo estável de amigos, encontrando-se a maior competência de comunicação com os pares, estreitamente relacionada com a valorização ou estima que o adolescente sente no grupo (Fuertes et al, 1997; Navarro et al, 2006).

As características do grupo afectam as possibilidades de romance, pois quando é misto, existem maiores possibilidades da amizade se desenvolver para namoro (Simon, Bouchey & Furman, 2000; Montgomery & Sorell, 1998; Connolly et al, 2004). Alguns autores referem, que embora cada sexo tenha mais amigos do seu próprio sexo, os rapazes declaram um maior número de amigas, comparativamente ao número de amigos enunciado pelas raparigas, alargando-se para aqueles as possibilidades de romances (Navarro et al, 2006).

Nos grupos de pares mistos desenrolam-se amizades, cumplicidades e encontram-se os potenciais parceiros românticos, ainda que na adolescência inicial, o adolescente possa mais idealizar a relação do que ter contactos reais com o sujeito objecto do seu desejo (Furman & Shafer, 2003; Connolly & Goldberg, 1999; Montgomery & Sorell, 1998). O grupo emana as orientações que, tanto facilitam o despoletar do romance, na medida em que oferece os meios para os contactos, como controlam o próprio par através da sub-cultura dominante (Brown, 1999). O grupo orienta o adolescente e valida as suas escolhas românticas pois indica-lhe os possíveis parceiros que lhe garantem maior *status*. As interacções sexuais iniciam-se e progridem, na medida em que existe mudança da amizade íntima para o romance (Simon, Bouchey & Furman, 2000).

No contexto do grupo de pares, Connolly et al (2004), Brown (1999), Connolly & Goldberg (1999) e Furman e Wehner (1994) apresentam modelos que descrevem o romance na adolescência tendo como referência o grupo de pares.

1.4.2.1 Modelo de Transição dos Encontros Afectivos

O Modelo de Transição dos Encontros Românticos de Connolly et al (2004) é uma construção teórico-empírica que contextualiza, no grupo de pares, os encontros românticos dos adolescentes. Em estudo longitudinal, foi investigado em indivíduos canadianos

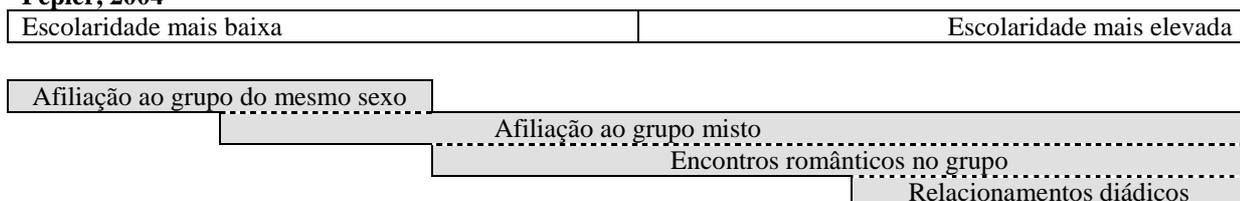
procedentes de diversas etnias, com idades entre os nove e os 15 anos, em níveis de escolaridade diferentes.

Consideram os autores que as teorias tradicionais apresentam os relacionamentos românticos da adolescência inicial de uma maneira rígida, em estádios, que ao supor a entrada do namorado(a) na vida do adolescente, sublinham o afastamento entre o indivíduo e os seus pares. Apesar de manterem no seu modelo a designação “estádio”, os autores preferem imprimir-lhe um carácter mais fluido, semelhante a fase. Justificam a nomenclatura, pelo facto de frequentemente coexistirem na história amorosa dos adolescentes, afiliação ao grupo misto e simultaneamente relato de interesse romântico com alguém particular desse grupo, em ocorrências móveis.

A concepção fundamental do modelo supõe que as interações românticas na adolescência inicial não surgem abruptamente, estando incorporadas em actividades pré-existentes no grupo misto dos pares. Os encontros românticos, ao coexistirem com a afiliação ao grupo misto, não substituem de imediato os amigos pelos namorados. A progressão na amizade e amor acompanham-se e co-existem, em desenvolvimento que, só no final da adolescência, conduz aos relacionamentos diádicos mais amadurecidos. Pertencer a grupos mistos é vantajoso, pois leva a maior possibilidade de episódios românticos, mantendo-se a segurança afectiva das amizades.

Na ausência de esquema dos autores, a figura 1 pretende apresentar uma perspectiva gráfica do modelo.

Figura 1 Modelo de Transição dos Encontros Afectivos. Fonte: adaptado de Connolly, Craig, Goldberg e Pepler, 2004



Após aplicar o modelo a adolescentes no início e final do ano lectivo, em cada ano dos três níveis de escolaridade, os autores compararam a afiliação ao grupo misto e os encontros românticos. Observaram que havia modificações e progressão, quer na amizade pela maior pertença, quer nos níveis da actividade romântica, pelo maior número de episódios românticos. Assim, existia tendência para mudanças sequenciais (i.e. afiliação ao grupo do mesmo sexo, grupo misto) e ao mesmo tempo, estabilidade dos romances, pois aqueles que tinham já episódios de encontros românticos mantinham esse comportamento não se afastando do grupo. Não foram identificadas diferenças de género.

Corroborando a importância do contexto afiliativo do grupo de pares perante a iniciação aos relacionamentos românticos Van Horn, Dowdy e Embow (1997), observaram que tal aspecto é reconhecido pelos adolescentes com experiência de romance e pelos seus pares. Contudo estes autores, que estudaram os encontros afectivos em sujeitos no 8º nível de escolaridade, contrariamente a Connolly et al (2004), encontraram diferenças de género, mostrando-se os rapazes mais susceptíveis às percepções dos amigos quanto aos seus encontros românticos que as raparigas.

1.4.2.2 Modelo de Fases nos Relacionamentos Românticos Adolescentes

O modelo de Brown (1999), com base na teoria de desenvolvimento psico-social de Erikson, aponta quatro “fases”, designação propositada e justificada pelo autor que a prefere, por ter natureza mais informal, pois não é nem fixa, nem inevitável, nem irrepitível. A tipologia aborda as mudanças desenvolvimentais das orientações básicas do indivíduo face às relações românticas e não a progressão ao longo de um relacionamento específico. Brown (1999) denomina as quatro fases como: 1) Fase de Iniciação, 2) Fase de Aquisição de *Status*, 3) Fase de Afeição e 4) Fase de Ligação.

A Fase de Iniciação enraíza-se nas modificações pubertárias. Há maior interesse pelas expressões sexuais e assim nova dimensão interactiva com o sexo oposto. O adolescente reorienta-se para o outro sexo, pois sai da infância (i.e. socialização homosocial) e tem interesses diferentes, que não unicamente de amizade e companheirismo. Fase centrada nas características do próprio, no seu auto-conceito e não na qualidade ou características da relação romântica. Mais do que ter um real parceiro romântico, o romance serve os interesses do próprio na visão de si. As experiências são sucessivas, curtas, superficiais, num processo adaptativo e não em relacionamentos de intimidade profunda. Inicia-se nesta fase a busca de identidade romântica. Os romances são comportamentos para exibição pública das qualidades do próprio, que permitem o espelho da sua imagem como amante e lançam a disponibilidade para ser amado. Junto dos pares o adolescente prova as suas qualidades de potencial candidato a relacionamentos românticos.

A Fase de Aquisição de *Status* é norteadada pela importância do indivíduo no grupo, pois se estão ganhas as capacidades de revelar-se aos potenciais parceiros românticos (i.e. fase de iniciação), o centro de interesses deixa de ser o si mesmo, passando ao que Brown (1999) chama o “*self* de conexão com os outros”. As relações românticas são o veículo para a posição hierárquica, na medida da valorização/desvalorização dos elementos do grupo, o que torna a eleição dos possíveis parceiros um facto importante. Nesta fase é difícil manter relacionamentos românticos de intimidade, com qualidade nas interações ou totalmente respondentes às necessidades do par, pois a preocupação major é a normativa do grupo. A imagem que o parceiro tem determina a colocação do adolescente na hierarquia do grupo. Os elementos do grupo têm funções variadas: validam o relacionamento romântico, protegem e facilitam, pois estabelecem o “correio” de mensagens que prepara o caminho para as possíveis interações românticas, já que nesta fase o face-a-face é difícil e a negação de um possível parceiro é traumática para o auto-conceito. O grupo de pares oferece o ambiente para

o adolescente testar a *performance* e aprender a negociar os primeiros passos do romance. A ênfase pode ser colocada por exemplo na conquista *versus* o carinho mútuo, ou na identificação dos parceiros românticos pelas possibilidades de actividades sexuais *versus* as actividades sociais. Dentro da variabilidade possível, o adolescente poderá localizar-se num ou noutro grupo que seja compatível com a sua identidade romântica de género que está a emergir.

A Fase de Afeição revela modificações das relações românticas que se prendem com transformações do grupo de pares. O adolescente acomoda-se ao *status* no grupo, a pressão dos pares diminui e há maior confiança em si nos aspectos românticos pela menor valorização das opiniões dos amigos. Os progressos anteriores (fases de iniciação e aquisição de *status*) levam a alguma segurança para arriscar relações românticas com um nível de profundidade maior, redundando em envolvimento emocional e sexual que pode ser o prenúncio da vinculação.

O adolescente permanece no grupo, mas existe agora alguma primazia das ligações à figura romântica. O caminho é para uma identidade que vai rejeitando a imposição das normas do grupo. As relações românticas passam a maior privacidade, com potencial para aprofundar os aspectos afectivo-sexuais. O adolescente predispõe-se a exposição mais honesta das características pessoais, das intenções amorosas, contrariamente à postura de impressionar o parceiro como nas fases anteriores. Por vezes o grupo de amigos ressentem-se, facto documentado no estudo de Roth e Parker (2001), onde se observou que a maior parte das raparigas (53%) e alguns rapazes (32%), se sentiram negligenciados pelos seus melhores amigos, na altura em que esses amigos se encontravam na transição para um relacionamento romântico mais estável.

A Fase de Ligação caracteriza-se pela conjugação da paixão com aspectos mais pragmáticos, quanto à possibilidade de relacionamentos duradouros com o parceiro

romântico. Ocorre frequentemente na adolescência tardia ou entrada na idade adulta, tendendo a exclusividade e dirigindo-se para a ideia de compromisso. Esta fase é porventura a insinuação aos relacionamentos românticos adultos. O adolescente revê o seu passado, considera o seu presente e projecta-se no futuro romântico que inclui o realismo, quer da continuidade dos planos afectivos, quer do enquadramento de si na relação com o parceiro. Mantendo a profundidade da fase da afeição, o romance tem agora uma perspectiva mais prática, que contém a ideia de prosseguimento para uma visão do par como unidade relacional. A importância do parceiro romântico, como fonte de apoio, aumenta à medida que a relação se desenvolve (Seiffge-Krenke (2003).

Inicialmente o grupo interfere na relação, com permissão do adolescente que aí encontra apoio (i.e. normas e oportunidades românticas). Com o progredir do desenvolvimento, a tolerância à interferência diminui (i.e. interesses de maior intimidade) e as decisões do par romântico tornam-se mais personalizadas (Brown, 1999).

1.4.2.3 Modelo de Estádios nos Relacionamentos Românticos Adolescentes

O modelo de Connolly e Goldberg (1999) assenta na Teoria Triangular de Sternberg, incorporando a necessidade de afiliação com os pares adolescentes. Os autores identificam quatro estádios que denominam como 1) Estádio de Enfatamento¹, 2) Estádio Afiliativo, 3) Estádio de Intimidade e 4) Estádio de Compromisso.

No Estádio de Enfatamento as características particulares são a atracção física e a paixão. O interesse romântico é dirigido para uma pessoa com a qual geralmente não há interacção ou intimidade. O que existe na realidade são possibilidades, que o adolescente elabora na discussão com os seus amigos do mesmo sexo, que são os juízes da hipotética relação amorosa. As interacções do “par romântico” reduzem-se a encontros casuais ou a encontros não presenciais (i.e. telefonema). Servem essencialmente para o adolescente provar

¹ Também traduzido como “enfeitamento”, na ideia de amor excessivo/imprudente

a si mesmo e aos pares as potencialidades amorosas e simultaneamente obter orientações para prosseguir o desenvolvimento romântico, buscando harmonia entre as normas da sub-cultura e os desejos pessoais.

O Estádio Afiliativo desenrola-se no contexto do grupo de amigos de ambos os sexos. Os contactos com a pessoa romanticamente interessante começam a surgir nos encontros casuais. A paixão e atracção física passam a ser acompanhadas de motivações afiliativas, que sublinham o companheirismo com a pessoa, que se torna o parceiro romântico. É no grupo que o adolescente antecipa as possibilidades de proximidade que não são ainda de intimidade propriamente dita.

O Estádio de Intimidade surge a partir da maior confiança do adolescente nas suas capacidades românticas, oferecidas pela passagem nos estádios anteriores. A importância normativa do grupo diminui e o adolescente tem agora capacidade para combinar a paixão e a afiliação com a intimidade emocional. Insinua-se uma relação diádica que se geralmente se transforma em romance de maior duração, comparativamente aos relacionamentos mais curtos das fases anteriores.

O Estádio de Compromisso ocorre na adolescência tardia, quando o adolescente, sujeito a menor influência dos pares, decide conscientemente a manutenção da relação romântica. O compromisso subjacente leva a relacionamentos de maior duração que frequentemente se tornam na previsão da constituição formal do futuro casal.

1.4.2.4 Teoria da Visão Romântica

Os teóricos da vinculação consideram que a capacidade de intimidade dos indivíduos é especialmente afectada pelo tipo de vinculação pais-criança. Porém na adolescência, os relacionamentos de amizade recíproca e mútua com figuras do grupo de pares são os

influenciadores major do romance adolescente (Furman & Whener, 1994; Furman, Simon, Shaffer & Bouchey, 2002).

A qualidade dos relacionamentos pais-filhos como influenciadora dos relacionamentos amorosos posteriores está documentada (Hazan & Shaver, 1987; Collins & Read, 1990; Feeney, 1999). Porém Furman e Whener (1994), não desprezando o historial afectivo com os pais, consideram que as relações de amizade com os pares possuem um papel mais importante no romance adolescente. Integrando concepções da Teoria da Vinculação de Bowlby, da Teoria da Vinculação Romântica de Hazan e Shaver e da Teoria do Desenvolvimento Social da Personalidade de Sullivan, Furman e Wehner (1994), desenvolveram a Teoria da Visão Romântica, uma teoria sobre os relacionamentos românticos na adolescência.

Enquanto que Shaver e Hazan (1988) consideravam que os modos de vinculação precoce às figuras parentais prediziam os modos de vinculação nas relações românticas, Furman e Wehner (1994) encontram alguns problemas nesta asserção. As divergências assentam nos seguintes aspectos: a) a teoria clássica da vinculação e a teoria da vinculação romântica não são idênticas, pois não existe correspondência absoluta entre as classificações dos modos de vinculação enunciados pelos vários teóricos e há discrepâncias entre os modelos de si *versus* os modelos de outros, concordância suposta por Bowlby; b) no par amoroso as ligações entre os elementos não são apenas monogâmicas, pois a promiscuidade e a poligamia são estratégias reprodutivas frequentes; c) a teoria da vinculação romântica não explica totalmente a relação romântica, pois a colaboração, a afiliação e a simetria são características não completamente explicáveis através da vinculação e do cuidado (Furman & Whener, 1994; Furman, 1999).

Os contributos da Teoria do Desenvolvimento Social da Personalidade de Sullivan (1953) para a construção da Teoria da Visão Romântica assentam no reconhecimento de

cinco necessidades sociais básicas (i.e. ternura, companheirismo, aceitação, intimidade e sexualidade) que motivam as pessoas para interações situacionais, promovendo estados emocionais positivos. Considera Sullivan que em cada estágio do desenvolvimento (i.e. infância, meninice, era juvenil, pré-adolescência, adolescência inicial e adolescência tardia) existe um relacionamento chave (i.e. ternura, companheirismo, aceitação, intimidade e sexualidade) que satisfaz a necessidade (Furman & Wehner, 1994), conforme a figura 2.

Figura 2 Modelo de Emergência das Necessidades Sociais e Relacionamentos. Fonte: Adaptado de Furman e Wehner, 1994.

					Sexualidade Parceiro romântico	Estabelecer uma rede de relacionamentos interpersonais maduros
				Intimidade Amigo do mesmo sexo	Parceiro romântico Amigo do mesmo sexo/oposto	
		Aceitação Sociedade dos pares		Amizade do grupo	Amizade do grupo (<i>crowd</i>) gang	
	Companheirismo pais	Compares (<i>compeers</i>) pais		Amigos do mesmo sexo pais	Parceiro romântico Amigo do mesmo sexo/oposto	
Ternura pais	pais	pais		Amigos do mesmo sexo pais	Parceiro romântico Amigos do mesmo sexo/oposto	
Infância (0 a 2 anos)	Meninice (2 a 6 anos)	<i>Juvenile Era</i> (6 a 9 anos)	Pré-adolescência (9 a 12 anos)	Adolescência Inicial (12 a 16 anos)	Adol. tardia (17-23 anos)	

Sullivan (1953), referido por Furman e Wehner (1994) considera que no terceiro estágio (i.e. *Juvenile Era*: 6 a 9 anos) surgem duas mudanças no desenvolvimento: a) passagem do objecto primário dos pais para os pares, na “necessidade de companheirismo”, que mostra sucesso quando há domínio de trocas relacionais igualitárias e b) emergência da “necessidade de aceitação” pelos pares que apesar das diferenças, mostra sucesso quando não há exclusão ou ostracismo. No quarto estágio (i.e. pré-adolescência: 9 a 12 anos) emerge a “necessidade de intimidade”. A auto-revelação e a validação do mérito pessoal estão presentes nos relacionamentos com os amigos mais próximos, constituindo os alicerces para

as relações românticas. No quinto estágio (i.e. adolescência inicial: 12 a 16 anos) que se inicia com a puberdade, emerge o interesse sexual, que implica a modificação do objecto primário de atenção, do amigo do mesmo sexo, para o potencial parceiro romântico na “necessidade de intimidade”. Segue-se a descoberta da identidade sexual que dará resposta à “necessidade de sexualidade”. A abordagem do sexto estágio (i.e. 17 a 22-23 anos) por Sullivan é reduzida, consistindo no estabelecimento de uma rede de relacionamentos interpessoais maduros que levam a compromisso relacional amoroso (Furman & Wehner, 1994).

Conceptualização da Teoria da Visão Romântica

A teoria de Furman e Wehner tem como conceitos chave, os sistemas comportamentais e as visões românticas relacionais (Furman & Whener, 1994; Furman, 1999) que seguidamente se abordam.

Sistemas Comportamentais

Os sistemas comportamentais constituem processos de avaliação sobre, o sucesso/insucesso no atingir de metas, as emoções evocadas e as tendências que corrigem o sistema quando o conjunto de objectivos não é atingido. Os autores utilizam o conceito de Bretherton (i.e. 1985) para definir sistemas comportamentais, entendendo-os como sistemas de objectivos corrigidos para a manutenção de estabilidade indivíduo-envolvente e consideram os sistemas de afiliação, intimidade física, vinculação e cuidado.

Sistema Afiliativo. Consiste na predisposição humana para procurar e interagir com outros conhecidos (Furman 1999). Os pais são inicialmente figuras de afiliação, mas os pares, especialmente os amigos íntimos, tornam-se as figuras afiliativas no desenvolvimento adolescente (Furman & Wehner, 1994). No sistema de afiliação, as interacções são

adaptativas, nomeadamente a protecção face ao adverso e a cooperação, oferecendo oportunidades de mutualidade e altruísmo recíproco, aspectos que permitem a co-construção de uma relação (Furman, 1999). A natureza simétrica dos relacionamentos entre pares dá visibilidade ao sistema afiliativo, pois ao longo do desenvolvimento exprime-se na dinâmica móvel, desde a interacção colaboradora, para amizade íntima e posteriormente para intimidade romântica (Furman & Simon, 1999). É um dos primeiros sistemas a emergir no romance adolescente e a sua função primária é prover estimulação e prazer. A revisão de estudos empíricos mostra que os adolescentes mencionam no romance, características afiliativas mais frequentemente do que características vinculativas e cuidativas (Bouchey & Furman, 2003).

Sistema de Intimidade Física. Consiste na expressão da sexualidade que leva à atracção relativamente a determinada figura, que uma vez eleita pode entrar na partilha de comportamentos sexuais (Furman & Simon, 1999). A emergência deste sistema é importante no desenvolvimento, pela mudança da intimidade com os amigos para a intimidade romântica, mais restrita (Furman & Simon, 1999), mas a satisfação das necessidades sexuais só se torna central no relacionamento após a aquisição de algumas competências básicas na interacção com o sexo oposto (Furman & Wehner, 1997). Algumas das funções dos encontros afectivos (*dating*), consistem na recreação, busca de autonomia e *status* e treino de competências (Furman & Simon, 1999). O sistema de intimidade física torna-se saliente à medida que o adolescente passa mais tempo com os pares e explora sensações sexuais. Tal como o sistema afiliativo, é um dos primeiros sistemas a emergir nos relacionamentos românticos (Bouchey & Furman, 2003).

Sistema Vinculativo. Consiste na procura de proximidade e identificação de fonte de apoio relativamente a determinada figura. O sistema vinculativo emerge mais tarde nos relacionamentos românticos adolescentes uma vez que o estabelecimento é prolongado.

Torna-se mais saliente na adolescência tardia e juventude, não sendo esperado que o parceiro romântico seja identificado como principal figura de vinculação na adolescência inicial (Bouchev & Furman, 2003; Furman & Whener, 1994).

Sistema Cuidativo. Consiste na oferta de cuidado à figura de referência no sentido de a proteger. O sistema cuidativo conduz os cuidadores a atender e responder aos sinais e necessidades da pessoa a que está vinculado. O indivíduo torna-se assim provedor de bem-estar. Nos relacionamentos românticos, tal como o sistema de comportamento vincutivo, surge mais tarde à medida que os relacionamentos se tornam prolongados (Furman & Wehner, 1994; Bouchev & Furman, 2003; Furman, 2002).

Visões Românticas Relacionais

O segundo conceito chave da teoria é o de “Visões Românticas Relacionais”, que no entender dos autores se reporta a percepções conscientes e inconscientes de uma relação particular, do si mesmo (*self*) nesse tipo de relações e do parceiro no contexto dessa relação. As visões relacionais românticas incorporam dois componentes distintos, nomeadamente 1) estilos relacionais conscientes ou percepções das relações e 2) estilos inconscientes ou modelos operantes (*Working Models*).

Estas visões são moldadas pela natureza das interações e experiências na relação singular, por experiências passadas em relacionamentos semelhantes e por experiências passadas noutras relações (Furman & Wehner, 1994; Furman & Wehner, 1997). Consideram os autores que as visões românticas não são o reflexo de um sistema comportamental isolado, mas referem-se a um quadro do funcionamento dos diferentes sistemas nos relacionamentos.

Os Estilos Relacionais Conscientes nos diferentes sistemas comportamentais (i.e. afiliação, vinculação, cuidado e sexualidade) são percepções da representação cognitiva do relacionamento com determinada figura. São mensuráveis através de instrumentos de auto-

preenchimento, o Behavioral Systems Questionnaire (BSQ) (Furman & Wehner, 1994; Furman & Wehner, 1997; Furman, 1999).

Os Estilos Inconscientes ou Modelos Operantes Internos são as representações dos relacionamentos, que estão internalizadas, reflectindo processos automatizados nos relacionamentos com as figuras de referência. São mensuráveis através de entrevista com interpretação posterior por técnico com preparação específica (Furman & Wehner, 1994; Furman & Wehner, 1997; Furman, 1999).

É espectável que os dois componentes estejam relacionados na medida em que se influenciam, mas podem-no estar modestamente, pois por exemplo, a experiência de rejeição afectiva anterior pode não ser absolutamente consciencializada, facto observável nas pessoas, que como estratégia de protecção, diminuem a importância da relação passada (Furman & Wehner, 1994; Furman & Wehner, 1997).

À medida que estabelecem relacionamentos românticos os adolescentes são influenciados pelas visões e experiências de outros tipos de relação, ou seja, quando os diferentes tipos de sistemas comportamentais são activados, predispõem-se a responder aos parceiros românticos de maneira condicente com experiências passadas, nomeadamente com os pais. Porém, os pais são as figuras chave no sistema afiliativo e assim as experiências afiliativas (i.e. amizades) serão os predictores mais forte dos aspectos afiliativos do relacionamento romântico (Furman & Wehner, 1994). Apesar de os autores reconhecerem que os modelos operantes reflectem experiências presentes e passadas, consideram que a estrutura da Teoria da Visão Romântica coloca maior ênfase na especificidade de um relacionamento particular.

Tipologia das Visões Relacionais Românticas

Os autores consideram que a terminologia utilizada pelos teóricos da vinculação na definição dos estilos seguro, ansioso-evitante (*dismissing*)¹ e ansioso-ambivalente (*preoccupied*)² pode ser aplicada à presente teoria (Furman & Wehner, 1997; Furman, 1999; Furman et al, 2002). A tradução para português de *dismissing* como “evitativo” e de *preoccupied* como “inquieto”, procurara ser fiel à ideia dos autores, uma vez que os próprios, na apresentação da teoria privilegiam a utilização de termos numa só palavra (i.e. *dismissing* e *preoccupied*) em detrimento das expressões ansioso-evitante e ansioso-ambivalente.

Definem da seguinte maneira: a) visões relacionais românticas seguras consiste na procura de proximidade do parceiro em alturas de tensão, valorização do cuidado, concepção do sexo como expressão de intimidade, ênfase dos aspectos de mutualidade e amizade nas relações românticas. As pessoas com este tipo de visão embora reconheçam que podem ter tido experiências românticas adversas, continuam a desejar relacionamentos de proximidade; b) visões relacionais românticas evitativas consiste na rara identificação do parceiro como recurso, pouco interesse em oferecer cuidado, concepção do sexo como oportunidade para experimentação e auto-gratificação, valorização da actividade mais do que do investimento na companhia do parceiro. Regra geral, pessoas onde domina este tipo de visão iniciam o terminar da relação romântica; c) visões relacionais românticas inquietas consiste na dificuldade ou insatisfação em sentir-se confortado pelo parceiro quando está em tensão, na sobre-preocupação com os problemas do parceiro oferecendo cuidado exagerado, na utilização do sexo como meio para salientar o seu próprio merecimento e sobre-investimento no relacionamento de maneira sofredora ou dependente. Regra geral as pessoas com este tipo de visão arrastam relacionamentos ainda que não se sintam bem (Furman & Wehner, 1994; Furman et al, 2002; Furman, 1999).

¹ Traduzido para português como “Evitativo” no sentido de desapego ao outro, na medida em que está latente a pouca disponibilidade para afeição ao parceiro.

² Traduzido para português como “Inquieto”, no sentido da preocupação com a relação, na medida em que está latente a desproporção da afeição oferecida e percebida no parceiro.

Passos no Relacionamento Romântico Adolescente

O parceiro romântico torna-se uma figura progressivamente relevante nos quatro sistemas comportamentais. Furman e Whener (1994) identificam uma sequência de passos no relacionamento amoroso do adolescente (i.e. permuta simples, namoro ocasional, relacionamento estável e relacionamento de compromisso) que se interliga com a emergência dos sistemas comportamentais.

Nas duas primeiras fases (permuta simples e namoro ocasional), após o desenvolvimento de capacidades de interação com possíveis parceiros e a partir de sensações de conforto, podem emergir comportamentos afiliativos e possível experimentação sexual em uma ou várias relações de curta duração. A ocorrência destes passos é variável de adolescente para adolescente e embora previsível, depende da influência da família, prestígio do adolescente, normas do grupo e maturidade do indivíduo. A afiliação e a intimidade física são os sistemas comportamentais mais centrais no início dos relacionamentos românticos (Simon, Bouchey & Furman, 2000). Nas últimas fases (relacionamento estável e compromisso), pela maior duração, o parceiro romântico pode tornar-se figura de vinculação e receptor de cuidados. Estes passos, diferentemente dos anteriores são especialmente regulados pela própria relação romântica e pela maturidade do sujeito (Furman & Whener, 1994).

Embora a visão romântica seja influenciada por experiências de outro tipo de relações, não é estática, pois existe desenvolvimento, que é função da própria relação, tornando-se mais elaborada (Furman & Wehner, 1994). Se a visão romântica se torna mais ou menos segura com o desenvolvimento da relação é uma questão crítica que pode acontecer no romance específico. Um adolescente mais competente no cuidado oferecido, na procura de vinculação, na afiliação e na gratificação sexual, tem possibilidade de ser bem sucedido e desenvolver uma visão romântica segura. Contudo adolescentes evitativos podem seleccionar parceiros ou estabelecer relações que reforcem a sua visão evitante. Tais pessoas tornam-se

mais hábeis/competentes em desenvolver relações que reforçam o desapego. A ideia fundamental é que a visão é afectada pelas experiências românticas e por seu lado afecta a experiência romântica (Furman & Whener, 1994).

Se os relacionamentos românticos trazem benefícios pessoais e sociais, existe também a evidência de que podem comportar problemas em termos da saúde sexual e reprodutiva (Noar, Zimmerman & Atwood, 2004), levando a considerar-se nos capítulos seguintes o desenvolvimento sexual e os comportamentos de sexo seguro.

Capítulo 2. DESENVOLVIMENTO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período de transição que integra os fenómenos pubertários, iniciando-se em média aos 11.5 anos nos rapazes e aos 10,5 anos nas raparigas e durando aproximadamente três a quatro anos. Passada a turbulência pubertária, segue-se o amadurecimento, que nos rapazes se desenrola aproximadamente entre os 13,5 e os 17 anos e nas raparigas entre os 13 e os 18 anos (Lopez & Oroz, 1999, Lopez & Fuertes, 1999; Hotved, 1990; DeLamater & Friedrich, 2002). Alguns estudos mostram que a memória adulta do auto-reconhecimento pubertário é nos homens cerca dos 13.13 anos e nas mulheres 11.92 anos aproximando-se da idade da espermarca/menarca (Ostovich & Sabini, 2005).

Entre os 9-13 anos a gonadarca instala-se, os níveis das gonadotrofinas (i.e. FSH e LH) e a produção dos esteróides sexuais gonadais sobem, factos que promoverão o aparecimento dos caracteres sexuais secundários (Nottelmann et al, 1990). Há aumento estatoponderal rápido, crescimento e frisão do pelo axilar e pubiano, distribuição diferente do tecido adiposo e muscular e desenvolvimento de características específicas do sexo (i.e. mamário, pelo facial), entre outros (López & Fuertes, 1999; Miller & Benson, 1999). O indivíduo robustece-se fisicamente, aspecto comprovável através do Índice de Massa Corporal (IMC), factor importante nos relacionamentos entre pares dada a preocupação do indivíduo sobre a sua aparência (Sunder, 2006; Brown, 1999). A resposta sexual torna-se evidente para o adolescente e os episódios de auto-estimulação sexual são frequentes (DeLamater & Friedrich, 2002).

Factores de vária ordem influenciam o desenvolvimento. Agressões auto-infligidas ou desencadeadas no envolvente, retardam o desenvolvimento, por exemplo traumas emocionais, exercício físico intenso ou aporte alimentar deficiente (i.e. anorexia). Por outro lado, o excesso ponderal, a rejeição parental, a ausência da figura paterna (i.e. afastamento,

divórcio), os conflitos familiares ou a vinculação insegura estão associados à antecipação da puberdade, sendo patente nas raparigas através da precipitação da menarca (Cameron, 1990; Hopwood, Kelch, Hale, Mendes, Foster & Beitins, 1990; Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Rodgers & Bard 2003 citam Belsky, 2000).

Bancroft (1989) propõe, numa visão integradora, um modelo de desenvolvimento sexual que seguidamente se apresenta.

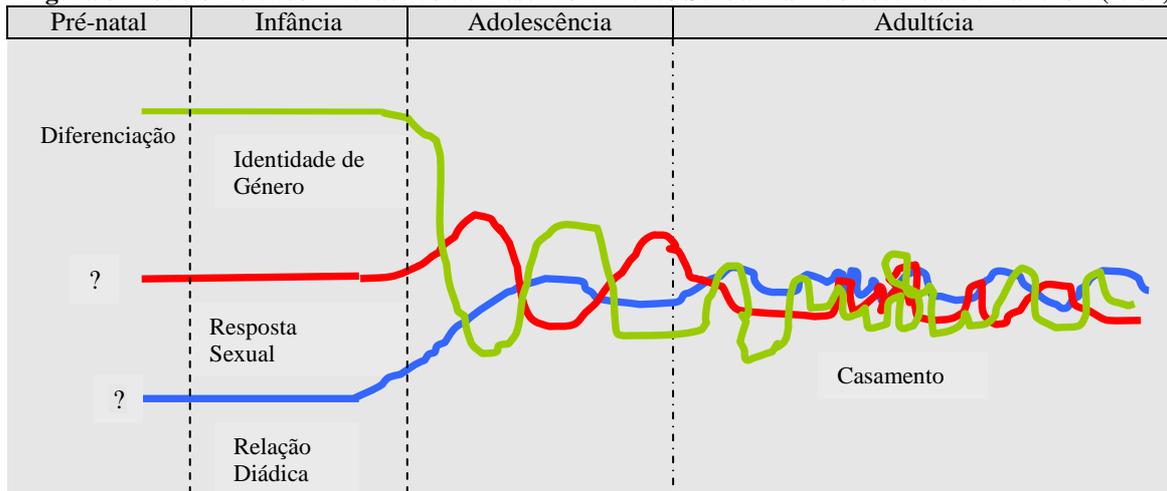
Modelo Eclético Interactivo do Desenvolvimento Sexual na Adolescência.

O Modelo Eclético Interactivo do Desenvolvimento Sexual na Adolescência de Bancroft (1989) apoia-se nas teorias de Erikson de 1950 e de Gagnon e Simon de 1973. Considera o autor, no seguimento de Erikson, que o indivíduo entra na adolescência com um potencial de competências relevantes para os encontros sexuais (i.e. capacidade para intimidade e confiança), que apesar de não serem exclusivas deste tipo de interacções, têm efeitos na sexualidade adulta, mostrando a importância do seu desenvolvimento. O autor reconhece nos *scripts* de Gagnon e Simon os modelos comportamentais que normalizam no grupo de pares, o exercício da sexualidade adolescente, em conformidade com a valorização sócio-cultural. Assim o modelo de Bancroft é desenvolvido numa perspectiva que agrega aspectos biológicos e psico-sociais.

O Modelo Eclético Interactivo considera no desenvolvimento sexual da pessoa, duas dimensões fundamentais: 1) estádios e 2) elementos (*strands*). O autor enuncia seis estádios: a) pré-natal, b) infância, c) adolescência e adultícia, d) casamento ou relação estável, e) parentalidade precoce e tardia e f) meia-idade. Enuncia também, em cada estádio, três elementos principais: a) diferenciação sexual e desenvolvimento da identidade de género, b) resposta sexual e c) capacidade para relacionamentos de intimidade (Bancroft, 1989/1990).

Os três elementos desenvolvem-se de maneira independente no estágio pré-natal e na infância, aproximando-se no início da adolescência e levando a justaposição posterior na sexualidade adulta (figura 3). Embora existam fases de reorganização dos três elementos na adultícia, que espelham as crises de desenvolvimento, é no estágio da adolescência que se encontra o substrato das interações entre os elementos (Bancroft, 1989).

Figura 3 Modelo Eclético Interactivo de Desenvolvimento Sexual na Adolescência de Bancroft (1989)



Na adolescência a estabilidade da identidade de género alcançada na infância é alterada, surgindo confusão temporária, pois alguns dos critérios de masculinidade e feminilidade tornam-se inaplicáveis. As modificações físicas sucedem-se, o adolescente não as controla e não vislumbra o seu final, factos que vulnerabilizaram a auto-confiança e a posição no grupo de pares. Os comportamentos sexuais tornam-se o meio através do qual renegocia a masculinidade/feminilidade na adolescência inicial e assim o caminho para a reorganização da identidade de género. Os padrões sócio-culturais são admitidos ou rejeitados, podendo as orientações das figuras parentais e dos pares tornar-se conflitantes nos diversos aspectos referentes à sexualidade (Bancroft, 1990). A orientação sexual na adolescência inicial situa-se na auto-atribuição, quando o indivíduo começa privadamente a caracterizar-se, de acordo com os seus sentimentos e respostas, face às informações oferecidas pelos grupos sociais. A forma como o adolescente reage a esta auto-atribuição

depende da concordância ou divergência com a identidade de gênero, da capacidade para lidar com a intimidade e com o desejo sexual (Bancroft, 1989/1990). A atribuição social surge em sequência exigindo a identificação de pertença a um dos gêneros (Bancroft, 1989)

A resposta sexual é observada pelo próprio adolescente, contudo existem diferenças de acordo com o sexo. Nos rapazes o auto-erotismo é geralmente aprendido no grupo de amigos, enquanto nas raparigas a sua descoberta é geralmente de forma mais privada, aspectos que estão intrinsecamente relacionados com a anatomia corporal e a socialização. As modificações hormonais levam, nos rapazes ao aumento da frequência da erecção, polução nocturna, excitação sexual e masturbação, mantendo-se o auge da resposta sexual aproximadamente por um a dois anos. A erecção pode surgir em ocasiões de tensão, que não propriamente sexuais, tornando-se específica para situações sexuais à medida que o indivíduo se desenvolve (Ramsey, 1943 citado por Bancroft, 1989; Fuertes, 1996). A testosterona é inicialmente o maior predictor da motivação para o coito, decrescendo a sua importância pela mudança de impacto da testosterona na excitabilidade sexual, devido à sucessão de desenvolvimento no que se refere ao número e sensibilidade dos receptores (Bancroft, 2005 cita Udry et al, 1985 e Halpern et al, 1993). Nas raparigas os níveis de testosterona sobem com a aproximação da puberdade, mas de maneira menos dramática que nos rapazes (Bancroft, 2005) e embora sensíveis ao ambiente hormonal que incrementa o interesse sexual e a auto-estimulação genital, o quadro é um pouco diferente pois dominam os aspectos sociais, nomeadamente o “efeito do grupo de pares” (Bancroft, 1989; Fuertes, 1996; Bancroft, 2005 cita Udry 1986). Observou-se por exemplo que aquelas que têm amigos íntimos sexualmente activos de ambos os sexos têm maior possibilidade de iniciar relações sexuais, quando comparadas com outras cujas amigas não têm experiência de coito (Billy & Udry, 1985 citados por Udry, 1990; Wyatt, 1990; Jaccard, Blanton & Dodge, 2005).

Relativamente ao elemento intimidade na sexualidade adolescente, Bancroft (1989) pressupõe uma evolução de amadurecimento no relacionamento do par. Os comportamentos sexuais em ambos os sexos têm uma sequência típica que se inicia com o encontro social, passando a expressões de maior intimidade e privacidade tais como o beijo, *petting* e coito (Bancroft, 1989). A sequência dos actos íntimos do par adolescente é comprovada por Carver, Joyner & Udry (2003), mostrando que cerca dos 14-15 anos há incrementação do *petting* e aproximadamente entre os 16 e os 19 anos ocorrerá o coito. Os encontros afectivo-sexuais, onde os adolescentes experimentam as diferentes formas de intimidade sexual são importantes para o desenvolvimento, na medida dos contributos que oferecem para as ligações posteriores do casal e para a formação da família (Bancroft, 1989; Carver, Joyner & Udry, 2003). Os relacionamentos têm regra geral um percurso característico. As manifestações iniciais geralmente não são proscritas no espaço público, especialmente no grupo de amigos (i.e. beijo, toque corporal afectivo-social) passando a requerer progressivamente maior privacidade (i.e. *petting*, coito). Em geral as primeiras ocorrem cerca dos 15-16 anos e sensivelmente algum tempo depois, cerca dos 17-18 anos surgem relacionamentos mais sérios que incluem o coito (Regan et al, 2004).

O desenvolvimento sexual do indivíduo é acompanhado pela iniciação de relacionamentos onde ocorrem interacções sexuais, constituindo um símbolo de diferenciação quer para o adolescente, quer para o grupo, pois passa a ver-se e a ser visto pelos pares num *status* diferente (Brown, 1999; Udry, 1990).

2.1 Comportamentos Sexuais na Adolescência

Nos humanos os comportamentos com conotação sexual estão encadeados num percurso típico, com maior ou menor duração. Freund e Kolarsky (1965, citados por Freund & Watson, 1990), identificam quatro fases na sucessão das interacções eróticas e sexuais: 1) localização e avaliação de possível parceiro, traduzível no lançar do olhar sobre os presentes, 2) interacção pré-táctil através do sorriso, do olhar intencional ou provocatório, da postura dirigida e de entabulação de conversa, 3) interacção táctil, com abordagem ao espaço corporal e 4) união genital consumada, através do coito. Estudos empíricos comprovam estas fases. Por exemplo, em população com idades entre os 11 e os 16 anos, Alvarez-Marante (2002) observou que as maneiras de revelar o interesse ao potencial parceiro passavam por tácticas não verbais (i.e. contacto visual, postura atractiva, movimentação no campo visual do outro, aproximação) e verbais (i.e. provocação de assunto, auto-apresentação, cumprimento lisonjeiro, convite para interacção). É desejável que estes comportamentos se desenvolvam no processo de maturação afectivo-sexual do indivíduo, pois a retenção em alguma destas fases é problemática podendo constituir desordens parafílicas (Freund & Watson, 1990).

Nas pesquisas é comum considerar-se os comportamentos sexuais dos adolescentes numa forma dicotómica (i.e. presença de relações sexuais *versus* ausência de relações sexuais), contudo tal perspectiva é problemática, pois não capta expressões alternativas da intimidade sexual no sentido da diversidade possível (Whitaker, Miller & Clark, 2000; Remez, 2000; Halpern-Felsher, Cornell, Kropps & Tschann, 2005). Esta tendência, próxima da perspectiva de abstinência/não abstinência e da denominação de sexualmente activo/sexualmente inactivo mostra algumas fragilidades. Dada a maleabilidade das práticas sexuais, as denominações 1) a ausência de relações sexuais, 2) sexualmente não activo e 3) abstinente, podem referir-se tanto a inexistência total de interacções sexuais, como contemplar actividades que apenas excluem o coito pénis-vagina (Fortenberry, 2005;

Brückner & Bearman, 2005). Para compreender de maneira mais ampla os comportamentos sexuais dos adolescentes, outras tipologias surgiram. Por exemplo Whitaker, Miller e Clark (2000) sugerem critérios com base 1) na expectativa para ter sexo num determinado limite temporal (i.e. adiadores, antecipadores) nos adolescentes que ainda não se iniciaram e 2) no número de parceiros envolvidos (i.e. singular, múltiplos), nos adolescentes já iniciados. Outros critérios para classificação de verdadeiras “relações sexuais com um parceiro” são propostos pelos próprios adolescentes e reportam-se por exemplo à presença/ausência de orgasmo (Bogart, Cecil, Wagstaff, Pinkerton & Abramson, 2000).

Estas visões, não especificam contudo os comportamentos sexuais dos adolescentes, pois na sua abrangência, não identificam algumas actividades importantes. Quando questionados sobre comportamentos sexuais, uma vez que a estimulação erótico-oral não envolve necessariamente o coito pénis-vagina, a interpretação dos adolescentes pode ser ambígua, levar à omissão de auto-declarações e à perda de dados. Por exemplo, para alguns adolescentes, o significado dos contactos oro-genitais não é conotado com “fazer sexo com um parceiro”, tal como observaram Sanders e Reinisch (1990) e Bogart et al (2000). Estes aspectos não são desprezíveis, se considerarmos as implicações que podem ter no bem-estar físico ou psico-social do adolescente os comportamentos sexuais oro-genitais ou genito-genitais (Remez, 2000; Whitaker, Miller & Clark, 2000; Halpern-Felsher et al, 2005; Gates & Sonenstein, 2000; Schwartz, 1999), concorrendo para a ideia de que a iniciação sexual não pode ser identificada com o primeiro coito (Pedersen, Samuelsen & Wichstrom, 2003). Por exemplo um estudo de Gates e Sonenstein (2000), observou que os comportamentos sexuais dos rapazes de 15 anos, referidas ao coito pénis-vagina representavam um pouco menos que um terço (28%) das experiências dos sujeitos, contudo, considerando todo o outro reportório (i.e. manipulação genital, sexo oral, anal etc), a representação das experiências sexuais envolviam quase metade dos seus participantes (48%).

No presente estudo faz-se a distinção entre comportamentos sexuais de coito, aqui entendidos como actos sexuais com penetração pénis-vagina e comportamentos sexuais pré-coitais, aqui definidos como outras actividades sexuais que incluem 1) contactos de aproximação à genitália sem penetração, 2) sexo oral recebido/praticado sobre parceiro. A ocorrência de sexo anal é avaliado no estudo empírico, mas não é desenvolvido uma vez que a sua representação, comparativamente às outras interacções sexuais, é baixa entre adolescentes (Gates & Sonenstein, 2000; Bogart et al, 2000).

2.1.1 Comportamentos Pré-coitais

Os comportamentos pré-coitais são práticas de intimidade sexual em que o clímax pode ou não ser atingido, mas o coito no sentido da penetração pénis-vagina não é consumado, reconhecendo-se que são predictores dos comportamentos coitais (Pedersen, Samuelsen & Wichstrom, 2003 citam Jakobsen, 1997; Forste & Haas, 2002). Os comportamentos pré-coitais entre adolescentes são 1) a manipulação genital, 2) as práticas oro-genitais executadas, 3) práticas oro-genitais recebidas, 4) o contacto genito-genital e 5) práticas de sexo anal, tendo estes dois últimos pouca representação na pesquisa (Zapian, 1993; Oliva, Serra & Vallejo, 1993; Gates & Sonenstein, 2000; Halpern-Felsher et al, 2005).

2.1.1.1 Comportamentos de Manipulação Genital

Os comportamentos de manipulação genital são das primeiras manifestações heteroeróticas utilizadas pelos adolescentes e podem ser uma forma positiva de progressão na sua carreira afectivo-sexual, quer do ponto de vista individual quer do relacional, pois permitem o conhecimento das respostas sexuais do próprio e do parceiro (Zapian, 1993). Se em alguns pares se instala durante bastante tempo antes da opção pelo coito, noutros a duração é curta, antecedendo a decisão imediata para relações sexuais (Gates & Sonenstein, 2000). Têm representação significativa entre os adolescentes, observando-se por exemplo no

estudo de Oliva, Serra e Vallejo (1993) que com menos de três meses de namoro 73% dos rapazes e 52.5% das raparigas receberam carícias genitais. Têm expressão crescente entre os adolescentes, observando Gates e Sonenstein (2000) que entre 1988 e 1995 os rapazes americanos (i.e. 15-19 anos) que referiam ter sido genitalmente estimulados por raparigas cresceu de 40 para 53%. Os comportamentos de manipulação da genitália não são exclusivos dos relacionamentos amorosos com maior compromisso, pois também nos relacionamentos de amizade sem cariz romântico estas práticas são observadas (Fuiman, Yarab & Sensibaugh, 1997 citado por Afifi & Faulkner, 2000).

Os comportamentos de estimulação manual da genitália do parceiro não têm expressão significativa nos riscos de IST, são porém o anunciar de maior intimidade, nomeadamente dos comportamentos oro-genitais e de coito (Gates & Sonenstein, 2000).

2.1.1.2 Comportamentos Oro-genitais

A maior aprovação actual quanto ao sexo oral (Gagnon & Simon, 1987) e os diversos entendimentos dos adolescentes sobre o conceito de relações sexuais *versus* abstinência (Remez, 2000; Gelperin, 2004) influenciam as suas práticas sexuais. Observa-se em alguns estudos que os comportamentos oro-genitais possuem actualmente maior prevalência entre a população jovem (Gates & Sonenstein, 2000; Martinez, 2000), tendo tanta ou maior representação que o coito pénis-vagina (Newcomer & Udry, 1985; Sanches, Teixeira & Rodrigues Jr., 1991; Halpern-Felsher et al, 2005). O estudo de Schwartz (1999) documenta por exemplo que antes da primeira consumação de coito pénis-vagina, a maioria dos adolescentes refere experiências de *felatio* e *cunnilingus*.

Nos comportamentos sexuais oro-genitais há diferenças entre os sexos quanto aos papéis desempenhados, observando-se que os rapazes se identificam mais frequentemente

como receptores de estimulação, do que estimuladores da sua parceira (Gates & Sonenstein, 2000; Oliva, Serra & Vallejo, 1993).

No tempo relacional do par romântico adolescente as práticas oro-genitais ocorrem actualmente relativamente cedo, observando-se no estudo de Oliva, Serra e Vallejo (1993) que com namoros mais curtos que três meses, 41.3% dos rapazes e 29% das raparigas referem ter já recebido sexo oral. De acordo com Gelperin (2004), vários factores, na perspectiva dos adolescentes, concorrem para a opção por práticas de sexo oral: 1) não necessita nudez integral, 2) leva pouco tempo, 3) pode manter a virgindade, 4) não envolve contacto visual com o parceiro, 5) não necessita de método contraceptivo, 6) não necessita de consulta médica anterior, considerando a maior parte dos adolescentes que não é veículo de transmissão de IST.

O sexo oral pode ocorrer também no contexto de relacionamentos de amizade, não sendo exclusivo do romance. Em adolescentes de sexo oposto com relacionamentos de amizade, observou-se por exemplo que estas práticas possuem um significado sexual menos ambíguo, no sentido de não expressar necessariamente compromisso, comparativamente a actividades sexuais de carácter mais superficial, como dar as mãos e abraçar que são entendidas, porventura por serem públicas, como a existência de algum tipo de laço amoroso (Shaffer, 2001).

Embora as práticas oro-genitais estejam protegidas relativamente a algumas IST por factores biológicos, existe a susceptibilidade à contaminação por vírus (i.e. papiloma vírus, hepatite B, herpes simplex) ou bactérias (i.e. clamídia, gonorreia). Na medida da assintomatologia de algumas infecções, acrescentam-se riscos para o próprio no imediato próximo, riscos de disseminação se a cadeia de interacções sexuais é alargada e riscos de complicações a maior prazo (i.e. infertilidade na idade adulta) (Edwards & Carne, 1998a; Edwards & Carne, 1998b; Remez, 2000; Bearman, Moody & Stovel, 2004).

As práticas oro-genitais são experimentadas pelas raparigas de maneiras diferentes, enquanto algumas sentem empoderamento, pois exercem algum controlo sobre o prazer do parceiro, outras sentem-se pressionadas e exploradas (Gelperin, 2004). Os autores divergem um pouco na interpretação das implicações emocionais que o sexo oral pode ter, pois enquanto alguns afirmam que tais práticas não são reconhecidas como íntimas, contrariamente às gerações anteriores (Gelperin, 2004; Remez, 2000 cita comunicação de Rosenthal, 2000) outros autores consideram que há riscos pela exploração emocional, frequentemente associada a consumo de álcool (Remez, 2000 cita comunicação de Roffman, 2000). No contexto das consequências que as práticas sexuais podem ter para a moral ou para a saúde, os movimentos de abstinência têm efeito limitado, não existindo diferenças significativas entre os indivíduos que fizeram e não fizeram promessas de virgindade, pois os primeiros são praticantes mais frequentes de sexo oral (Brückner & Bearman, 2005; Miller, Clark, Wendell, Levin, Gray-Ray, Velez & Webber, 1997).

Modelo de Comportamentos Pré-coitais na Adolescência

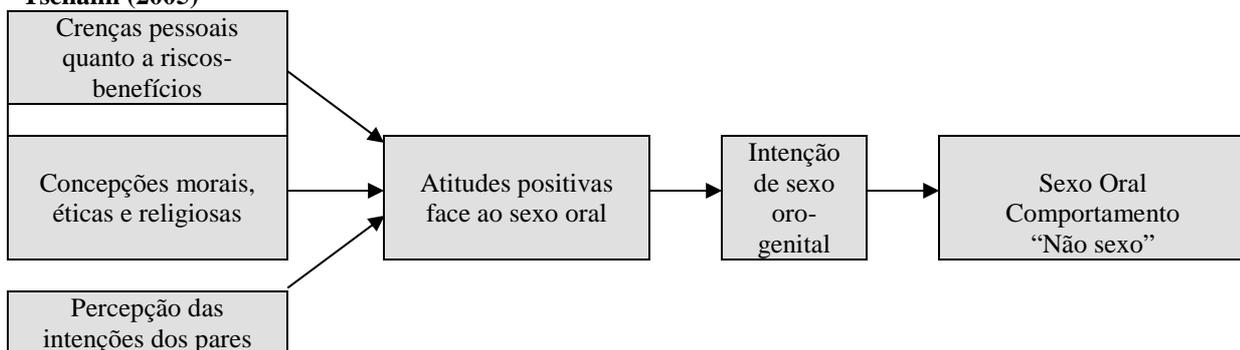
O modelo de comportamentos sexuais pré-coitais de Halpern-Felsher et al (2005) foi construído a partir da observação empírica e incide sobre a relação entre as práticas de coito vaginal *versus* o sexo oral entre os adolescentes. A população envolvida, etnicamente variada, possuía enquadramento sócio-económico diversificado e considerava adolescentes com média de idades de 14,58 anos (d.p.=.56). Os autores inquiriram os participantes quanto a: a) intenções e práticas de sexo oral e vaginal, b) estimativa das oportunidades de risco e benefícios de sexo oral e vaginal, c) atitudes face à participação no sexo oral e vaginal e d) percepção do investimento dos pares e das suas intenções quanto a sexo oral e vaginal.

Observaram que os adolescentes referiam práticas de sexo oral mais frequentes do que o coito vaginal (i.e. 19.6% *versus* 13.5%). No entender dos participantes o sexo oral teria

menores riscos e mais benefícios, com diferenças estatisticamente significativas quanto a 1) aquisição de IST (i.e. clamídia e HIV), 2) emoções pessoais (i.e. sentir-se culpado e mal consigo), e 3) relacionais (i.e. ter má reputação, piorar relacionamentos). Alguns participantes (13-14%) consideravam nula a possibilidade de contrair IST através do sexo oral, mas grande parte identificava maior prazer no coito vaginal que o sexo oral. As intenções de ter sexo oral nos próximos seis meses suplantavam as intenções de coito vaginal (i.e. 31.5% *versus* 26.3%). No que se refere a diferenças entre os sexos, embora os rapazes tivessem tido mais vezes que as raparigas experiências conjuntas (i.e. sexo oral mais vaginal), as mulheres tinham maior representação de sexo oral quando tomado como prática isolada.

Relativamente a atitudes, os adolescentes consideravam que na sua idade era mais aceitável o sexo oral, quer nos relacionamentos mantidos, quer naqueles sem ligação de maior importância, considerando-se muito novos para experiências coitais, pois não se enquadravam nas suas concepções morais, éticas ou religiosas. A percepção de comportamentos de sexo oral entre os seus pares era elevada, assim como a suposição de que os amigos adiariam o coito vaginal até ao casamento. Apesar dos autores não apresentarem graficamente o modelo, ensaia-se na figura 4 uma representação possível.

Figura 4 Adaptação do Modelo de Comportamentos Oro-genitais de Halpern-Felsher, Cornell, Kropps & Tschann (2005)



O modelo de Halpern-Felsher et al (2005) mostra que o sexo oral é conceptualizado por alguns adolescentes como “não sexo”. Ou seja, estes adolescentes recusam identificar actividades sexuais pré-coitais como expressões de comportamento sexual. Porém os

comportamentos que classificam como “não sexo”, e que são medidas protectoras na preservação da “virgindade”, possuem objectivos sexuais, nomeadamente a experiência de prazer.

Os autores sublinham que o alheamento dos educadores a comportamentos sexuais pré-coitais, torna desprezíveis elementos importantes para a prevenção de problemas da saúde dos adolescentes. Também Gelperin (2004) alerta para a necessidade da preparação dos adultos educadores face à necessidade de abordar a temática na educação, perante estes novos comportamentos dos adolescentes.

2.1.2 Comportamentos Coitais

Os comportamentos coitais possuem no início da adolescência uma conotação negativa, de contenção ou desviante, tornando-se normativos ou aceitáveis na adolescência tardia (Pedersen, Samuelsen & Wichstrom, 2003; Bates, Alexander, Oberlander, Dodge & Pettit, 2003). A primeira experiência de coito é um acontecimento importante para o adolescente, ocorrendo frequentemente sem previsão ou antecipação programada em ambos os sexos (Pedersen, Samuelsen & Wichstrom, 2003; Oliva, Serra & Vallejo, 1993). Contudo a maior intencionalidade do acontecimento, o seu planeamento, contrariamente à resolução espontânea de coito no imediato, está associada a experiências mais positivas (Smiler et al, 2005).

Nos adolescentes, o coito pode ocorrer quer em relacionamentos românticos, quer em relações de amizade. No estudo de Shaffer (2001) observou-se por exemplo que amigos de sexo oposto que tinham chegado a interações de coito, concordavam maioritariamente que tinham tido efeitos positivos no seu relacionamento de amizade, a maioria desejava manter este tipo de relação, mas poucos eram aqueles que tinham vontade ou expectativas de atingir um relacionamento de compromisso no futuro.

Em revisão de literatura constata-se que a iniciação aos comportamentos coitais está associado a vários factores, facto que leva a considerar seguidamente a idade, o sexo, a aparência física, o envolvente familiar e o grupo de pares, supondo-os como mais representativos, seguindo-se uma abordagem ao número e tipo de parceiros sexuais. Após estas considerações revêem-se alguns modelos teóricos de transição para o coito.

2.1.2.1 A Iniciação no Coito a Idade e o Sexo

A idade em que a pessoa se inicia nas experiências de coito é um aspecto que se enquadrado no envolvente sócio-cultural e isso é observável em sociedades multiculturais como a americana. Em estudos recentes nos Estados Unidos da América, observou-se que os adolescentes com ascendência asiática são mais tardios que os descendentes de africanos e latino-hispânicos (Regan et al, 2004; Santelli, Kaiser, Hirsch, Radosh, Simkin & Middlestadt, 2004). Um paralelo entre o continente americano e alguns países europeus (Berne & Huberman, 1999) respeitante ao período 1994-1998, mostrou que na década de noventa, os adolescentes americanos se iniciam em média cerca dos 15,8 anos, os alemães e franceses cerca dos 16.2 e 16.8 anos, respectivamente e os holandeses, país onde a informação à sexualidade adolescente conta várias décadas, se iniciam aos 17.7 anos.

Em população socialmente desfavorecida os indivíduos iniciam-se mais cedo e têm maior frequência de episódios de coito (O'Donnell, O'Donnel & Stueve, 2001). Porém, apesar da iniciação precoce no coito ser muitas vezes conceptualizada num quadro de problemas psico-sociais e de fracos recursos sócio-familiares, o início também está associado a factores que variam com estádios mais precoces ou avançados da adolescência (Pedersen, Samuelsen & Wichstrom, 2003; Santelli et al, 2004). No estudo longitudinal de Santelli et al (2004) observou-se que a maior auto-eficácia em assuntos sexuais constituía um efeito

protector numa primeira fase (i.e. início do 7º ano), enquanto que numa fase posterior (i.e. final do 8º ano), estava associada a maior probabilidade de iniciar o coito.

Em Portugal o Inquérito à Fecundidade e Família realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 1997, documentava que os homens nascidos entre 1943-1947, referiam a idade de iniciação ao coito cerca dos 17.3 anos, aproximadamente a mesma que aqueles nascidos em 1973-1977. Nas mulheres observou-se contudo um decréscimo na idade de iniciação, pois enquanto as nascidas entre 1948-1952 referiam o primeiro episódio de coito aos 21.5 anos, as nascidas entre 1973-1977, referiam a iniciação coital cerca dos 19.8 anos (INE, 2002). Sensivelmente a meio da década de 90, Pais (1996, citado por Nodin, 2001) observou que em média os portugueses se iniciam entre os 16-17 anos. Porém os dados de um relatório português mais recente (Matos, 2003), sugerem que a idade de iniciação baixou, pois a percepção dos adolescentes que frequentam o 8º e o 10º ano (i.e. 12-16 anos) é de que mais de metade (53.9%) dos jovens da sua idade tinham relações sexuais. Dos participantes no estudo que têm tal percepção, cerca de metade (46.7%) supõe que a iniciação ocorre sobretudo entre os 14-15 anos. Contudo no mesmo estudo, a idade ideal para o primeiro coito, enunciada pelos adolescentes que ainda não se tinham iniciado, será os 17.2 anos (Matos, 2003).

Se uma das justificações possíveis para a precocidade das experiências de coito reside nas características populacionais e geográficas (Bearman, Moody & Stovel, 2004; Regan et al, 2004), este aspecto é controverso no comentário de autores portugueses. Por um lado Nodin (2001) interpreta a maior representação de experiências sexuais precoces dos alentejanos como resultado do isolamento, Rodrigues (s/d) por outro lado atribui à interioridade razões para o adiamento. No contexto do nosso país Matos (2003) observou que, de entre os adolescentes que frequentam o 8º e 10º anos, a maior representação dos que

referem já ter tido relações sexuais corresponde aos alentejanos (34.2%), comparativamente às restantes regiões do país.

Os estudos mostram em geral que há mais rapazes a iniciar-se precocemente do que raparigas (Coosey, Mott & Neubauer, 2002), porém este aspecto é influenciado pela maior ou menor liberalidade da cultura. Num estudo de um país nórdico (i.e. Noruega) onde observou-se que a idade de iniciação ao coito ronda em média os 17-18 anos (i.e. 17.9 para os rapazes e 17.3 para as raparigas) (Pedersen, Samuelsen & Wichstrom, 2003).

Existe actualmente uma tendência de menor desfasamento na idade de iniciação ao coito entre rapazes e raparigas, esbatendo-se também as diferenças à medida que os adolescentes crescem (Martinez, 2000). Por exemplo, considerando os adolescentes por grupos de idade ou ano académico, observa-se que entre os 11 e os 15 anos os rapazes iniciam-se mais cedo que as raparigas (O'Donnell, O'Donnell & Stueve, 2001; Pedersen, Samuelsen & Wichstrom, 2003). Contudo, as diferenças das representações percentuais vão diminuindo a partir dos 15-16 anos (O'Donnell, O'Donnell & Stueve, 2001), observando Pedersen, Samuelsen e Wichstrom (2003) que na Noruega se verifica até uma reversão cerca dos 16 anos, passando as raparigas a mostrar maior frequência de iniciação coital do que os rapazes. No nosso país o estudo de Matos (2003), mostra que nos adolescente que se declaram com experiências de relações sexuais, os rapazes referem uma iniciação mais precoce (24.5% aos 11 anos ou menos), mas a clivagem da representação percentual entre os dois sexos tende a diminuir com o avançar da idade. Vilar (2003), num grupo de adolescentes da região de Lisboa, com 15 a 20 anos, observa que os rapazes declaram em média iniciação aos 15.8 anos e as raparigas aos 15.7 anos.

O sexo é tomado por vários autores como predictor da iniciação ao coito, verificando-se que os rapazes têm maiores expectativas de chegar a relações sexuais nos encontros (Morr & Mongeau, 2004) e referem mais episódios de coito que as raparigas (Santelli et al, 2004;

Pedersen, Samuelsen e Wichstrom, 2003; Regan et al, 2004; O'Donnell, O'Donnell & Stueve, 2001; Oliva, Serra & Vallejo, 1993; Coosey, Mott & Neubauer, 2002).

As experiências de coito mostram intenções diferentes de acordo com o sexo, pois as raparigas orientam a sua opção para o coito mais no sentido de construir uma relação, enquanto os rapazes vêem o coito como forma de obter sexo com menor investimento afectivo (Harper, Gannon, Watson, Catania & Dolcini, 2004; Martinez, 2000). A precocidade pubertária, está relacionada com o maior interesse sexual para o coito, sendo melhor predictor nos rapazes que nas raparigas, supondo-se que naquelas as razões sociais têm um papel relevante (Miller, 2002; Bancroft, 1989; Bancroft, 2005 cita Udry 1986).

No nosso país o estudo de Matos (2003), mostra que são os rapazes (33.3%) que afirmam mais frequentemente ter já tido experiências sexuais do que as raparigas (15%). Factores de ordem social estarão na base deste desfasamento, pois enquanto que para os rapazes é socialmente valorizado o coito, para as raparigas é menos compensador (Miller, 2002; Bancroft, 1989; Bancroft, 2005 cita Udry 1986; Regan et al, 2004). Contudo no estudo de Vilar (2003), os resultados são um pouco diferentes, pois embora sem grandes diferenças na representação percentual, mais raparigas que rapazes declaravam práticas de coito (31% versus 29%).

2.1.2.2 A Iniciação no Coito e a Aparência Física

Num padrão de desenvolvimento normal, há diferenças na compleição física entre indivíduos do mesmo sexo com a mesma idade cronológica, se considerarmos aqueles que amadurecem relativamente tarde, comparativamente com os que amadurecem cedo, observando-se tendência para que as experiências sexuais ocorram em tempo aproximado nos indivíduos com desenvolvimento físico semelhante (Jaccard, Blanton & Dodge, 2005; DeLamater & Friedrich, 2002).

As diferenças no amadurecimento têm repercussões nos relacionamentos e são perceptíveis nas interações heterosociais e na iniciação ao coito (Nottelmann et al 1990; Udry, 1990). Estudos longitudinais comprovam que a aparência física mais amadurecida aos 13 anos está associada a maior frequência de coito e/ou do número de parceiros aos 16/17anos, embora possa não existir associação com a qualidade do relacionamento (Zimmer-Gembeck, Siebenbruner & Collins, 2001; Bates et al, 2003). Um outro estudo (Sunder, 2006), observou que valores de Índice de Massa Corporal (IMC), ligeiramente acima da média, correspondendo a um IMC de 20-21 aos 14 anos, estava associado a maiores possibilidades de encontros sexuais em ambos os sexos. Verificaram-se diferenças entre os sexos nos parâmetros deste índice, pois nos rapazes, a maior estatura estava associada a maior probabilidade de encontros, enquanto que nas raparigas, ser um pouco mais baixa que a média aumentava a probabilidade.

A auto-percepção de atractividade é também um factor importante na iniciação das experiências coitais embora com diferenças entre os sexos. As raparigas que se percebem como muito atractivas iniciam-se mais cedo comparativamente aos rapazes, mas a importância deste factor diminui com a evolução da idade. Contrariamente nos rapazes se existe auto-percepção de elevada atractividade, a associação com as experiências de coito mantém-se ao longo da adolescência (Pedersen, Samuelsen & Wichstrom, 2003).

2.1.2.3 A Iniciação no Coito e o Meio Familiar

Os estudos que relacionam a iniciação das experiências de coito dos adolescentes com a presença/ausência das figuras parentais, encontram geralmente associação entre as variáveis, no sentido do adiamento do coito nas famílias onde os pais são constantes no espaço familiar (Miller, 2002; Bates et al, 2003). Forste e Haas (2002) observaram num estudo com rapazes, que viver com ambas as figuras parentais estava associado a menor

probabilidade de coito na adolescência mediana (i.e. 14 anos). Coosey, Mott e Neubauer (2002) documentam que a presença da figura paterna na adolescência inicial está relacionada com menor tendência para iniciar precocemente o coito. Nas raparigas, a ausência do pai é um facto que influencia a antecipação da menarca e a precipitação em envolvimentos sexuais precoces (Kanazawa, 2001).

Em culturas europeias nórdicas, que possuem um padrão de iniciação algo diferente da mediterrânica e da americana, observou-se que os adolescentes que vivem roturas nos relacionamentos com os pais se iniciam em geral mais cedo nas experiências de coito. O estudo de Pedersen, Samuelsen e Wichstrom (2003) na Noruega documenta que os rapazes com baixo cuidado parental se iniciavam em média aos 17,1 anos, enquanto que aqueles com cuidados adequados se iniciavam aos 18 anos. Nas raparigas os resultados eram semelhantes nas ligeiramente mais precoces, pois naquelas cujos pais ofereciam baixo cuidado iniciavam-se em média aos 16,9 anos e as que recebiam cuidados parentais adequados iniciavam-se aos 17,5 anos.

Porém outros estudos encontram resultados contrários. No estudo longitudinal de Santelli et al, (2004) observou-se que viver com ambas as figuras parentais não predizia a probabilidade de iniciação ao coito nos adolescentes mais novos. Razões que se prendem com a multidimensionalidade das relações pais-filhos (i.e. controlo excessivo dos pais) podem justificar a divergência dos resultados dos estudos na associação destas variáveis (Miller, 2002 cita Dorius & Baber, 1998).

A formação académica do pai/mãe mostra associações curiosas com a iniciação ao coito. Nos adolescentes mais novos (7º ano; 12-13 anos) o nível de formação académica dos pais não mostra valor predictivo significativo na iniciação ao coito, porém em seguimento dos mesmos sujeitos observou-se que aproximadamente um ano depois (final do 8º ano; 14 anos), o maior nível de educação da mãe estava associado ao adiamento das relações sexuais

(Santelli et al, 2004). Em população exclusivamente masculina (i.e. 14 anos) encontrou-se comportamento semelhante, existindo maior probabilidade de coito se a mãe tinha formação académica baixa (Forste & Haas, 2002).

2.1.2.4 A Iniciação no Coito e o Grupo de Pares

Na adolescência inicial os relacionamentos sexuais servem especialmente funções de experimentação, sendo mais relevante a existência do parceiro pelo *status* do que pela natureza do relacionamento (Bouchey & Furman, 2003). Os adolescentes enquadram-se em grupos de acordo com as semelhanças que partilham, oferecendo os pares os modelos de comportamentos, sendo as influências tanto maiores quanto maior é a identificação com o grupo (Bouchey & Furman, 2003; Furman, 1999; Jaccard, Blanton & Dodge, 2005).

Na qualidade de agente de socialização, o grupo possui um papel significativo no impulsionar ou adiar das experiências de coito (Harper et al, 2004). Observa-se por exemplo que os adolescentes mais respeitadores de normas sexuais restritivas (i.e. pessoais e do grupo) e que possuem maior auto-eficácia na recusa dos avanços sexuais têm maior probabilidade de adiar o coito (Santelli et al, 2004). Por outro lado o facto de ter como amigos íntimos indivíduos que já se iniciaram no coito aumenta a probabilidade de relações sexuais, confirmando a importância do “efeito dos pares”, com maior importância nas raparigas (Jaccard, Blanton & Dodge, 2005).

No contexto do grupo de pares, onde em geral se experimentam as primeiras bebidas alcoólicas, a associação com a iniciação ao coito é forte em ambos os sexos, observando-se que os que consomem álcool iniciam-se mais precocemente (O’Donnell, O’Donnell & Stueve, 2001; Pedersen, Samuelson & Wichstrom, 2003; Santelli et al, 2004). O facto pode ser atribuído a desinibição alcoólica com consequente facilitação das práticas coitais. Apesar de haver diferenças entre os sexos na associação entre o consumo de álcool e as práticas

coitais, com maior representação nos rapazes, as clivagens vão-se esbatendo com o avançar da idade (O'Donnell, O'Donnel & Stueve, 2001).

2.1.2.5 Número e Tipo de Parceiros Sexuais

Considerando os relacionamentos fixos e sequenciais, a maior parte dos indivíduos ao entrar na adolescência tardia, conta na sua história, dois a cinco parceiros sexuais (Zimmer-Gembeck, Siebenbruner & Collins, 2004), facto modificado se o adolescente opta por parceiros ocasionais (Paul, McManus & Hayes, 2000). Em estudo longitudinal, observou-se que factores tais como aparência mais amadurecida, baixo nível sócio-económico, divórcio dos pais ocorrido na infância, trato rude da figura materna, resistência ao controlo parental e insubordinação na escola, são exemplos de predictores, que observados na adolescência inicial, estão associados a maior número de parceiros sexuais em idade posterior (Bates et al, 2003).

Os relacionamentos com vários parceiros em simultâneo ocorrem com maior frequência na passagem da adolescência mediana para a tardia, mas é frequente que ao entrar na idade adulta, os indivíduos optem pelo relacionamento com um só parceiro (Bonino, Cattelino & Ciairano, 2005). Aspectos tais como iniciação precoce no coito, coersão sexual sobre o parceiro/a e consumo de álcool estão associados a múltiplos parceiros (O'Donnell, O'Donnel & Stueve, 2001).

Na adolescência tardia, uma situação particular nos relacionamentos com parceiros múltiplos é a existência de parceiros inespecíficos (*hookup* na designação anglo-saxónica) em actividades de sexo ocasional, que não são antecedidas por um período significativo de comportamentos de cortejar. Antecipadamente o indivíduo propõe-se a ter relações sexuais, com um parceiro que não tem imagem na altura em que o indivíduo se auto-dispõe ao coito. Os parceiros potenciais são em geral conhecidos mas distantes ou totalmente desconhecidos

(i.e. conhecido no local), a intenção de relacionamento é breve, sem compromisso posterior (i.e. uma noite) e pode envolver práticas sexuais não coitais ou coito. Os comportamentos sexuais com parceiros inespecíficos tem crescido em indivíduos na adolescência tardia, nomeadamente entre universitários e frequentemente estão associados ao consumo de álcool (Paul, McManus & Hayes, 2000).

O sexo, independentemente do tipo de ligação ao parceiro, tem representações diferentes quanto ao número e qualidade de parceiros na história pessoal do adolescentes, declarando em regra os rapazes mais parceiras sexuais e mais parceiras ocasionais (O'Donnell, O'Donnell & Stueve, 2001; Paul, McManus & Hayes, 2000). Mesmo em situação de relacionamentos mais estáveis esta característica mantêm-se. No estudo de Fortenberry (2003), quando questionada a díade, os rapazes declaravam um número significativamente maior de coitos comparativamente às parceiras, que supostamente teriam ocorrido fora da relação, pois no mesmo período de tempo enunciavam mais parceiras.

Contudo, o número de parceiros sexuais tem preditores diferentes, consoante o sexo constatando-se por exemplo que a ansiedade, depressão, rotura social na adolescência inicial, são, nas raparigas preditores de um historial de maior número de parceiros sexuais, à data da adolescência tardia, enquanto que nos rapazes tal relação não se verifica (Bates et al, 2003).

No nosso país, são os jovens alentejanos que mais declaram a existência de parceiros ocasionais (Nodin, 2001).

Modelos de Transição para o Coito

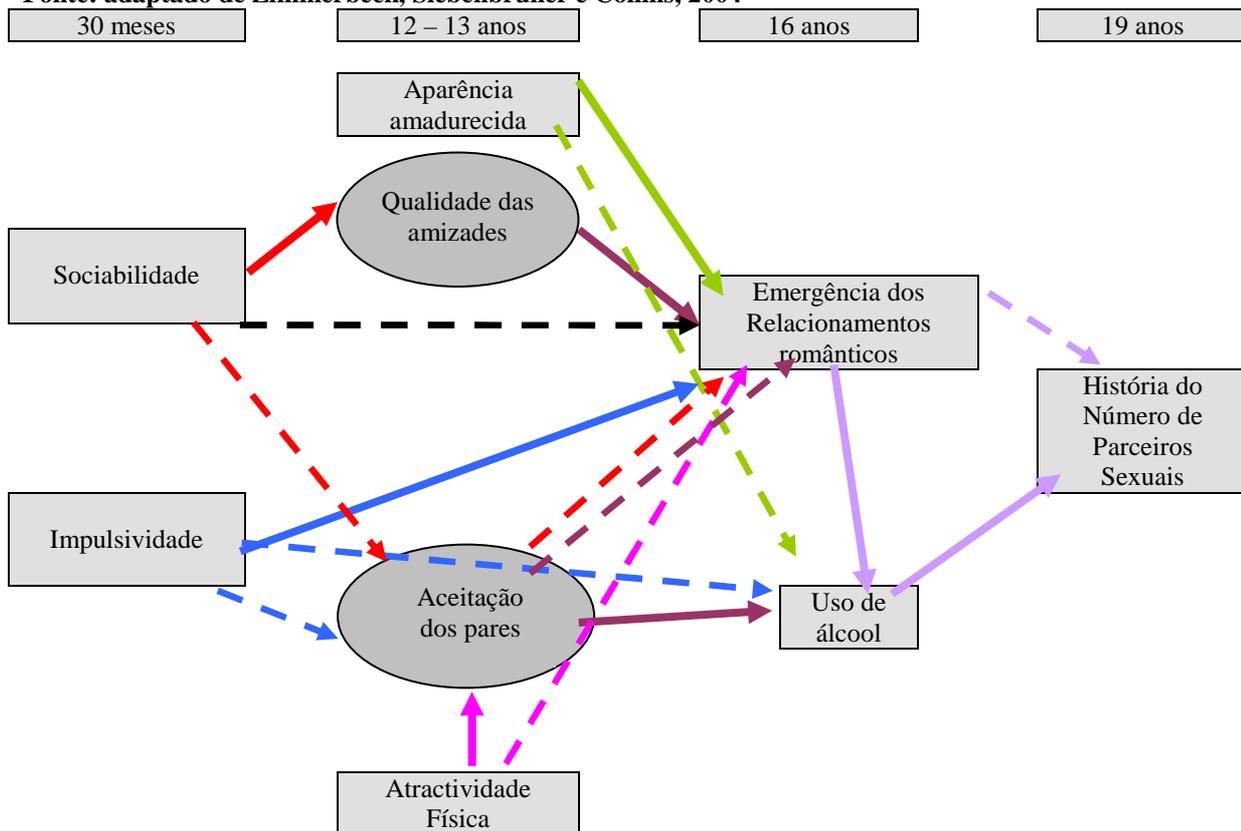
Consideram-se alguns modelos teóricos, com verificação empírica, tendo preferido perspectivas integradoras quer do ponto de vista do percurso de vida num modelo longitudinal (Zimmer-Gembeck, Siebenbruner & Collins, 2004), quer do ponto de vista da interligação com os pares significativos (Rodgers & Rowe, 1993).

Modelo de Influências Intra-individuais e dos Pares nos Comportamentos Romântico-Sexuais na Adolescência

Zimmer-Gembeck, Siebenbruner e Collins (2004) construíram um modelo de desenvolvimento dos comportamentos romântico-sexuais em 155 sujeitos, num estudo longitudinal de 19 anos, que passa a descrever-se (figura 5). No esquema considere-se a tracejado a proposta teórica e a negrito a verificação empírica. Em termos globais os autores comprovaram que aos 19 anos, o número de parceiros sexuais na história do indivíduo, é predizível a partir da influência de variáveis apreciadas na infância, adolescência inicial e mediana.

Teoricamente os autores propõem que a) a sociabilidade infantil contribuiria para o relacionamento com os pares na segunda década da vida (i.e. qualidade da amizade, aceitação e emergência de relacionamentos românticos); b) a impulsividade infantil estaria associada a relacionamentos românticos precoces e maior consumo de álcool na adolescência mediana, assim como a maior aceitação entre os amigos na infância; c) a maior atractividade levaria a maior aceitação no grupo na adolescência inicial e a iniciação romântico-sexual temporã, esperando-se maior representação nas raparigas na fase da adolescência mediana; d) a aceitação nos pares e a qualidade das amizades na adolescência inicial influenciariam o emergir de relacionamentos românticos na adolescência mediana; e) a aparência de maior maturidade física na adolescência inicial conduziria a relações românticas mais precoces, especialmente nos rapazes, esperando-se também uma associação a consumo de álcool em ambos os sexos na adolescência mediana; f) a maior aceitação pelo grupo de pares na adolescência inicial e maior precocidade dos relacionamentos românticos espelhariam maior consumo de álcool na adolescência mediana. A conjugação destes aspectos, faria prever o número de parceiros sexuais na história de vida do indivíduo, quando observada aos 19 anos.

Figura 5 Modelo de Influências Intra-individuais e dos Pares nos Comportamentos Românticos e Sexuais.
Fonte: adaptado de Zimmerbeck, Siebenbruner e Collins, 2004



No estudo empírico nem todas hipóteses se verificaram. Os autores confirmaram que a sociabilidade infantil, influenciava directamente a qualidades das amizades na adolescência inicial, mas não predizia a aceitação dos pares na adolescência inicial. A impulsividade infantil, não predizendo a aceitação dos pares aos 12-13 anos, nem o uso de álcool aos 16, estava significativamente relacionada a relacionamentos românticos mais tardios.

Os adolescentes que tinham aparência mais madura na adolescência inicial, começavam mais cedo os romances, mas não bebiam mais álcool na adolescência mediana. Os que eram fisicamente mais atractivos na adolescência inicial eram mais aceites pelos pares, mas não iniciavam romances mais cedo. Contudo, os adolescentes que tinham amizades de maior intimidade na adolescência inicial, começavam mais cedo os romances e bebiam álcool com maior frequência na adolescência mediana, chegando aos 19 anos com maior número de parceiros sexuais.

Modelo de Contágio Social nos Comportamentos Sexuais na Adolescência

Rodgers e Rowe (1993) construíram um modelo teórico de interação social que trata o desenvolvimento dos comportamentos sexuais na adolescência. O modelo tem expressão conceptual e matemática e é conhecido pelo acrónimo EMOSA (Epidemic Modeling of the Onset of Social Activities). A ideia fundamental é a de que através do processo de contágio social, os adolescentes pertencentes a grupos, exercem influências sociais entre si, no sentido da iniciação em comportamentos de transição. Ou seja, o modelo tem como interesse principal explicar as influências recíprocas dos indivíduos como potenciais parceiros sexuais. Os autores combinam linhas de pesquisas anteriores, sobre as influências do desenvolvimento social, sexual, biológico, numa estrutura ampla de transição comportamental.

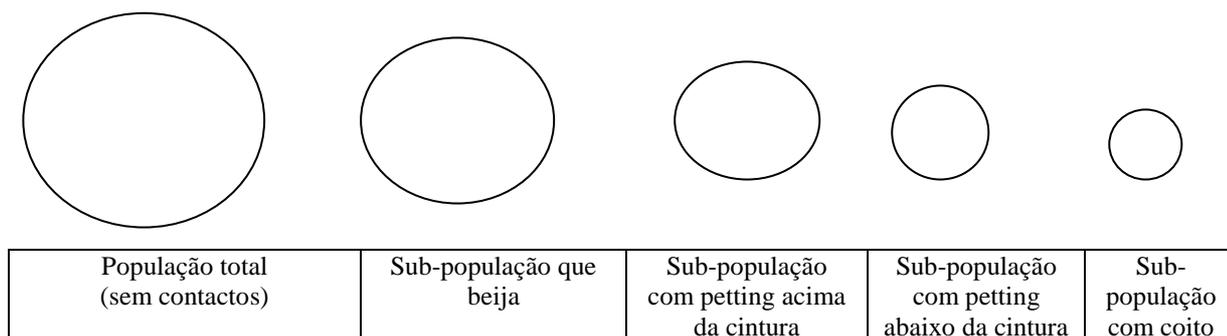
Os comportamentos de transição são aqueles nos quais os adolescentes investem, como ensaio para a penetração na adultícia, podendo os relacionamentos de carácter sexual com parceiro ser categorizados como medianamente desviantes (i.e. tipo II na categorização dos autores). Não são ilegais, decrescendo a oposição sócio-familiar com o avançar da idade do adolescente (Rodgers e Rowe, 1993; Udry 1990). Contudo se os comportamentos sexuais estão ligados à existência de um parceiro, a influência exercida por este é a mais próxima de todas as outras possíveis (i.e. sociais e familiares). Assim a influência dos potenciais parceiros, concorrendo com o desenvolvimento biológico, actuarão muitas vezes em sentido contrário aos obstáculos sócio-familiares e até ao controlo normalizador do grupo de pares.

O conceito de contágio social no modelo de Rodgers e Rowe (1993) tem conotação passiva e pró-activa e implica, quer a transmissão difusa, quer a transmissão impulsionadora dos comportamentos sexuais. Pressupõe que as actividades e ideias surgem no envolvente social, redescobrimo cada geração de adolescentes inovações comportamentais, que vingarão de acordo com a atractividade ou utilidade identificadas. O modelo é aplicável tanto a adolescentes que procuram activamente interacções sexuais (i.e. pró-activos), como a

adolescentes mais ingénuos (i.e. passivos) que entram em experiências sexuais sem objectivos absolutamente claros (i.e. o que acontecerá? O que é que eu quero que aconteça?).

Os adolescentes passam por uma progressão de comportamentos afectivo-sexuais cumulativos, categorizados em cinco estádios por Rodgers e Rowe (1993): 1) ingenuidade, 2) beijar, 3) petting acima da cintura 4) petting abaixo da cintura e 5) coito (figura 6).

Figura 6 Modelo de Cinco Estádios de Desenvolvimento da Sexualidade. Fonte: Rogers e Rowe, 1993



De acordo com os autores cada adolescente está em seu estágio e haverá maior probabilidade de contágio social, quando os elementos do par estão em estádios diferentes. Embora seja possível num só encontro o adolescente passar pelos vários estádios, a progressão típica leva algum tempo.

A aplicação empírica do modelo foi feita em população cujas idades variavam entre ao 12 e os 17 anos. Observou-se que a transição do beijar para o petting acima da cintura é lenta, contudo a passagem deste estágio para o petting abaixo da cintura é acelerada, assim como é rápida a passagem deste para o coito. O modelo mostra que o processo de contágio social é mais acelerado nos comportamentos mais precoces (i.e. beijar), quando um adolescente inexperiente tem iniciação com um parceiro em estádios mais avançados. A transição nos rapazes é mais rápida que nas raparigas. Confirmando um percurso de menor para maior intimidade, observou-se que 30% dos sujeitos afirmava ter tido coito com pessoas que conhecia bem e 23% dos sujeitos mantinham um relacionamento firme. As razões relevantes invocadas para o atingir do 5º estágio, prendiam-se com 1) a suposição de que o

parceiro amaria mais o sujeito (i.e. metade dos participantes), 2) agradar ao parceiro (15%) e 3) não magoar o parceiro (10%).

No entender dos autores tais razões mostram que os adolescentes têm grande proximidade afectiva com o parceiro sexual e preocupam-se muito com o relacionamento, aspectos que suportam a manutenção das influências sociais. Contudo uma parte dos participantes (1/5) reconheciam que exerciam (mais os rapazes) ou tinham sido objecto de coerção dos parceiros, comprovando-se por outro lado que as influências sociais podem diferir. As fragilidades do modelo referem-se a que não considera a influência familiar, a educação sexual ou aspectos biológicos (Rodgers & Rowe, 1993).

2.2 Estilos Românticos e Comportamentos Sexuais

Na adolescência, a redefinição da identidade sexual e de género, a configuração do desejo sexual e a evolução para a intimidade emocional, conjugam-se em motivações para a busca de encontros e contactos física e afectivamente gratificantes (DeLamater & Friedrich, 2002; Zapiain, 1997; Bancroft, 1989). Com um potencial biofisiológico e socio-afectivo individual, o adolescente ensaia os primeiros passos num campo de experiências novo.

O grupo de pares e os *mass-media* destacam-se como os modelos a que os adolescentes são mais susceptíveis, para aprender a lidar com a intimidade emocional e física (DeLamater & Friedrich, 2002; López & Fuertes, 1999). A aproximação e escolha dos parceiros sexuais, comprovam o potencial de atractividade, e numa perspectiva positiva do desenvolvimento, os relacionamentos sexuais, constituem uma faceta da preparação para ligações românticas e sexuais na idade adulta (DeLamater & Friedrich, 2002; Smiler et al, 2005; Furman & Flanagan, 1997).

O romance e as interacções sexuais estão relacionadas, adoptando os adolescentes diferentes padrões. Por vezes um parceiro fixo ocupa toda a adolescência e prolonga-se para a idade adulta; outros adolescentes têm relacionamentos curtos em sucessões monogâmicas;

para outros os relacionamentos decorrem com um parceiro habitual e com parceiros episódicos em simultâneo, ou ainda somente com parceiros ocasionais. Numa outra possibilidade, os adolescentes iniciam-se e entram posteriormente em rotura, sucedendo-se períodos prolongados sem busca de parceiro sexual (Miller & Benson, 1999; Bonino, Cattelino & Ciairano, 2005; Furman & Wehner, 1997). Habitualmente os comportamentos sexuais que acompanham o romance têm uma sequência típica. Os adolescentes começam por comportamentos com cariz público (i.e. olhar penetrante, abraço, dar as mãos, beijo social) mas com conotação sexual, denunciada por vezes na ruborização da face, nos gestos e posturas estranhas. Seguem-se comportamentos pré-coitais e a maior ou menor prazo, quando há maior intimidade, comportamentos coitais (Miller & Benson, 1999).

No romance adolescente, a iniciação precoce do coito, quer em idade, quer no tempo da relação, comporta riscos individuais e para o par, pois há desacordo entre a natureza íntima das práticas sexuais e a imaturidade afectiva do indivíduo, gerando-se ausência de ligações emocionais fortes (Bonino, Cattelino & Ciairano, 2005). Quando a perspectiva é de monogamia, tendem a estabelecer relacionamentos com algum nível de compromisso romântico, ocorrendo os primeiros contactos sexuais, com mais ou menos intimidade, com grande probabilidade ao fim de dois meses (Bearman, Moody & Stovel, 2004). Naqueles que optaram por iniciar-se com sexo ocasional, sem fase anterior de enamoramento, a duração do relacionamento romântico ronda em média os quatro meses (Paul, McManus & Hayes, 2000).

Os comportamentos sexuais na adolescência e os estilos românticos registam algumas associações características. No âmbito da imagem do próprio, os adolescentes com estilos românticos seguros apresentam maior auto-eficácia para viver as situações de coito, que aqueles que têm estilos ansiosos ou evitantes (Tracy, Shaver, Albino e Cooper, 2003).

A demonstração de amor, é a razão mais invocada para o coito, por adolescentes com estilos seguros e ansiosos, enquanto que perder a virgindade é a mais sublinhada pelos

evitativos. No entanto, embora a motivação dos ansiosos seja o amor ao parceiro romântico, a intenção subjacente é não sofrer abandono. Este aspecto é mais marcado nas raparigas, que podem ficar desapontadas se não encontram níveis elevados de intimidade na retribuição romântica do parceiro, facto agravado pela menor auto-estima (Tracy et al, 2003; Furman & Flanagan, 1997; Leaper, & Anderson, 1997; Zapiain, 2005). Na adolescência tardia, e no contexto das experiências sexuais, Zapiain (2005) encontra em ambos os sexos uma relação significativa entre a vinculação segura e a empatia com o parceiro, interesse pelo erótico e menor depressão, enquanto que particularmente nas raparigas, as mais ansiosas tendem a menor auto-estima em assuntos sexuais.

No tempo que medeia entre o início do romance e a decisão para o coito, os adolescentes com estilos românticos seguros e ansiosos iniciam-se aproximadamente em tempos semelhantes e mais cedo que os evitativos/. (Tracy et al, 2003; Furman & Flanagan, 1997). Para os indivíduos com estilos evitativos, preferindo a distância emocional, relacionamentos com menor compromisso e tendo menor experiência de namoros com envolvimento sério, as relações sexuais são menos satisfatórias, no sentido da intimidade. Especialmente os do sexo masculino, porque têm alguma dificuldade em lidar com a auto-revelação, pois nas interações com os pares do mesmo sexo, em regra, não cultivam estas competências, incidindo os comportamentos coitais sobretudo na auto-gratificação do interesse erótico (Furman & Flanagan, 1997; Leaper & Anderson, 1997; Furman & Wenher, 1994; Zapiain, 2005).

Tomando-se em observação a frequência das experiências de coito, são os indivíduos seguros e ansiosos que mais frequentemente declaram relações sexuais, comparativamente aos evitativos (Tracy et al, 2003). Porém nos grupos de idade mais novos, a maior frequência de relações coitais encontra-se nos ansiosos, enquanto que nos mais velhos a quantificação e a maior experiência (i.e. comportamentos pré-coitais *versus* coitais) é mais elevada nos

adolescentes com estilos seguros (Tracy et al, 2003; Zapiain, 20005). No género também se verificam diferenças quando se considera a frequência do coito, pois as raparigas com estilos ansiosos são as que apresentam mais episódios, enquanto que tal ocorre nos rapazes seguros (Tracy et al, 2003).

O tipo de parceiros sexuais mostra associações aos estilos românticos. Adolescentes monogâmicos, mostram-se mais seguros, menos evitativos e inquietos, comparativamente àqueles que têm parceiros ocasionais (Furman & Wehner, 1997). Particularmente, os adolescentes de ambos os sexos, que têm parceiros inespecíficos¹ (i.e. desconhecidos no momento em que os indivíduos se auto-dispõem ao coito) a vinculação eviativa é mais elevada, exibindo também maior receio de intimidade e maior orientação para os aspectos lúdicos do romance (Paul, McManus & Hayes, 2000).

Um outro aspecto associado aos estilos românticos é o tipo de comportamentos sexuais, no contexto do tipo de parceiros sexuais, pois indivíduos que têm parceiros inespecíficos e chegam às relações sexuais, mostram curiosamente maior auto-estima, mas menor vinculação segura, comparativamente a indivíduos que, nesses encontros, não incluem relações coitais (Paul, McManus & Hayes, 2000).

As considerações aqui realizadas, recorreram sobretudo a estudos que abordam os estilos românticos na perspectiva do sistema de vinculação, não tendo sido possível encontrar estudos que estabelecessem o paralelo entre os comportamentos sexuais de adolescentes e os estilos dos sistemas comportamentais propostos por Furman e Wehner (1994).

¹ Hookup na terminologia anglo-saxónica

Capítulo 3. SEXO SEGURO NA ADOLESCÊNCIA

No romance adolescente, as aproximações de maior intimidade física, num crescendo de iniciação à carreira reprodutivo-sexual do indivíduo, envolvem contactos genitais, que incluindo ou não o coito, são uma das facetas da vida sexualmente activa da pessoa em desenvolvimento, facto que remete para a importância do sexo seguro em termos de protecção de IST e GND.

O sexo seguro na adolescência, é uma temática recorrente da investigação, justificada quer pela novidade dos comportamentos sexuais nesta fase da vida, quer pela gestão dos métodos utilizados, uma vez que podem ficar diminuídas as oportunidades ou comprometido o futuro (Hogben & Byrne, 1998; Carpintero, 1995; Roque, 2005). Ainda que se observe maior adesão nos indivíduos que actualmente são adolescentes, comparativamente a gerações anteriores, o uso de protecção coital está longe de ser universal (Popen, 1994; Nodin, 2001; Kangas, Andersen, McGarrigle & Ostergaard, 2004; Boyer & Kegeles, 1991), aspecto que pode ser interpretado pelos custos imediatos face a benefícios a maior prazo (Loewenstein e Furstenberg, 1991).

Considerando as práticas dos indivíduos no que respeita a comportamentos sexuais e reprodutivos e centrando-se nas consequências do coito, várias concepções teóricas, abordam a evitação da gravidez e a prevenção da transmissão de agentes patogénicos, apresentando-se como estruturas a partir das quais é possível analisar o desempenho em segurança ou em risco. As considerações dos autores suportam o sexo seguro com ênfase na GND (Sheeran, White & Phillips, 1991) ou na prevenção das IST (Denison, 1996; Sheeran, Abraham & Orbell, 1999; Albarracín, Johnson, Fishbein & Muellerleile, 2001) e enquanto algumas teorias e modelos surgiram fora do domínio da saúde sexual e reprodutiva e mais tarde foram utilizadas nesse contexto, outras foram desenvolvidas e aplicadas especificamente na área da sexualidade e da saúde reprodutiva.

Tendo como centro de interesse a população adolescente, consideram-se seguidamente alguns modelos que abordam as práticas de sexo seguro.

3.1 Modelos Desenvolvimentistas de Sexo Seguro na Prevenção de Gravidez não Desejada

O sexo seguro, com a intenção de evitar a GND pode ser teoricamente observada a partir de modelos desenvolvimentistas que se centram no processo de maturação psico-sexual, caracterizando a evolução de maneira global através de estádios (Ogden, 1999; Sheeran, White & Phillips, 1991).

O modelo de Lindemann de 1974/1977 define três estádios: a) estádio natural, b) estádio de prescrição pelos pares e c) estádio de perito. No estádio natural, as relações sexuais são esporádicas, ocorrem sem planeamento antecipado e a imagem como sexualmente activo é ténue, sendo pouco provável o uso contraceptivo. O estádio de prescrição pelos pares denota a preocupação de procurar junto dos amigos mais chegados, informação sobre contracepção. Os encontros sexuais passam a ocorrer com alguma frequência, contudo os métodos preferidos são geralmente dependentes do coito e menos eficazes relativamente à GND. A aceitação como ser sexual está em fase mais evoluída comparativamente ao estádio anterior. No estádio de perito, a visão de si mesmo como ser sexual é incorporada e é comum nesta altura a procura de aconselhamento junto de técnicos de saúde para o planeamento da actividade sexual (Ogden, 1999; Sheeran, White & Phillips, 1991). No entender de Nodin (2001) as principais limitações do modelo de Lindemann são a especificidade pelo sexo feminino e a ausência da visão dinâmica da díade.

O modelo de Rains, de 1971, centra-se na ambivalência moral, dirige-se a gente jovem, particularmente ao sexo feminino e centra-se na força motivacional da passagem para as experiências de coito e posterior contracepção. Na concepção deste modelo, só após a

aceitação da visão de si mesma como ser sexual, a rapariga tomará plenamente a responsabilidade do uso contraceptivo e progredirá do uso irregular para consistente. Este modelo identifica quatro estádios. No primeiro estádio, apaixonar-se, cria o motivo para a intimidade sexual. No segundo, implica a previsão de que o relacionamento será duradouro e exclusivo. No terceiro estádio, a rapariga vê as relações sexuais como um aspecto positivo e aceitável. No quarto estádio, a aceitação da sexualidade é assumida, o coito é visto como algo positivo e provável, sendo previsível o uso consistente de contraceção (Ogden, 1999; Sheeran, White & Phillips, 1991). O modelo reporta-se a modificações, num contexto que está limitado a perspectivas individuais.

3.2 Modelos Teóricos de Sexo Seguro na Prevenção de Gravidez não Desejada e de Infecções Sexualmente Transmissíveis

Através da literatura observa-se que alguns modelos teóricos são aplicados tanto à prevenção de GND, como à prevenção de IST. A maioria dirige-se contudo ao método barreira do preservativo, que apesar de poder prevenir a gravidez, é essencialmente conotado com a prevenção das IST, nomeadamente do vírus de imunodeficiência humana (HIV).

Relativamente à prevenção de GND, Sheeran, White e Phillips (1991) consideram por exemplo a Teoria de Acção Ponderada de Fishbein e Ajzen dos anos 70-80, e também o Modelo Sequencial de Byrne de 1983. No que respeita à prevenção de IST, Gerrard, Gibbons e Bushman (1996), consideram a relação entre os comportamentos sexuais preventivos e a vulnerabilidade ao HIV, revendo o Modelo de Crenças de Saúde de Becker e Rosenstock dos anos 60-70, a Teoria da Motivação Protectora de Rogers de 1975 e o Modelo de Adopção de Precauções de Weinstein de 1988. Bryan, Aiken e West (1997) propõem um modelo psico-social, que explica nas raparigas, os factores percussores do uso de preservativo e que tem por base o Modelo de Redução de Riscos de Catania de 1990 e a Teoria de Informação-

Motivação-Competências Comportamentais de Fisher e Fisher de 1992. Tendo como base de análise a estrutura do Modelo de Redução de Riscos, Sheeran, Abraham e Orbell (1999) revêem os elementos das Teoria de Acção Ponderada, da Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen dos anos 80-90 e da Teoria da Aprendizagem Social de Bandura dos anos 70-80, estabelecendo a associação entre os aspectos psico-sociais e o uso de preservativos. Por outro lado Albarracín et al (2001) no contexto da utilização do preservativo, abordam as Teoria da Acção Ponderada e a Teoria do Comportamento Planeado.

No estudo actual, revemos algumas das abordagens teóricas mais utilizadas, nomeadamente o Modelo de Crenças de Saúde, a Teoria de Acção Ponderada, o Modelo de Redução de Riscos, o Modelo de Informação-Motivação-Competências Comportamentais e o Modelo Transteórico de Mudança Comportamental.

De acordo com Noar, Anderman, Zimmerman & Cupp (2004), as concepções teóricas possuem similaridades e diferenças, na medida das variáveis que incluem e enfatizam. Quanto a diferenças, as teorias de *continuum* (i.e. Modelo de Crenças de Saúde, a Teoria de Acção Ponderada e o Modelo de Informação-Motivação-Competências Comportamentais) tendem a especificar um conjunto de variáveis predictoras dos comportamentos, enquanto as teorias de estádios (i.e. Modelo de Redução de Riscos e o Modelo Transteórico de Mudança Comportamental) colocam uma progressão cognitiva percorrida pelos indivíduos. Relativamente a similaridades, as teorias e modelos apresentam variáveis que se enquadram nas atitudes, normas sociais, auto-eficácia e intenções comportamentais.

3.2.1 Modelo de Crenças de Saúde

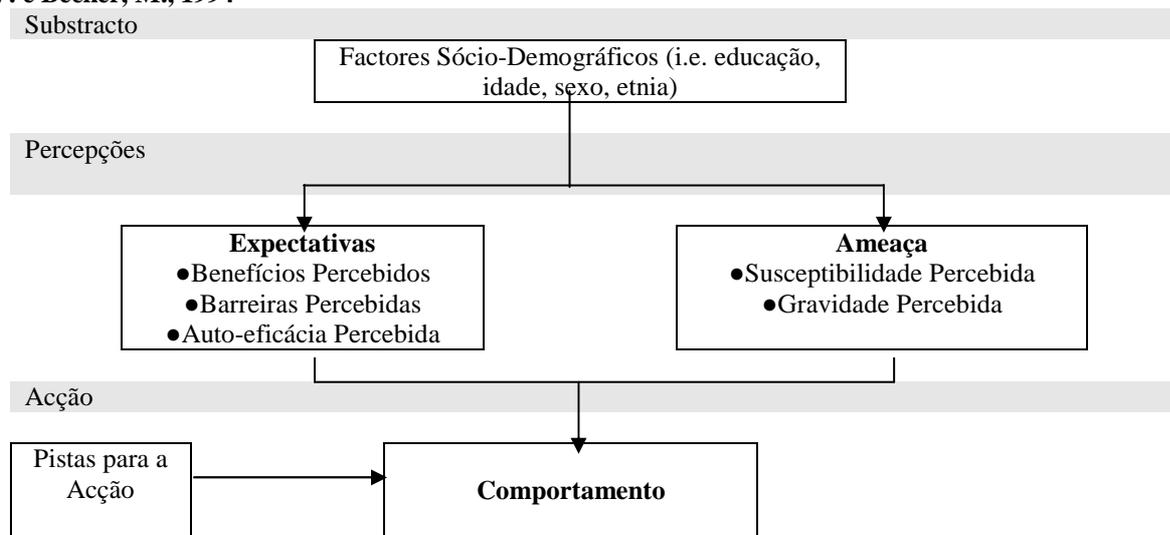
O Modelo de Crenças de Saúde (MCS) inicialmente conjecturado por Geoffrey Hochbaum nos anos 50 perante a pouca adesão das populações aos programas de rastreio e prevenção no campo da saúde, é a estrutura teórica mais utilizada nas pesquisas sobre

comportamentos no campo da saúde. Várias versões surgiram, sendo a de Becker e Rosenstock (anos 70/80) a mais aplicada na pesquisa (Brannon & Feist, 2000).

O MCS é um modelo psicológico que se centra nas crenças dos indivíduos, entendendo-se que são predictoras da instalação de comportamentos saudáveis. Assim, se a informação sobre determinados riscos for aumentada, existe maior possibilidade de as pessoas exibirem comportamentos preventivos. O modelo foca dois aspectos da representação dos indivíduos quanto a saúde e comportamentos saudáveis: 1) percepção da ameaça e 2) avaliação comportamental. O primeiro inclui dois tipos de crenças: a) susceptibilidade percebida à doença ou à incapacidade e b) percepção antecipada da gravidade da doença ou da incapacidade. A representação dos comportamentos saudáveis inclui c) os benefícios ou eficácia percebidos na realização dos comportamentos de saúde recomendados e d) barreiras ou custos envolvidos na realização dos comportamentos de saúde. A versão de Becker e Rosenstock de 1987, propõe ainda os constructos de e) pistas para a acção, que se refere ao desencadear de comportamentos saudáveis quando crenças adequadas de saúde são sustentadas (i.e. percepção de sintomatologia, influência social, campanhas de educação), f) auto-eficácia e g) motivação para a saúde (Denison, 1996; Sheeran & Abraham, 1996; Ogden, 1999; Brannon & Feist, 2000).

Factores sócio-demográficos tais como a idade, o estatuto sócio-económico, o género, a etnia, a educação e outras variáveis individuais, como por exemplo a personalidade da pessoa e pressões referidas ao envolvente, podem influenciar as crenças de saúde (Sheeran & Abraham, 1996; Denison, 1996; Ogden, 1999). A representação gráfica do modelo é feita na figura 7.

Figura 7 Modelo de Crenças de Saúde. Fonte: adaptado de Denison, 1996 citando Rosenstock, I. Strecher, V. e Becker, M., 1994



No âmbito da saúde sexual e reprodutiva, o modelo foi utilizado para prever práticas de sexo seguro, sendo controversa a sua validade em populações específicas (Denison, 1996). Gerard, Gibbons e Bushman (1996) na revisão de 32 estudos, observaram que o MCS é pouco consistente quando aplicado a populações de risco, pois a vulnerabilidade percebida a HIV, não é um factor motivador para comportamentos protectores.

No contexto da saúde sexual e reprodutiva, os adolescentes são uma população específica, uma vez que a pressão dos pares, as normas sociais, entre outros, são factores influenciadores na tomada das decisões sexuais (Denison, 1996). Observou-se por exemplo, num estudo com rapazes entre os 13-19 anos, cuja idade do primeiro coito se situava aos 12,4 anos, que os utilizadores consistentes de preservativo não exibiam maior probabilidade, que os utilizadores inconsistentes, de possuir um nível mínimo de conhecimentos sobre o uso do método (Wilson, Kastrinakis, D'Angelo & Getson, 1994). Ou seja, o nível de conhecimentos sobre a contracepção (i.e. preservativo) era neste estudo uma variável com fraco poder predictivo. No mesmo estudo, embora os rapazes com duas ou mais parceiras sexuais usassem mais o preservativo que os sujeitos monogâmicos (sugerindo o valor predictivo da percepção de ameaça de múltiplos parceiros), as experiências anteriores dos sujeitos na

aquisição de uma IST ou a gravidez de parceira sexual, não se revelaram como aspectos promotores de práticas sexuais mais seguras.

Outros estudos identificaram o MCS como uma estrutura teórica consistente para o desenho de investigação em adolescentes sexualmente activos. Por exemplo, Laraque, Mclean, Brown-Peterside, Ashton e Diamond (1997), estudaram em população urbana (12-19 anos), os predictores do uso consistente de preservativo. Os melhores predictores foram os benefícios percebidos em evitar a gravidez e também a motivação para o uso deste método perante a susceptibilidade a IST. Além destes, o género masculino, a preferência dos parceiros sexuais pelo método específico do preservativo e o apoio dos pais na sua obtenção, foram elementos que influenciavam a ocorrência de sexo seguro.

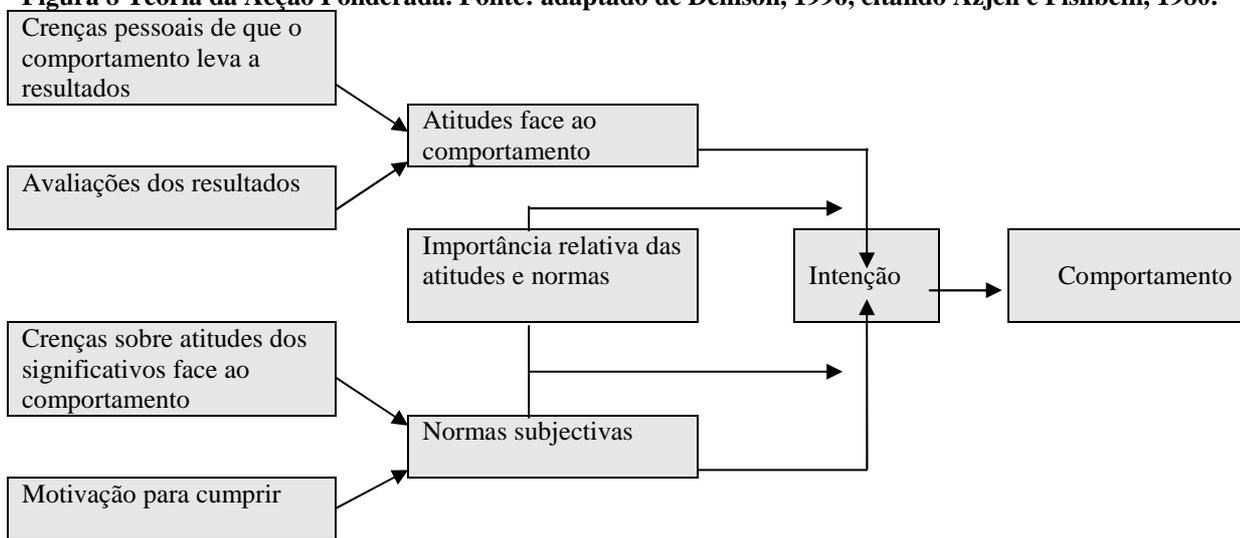
Em defesa do modelo, os autores (Becker e Rosenstock) ressaltam que a sua idoneidade não ficará comprometida se nas aplicações empíricas forem utilizadas medidas adequadas para os vários componentes. O facto é que frequentemente o modelo não é utilizado de forma global, diminuindo o seu valor predictivo. Por outro lado as versões mais expandidas do MCS onde se incluem outros constructos (i.e. pistas de acção, auto-eficácia, intenções de comportamento e percepção de normas sociais), têm colhido melhores resultados na sua validade preditiva (Denison, 1996; Brannon & Feist, 2000).

3.2.2 Teoria da Acção Ponderada

A Teoria da Acção Ponderada surgiu nos anos 70-80 por Ajzen e Fishbein, tendo como enfoque principal a ideia de que as pessoas utilizam sistematicamente a informação que possuem quando decidem como agir, considerando previamente as implicações das suas acções, aspecto que as leva a cumprir determinado comportamento. O comportamento é assim dirigido a determinado objectivo, escolhendo as pessoas livremente as acções que acreditam ser o veículo para tal meta. Os determinantes imediatos dos comportamentos são as

intenções, que por seu lado se enraízam a) nas atitudes pessoais face ao comportamento, ou seja, na avaliação pessoal do comportamento e b) nas normas pessoais subjectivas, que constituem as percepções do indivíduo face às pressões sociais sentidas. As atitudes pessoais face ao comportamento são determinadas pela crença de que o comportamento levará a resultados positivos-negativos. As normas pessoais subjectivas são formadas pelas percepções de avaliação que o indivíduo coloca no comportamento e na motivação para cumprir essas normas (Conner & Sparks, 1996; Brannon & Feist, 2001). Na figura 8 representa-se graficamente a Teoria da Acção Ponderada.

Figura 8 Teoria da Acção Ponderada. Fonte: adaptado de Denison, 1996, citando Azjen e Fishbein, 1980.



Jemmott e Jemmott (1991), estudaram raparigas universitárias sexualmente activas, observando que a intenção firme de utilizar preservativo num futuro próximo (i.e. três meses) se verificava naquelas que tinham atitudes mais favoráveis e que manifestavam uma percepção das normas subjectivas como mais apoiantes. As principais fontes das influências normativas eram as mães e os parceiros sexuais. As atitudes eram o maior predictor da intenção de usar preservativo comparativamente às normas, mesmo nas participantes que possuíam menor conhecimento da temática do HIV/SIDA.

São apontadas algumas limitações à Teoria de Acção Ponderada, nomeadamente o carácter individual da abordagem, a não valorização de comportamentos anteriores e ao facto

de que, ao basear-se em concepções de decisões racionais se tornar questionável a sua aplicação a comportamentos que advém da emoção e impulsividade. Uma outra crítica refere-se à possibilidade de os comportamentos serem modificados em tempo anterior às atitudes pela imposição ou hábito (Ogden, 1999; Denison, 1996).

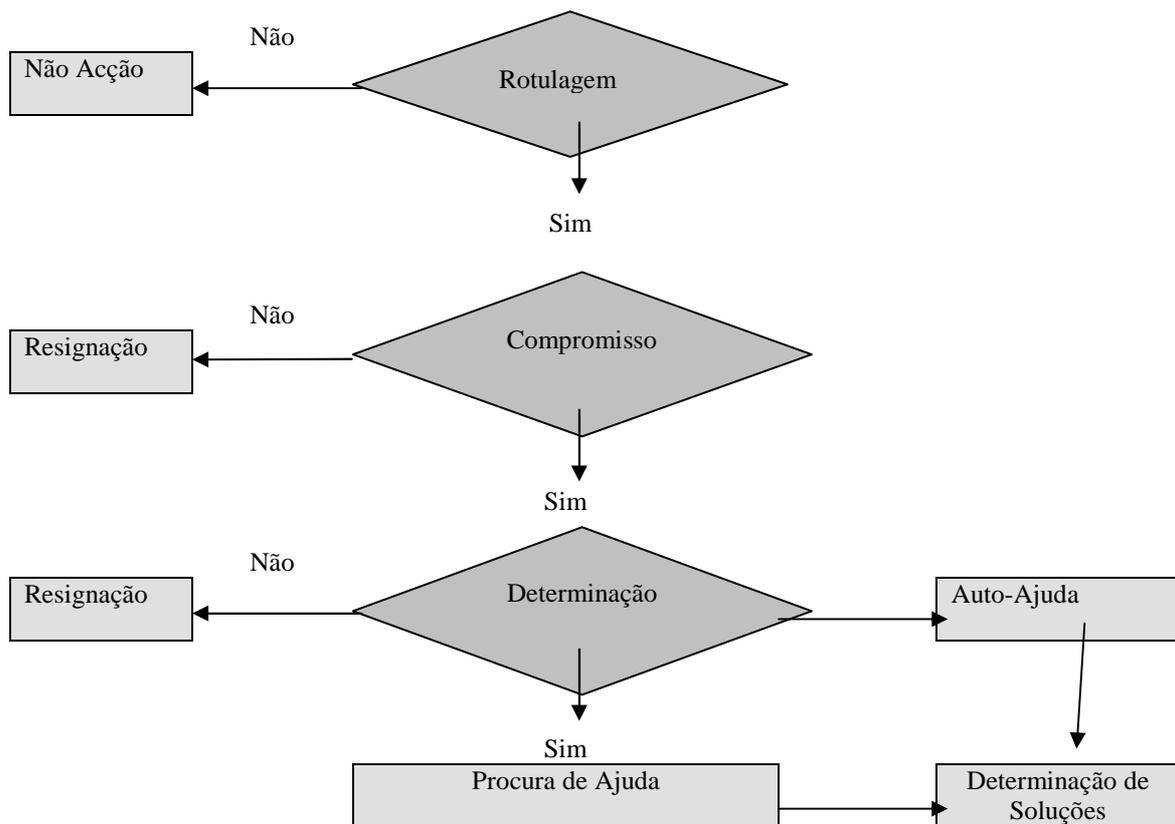
3.2.3 Modelo de Redução de Riscos de Sida

O Modelo de Redução de Riscos de Sida (MRRS), da autoria de Catania, Kegeles e Coates, surgiu em 1990, oferecendo uma estrutura conceptual para explicar e prever a mudança comportamental dos indivíduos face ao risco de transmissão de HIV/SIDA por via sexual (Denison, 1996). Integra variáveis de outras abordagens teóricas comportamentais (i.e. Modelo de Crenças de Saúde, Teoria da Auto-eficácia, Teoria da Acção Ponderada) (Denison, 1996), sendo a primeira tentativa para combinar os modelos de tomada de decisão numa estrutura aplicada especificamente ao comportamento preventivo de HIV (Sheeran, Abrahams & Orbell, 1999).

Na revisão do modelo, Sheeran, Abrahams e Orbell (1999), Denison (1996) fazem as seguintes considerações relativamente a este modelo, que está graficamente representado na figura 9. O MRRS identifica a mudança comportamental como um processo de passos com determinantes psico-sociais, considerando três estádios: a) rotulagem, b) compromisso e c) determinação. A passagem de um estádio para o próximo implica que os objectivos do anterior estejam atingidos. O primeiro estádio refere-se à consciencialização da ameaça e ao reconhecimento de que os comportamentos sexuais do próprio podem ou não colocá-lo em risco de infecção por HIV. As variáveis envolvidas neste estádio são os conhecimentos sobre HIV/SIDA (i.e. vias de transmissão, estratégias preventivas), a susceptibilidade percebida e gravidade da infecção, a resposta afectiva à ameaça da infecção e as normas sociais. No estádio de compromisso surge o processo de tomada de decisão no sentido de reduzir os

contactos sexuais de risco e aumentar as actividades sem risco. Neste estágio o indivíduo acredita que o preservativo é um método seguro. Contudo a decisão face ao uso consistente de preservativo pode ainda não ter consequências reais, por exemplo se é utilizado outro método contraceptivo, o que influencia os níveis das sensações de necessidade de protecção. O indivíduo, conhecedor da eficácia do preservativo relativamente ao HIV, pesa os custos e benefícios, as facilidades e as barreiras (i.e. procura antecipar a eficácia e gratificação da resposta sexual ao usar preservativo). A variável mais importante neste estágio é a intenção comportamental, que reflecte a motivação do indivíduo face ao uso de preservativo. No estágio de determinação, a utilização de preservativo está assumida e progride para a procura de informação, obtenção de recursos e aplicação das soluções, ou seja, a implementação do uso efectivo de preservativo é atingida. Algumas capacidades são desenvolvidas, por exemplo, a comunicação com o parceiro sexual sobre a temática do sexo seguro, a previsão da disponibilidade do método, a consideração das práticas sexuais como interacções diádicas. Factores situacionais, tais como o uso de álcool ou drogas, ou elevada excitação podem fazer perigar a assunção de riscos e a exposição à infecção por HIV. O MRRS é aplicável a diversas populações, podendo ser modificado para aplicação a população em risco de toxicodependência.

Figura 9 Modelo de Redução de Riscos de SIDA. Fonte: adaptado de Denison, 1996, citando Catania, Kegeles e Coates, 1990.



O estudo de Catania et al (1990), mostrou que o modelo é aplicável a diversos tipos de população, independentemente da sua orientação sexual e idade (i.e. sujeitos com 20 a 44 anos), evidenciando que níveis mais elevados de rotulagem se relacionavam com crenças de maior susceptibilidade e que o maior uso de preservativo estava associado a melhores competências na comunicação sexual com os parceiros, maior percepção de benefícios e baixos custos.

Breakwell, Millward e Fife-Schaw (1994), aplicaram o modelo a população adolescente (i.e. 16-20 anos) num estudo prospectivo ao longo de um ano. Observaram que os sujeitos rotulavam o coito desprotegido como problemático, comprometiam-se à mudança desejando e valorizando o sexo seguro, tomavam a resolução adequada de usar preservativo. As representações sociais que dão corpo às normativas, sublinhavam o compromisso para sexo seguro como comportamento a tomar.

As limitações apontadas ao MRRS referem-se à sua focagem no indivíduo, não suportando os riscos complementares que advém dos comportamentos dos eventuais parceiros sexuais (Denison, 1996)

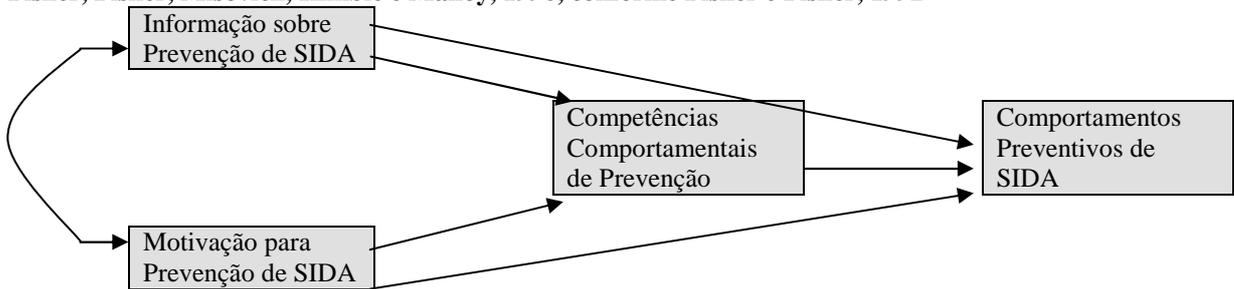
3.2.4 Modelo de Informação-Motivação-Competências Comportamentais

O Modelo de Informação-Motivação-Competências Comportamentais, criado por Fisher e Fisher em 1992, comporta aspectos da Teoria de Acção Ponderada, do Modelo de Crenças de Saúde e da Teoria de Auto-eficácia. A sua ideia fundamental é a de que a informação, a motivação e as competências comportamentais são os determinantes fundamentais na mudança de comportamentos face ao risco de SIDA, conduzindo à prevenção (Fisher, Fisher, Misovich, Kimble & Malloy, 1996; Fisher, Williams, Fisher & Malloy, 1999; Fisher & Fisher, 1998).

Um pré-requisito inicial para a mudança de comportamentos de risco, é a informação relevante quanto à transmissão e prevenção. O segundo pré-requisito, é a motivação, que se enraíza nas atitudes face aos actos preventivos, ao cumprimento de normas sociais respeitantes a esses actos e à percepção de vulnerabilidade pessoal ao HIV. Os autores consideram que os indivíduos precisam de estar motivados para traduzir os seus conhecimentos em acções concretas. O terceiro predicado, diz respeito à capacidade de realização de actos preventivos específicos, incluindo competências objectivas e sentido de auto-eficácia. As competências assumidas são vastas e incluem por exemplo a aceitação da própria sexualidade, a aquisição de informação significativa sobre comportamentos, a capacidade de negociação com o parceiro, a realização de actos públicos como por exemplo aquisição de método contraceptivo e o reforço consistente da prevenção na díade. O modelo considera também que a informação e motivação preventivas podem influenciar directamente os comportamentos preventivos nas situações em que não são necessárias novas

competências para as práticas preventivas. Considera ainda que, na medida em que a informação e a motivação são constructos independentes, não significa que as pessoas bem informadas estejam necessariamente motivados para a prevenção, tal como os altamente motivados não estejam grandemente informados sobre comportamentos preventivos (Fisher et al, 1996; Lewis & Kashima, 1993; Fisher & Fisher, 1998, Morrison-Beedy, Carey & Aronowitz, 2003). O modelo está graficamente representado na figura 10.

Figura 10 Modelo de Informação-Motivação-Competências Comportamentais. Fonte: adaptado de Fisher, Fisher, Misovich, Kimble e Malloy, 1996, conforme Fisher e Fisher, 1992



Em adolescentes sexualmente activos, provenientes de uma área de elevada prevalência de HIV, observou-se que o modelo possuía utilidade para compreender e predizer os riscos comportamentais face a SIDA. Nos rapazes, a motivação para a prevenção estava directamente associada aos comportamentos preventivos, enquanto nas raparigas, a motivação para a prevenção prosseguia através das competências comportamentais, influenciando os comportamentos preventivos indirectamente, sugerindo que as raparigas necessitam de comportamentos mais sofisticados para assegurar que o parceiro utilize preservativo (Fisher et al, 1999).

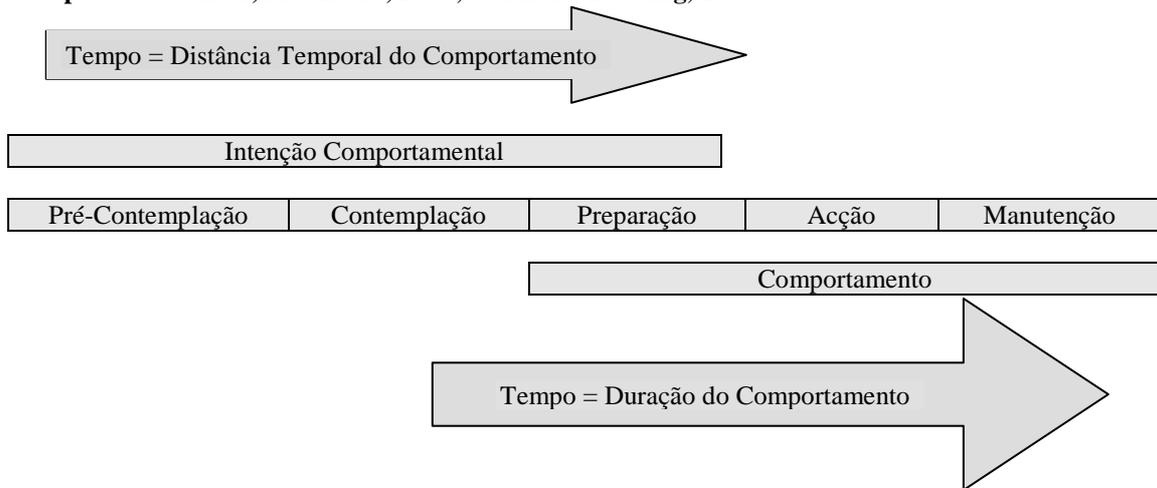
Em população feminina adolescente com experiência de coito, abordada antes da aplicação deste modelo, observou-se que as raparigas em maior risco para IST, apesar de reconhecerem os seus comportamentos de risco, de terem maior conhecimento teórico da temática, não consciencializavam a vulnerabilidade e não estavam motivadas para sexo seguro, sugerindo a importância do componente motivacional na implementação da prevenção (Morrison-Beedy, Carey & Aronowitz, 2003).

Um outro estudo, iniciado com uma abordagem diagnóstica prévia dos sujeitos sobre a informação, motivação e competências comportamentais face ao risco de SIDA e à qual se seguiram *wokshops* sobre a temática, mostrou em *follow-up* um mês e dois meses depois, indicadores de que a informação, motivação e competências comportamentais sustentavam comportamentos preventivos mais elevados, confirmando-se a eficácia do modelo (Fisher et al, 1996).

3.2.5 Modelo Transteórico de Mudança Comportamental

Na concepção do Modelo Transteórico de Mudança Comportamental (MTMC), os indivíduos progridem por uma série de estádios, que lhes permitem atingir com sucesso as mudanças comportamentais. Cinco estádios são identificados: 1) pré-contemplação, 2) contemplação, 3) preparação, 4) acção e 5) manutenção. Os estádios são definidos de acordo com as intenções de modificações comportamentais contextualizadas no tempo e constituem a dimensão temporal do modelo (Noar, Morokoff & Redding, 2001; Velicer, Prochaska, Fava, Norman & Redding, 1998). A dimensão temporal do MTMC está globalmente organizada em dois conceitos: a) intenção comportamental, que ocupa os estádios de pré-contemplação, contemplação e preparação, reportando-se à fase anterior da mudança do comportamento-alvo e b) comportamento propriamente dito, que ocupa os estádios de preparação, acção e manutenção, referindo-se à fase de mudança do comportamento-alvo (figura 11). Repare-se que o estádio de preparação é comum aos dois conceitos, na medida em que nesta fase há um misto de intenção/acção (Velicer et al, 1998).

Figura 11 Modelo Transteórico de Mudanças Comportamentais Aplicado ao Uso de Preservativo. Fonte: adaptado de Velicer, Prochaska, Fava, Norman e Redding, 1998



No estádio de pré-contemplação os indivíduos têm um comportamento-problema, reconhecido ou não e não tencionam modificar-se no espaço de seis meses. Encontram-se neste estádio as pessoas não críticas relativamente ao comportamento específico, ou as que estão pouco informadas sobre as consequências a maior ou menor prazo do seu comportamento actual, ou ainda pessoas que tem história anterior de insucesso na tentativa de mudança. Caracteristicamente não falam sobre o seu comportamento, ou estão em defensiva, mesmo desmotivadas para a participação em intervenções promotoras de mudança. De acordo com Noar, Morokoff e Redding (2001), estão no estádio de pré-contemplação os adolescentes que não têm intenção de utilizar contraceptivo (i.e. preservativo) nos próximos seis meses.

O estádio de contemplação reporta-se à intenção de mudança de comportamento no espaço temporal de seis meses. Os indivíduos reconhecem o problema, consideram a possibilidade de mudança, conhecem as suas vantagens (prós), mas não assumem o compromisso específico. Ou seja, a opção de mudança é colocada mas adiada, pois não há ainda disponibilidade para a participação em intervenções promotoras de saúde. São contempladores no contexto contraceptivo, os adolescentes que pretendem utilizar

preservativo de forma consistente nos próximos seis meses (Noar & Morokoff, 2002; Noar, Morokoff & Redding, 2001).

No estádio de preparação, o indivíduo reconhece o problema e tenciona modificar o seu comportamento nos próximos 30 dias. A decisão de mudança está tomada, a pessoa compromete-se consigo mesma relativamente ao comportamento específico e procura ajuda. Neste estágio as pessoas têm consciência clara das vantagens de mudança e são frequentes os episódios concretos de tentativas. No estágio de preparação são classificados os adolescentes que tencionam usar preservativo nos 30 dias seguintes e já se iniciaram na utilização em quase todos os episódios de coito (Noar, Morokoff & Redding, 2001; Noar & Morokoff, 2002).

No estádio de acção a mudança comportamental é atingida em período igual ou inferior a seis meses. As pessoas valorizam as vantagens, realizam mudanças objectivas, observáveis e mostram maiores níveis de auto-eficácia, sendo fundamental a auto-vigilância relativamente a recaídas. A adesão a intervenções promotoras de comportamentos saudáveis é manifesta. Os adolescentes no estágio de acção possuem práticas de sexo seguro com preservativo em todos os episódios de coito, ou seja, usam contracepção de forma consistente há menos de seis meses (Noar, Morokoff & Redding, 2001; Noar & Morokoff, 2002).

No estádio de manutenção a modificação comportamental é mantida por seis meses ou mais. Entra-se na estabilização da mudança comportamental, a tentação de voltar aos comportamentos problemáticos é progressivamente menor e a auto-confiança cresce (Velicer et al, 1998; Noar, Morokoff & Redding, 2001; Cabrera, 2000). Considerando os adolescentes que se encontram no estágio de manutenção, os comportamentos contraceptivos com uso de preservativo duram com consistência há seis meses ou mais (Noar, Morokoff & Redding, 2001; Noar & Morokoff, 2002).

Num estudo com população feminina (Grimley & Lee, 1997), os estádios de mudança foram observados em relação a vários métodos contraceptivos, verificando-se que nas raparigas sexualmente activas nos últimos seis meses, no estágio de manutenção, o preservativo era o método com maior representação (15%), seguido da pílula (6%), encontrando-se os outros métodos não representados. Quando considerado apenas o uso consistente de preservativo, 45% não tinham intenção de usar nos próximos seis meses (i.e. pré-contemplação), 24% tencionavam usar nos próximos seis meses (i.e. contemplação) e 6% tencionam usar nos próximos 30 dias (i.e. preparação), 10% usam há menos de seis meses (i.e. acção) e 15% usam há seis meses ou mais (i.e. manutenção).

Alguns autores (Cabrera, 2000) consideram ainda uma etapa posterior ao estágio de manutenção, denominando-a como “terminação” e que se caracteriza pela ausência de tentações relativamente ao comportamento problemático específico, pela total confiança e auto-eficácia face a essas situações.

3.3 Factores Contextuais no Uso de Preservativo na Adolescência

O uso de preservativo justifica-se pela interacção sexual entre duas pessoas, contudo, num contexto relacional iniciático de intimidade, como é o caso dos contactos sexuais adolescentes, há vários aspectos que podem condicionar a utilização real. Além das características do próprio método, as características inerentes ao indivíduo, ou seja os aspectos intrapessoais e os aspectos interpessoais referentes à relação diádica, constituem factores que estão associados a maior ou menor consistência contraceptiva. Revemos seguidamente os factores contextuais envolvidos na utilização de preservativo, incidindo seguidamente na negociação no uso deste método

3.3.1 Selecção do Método

Estudos empíricos mostram que os adolescentes são inconsistentes nos comportamentos de sexo seguro (Manlove, Ryan & Franzetta, 2003; Noar, Zimmerman & Atwood, 2004; Boyer & Kegeles, 1991; Nodin, 2001) aspectos que podem relacionar-se com as características de aplicação do próprio método-como-objecto e com a sua obtenção. Considerando as escolhas preferenciais dos adolescentes (i.e. preservativo e pílula) (Manning, Longmore & Giordano, 2000), não tendo os outros métodos representação significativa (Grimley & Lee, 1997; INE, 1999), apesar das atitudes positivas e do reconhecimento de vantagens (Noar & Morokoff, 2002; Boyce et al, 2004; Popen, 1994; Trost, 1990) é de salientar que as opções específicas por um ou outro destes métodos denunciam vulnerabilidades.

No trato com o objecto-método, há a considerar algumas diferenças. Enquanto o preservativo é dependente e está presente nos actos sexuais, a pílula como é independente (Ogden, 1999; Sheeran, White & Philips, 1991), poupa constrangimentos. Porém coloca a adolescente em confronto diário com as exigências da posologia e observando-se que os esquecimentos rondam em média três tomas em cada ciclo (Bassalone, 1989), o método torna-se falível se há alheamento da necessidade de introduzir um método barreira, colocando-se em risco a protecção contraceptiva (Portugal. Direcção Geral de Saúde, 2001). Por outro lado, do ponto de vista da igual responsabilidade dos elementos do par, nem sempre reconhecida pelos adolescentes (Boyce et al, 2003), este método de controlo feminino, ao aliviar o parceiro masculino da preocupação contraceptiva concorre para a sua desresponsabilização e para uma visão desprezível do preservativo (MacDonald, Wells, Fisher, Warren, King & Doherty, 1990). Apesar de ser eficaz como contraceptivo, não protege de IST, aspecto desconhecido por alguns adolescentes (Crosby, Newman, Kamb, Zenilman, Douglas & Iatesta, 2000).

O preservativo é também um método algo problemático, uma vez que tem conotações negativas como diminuição do prazer, incómodo e obstáculo à manifestação de virilidade, aspectos que o desvalorizam na perspectiva dos adolescentes (Boyce et al 2004; Loewenstein & Furstenberg, 1991; MacDonald et al, 1990). Por outro lado é exigente nas regras de utilização, e como nos adolescentes a percepção do conhecimento quanto à utilização não corresponde exactamente a verdadeiro saber, pode levar a protecção ineficaz (Crosby, Graham, Yarber & Sanders, 2004; Crosby, Sanders, Yarber, Graham & Dodge, 2002b). Assim, na inexperiência da manipulação do material-método (Crosby & Yarber, 2001), na imprevisibilidade da relação (Boyce et al, 2004; Zapian, 1993), na urgência da emoção ou na dificuldade de controlo da resposta sexual humana, nem sempre a utilização correcta do preservativo é respeitada pelos adolescentes (Trost, 1990; Loewenstein & Furstenberg, 1991; Crosby et al, 2004). Ao mesmo tempo também é compreensível que, perante os conhecimentos e destrezas necessários, na iminência do contacto sexual, sejam mais salientes os sentimentos românticos e eróticos do que pensamentos mais elaborados sobre potenciais riscos (Pilkington, Kern & Indest, 1994; Trost, 1990). Contraditoriamente, os adolescentes que utilizam o método duplo (i.e. preservativo e pílula em simultâneo), necessitado quer de maior perícia, quer de perseverança na continuidade da toma, mostram-se mais efectivos nas práticas de sexo seguro (Manlove, Ryan & Franzetta, 2003).

A intenção com que os adolescentes seleccionam os métodos é curiosa, pois o uso do preservativo serve sobretudo razões de evitação de gravidez e não a prevenção de IST, ou seja, o preservativo serve a contracepção em primeiro plano, encarando-se a protecção das patologias de forma mais aligeirada (Pilkington, Kern & Indest, 1994; Noar, Zimmerman & Atwood, 2004; Traen, Lewin & Sundet, 1992). Concorrendo para esta ideia, observa-se noutros estudos que um forte desejo de evitar a GND está correlacionado com a consistência

no uso do método duplo (Crosby, DiClemente, Wingood, Cobb, Harrington, Davies & Hook, 2002a).

À medida que o adolescente cresce na idade, passa por uma sucessão de experiências monogâmicas e os relacionamentos afectivo-sexuais se tornam mais duradouros, o uso de preservativo torna-se decrescente sendo progressivamente substituído pela pílula que surge como método preferido (Traeen, Lewin & Sundet, 1992; Boyce et al, 2003; Noar, Zimmerman & Atwood, 2004; Matos, 2003).

No nosso país os resultados dos estudos mostram uma certa divergência, apontando uns para a preferência sobre a pílula (INE, 1999; Pereira da Silva, Carvalho, Telhado & Romão, 2005) e outros sobre o preservativo (Nodin, 2001). Mais recentemente observou-se contudo que os jovens escolarizados entre o 6º e o 10º ano, utilizam o preservativo, mas com a intenção de evitar a gravidez (Matos, 2003). No Alentejo o preservativo é o método de eleição entre os jovens (i.e. 18-25 anos) mas é também o local onde as práticas de coito interrompido são as mais elevadas (Nodin, 2001), a ocorrência de IST tem expressão significativa (Nodin, 2001; Eurotrials, 2001) e a maternidade adolescente se mantém, desde há décadas, como das mais elevadas no país (Roque, 2003).

A acessibilidade do objecto-método é também um aspecto que influencia a selecção, na medida em que algumas barreiras podem ser encontradas. A decisão pela pílula não denuncia obrigatoriamente perante outros as práticas coitais, enquanto a aquisição de preservativo, mais explícita, torna-se difícil para alguns adolescentes nas situações de interacção comercial surgindo por vezes algum embaraço (Herold, 1981; Hocking, Turk, Ellinger, 1999; MacDonald et al, 1990). A opção pela pílula exige por outro lado a intervenção de técnicos de saúde, o fornecimento de dados pessoais sobre a história sexual, aspectos que necessitam de ser tratados com cuidado quando a população é adolescente e se pretendem que se tornem contraceptores efectivos (Metcalf, 2004). Nos jovens portugueses,

o local preferido para obter a contracepção é a farmácia (Nodin, 2001) embora em tempo recente os supermercados se tenham tornado também um espaço de aquisição do método, além das associações onde a sua obtenção é gratuita (i.e. delegações da Associação de Planeamento Familiar - APF).

A facilidade em obter preservativos leva a maior consistência no seu uso (Pilkington, Kern & Indest, 1994), observando-se por exemplo que o manuseamento e a disponibilidade no espaço escolar, promovem maior frequência de uso nos sexualmente activos e familiarização com o método-objecto nos estudantes sem experiências de contactos sexuais (Schuster, Bell, Berry & Kanouse, 1997).

3.3.2 Factores Intrapessoais

O uso de preservativo é um comportamento que tem representatividade na história pessoal dos adolescentes, ou seja, ocorre alguma vez em quase todos os indivíduos (Noar, Zimmerman & Atwood, 2004), porém vários aspectos interferem na auto-protecção, quando ao exercer a sua sexualidade, o adolescente não tem a intenção de comprometer o futuro e deseja o desenvolvimento sexual e reprodutivo. Factores como a idade precoce à data do relacionamento (Manning, Longmore & Giordano, 2000), a não clarificação da volição do coito *versus* alguma forma de coerção, a vitimização (East & Adams, 2002; Manlove, Ryan & Franzetta, 2004), a informação deficiente e as crenças incorrectas sobre os métodos (López & Fuertes, 1999) concorrem para a fraca utilização. Também a acentuada diferença de idades entre os parceiros é um factor com implicações, observando-se que a menor idade das raparigas relativamente ao parceiro reduz a possibilidade de protecção (Manning, Longmore & Giordano, 2000; DiClemente, Wingood, Crosby, Sionenan, Cobb, Harrington, Davies, Hook & Oh, 2002).

O sexo é uma variável que alguns autores exploram quanto à consistência dos comportamentos protectores, observando-se que os rapazes referem mais o uso de

preservativo na relação do que as raparigas (MacDonald et al, 1990). A decisão e o uso efectivo de preservativo envolvem ambos os elementos do par, facto que nos remete para os aspectos interpessoais nos comportamentos contraceptivos.

3.3.3 Factores Interpessoais

Os comportamentos de sexo seguro são diferentes de outros comportamentos promotores de saúde, possuem um carácter de intimidade (Noar Morokoff & Harlow, 2002), podendo ser observados sob diferentes pontos de vista, por exemplo a) na situação de primeira experiência de coito, b) nos coitos subsequentes, c) na qualidade do romance, d) na comunicação dos elementos do par ou e) na assertividade sexual.

A primeira experiência de contactos sexuais não é muitas vezes acompanhada de sexo seguro, mas há particularidades, pois se ocorre no contexto de uma relação afectiva já instalada, o uso de precauções é mais provável, comparativamente às situações de “acabado de conhecer”, factos justificados pela previsibilidade do carácter sexual e pelas maiores aptidões comunicacionais nos relacionamentos estabelecidos (Manning, Longmore & Giordano, 2000). No nosso país, observa-se tendência para maior utilização do preservativo no primeiro episódio de relações sexuais (61% das mulheres e 59% dos homens com idade entre 15-19 anos), de acordo com os dados do INE (2002), mas a intenção de demonstrar amor, ou a confiança no coito interrompido podem levar a despreocupação quanto aos riscos de IST (Ramos de Almeida, 1987).

As razões para não utilizar preservativo são variadas entre os adolescentes (i.e. 14-16 anos), contudo, considerando o último episódio de coito, a sua imprevisibilidade é uma das razões mais invocadas pelos rapazes, diminuindo a representação desta variável nas raparigas com o avançar da idade (Boyce et al, 2003).

Quando se considera a situação de coitos subsequentes, os estudos mostram que o uso se torna mais provável com os parceiros ocasionais do que com o parceiro habitual ou principal (Ellen, Cahn, Eyre & Boyer, 1996; Morrison-Beedy & Lewis, 2001), atribuindo-se o facto à perspectiva do adolescente quanto a menor risco dado o maior conhecimento do parceiro, tornando-se a confiança a justificação para sexo inseguro (Fazekas, Senn & Ledgerwood, 2001). A monogamia seriada constitui assim um factor de protecção na interpretação do adolescente, sendo contudo um argumento frágil que é influenciado pelo passado sexual do parceiro romântico (Noar, Zimmerman & Atwood, 2004; Morrison-Beedy & Lewis, 2001).

Na comunicação sexual, a capacidade verbal e paraverbal influenciam o uso real da contracepção, podendo haver afastamento entre o que se entende como desejável e o que se pratica (Noar, Morokoff & Redding, 2002). A falta de conversação diminui as possibilidades de sexo seguro (Manlove, Ryan & Franzetta, 2003; Popen, 1994), podendo as dificuldades ser mais evidentes quando a opção é um método interferente no coito. Sugerir o uso de preservativo pode levar a desconfiança, ser tomado como ofensivo, criar tensão relacional, supor múltiplos parceiros e levar a adiamento da utilização (Fazekas, Senn & Ledgerwood, 2001; Johnson, 1999).

O preservativo, tendo fins relacionais, é utilizado pelo indivíduo do sexo masculino, deixando à mulher um papel de solicitadora, caso deseje e não seja visível a intenção do parceiro (Noar, Zimmerman & Atwood, 2004). Assim, na comunicação, há que considerar o género, pois se nos rapazes o uso deste método é um comportamento, nas raparigas é um objectivo e se os comportamentos estão sob o controlo do indivíduo, os objectivos aqui dependem da colaboração da outra pessoa (Fazekas, Senn & Ledgerwood, 2001), aspecto que impõe às mulheres, senão o denunciar, também a formulação expressa da vontade contraceptiva, em alternativa ao risco. As raparigas têm geralmente um papel mais activo na

comunicação sexual (Noar, Morokoff & Harlow, 2002), facto atribuído à maior responsabilização social quanto a algumas consequências (i.e. GND) (Noar, Zimmerman & Atwood, 2004). Na população portuguesa (i.e.18-24 anos) a comunicação sexual é um aspecto crítico, pois os namorados/as não figuram como fontes de informação/discussão sobre métodos contraceptivos, aspecto crucial numa temática que interessa a ambos os parceiros (Nodin, 2001). A relação entre o uso de precauções e a comunicação sexual, parece reduzir-se à ideia de que “faz-se mas não se discute o como” (Nodin, 2001; p.125), aspectos que nos fazem reflectir sobre a assertividade sexual.

Os primeiros passos para a assertividade sexual, que não tem obrigatoriamente expressão verbal (Noar, 2003), são a compreensão e a manifestação dos próprios direitos sexuais, pois se o adolescente escolhe tornar-se sexualmente activo, é legítimo que experimente a sexualidade sem riscos, facto que torna indesejável o/a parceiro/a que não respeite a sua vontade de proteger-se (East & Adams, 2002). Embora a assertividade sexual esteja associada a comunicação promotora de sexo seguro (i.e. exigência de preservativo) (Noar, Morokoff & Redding, 2002), a vulnerabilidade assertiva feminina é representativa, porque algumas adolescentes não se reconhecem no direito de recusar o coito, de questionar o parceiro sobre a saúde sexual ou de insurgir-se face a trato rude, tornando-se cúmplices de práticas sexuais inseguras (Rickert, Sanghvi & Wiemann, 2002) que espelham simultaneamente o duplo padrão sexual nas esferas relacionais mais íntimas (Noar, Morokoff & Redding, 2002; Martinez 2000).

Nos adolescentes a assertividade sexual é predictor do uso de preservativo, está negativamente associada a sexo inseguro (Noar, 2003) e vários caminhos são possíveis para a obtenção da colaboração contraceptiva, nomeadamente a capacidade de negociação.

3.3.3.1 Negociação no Uso de Preservativo

Os relacionamentos de amizade pressupõem que os intervenientes têm aproximadamente o mesmo poder para tomar decisões ou para expressar as suas vontades, aspectos que em aprendizagens sucessivas são transpostos para o par amoroso e levam a aquisição de competências para negociações românticas igualitárias (Youniss & Smollar, 1985 citados por Simon, Bouchey & Furman, 2000). Contudo, negociar o uso de contracepção é um comportamento iniciático na adolescência, além de que a sua própria exibição pode ter diversas conotações.

Várias razões tornam o sexo seguro difícil, nomeadamente por receio das percepções do parceiro (Hocking, Turk & Ellinger, 1999), porque é embaraçoso (Boyce et al, 2003), porque o proponente ao fazê-lo pode não transmitir uma imagem romanticamente aliciante (Bryan, Aiken & West, 1999), ou simplesmente porque os adolescentes não apresentam essa possibilidade (Kourdoutis, Loumakou & Sarafidou, 2000). A menor comunicação com o parceiro/a relaciona-se quer com a auto-percepção de baixas capacidades para negociar, quer com o medo da negociação (Crosby, 2002a), observando-se que os não contraceptores receiam arruinar o momento relacional com a introdução da temática (Edgar, Freimuth, Hammond, McDonald & Fink, 1994).

As estratégias de negociação no uso de preservativo são variadas e complementares. Em população sexualmente activa, com idade entre os 18-22 anos e referido ao último episódio de coito, observou-se simultaneidade de estratégias, mas maior representação das verbais-directas (i.e. ameaça, invocação de GND e IST) e não-verbais-directas (i.e. abertura do preservativo em frente ao parceiro) (Lam, Mak, Lindsay & Russell, 2004).

A idade, sexo e a carreira sexual no que respeita a experiência e a duração do relacionamento, são outros aspectos que intrinsecamente influenciam as várias formas de propor o uso de preservativo, notando-se algumas modificações com o passar dos anos. Um estudo da década de 90 mostrou que na adolescência tardia (i.e. 18-22 anos) em indivíduos

com experiências de coito, os do sexo masculino, utilizavam preferencialmente estratégias não verbais, ou aplicavam o preservativo sem inquirir a parceira, ou ainda delegavam-lhe o assunto, enquanto as raparigas preferiam estratégias de punição (i.e. recusa da relação) ou requeriam a utilização (Edgar et al, 1994). Mais recentemente um estudo na mesma faixa etária mostrou que os rapazes utilizam mais as estratégias verbais-directas que as suas parceiras, enquanto estas, usam estratégias não-verbais-indirectas (i.e. preservativo na almofada, panfleto contraceptivo no campo de visão do parceiro) (Lam et al Mak, 2004). A recusa de sexo é uma estratégia mais sublinhada pelas raparigas, visível nos dois estudos referidos e ainda no de De Bro, Campbell e Peplau (1994). Nos rapazes, a sedução mostra uma particularidade, tanto é utilizada para encorajar, como para evitar a utilização de preservativo (De Bro, Campbell & Peplau, 1994).

Em adolescentes mais novos (i.e. 14-16 anos) a negociação do preservativo parece mais problemática, observando-se no estudo de Boyce et al (2003) que cerca de um quarto das raparigas e um terço dos rapazes não solicitariam ao parceiro o uso de preservativo, justificando estes últimos a interferência no prazer sexual. No nosso país, o à-vontade para conversar sobre o uso de preservativo e o convencer do parceiro/a crescem entre os 13 e os 16 e mais anos, assim como a recusa ao coito sem protecção (Matos, 2003)

As propostas do uso de contracepção mostram aspectos curiosos na percepção dos adolescentes. Em situação de programa educativo, as raparigas consideram os proponentes simpáticos, maduros e menos promíscuos quando a estratégia é verbal, comparativamente a estratégias não verbais, enquanto que os rapazes, relacionam as propostas de utilização com a diminuição das oportunidades de coito (Bryan, Aiken & West, 1999).

Alguns programas educativos valorizam formas verbais-directas das estratégias (i.e. vocalização), na medida em que difundem os comportamentos de sexo seguro entre pares adolescentes (Babola, 2005). No entanto as propostas verbais explícitas podem ser intrusivas

no relacionamento, ainda que não sejam mencionadas as razões (i.e. GND, IST), comparativamente a propostas silenciosas (Bryan, Aiken & West, 1999). Nos programas dirigidos a adolescentes, a aplicação de técnicas de assertividade e de comunicação na negociação fomentam o empoderamento e consequentemente o sexo seguro (Albarracín, Kumkale & Johnson, 2004).

A negociação no uso de preservativo é uma competência desejável que deve ser estimulada em grupos mais vulneráveis a práticas sexuais inseguras, como é o caso dos adolescentes (Noar, Morokoff & Harlow, 2004; Albarracín, Kumkale & Johnson, 2004; WHO/OMS, 2004), observando-se que a prontidão para introduzir o assunto do uso de preservativo é um bom predictor do seu uso real (Edgar et al, 1994). Mas se uma maior interação no par pode levar a negociação, observa-se que os indivíduos com estilos de relacionamento ansioso são menos capazes, ou menos persistentes na negociação de comportamentos sexuais seguros (Feeney, Kelly, Gallois, Peterson & Terry, 1999).

Modelo de Estratégias de Influência no Uso de Preservativo

O modelo de estratégias de influência no uso de preservativo pressupõe que o coito é uma situação relacional, que ao implicar duas pessoas, leva a negociação que é definida por Noar, Morokoff e Harlow (2002) como “a capacidade de persuadir um parceiro a usar preservativo, consistindo num conjunto competências, verbais e não verbais” (p.712). O constructo não se refere apenas à comunicação sobre o uso de preservativo, mas a formas de propor a sua utilização nos momentos de intimidade sexual. Foi desenvolvido no contexto da heterossexualidade para ambos os sexos e aplicado a universitários de diferentes etnias, com idade entre os 18 e os 22 anos, sexualmente activos desde há pelos menos um ano, com parceiros permanentes ou ocasionais, com representação do uso de preservativo que variava

entre nunca e sempre, tendo a maior parte dos sujeitos intenção de praticar sexo seguro nos próximos 30 dias (Noar, Morokoff & Harlow, 2002).

O enquadramento teórico do modelo resultou de pesquisa bibliográfica, especialmente de estudos qualitativos, não necessitando de recorrer a grupo *focus* uma vez que a literatura sobre a temática era substancial (Noar, 2003). O constructo de negociação ou influência no uso de preservativo é multidimensional e mensurável através de um questionário.

O instrumento inicial, Condom Influence Strategies Questionnaire (CISQ), possuía seis itens em cada dimensão, tendo sido criada uma versão reduzida (i.e. CISQ-R) com quatro itens (Noar, 2003, Noar, Morokoff & Harlow, 2004). São consideradas seis estratégias de influência: 1) recusa de sexo, 2) pedido directo, 3) sedução, 4) contexto da relação, 5) informação de risco e 6) engano (Noar, 2003).

Estratégia de Recusa da Relação Sexual: o indivíduo afirma ou ameaça que a actividade sexual é negada se o/a parceiro/a não concordar com o uso de preservativo

Estratégia de Pedido Directo do Uso de Preservativo: o indivíduo solicita o uso de preservativo directamente de maneira clara

Estratégia de Sedução: o indivíduo usa a excitação sexual não verbal para distrair ou encaminhar o/a parceiro/a a usar preservativo

Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento: o indivíduo refere-se ao cuidado ou à preocupação com o relacionamento ou com o/a parceiro/a para levar ao uso de preservativo

Estratégia de Aplicação da Informação Sobre IST: o indivíduo apresenta informação que possui sobre IST/SIDA para levar o/a parceiro/a à utilização de preservativo

Estratégia de Engano: o indivíduo serve-se de informação falsa para conseguir o uso de preservativo na relação sexual.

Ao eleger-se neste estudo o modelo de estratégias de influência, reduz-se a abordagem ao uso de preservativo. Várias razões concorrem para a selecção deste método no nosso estudo:

- a) O método tem finalidades especificamente coitais, não se confundindo a intenção da sua utilização com outras razões, tal como acontece com a pílula (Herold, 1981);
- b) É um dos métodos de eleição dos adolescentes portugueses (Nodin, 2001);
- c) É o método que se usado correctamente oferece protecção eficaz para IST (Noar, Zimmerman & Atwood, 2004);
- d) É um método divulgado nos mass-media, contemplado nas campanhas de promoção de sexo seguro e por isso tem possibilidade de ser conhecido por muitos adolescentes (Borzekowski, 2000);
- e) É um método não sujeito a prescrição por técnicos de saúde (Ogden, 1999);
- f) É um método com diversas formas de aquisição, com possibilidade de redução da exposição do adolescente, por exemplo em superfícies comerciais ou dispositivos mecânicos (Roque, 2005).

3.4 Estilos Românticos e Sexo Seguro

Na adolescência, as práticas de sexo seguro são uma medida importante, pois as primeiras experiências pré-coitais ou coitais, são frequentemente, o começo da carreira romântica, correndo-se riscos se não há precauções (Bearman, Moody & Stovel, 2004; Remez, 2000). Dada a pouca literatura, em população adolescente, sobre o uso de preservativo em experiências sexuais não coitais e também sobre os estilos românticos dos sistemas comportamentais, a abordagem que se segue utiliza sobretudo informação respeitante ao sistema de vinculação observada em relacionamentos coitais.

No romance adolescente, a vinculação segura está associada a um perfil psicológico mais positivo relativamente à sexualidade e às experiências sexuais, comparativamente ao

perfil apresentado por adolescentes com estilos inseguros de vinculação (Tracy et al, 2003). Contudo, visões mais positivas da intimidade não encorajam necessariamente práticas de sexo seguro, existindo paradoxalmente factores de protecção nos estilos inseguros, aspectos que não permitem a generalização das relações entre estilos românticos e o uso específico de preservativo (Feeney & Noller, 2004; Paul, McManus & Hayes, 2000).

Os autores sublinham aspectos problemáticos na associação entre a vinculação insegura face ao uso do método, ou encontram associações lábeis com o estilo seguro. Por exemplo, nos indivíduos que sentem receio de abandono ou pouca estima dos parceiros, a adesão ao preservativo é reduzida, sugerindo que ao terem uma auto-imagem desvalorizada, centram-se na preservação da relação, agindo em seu prejuízo (Feeney et al, 1999); estilos marcados de vinculação evitativa e inquieta, com relacionamentos emocionalmente distantes do parceiro ou problemáticos pela dúvida da reciprocidade amorosa, apresentam associação a historial de contraceção falível (i.e. coito interrompido, calendário), mas a maior confiança não apresenta uma relação consistente no uso de preservativo. A vinculação insegura, pode dificultar a discussão do sexo seguro e por seu lado levar a menor oportunidade dos parceiros apoiarem comportamentos protectores (Zlokovich & Snell, 2001). Contudo, o uso de preservativo é alto em indivíduos com parceiros sexuais inespecíficos, que caracteristicamente mostram vinculação desapegada, constituindo factor de protecção (Paul, McManus & Hayes, 2000).

Os estudos também sublinham aspectos problemáticos na associação entre a segurança romântica e o uso de preservativo, referidos à profundidade ou progressão das ligações ao parceiro. Quando os sentimentos relativamente aos parceiros sexuais são menos positivos, os adolescentes ficam preocupados com IST e usam preservativos, mas quando os sentimentos são marcadamente positivos abandonam rapidamente este método (Pilkington, Kern & Indest, 1994); nas raparigas (i.e. 14-16 anos) a confiança de que o parceiro é seguro

leva a não utilização do preservativo, facto que cresce com a idade (Boyce et al, 2003); as adolescentes com menor disposição ao risco tendem a mostrar vinculação segura, mas tal não se verifica nos rapazes do mesmo estudo (Zapiain, 2005). O maior uso de preservativo está assim inversamente relacionado com a confiança no parceiro(a), monogamia, compromisso e apego emocional, pois embora exista tendência para o uso regular no início dos relacionamentos, torna-se progressivamente intermitente e substituído por outra forma contraceptiva, frequentemente a pílula (Bauman & Berman, 2005; Zlokovich & Snell, 2001; Manning, Longmore & Giordano, 2000).

O quadro parece crítico na adolescência, pois por um lado a vinculação insegura é bidirecional, tanto o receio cria condições para sexo inseguro, como o desapego, em situações extremas pode promover a protecção. Por outro lado, os relacionamentos baseados na confiança, tendem a progredir para contextos de sexo sem protecção.

PARTE II. TRABALHO EMPÍRICO

Capítulo 4. OBJECTIVOS, VARIÁVEIS E HIPÓTESES

No enquadramento teórico recapitulou-se, no contexto da adolescência, o desenvolvimento romântico, sexual e as práticas de sexo protegido. Seguidamente aprofundou-se o conhecimento das relações entre estas temáticas.

Numa visão geral, este estudo pretende oferecer uma análise descritiva das experiências românticas e sexuais de adolescentes do distrito de Évora, dos seus estilos de amor romântico e dos comportamentos sexuais protectores ou intenções comportamentais, especificamente respeitantes ao uso de preservativo.

4.1 Objectivos

4.1.1 Objectivo Geral 1

Encontrando-se as temáticas do romance e da sexualidade pouco estudadas na região de Évora, é nosso objectivo, através das variáveis independentes complementares:

- Caracterizar os sujeitos em alguns aspectos do desenvolvimento romântico e da sexualidade.

4.1.1.1 Objectivos Específicos

- a) Objectivo Específico 1: Caracterizar os sujeitos quanto a aspectos do desenvolvimento sexual físico;
- b) Objectivo Específico 2: Caracterizar os sujeitos quanto ao historial de romances;
- c) Objectivo Específico 3: Caracterizar os sujeitos quanto à idade de iniciação e contexto das primeiras experiências românticas e sexuais;
- d) Objectivo Específico 4: Caracterizar os sujeitos quanto a disponibilidade de método contraceptivo, conhecimentos na aplicação e respectiva utilização nas práticas sexuais não coitais e coitais;

- e) Objectivo Específico 5: Caracterizar os pares no âmbito afectivo-sexual no contexto das experiências românticas e sexuais dos sujeitos;
- f) Objectivo Específico 6: Caracterizar os sujeitos quanto aos agentes de informação sobre temáticas afectivo-sexuais;
- g) Objectivo Específico 7: Caracterizar os sujeitos quanto a consumo e efeitos do consumo de álcool no contexto afectivo-sexual;

4.1.2 Objectivo Geral 2

Os estilos de amor ao parceiro romântico na juventude, estão associados ao historial afectivo radicado nas figuras parentais (Shaver & Hazan, 1988; Collins & Read, 1990), mas na adolescência os pares possuem uma influência manifesta (Furman & Wehner, 1994/1997; Furman, 1999), oferecendo a possibilidade de passar de interacções homosociais para heterosociais (Dunphy, 1963 citado por Bouchey & Furman, 2003; Connolly, Craig, Goldberg & Pepler, 2004), sendo um local privilegiado para os encontros românticos (Montgomery & Sorell, 1998; Simon, Bouchey & Furman, 2000) e para o desenvolvimento individual e relacional no sentido da busca de conexão afectivo-sexual com outros (Brown, 1999). Assim, é nosso objectivo:

- Observar o fenómeno amoroso a partir das concepções da Teoria das Visões Românticas de Furman e Wehner (1994).

4.1.2.1 Objectivos Específicos

- a) Objectivo Específico 1: Caracterizar os sujeitos no que se refere aos estilos românticos no âmbito geral e nos sistemas comportamentais de vinculação, cuidado, afiliação e intimidade,
- b) Objectivo Específico 2: Identificar o efeito de algumas variáveis de caracterização geral nos estilos românticos.

4.1.3 Objectivo Geral 3

Na medida das recomendações da OMS (2004) para a promoção de competências dos adolescentes na negociação no uso de preservativo, na constatação da pouca motivação para a utilização do método (Morrison-Beedy, Carey & Aronowitz, 2003) e da inconstância de práticas de sexo seguro (Manlove, Ryan & Franzetta, 2004), apesar da maior utilização deste contraceptivo nos jovens alentejanos no âmbito do país (Nodin, 2001) é nosso objectivo, através do modelo de estratégias de influência de Noar (2003)

- Caracterizar os sujeitos no contexto das estratégias de negociação do uso de preservativo

4.1.3.1 Objectivos Específicos

- a) Objectivo Específico 1: Caracterizar os sujeitos de forma global quanto às estratégias de negociação no uso de preservativo;
- b) Objectivo Específico 2: Identificar associações entre estratégias de negociação no uso de preservativo e o sexo, idade, ocorrência de namoro, ocorrência de coito e tipo de parceiros sexuais;
- c) Objectivo Específico 3: Identificar associações entre os estilos românticos e as estratégias de negociação no uso de preservativo.

4.1.4 Objectivo Geral 4

Na adolescência a utilização de preservativo, apesar de maior que em gerações anteriores, é baixa (Popen, 1994), inconstante e variável de acordo com o tipo de envolvimento com o parceiro (Wilson, Kastrinakis, D'Angelo & Getson, 1994), constatando-se por outro lado que o Alentejo é a região do país onde a adesão dos jovens ao método é mais elevada (Nodin, 2001). Assim é nosso objectivo:

- Caracterizar os sujeitos relativamente à consistência no uso de preservativo

4.1.4.1 Objectivos Específicos

- a) Objectivo Específico 1: Identificar associações entre a consistência no uso de preservativo a idade e sexo;
- b) Objectivo Específico 2: Caracterizar os sujeitos com práticas coitais, quanto à consistência no uso de preservativo nas situações de parceiro fixo, extemporâneo e ocasional;
- c) Objectivo Específico 3: Identificar associações entre os estilos românticos dos sistemas comportamentais e a consistência no uso de preservativo nos sujeitos monogâmicos e nos sujeitos com parceiros ocasionais.

4.1.5 Objectivo 5

Reunindo a variável predictor e as variáveis critério é nosso objectivo:

- Caracterizar os sujeitos quanto aos estilos românticos, estratégias de negociação no uso de preservativo e consistência no uso do mesmo método, na situação de parceiro fixo.

4.2 Variáveis

O estudo actual contém diversas variáveis que se apresentam seguidamente. Sumariamente, inclui uma variável predictor (i.e. estilos de amor romântico), duas variáveis critério (i.e. negociação e consistência no uso de preservativo) e várias variáveis independentes complementares cuja finalidade é caracterizar o grupo de sujeitos.

4.2.1 Variável Predictor - Estilos Românticos

Os estilos românticos referem-se ao tipo de percepção do indivíduo sobre as experiências românticas no grupo de pares e podem apreciar-se de uma maneira global ou em cada sistema comportamental.

4.2.1.1 Estilos Românticos Globais e Nos Sistemas Comportamentais

Os estilos românticos consistem nas percepções auto-reportadas das experiências de carácter romântico, podendo assumir as designações de estilo seguro, evitativo e inquieto.

Os sistemas comportamentais, consistindo em padrões de comportamentos com objectivos corrigidos, que mantêm um equilíbrio relativamente estável entre o indivíduo e o envolvente, podem referir-se à vinculação, cuidado, afiliação e sexualidade.

Os estilos românticos globais e nos sistemas comportamentais, foram apreciados através da Behavioral Systems Questionnaire (BSQ) de Furman e Wehner (1994) que é uma escala multidimensional intervalar com 65 itens. De acordo com a perspectiva da pesquisa, esta escala permite avaliar, 1) através de três sub-escalas, os três estilos românticos globais (i.e. seguro, evitativo e inquieto) e 2) através de quatro sub-escalas, que correspondem aos quatro sistemas comportamentais (i.e. vinculação, cuidado, afiliação e intimidade física), que comportam três sub-sub-escalas, ou seja, os estilos românticos em cada sistema comportamental.

As respostas aos itens da BSQ são dadas em escala de cinco pontos que variam entre 1 (“discordo muito”) e 5 (“concordo muito”), tendo um ponto neutral (“não discordo nem concordo”), obtendo-se a pontuação através da média. Pontuações mais elevadas correspondem a maior ênfase da característica em apreço.

Estilos Românticos Globais.

Estilo Seguro. Define-se como a percepção auto-reportada caracterizada pela procura de proximidade ao parceiro romântico em situações de crise, tensão ou angústia, valorização dos aspectos cuidativos oferecidos ao parceiro romântico, ênfase da mutualidade e amizade e de uma perspectiva dos relacionamentos sexuais como expressões de intimidade. O estilo seguro, é obtido através da média das 20 afirmações respeitantes aos itens da vinculação segura (5 itens), cuidado seguro (5 itens), afiliação segura (5 itens) e intimidade física segura (5 itens), que se encontram nas sub-escalas dos quatro sistemas comportamentais.

Estilo Evitativo. Define-se como a percepção auto-reportada caracterizada pelo raro recurso ao parceiro romântico como figura de conforto, baixo desejo de oferecer cuidado, utilização dos relacionamentos sexuais para experimentação e/ou auto-gratificação e incidência valorizadora na actividade em detrimento da companhia do parceiro romântico. O estilo evitativo corresponde à média das 25 afirmações, respeitantes aos itens da vinculação evitativa (5 itens), cuidado evitativo (5 itens), afiliação evitativa (5 itens) e intimidade física evitativa (10 itens), que estão nas sub-escalas dos quatro sistemas comportamentais.

Estilo Inquieto. Define-se como a percepção auto-reportada caracterizada pela dificuldade em sentir-se confortado pelo parceiro romântico nas situações de crise, preocupação exagerada com os problemas do parceiro oferecendo compulsivamente cuidado, sobre-estima da relação romântica com renúncias ou custos para o próprio e construção do

comportamento sexual como uma maneira do próprio sentir o seu merecimento. O estilo inquieto obtém-se a partir da média das 20 afirmações, que correspondem à vinculação inquieta (5 itens), cuidado inquieto (5 itens), afiliação inquieta (5 itens) e intimidade física inquieta (5 itens).

Maior pontuação indica que o estilo em questão é mais marcado.

É também possível construir uma outra sub-escala de estilo inseguro, através da média dos itens referentes aos estilos evitativo e inquieto dos quatro sistemas comportamentais. (Furman & Wehner, 1994; Furman, 1999; Furman & Simon, 1999; Furman, Simon, Shaffer & Bouchey, 2002).

Estilos Românticos nos Sistemas Comportamentais

Os quatro sistemas comportamentais, referem-se à vinculação, cuidado, afiliação e intimidade física e em cada um destes sistemas comportamentais é possível caracterizá-los nos estilos seguro, evitativo e inquieto.

Vinculação Romântica: A vinculação romântica consiste na qualidade em que o parceiro é identificado como figura de suporte e apoio nos momentos críticos.

A vinculação romântica segura, consiste na percepção do parceiro romântico como recurso nos momentos de crise. A vinculação romântica evitativa consiste na percepção de desprendimento ou recusa em identificar o parceiro como figura de apoio nos momentos críticos. A vinculação romântica inquieta consiste na dificuldade em ver na figura do parceiro uma fonte de apoio para os momentos críticos, dada a incerteza da sua disponibilidade (Wehner e Furman, 1999; Furman & Wehner, 1994; Furman & Simon, 1999).

A sub-escala de vinculação romântica possui 15 itens. Cinco itens são respeitantes ao estilo seguro de vinculação (2, 4, 8, 12 e 13), e a sua formulação é do tipo “quando estou aborrecido/a ou aflito/a procuro quase sempre os meus/minhas namorados/as ou vou ter com

eles/as”. O estilo de vinculação evitativa (itens 5, 6, 10, 11 e 14) apresenta-se em frases tais como “não sou o tipo de pessoa que nas alturas de necessidade vai logo procurar os namorados/as”. Os cinco itens restantes referem-se ao estilo de vinculação inquieta (1, 3, 7, 9 e 15) e o fraseado é do género “receio que os meus/minhas namorados/as achem que eu sou demasiado dependente”.

Cuidado Romântico: O Cuidado Romântico consiste na qualidade em que a atenção ou bem-estar é oferecido ao parceiro romântico.

O cuidado romântico seguro consiste na percepção valorizadora dos aspectos cuidativos oferecidos ao parceiro. O cuidado romântico evitativo consiste na percepção de rara disponibilidade em prover cuidados ao parceiro romântico. O cuidado romântico inquieto consiste na percepção de provimento de cuidados de forma exagerada ao parceiro romântico (Wehner e Furman, 1999; Furman & Wehner, 1994). Na BSQ esta dimensão do relacionamento romântico está representada também em 15 itens. O estilo seguro de cuidado romântico figura em cinco itens (3, 6, 8, 11, 12), sendo expresso através de frases como “para mim é agradável ser atencioso/a com os meus/minhas namorados/as”. No estilo evitativo de cuidado romântico encontram-se cinco itens (1, 2, 5, 9, 13) como por exemplo “prefiro que os meus/minhas namorados/as resolvam os seus problemas por si mesmos”. O estilo inquieto de cuidado romântico está representado nos itens restantes (4, 7, 10, 14, 15) que mostra fraseado do género “ajudo muito os meus/minhas namorados/as, mais do que eles/elas precisam ou do que eles/as querem”.

Afiliação Romântica: A Afiliação Romântica consiste na percepção da qualidade da colaboração, cooperação e/ou reciprocidade com o parceiro romântico.

A afiliação romântica segura consiste na percepção da mutualidade e companheirismo na relação amorosa com o parceiro. A afiliação romântica evitativa consiste na percepção de maior valorização das actividades por si mesmas do que na partilha que daí possa advir. A afiliação romântica inquieta consiste na percepção de sobre-valorização dos interesses do parceiro com custos ou perdas nos seus próprios interesses (Wehner e Furman, 1999; Furman & Simon, 1999; Furman & Wehner, 1994). Nesta sub-escala, o estilo seguro de afiliação está configurado em cinco itens (2, 6, 9, 10 e 15), em frases do tipo “eu e os meus/minhas namorados/as falamos e vemo-nos frequentemente”. O estilo evitativo possui também cinco itens (4, 5, 8, 12 e 14) e é enunciado, por exemplo, em frases como “não quero gastar muita energia no relacionamento com os meus/minhas namorados/as”. O estilo inquieto de afiliação (1, 3, 7, 11, 13), está representado em frases do género “quem faz mais para que o relacionamento funcione bem, sou eu, comparando com os meus/minhas namorados/as”.

Intimidade Física: A Intimidade Física consiste na percepção relativa às práticas de intimidade sexual.

O estilo de intimidade segura consiste na percepção das interacções sexuais como expressões valorizadoras de intimidade. O estilo de intimidade evitativa consiste na percepção das interacções sexuais como vias para auto-gratificação ou experimentação. O estilo de intimidade inquieta consiste na percepção da intimidade sexual como via para sublinhar o próprio merecimento (Furman, Simon, Shaffer & Bouchey, 2002; Furman, 1994; Wehner e Furman, 1999).

O sistema de intimidade está representada em 20 itens. O estilo seguro de intimidade física está referenciado em cinco itens (3, 8, 10, 12 e 14) em frases do género “a intimidade física com os meus/minhas namorados/as é mais agradável quando estou apaixonado/a”. O estilo inquieto de intimidade física corresponde também a cinco itens (7, 9, 13, 17 e 20), onde

por exemplo os itens são formulados como “fico muito preocupado/a se os meus /minhas namorados/as estão felizes ou não com a nossa intimidade física”. O estilo evitativo de intimidade física é nesta sub-escala subdividido em evitativo-desapego (1, 4, 11, 15 e 18) com formulação do tipo “a intimidade física com os meus/minhas namorados/as aumenta o compromisso mais do que eu gosto” e evitativo-experimentação (2, 5, 6, 16 e 19) com fraseado do género “a intimidade com os meus/minhas namorados/as é principalmente uma oportunidade para experimentar prazer físico e divertimento”. Os autores explicam esta divisão na medida em que a evitação-desapegada se reporta a afastamento das expressões de intimidade física e a evitação-experimentação se refere a considerar a intimidade física como prazerosa mas sem envolvimento emocional.

Em estudo de autores o instrumento mostrou propriedades psicométricas satisfatórias com α de Cronbach $>.85$ nas sub-escalas referentes aos estilos seguro, evitativo e inquieto (Furman, Simon, Shaffer & Bouchey, 2002), não tendo sido possível aceder a bibliografia que abordasse a consistência interna da sub-escala de intimidade física. O tempo de preenchimento é de aproximadamente 20 minutos.

4.2.1.2 Análise Psicométrica

Para validar o BSQ realizou-se a Análise Factorial Exploratória dos Componentes Principais (AFCP) sob duas perspectivas. Na primeira, valida-se em cada sistema comportamental, os três estilos românticos, supondo tridimensionalidade do instrumento e na segunda valida-se cada estilo romântico, ao longo dos quatro sistemas comportamentais supondo-se também tridimensionalidade. Na primeira perspectiva a observação é realizada com rotação ortogonal (Varimax) uma vez que se supõem factores independentes (Pestana & Gageiro, 2003). Na segunda perspectiva usou-se rotação oblíqua (Promax) dada a dimensão da matriz e melhor ajuste à estrutura (Maroco, 2004).

Análise Psicométrica dos Estilos Românticos na Sub-Escala de Vinculação

Na sub-escala de vinculação, o teste KMO mostra que a análise é adequada (.858). Pediu-se rotação ortogonal forçada a três componentes no sentido de reproduzir as concepções do autor. A saída mostra que os factores explicam 49.375% da variância. As comunalidades variam entre .326 (item 10) e .602 (item 7), enquanto que nas medidas de adequação amostral (MSA), os valores estão compreendidos entre .639 (item 7) e .911 (itens 13 e 14). Os resultados da AFCP, embora aproximados, não são absolutamente coincidentes com a proposta dos autores. Os sujeitos parecem interpretar o item 11 no contexto da vinculação segura, sugerindo que estão a valorizar a maior/menor busca de proximidade em situações de crise. Por outro lado, quanto ao item 9, os dados são sugestivos de que o entendimento dos sujeitos se refere ao maior ou menor desprendimento nas ligações afectivas e não a inquietação nos relacionamentos românticos. Assim, conjugando a interpretação dos sujeitos e no respeito pela ideia original dos autores, novas designações poderiam espelhar porventura o entendimento da população sobre os estilos de vinculação. No entanto, porque as permutas são apenas de item em cada caso, mantém-se a designação dos autores. O quadro 1 apresenta os resultados da matriz rodada.

Quadro 1 Componentes da Matriz Rodada no Sistema de Vinculação

Itens do Sistema de Vinculação	Componentes da Matriz Rodada ^a		
	1	2	3
Vi 8	.761		
Vi 4	.743		
Vi 12	.724	-.240	
Vi 2	.684		
Vi 13	.679		
Vi 11	-.571	.380	
Vi 6		.731	
Vi 5	-.284	.669	
Vi 14	-.359	.513	
Vi 9		.493	.371
Vi 10	-.349	.449	
Vi 7			.761
Vi 1			.696
Vi 15		.260	.621
Vi 3		.276	.557

^aRotação converge em 5 iterações

A consistência interna das escalas recriadas, depois de revertido o item 11, é a seguinte: a) vinculação segura α de Cronbach =.816, b) vinculação evitativa α de Cronbach = .640 e c) vinculação inquieta α de Cronbach =.609.

Análise Psicométrica dos Estilos Românticos na Sub-Escala de Cuidado

Relativamente ao sistema de cuidado o teste KMO mostrou adequação da operação (KMO=.853). O valor mais baixo encontrado nas MSA foi de .737 (item 10), indicando que as variáveis se ajustam à estrutura definida pelas outras variáveis. Nas comunalidades, a percentagem de variância comum variou entre .393 (item 4) e .588 (item 14). Através da rotação ortogonal (Varimax), foram retidos três factores que explicam 48.880% da variância. Os resultados, no quadro 2, são coincidentes com os dos autores na organização dos factores em três dimensões.

Quadro 2 Componentes da Matriz Rodada no Sistema de Cuidado

Itens do Sistema de Cuidado	Componentes da Matriz Rodada ^a		
	1	2	3
Cd 9	.716		
Cd 13	.682		
Cd 1	.669		
Cd 5	.667	-.281	
Cd 2	.632	-.219	
Cd 6		.708	
Cd 12		.673	
Cd 3	-.377	.597	
Cd 11	-.254	.577	.213
Cd 8	-.328	.555	.203
Cd 14	-.228		.720
Cd 15		.203	.675
Cd 10			.643
Cd 7	-.283	.214	.639
Cd 4		.251	.573

^a Rotação converge em 4 iterações

Relativamente à consistência interna, no cuidado seguro o α de Cronbach=.706, no cuidado evitativo α de Cronbach=.739 e no cuidado inquieto α de Cronbach=.695.

Análise Psicométrica dos Estilos Românticos na Sub-Escala de Afiliação

Na observação do sistema de afiliação, sujeitando a sub-escala a rotação ortogonal, o teste KMO mostrou-se significativo (.903), nas correlações da matriz anti-imagem, o valor de MSA mais baixo encontrado foi de .848 (item 7). Nas comunalidades os valores variaram entre .406 (item 2) e .676 (item 10). Três factores explicam 57.533% da variância, reproduzindo-se, na ordenação dos itens, as dimensões propostas pelos autores. O quadro 3 apresenta os resultados da análise.

Quadro 3 Componentes da Matriz Rodada no Sistema de Afiliação

Itens do Sistema de Afiliação	Componentes da Matriz Rodada ^a		
	1	2	3
Af 4	.764	-.239	
Af 12	.754	-.229	
Af 14	.743		
Af 8	.727		
Af 5	.720	-.277	
Af 9	-.235	.740	-.246
Af 6	-.228	.737	
Af 10	-.282	.736	-.223
Af 15	-.240	.652	
Af 2		.620	
Af 3			.740
Af 13	.211	-.243	.728
Af 1			.683
Af 11		-.342	.676
Af 7		.209	.610

^aRotação converge em 5 iterações

A observação da consistência interna mostra que no estilo afiliativo seguro o α de Cronbach=.808, no estilo afiliativo evitativo o α de Cronbach=.838 e no estilo afiliativo inquieto o α de Cronbach=.752.

Análise Psicométrica dos Estilos Românticos na Sub-Escala de Intimidade Física

Repetiu-se o procedimento para o sistema de intimidade, forçando a rotação ortogonal a quatro factores, para reproduzir as concepções do autor. O teste KMO mostrou-se satisfatório (.843) e a variância explicada é 49.917%. O quadro 4 apresenta os resultados do primeiro ensaio. Avaliou-se a consistência interna, constatando-se que no quarto componente era inaceitável (α =.583). Forçou-se a saída a três factores pedindo-se nova AFPCP. A nova

AFCP era adequada ($KMO=.843$), explicando os três factores 44.572% da variância. O valor das comunalidades variou entre .259 (item 9) e .666 (item 6), enquanto que nas MSA o valor mais baixo se situou no item 1 (.765) e o mais alto no item 9 (.904). Contrariando o entendimento do autor na dimensão do estilo inquieto, a saída na AFCP organiza o item 20 no contexto do estilo seguro, os itens 7 e 17 no contexto do estilo evitativo-experimentação e os itens 9 e 13 no contexto do estilo evitativo-desapegado (quadro 5).

Quadro 4 Componentes da Matriz Rodada do Sistema de Intimidade – Primeira Experiência

	Componentes da Matriz Rodada ^a			
	1	2	3	4
Int 16	.804			
Int 6	.791			
Int 2	.786			
Int 5	.726	-.223		
Int 19	.573			.350
Int 10		.711		
Int 12		.673		.265
Int 3		.672		
Int 14		.668		
Int 8		.593		
Int 15	.223		.725	
Int 1			.670	-.208
Int 11			.637	
Int 18		-.292	.574	
Int 4			.563	
Int 13			.489	.290
Int 9	.242		.415	
Int 20		.314		.665
Int 17	.388	.226		.642
Int 7			.255	.598

^aRotação converge em 5 iterações

Quadro 5 Componentes da Matriz Rodada do Sistema de Intimidade – Segunda Experiência

	Componentes da Matriz Rodada ^a		
	1	2	3
Int 16	.799		
Int 6	.793		
Int 2	.740		
Int 5	.694		
Int 19	.653		
Int 17	.557	.427	
Int 7	.360		.332
Int 12		.728	
Int 10		.701	
Int 3		.638	
Int 14		.589	
Int 8		.585	
Int 20		.545	
Int 15			.712
Int 11			.630
Int 1			.624
Int 18			.587
Int 4			.584
Int 13			.534
Int 9			.432

^aRotação converge em 5 iterações

Avaliou-se a consistência interna do segundo factor, que conjuga os cinco itens do estilo seguro e um item do estilo inquieto (item 20), que foi de α Cronbach=.725, mantendo-se a designação de estilo seguro. No primeiro factor, a consistência interna revelou α Cronbach=.809. Porém neste caso, optou-se por retirar o item 7 uma vez que o valor do α Cronbach subia para .815 e optou-se pela designação de intimidade “evitativa-experimentação” dada a predominância dos itens. Relativamente ao terceiro factor, o valor do α Cronbach=.707 era aceitável. Não sendo recomendável, ao observar as estatísticas da

consistência interna, retirar qualquer um dos itens, uma vez que o valor do α Cronbach diminuiria e porque o factor agrega itens da intimidade evitativa-desapegada (cinco itens) e da intimidade inquieta (dois itens), considerou-se oportuno, em respeito à interpretação dos sujeitos e à ideia de autor, alterar a designação do estilo para algo aproximado, mas que simultaneamente pudesse expressar a distinção e transmitir a ideia do conjunto dos itens, passando a designar-se por “intimidade receosa”. Entenda-se assim a intimidade receosa, como um estilo que sublinha percepções de desajuste ou desequilíbrio, deixando noções de prejuízo nos relacionamentos de intimidade física. A expressão intimidade receosa, será encontrada no texto posterior, por exemplo, na verificação das hipóteses. O quadro 6 apresenta os resultados finais da consistência interna das sub-escalas.

Quadro 6 Resumo da Consistência Interna nas Sub-Escalas dos Estilos Românticos

Sistemas	Estilos	Rapazes	Raparigas	Amostra total
Vinculação	Seguro	.791	.829	.816
	Evitativo	.599	.655	.640
	Inquieto	.634	.579	.609
Cuidado	Seguro	.670	.722	.706
	Evitativo	.750	.716	.739
	Inquieto	.713	.692	.695
Afiliação	Seguro	.786	.818	.808
	Evitativo	.836	.823	.838
	Inquieto	.710	.757	.752
Intimidade	Seguro	.753	.698	.725
	Evitativo-Experimentação	.778	.788	.815
	Receoso	.708	.682	.707

Análise Psicométrica dos Estilos Românticos Globais

A segunda perspectiva da AFPCP dirige-se à observação dos três estilos românticos (i.e. seguro, evitativo e inquieto). Introduziram-se os 65 itens propostos pelo autor, observando-se que o KMO é favorável à AFPCP (.926), saindo na solução natural 13 factores que explicam 63.648% da variância.

Uma vez que o autor propõe três dimensões, forçou-se a saída de três factores, preferindo-se a rotação oblíqua (Promax) por ser um método apropriado para matrizes de dados de grande dimensão e porque inclui uma primeira rotação ortogonal e posteriormente

uma rotação oblíqua para melhor ajuste à estrutura (Maroco, 2004). Além disto, nesta AFCP os 65 itens incluem quatro sistemas comportamentais, que de acordo com o autor da teoria (Furman & Wehner, 1997) estão interligados, facto pelo qual se julga adequada uma rotação oblíqua que viola o pressuposto da independência dos factores (Maroco, 2004).

A solução factorial forçada a três factores explica 30.261% da variância. A organização dos itens não condiz com a proposta pelo autor e é a seguinte. Num primeiro factor agrupam-se 38 itens, que incluem: a) todos os itens do estilo seguro dos sistemas de vinculação, cuidado, afiliação e intimidade (i.e. 20 itens), b) quinze do estilo evitativo dos sistemas de vinculação, cuidado e afiliação, todos com sinal negativo e c) três itens do estilo inquieto, sendo dois do sistema de cuidado e um do sistema de intimidade. Num segundo factor, agrupam-se 18 itens, que incluem: a) os cinco itens da vinculação inquieta, b) os cinco itens da afiliação inquieta, c) quatro itens da intimidade evitativa-desapegada, d) três itens do cuidado inquieto e e) um item da intimidade inquieta. No terceiro factor, encontram-se 9 itens, que incluem: a) os cinco itens do estilo evitativo-experimentação do sistema de intimidade, b) um item do estilo evitativo-desapegado do sistema de intimidade e c) dois itens do estilo inquieto do sistema de intimidade.

A organização encontrada faz supor que os sujeitos não reconhecem na grande escala a dimensão evitativa dos sistemas de vinculação, cuidado e afiliação proposta pelo autor, vendo-a essencialmente como o contrário do estilo “seguro”, além de que os três itens do estilo inquieto aqui também incluídos, transmitem na redacção, a orientação para o bem-estar do par. No seu conjunto, este primeiro factor gera a ideia, de que os sujeitos terão interpretado os itens, no sentido do maior ou menor apoio percebido nos relacionamentos com os pares românticos, mantendo-se assim no estudo actual a designação de estilo seguro.

No segundo factor, a organização faz supor que os sujeitos, ao conjugar a maioria dos itens do estilo inquieto (i.e. 14 itens) como quatro itens da intimidade evitativa-desapegada,

percebem os seus relacionamentos com os pares, numa dimensão de avaliação da transacção afectiva, onde pesam a maior ou menor retribuição do investimento, sugerindo ansiedade ou pouca confiança nas relações, ao mesmo tempo que o contacto e intimidade são sublinhados com desejo de aprovação, ou seja, no sentido de ajustamento/desajustamento. Optou-se pela designação de “estilo receoso”, uma vez que o conjunto de ideias parece penetrado pela noção de prejuízo do próprio. Assim, entenda-se o estilo receoso global como a percepção auto-reportada das experiências românticas, caracterizada pela maior ou menor insatisfação, de não identificar na afeição oferecida ao parceiro, o reflexo do próprio investimento afectivo, residindo mágoa latente.

No terceiro factor, ao reunirem-se itens do sistema de intimidade física, sendo os cinco referentes ao estilo evitativo-experimentação, incluindo também um item da intimidade evitativa-desapegada e três itens da intimidade inquieta. Os três itens da intimidade inquieta poderão porventura ter sido interpretados pelos sujeitos no sentido da valorização do seu exercício sexual, como parceiro erótico com valor, sem ligações de envolvimento emocional ao parceiro sexual. No global, o arranjo encontrado, faz supor que os sujeitos, percebem os seus relacionamentos românticos numa dimensão dirigida ao prazer físico, como maior ou menor experimentação, no sentido lúdico-erótico, facto que levou à opção pela designação “evitativo-experimentação” para este estilo global. Assim, entenda-se o estilo global evitativo-experimentação como a percepção auto-reportada das experiências românticas, caracterizada pelo investimento e investigação da sexualidade do próprio e do parceiro/a, colhendo-se benefícios na valorização lúdico-erótica. Os resultados são apresentados no quadro 7 optando-se por fragmentar a tabela em três partes de maneira a poder acompanhar o texto.

Quadro 7 Resultado da AFPC da Escala de Visões Românticas

Componentes da Matriz Padrão ^a			Componentes da Matriz Padrão ^a			Componentes da Matriz Padrão ^a						
	1	2	3		1	2	3		1	2	3	
Vi 12	.605			Af 11	.235	.614			Int 16		.727	
Af 10	.597	-.308		Af 13		.608			Int 6		.723	
Vi 8	.597			Af 3		.596			Int 2		.709	
Int 12	.594		.204	Vi 7		.548			Int 19		.598	
Cd 3	.589			Af 1		.527			Int 17	.380	.598	
Cd 11	.577			Vi 1		.480			Int 5	-.221	.591	
Af 6	.570	-.215		Cd 4	.387	.475			Int 7	-.212	.249	.394
Af 5	-.569			Cd 15	.413	.474			Int 9		.252	.306
Cd7	.569	.402		Int 13		.458			Int 4		.235	.265
Af 9	.565	-.321		Vi 3		.436			^a Rotação converge em 5 iterações			
Cd 8	.562			Vi 15		.426						
Af 4	-.561			Cd 10		.425						
Af 15	.551			Af 7		.402	.305					
Af 12	-.547			Int 18	.273	.354						
Vi 4	.540			Int 15	.206	.338	.273					
Af 14	-.534		.214	Int 11		.274						
Vi 2	.525			Int 1		.243	.221					
Int 3	.523			Vi 9		.237						
Cd 14	.521	.421		^a Rotação converge em 5 iterações								
Vi 11	-.510											
Int 10	.495											
Cd 5	-.495		.207									
Vi 13	.480											
Af 8	-.464											
Cd 6	.461											
Af 2	.459											
Int 20	.455		.304									
Cd 1	-.445											
Cd 12	.428											
Cd 9	-.427		.227									
Int 14	.426											
Cd 2	-.395		.230									
Vi 14	-.376											
Cd 13	-.372		.224									
Int 8	.367											
Vi 10	-.356											
Vi 5	-.356											
Vi 6	-.293											

^aRotação converge em 5 iterações

No texto posterior, nomeadamente no que se refere à verificação das hipóteses colocadas, passam a figurar os termos “estilo receoso” e “evitativo-experimentação”.

Depois de reverter os itens que figuram com sinal negativo na AFPC a consistência interna das escalas reconstruídas foi a seguinte: 1) estilo seguro α de Cronbach=.918, 2) estilo receoso com α de Cronbach= .800 e 3) estilo evitativo-experimentação com α de Cronbach=.795 (quadro 8).

Quadro 8 Resumo da Consistência Interna nas Escalas Globais

Estilos Românticos	Rapazes	Raparigas	Amostra total
Seguro	.907	.919	.918
Receoso	.798	.794	.800
Evitativo-Experimentação	.732	.775	.795

Por razões que se prendem tanto com os limites de tempo para a elaboração desta pesquisa, como com o retorno aos locais de recolha de dados, não foi possível validar a estabilidade temporal do instrumento.

4.2.2 Variável Critério – Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo

As estratégias de negociação no uso de preservativo consistem na capacidade de persuadir o parceiro a concordar com a utilização deste método, através de comunicação verbal e/ou não verbal (Noar, Morokoff & Harlow, 2002; Noar, 2003).

As estratégias de negociação são avaliadas através do instrumento Condom Influence Strategy Questionnaire (CISQ-S), apresentado por Noar (2003). Consiste numa escala intervalar com 24 itens que enuncia seis estratégias de influência, que correspondem a seis sub-escalas, cuja função seria a de persuadir o parceiro/a a sexo seguro. A resposta aos itens da CISQ-S é dada numa escala de cinco pontos que variam de 1 “muito provável” a 5 “muito improvável”, existindo a meio uma categoria neutral “não tenho a certeza”. O tempo de preenchimento ronda os oito a 10 minutos. A versão utilizada neste estudo foi directamente cedida pelo autor através de correio electrónico.

O instrumento é precedido por uma introdução que solicita as reacções mais prováveis do indivíduo ainda que ele mesmo não tenha estado na situação e cada estratégia é precedida da sua definição. A pontuação, que resulta da média dos itens, é obtida após a reversão destes, correspondendo maior pontuação a maior adesão das estratégias de influência. Pode ser obtida no global do instrumento, medindo a negociação total, ou por cada sub-escala, medindo a adesão a cada estratégia específica. No que respeita a propriedades psicométricas

os α de Cronbach das seis sub-escalas no estudo de Noar (2003) variaram entre .78 e .95, em população sexualmente activa com média de idades de 19 anos. Em população de risco para IST os valores do α de Cronbach variaram entre .83 e .94 (Noar, Morokoff & Harlow, 2004). No estudo actual o α de Cronbach foi de .939 para a escala no seu total. Seguidamente apresenta-se a descrição de cada sub-escala.

Recusa da Relação Sexual: A Recusa da Relação Sexual consiste na declaração firme ou na ameaça de negar-se a ter relações sexuais, caso o parceiro não concorde com o uso de preservativo, mostrando assim indisponibilidade para o coito (Noar, Morokoff & Harlow, 2002; Noar, 2003). A sub-escala possui quatro itens do tipo «faço ficar bem claro que não terei relações sexuais se não forem usados preservativos». Tem elevada consistência interna, mostrando no estudo de Noar (2003) um α de Cronbach de .95, sendo a média das pontuações de 3.09 (d.p.= 1.47). Em população de risco para IST o α de Cronbach foi de .94 (Noar, Morokoff & Harlow, 2004). No estudo actual o α de Cronbach .956.

Pedido Directo: A Estratégia de Pedido Directo, consiste na expressão verbal directa e clara, requerendo ao parceiro(a) a utilização de preservativo (Noar, Morokoff & Harlow, 2002; Noar, 2003). Nos quatro itens, as afirmações são por exemplo «peço para usarmos preservativos nas relações sexuais». No estudo de Noar (2003) o valor do α de Cronbach era de .91 e a média das pontuações de 3.88 (d.p.= 1.18). Num estudo mais recente o α de Cronbach (.93) mostrou também elevada consistência interna (Noar, Morokoff & Harlow, 2004). No presente estudo o valor do α de Cronbach para esta sub-escala foi de .919.

Sedução: A estratégia de Sedução consiste no uso de expressões não verbais que promovem a activação/excitação sexual e distraem o parceiro, de maneira a conduzi-lo(a) ao uso de

preservativo (Noar, Morokoff & Harlow, 2002; Noar, 2003). Os itens têm formulação do género «começo por fazer “brincadeiras” e no momento certo coloco o preservativo». O valor do α de Cronbach era de .88 e a média das pontuações de 3.29 (d.p.= 1.26) na pesquisa de Noar (2003). Em trabalho posterior de Noar, Morokoff e Harlow (2004) o α de Cronbach de .83, foi o mais baixo, comparativamente às outras sub-escalas. No estudo actual o α de Cronbach também se mostrou mais baixo comparativamente às outras sub-escalas ($\alpha=.776$).

Tipo de Relacionamento: A estratégia denominada Tipo de Relacionamento, consiste na utilização de argumentos cuidativos para com o parceiro ou a relação, no sentido de levar ao uso de preservativo na relação sexual (Noar, Morokoff & Harlow, 2002; Noar, 2003). Tais argumentos são expressos em frases do género «dou a entender ao meu parceiro/a que ao usar um preservativo mostraria respeito pelos meus sentimentos». Tanto o estudo de Noar (2003) como o de Noar, Morokoff e Harlow (2004) mostraram que a sub-escala possui elevada consistência interna (i.e. valores do α de Cronbach de .91, .93). No estudo actual o α de Cronbach foi de .902.

Informação sobre IST: A Informação sobre IST como estratégia de negociação consiste na exposição de informação sobre riscos de IST, para persuadir à protecção com o uso de preservativo (Noar, Morokoff & Harlow, 2002; Noar, 2003). Frases do tipo «digo ao meu parceiro/a que se não usarmos preservativo algum de nós pode acabar por ter uma doença transmitida sexualmente» enquadram esta sub-escala de quatro itens. O valor do α de Cronbach no estudo de Noar (2003) era de .93 e a média das pontuações de 2.90 (d.p.= 1.37). Na pesquisa de Noar, Morokoff e Harlow (2004) o α de Cronbach era de .92. No presente estudo o valor do α de Cronbach foi de .935.

Engano: A estratégia de Engano consiste no uso de informação falsa ou deturpada para obter a concordância do/a parceiro/a em utilizar preservativo (Noar, Morokoff & Harlow, 2002; Noar, 2003). Os quatro itens desta sub-escala têm formulações do género «apresento-lhe uma desculpa para usarmos o preservativo, apesar de achar que os meus motivos verdadeiros são proteger-me a mim mesmo/a de doenças». O α de Cronbach no estudo de Noar (2003) era dos mais baixos no conjunto das várias sub-escalas (.79) e a média das pontuações de 2.22 (d.p.= 1.03). O estudo de Noar, Morokoff e Harlow (2004) mostrou um α de Cronbach de .89. No estudo actual o valor do α de Cronbach foi .848.

4.2.3 Variável Critério - Consistência no Uso de Preservativo

A consistência no uso de preservativo consiste na solidez da frequência na aplicação deste método contraceptivo nas situações de coito. No presente estudo é obtida através da transformação de uma variável nominal ordenada com cinco modalidades.

Nos sujeitos que declaram experiências de coito, colheu-se a frequência do uso de preservativo, avaliando-se através de variável nominal ordenada com cinco modalidades, referida a parceiros fixos (Q.1) e posteriormente a ocasionais (P.1). Destes dados retirou-se a consistência, inconsistência ou ausência de protecção no uso do preservativo. Assim considerou-se uso consistente a modalidade “sempre”, uso inconsistente a reunião das modalidades “quase nunca”, “algumas vezes” e “quase sempre” e ausência de protecção a modalidade “nunca”.

A denominação “uso inconsistente” pode em operações estatísticas subseqüentes agrupar a modalidade “nunca”, quando a situação o justificar, nomeadamente quando o número de casos for reduzido.

4.2.4 Variáveis Complementares Caracterizadoras dos Sujeitos

As variáveis complementares recolhem diversos aspectos que se relacionam com o desenvolvimento romântico e sexual dos sujeitos. Neste estudo abordam-se vários aspectos que se apresentam seguidamente.

4.2.4.1 Desenvolvimento Físico, Atractividade e Orientação Sexual

Para caracterizar os sujeitos colheram-se dados através de:

a) Sinais pubertários (v.8). Consiste no reconhecimento dos sujeitos quanto à ocorrência do fenómeno da puberdade, utilizando-se para as raparigas o termo “menstruação” e para os rapazes o termo popular “sonhos molhados”, uma vez que é de mais fácil compreensão. Apresentada numa variável dicotómica;

b) Idade da espermarca/menarca (v.9). Variável que identifica a localização cronológica destes sinais pubertários. Apresentada em variável contínua, utilizando-se os mesmos termos da variável oito.

c) Auto-atribuição do desenvolvimento físico comparativamente aos pares (v.7). Consiste na perspectiva do próprio quanto à sua compleição física, tendo como referência outros indivíduos com idade semelhante. Apresentada em escala ordinal com quatro modalidades;

d) Atractividade auto-atribuída (v.17). Consiste na percepção do sujeito quanto ao interesse ou agradabilidade da sua aparência física. Apresentada em escala ordinal com cinco categorias;

e) Atractividade percebida nos pares (v.18). Consiste na percepção que sujeito colhe junto dos outros, sobre o nível de interesse ou agradabilidade da sua aparência física. Apresentada em escala ordinal com cinco categorias,

f) Atração por figura particular nos pares (v.13). Consiste no reconhecimento de desejo de aproximação a outro(a) no sentido de intimidade, independentemente do sexo. Apresentada em variável dicotômica;

g) Orientação sexual (v.14). Consiste na avaliação do sujeito sobre a sua preferência ou atração, com conotação erótica, por indivíduos do mesmo sexo, sexo oposto ou ambos. Apresentada em variável nominal com três modalidades;

4.2.4.2 Historial de Romances

Para caracterizar as experiências amorosas dos sujeitos aplicaram-se variáveis contínuas e categóricas.

Em questões dicotômicas, inquiriram-se os sujeitos sobre:

a) Sentir amor por alguém ou vontade de ser íntimo (v.19). Consiste na percepção da emergência do amor ou no reconhecimento de ter alguma vez experienciado interesse romântico por alguém. Variável filtro que conduzia o participante a continuar para a questão seguinte ou a direccionar-se para outras, sendo também filtro na análise de dados;

b) Retribuição no primeiro amor (v.21). Consiste na percepção de reciprocidade amorosa do parceiro no primeiro episódio romântico.

b) Ocorrência de namoro actual (v.26). Consiste no reconhecimento da existência de um relacionamento romântico, de uma ligação com maior intimidade ou duração, que decorre no momento actual;

Em questões nominais apresentadas em escala ordinal com cinco ou três categorias, inquiriram-se os sujeitos sobre:

c) Sentir-se amado pelos amigos íntimos/namorados (v.29). Consiste na percepção de estima dos amigos/namorados, no sentido de reconhecer o nível da qualidade de afecto oferecido pelos pares com os quais há maior intimidade;

d) Atributos do namorado (v.28). Consiste na identificação da qualidade predominante, atribuída à figura do namorado(a), no relacionamento romântico actual;

Utilizando-se questões abertas, inquiram-se os sujeitos sobre:

e) Idade do primeiro amor (v.20). Variável que localiza a idade cronológica do primeiro interesse romântico;

f) Idade do primeiro namoro (v.23). Variável que determina a localização etária do primeiro episódio de relacionamento amoroso com maior duração ou intimidade;

g) Idade do parceiro à data de ocorrência do primeiro namoro (v.24). Variável que identifica em anos, a idade cronológica do parceiro na ocorrência do primeiro relacionamento romântico com maior duração ou intimidade;

h) Duração do namoro mais longo (v.25). Consiste na enunciação da longitude do relacionamento romântico que os sujeitos identificam como mais longo. Colhida em anos, meses e dias, posteriormente foi transformada em meses;

i) Duração do namoro actual (v.27). Consiste na enunciação da longitude do relacionamento romântico a decorrer no momento actual. Colhida em anos, meses e dias, posteriormente foi transformada em meses.

4.2.4.3 Práticas Sexuais e Respectivo Contexto

A caracterização dos participantes quanto às experiências de carácter sexual incidiu sobre:

a) Experiências romântico-sexuais (v.37). Consiste no reconhecimento dos sujeitos quanto ao seu repertório de práticas com carácter romântico-sexual, não coitais e coitais. Variável com oito modalidades e com funções de filtro, pois consoantes as respostas, os participantes terminariam ou continuariam o questionário. A partir desta variável criaram-se

posteriormente oito variáveis dicotômicas que se referem ao facto de ter ou não a experiência em causa.

b) Relacionamentos sexuais com parceiros fixos (v.49). Consiste no reconhecimento da ocorrência de coito com um parceiro habitual para o qual se dirige interesse romântico. Variável dicotómica;

c) Relacionamentos sexuais com parceiros ocasionais (v.50). Consiste no reconhecimento da ocorrência de práticas de coito com parceiros com os quais não existe interesse romântico de continuidade. Variável dicotómica. a partir da conjugação desta variável com a variável anterior, foi criada uma outra variável que engloba a modalidade “parceiro extemporâneo”, referida aos sujeitos que tendo parceiros fixos se relacionam em simultâneo com parceiros ocasionais.

d) Conhecimento do parceiro no primeiro coito (v.52). Consiste na identificação do tipo de relacionamento sócio-afectivo com o parceiro do primeiro coito. Variável nominal com quatro categorias;

e) Sensações após primeiro coito (v.53). Consiste na percepção do estado emocional dos sujeitos referido a tempo posterior ao primeiro episódio de coito. Variável nominal com quatro categorias;

f) Motivos do primeiro coito (v.51). Consiste na identificação das três primeiras razões que motivaram a decisão para o primeiro coito. Variável apresentada em questão semi-aberta, que permitia outras modalidades categorizadas *a posteriori*;

g) Idade de iniciação em práticas sexuais não coitais: 1) sexo oral, no papel de receptor (v.45) e no papel de executor (v.46), 2) sexo genito-genital sem penetração (v.40). Variáveis que identificam na idade cronológica, o reconhecimento do sujeito quanto ao primeiro episódio destas experiências;

h) Idade da primeira experiência de relações sexuais (v.55). Consiste na localização da idade cronológica do primeiro episódio de sexo com penetração pênis-vagina;

i) Idade do parceiro na primeira experiência de sexo genito-genital sem penetração (v.41). Consiste na identificação da idade cronológica do parceiro ao momento desta experiência;

j) Idade do parceiro na primeira experiência de sexo coital (v.55). Consiste na identificação da idade cronológica do parceiro nesta primeira experiência.

4.2.4.4 Disponibilidade de Contraceptivo, Conhecimentos na Aplicação e Uso nas Práticas Não Coitais e Coitais

Através de variáveis em escala ordinal com três categorias (i.e. nunca, algumas vezes e sempre), os sujeitos foram inquiridos sobre:

- a) Hábito de transportar preservativos na carteira/bolsa (v.31). Variável definida pela frequência do costume de trazer preservativos na carteira/bolsa;
- b) Uso de contraceptivos 1) nas práticas de sexo genito-genital sem penetração (v.38), 2) sexo oral como receptor (v.43) e 3) sexo oral como executor (v.44). Consiste na frequência costumeira ou rotineira da utilização de contraceptivos nestas práticas;

Em questões dicotômicas (i.e. sim, não), perguntou-se sobre:

- c) Uso de contraceptivo no primeiro coito (v.57). Variável que define a presença ou ausência de alguma forma de contracepção no primeiro episódio de relações sexuais com penetração (pênis-vagina);
- d) Uso de contraceptivo no último coito com parceiro não habitual (v.65). Variável que define a presença ou ausência de alguma forma de contracepção no último episódio de relações sexuais com penetração (pênis-vagina), com um indivíduo com o qual não existe um relacionamento romântico continuado;

- e) Agrado do sujeito em usar preservativo nas relações sexuais (v.61). Variável que define a satisfação ou insatisfação continuada na utilização do preservativo no coito pênis-vagina;
- f) Agrado dos parceiros em usar preservativo (v.60). Variável que define a percepção dos sujeitos quanto à satisfação ou insatisfação dos parceiros, no sentido global, quanto à utilização dos preservativos;

Em questões abertas e semi-abertas, inquiriu-se sobre:

g) Método contraceptivo mais usado no sexo sem penetração (v.39). Variável que identifica o contraceptivo utilizado com maior frequência nas práticas genito-genitais sem penetração. Apresentada em questão aberta;

h) Método contraceptivo habitualmente usado 1) com parceiros fixos (v.62) e 2) ocasionais (v.64). Variáveis que identificam no uso rotineiro, a preferência por contraceptivo específico, de entre um conjunto apresentado, nas circunstâncias de parceiro habitual e parceiros não habituais. As variáveis, apresentadas em questão semi-abertas, permitem enunciar outros métodos, em modalidades a categorizar *a posteriori*;

i) Uso de contraceptivo no último coito com parceiros ocasionais (v.65). Variável que identifica a utilização de alguma forma contraceptiva no momento específico do último coito com parceiros não habituais;

j) Momento de colocação do preservativo (v.32). Consiste numa abordagem resumida do conhecimento teórico dos sujeitos quanto ao momento adequado de aplicação do preservativo. Apresentada numa pergunta fechada com três modalidades;

l) Método contraceptivo usado na primeira relação sexual com penetração (pênis-vagina) (v.58). Variável que identifica o contraceptivo específico utilizado na primeira experiência de sexo com penetração. Apresentada em questão aberta, com modalidades a categorizar *a posteriori*;

m) Método contraceptivo usado na última relação sexual com penetração (pénis-vagina), com parceiros ocasionais (v.66). Variável que identifica o contraceptivo específico utilizado no último episódio de coito com parceiro não habitual. Apresentada em questão aberta, com modalidades a categorizar *a posteriori*;

4.2.4.5 Características Afectivo-sexuais dos Pares na Perspectiva dos Sujeitos

Através de uma escala nominal com seis modalidades, questionaram-se os sujeitos sobre os comportamentos afectivo-sexuais dos amigos reportados a:

a) Namoro dos amigo(as) (v.30). Consiste na percepção dos sujeitos quanto à representatividade dos relacionamentos românticos nos pares mais próximos;

b) Relações sexuais dos amigos(as) (v.36). Consiste na percepção dos sujeitos quanto à representatividade das experiências de coito nos pares mais próximos;

c) Sexo oral nos amigos(as) (v.48). Consiste na percepção dos sujeitos quanto à representatividade das experiências de sexo oral nos pares mais próximos;

d) Múltiplos parceiros sexuais nos amigos(as) (v.63). Consiste na percepção dos sujeitos quanto à representatividade dos pares mais próximos, relativamente a experiências sexuais com vários parceiros;

4.2.4.6 Agentes de Informação sobre Temáticas Afectivo-sexuais

Através de variáveis apresentadas em questões semi-abertas com sete modalidades:

a) Agente de informação mais útil sobre o amor (v.15). Consiste no reconhecimento dos sujeitos quanto ao agente de informação ao qual atribuem maior utilidade na abordagem da temática do amor;

b) Agente de informação mais útil sobre as relações sexuais (v.16). Consiste na identificação do agente no qual os sujeitos reconhecem maior utilidade para abordagem da temática das relações coitais;

c) Agente de informação mais útil sobre métodos contraceptivos (v.35). Consiste no reconhecimento dos sujeitos quanto ao agente no qual reconhecem maior utilidade para abordagem da contracepção.

Uma vez que estas questões são semi-abertas, havia a possibilidade de *a posteriori*, serem acrescentadas outras modalidades.

4.2.4.7 Consumo e Efeito do Consumo de Álcool no Contexto Afetivo -Sexual

A caracterização dos participantes quanto ao consumo de álcool e efeitos, através de escala nominal com quatro categorias:

a) Hábitos de consumo de álcool nas saídas com amigos (v.33). Consiste na quantificação das bebidas alcoólicas e não alcoólicas rotineiramente ingeridas nas saídas com o grupo de pares;

b) Efeitos do consumo de álcool (v.34). Consiste na percepção dos sujeitos quanto ao efeito ou consequências que as bebidas alcoólicas têm na sua pessoa, aquando da ingestão nas saídas com o grupo de pares;

Através de variáveis dicotômicas (i.e. sim, não) fez-se a caracterização dos sujeitos quanto ao consumo de álcool nas primeiras experiências sexuais:

c) Consumo de álcool no primeiro episódio de sexo sem penetração (v.42). Consiste no reconhecimento da ingestão de álcool, aquando da ocorrência da primeira experiência de sexo genito-genital sem penetração;

d) Consumo de álcool no primeiro episódio de sexo oral (v.47). Consiste no reconhecimento da ingestão de álcool, aquando da primeira experiência de sexo oral no papel de executor;

e) Consumo de álcool no primeiro episódio de coito (v.59). Consiste no reconhecimento da ingestão de álcool, aquando da primeira experiência de coito com penetração pénis-vagina.

4.3 Hipóteses

Com base nas temáticas a que foi dado maior ênfase no enquadramento teórico, nomeadamente teoria das visões românticas (Furman & Wehner, 1994), modelo de estratégias de influência no uso de preservativo (Noar, 2003) e consistência no uso de preservativo, estabelecem-se algumas hipóteses que se agrupam em pontos diferentes. Assim o primeiro grupo de hipóteses incide sobre a teoria das visões românticas (Furman & Wehner, 1994) e as relações com variáveis de caracterização geral dos sujeitos. O segundo grupo relaciona esta teoria com as estratégias de influência no uso de preservativo (Noar, 2003). O terceiro grupo de hipóteses relaciona a mesma teoria com a consistência no uso de preservativo. O quarto grupo de hipóteses procura a interligação das temáticas.

4.3.1 Hipóteses Referentes à Teoria das Visões Românticas e às Relações com Variáveis Complementares Caracterizadoras dos Sujeitos

HIPOTESE 1: Se na adolescência as ligações no grupo de pares tendem a crescer e os parceiros inicialmente vistos como figuras de afiliação e intimidade emergem mais tarde como figuras de vinculação e cuidado oferecido (Furman & Wehner, 1994/1997), se os estilos românticos tendem a tornar-se mais seguros com a idade transportando modificações individuais e relacionais, de tal modo que a pessoa caminha para uma visão dos parceiros como potenciais figuras românticas e de intimidade sexual (Furman & Wehner, 1994/1997; Furman & Simon, 1999; Brown, 1999), existindo nas raparigas maior tendência para o investimento afectivo, maior assertividade nas relações amorosas, enquanto que os rapazes são mais inconstantes nas relações e se direccionam mais para oportunidades com carácter sexual (Harper et al, 2004; Buhrmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988; Montgomery & Sorell, 1998) espera-se que nos sujeitos:

H1a) O estilo seguro da visão romântica mostre médias mais altas, comparativamente aos estilos evitativo-experimentação e receoso;

H1 b) Os estilos seguros dos sistemas de afiliação e intimidade revelem médias mais altas comparativamente aos estilos seguros dos sistemas de cuidado e vinculação

H1 c) As médias dos três estilos românticos globais sofram o efeito da idade e do sexo de tal modo que

- Os sujeitos mais velhos se apresentem mais seguros, menos receosos e evitativos-experimentação que os mais novos;
- Os rapazes se apresentem menos seguros, mais receosos e evitativos-experimentação que as raparigas;
- Tanto os rapazes como as raparigas mais velhos se apresentem mais seguros, menos receosos e com menor evitação-experimentação que os mais novos;
- Em cada grupo de idades, as raparigas, se revelem mais seguras, menos receosas e com menor evitação-experimentação que os rapazes.

H1 d) Nos quatro sistemas comportamentais, os sujeitos mais velhos se mostrem mais seguros, menos evitativos e inquietos comparativamente aos mais novos;

H1 e) Nos quatro sistemas comportamentais, as raparigas se mostrem mais seguras, menos evitativas e inquietas/receosas comparativamente aos rapazes;

HIPÓTESE 2: Se o grupo de pares possibilita a aproximação a parceiros e neste contexto se desenrolam as primeiras experiências afectivo-sexuais (Montgomery & Sorell, 1998; Connolly & Goldberg, 1999; Brown, 1999; Furman & Shafer, 2003), se as competências sociais adquiridas na amizade facilitam a interacção com parceiros românticos (Bouchev & Furman, 2003), se as mulheres entram em relacionamentos amorosos centrando-se mais nos

aspectos afectivos e os homens mais nos aspectos sexuais (Carver, Joyer & Udry, 2003; Feeney & Noller, 2004; Harper et al, 2004), espera-se que:

H2 a) Os três estilos da visão romântica sofram o efeito da estima percebida nos pares e o efeito conjunto da estima e do sexo, de tal modo que

- Os sujeitos que se sentem mais estimados se apresentem mais seguros, menos receosos e evitativos-experimentação que os que se sentem pouco estimados.
- Nas raparigas, as que se sentem mais estimadas se apresentem mais seguras, menos receosas e evitativas-experimentação, comparativamente às que se sentem pouco estimadas;
- Nos rapazes, os que se sentem mais estimadas, se revelem mais seguros, menos receosos mas com níveis mais elevados de evitação-experimentação, comparativamente aos que se sentem pouco estimados

H2 b) Nos quatro sistemas comportamentais, os sujeitos que se sentem mais estimados pelos pares se mostrem mais seguros, menos evitativos e inquietos/receosos comparativamente aos que se sentem pouco ou nada estimados;

HIPÓTESE 3: Se no historial romântico se aprende a criar laços (Furman & Wehner, 1994/1997; Furman & Simon, 1999) se relacionamentos românticos sérios são fonte de vinculação, cuidado, afiliação e intimidade (Furman & Wehner, 1997) espera-se que:

H3 a) Os sujeitos com namorado apresentem médias mais elevadas no estilo seguro e mais baixas nos estilos receoso e evitativo-experimentação, comparativamente aos que não têm namoro;

H3 b) Nos quatro sistemas comportamentais, os sujeitos que têm namoro actualmente se mostrem mais seguros, menos evitativos e inquietos/receosos comparativamente aos que no momento não têm namoro;

H3 c) Os sujeitos que declaram namoros actuais mais longos, comparativamente aos que referem namoros mais curtos se apresentem mais seguros, menos receosos e evitativos-experimentação;

H3 d) Nos quatro sistemas comportamentais, os sujeitos que namoram há mais tempo se mostrem mais seguros, menos evitativos e inquietos/receosos comparativamente àqueles que declaram namoros mais curtos.

H3 e) Os sujeitos com parceiro fixo apresentem médias mais elevadas no estilo seguro e mais baixas nos estilos receoso e evitativo-experimentação, comparativamente aos que têm parceiros ocasionais ou mistos

H3 f) Nos estilos seguros dos quatro sistemas comportamentais, os sujeitos que têm parceiro fixo mostrem médias mais elevadas comparativamente aos que têm parceiros mistos ou ocasionais.

4.3.2 Hipóteses Referentes às Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e às Relações com Variáveis Complementares Caracterizadoras dos Sujeitos e com os Estilos Românticos

HIPOTESE 4: Se a negociação no uso de preservativo cresce com a comunicação (Matos, 2003) e com a idade (Boyce et al, 2003), se é socialmente mais aceitável que os rapazes transportem consigo preservativos, mas as raparigas são mais hábeis a comunicar a intenção da utilização do método (Noar, Morokoff & Harlow, 2002), se no romance adolescente os aspectos afectivo-sexuais têm expressões de intimidade progressiva (Brown, 1999) e as práticas de sexo seguro podem depender da capacidade em expressar a vontade em utilizar preservativo (Noar, Morokoff & Redding, 2002), espera-se que

H4 a) As raparigas, relativamente aos rapazes, apresentem médias mais elevadas nas estratégias que implicam verbalização (i.e. recusa da relação, pedido directo, tipo de

relacionamento, informação sobre IST e engano), enquanto que para os rapazes se esperam médias mais elevadas em estratégias não verbais (i.e. sedução)

H4 b) Os sujeitos mais velhos, comparativamente aos mais novos, apresentem médias mais elevadas, excepto na estratégia de engano, onde se deverá verificar o oposto;

H4 c) Os sujeitos com namoro actual, face aos que não têm namoro, apresentem médias mais altas em todas as estratégias, excepto no engano, onde se deve verificar o contrário;

H4 d) Os sujeitos com experiências de coito, comparativamente aos que não se iniciaram, apresentem médias mais altas em todas as estratégias, excepto no engano, onde se deve verificar o contrário;

H4 e) Os sujeitos monogâmicos, comparativamente aos que têm parceiros ocasionais e extemporâneos, apresentem médias mais altas em todas as estratégias, excepto no engano, onde se deve verificar o contrário;

H4 f) As médias dos estilos românticos estejam associadas às estratégias de negociação no uso de preservativo de tal modo que

- Em ambos os sexos, os sujeitos que aplicam níveis elevados nas estratégias de recusa da relação, pedido directo, argumentação sobre o tipo de relacionamento, informação sobre IST e sedução, mostrem médias mais altas nos estilos seguro e mais baixas nos estilos receoso e evitativo-experimentação, do que aqueles que aplicam essas estratégias de maneira mediana ou baixa
- Em ambos os sexos, os sujeitos que aplicam níveis baixos nas estratégias de engano mostrem médias mais elevadas nos estilos seguro e mais baixas nos estilos receoso e evitativo-experimentação do que aqueles que aplicam a estratégia de maneira mediana ou elevada.

4.3.3 Hipóteses Referentes à Consistência no Uso de Preservativo e às Relações com os Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais

HIPÓTESE 5: Se as interações entre adolescentes oferecem oportunidades de cooperação, apoio mútuo e co-construção das relações e os sistemas de afiliação e intimidade emergem mais precocemente (Furman, 1999), mas se os relacionamentos sexuais vistos pelos adolescentes como exclusivos, tendem a ser mais propriamente monogâmicos sequenciais (Santelli, Brener, Lowry, Bhatt & Zabin, 1998) e os ocasionais são por vezes as primeiras experimentações que embora instáveis, conferem *status* e aceitação (Miller & Benson, 1999), enquadrando ambos a diversidade do desenvolvimento afectivo-sexual, espera-se que:

H5 a) Tanto nos sujeitos com relacionamentos exclusivamente monogâmicos, como nos sujeitos com relacionamentos ocasionais, os que usam preservativo de forma consistente se mostrem mais seguros, menos receosos e evitativos-experimentação, comparativamente aos que usam o método de maneira inconsistente, suspeitando-se que tal seja mais marcante nos sistemas de afiliação e intimidade.

4.3.4 Hipóteses Referentes às Relações entre os Estilos Românticos as Estratégias de Negociação e a Consistência no Uso de Preservativo

HIPÓTESE 6: Se no decurso do desenvolvimento adolescente a segurança romântica tende a aumentar (Furman & Wehner, 1997), os romances tendem a expressões de erotismo na intimidade física (Bonino, Cattelino & Ciairano, 2005), sentindo-se os adolescentes mais responsáveis, menos em risco e menos preocupados se o preservativo é usado (Hocking, Turk & Elliger, 1999) estando a maior frequência de uso do método associada a maior assertividade sexual e a maior negociação, (Noar, 2003);

Se atitudes positivas e facilidade para a intimidade não conduzem sempre a sexo seguro, podendo levar à exposição a riscos (Feeney & Noller, 2004; Zapiain, 2005), se nos relacionamentos ansiosos há elevada atracção sexual pelos parceiros, desejo de proximidade,

mas menor persistência na negociação de sexo seguro e medo na abordagem das IST pelo possível prejuízo na relação (Feeney et al, 1999; Fenney & Noller, 2004), se o uso de preservativo é conotado com menor erotismo (Bryan, Aiken & West, 1999), se nos relacionamentos sem capacidade de negociação, o uso sistemático do método pode ser uma imposição que não veicula a partilha de intimidade (Hillier, Harrison & Warr, 1998) e a concordância no coito desprotegido é interpretada como prova de amor, podendo distorcer a percepção dos riscos (Tracy et al, 2003; Zapiain, 2005) espera-se que na amostra dos sujeitos com parceiro fixo:

- **H6 a)** Nos sujeitos que aplicam muito as estratégias de 1) recusa da relação sexual, 2) pedido directo, 3) sedução, 4) argumentação sobre o tipo de relacionamento e 5) informação sobre IST, o grupo que usa o preservativo de maneira consistente, apresente médias mais altas no estilo seguro e mais baixas nos estilos receoso e evitativo-experimentação, comparativamente ao grupo que usa o método de maneira inconsistente, esquematicamente:

Esquema 1 Proposta da H6 a)

Alta Negociação nas Estratégias do Uso de Preservativo	
Uso Consistente	Uso Inconsistente
Seguro +	Seguro -
Receio -	Receio +
Evitativo-Experimentação -	Evitativo-Experimentação +

- **H6 b)** Nos sujeitos que aplicam pouco as estratégias de 1) recusa da relação sexual, 2) pedido directo, 3) sedução, 4) argumentação sobre o tipo de relacionamento e 5) informação sobre IST, o grupo que usa o preservativo de maneira consistente, apresente médias mais baixas no estilo seguro e evitativo-experimentação e mais altas no estilo receoso comparativamente ao grupo que usa o método de maneira inconsistente, esquematicamente:

Esquema 2 Proposta da H6 b)

Baixa Negociação nas Estratégias do Uso de Preservativo	
Uso Consistente	Uso Inconsistente
Seguro - Receio + Evitativo-Experimentação -	Seguro + Receio - Evitativo-Experimentação +

- **H6 c)** Nos sujeitos que aplicam pouco a estratégia de 6) engano, o grupo que usa o preservativo de maneira consistente, apresente médias mais altas no estilo seguro e mais baixas nos estilos receoso e evitativo-experimentação, comparativamente aos que usam o método de maneira inconsistente, esquematicamente:

Esquema 3 Proposta da H6 c)

Baixo Nível na Estratégia de Engano	
Uso Consistente	Uso Inconsistente
Seguro + Receio - Evitativo-Experimentação -	Seguro - Receio + Evitativo-Experimentação +

- **H6 d)** Nos sujeitos que aplicam muito a estratégia de 6) engano, o grupo que usa o preservativo de maneira consistente, apresente médias mais baixas no estilo seguro e evitativo-experimentação, e mais altas no estilo receoso comparativamente aos que usam o método de maneira inconsistente, esquematicamente:

Esquema 4 Proposta da H6 d)

Alto Nível na Estratégia de Engano	
Uso Consistente	Uso Inconsistente
Seguro - Receio + Evitativo-Experimentação -	Seguro + Receio - Evitativo-Experimentação +

Capítulo 5. MÉTODO E PROCEDIMENTO GERAL

5.1 Desenho Básico

A presente pesquisa é um estudo não-experimental, transversal e descritivo. Trata-se de um estudo quantitativo não-experimental, pois as variáveis não são manipuláveis e apenas os sujeitos o são, provindo de uma amostra de conveniência. Relativamente ao tempo, é transversal, uma vez que recolhe dados sobre os participantes num momento único e compara-os. Quanto ao objectivo é descritivo, pois procura no contexto da população observada, descrever o fenómeno e aumentar o conhecimento. É também correlacional, e comparativo-causal, pois tenta determinar relações entre as variáveis (Polit & Hungler, 1995).

5.2 População

Os sujeitos do estudo actual pertencem a uma população constituída por indivíduos adolescentes escolarizados que frequentam o 9º, 10º, 11º e 12º anos em escolas do distrito de Évora, num total de 5761 alunos, distribuídos por 26 instituições, de acordo com as informações da Direcção Regional de Educação do Alentejo¹. Utilizaram-se três instituições no pré-teste, restando-nos como campo de actuação 23 escolas. Destas, nove recusaram a participação e numa outra, o tipo de alunos (i.e. educação especial) oferecia características particulares, pelo que o questionário foi aplicado em 13 escolas. A eleição dos anos de escolaridade referidos prendeu-se com os relacionamentos das variáveis em estudo, pois, embora o amor possa revelar-se precocemente (Hatfield & Sprecher, 1986) a idade de iniciação ao coito nos adolescentes portugueses, suposta pelos pares, ronda os 14-15 anos (Matos, 2003), idade aproximada à entrada no 9º ano de escolaridade.

¹ Equipa Multidisciplinar de Sistemas de Informação e Informática (6 de Janeiro de 2006)

5.2.1 Amostra

Considerando-se inicialmente um erro amostral tolerável de 2.5% (.025) e estabelecendo-se uma probabilidade de acerto de 95% (Oliveira & Grácio, 2005), seleccionou-se nas escolas disponíveis, um número de turmas que perfazia aproximadamente 1600 adolescentes (i.e. 1607 exactamente), procurando-se atingir no mínimo 1252 questionários válidos para que a amostra fosse representativa, conforme os cálculos abaixo:

$$n_0=1/(.025)^2=1600$$

$$n=1600*5761/(1600+5761)=1252 \text{ sujeitos}$$

No final, após a eliminação de 80 questionários por estarem rasurados, obteve-se uma amostra de 1527 casos. Isto significa que a margem de erro dos dados está entre 2.5% e 2% para um nível de confiança de 95%.

A representação dos sujeitos no nível de escolaridade, tendo como referência a população, mostra que frequentam o 9º ano 339 sujeitos (19.7%), encontram-se no 10º ano 374 (24.6%), no 11º ano estão 393 participantes (33%) e no 12º ano 387 sujeitos (28.9%). Na tabela 1 representa-se a amostra relativamente à população.

Tabela 1 Representação dos Sujeitos Relativamente à População

	9º ano			10º ano			11º ano			12º ano		
	P	N	%	P	N	%	P	N	%	P	N	%
População <i>versus</i> Amostra	1718	339	19.7	1518	374	24.6	1190	393	33	1335	387	28.9

a) 34 participantes não indicaram o ano de escolaridade que frequentam

A opção pela abordagem de todas as escolas disponíveis e por uma amostra grande prendeu-se com vários motivos: 1) a temática do amor na adolescência é pouco estudada no país, 2) a variedade das experiências românticas e sexuais na adolescência supõe-se grande e 3) desejava-se um número significativo de sujeitos para abranger adolescentes com diferentes tipos de experiências de intimidade sexual física.

A participação dos sujeitos é acidental, uma vez que estava limitada à concordância dos próprios e à receptividade dos responsáveis pelas instituições escolares. Relativamente a

cada escola a percentagem dos sujeitos não é fixa, pelos motivos apontados, mas também porque não havia a possibilidade de eleger uns alunos e recusar outros dentro de cada turma. Na tabela 2 representa-se o número de questionários aplicados em cada escola, não especificada por anos de escolaridade e turmas para protecção dos sujeitos.

Tabela 2 Distribuição dos Sujeitos nas Instituições Escolares

Instituições Escolares	Total
	N
EB 2/3 com ES Cunha Rivara – Arraiolos	119
ES com 3º Ciclo Rainha Santa Isabel – Estremoz	176
EB 2/3 André de Resende – Évora	78
ES com 3º Ciclo Gabriel Pereira – Évora	355
EB 2/3 S. João de Deus – Montemor	37
ES com 3º Ciclo de Montemor – Montemor	143
EB 2/3 com ES de Mora – Mora	89
EB 2/3 D. João de Portel – Portel	19
EB 2/3 com ES Dr. Hernâni Cidade – Redondo	76
EB com 3º Ciclo Conde de Monsaraz - Reguengos de Monsaraz	72 ^{a)}
EB 2/3 com ES Dr. Isidoro de Sousa - Viana	85
EBI – JI de Alcáçovas – Alcáçovas	16
ES com 3º Ciclo Públia Hortênsia de Castro – Vila Viçosa	228
Total	1493

a) Na Escola Conde de Monsaraz de Reguengos de Monsaraz 32 alunos não identificaram o ano e a turma

5.2.1.1 Dados Sócio-demográficos dos Sujeitos

Apresentam-se seguidamente dados gerais, deixando-se a caracterização pormenorizada dos sujeitos, para secção posterior, através das variáveis adiante designadas como variáveis independentes complementares.

Dos 1527 participantes 644 (42.3%) são rapazes e 877 (57.7%) são raparigas. Seis participantes não se identificaram em relação ao sexo.

Os sujeitos que indicaram a idade encontravam-se entre os 14 e os 21 anos, com uma média de 16.14 anos (d.p.=1.34) e moda de 16 anos. Vinte e sete não referiram a idade. Na amostra global, a média de idade dos rapazes (M=16.21; dp=1.37) era superior à das raparigas (M=16.09; dp=1.32), não existindo diferenças significativas ($t_{(1497)}= 1.730$; $p=.084$).

A distribuição por idades e sexo representa-se na tabela 3.

Tabela 3 Distribuição dos Sujeitos por Idades e Sexo

Sexo	Idade														
	14		15		16		17		18		19		20-21		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Masculino	69	10.8	142	22.3	156	24.5	166	26.1	68	10.7	28	4.4	7	1.1	636
Feminino	115	13.3	183	21.2	232	26.9	207	24	100	11.6	21	2.4	5	.6	863
Total	184	12.3	325	21.7	388	25.9	372	24.9	168	11.2	49	3.3	10	1.7	1499

A representação dos sujeitos por ano de escolaridade é aproximada, uma vez que 339 (22.7%) frequentam o 9º ano, 374 (25.1%) estão no 10º ano, 393 (26.3%) encontram-se no 11º ano e 387 (25.9%) no 12º ano. Trinta e quatro participantes não indicaram o ano em frequentam. Tomando os sujeitos por ano de escolaridade, observa-se que os rapazes são significativamente mais velhos que as raparigas no 9º ano ($t_{(334)}=2.634$; $p=.009$)¹ e no 10º ano ($t_{(324,656)}=2.377$; $p=.018$)². No 11º ano a média de idades em ambos os sexos não regista diferenças significativas ($t_{(387)}=1.543$; $p=.124$)³, tal como no 12º ano ($t_{(301,689)}=1.807$; $p=.072$)⁴.

A progressão-retenção escolar foi observada numa variável construída para o efeito (i.e. Suc_Academico), partindo-se da suposição de insucesso quando os sujeitos apresentavam dois ou mais anos de idade do que seria esperado, tendo como referência a idade de entrada no sistema de ensino aos seis anos. Observou-se que a maioria dos sujeitos (N=1276; 86.6%) teve um percurso académico com sucesso e que 197 (13.4%) experimentaram retenção. Existe um relacionamento estatisticamente significativo entre o sucesso académico e o sexo dos sujeitos ($\chi^2_{(1)}=15.492$; $p=.000$), residindo a diferença no maior sucesso das raparigas ($z=3.9$). A tabela 4 apresenta os dados observados e esperados.

¹ Nos rapazes: M=14.90 anos (dp=1.07); nas raparigas M=14.62 anos (dp=.909).

² Nos rapazes: M=15.66 anos (dp=.977); nas raparigas M=15.44 anos (dp=.783).

³ Nos rapazes M=16.56 anos (dp=.818); nas raparigas M=16.43 anos (dp=.738).

⁴ Nos rapazes M=17.68 anos (dp=.842); nas raparigas M=17.53 anos (dp=.728).

Tabela 4 Sucesso Académico de Acordo com o Sexo

Sexo	Percurso Académico									
	Sucesso Escolar				Insucesso Escolar				Total	
	Observado		Esperado		Observado		Esperado		Observado	
	N	%	N		N	%	N		N	%
Masculino	516	82.6	541		109	17.4	84		625	100
Feminino	760	89.6	735		88	10.4	113		848	100
Total	1276	86.6	1276		197	13.4	197		1473	100

A maior parte dos sujeitos (N=1286; 84.7%) vive com ambas as figuras parentais em agregado familiar do tipo nuclear. Só com a mãe vivem 119 (7.8%) e só com o pai vivem 17 (1.1%); em família com mais que duas gerações vivem 45 (3%), em família reconstruída com um dos progenitores vivem 24 (1.6%); com familiares da geração anterior vivem 20 (1.3%) e três (.2%) com irmãos mais velhos. Em instituição vivem três sujeitos (.2%) e um outro sujeito declara viver com família adoptiva. Os dados encontram-se na tabela 5.

Tabela 5 Distribuição dos Sujeitos Quanto ao Tipo de Família

Tipo de Família	N	%
Família Nuclear	1286	84.7
Família Monoparental (Pai)	17	1.1
Família Monoparental (Mãe)	119	7.8
Família Colateral (Avós ou Tios)	20	1.3
Família Alargada	45	3
Família Reconstruída (Genitor/a e padrasto/madrasta)	24	1.6
Fratria (Irmãos mais velhos)	3	.2
Instituição com tutorias	3	.2
Família Adoptiva	1	.1
Total	1518	100

Relativamente à formação académica dos pais, observa-se que o nível de escolaridade predominante, quer do pai, quer da mãe é o ensino básico (1º ao 9ºano), porém mais mães (18.6%) do que pais (14.1%) têm formação académica superior, conforme se vê na tabela 6.

Tabela 6 Distribuição dos Sujeitos de Acordo com a Formação Académica dos Pais

Formação Académica dos Pais	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Não estudou	9	.6	9	.6
Básico (1º ao 9º ano)	847	58.3	828	56.4
Secundário (10º ao 12º ano)	392	27	358	24.4
Curso Superior	205	14.1	273	18.6
Total	1453	100	1468	100

5.3 Procedimento Geral

Para obter o consentimento da aplicação do questionário fizeram-se diligências iniciais junto da Direcção Regional de Educação do Alentejo tendo-se obtido a permissão. Posteriormente, para cada instituição escolar realizou-se uma primeira abordagem via telefónica junto dos Conselhos Executivos para apresentar o assunto. Se a instituição mostrava disponibilidade, enviava-se por correio ou levava-se em mão própria um pedido formal dirigido ao órgão de gestão acompanhando do questionário. Nas escolas o questionário foi sujeito à apreciação de Conselho Pedagógico ou Directores de Turma ou Órgão de Gestão. Estabeleceu-se posteriormente com cada uma das escolas a disponibilidade das turmas e o número de alunos no sentido de organizar os envelopes-turma e a data de entrega dos questionários. Em cada escola existia um professor designado, geralmente os Professores Directores de Turma ou um dos Professores do Conselho Executivo que seriam os elementos interlocutores no processo de aplicação e recolha.

Os questionários aplicaram-se em sala de aula nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2006 na presença de um professor da instituição escolar.

5.3.1 Descrição Geral do Questionário Aplicado

A opção por um instrumento de auto-preenchimento em detrimento de entrevista deveu-se a duas razões, nomeadamente a tentativa de cobrir uma amostra de maior dimensão e também porque os adolescentes são algo relutantes a discutir os seus interesses e relacionamentos românticos com adultos (Brown, Feiring & Furman, 1999), nomeadamente a declarar alguns tipos de comportamentos de maior intimidade, tais como o coito, conforme verificou Vilar (2003).

O questionário segue uma lógica de apresentação das questões, mas como nem todos os adolescentes têm as mesmas experiências, apresenta em alguns momentos indicações para saltar perguntas e assim só alguns participantes preenchem a totalidade.

A primeira parte contém os dados sócio-demográficos, conforme foi apresentado anteriormente. Para caracterizar os sujeitos pedem-se a) aspectos de desenvolvimento físico, b) contexto das experiências de amor e namoro. Na segunda parte, a que se chamou Questionário 1, apresenta-se o Behavioral Systems Questionnaire (BSQ), cedido directamente, através de correio electrónico pelo autor, Wyndol Furman, em 7 de Abril de 2005. Este instrumento assenta sobre a Teoria das Visões Românticas e acede às percepções sobre os estilos românticos. Na terceira parte, encontram-se perguntas sobre a a) disponibilidade imediata de preservativo, b) conhecimento teórico básico sobre a utilização e c) hábitos e efeitos de consumo de álcool nas saídas com os pares. Na quarta parte, a que se chamou Questionário 2, apresenta-se o Condom Influence Strategy Questionnaire (CISQ-S), de Noar, Morokoff e Harlow (2002) que avalia seis tipos de estratégias possíveis de aplicar no processo de negociação para o uso de preservativo, cedido por um dos autores através de correio electrónico em 14 de Junho de 2005. Na quinta parte, procura-se saber a) o agente de informação mais importante sobre métodos contraceptivos e b) a ocorrência de experiências sexuais não coitais e coitais. De acordo com o nível destas experiências, os sujeitos continuariam ou não o preenchimento do instrumento. A sexta parte, especificamente dirigida aos sujeitos com experiências de intimidade sexual, colocam-se questões sobre práticas a) oro-genitais, b) genito-genitais, c) uso de preservativo nessas experiências e d) tipo e número de parceiros envolvidos. Nesta sexta parte incluem-se duas questões sobre a consistência no uso de preservativo no coito, com parceiros fixos e ocasionais.

O tempo de preenchimento total ronda os 45 minutos, supondo-se que os sujeitos que não se enquadram em todas as questões poderão levar menos 10 minutos.

Na apresentação inicial garantiu-se a confidencialidade dos dados e incentivou-se a resposta honesta. Procurou-se linguagem acessível Nas escalas que mudavam de página, recordavam-se as modalidades de resposta. Na apresentação gráfica utilizou-se a impressão em página dupla, para facilitar a leitura e economizar papel.

Antes de aplicar o pré-teste pediu-se a um grupo de quatro adolescentes para responderem e ajuizarem sobre a clareza das questões; o tempo de preenchimento neste caso durou aproximadamente 30 minutos. Perante sugestões, a redacção de algumas questões foi ligeiramente alterada.

Os instrumentos em idioma estrangeiro foram traduzidos por dois colaboradores independentes e posteriormente trabalhados com uma professora do ensino secundário, no sentido de melhorar a acessibilidade dos sujeitos, de acordo com a sugestão de Hill e Hill (2000). O questionário final encontra-se no Apêndice 1.

5.3.2 Pré-teste

Realizou-se um pré-teste no mês de Novembro de 2005, em aproximadamente 200 casos para comprovar a inteligibilidade. Foram colhidas algumas sugestões dos participantes. Por exemplo, um participante alertou para o facto de na sua experiência pessoal, apesar de ter amado, jamais tinha namorado. Dois participantes afirmaram que se o pesquisador só se interessa pelo namoro não obtém a realidade, sugerindo que deveriam ser contempladas mais práticas sexuais, independentemente da ocorrência de namoro. Estas sugestões levaram-nos a reformular o questionário incluindo outras variáveis.

Capítulo 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente capítulo descrevem-se e discutem-se os resultados da pesquisa, que estão organizados de acordo com os objectivos propostos e com as hipóteses formuladas. Assim, apresentam-se os sujeitos a partir 1) das variáveis independentes complementares, seguindo-se para 2) a caracterização à luz da teoria da visão romântica, 3) caracterização no contexto das estratégias de negociação no uso de preservativo e suas relações com os estilos românticos, 4) caracterização no âmbito da consistência no uso de preservativo e suas relações com os estilos românticos e 5) caracterização resultante do entrosamento entre os estilos românticos, as estratégias de negociação e a consistência no uso de preservativo.

A codificação dos dados foi realizada numa matriz do programa Statistical and Preservation System Software (SPSS) versão 13, nos meses de Março e Abril de 2006 seguindo-se a sua análise. Na análise dos resultados utilizaram-se as seguintes provas estatísticas:

a) Caracterização dos sujeitos referida ao objectivo 1: testes não paramétricos (Mann-Whitney, Qui-quadrado de Pearson, Teste exacto de Fisher), testes paramétricos (t de Student para amostras independentes, Anova a um factor e a dois factores, Manova a dois factores) e ainda regressão linear (método step-wise) e regressão ordinal (método logit).

b) Caracterização dos sujeitos referida aos objectivos 2, 3, 4 e 5: correlações simples de Pearson, correlações por pares, testes não paramétricos (Qui-quadrado de Pearson), testes paramétricos (t de Student para amostras independentes e amostras emparelhadas, Anova a um factor, Anova de Medidas Repetidas, e Manova a dois e três factores).

Com base na ideia do teorema do Limite Central (Maroco, 2003) e dado o tamanho da amostra supõe-se normalidade nas distribuições. No entanto, são apresentados os testes de normalidade, observados nos resíduos do teste Kolmogorov-Smirnov (K-S) e/ou teste de

Shapiro-Wilk, de acordo com o tamanho da amostra em causa, e as descritivas quando não se verifica o pressuposto de normalidade.

6.1 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 1

6.1.1 Desenvolvimento Físico, Atractividade e Orientação Sexual

6.1.1.1 Idade da Espermarca/Menarca

A menarca variou entre os 9 e os 16 anos, sendo a média aos 12.17 anos ($dp=1.22$) e a mediana e moda aos 12 anos. Os resultados são condicentes com a amplitude e médias do estudo de Bancroft, Herbenick e Reynolds (2003), que registam o primeiro episódio menstrual em média aos 12.6 anos (mediana=12 anos). São também aproximados aos dos países industrializados, que apontam em média os 12.2 a 12.8 anos para a menarca (Berne & Huberman, 1999). Relativamente a estudos portugueses, a média de idades referida pelas raparigas do presente estudo encontra-se entre os valores médios das raparigas da região de Coimbra (média=12.53; $dp=1.27$) conforme Padez e Rocha (2003) e a média nacional ($M=11.83$; $dp=1.142$) apontada por Matos (2003).

A ocorrência da espermarca, de acordo com as declarações dos sujeitos, variou entre os 6 e os 17 anos, sendo a média de idades aos 12.77 anos ($dp=1.58$), com mediana e a moda aos 13 anos. A média de idades da espermarca nos sujeitos do presente estudo é mais precoce que a média de idades observada nos países industrializados (i.e. 13.5 a 14 anos), conforme Berne e Huberman (1999).

Nos rapazes, a grande amplitude da idade da espermarca pode explicar-se pelos motivos seguintes. Por um lado, a poluição nocturna é frequente (Dyk, 1993), confirmando-a ou não o indivíduo ao acordar. Por outro lado, a maior sensibilidade dos rapazes relativamente à puberdade tardia (Dyk, 1993) e o desconhecimento da ocorrência, podem ter levado alguns sujeitos, na preocupação da virilidade, a avançar para o exagero quando se referem ao primeiro episódio ejaculatório. Repare-se que também Bancroft, Herbenick e Reynolds (2003), colhem dados semelhantes aos actuais, registando uma amplitude entre 7-19 anos, com média aos 12.5 anos ($dp=1.7$).

Uma vez que nos rapazes os limites inferior e superior são algo desfasados dos dados habituais, seguiu-se o critério utilizado por Bancroft, Herbenick e Reynolds (2003) e para a análise da idade pubertária retiraram-se os 33 rapazes que indicam a espermarca em idade igual ou inferior a dez anos e um sujeito que indica idade superior a 16. Observou-se então que o fenómeno ocorrerá em média aos 13.04 anos ($dp=1.23$), com resultados mais aproximados ao estudo de Ostovich e Sabini (2005), que apontam a memória da puberdade masculina em média aos 13.13 anos ($dp=1.50$).

A tabela 7 mostra as frequências do fenómeno de acordo a idade e o sexo dos sujeitos, rejeitando os 34 rapazes como acima referido.

Tabela 7 Distribuição dos Sujeitos de Acordo com o Sexo e Idade da Espermarca/Menarca

Sexo	Idade															
	9anos		10anos		11anos		12anos		13anos		14anos		15anos		16anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Rapazes	-	-	-	-	37	9	112	27.4	119	29.1	90	22	37	9	14	3.4
Raparigas	13	1.5	48	5.5	205	23.7	247	28.5	237	27.4	98	11.3	15	1.7	3	.3

6.1.1.2 Percepção do Desenvolvimento Físico

A maioria dos sujeitos ($N=1108$; 77.4%) considera que tem um desenvolvimento físico semelhante aos seus colegas do mesmo sexo.

Entre os sexos há diferenças significativas ($U_{(1427)}=230562.5$; $Z=-3.258$; $p=.001$), exibindo os rapazes uma média de ordenações mais elevada ($M=744.16$) que as raparigas ($M=691.67$). Assim, embora tanto no grupo dos rapazes, como no grupo das raparigas a maioria considere que tem desenvolvimento semelhante aos seus colegas ($N=444$; 73.1% *versus* $N=661$; 80.6%), tomando por exemplo os 193 sujeitos que se consideram “mais desenvolvidos” a maior representação é dos rapazes ($N=98$; 16.1%) comparativamente às raparigas ($N=95$; 11.6%), o mesmo acontecendo na categoria “muito mais desenvolvido” ($N=29$; 4.8% *versus* $N=15$; 1.8%, respectivamente). A tabela 8 documenta estes resultados.

Tabela 8 Percepção do Desenvolvimento Físico de Acordo com o Sexo

Sexo		Percepção de Desenvolvimento Físico				Total
		Menos Desenvolv.	Igual Desenvolv.	Mais Desenvolv.	Muito mais Desenvolv.	
Rapazes	Observado	36	444	98	29	607
	% no sexo	5.9	73.1	16.1	4.8	100
Raparigas	Observado	49	661	95	15	820
	% no sexo	6	80.6	11.6	1.8	100
Total	Observado	85	1105	193	44	1427
	% no sexo	6	77.4	13.5	3.1	100

No global, os resultados são consistentes com Matos (2003), que encontra nos seus participantes o reconhecimento de uma aparência física considerada como média ou boa.

A perspectiva do adolescente quanto ao seu desenvolvimento físico é um aspecto importante, pois face ao processo de mudanças físicas próprio desta fase da vida, é reconfortante ter uma imagem corporal positiva, que na prática é validada na comparação com os pares ou com os ídolos (López & Fuertes, 1999). O maior desenvolvimento pode trazer benefícios e valorização, pois os adolescentes que têm uma aparência mais amadurecida, são considerados entre os pares como mais atractivos e têm maior vantagem na eleição como potenciais parceiros românticos (Halpern, 2003). Não se enquadrar no padrão dominante pode trazer desvalorização pessoal, distorção da imagem e insegurança, diminuindo as oportunidades de interacções no campo afectivo-sexual (Furman & Shaffer, 2003; López & Fuertes, 1999).

6.1.1.3 Atractividade Auto-atribuída e Percebida no Grupo de Pares

Relativamente à atractividade auto-atribuída, a maior parte dos sujeitos considera-se “nem muito/pouco atraente” (N=862; 57,2%), mas a representação conjunta de “atraente” e muito “atraente” (25.8%) é superior à representação conjunta de “pouco” e “nada atraente” (17%).

Observam-se diferenças significativas entre rapazes e raparigas ($U_{(1502)}=248989$; $Z=-3.610$; $p=.000$), mostrando os rapazes uma média de ordenações mais elevada ($M=793.45$) que as raparigas ($M=720.35$). Assim, embora a maioria dos sujeitos de ambos os sexos ($N=858$; 57.1%) se considere “nem muito/pouco atraente”, a representação das raparigas nos 12.9% da amostra que se refere à modalidade “pouco atraente” é mais alta (14.6%) que a representação dos rapazes nessa mesma modalidade (10.6%). Por outro lado, nos 3.9% dos sujeitos que se consideram “muito atraentes”, a maior representação é dos rapazes face às raparigas (6.6% *versus* 1.9%). A tabela 9 apresenta a distribuição da atractividade auto-atribuída de acordo com o sexo.

Tabela 9 Atractividade Auto-atribuída de Acordo com o Sexo

Sexo		Atractividade Auto-atribuída					Total
		Nada atraente	Pouco atraente	Nem muito/pouco atraente	Atraente	Muito atraente	
Rapazes	Observado	23	68	360	147	42	640
	% no sexo	3.6	10.6	56.3	23	6.6	100
Raparigas	Observado	38	126	498	184	16	862
	% no sexo	4.4	14.6	57.8	21.3	1.9	100
Total	Observado	61	194	858	331	58	1502
	% no sexo	4.1	12.9	57.1	22	3.9	100

Quanto à atractividade percebida junto dos pares, a maioria colhe uma imagem “nem muito nem pouco atraente” ($N=773$; 53%), mantendo-se à semelhança da variável anterior, uma representação mais elevada na imagem positiva (i.e. 35.7% “atraente” e “muito atraente”) e mais baixa, na imagem negativa devolvida pelos pares (i.e. 11.3% “pouco” e “nada atraente”), não se observando diferenças significativas entre rapazes e raparigas ($U_{(1452)}=248410.5$; $Z=-1.238$; $p=.216$).

Os resultados são semelhantes aos encontrados por Matos (2003), quando constata que os adolescentes em geral consideram o seu aspecto físico na média. Por outro lado, também nessa pesquisa, mais rapazes que raparigas referem que o seu aspecto é bom, o que é condicente com os actuais resultados.

No contexto das mudanças físicas que ocorrem na adolescência (López & Oroz, 1999; López & Fuertes, 1999), a atractividade é um aspecto valorizado, especialmente na fase de iniciação dos encontros românticos, quando o indivíduo mais centrado em si, do que propriamente na relação (Brown, 1999), necessita porventura sentir-se minimamente seguro para ensaiar os primeiros passos na carreira romântica e sexual. A atractividade percebida é um dos melhores predictores da auto-valorização, e na adolescência, torna-se particularmente saliente em relação à apreciação de um parceiro romântico real ou imaginado (Feiring, 1999).

6.1.1.4 Orientação Sexual

A maior parte dos sujeitos refere orientação heterossexual (97%). Na amostra, onze rapazes (1.8%) e 20 raparigas (2.3%) afirmam-se com orientação para ambos os sexos e seis rapazes (1%) e sete raparigas (.8%) com preferência homo. Embora no estudo actual a pergunta se dirija apenas para a orientação e não para os comportamentos, os resultados seguem o padrão de outros estudos com adolescentes, onde é relativamente frequente a identificação de alguns casos com orientação não heterossexual (i.e. Montgomery & Sorell, 1998). Por exemplo, Bancroft, Herbenick e Reynolds (2003), identificam num estudo sobre os comportamentos masturbatórios, que 10% dos rapazes e 6% das raparigas relatam experiências com parceiros do mesmo sexo. Contudo, na adolescência, a especificação da orientação sexual não está perfeitamente estabelecida (Bancroft, 1990), não se podendo prever se a actual declaração de hetero, bi ou homossexualidade, antevê estes mesmos comportamentos no futuro.

6.1.2 Caracterização dos Sujeitos Quanto ao Historial de Romances

6.1.2.1 Atracção

A atracção por elementos do grupo de pares é negada por 832 sujeitos (55.2%) e confirmada por 674 (44.8%), não existindo relacionamento estatístico significativo com o sexo ($\chi^2_{(1)}=1.582$; $p=.208$). Se se considerar o fenómeno apenas no grupo das raparigas, observa-se que a média de idades das que se sentem atraídas por pessoas do seu grupo de amigos ($M=15.96$; $dp=1.24$) é significativamente mais baixa ($t_{(826.766)}=2.502$; $p=.013$) que a média de idades das que não reconhecem tal facto ($M=16.18$; $dp=1.37$). Nos rapazes este tipo de diferenças não se verifica ($t_{(624)}=-.748$; $p=.455$).

No grupo das raparigas, os resultados são concordantes com Connolly et al (2004), que identifica nos sujeitos com 14-15 anos, a eleição do grupo de pares como o local das amizades, que progressivamente se torna também o envolvente onde ocorrem os primeiros interesses românticos.

6.1.2.2 Emergência do Amor

A emergência de sentimentos amorosos ou desejo de intimidade é manifestada pela grande maioria dos sujeitos ($N=1396$; 92.2%), existindo relacionamento estatístico significativo com o sexo ($\chi^2_{(1)}=6.364$; $p=.012$). Assim nos 1390 (92.2%) sujeitos que confirmam o facto de alguma vez terem sentido amor ou desejo de intimidade, a maior representação é dos rapazes ($N=602$; 94.2%) comparativamente às raparigas ($N=788$; 90.7%). A tabela 10 mostra os resultados obtidos.

Tabela 10 Emergência de Amor ou Desejo de Proximidade de Acordo com o Sexo

Sexo	Sentiu Amor ou Desejo de Proximidade							
	Sim				Não		Total	
	Observados	Esperados	Observados	Esperados	Observados			
	N	%	N	N	%	N	N	%
Rapazes	602	94.2	589	37	5.8	50	639	100
Raparigas	788	90.7	801	81	9.3	68	869	100
Total	1390	92.2	1390	118	7.8	118	1508	100

Constata-se nos resultados que a grande maioria dos sujeitos iniciou já a sua carreira romântica, ou seja, reconhecendo a emergência do amor, encontra em si mesmo potencialidades para relacionar-se de maneira singular com outra pessoa. Os resultados são consistentes com Buhrmester et al (1988), que em população adolescente identificaram uma preocupação latente quanto a interações com indivíduos do sexo oposto, porventura potenciais parceiros românticos. Também Richards et al (1998), observaram que independentemente da existência real de um relacionamento, o pensamento dos adolescentes está ocupado, numa significativa parte do quotidiano, com assuntos românticos. No respeito a diferenças entre os sexos, os resultados são consistentes com Montgomery (2004), que encontra nos rapazes maior ocorrência de paixões, facto que a autora explica com a maior crença em “amor à primeira vista”.

A capacidade de antever num outro sujeito a possibilidade de uma ligação, que é ao mesmo tempo semelhante mas diferente da amizade, enquadra-se tanto no desenvolvimento individual, como no anunciar de possibilidades para a formação de um par. De acordo com Furman e Wehner (1997), não menosprezando a variabilidade individual na emergência do amor e a diversidade relacional, o romance e/ou porventura o seu anunciar, concorrem para o desenvolvimento do adolescente, sendo esperado a maior ou menor prazo uma nova hierarquia nas relações com os significativos.

6.1.2.3 Estima Percebida nos Amigos Íntimos/Namorados

A maior parte dos sujeitos tem percepções positivas quanto à estima oferecida pelos pares. A maior representação encontra-se nos sujeitos que se sentem “amados” (N=633; 44.4%), seguindo-se os que se sentem “nem muito nem pouco amados” (N=434; 30.4%) e os que se sentem “muito amados” (N=266; 18.6%). Uma pequena parte sente-se “pouco amado” (N=67; 4.7%) ou “não amado” (N=27; 1.9%).

Entre os sexos as diferenças na estima percebida são significativas ($U_{(1422)}=192892$; $Z=-7.510$; $p=.000$), observando-se que a média de ordenações nos rapazes ($M=621.95$) é mais baixa que nas raparigas ($M=777.05$). As raparigas no global sentem-se mais estimadas pelos pares, pois por exemplo, nos 44.4% dos sujeitos que se sentem “amados” e nos 18.7% que se sentem “muito amados”, a maior representação está nas raparigas (46% e 24.1%) enquanto nos rapazes é mais baixa (42.1% e 11.3%). A tabela 11 apresenta os resultados.

Tabela 11 Estima Percebida nos Amigos Íntimos/Namorados de Acordo com o Sexo

Sexo		Estima Percebida					Total
		Não Amado	Pouco Amado	Nem muito/pouco Amado	Amado	Muito Amado	
Rapazes	Observado	16	34	230	253	68	601
	% no sexo	2.7	5.7	38.3	42.1	11.3	100
Raparigas	Observado	11	31	203	378	198	821
	% no sexo	1.3	3.8	24.7	46	24.1	100
Total	Observado	27	65	433	631	266	1422
	% no sexo	1.9	4.6	30.5	44.4	18.7	100

Para a maioria dos sujeitos, os pares com os quais têm contactos de maior proximidade, devolvem noções de segurança afectiva, facto que é concordante com Bouchey e Furman (2003), quando reconhecem nestas figuras as maiores fontes de apoio para grande parte dos adolescentes. Encontrar a estima dos pares, é um aspecto que traduz a predisposição biológica para acercar-se do outro e identificar pertenças (Furman, 1999).

Relativamente às diferenças entre rapazes e raparigas, os resultados são concordantes com Martinez e Fuertes (1999a), que encontram nas raparigas maior proximidade e intimidade em relação aos amigos, e concorrem para a observação de Buhrmester et al, (1988), que reconhecem nas raparigas mais capacidades para a auto-revelação, facto que porventura, em resposta, conduzirá a percepção de maior qualidade na estima. A percepção de estima, enriquece o desenvolvimento adolescente, uma vez que o indivíduo aprende a confiar, a partilhar, a testar o merecimento, a revelar-se, ou na reciprocidade, aprende a construir relacionamentos que serão as bases da sua carreira romântica.

6.1.2.4 Idade do Primeiro Amor e Reciprocidade do Parceiro

A idade do primeiro amor variou entre os cinco e os 19 anos, sendo a média aos 13.3 anos ($dp=2.19$) e a moda aos 14 anos.

Entre rapazes e raparigas verificam-se diferenças significativas ($t_{(1015.692)}=-4.181$; $p=.000$), pois o despertar amoroso nos rapazes observou-se em média cerca dos 12.99 anos ($dp=2.48$), enquanto nas raparigas ocorreu em média cerca dos 13.52 anos ($dp=1.93$). Para 112 raparigas (15.19%) o primeiro amor ocorreu em idade anterior à menarca e para 130 rapazes (32.8%) em idade anterior à espermarca.

Os resultados são consistentes com Hatfield et al (1988) e com Montgomery e Sorell (1998), quando em ambos os estudos os participantes, identificam numa ampla faixa etária (i.e. três a 18 anos) relacionamentos no grupo de pares que caracterizam como os primeiros episódios amorosos. No entanto a idade modal do primeiro amor no presente estudo (i.e. 14 anos) é mais tardia que a identificada por Montgomery e Sorell (1998), ou seja aos 12 anos. Por outro lado, os resultados também confirmam Regan et al (2004) e Montgomery e Sorell (1998), que em população adolescente comprovaram que mais rapazes e mais precocemente que as raparigas revelam sentimentos românticos. Repare-se ainda que a idade modal do primeiro amor nos rapazes do presente estudo (i.e. 12.99 anos) se aproxima da idade modal referida por Montgomery e Sorell (1998).

Através dos resultados constata-se que a localização da primeira experiência amorosa ocorreu para a maioria dos rapazes e raparigas em fase pós-pubertária, como supõe Ainsworth (1989) e Liebowitz, 1983 ou Money (1980, citados por Hatfield et al, 1988). A amplitude da idade de iniciação ao amor é grande e não menosprezando a importância que cada romance pode ter no momento, porventura, ao longo da carreira afectivo-sexual, haverá diferenças qualitativas entre as experiências mais precoces face às tardias (Furman, Feiring & Brown, 1999). Os nossos resultados confirmam autores que sublinham como característica do amor romântico adolescente a grande diversidade de ocorrência na idade cronológica,

recomendando também que embora a idade possa oferecer alguma orientação, não deve ser equacionada como variável que sustenta o desenvolvimento romântico (Furman, Feiring e Brown, 1999; Furman e Wehner, 1997).

A maioria dos sujeitos (N=879; 65.1%) foi correspondido aquando do primeiro amor, existindo diferenças significativas em relação ao sexo ($\chi^2=6.520$; $p=.011$), observando-se que a resposta positiva do parceiro romântico foi mais elevada nas raparigas (N=517; 67.9%) que nos rapazes (N=357; 61.2%) (tabela 12).

Tabela 12 Reciprocidade no Primeiro Amor de Acordo com o Sexo

Sexo	Reciprocidade no Primeiro Amor							
	Não				Sim		Total	
	Observados		Esperados		Observados		Observados	
	N	%	N	N	%	N	N	%
Rapazes	226	38.8	204	357	61.2	379	583	100
Raparigas	244	32.1	266	517	67.9	495	761	100
Total	470	35	470	874	65	874	1344	100

Embora no estudo de Montgomery e Sorell (1998), que contemplava sujeitos entre os 12 e os 19 anos, se observasse a reciprocidade amorosa com o parceiro actual e não no primeiro episódio amoroso como no presente estudo, os resultados concorrem para a mesma ideia, pois em ambos a certeza de reciprocidade do parceiro é mais elevada, embora as autoras não identificassem diferenças entre os sexos. Contudo a maior afectividade percebida pelas raparigas nos relacionamentos românticos é um aspecto identificado por Shulman e Scharf (2000), coincidindo com os resultados actuais.

A reciprocidade amorosa é um aspecto importante, pois se as experiências iniciais são reconfortantes, a imagem de desempenho nos novos papéis românticos sai reforçada, facilitando o progresso na carreira afectivo-sexual.

6.1.2.5 A Idade do Primeiro Namoro

A idade do primeiro namoro declarada pelos 1168 sujeitos que responderam à questão variou entre os quatro e os 19 anos, sendo a média aos 13.71 anos ($dp=2.07$) e moda aos 14. Observam-se diferenças significativas entre os sexos ($t_{(825,387)}=-4.660$; $p=.000$), apresentando as raparigas uma média de idades mais elevada ($M=13.95$ anos; $dp=1.76$) à data do primeiro episódio de namoro que os rapazes ($M=13.35$ anos; $dp=2.40$).

A grande amplitude da idade de iniciação no namoro encontrada no estudo actual é coincidente com Bouchey e Furman (2003) e Montgomery e Sorell (1998). Relativamente às diferenças entre os sexos, os resultados contrariam Carver, Joyner e Udry (2003), que com base no desenvolvimento fisiológico, consideram as raparigas com maior maturidade para iniciar mais cedo os relacionamentos românticos. Porventura, nos sujeitos do presente estudo, entrarão em linha de conta outras influências, nomeadamente as sociais, que exigem dos rapazes uma definição temporã dos papéis sexuais e por isso maior precipitação nas primeiras experiências de carácter romântico, ainda que na incerteza dos sentimentos. Nas raparigas, pelo contrário valoriza-se a reserva nos envolvimentos amorosos e assim maior contenção nas declarações, aguardando certezas ou clarificação dos próprios sentimentos. Um outro aspecto a ter em conta é o despoletar dos relacionamentos de namoro, pois as raparigas, dadas as normas culturais, revelam-se menos competentes para iniciar relacionamentos românticos (Buhrmester et al, 1998), facto que porventura pode “calar” ou adiar a motivação para possíveis namoros.

A Memória da Idade do Primeiro Namoro

Pareceu importante observar a memória da idade do primeiro namoro, no contexto da idade actual dos sujeitos. Cingindo-se a observação aos que declaram ter tido pelo menos um namoro, realizou-se um teste Anova one-way, tendo como variável dependente a idade do primeiro namoro e como factor, a idade actual em três grupos (i.e. 14-15, 16-17, 18-21 anos).

A homogeneidade de variâncias verificou-se no teste de Levene ($p=.075$). Constataram-se diferenças significativas nos três grupos de idade relativamente à idade em que localizam o primeiro romance ($F_{(2,1129)}=122.487$; $p=.000$). Assim, o grupo dos 345 sujeitos mais novos aponta o primeiro namoro em média cerca dos 12.51 anos ($dp=1.91$), os 594 sujeitos com 16-17 anos reconhecem o primeiro episódio em média cerca dos 13.97 anos ($dp=1.80$) e o grupo dos 193 mais velhos reportam-no em média cerca dos 15.01 ($dp=2.00$). O gráfico de linhas 1 dá uma perspectiva da localização da idade do primeiro namoro nos grupos etários e a tabela 13 comprova que as diferenças de médias entre os grupos de idade são sempre significativas (critério Tukey).

Gráfico 1 Memória da Idade do Primeiro Namoro nos Três Grupos de Idade

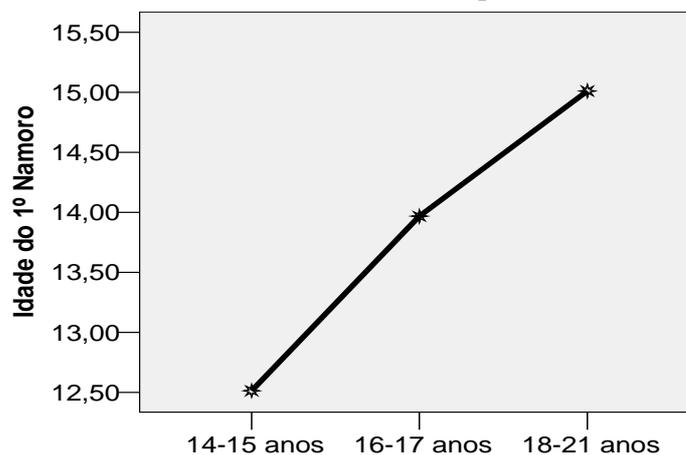


Tabela 13 Diferença de Médias na Memória de Idade do Primeiro Namoro nos Três Grupos de Idade

Grupos de Idade		Diferença de Médias	p
14-15 Anos	16-17 Anos	-1.453*	.000
	18-21 Anos	-2.497*	.000
16-17 Anos	18-21 Anos	-1.044*	.000

Montgomery e Sorell (1998) observam resultados semelhantes. Ou seja, à medida que os adolescentes vão crescendo, a localização do primeiro namoro torna-se mais tardia, sugerindo que a validação do evento é vulnerável, acompanhando o desenvolvimento etário. Assim, assiste-se ao menosprezar das primeiras experiências, porventura porque o passar do

tempo ofereceu outras oportunidades e se afiguram mais importantes experiências românticas mais próximas. Constatase então, tal como Furman e Whener (1997), que a vivência dos relacionamentos amorosos na adolescência, acarreta em si, modificações na perspectiva do que é o romance para o próprio indivíduo.

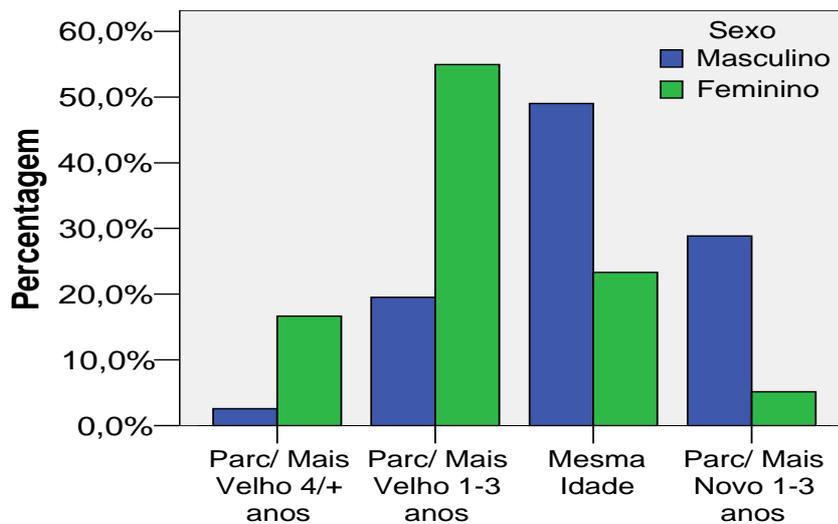
Idade do Parceiro no Primeiro Namoro

Nos sujeitos com a experiência de pelo menos um namoro, a idade do parceiro à data do primeiro namoro variou entre cinco e 30 anos. A diferença de idades entre os sujeitos que tiveram namorado e os respectivos parceiros, reportadas ao primeiro namoro dos sujeitos, observada através da variável “DifId_Nam”, variou entre menos 16 e mais três anos.

Nos rapazes que afirmaram ter tido relacionamentos de namoro, a idade da primeira namorada variou entre os cinco e os 24 anos. Relativamente à diferença de idades na altura do primeiro namoro, a parceira tinha a mesma idade em 226 casos (49%), era mais velha de um a três anos em 90 casos (19.5%), mais velha 4 ou mais anos em 12 casos (2.6%) e era mais nova de um a três anos em 133 casos (28.9%).

Nas raparigas que declararam ter tido namorado(s), a idade do parceiro na altura do primeiro namoro variou entre os seis e os 30 anos. Se por um lado o parceiro romântico tinha a mesma idade em 154 casos (23.3%), por outro lado era mais velho de um a três anos em 363 casos (54.9%) e mais velho 4 ou mais anos em 110 casos (16.6%). Uma representação mais reduzida de raparigas teve namorados mais novos de 1 a 3 anos em 34 casos (5.1%). O gráfico 2 mostra, a representação percentual da diferença de idades entre os sujeitos e os parceiros à data do primeiro namoro.

Gráfico 2 Representação da Diferença de Idades Sujeito-Parceiro no Primeiro Namoro de Acordo com o Sexo



Os resultados de Montgomery e Sorell (1998), que se referem aos envolvimento românticos daquele momento, não mostram exactamente as mesmas percentagens que o estudo actual, mas coincidem na ideia base de que mais rapazes do que raparigas declaram ter parceiras da mesma idade, assim como parceiras mais novas. Por outro lado, em ambos os estudos, a maioria das raparigas refere ter parceiros românticos mais velhos.

A constatação destas particularidades relativamente à idade do parceiro no primeiro namoro, reflectem porventura nas raparigas uma postura dirigida para compromisso romântico e por isso a selecção de parceiros mais velhos, que terão a possibilidade de ser mais maduros. Os rapazes, mais dirigidos para aspectos sexuais dos relacionamentos preferem namoradas da mesma idade ou mais novas, porventura porque a influência exercida sobre as parceiras, quanto aos conteúdos das actividades românticas, se torna mais facilitada, ou porque a revelação romântica é mais fácil frente a pessoa mais nova do sexo oposto, aspectos que são concordantes com as características particulares do género no desenvolvimento romântico (Leaper & Anderson, 1997).

6.1.2.6 O Namoro Mais Longo

O namoro mais prolongado, nos 1097 sujeitos que responderam à questão, variou entre um dia a seis anos, com média de 10,4 meses ($dp=11.20$) e moda de um mês.

Considerou-se adequado observar a duração do namoro mais prolongado, na perspectiva do efeito conjunto do sexo e da idade actual (i.e. 14-15, 16-17, 18-21 anos) através de uma Anova two-way. A amostra foi aleatorizada no sentido de obter um número semelhante de casos. A análise recaiu sobre 542 sujeitos (tabela 14)

Tabela 14 Médias da Duração do Namoro Mais Prolongado nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo

Duração do Namoro Mais Prolongado				
Sexo	Grupos Etários	Média	dp	N
Masculino	14-15 anos	6.42	8.42	98
	16-17 anos	6.31	5.75	73
	18-21 anos	10.37	11.44	82
	Total	7.67	9.07	253
Feminino	14-15 anos	8.05	7.96	98
	16-17 anos	14.75	11.88	88
	18-21 anos	19.20	14.27	103
	Total	14.07	12.57	289
Total	14-15 anos	7.24	8.21	196
	16-17 anos	10.93	10.46	161
	18-21 anos	15.29	13.78	185
	Total	11.08	11.52	542

A normalidade no teste K-S dos resíduos não se verificou, quer nas distribuições referentes aos grupos etários ou ao sexo ($p<.05$). No teste de Levene o pressuposto da igualdade de variâncias não se verificou ($p=.000$).

O modelo é estatisticamente significativo ($F_{(5,536)}=23.047$; $p=.000$), explicando 16.9% ($R^2_{Aj}=.169$) da variação observada na duração do namoro.

O teste Anova two-way revelou que o sexo tem efeito significativo sobre a duração do namoro ($F_{(1,536)}=48.097$; $p=.000$), com uma credibilidade superior a 99% e um tamanho de efeito de 8.2% ($\eta_p^2=.082$). Em média as raparigas têm histórias de namoro mais prolongado ($M=14.00$ meses) que os rapazes ($M=7.70$ meses).

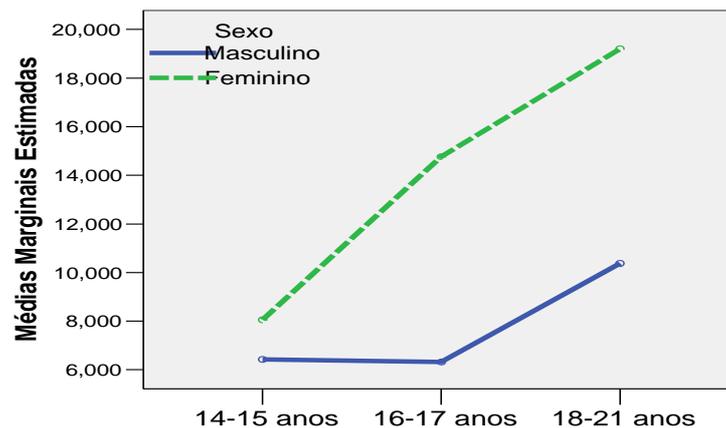
Os grupos de idade também têm efeito significativo sobre a duração do namoro mais prolongado ($F_{(2,536)}=24.484$; $p=.000$), com uma confiança superior a 99% e um tamanho de

efeito 8.4% ($\eta_p^2=.084$). Em média os mais novos declaram história de namoro mais curto (M=7.24 meses) que os de idade intermédia (M=10.53 meses) e os mais velhos (M=14.79 meses).

Os dois factores interagem significativamente ($F_{(2,536)}=6.978$; $p=.000$), facto com uma credibilidade de 92.6%, afectando a variação da variável dependente apenas em 2.5% ($\eta_p^2=.025$).

Nos efeitos simples da idade, o gráfico de perfil 3 é sugestivo que nas raparigas, a duração média de namoro é progressivamente maior à medida que avançam na idade, mas nos rapazes regista-se uma pequena inflexão no grupo dos que têm 16-17 anos.

Gráfico 3 Médias de Duração do Namoro Mais Longo nos Rapazes e Raparigas de Acordo com os Grupos de Idade



Nas comparações por pares (tabela 15), comprova-se que as raparigas declaram namoros progressivamente mais duradouros, enquanto que nos rapazes as diferenças são significativas somente entre os grupos extremos (i.e. 14-15 anos *versus* 18-21 anos).

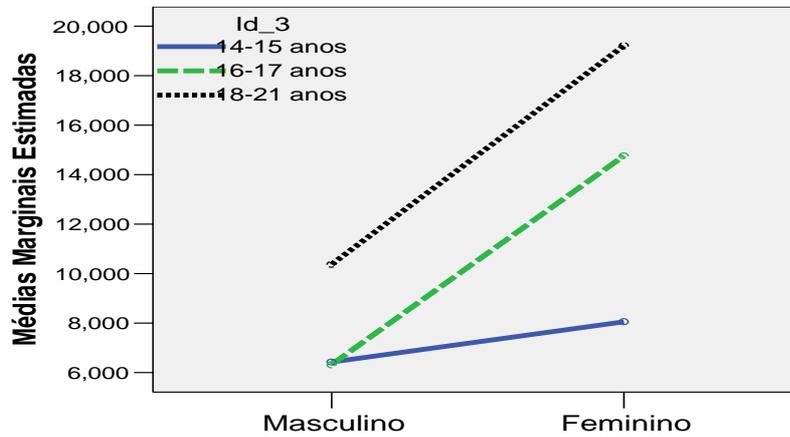
Tabela 15 Diferenças de Média na Duração do Namoro Mais Longo nos Rapazes e nas Raparigas de Acordo com os Grupos de Idade

Diferenças de Média na Duração do Namoro Mais Prolongado				
Sexo	Grupos Etários	Grupos Etários	Diferenças de Média	p
Masculino	14-15 anos	16-17 anos	.108	1.000
		18-21 anos	-3.947*	.037
	16-17 anos	18-21 anos	-4.054	.050
Feminino	14-15 anos	16-17 anos	-6.704*	.000
		18-21 anos	-11.152*	.000
	16-17 anos	18-21 anos	-4.448*	.011

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

O gráfico de perfil 4, nos efeitos simples do sexo, sugere que qualquer que seja o grupo de idades, as raparigas declaram namoros mais prolongados que os rapazes, parecendo no entanto que nos mais novos a duração é aproximada.

Gráfico 4 Médias de Duração do Namoro Mais Longo nos Grupos de Idade de Acordo com o Sexo



Nas comparações por pares, constata-se que na realidade, excepto no grupo dos mais novos, as raparigas referem namoros significativamente mais prolongados (tabela 16).

Tabela 16 Diferenças de Média na Duração do Namoro Mais Longo nos Grupos de Idade de Acordo com o Sexo

Diferenças de Média na Duração do Namoro Mais Prolongado				
Idade	Sexo		Diferenças de Média	P
14-15 anos	Masculino	Feminino	-1.630	.278
16-17 anos	Masculino	Feminino	-8.441*	.000
18-21 anos	Masculino	Feminino	-8.834*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Os resultados são em parte consistentes com Shulman e Scharf (2000), que ao considerarem grupos de idade semelhantes aos actuais, encontram sempre relacionamentos amorosos mais prolongados nas declarações das raparigas do que nos rapazes.

Em resumo, embora o modelo tenha uma capacidade baixa na explicação da variação, a interacção entre o sexo e os grupos etários afecta de alguma maneira a duração do namoro.

Os resultados mostram grande variação no tempo de namoro declarado como mais prolongado, facto que é coincidente com Montgomery e Sorell (1998), quando as autoras

identificam no seu estudo, tempos de namoro que variam entre uma semana e 10 anos. Aproximam-se dos resultados de Furman et al (2002), que encontram 11 meses para a duração média do relacionamento mais longo em adolescentes com 16 a 19 anos. As diferenças entre os sexos, encontradas no presente estudo são consistentes com Shulman e Scharf (2000), que ao considerarem grupos de idade semelhantes aos actuais, encontram sempre relacionamentos amorosos mais prolongados nas declarações das raparigas do que nos rapazes.

As declarações de adolescentes que se reportam a namoros com anos de duração, são algo surpreendentes para o entendimento geral, que em regra toma os romances na adolescência como breves, transitórios e superficiais. No entanto, é exactamente a resposta a um dos mitos que Collins (2003) identifica na literatura, defendendo que as experiências românticas são significativas, encontrando-se alguns adolescentes fortemente implicados nos compromissos amorosos.

A progressiva duração do namoro ao longo dos grupos de idade encontrada no estudo actual é coincidente com Carver, Joyner e Udry (2003) e espelha porventura o desenvolvimento das capacidades de intimidade e compromisso dos adolescentes no envolvimento com um parceiro, aspecto presente nas concepções de Brown (1999) e Connolly e Goldberg (1999). As diferenças entre os sexos estarão porventura enquadradas na maior experiência das raparigas em relacionamentos de intimidade comparativamente aos rapazes (Carver, Joyner & Udry, 2003; Leaper & Anderson, 1994).

6.1.2.7 Ocorrência de Namoro Actual

Nos 1202 sujeitos que responderam à questão, a maioria (N=690; 57.4%) não tem namorado, enquanto que 512 (42.6%) confirmam este tipo de relação. Na amostra global, existe uma relação estatisticamente significativa com o sexo ($\chi^2_{(1)}=36.301$; $p=.000$), pois nos

que têm namoro, a maior representação é das raparigas (N=349; 49.9%) face aos rapazes (N=162; 32.5%).

Em cada grupo de idades, também se observam diferenças significativas entre rapazes e raparigas, no reconhecimento da ocorrência de namoro. Assim, existe uma relação estatística significativa com o sexo, quer seja no grupo dos sujeitos com 14-15 anos ($\chi^2_{(1)}=7.760$; $p=.005$), com 16-17 anos ($\chi^2_{(1)}=18.796$; $p=.000$) ou no grupo com 18-21 anos ($\chi^2_{(1)}=12.436$; $p=.000$), mostrando as raparigas sempre maior representação na assumpção de namoro que os rapazes. No quadro 9 encontra-se o resumo da representação da ocorrência de namoro nos rapazes e raparigas, em três grupos de idade.

Quadro 9 Resumo da Ocorrência de Namoro Actual nos Grupos de Idade de Acordo com o Sexo

Grupos de Idade	Sexo	Ocorrência de Namoro Actual								
		Não				Sim				Total
		Observados		Esperados		Observados		Esperados		Observados
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
14-15 anos	Rapazes	106	72.1	93.6	39	26.9	51	145	100	
	Raparigas	127	58.8	139	89	41.2	77	216	100	
	Total	233	65	233	128	35	128	361	100	
16-17 anos	Rapazes	170	65.9	144	88	34.1	114	258	100	
	Raparigas	175	48.3	201	187	51.7	161	362	100	
	Total	345	55.6	345	275	44.4	275	620	100	
18-21 anos	Rapazes	56	62.9	44	33	37.1	46	89	100	
	Raparigas	42	37.8	54	69	62.2	56	111	100	
	Total	98	49	98	102	51	1020	200	100	

Os resultados da ocorrência de namoro no total da amostra são um pouco inferiores a Carver, Joyner e Udry (2003), pois estes autores encontram uma representação de 55% face a 42.6% no estudo actual. Relativamente às diferenças entre os sexos, os resultados são coincidentes com Martinez e Fuertes (1999a) e Carver, Joyner e Udry (2003), que também observam maior representação de raparigas que se reconhecem em envolvimento românticos, do que rapazes. A progressiva representação em cada sexo é também consistente com o Carver, Joyner e Udry (2003), assim como a maior representação das raparigas em cada grupo de idades. As diferenças encontradas podem porventura dever-se a alguma renitência dos rapazes em reconhecer o namoro, dado que este tipo de relação supõe algum

nível de compromisso, facto que é mais valorizado pelas raparigas do que pelos rapazes (Shulman & Scharf, 2002).

Duração do Namoro Actual

Nos sujeitos, a longitude média do namoro actual é de 11.91 meses ($dp=11.54$), moda um mês e mediana 8 meses. O menor período é de um dia e o maior de 60 meses (i.e. 5 anos).

Observou-se a duração do namoro actual, na perspectiva do efeito conjunto da idade e sexo, através de um teste Anova two-way. Fez-se previamente a aleatorização da amostra, no sentido de obter um número aproximado de rapazes e raparigas em todos os grupos de idade (i.e. 14-15, 16-17, 18-21), A tabela 17 apresenta as descritivas.

Tabela 17 Média da Duração do Namoro Actual nos Rapazes e Raparigas por Grupos de Idade

		Duração do Namoro Actual		
Sexo	Idade	Média	dp	N
Masculino	14-15 anos	5.14	7.68	37
	16-17 anos	6.46	5.67	50
	18-21 anos	10.55	8.80	32
	Total	7.15	7.50	119
Feminino	14-15 anos	9.16	7.85	54
	16-17 anos	16.48	11.80	38
	18-21 anos	19.41	15.55	59
	Total	15.01	13.05	151
Total	14-15 anos	7.52	7.99	91
	16-17 anos	10.79	10.11	88
	18-21 anos	16.29	14.17	91
	Total	11.54	11.61	270

No teste de K-S dos resíduos não se verificou a normalidade nas distribuições dos grupos etários e do sexo ($p<.05$). No teste de Levene não se observou homogeneidade de variância ($p=.000$).

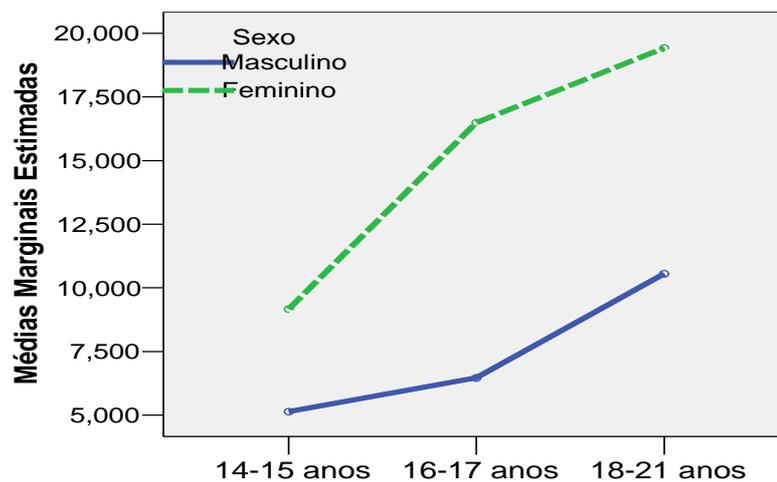
O modelo é estatisticamente significativo ($F_{(5,264)}=14.276$; $p=.000$), explicando 19.8% ($R^2_{Aj}=.198$) da variação da duração do namoro. Verifica-se efeito significativo do sexo ($F_{(1,264)}=34.612$; $p=.000$), com uma credibilidade superior a 99% e tamanho de efeito de

11.6%), declarando as raparigas namoros que em média são mais duradouros (M=15.02 meses) que os dos rapazes (M=7.38 meses).

Nos grupos de idade também há diferenças significativas ($F_{(2,264)}=12.155$; $p=.000$), com uma confiança de 99.5% e 8.4% no tamanho de efeito. Assim, os sujeitos com 14-15 anos declaram menor tempo de namoro em média (M=7.15 meses), que os com 16-17 anos (M=11.47) ou com 18-21 anos (M=14.98 meses). Não se verifica interação significativa entre o sexo e os grupos de idade ($F_{(2,264)}=2.034$; $p=.133$).

No gráfico 5 os efeitos simples da idade são sugestivos de que, tanto nos rapazes como nas raparigas, a duração do namoro é crescente com a idade.

Gráfico 5 Médias da Duração do Namoro Actual Nos Rapazes e Raparigas de Acordo com os Grupos Etários



Nas comparações por pares constata-se porém que somente nas raparigas as diferenças são significativas (tabela 18).

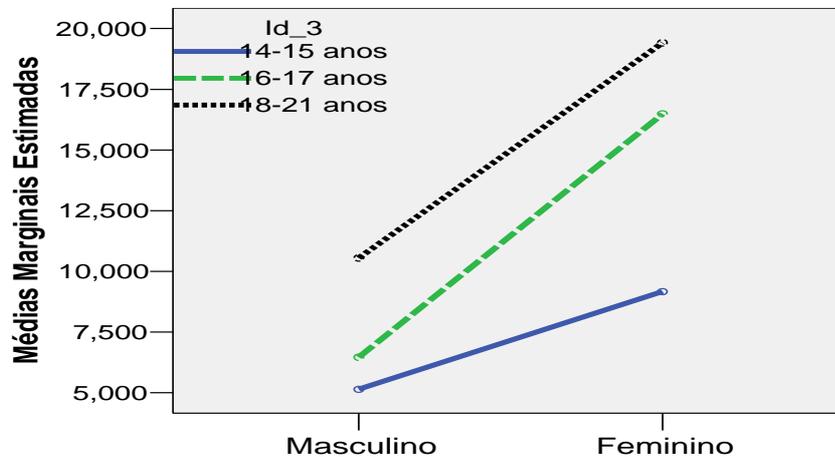
Tabela 18 Diferenças de Média na Duração do Namoro Actual nos Rapazes e Raparigas de Acordo com os Grupos Etários

Duração do Namoro Actual				
Sexo	Idade		Diferença de Médias	P
Masculino	14-15 anos	16-17 anos	-1.323	1.000
		18-21 anos	-5.412	.096
	16-17 anos	18-21 anos	-4.088	.251
Feminino	14-15 anos	16-17 anos	-7.321*	.003
		18-21 anos	-10.251*	.000
	16-17 anos	18-21 anos	-2.929	.531

*Diferenças significativas ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

No gráfico 6, a imagem é sugestiva de que em qualquer dos grupos de idade, as raparigas referem sempre namoros mais prolongados que os rapazes.

Gráfico 6 Médias da Duração do Namoro Actual Nos Grupos de Idade de Acordo com o Sexo



Nas comparações por pares, observa-se contudo que as diferenças significativas entre rapazes e raparigas só ocorrem nos dois grupos de idade mais avançadas. Nos mais novos, a duração do namoro é semelhante em ambos os sexos (tabela 19).

Tabela 19 Diferenças de Média na Duração do Namoro Actual Nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo

Duração do Namoro Actual				
Idade	Sexo		Diferenças de Médias	p
14-15 anos	Masculino	Feminino	-4.024	.071
16-17 anos	Masculino	Feminino	-10.023*	.000
18-21 anos	Masculino	Feminino	-8.863*	.000

* Diferenças significativas ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Resumidamente pode dizer-se que apesar de não se verificar o efeito conjunto da idade e sexo na duração do namoro actual, os resultados informam que a declaração do tempo de namoro possui algumas especificidades. Assim, enquanto que nos rapazes, os namoros têm aproximadamente a mesma duração qualquer que seja a idade, nas raparigas, a duração do namoro torna-se com a idade significativamente mais prolongada. Por outro lado, as raparigas excepto no grupo dos sujeitos que têm 14-15 anos, mostram namoros significativamente mais duradouros.

A oscilação encontrada (i.e. um dia a 60 meses), aproxima-se no limite superior, ao estudo de Martinez e Fuertes (1999) que referem um a 70 meses em estudantes da provincia de Salamanca. A média da duração do namoro actual dos sujeitos (M=11.9 meses) é semelhante ao estudo de Carver, Joyner e Udry (2003) ou de Martinez e Fuertes (1999a) que referem 14 meses e 14.83 meses, respectivamente. Os resultados do estudo actual concorrem para pesquisas que identificam namoros mais prolongados nas raparigas comparativamente aos rapazes e nos mais velhos face aos mais novos (Carver, Joyner & Udry, 2003; Martinez & Fuertes, 1999a; Shulman & Scharf, 2002).

Atributos do Namorado Actual

Relativamente à caracterização do parceiro romântico, nos 494 sujeitos que têm actualmente namorado, este é identificado pela maior parte como simultaneamente amigo e amante (N=349; 70.6%), cerca de um quarto dos sujeitos (N=122; 24.7%) considera o namorado como amigo e uma pequena parte (N=23; 4.6%) vê o namorado com conotação exclusiva de amante.

Entre rapazes e raparigas as proporções destes atributos são diferentes ($\chi^2_{(2)}=11.531$; $p=.003$). Assim, mais raparigas vêm o namorado como amigo e como amigo-amante e por outro lado mais rapazes vêm a namorada como amante. Na tabela 20 encontram-se os resultados obtidos e os esperados, nas várias categorias, de acordo com o sexo.

Tabela 20 Atributos do Namorado Actual de Acordo com o Sexo

Sexo	Atributos do Namorado(a)										
	Amigo		Amigo-Amante				Amante		Total		
	Observados N	Esperados %	Observados N	Esperados %	Observados N	Esperados %	Observados N	Esperados %	Observados N	Esperados %	
Masculino	31	20.7	37	105	70	106	14	9.3	7	150	100
Feminino	91	26.5	85	243	70.8	242	9	2.6	16	343	100
Total	122	24.7	122	348	70.6	348	23	200	23	493	100

Apesar de ambos os sexos considerarem o atributo amigo-amante como mais importante, a valorização nas categorias adjacentes concorrem para os dados enunciados por

Montgomery e Sorell (1998), quando estes autores observam que são mais as raparigas que os rapazes que nomeia a mesma pessoa como o melhor amigo e o seu parceiro romântico. Também são consistentes com Andrinopoulos, Kerrigan e Ellen (2006), que além destes aspectos, identificam estereótipos masculinos e femininos clássicos, quando adolescentes entre 16-21 anos definem os traços desejáveis nos parceiros românticos.

A construção dos relacionamentos românticos, levam quer os homens, quer as mulheres, a seleccionar uma figura onde encontrem atributos de estima e erotismo. No entanto, as particularidades encontradas na valorização dos atributos do namorado, fazem supor que o nos sujeitos, o duplo padrão sexual está presente. Veja-se que mais raparigas tendem a valorizar uma figura disponível para o romance, mas que também devolve a ideia de segurança afectiva, facto que porventura eleva o seu próprio *status* por atingirem uma situação de compromisso. Os rapazes por outro lado, tendem a valorizar uma figura que além de disponível para o romance, também devolve a ideia de interacção física sexual, facto que porventura eleva o seu próprio *status* pela obtenção de uma situação mais orientada para o sexo.

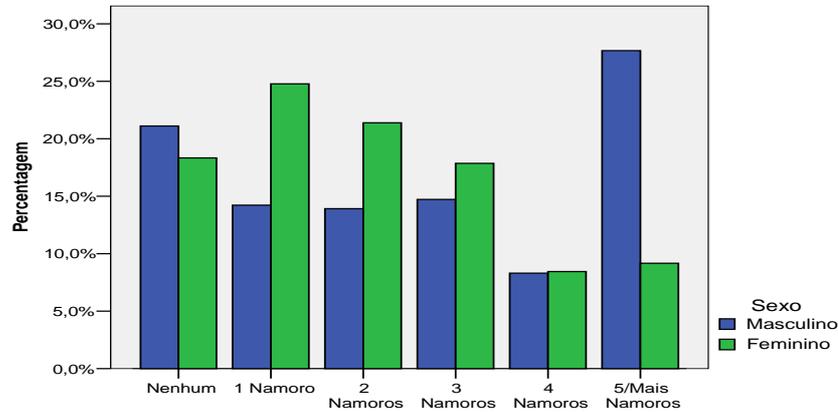
6.1.2.8 Identificação de Predictores do Número de Namorados

Inquiriram-se os sujeitos em relação ao número de namorados, observando-se que 290 (19.6%) nunca tiveram namorado(a). A maior parte dos sujeitos (N=300; 20.2%) refere ter tido um parceiro romântico, enquanto que 270 (18.2%) declaram dois parceiros amorosos, 246 (16.6%) três parceiros, 124 (8.4%) quatro e 252 (17%) cinco ou mais.

Através do teste Mann-Whitney verificaram-se diferenças significativas de acordo com o sexo ($U_{(1476)}=222159.5$; $Z=-5.499$; $p=.000$), sendo a média de ordenações dos rapazes ($M=808.54$) superior à das raparigas ($M=687.60$). Por exemplo, mais raparigas do que rapazes tiveram um namorado (N=211; 24.8 versus N=89; 14.2%), mas mais rapazes do que

raparigas tiveram cinco ou mais namoradas (N=173; 27.7% versus N=78; 9.2%). O gráfico 7 dá uma panorâmica dos resultados.

Gráfico 7 Representação dos Sujeitos Quanto ao Número de Namorados de Acordo com o Sexo



Embora o estudo de Martinez e Fuertes (1999) recaia sobre indivíduos em fase mais avançada da adolescência (i.e. 17-20 anos), os resultados são concordantes, pois também os rapazes declaram mais relacionamentos de namoro.

Para caracterizar os rapazes e as raparigas relativamente a factores predisponentes quanto ao número de namorados, recorreu-se ao procedimento PLUM (Polytomous Universal Model) no SPSS, que se baseia na teoria dos sinais, constituindo um modelo de regressão ordinal (RO) para dados categóricos (DeCarlo, 2003). A variável dependente, “número de namorados” (i.e. C22), dada a sua natureza censurada, que agrupava na última categoria “5 ou mais namorados”, foi transformada, obtendo-se uma nova variável (C22_r) que passou a categorizar os dados de “nenhum” a “quatro namorados”. Apesar do modelo não ser em rigor absolutamente adequado no tratamento de dados truncados, crê-se que pode oferecer uma boa aproximação. Quanto aos factores predisponentes, seleccionaram-se variáveis de carácter biológico, afectivo, social e familiar. Nas variáveis consideradas como predictoras, as contínuas foram transformadas em categóricas e nas categóricas com cinco ou mais

modalidades optou-se pela redução das modalidades, uma vez que em algumas categorias as frequências eram baixas, justificando-se também pela facilidade na interpretação.

Sujeitou-se separadamente o grupo de raparigas e rapazes a RO através do método PLUM. Num primeiro ensaio, como factores biológicos, optou-se pela idade da menarca/espermarca (C9_rapg; C9_rapz), índice de massa corporal (IMC_rr)¹, idade actual (Id_3). Num segundo ensaio, consideraram-se factores sócio-familiares, elegendo-se o tipo de família (C11_r), as fontes de informação mais úteis quanto ao amor (C15_r) e quanto a relações sexuais (C16-r) e os namoros dos amigos próximos (C30_r). Em terceiro ensaio, como factores de caracterização pessoal, optou-se pela percepção de desenvolvimento em relação aos pares (C7_r), auto-atribuição de atractividade física (C17_r), atractividade do próprio percebida no grupo de pares (C18_r). Num quarto ensaio, como factores de envolvimento afectivo, considerou-se a percepção de reciprocidade romântica no primeiro amor (C21) e a estima percebida nos amigos íntimos/namorados (C29_r). Encontrados os melhores predictores em cada uma destas análises, reuniu-se o conjunto e realizou-se nova RO, cujos resultados se passam a apresentar, primeiro no grupo das raparigas e seguidamente no grupo dos rapazes.

Predictores do Número de Namorados nas Raparigas

Nas raparigas o modelo analisou 604 casos dos 773 possíveis, excluindo assim 169 questionários. Os predictores mais sugestivos quanto ao número de namorados são: 1) idade da menarca (C9_rapg), 2) idade actual (Id_3), 3) percepção de desenvolvimento em relação aos pares (C7_r), 4) atractividade percebida no grupo de pares (C18_r) e 5) a percepção de reciprocidade romântica no primeiro amor (C21).

¹ Obtido através do $\text{Peso}/(\text{altura})^2$

O modelo definido está bem ajustado, comprovando-se no teste de probabilidade de ratio ($\chi^2_{(9)} = 111.098$; $p = .000$). Quanto à força de associação entre a variável dependente e as predictoras, os valores da pseudo regressão nos três critérios são baixos: Cox e Snell $R^2 = .168$, Nagerkerle $R^2 = .176$ e McFadden $R^2 = .059$. O teste de paralelismo indicou que os coeficientes de regressão são idênticos para as categorias da variável dependente ($\chi^2_{(27)} = 30.382$; $p = .297$). Na tabela 21 apresentam-se os parâmetros estimados no modelo de RO. Os dados são comentados tendo como referência a última categoria dos predictores.

Tabela 21 Estimativas do Modelo Logit de Regressão Ordinal na Amostra das Raparigas

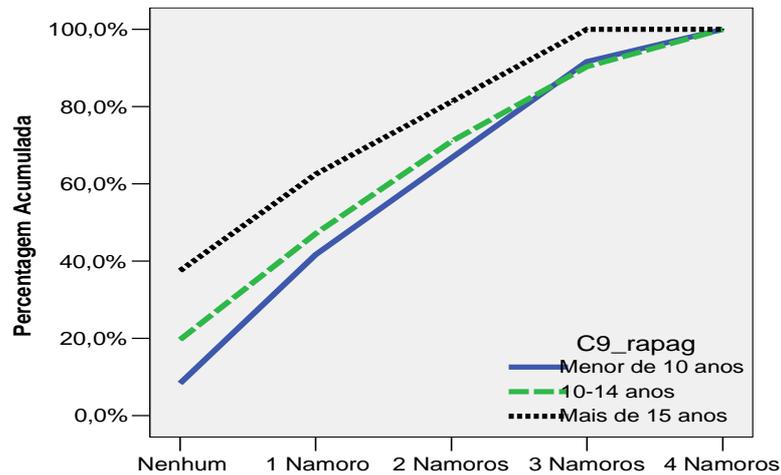
Parâmetros	Estimativas	ep	Wald	p	Intervalo de Conf. a 95%		
					Lim. inferior	Lim. superior	
Valores limiar	Ñ namorou C22=0	-1.985	.590	11.316	.001	-3.142	-.828
	1 namorado C22=2	-.305	.586	.271	.602	-1.453	.843
	2 namorados C22=2	.821	.586	1.966	.161	-.327	1.970
	3 namorados C22=3	2.330	.593	15.452	.000	1.168	3.492
Predictores	Menarca <10 A C9_r=1	1.975	.807	5.998	.014	.394	3.556
	Menarca 10-14 A C9_r=2	1.588	.548	8.405	.004	.514	2.661
	Menarca 15/mais C9_r=3	0 ^a					
	14-15 anos Id_3=1	-.885	.228	15.070	.000	-1.332	-.438
	16-17 anos Id_3=2	-.451	.206	4.786	.029	-.855	-.047
	18-21 anos Id_3=3	0 ^a					
	Menos desenv C7_r=1	-.775	.390	3.952	.047	-1.540	-.011
	Igual desenv C7_r=2	-.452	.210	4.631	.031	-.864	-.040
	Maior desenv C7_r=3	0 ^a					
	1º amor ñ corresp C21=1	-1.277	.166	59.263	.000	-1.602	-.952
	1º amor corresp C21=2	0 ^a					
	Não atraente C18_r=1	-.467	.269	3.017	.082	-.995	.060
	Nem mto/pouco C18_r=2	-.493	.159	9.663	.002	-.804	-.182
	Atraente/muito C18_r=3	0 ^a					

^a Parâmetro é zero porque é redundante

Relativamente à idade da menarca, observa-se que se o primeiro episódio menstrual ocorreu antes dos 10 anos, uma maior pontuação de sinal positivo é obtida na previsibilidade do número de namorados ($RO_1 = 1.975$; IC 95% = .394 a 3.556; $p = .014$). Na categoria da ocorrência da menarca 10 a 14 anos, o coeficiente é mais baixo ($RO_2 = 1.588$; IC 95% = .514 a 2.661; $p = .004$), revelando que a possibilidade de ter mais namorados neste grupo etário é mais reduzida do que se a menarca aconteceu antes dos 10 anos. Assim, as raparigas cuja primeira menstruação se situa depois dos 15 anos têm menor probabilidade de ter mais

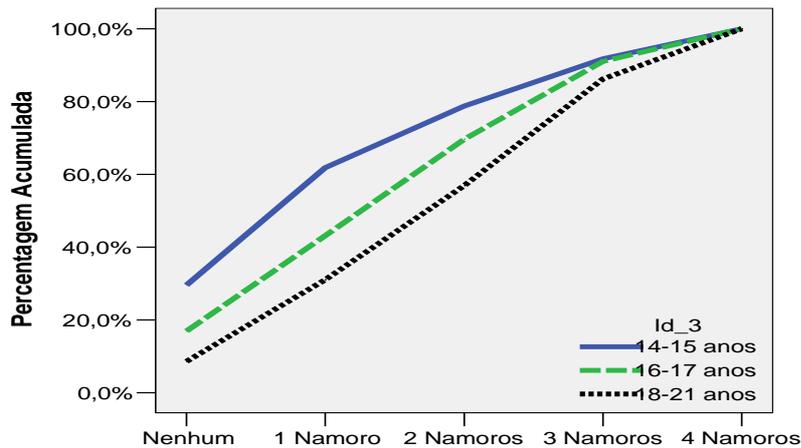
namorados do que aquelas cujo primeiro episódio menstrual aconteceu entre 10 a 14 anos e estas têm menos possibilidade de ter mais namorados do que aquelas em que a menarca surgiu antes dos 10 anos. Observe-se o gráfico de linhas 8.

Gráfico 8 Percentagens Acumuladas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com a Idade da Menarca



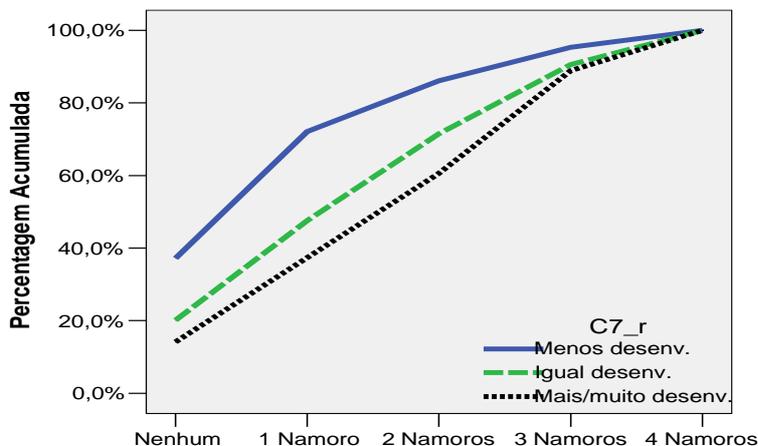
No que respeita à idade actual, se as raparigas têm 14-15 anos, uma maior pontuação negativa é atingida na predisposição quanto ao número de namorados ($RO_1 = -.885$; IC 95% = -1.332 a -.438; $p = .000$), enquanto que se tem 16-17 anos, a pontuação negativa é inferior na previsibilidade do número de namorados ($RO_2 = -.451$; IC 95% = -.855 a -.047; $p = .029$). Ou seja, a idade é predictora do número de namorados, de tal modo que as mais velhas (18 a 21 anos), têm maior probabilidade de ter mais namorados do que as raparigas que têm 16 a 17 anos e estas maior probabilidade do que as que têm actualmente 14-15 anos. O gráfico 9 mostra a representação cumulativa do número de namorados consoante os grupos de idade definidos.

Gráfico 9 Percentagens Cumulativas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com os Grupos Etários



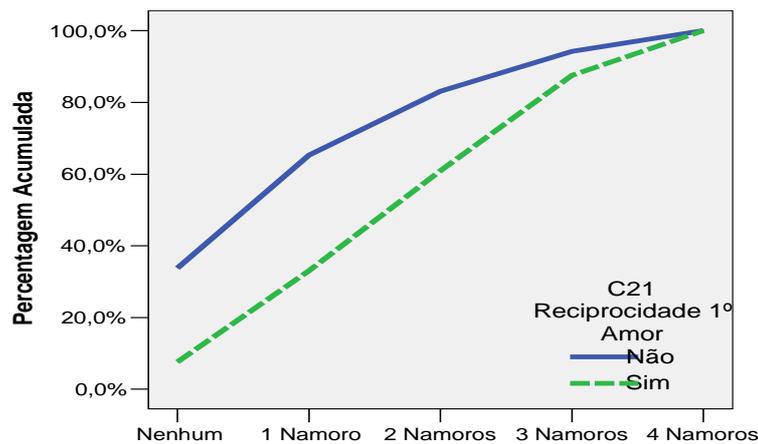
Quanto à percepção de desenvolvimento físico em relação às colegas, a categoria menos desenvolvida apresenta coeficiente negativo mais alto ($RO_1 = -.775$; IC 95% = -1.540 a -.011; $p = .047$), que a categoria de desenvolvimento semelhante ($RO_2 = -.452$; IC 95% = -.864 a -.040; $p = .031$), sugerindo que as raparigas que se consideram fisicamente mais desenvolvidas têm maior probabilidade de ter mais namorados que as que se acham com desenvolvimento semelhante aos colegas e estas em relação àquelas que se supõem menos desenvolvidas. O gráfico 10 apresenta as percentagens cumulativas.

Gráfico 10 Percentagens Acumuladas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com a Percepção de Desenvolvimento Físico



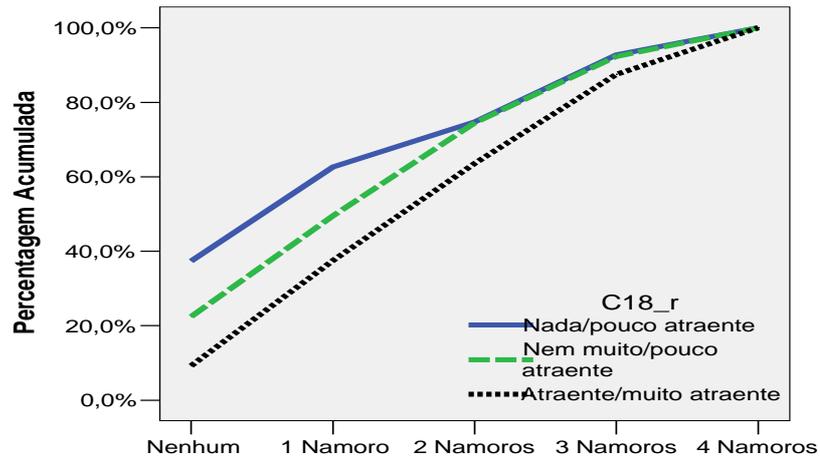
O coeficiente para as raparigas que não se sentiram correspondidos no momento do primeiro amor é negativo ($RO_1 = -1.277$; IC 95% = -1.602 a -.952; $p = .000$), o que significa que está associado com menores possibilidades de ter mais namorados. Assim, a probabilidade de mais namorados é maior nas raparigas que verificaram reciprocidade amorosa do que naquelas onde tal não aconteceu. O gráfico 11 mostra a representação cumulativa.

Gráfico 11 Percentagens Acumuladas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com a Reciprocidade do Parceiro no Primeiro Episódio Amoroso



Por último, nas raparigas que supõem que os seus amigos as consideram pouco ou nada atraentes, não existe qualquer relação com o número de namorados ($RO_1 = -.467$; IC 95% = -.995 a -.060; $p = .082$), enquanto que naquelas que acham que os amigos as consideram atraentes/muito atraentes a possibilidade de ter mais namorados é maior que naquelas que se supõem nem muito/nem pouco atraentes na opinião dos amigos ($RO_2 = -.493$; IC 95% = -.804 a -.182; $p = .002$). O gráfico 12 mostra as representações percentuais cumulativas.

Gráfico 12 Percentagens Acumuladas do Número de Namorados nas Raparigas de Acordo com a Percepção de Atractividade na Opinião dos Amigos



Predictores do Número de Namorados nos Rapazes

Relativamente ao grupo dos rapazes, consideraram-se os mesmos factores biológicos, afectivos, sócio-familiares e de caracterização pessoal. Revelaram-se como predictores 1) a reciprocidade no primeiro amor e 2) estima percebida nos amigos íntimos/namorados. Perante o menor número de predictores comparativamente ao sexo feminino, optou-se por introduzir uma nova variável referida ao consumo de álcool nas saídas com os amigos (C21), obtendo-se um conjunto credível.

O modelo final analisou 380 casos dos 452 elegíveis, excluindo 72 sujeitos. O modelo está bem ajustado ($\chi^2_{(6)}=158.302$; $p=.000$). A força de associação entre a variável dependente e o conjunto das explicativas mostra valores razoáveis: Cox e Snell $R^2=.341$, Nagelkerke $R^2=.356$ e MsFarden $R^2=.132$. Observa-se que o teste de paralelismo mostrou que os coeficientes de regressão são os mesmos para as categorias da variável dependente ($\chi^2_{(18)}=16.037$; $p=.590$). Os parâmetros estimados são apresentados na tabela 22, comentando-se os resultados com referências à última categoria das variáveis predictoras.

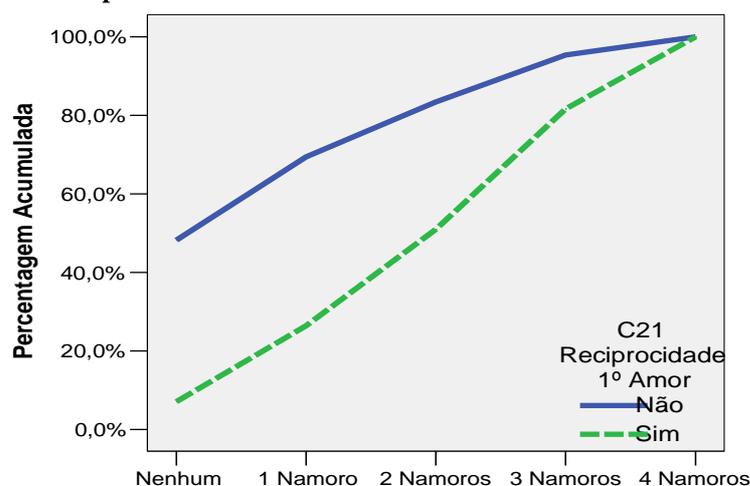
Tabela 22 Estimativas do Modelo Logit de Regressão Ordinal na Amostra dos Rapazes

Parâmetros	Estimativas	ep	Wald	p	Intervalo de Conf. a 95%		
					Lim. inferior	Lim. superior	
Valores limiar	Ñ namorou C22=0	-3.394	.271	156.917	.000	-3.925	-2.863
	1 namorado C22=2	-2.172	.238	83.546	.000	-2.637	-1.706
	2 namorados C22=2	-1.071	.216	24.571	.000	-1.495	-.648
	3 namorados C22=3	.499	.221	5.109	.024	.066	.932
Predictoras	1º amor ñ corresp C21=1	-1.736	.210	68.297	.000	-2.148	-1.324
	1º amor corresp C21=2	0 ^a					
	Ñ estimado C29_r=1	-1.700	.357	22.627	.000	-2.400	-.999
	Nem mto/pouco C29_r=2	-.786	.205	14.712	.000	-1.188	-.385
	Estimado/muito C29_r=3	0 ^a					
	Ñ bebe C33=1	-1.282	.271	22.317	.000	-1.813	-.750
	1-2 cervj/shots C29=2	-1.064	.244	18.934	.000	-1.543	-.584
	3-4 cervj/shots C29=3	-.773	.287	7.253	.007	-1.335	-.210
	5/mais cervj/shots C29=4	0 ^a					

^a Parâmetro é zero porque é redundante

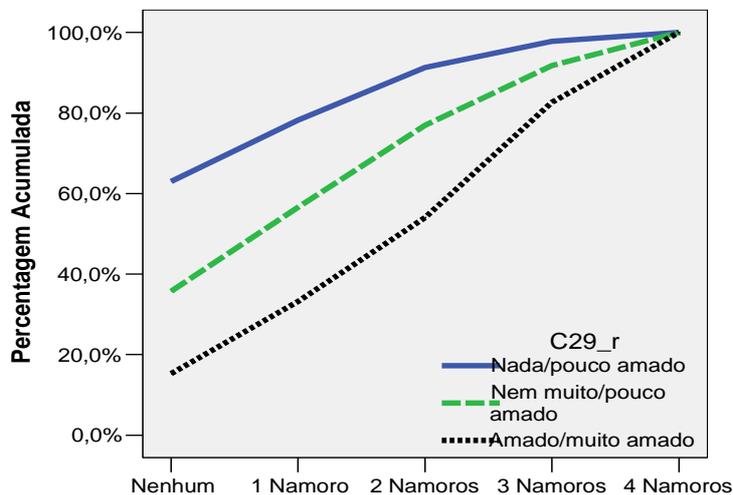
Observa-se que se os sujeitos que não se sentiram correspondidos no primeiro episódio amoroso, o coeficiente é negativo ($RO_1 = -1.736$; IC 95% = -2.148 a -1.324; $p = .000$), mostrando-se que a possibilidade de atingir um maior número de namorados é mais baixa, comparativamente àqueles que reconhecem a reciprocidade amorosa no primeiro episódio amoroso, conforme é perceptível no gráfico de linhas 13.

Gráfico 13 Percentagens Cumulativas do Número de Namoradas nos Rapazes de Acordo com a Reciprocidade no Primeiro Episódio Amoroso



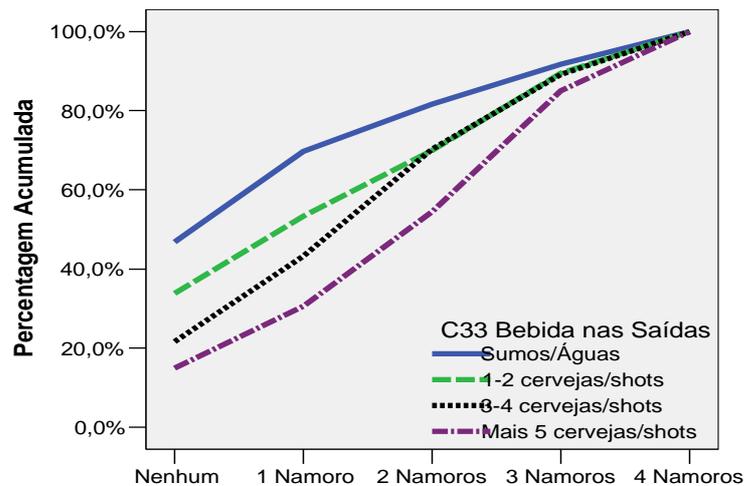
Relativamente à estima percebida nos pares, se os sujeitos se sentem pouco/nada estimados a pontuação negativa na previsibilidade do número de namorados é mais elevada ($RO_1=-1.700$; IC 95%=-2.400 a -.999; $p=.000$) que naqueles que se sentem nem muito nem pouco estimados ($RO_2=-.786$; IC 95%=-1.188 a -.385; $p=.000$). Assim, os sujeitos que se sentem estimados/muito estimados pelos amigos íntimos/namorados têm maior possibilidade de ter mais namorados que aqueles que se sentem nem muito nem pouco estimados e estes maior possibilidade do que aqueles que se sentem pouco/nada estimados pelos pares significativos. O gráfico 14 apresenta as percentagens cumulativas.

Gráfico 14 Percentagens Cumulativas do Número de Namoradas nos Rapazes de Acordo com a Percepção de Estima dos Amigos Íntimos /Namorados



Em relação ao consumo de álcool os resultados mostram que os abstémicos apresentam pontuação negativa mais alta ($RO_1=-1.282$; IC 95%=-1.813 a -.750; $p=.000$) que aqueles que consomem 1-2 cervejas/shots ($RO_2=-1.064$; IC 95%=-1.543 a -.584; $p=.000$) e que os que consomem 3-4 cervejas/shots ($RO_3=-.773$; IC 95%=-1.335 a -.210; $p=.007$). Assim, o maior consumo de álcool nas saídas com os amigos está relacionado com maior probabilidade de ter mais namorados, comparativamente aos sujeitos que consomem menor quantidade de álcool ou são abstémicos. O gráfico 15 apresenta as percentagens cumulativas.

Gráfico 15 Percentagens Cumulativas do Número de Namoradas nos Rapazes de Acordo com o Consumo de Álcool nas Saídas com os Amigos



Comentário aos Predictores do Número de Namorados

Num comentário global, os resultados mostram que o reportório do número de namorados nos rapazes e nas raparigas é predizível através de algumas semelhanças, mas obedece sobretudo a particularidades. Nas semelhanças, a possibilidade da menor reciprocidade no primeiro amor conduzir a menor número de namorados, é um aspecto coincidente com Montgomery e Sorell (1998), quando as autoras identificam casos de adolescentes de ambos os sexos, que tendo experimentado o desgosto, estão relutantes à antevisão de ter outros relacionamentos. Este facto é compreensível na medida do nível de gratificação perante o sucesso/insucesso nos primeiros ensaios românticos, estando a reciprocidade romântica associada a proximidade afectiva (Shulman & Seiffge-Krenke, 2001). É necessário ter em conta que o namoro tem exigências ou partilhas afectivas que são novidade (Furman & Wehner, 1997), podendo porventura levar a maior reserva do adolescente na expressão romântica ou indisponibilidade para expressar sentimentos se o investimento não é retribuído.

No grupo dos rapazes, observou-se que a estima percebida e o consumo de álcool são também predictores do número de namorados. Quanto à estima percebida os resultados

concorrem para as considerações de Shulman e Seiffge-Krenke (2001), que reconhecem maior possibilidade de romances, quando existem sentimentos de aceitação social. Os nossos resultados poderão explicar-se pela maior confiança que o suporte afectivo dos amigos pode oferecer, face ao desafio das expressões românticas que se colocam aos adolescentes. Nos rapazes, factores como a socialização de género, que desde a infância reforça a competição, (Leaper & Anderson, 1997), justificam porventura o maior número de namoradas. No que respeita ao álcool, há consistência com Laksmana (2003) que em estudo retrospectivo, encontrou associação entre o consumo de álcool e os contactos sexuais, tanto coitais como não coitais. Também Zimmer-Gembeck, Siebenbruner e Collins (2001), em estudo longitudinal observaram nos seus participantes que a maior frequência de consumo de álcool aos 16 anos estava associada a maior reportório de parceiros românticos. Além disso, reconhecem alguns autores (Oliva, Serra e Vallejo, 1993) que são predominantemente os rapazes a tomar a iniciativa para as experiências românticas. Porventura, no contexto quer da segurança afectiva acreditada no grupo dos pares, quer dos papéis esperados no sexo masculino, quer ainda perante a desinibição provocada pelo álcool, enquadrar-se-ão mais propostas amorosas e assim um maior número de namoradas.

No grupo das raparigas, os dados sobre a idade da menarca não são consistentes com Ostovich e Sabini (2005) que não reconhecem correlação com o número de parceiros românticos, mas constata correlação com a idade de iniciação do desejo sexual. No que se refere à idade, os resultados são concordantes com Craver, Joyner e Udry (2003) e Montgomery e Sorell (1998) que encontram em participantes mais velhos mais experiências de encontros românticos que nos mais novos. Neste último estudo algumas participantes reconhecem que são muito novas para considerar definitivos, os relacionamentos de namoro que decorrem no momento, abrindo a possibilidade para outros namorados no futuro. Embora no estudo longitudinal de Zimmer-Gembeck, Siebenbruner e Collins (2001) a aparência física

seja um dado colhido pelos pesquisadores e não a percepção dos participantes, como no estudo actual, os resultados são consistentes, pois os autores identificam em adolescentes com sinais de maior maturidade aos 13 anos, mais experiências amorosas aos 16 anos. Também Laksmana (2003) encontrou correlação significativa entre a atractividade auto-atribuída e o número de contactos de carácter afectivo-sexual. No que se refere à atractividade percebida, os resultados concorrem para Zimmer-Gembeck, Siebenbruner e Collins (2001), que observaram níveis elevados de envolvimento amoroso aos 16 anos associados a percepções anteriores mais positivas de aparência física. Os resultados obtidos nas variáveis de aparência física são concordantes com Feiring (1999), quando consideram que as raparigas adolescentes, em especial as mais novas, são particularmente vulneráveis à opinião dos pares neste aspecto, uma vez que com eles validam requisitos para interacções com parceiros românticos actuais e potenciais (Feiring, 1999).

6.1.3 Caracterização dos Sujeitos Quanto à Idade de Iniciação e Contexto das Primeiras Experiências Afectivo-Sexuais;

6.1.3.1 Práticas Afectivo-Sexuais

No total dos sujeitos, 1403 (95.1%) tocaram na pessoa que amam ou amaram, 1162 (78.8%) beijaram o parceiro romântico, 769 (52.2%) tiveram contacto sexual sobre a roupa, 677 (45.9%) tocaram a genitália do seu parceiro, 677 (45.9%) experimentaram relacionamento sexual sem penetração, 663 (44.9%) tiveram relações sexuais, 333 (22.6%) tiveram experiências de sexo oral (i.e. como executores ou receptores) e 93 (6.3%) declaram experiências de sexo anal.

Os resultados condizem com Montgomery e Sorell (1998), quando as autoras identificam no seu estudo uma reduzida parte de adolescentes (5%) que nunca tocaram ou sequer falaram com a pessoa pela qual estão enamoradas. Relativamente às experiências de beijar, os resultados encontram-se entre os documentados por Oliva, Serra e Vallejo (1993),

em adolescentes andaluzes (88%) e a representação enunciada por Boyce et al, (2003), em adolescentes canadianos (73.75%).

O toque na genitália do parceiro(a) é reconhecido por 45.9% dos sujeitos, valor aproximado aos 52% de casos encontrados no estudo de Carver, Joyner e Udry (2003).

O sexo genito-genital com e sem roupa, este último aqui designado como sexo sem penetração, são comportamentos observados por Rostosky, Galliher, Welsh e Kawaguchi (2000) em adolescentes com 16 a 19 anos, que figuram aproximadamente na mesma posição ordenada dos comportamentos observados no presente estudo.

As práticas de sexo oral são mais altas nos participantes dos estudos de Boyce et al, (2003) e de Kigozi (2006) que rondam os 40%, comparativamente aos 22.6% do estudo actual. No entanto Halpern-Felsher et al, (2005), observam uma representação mais próxima (19.6%) ao presente estudo.

Carver, Joyner e Udry (2003), mostram representações percentuais semelhantes nas relações sexuais (41% *versus* 44.9% no estudo actual), mas no estudos de Kigozi (2006) mais de metade dos seus participantes reconhecem práticas de coito (60%).

Relativamente a práticas de sexo anal, os resultados são inferiores a Kigozi (2006), que identifica em adolescentes com idades entre os 15 e os 19 anos este comportamento em 15% dos casos (6.3% no estudo actual).

No global, apesar não se poder comparar todos os comportamentos *per se* com cada um dos estudos de referência, uma vez que nem todos avaliam exactamente os mesmos aspectos e os grupos de idade não são por vezes exactamente iguais, os resultados revelam que, além do reportório ser semelhante, a representação percentual das práticas afectivo-sexuais dos sujeitos é aproximada à de outros estudos. Constata-se assim, que os adolescentes do distrito à semelhança de adolescentes de outros locais, vivem os relacionamentos

românticos como uma época de experimentação com grande variabilidade nas expressões afectivo-sexuais.

6.1.3.2 As Práticas Afectivo-sexuais e o Sexo dos Sujeitos

Excepto nas experiências de tocar e de contacto sexual sobre a roupa ($\chi^2_{(1)}=.059$; $p=.808$ e $\chi^2_{(1)}=.284$; $p=.594$, respectivamente), observou-se em todas as outras relacionamento estatístico significativo com o sexo. Assim a representação dos rapazes é maior que a das raparigas nas experiência de a) contacto das mãos com a genitália ($\chi^2_{(1)}=14.456$; $p=.000$), b) contacto genito-genital sem penetração ($\chi^2_{(1)}=20.395$; $p=.000$), c) relações sexuais ($\chi^2_{(1)}=9.301$; $p=.002$), d) sexo oral ($\chi^2_{(1)}=19.043$; $p=.000$) e e) sexo anal ($\chi^2_{(1)}=22.116$; $p=.000$). A representação proporcional das raparigas é mais elevada que a dos rapazes apenas na experiência de beijar ($\chi^2_{(1)}=13.957$; $p=.000$). O quadro 10 resume os dados dos sujeitos que responderam afirmativamente em cada uma das variáveis.

Quadro 10 Resumo das Práticas Afectivo-Sexuais de Acordo com o Sexo

Práticas Afectivo-Sexuais	Rapazes			Raparigas			Total	
	N	%	z Aj.	N	%	z Aj.	N	%
Tocaram	590	95	-.2	808	95.3	.2	1398	95.2
Beijaram	461	74.2	-3.7	697	82.3	3.7	1158	78.9
Tiveram Contacto Sexual Sobre a Roupa	319	51.4	-.5	447	52.8	.5	766	52.2
Houve Contacto das Mãos com a Genitália do Parceiro	312	50.2	3.8	341	40.3	-3.8	653	44.5
Tiveram Contacto Sexual Sem Penetração	328	52.7	4.5	346	40.9	-4.4	674	45.9
Tiveram Contacto Sexual Com Penetração	308	49.5	3.0	352	41.5	-3.0	660	44.9
Tiveram Experiência de Sexo Oral	175	28.2	4.4	157	18.5	-4.4	332	22.6
Tiveram Experiência de Sexo Anal	60	9.7	4.6	32	3.8	-4.6	92	6.3

Nas experiências de beijar, os resultados são coincidentes com Boyce et al (2003), Oliva, Serra e Vallejo (1993), Rostosky et al (2000) e Navarro et al (2006), que também encontram maior representação das raparigas.

Na manipulação da genitália do parceiro são consistentes com Oliva, Serra e Vallejo (1993), embora com resultados inferiores, pois estes autores identificam maior representação

nos rapazes (72.2%) que as raparigas (51.8%), enquanto que Carver, Joyner e Udry (2003) observam mais raparigas que rapazes experientes no toque genital do parceiro.

Os resultados dos contactos genito-genitais sem penetração convergem com Rostosky et al (2000) pois os autores identificam maior representação nos rapazes, embora sem diferenças significativas. No entanto no estudo de Navarro et al (2006), as raparigas referem mais práticas de petting íntimo, sem atingir o coito, do que os rapazes.

No coito, os resultados são muito próximos a adolescentes andaluzes (Oliva, Serra & Vallejo, 1993) nos rapazes (50.4%) embora nas raparigas os autores encontrem representação ligeiramente inferior (38.7%). Também coincidem com Halpern-Felsher et al (2005) e Navarro et al (2006) que encontram mais rapazes experientes do que raparigas.

No sexo oral, Oliva, Serra e Vallejo (1993) identificam maior representação nos rapazes que nas raparigas, tanto no papel de executor (i.e. 51.9% nos rapazes e 32.9% nas raparigas), como no de receptor, mas neste caso sem diferenças significativas (cerca de 42%), embora Halpern-Felsher et al, (2005) reconheçam maior representação nas raparigas (20.8%) que nos rapazes (18.2%), não discriminando os papéis, tal como Rostosky et al, (2000).

No sexo anal Gates e Sonenstein (2000), num estudo com rapazes entre os 15 e 19 anos, encontraram representações semelhantes (11%) à do estudo actual (9.7%), mas Kigozi (2006) identifica valores superiores aos do estudo actual, quer nos rapazes (18.3%), quer nas raparigas (11.9%).

Em resumo, observa-se que excepto nas experiências de beijar, onde as raparigas têm maior representação, e nas experiências de tocar e contacto sexual sobre a roupa onde não há diferenças, os rapazes declaram-se mais experientes nas restantes. No global, os dados oferecem a ideia de que as raparigas tendem a não se reconhecer com tanta frequência nas experiências de maior intimidade sexual, facto que converge para a ideia de maior restrição social da sexualidade feminina e de maior aceitação das expressões masculinas. Estas

diferenças podem porventura dever-se à maior pressão que o grupo de pares exerce sobre os rapazes, enquanto que tal é menos pronunciado nas raparigas (Navarro et al, 2006, citam Hooke, Capewell & Whyte, 2000).

6.1.3.3 A Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração

A idade da primeira experiência de sexo sem penetração variou entre os 8 e os 19 anos sendo a média aos 14.47 anos ($dp=1.68$) e a moda e mediana aos 15 anos. Entre rapazes e raparigas observam-se diferenças significativas ($t_{(524.661)}=-8.508$; $p=.000$), iniciando-se os rapazes mais cedo ($M=13.89$ anos; $dp=1.90$) que as raparigas ($M=15.00$ anos; $dp=1.29$).

O limite inferior da idade de iniciação é consistente com López e Fuertes (1999), López (2001) que reconhecem na idade pré-pubertária o interesse e participação em actividades de cariz sexual. A idade de iniciação condiz também com Friedrich, Fisher, Broughton, Houston e Shafran (1998), que identificam comportamentos de fricção corporal noutros a partir dos dois anos em ambos os sexos. Os resultados espelham quer a ampla longitude do desenvolvimento sexual proposta por modelos teóricos (i.e. Bancroft, 1989), quer a variabilidade na idade de ocorrência das experiências (López, Del Campo & Guijo, 2001; López & Fuertes 1999).

A Memória da Idade da Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração

Para saber se o sexo e a idade actual dos sujeitos influenciam a idade declarada como primeiro episódio de sexo sem penetração realizou-se um teste Anova two-way. Tomou-se como variável dependente a declaração da idade desta experiência e como variáveis independentes o sexo e a idade em três grupos. A amostra foi aleatorizada para obter um número de casos aproximados nos três grupos de idade e no sexo.

Nos resíduos do teste K-S não se observou normalidade das distribuições, quer no que respeita ao sexo ou aos grupos de idade ($p < .05$). Nas descritivas, as distribuições da variável mostram-se simétricas e mesocúrticas no grupo dos rapazes e das raparigas. Nos grupos de idade as distribuições, excepto no grupo dos mais novos e dos de idade intermédia que são assimétricas negativas ($Sk/ep = -4.04$ e $Sk/ep = -2.16$, respectivamente), as restantes apresentam-se simétricas e mesocúrticas. A análise recaiu sobre 418 sujeitos (tabela 23).

Tabela 23 Memória da Idade de Iniciação no Sexo Sem Penetração de Acordo com os Grupos Etários e o Sexo

Memória da Idade da Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração				
Idade	Sexo	Média	dp	N
14-15 anos	Masculino	12.81	1.39	49
	Feminino	14.01	.865	69
	Total	13.51	1.25	118
16-17 anos	Masculino	14.80	1.15	72
	Feminino	15.08	1.10	87
	Total	14.95	1.13	159
18-21 anos	Masculino	14.51	1.40	66
	Feminino	15.92	1.22	75
	Total	15.26	1.48	141
Total	Masculino	14.18	1.54	187
	Feminino	15.03	1.31	231
	Total	14.65	1.48	418

No teste de Levene não se encontrou igualdade de variância nos grupos ($p = .000$). O modelo estatístico é significativo ($F_{(5,412)} = 46.931$; $p = .000$) explicando 35.5% ($R^2_{Aj} = .355$) da variação da idade da primeira experiência de sexo sem penetração. Verifica-se interacção significativa dos dois factores sobre a idade de iniciação aos contactos genito-genitais ($F_{(2,412)} = 9.475$; $p = .000$), facto com uma potência de 98%, afectando em 4.4% ($\eta_p^2 = .044$) a variação da variável dependente.

Os grupos de idade actual têm efeito significativo sobre a memória da idade do primeiro episódio de sexo sem penetração ($F_{(2,412)} = 82.134$; $p = .000$), facto com uma credibilidade superior a 99% e 28.5% de tamanho de efeito. Constata-se que os mais novos apontam a iniciação em média aos 13.41 anos, os de idade intermédia aos 14.93 anos e os mais velhos aos 15.21 anos (gráfico 16). O sexo também possui influência sobre a idade de

iniciação os sexo sem penetração ($F_{(1,412)}=65.818$; $p=.000$), com uma credibilidade superior a 99% e 13.8% de tamanho de efeito. Os rapazes declaram-se mais precoces ($M=14.04$ anos) que as raparigas ($M=15.00$ anos) (gráfico 17).

Gráfico 16 Médias da Memória da Idade do 1º Episódio de Sexo Sem Penetração de Acordo com os Grupo de Idade Actual

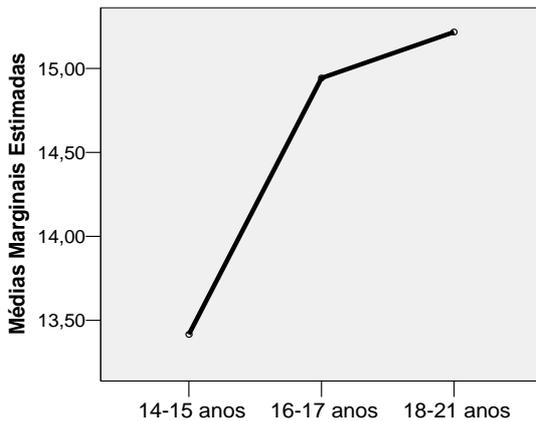
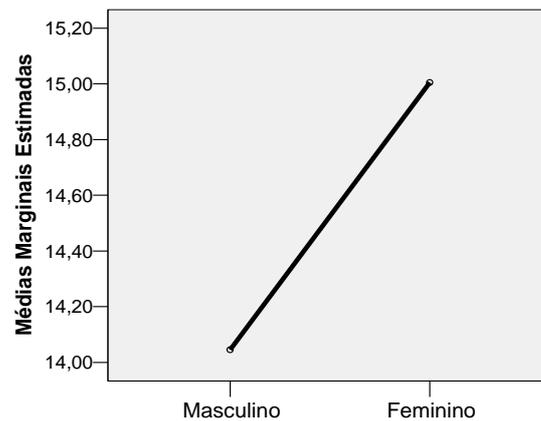


Gráfico 17 Médias da Memória da Idade do 1º Episódio de Sexo Sem Penetração de Acordo com o Sexo



Nas comparações múltiplas (tabela 24) verifica-se que as diferenças entre os grupos de idade actual só não são significativas entre os dois grupos de sujeitos mais velhos (critério Games-Howell).

Tabela 24 Diferenças de Médias na Memória da Idade do 1º Episódio de Sexo Sem Penetração de Acordo com os Grupos Etários

Memória da Idade do 1º Episódio de Sexo Sem Penetração			
	Idade	Diferenças de Médias	p
14-15 anos	16-17 anos	-1.430*	.000
	18-21 anos	-1.74*	.000
16-17 anos	18-21 anos	-.306	.117

* Diferenças significativas ao nível .05

Na tabela 25 constata-se que as diferenças entre rapazes e raparigas são significativas.

Tabela 25 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com o Sexo

Memória da Idade do 1º Episódio de Sexo Sem Penetração			
	Sexo	Diferença de Médias	P
Masculino	Feminino	-.959*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

O gráfico de perfil 18, nos efeitos simples da idade, é sugestivo de diferenças, embora nas raparigas se observe uma progressão ao longo da idade e nos rapazes se registre uma

inflexão no grupo dos mais velhos. No gráfico de perfil 19, referido aos efeitos simples do sexo, a imagem é sugestiva de que as raparigas se reconhecem sempre mais tardiamente nas experiências de sexo sem penetração comparativamente aos rapazes, mas que no grupo de sujeitos que tem actual 16-17 anos, as diferenças entre os sexos não serão tão marcadas.

Gráfico 18 Médias na Memória da Idade do Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração Por Sexo de Acordo com os Grupos de Idade

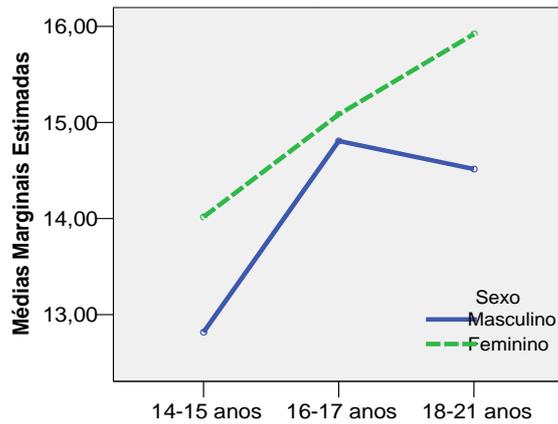
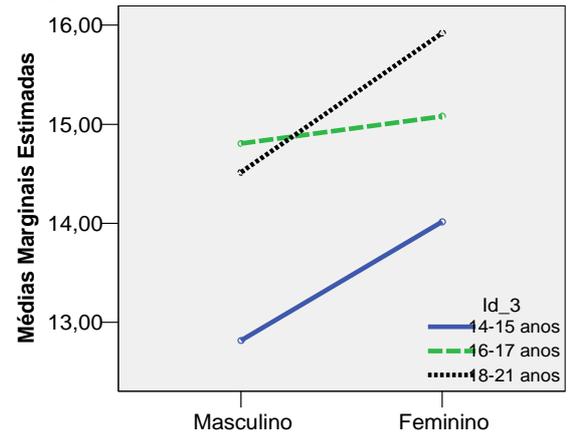


Gráfico 19 Médias na Memória da Idade do Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração Por Grupos de Idade de Acordo com o Sexo



Nas comparações por pares comprova-se que nas raparigas as diferenças são sempre significativas, declarando os indivíduos do sexo feminino idade de iniciação mais tardia à medida que se encontram em grupo de idade actual mais avançada. Nos rapazes, as diferenças são significativas entre os mais novos e os outros dois grupos, mas os que têm 16-17 anos e 18-21 anos declaram idade de iniciação aproximada (tabela 26).

Tabela 26 Diferenças de Médias na Memória do Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração Por Sexo de Acordo com os Grupos de Idade

Memória da Idade da Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração				
Sexo	Idade		Diferenças de Médias	P
Masculino	14-15 anos	16-17 anos	-1.989*	.000
		18-21 anos	-1.699*	.000
	16-17 anos	18-21 anos	.290	.459
Feminino	14-15 anos	16-17 anos	-1.066*	.000
		18-21 anos	-1.906*	.000
	16-17 anos	18-21 anos	-.840*	.000

*Diferenças significativas ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Nas comparações por pares, comprova-se que as diferenças entre rapazes e raparigas são significativas nos grupos extremos, mas no grupo de idade intermédia as declarações de idade de iniciação a experiências genito-genitais são semelhantes (tabela 27).

Tabela 27 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração Por Grupos de Idade de Acordo com o Sexo

Memória da Idade da Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração				
Idade	Sexo		Diferenças de Médias	P
14-15 anos	Masculino	Feminino	-1.198*	.000
16-17 anos	Masculino	Feminino	-.275	.148
18-21 anos	Masculino	Feminino	-1.405*	.000

* Diferenças significativas ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Resumindo os dados pode dizer-se que a idade do primeiro episódio de sexo sem penetração é susceptível ao efeito conjunto do sexo e faixa etária. As raparigas recordam o episódio significativamente mais tarde que os rapazes, excepto no grupo de 16-17 anos. Os mais novos localizam a experiência em idades significativamente mais temporãs que os de idade intermédia e estes em relação aos mais velhos, excepto nos rapazes onde não se cumpre na totalidade este último aspecto, pois entre os 16-17 e 18-21 anos, as médias de idade recordada são aproximadas.

Observa-se a mesma tendência encontrada na memória da idade do primeiro namoro, ou seja, a progressão na idade sugere que a validação da experiência de sexo sem penetração se torna mais tardia à medida que os sujeitos crescem na idade.

Idade do Parceiro no Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração

A idade do parceiro na primeira experiência de sexo sem penetração, variou entre 8 e 30 anos. A diferença de idades entre os sujeitos e os parceiros no primeiro episódio de sexo sem penetração, foi observada através de uma variável construída para o efeito (i.e. “Dif_IdSexSPenet”). Assim nos rapazes, a maior representação da diferença de idade do(a) parceiro(a) na primeira ocorrência de contacto genito-genital está na “mesma idade” (N=124;

42.6%), enquanto que a maioria das raparigas refere que esta prática aconteceu pela primeira vez com alguém “1 a 3 anos mais velho” (N=191; 59.1%). O quadro 11 resume os resultados.

Quadro 11 Resumo da Diferença de Idades Sujeito-Parceiro no Primeiro Episódio de Sexo Sem Penetração

Sexo	Parceiro/a mais velho/a 4 ou mais anos		Parceiro 1-3 anos mais velho		Mesma idade		Parceiro 1 a 3 anos mais novo	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Masculino	9	3.1	93	32	124	42.6	65	22.3
Feminino	79	24.5	191	59.1	41	12.7	12 ^{a)}	3.7

a) parceiro um ano mais novo

6.1.3.4 A Primeira Experiência de Sexo Oral como Receptor e como Executor

Nos sujeitos que declaram experiências de sexo oral (N=333; 22.6% da amostra), a idade de iniciação variou entre os 10 e os 19 anos, quer no papel de receptor, quer no papel de executor. Nos 304 que se identificam como receptores, a média de idade de iniciação é aos 15.25 anos (dp=1.47) com moda aos 15 e 16 anos. Nos 252 que se reconhecem como executores, a iniciação ocorreu em média aos 15.49 anos (dp=1.57). As duas variáveis apresentam-se significativamente correlacionadas ($r=.805$; $p=.000$; $N=240$).

Relativamente ao papel de executores e receptores, os resultados da idade de iniciação são um pouco mais precoces que aqueles que Oliva, Serra e Vallejo (1993) apontam em jovens andaluzes (15-18 anos). A idade de iniciação declarada pelos sujeitos não coincide exactamente com Friedrich et al (1998), indicando estes autores que tal comportamento está em geral ausente nos rapazes e raparigas entre os 2 e os 12 anos.

Memória da Idade da Primeira Experiência de Sexo Oral como Executor e Receptor

Para observar o efeito combinado do sexo e grupos etários, na rememoração das práticas de sexo oral nos papéis de receptor e executor, realizou-se um teste Manova two-way. Consideraram-se como variáveis dependentes a idade do primeiro episódio como receptor e a idade do primeiro episódio como executor e como factores independentes a idade

actual em três grupos e o sexo. A amostra foi aleatorizada no sentido de obter frequências aproximadas nos vários grupos de idade e sexo.

Nos resíduos do teste de Shapiro-Wilk não se verificou normalidade nas distribuições das duas variáveis ($p < .05$). Nas descritivas, para a variável referente à idade do primeiro episódio de sexo oral como receptor, observou-se simetria e achatamento normal, excepto para o grupo dos 14-15 anos que se mostrou assimétrica negativa ($Sk/ep = -2.14$). Relativamente ao sexo, em ambas as variáveis as distribuições, quer no grupo dos rapazes, quer no grupo das raparigas, apresentavam-se simétricas e mesocúrticas. A análise recaiu sobre 172 sujeitos (tabela 28).

Tabela 28 Médias da Memória da Idade de Iniciação nas Práticas de Sexo Oral por Grupos Etários de Acordo com o Sexo

Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral					
Papéis	Sexo	Idade	Média	dp	N
Sexo Oral Como Receptor	Masculino	14-15 anos	13.48	.79	23
		16-17 anos	15.00	1.19	36
		18-21 anos	16.20	1.21	30
		Total	15.01	1.51	89
	Feminino	14-15 anos	14.21	.78	19
		16-17 anos	15.85	.70	34
		18-21 anos	16.33	1.12	30
		Total	15.65	1.20	83
	Total	14-15 anos	13.81	.86	42
		16-17 anos	15.41	1.07	70
		18-21 anos	16.27	1.16	60
		Total	15.32	1.40	172
Sexo Oral Como Executor	Masculino	14-15 anos	13.70	1.06	23
		16-17 anos	15.42	1.20	36
		18-21 anos	16.23	1.22	30
		Total	15.25	1.52	89
	Feminino	14-15 anos	14.26	.93	19
		16-17 anos	16.00	.69	34
		18-21 anos	16.67	1.18	30
		Total	15.84	1.31	83
	Total	14-15 anos	13.95	1.03	42
		16-17 anos	15.70	1.02	70
		18-21 anos	16.45	1.21	60
		Total	15.53	1.45	172

No teste M de Box as matrizes de variância-covariância das variáveis dependentes nos grupos não são iguais ($p = .000$). O teste de Levene também não mostra igualdade de variâncias ($p = .001$ e $p = .001$).

Os testes multivariados revelam que relativamente ao factor sexo, pelo menos uma das variáveis tem um comportamento diferente (Traço de Pillai=.077; $p=.001$). Relativamente ao factor grupos de idade acontece o mesmo, ou seja, tem efeito significativo sobre pelo menos uma das variáveis que se referem à idade e iniciação no sexo oral (Traço de Pillai=.500; $p=.000$). Não se observa contudo efeito significativo de interacção entre os dois factores (Traço de Pillai=.037; $p=.187$). Identificados os efeitos nos testes multivariados segue-se para os resultados da Anova inter-sujeitos e os gráficos de perfil.

Nas estatísticas dos efeitos entre-sujeitos, observa-se que relativamente à idade de iniciação no papel de receptor o modelo é significativo ($F_{(5,166)}=32.841$; $p=.000$) e explica 48.2 da variância ($R^2_{Aj}=.482$). No que respeita à idade de iniciação no sexo oral como executor o modelo é também significativo ($F_{(5,166)}=29.403$; $p=.000$), explicando 45.4% da variância ($R^2_{Aj}=.454$). Não se observa interacção significativa entre os dois factores independentes, quer sobre a idade do primeiro episódio de sexo oral como receptor ($p=.113$), ou como executor ($p=.915$).

O factor sexo possui efeito significativo sobre a idade rememorada como iniciação ao sexo oral no papel de receptor ($F_{(1,166)}=13.062$; $p=.000$), iniciando-se os rapazes mais cedo que as raparigas ($M=14.89$ anos *versus* $M=15.46$ anos). O mesmo acontece quando se observa a idade de iniciação como executor ($F_{(1,166)}=9.898$; $p=.002$), pois os rapazes declaram-se mais precoces ($M=15.11$ anos) que as raparigas ($M=15.64$ anos).

Nos gráficos de perfil 20 e 21 as imagens sugerem que as raparigas se reconhecem como mais tardias, comprovando-se na tabela 29 que as diferenças são significativas.

Gráfico 20 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Receptor de Acordo com o Sexo



Gráfico 21 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Executor de Acordo com o Sexo

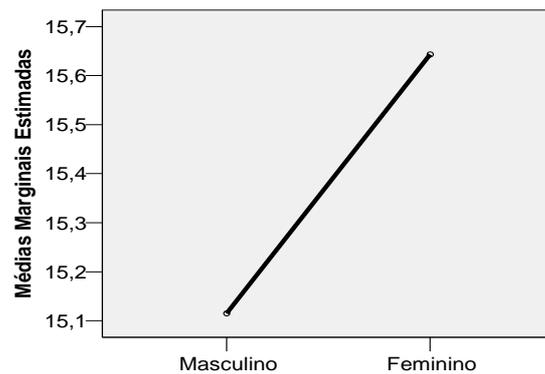


Tabela 29 Diferenças de Média na Memória da Idade de Iniciação ao Sexo Oral como Receptor e Executor de Acordo com o Sexo

Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral				
Papéis	Sexo		Diferenças de Média	p
Como Receptor	Masculino	Feminino	-.573*	.000
Como Executor	Masculino	Feminino	-.528*	.002

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

A idade actual mostra também efeito sobre a idade rememorada como iniciação ao sexo oral no papel de receptor ($F_{(2,166)}=70.601$; $p=.000$), declarando-se os mais novos como mais precoces ($M=13.84$ anos) comparativamente aos que têm 16-17 anos ($M=15.42$ anos) ou 18-21 anos ($M=16.26$ anos). Relativamente ao papel de executor, os grupos etários também possuem efeito significativo ($F_{(2,166)}=63.377$; $p=.000$), repetindo-se a ideia de que os mais novos se reconhecem com iniciação temporã ($M=13.97$ anos), comparativamente aos que têm actualmente 16-17 anos ($M=15.70$ anos) ou 18-21 anos ($M=16.45$ anos).

Os gráficos de perfil 22 e 23 sugerem que à medida que os sujeitos se encontram em idade mais avançada, mais tardiamente localizam o primeiro episódio de sexo oral em ambos os papéis, facto que tem diferenças significativas conforme constata na tabela 30 (critério Games-Howell).

Gráfico 22 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Receptor de Acordo com os Grupos Etários

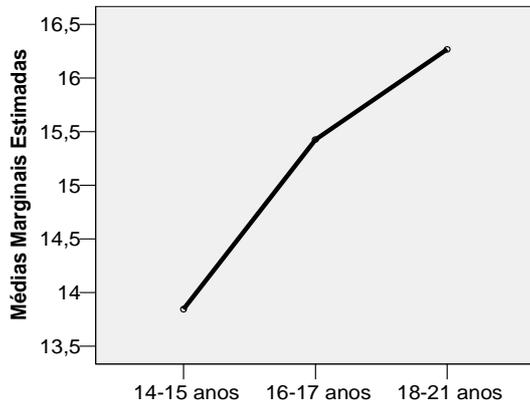


Gráfico 23 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Executor de Acordo com os Grupos Etários

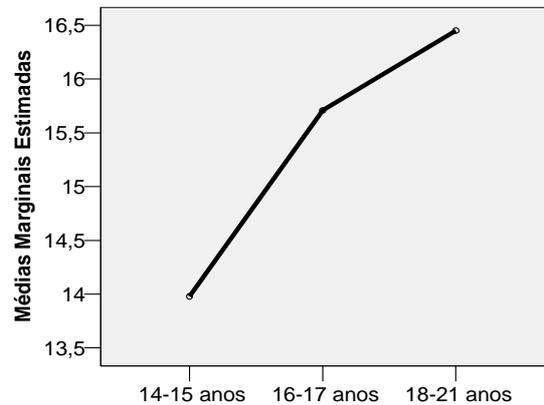


Tabela 30 Diferenças de Médias na Memória da Idade de Iniciação ao Sexo Oral como Receptor e Executor de Acordo com os Grupos Etários

Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral				
Papéis	Idade		Diferenças de Média	p
Como Receptor	14-15 anos	16-17 anos	-1.60*	.000
		18-21 anos	-2.46*	.000
	16-17 anos	18-21 anos	-.85*	.000
Como Executor	14-15 anos	16-17 anos	-1.75*	.000
		18-21 anos	-2.50*	.000
	16-17 anos	18-21 anos	-.75*	.001

* Diferença significativa ao nível .05

No papel de receptor, as médias estimadas, no que se refere aos efeitos simples do sexo, mostram que no grupo dos 14-15 anos os rapazes declaram uma média de idades mais baixa que as raparigas ($M=13.47$ versus $M=14.21$ anos), o mesmo acontecendo no grupo de 16-17anos ($M=15$ versus $M=15.83$ anos) e no grupo dos 18-21 anos ($M=16.2$ versus $M=16.33$ anos). No papel de executor, as médias estimadas também apontam para maior precocidade dos rapazes, quer nos mais novos ($M=13.69$ versus $M=14.26$ anos), nos de idade intermédia ($M=15.41$ versus $M=16$ anos) ou nos mais velhos ($M=16.23$ versus $M=16.66$ anos).

Os gráficos 24 e 25 sugerem que no grupo de idade mais avançada (18-21 anos) a idade declarada tanto pelos rapazes como pelas raparigas é aproximada, enquanto que a inclinação da recta nos dois grupos mais novos sugere maior desfaseamento entre rapazes e

raparigas. No papel de executor, a imagem é sugestiva de diferenças entre rapazes e raparigas em todos os grupos etários, porém a inclinação da recta parece mais acentuada no grupo de idade intermédia.

Gráfico 24 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Receptor de Acordo com o Sexo nos Grupos Etários

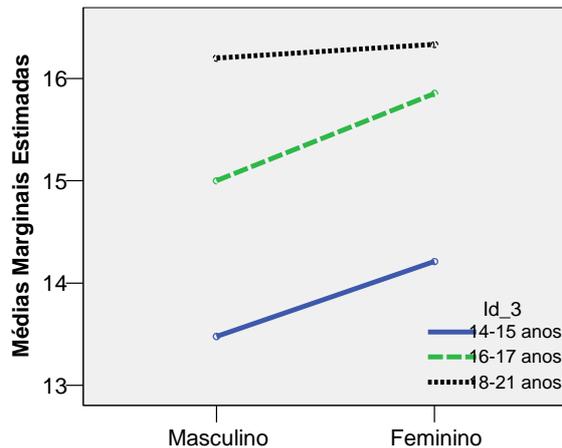
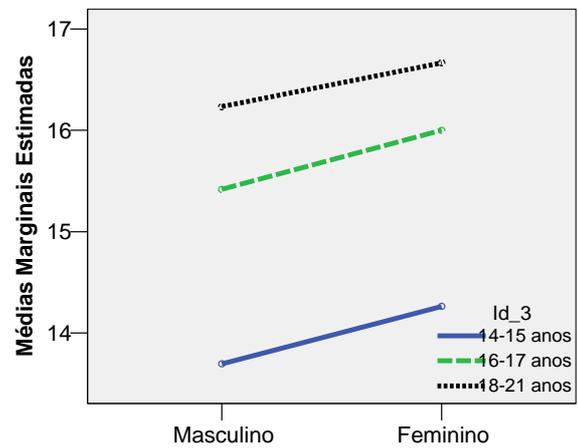


Gráfico 25 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Executor de Acordo com o Sexo nos Grupos Etários



Na tabela 31 constata-se que entre rapazes e raparigas, no papel de receptor, há diferenças significativas entre os dois grupos mais novos, mas entre os mais velhos tal não acontece. Por outro lado, no papel de executor, somente no grupo de idade intermédia as diferenças são significativas entre os sexos.

Tabela 31 Diferenças de Médias na Memória da Idade de Iniciação nos Papéis de Receptor e Executor nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo

Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral					
Papéis	Idade	Sexo		Diferenças de Média	p
Como Receptor	14-15 anos	Masculino	Feminino	-.732*	.021
	16-17 anos	Masculino	Feminino	-.853*	.001
	18-21 anos	Masculino	Feminino	-.133	.611
Como Executor	14-15 anos	Masculino	Feminino	-.568	.090
	16-17 anos	Masculino	Feminino	-.583*	.024
	18-21 anos	Masculino	Feminino	-.433	.120

*Diferença significativa ao nível .05

Quanto aos efeitos simples da idade, no papel de receptor, as médias estimadas mostram que nos rapazes, a localização é mais tardia à medida que se contextualizam no grupo dos 14-15 anos (M=13.47), 16-17 anos (M=15 anos) ou 18-21 anos (M=16.2 anos), o

mesmo acontecendo nas raparigas (M=14.21, M=15.85 e M=16.22 anos, respectivamente. No papel de executor, o fenómeno ocorre de maneira semelhante, pois os rapazes de 14-15 anos recordam o primeiro episódio de sexo oral em média aos 13.69 anos, enquanto que os de 16-17 anos o recordam em média aos 15.41 anos e os de 18-21 lembram o acontecimento em média aos 16.23 anos, apresentando-se nas raparigas a mesma ordem de ideias (M=14.26, M=16 e M=16.66 anos, respectivamente).

Os gráficos 26 e 27 sugerem que tanto no papel de receptor como de executor as idades declaradas pelos rapazes e raparigas são progressivamente mais tardias à medida que a sua idade actual é maior, mas nas raparigas, no papel de receptor e entre os grupos de idade 16-17 anos e 18-21 anos a inclinação da recta é menor.

Gráfico 26 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Receptor de Acordo com os Grupos Etários nos Rapazes e Raparigas

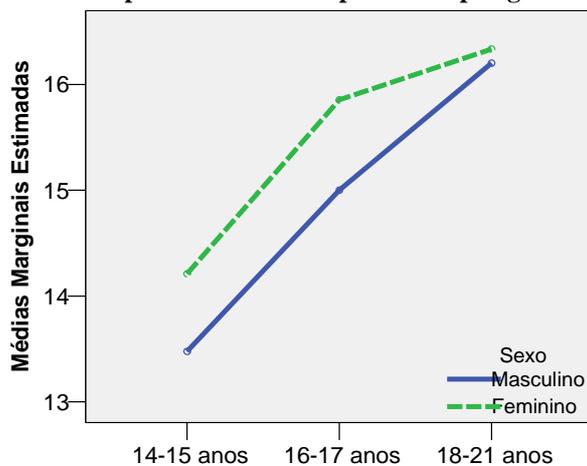
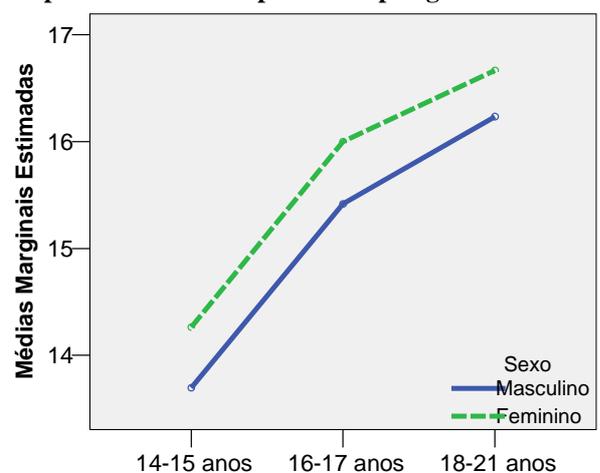


Gráfico 27 Médias da Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral como Executor de Acordo com os Grupos Etários nos Rapazes e Raparigas



Na tabela 32 comprova-se que, no papel de receptor os rapazes localizam a idade de iniciação significativamente mais tarde, à medida que se encontram em faixas etárias mais avançadas, ocorrendo o mesmo no papel de executor. Nas raparigas acontece o mesmo, mas apenas no papel de executor, pois na rememoração da idade de iniciação no papel de receptor, não há diferenças significativas entre os dois grupos de idade mais avançados.

Tabela 32 Diferenças de Médias na Memória da Idade de Iniciação nos Papéis de Receptor e Executor Por Sexo de Acordo com os Grupos Etários

Memória da Idade de Iniciação no Sexo Oral					
Papéis	Sexo	Idade		Diferenças de Média	p
Como Receptor	Masculino	14-15 anos	16-17 anos	-1.522*	.000
			18-21 anos	-2.722*	.000
		16-17 anos	18-21 anos	-1.200*	.000
	Feminino	14-15 anos	16-17 anos	-1.642*	.000
			18-21 anos	-2.123*	.000
		16-17 anos	18-21 anos	-.480	.181
Como Executor	Masculino	14-15 anos	16-17 anos	-1.721*	.000
			18-21 anos	-2.538*	.000
		16-17 anos	18-21 anos	-.817*	.007
	Feminino	14-15 anos	16-17 anos	-1.737*	.000
			18-21 anos	-2.404*	.000
		16-17 anos	18-21 anos	-.667*	.043

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Resumidamente pode afirmar-se que a rememoração das práticas de sexo oral como executor e receptor apresenta as seguintes características: a) à medida que os sujeitos se enquadram em grupos com maior idade, tendem a localizar o primeiro episódio de ambas as práticas de sexo oral mais tardiamente, salvo a excepção das raparigas nos grupos 16-17 *versus* 18-21 no papel de receptor; b) os rapazes de idade intermédia declaram-se mais precoces que as raparigas, em ambas as práticas e no papel de receptor, quando contextualizados no grupo dos mais novos. Nos mais velhos, nos dois papéis e nos mais novos no papel de executor, as idades de ambos os sexos são semelhantes.

Embora a observação nas variáveis não seja exactamente a mesma no estudo de Oliva, Serra e Vallejo (1993), existe como ponto comum a maior exibição de práticas de sexo oral em ambos os papéis com o progredir etário. Os resultados são concordantes com Martinez (2000), que em revisão de literatura observa que as práticas de sexo oral são um comportamento actualmente mais identificado em estudos com população adolescente.

6.1.3.5 Idade do Primeiro Coito

Considerando os 592 sujeitos que declaram ter experiência de coito, a iniciação ocorreu entre os nove e os 19 anos, observando-se que as maiores representações se encontram aos 14 (22.3%), 15 (28.2%) e 16 anos (20.6%), com média aos 14.93 anos ($dp=1.54$) e moda aos 15 anos. Há diferenças significativas entre os sexos ($t_{(498,342)}=-5.127$; $p=.000$), sendo os rapazes significativamente mais precoces que as raparigas ($M=14.58$ anos; $dp=1.73$; $N=274$ *versus* $M=15.23$ anos; $dp=1.29$; $N=315$).

A idade em que a maior parte dos sujeitos se iniciou no coito coincide com a percepção da maioria dos adolescentes registada por Matos (2003), ou seja 14-15 anos, observando-se também neste estudo de referência que os rapazes se declaram mais precoces. Os resultados do presente estudo apontam para idades um pouco mais precoces que aquelas registadas por Vilar (2003) em especial nos rapazes (i.e. rapazes aos 15.8 anos e raparigas 15.7 anos, neste estudo de referência).

Boyce et al (2003), encontram também maior precocidade nos rapazes ($M=14.1$ anos), muito próxima dos sujeitos do estudo actual. Contudo no estudo destes autores as raparigas declaram iniciação temporã comparativamente às do estudo actual (14.5 anos *versus* 15.23 anos no estudo actual).

Memória da Idade do Primeiro Coito

No sentido de identificar efeito combinado do sexo e da idade actual na memória da idade do primeiro episódio de coito, realizou-se uma Anova two-way em amostra aleatorizada. No teste K-S dos resíduos não se atingiu a normalidade da distribuição. Nas descritivas a distribuição mostrava-se assimétrica negativa e platicúrtica nos grupos de idade 14-15 anos ($Sk/ep=-4.99$; $K/ep=2.90$) e 16-17 anos ($Sk/ep=-3.36$; $K/ep=2.88$), embora no grupo dos 18-21 anos fosse simetria e mesocúrtica ($Sk/ep=-1.35$; $K/ep=-1.13$). Relativamente ao sexo, nos rapazes as descritivas mostravam assimetria negativa e achatamento normal

($S_k/ep=-2.89$; $K/ep=.028$) facto que também se observou nas raparigas ($S_k/ep=-3.26$; $K/ep=.996$). A tabela 33 apresenta os dados descritivos.

Tabela 33 Médias da Memória da Idade do Primeiro Episódio de Coito nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo

Memória da Idade do Primeiro Coito					
Sexo	Idade	Média	dp	N	
Masculino	14-15 anos	13.09	1.39	43	
	16-17 anos	14.82	1.41	78	
	18-21 anos	15.44	1.63	70	
	Total	14.66	1.73	191	
Feminino	14-15 anos	14.12	.80	60	
	16-17 anos	15.17	.99	83	
	18-21 anos	16.17	1.32	76	
	Total	15.23	1.34	219	
Total	14-15 anos	13.69	1.19	103	
	16-17 anos	15.00	1.22	161	
	18-21 anos	15.82	1.52	146	
	Total	14.96	1.56	410	

No teste de Levene não se observou homogeneidade de variâncias ($p=.000$).

Os testes inter-sujeitos mostram que o modelo estatístico é significativo ($F_{(5,404)}=39.193$; $p=.000$) e explica 31.8% ($R^2A_j=.318$) da variação da idade do primeiro episódio de coito. Não se verificou interação significativa entre a idade e o sexo ($F_{(2,404)}=2.223$; $p=.110$).

Constata-se que os grupos etários produzem efeito sobre a localização da idade da primeira experiência de coito ($F_{(2,404)}=86.893$; $p=.000$), observando-se que os sujeitos com 14-15 anos indicam em média uma idade mais baixa ($M=13.60$ anos) que os de 16-17 anos ($M=14.99$ anos) ou os de 18-21 anos ($M=15.80$ anos) conforme o gráfico 28. O sexo também tem efeito significativo sobre a idade recordada como primeiro coito ($F_{(1,404)}=28.788$; $p=.000$), pois os rapazes declaram em média, idade mais precoce ($M=14.52$ anos) que as raparigas ($M=15.15$ anos) como se vê no gráfico 29.

Gráfico 28 Médias da Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com os Grupo de Idade Actual

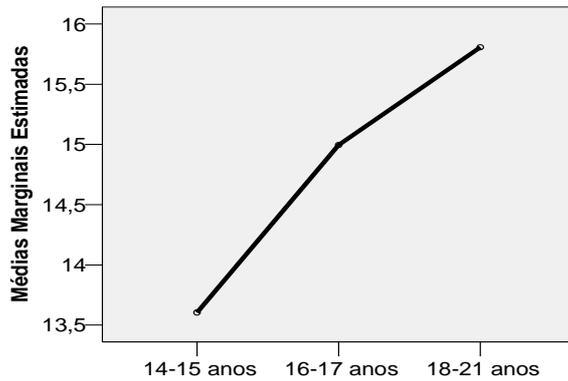


Gráfico 29 Médias da Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com o Sexo



Nas comparações múltiplas verifica-se que as diferenças entre os grupos de idade actual são sempre significativas conforme a tabela 34 (critério Games-Howell).

Tabela 34 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com os Grupos Etários

Memória da Idade do Primeiro Coito			
Idade		Diferenças de Médias	p
14-15 anos	16-17 anos	-1.31*	.000
	18-21 anos	-2.13*	.000
16-17 anos	18-21 anos	-.82*	.000

* Diferenças significativas ao nível .05

Na tabela 35 constata-se que as diferenças entre rapazes e raparigas são significativas.

Tabela 35 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito de Acordo com o Sexo

Memória da Idade do Primeiro Coito			
Sexo		Diferença de Médias	P
Masculino	Feminino	-.700*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Nos rapazes, os efeitos simples dos grupos de idade são significativos ($F_{(2,404)}=45.306$; $p=.000$), referindo os de 14-15 anos, em média, idade de iniciação mais precoce ($M=13.09$) que os de 16-17 anos ($M=14.82$) ou de 18-21 anos ($M=15.44$). Nas raparigas o efeito da idade também é significativo ($F_{(2,404)}=42.745$; $p=.000$), pois as mais novas indicam em média uma idade de iniciação mais temporã ($M=14.11$) que as de idade intermédia ($M=15.16$) ou as

mais velhas (M=16.17) (gráfico 30). Na tabela 36 verifica-se que as diferenças são sempre significativas.

Gráfico 30 Médias da Memória da Idade do Primeiro Coito Por Sexo de Acordo com os Grupos Etários

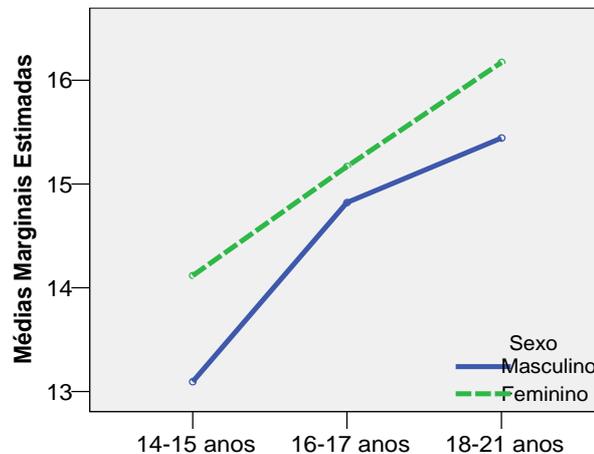


Tabela 36 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito Por Sexo de Acordo com os Grupos Etários

Memória da Idade do Primeiro Coito					
Sexo	Idade		Diferença de Médias	p	
Masculino	14-15 anos	16-17 anos	-1.727*	.000	
		18-21 anos	-2.350*	.000	
	16-17 anos	18-21 anos	-.622*	.011	
Feminino	14-15 anos	16-17 anos	-1.052*	.000	
		18-21 anos	-2.054*	.000	
	16-17 anos	18-21 anos	-1.002*	.000	

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Quanto aos efeitos simples do sexo, são significativos no grupo dos mais novos ($F_{(1,404)}=15.803$; $p=.000$), indicando os rapazes uma idade de iniciação mais baixa (M=13.09) que as raparigas (M=14.11). No grupo dos mais velhos o efeito do sexo também é significativo ($F_{(1,404)}=11.634$; $p=.001$) mantendo-se os rapazes mais precoces (M=15.44) que as raparigas (M=16.17). Nos sujeitos de idade intermédia o efeito simples do sexo não é significativo ($F_{(1,404)}=2.935$; $p=.087$). No gráfico 31 constata-se as diferenças, observando-se contudo que no grupo dos 16-17 anos a inclinação da recta é menor. Na tabela 37 comprova-se que nos grupos extremos as diferenças são significativas mas no grupo de idade

intermédia os rapazes e raparigas declaram em média idades semelhantes de iniciação ao coito.

Gráfico 31 Médias da Memória da Idade do Primeiro Coito Por Grupos de Idade de Acordo com o Sexo

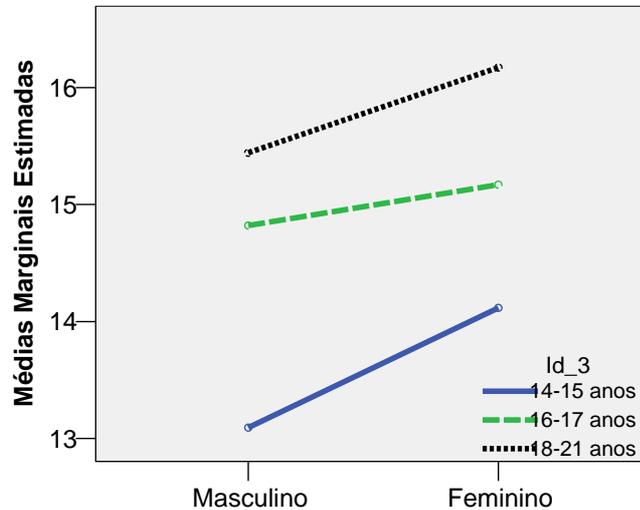


Tabela 37 Diferenças de Médias na Memória da Idade do Primeiro Coito Por Grupos Etários de Acordo com o Sexo

Memória da Idade do Primeiro Coito				
Idade	Sexo		Diferenças de Média	P
14-15 anos	Masculino	Feminino	-1.024*	.000
16-17 anos	Masculino	Feminino	-.348	.087
18-21 anos	Masculino	Feminino	-.728*	.001

* Diferenças significativas ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Em resumo, a rememoração da idade do primeiro coito mostra-se mais precoce nos rapazes que nas raparigas, assim como nos mais novos relativamente aos mais velhos. Em ambos os sexos a memória da idade de iniciação torna-se mais tardia à medida que os sujeitos crescem na idade. Nos vários grupos de idade, excepto nos de idade intermédia (i.e. 16-17 anos), os rapazes declaram-se mais precoces que as raparigas.

Os resultados seguem o mesmo padrão identificado por Montgomery e Sorell (1998) quanto às experiências românticas, ou seja, à medida que são mais velhos os adolescentes localizam o primeiro coito em idade mais tardia.

Sequência das Práticas Afectivo-sexuais

Em termos gerais, além das tendências da localização mais tardia à medida que os sujeitos se encontram em idade mais avançada e da antecipação dos rapazes em relação às raparigas, parece existir uma sequência, no geral em cada sexo e em cada sexo por grupo de idades, que se inicia pelos contactos sexuais sem penetração, seguindo-se o coito, o sexo oral como receptor e o sexo oral como executor. O quadro 12 resume os dados obtidos.

Quadro 12 Resumo da Memória da Idade de Iniciação nas Experiências Sexuais de Acordo com o Sexo

Experiências Sexuais	Rapazes				Raparigas			
	14-15	16-17	18-21	Total	14-15	16-17	18-21	Total
Sexo sem Penetração	12.81	14.80	14.51	14.18	14.01	15.08	15.92	15.03
Sexo Oral como Receptor	13.48	15	16.20	15.01	14.21	15.85	16.33	15.65
Sexo Oral Como Executor	13.70	15.41	16.23	15.24	14.26	16	16.67	15.84
Relações Sexuais com Penetração	13.09	14.83	15.49	14.71	14.12	15.24	16.26	15.27

Esta ordenação não concorre para os resultados apontados por Prinstein, Meade & Cohen (2003) que numa abordagem em adolescentes com 15-17 anos identificam maior frequência no sexo oral que no coito. No entanto são concordantes com DeLamater (2003), quando o autor, em revisão de literatura, propõe um modelo sequencial que segue dos comportamentos de beijar, para o petting, coito e posteriormente possível sexo oral. Rostosky et al (2000), omitindo os papéis de executor e receptor no sexo oral, encontram uma representação semelhante que vai do beijo, dar as mãos, carícia sobre a roupa, carícia sem roupa, coito e sexo oral. Em estudo recente, Navarro et al (2006), não considerando as práticas de sexo oral, encontram uma sequência que é concordante com a actual.

6.1.3.6 Idade do Parceiro no Primeiro Episódio de Sexo Coital

No primeiro episódio de coito, a idade do parceiro variou entre os nove e os 27 anos, tendo-se retirado da análise seis rapazes que indicavam idade do parceiro com 28 ou mais anos. Justifica-se tal, por parecer invulgar, mas ainda que possível, por poder relacionar-se

com situações que caem fora do âmbito da actual pesquisa que se centra nos relacionamentos com os pares.

As maiores representações percentuais, no caso dos rapazes, são 97 indivíduos (39%) que declaram ter-se iniciado com parceira da mesma idade, enquanto que nas raparigas, mais de metade (N=178; 59.1%), teve a primeira experiência de coito com parceiro mais velho 1-3 anos. A tabela 38 apresenta os resultados.

Tabela 38 Diferença de Idade Sujeito-Parceiro à Data do Primeiro Coito

Diferença de Idade do Parceiro	Sexo			
	Rapazes		Raparigas	
	N	%	N	%
Parceiro mais velho 9 ou mais anos	6	2.4	9	3
Parceiro mais velho 4-8 anos	15	6	68	22.6
Parceiro mais velho 1-3 anos	77	30.9	178	59.1
Parceiro da mesma idade	97	39	34	11.3
Parceiro mais novo 1-3 anos	54	21.6	12 ^{a)}	4
Total	249	100	301	100

a) parceiros mais novos 1 ano

No global, os resultados são consistentes com Mercer, Welling, Macdowall, Copas, McManus, Erens, Fenton e Johnson (2006), que recolhendo dados numa amostra de sujeitos com 25-44 anos que relembra o seu historial, observam que nos rapazes, a parceira do primeiro coito tem maior representação na modalidade “mesma idade” (45.1%) e nas raparigas a maior representação está em parceiros mais velhos “um a quatro anos” (52.7%). Em ambos os sexos as diferenças de idade relativas a parceiro mais novo são aproximadas aos resultados dos autores, que encontram menos três anos nos rapazes e menos um ano nas raparigas. Contudo, no estudo de referência, as diferenças em relação a parceiro mais velho é de mais seis anos nos rapazes e mais 10 anos nas raparigas, sendo superiores no estudo actual.

6.1.3.7 Motivos do Primeiro Coito

O principal motivo que levou os sujeitos a ter a primeira relação sexual foi em 291 casos (47.1%) a demonstração de amor, seguindo-se para 158 sujeitos (25.6%) a curiosidade

pela situação. Nos rapazes, o motivo mais invocado é a curiosidade (N=109; 37.5%) seguido da demonstração de amor (N=103; 35.2%). Nas raparigas a justificação mais representativa é o amor (N=187; 58.1%), seguindo-se a curiosidade (N=47; 14.6%). A tabela 39 mostra a representação dos vários motivos no total dos sujeitos e por sexo.

Tabela 39 Motivos do Primeiro Episódio de Coito de Acordo com o Sexo dos Sujeitos

Motivos	Rapazes		Raparigas		Total	
	N	%	N	%	N	%
Curiosidade	109	37.5	47	14.6	158	25,6
Tinha bebido	23	7.9	18	5.6	41	6,7
Parceiro/a insistiu muito	20	6.9	19	5.9	39	6,3
Amigos já tinham feito	14	4.8	1	.3	15	2,4
Mostrar que o/a amava	103	35.2	187	58.1	291	47,2
Apeteceu/clima para sexo	11	3.8	8	2.3	19	3,1
Estava preparado/a	-	-	15	4.7	15	2,4
Atração mútua	2	.7	13	4	15	2,4
Perder virgindade	-	-	1	.3	1	,2
Ambos queriam	2	.7	2	.6	4	,6
Quebrar monotonia da relação	-	-	1	.3	1	,2
Eu queria	4	1.4	10	3.1	14	2,1
Por Brincadeira	2	.7	-	-	2	,3
Eu Insisti	1	.3	-	-	1	,2
Total	291	100	322	100	616	100,0

As duas principais razões para o coito nos sujeitos são coincidentes com Matos (2003), embora não na mesma ordem que no estudo actual, pois os autores identificam a vontade de experimentação como a mais representativa (61.2%), seguindo-se a demonstração de amor (56.1%). Também Boyce et al (2003) e Zapiain (1997) confirmam como motivações principais o amor e a curiosidade. Nas raparigas as duas razões mais invocadas apresentam médias aproximadas às deste estudo (58.1% *versus* 60% e 14.6% *versus* 14%). No entanto nos rapazes, embora as percentagens sejam aproximadas, o estudo de Boyce et al (2003) aponta como motivo principal o amor em 39% dos casos (35.2% no estudo actual), seguindo-se a curiosidade em 21% (37.5% no estudo actual).

Embora com representação muito mais baixa, a insistência do parceiro(a) e a associação ao álcool (6.3% e 6.7% respectivamente), figuram como explicações para a

ocorrência do primeiro coito, aspectos identificados também por Boyce et al, (2003) e supostos pelos participantes no estudo de Matos (2003). A associação entre maior consumo de álcool e as experiências de coito em adolescentes é documentada também por Navarro et al (2006).

Conhecimento do Parceiro no Primeiro Coito

Nos 615 sujeitos que responderam às questões, a maior parte (N=393; 63.9%) iniciou-se com o namorado/a, embora em 126 casos (20.5%) este tipo de relação acontecesse com um amigo/a. Por outro lado 59 sujeitos (9.6%) decidiram iniciar-se no coito com uma pessoa que até ao momento lhes era desconhecida, enquanto que 37 (6%) conheciam a pessoa como distante.

Entre os sexos, as proporções da representação nas modalidades do conhecimento do primeiro parceiro de coito são diferentes ($\chi^2_{(3)}=73.332$; $p=.000$). As diferenças devem-se a que são mais as raparigas que tiveram o primeiro episódio de coito com o namorado ($z=7.8$; $p=.000$), enquanto que nos rapazes a mesma experiência ocorreu mais com pessoas conhecidas na altura ($z=6.4$), conhecimento distante ($z=2.1$) e amigas ($z=3.3$) (tabela 40).

Tabela 40 Conhecimento do Parceiro no Primeiro Episódio de Coito de Acordo com o Sexo

Sexo	Conhecimento do Parceiro no Primeiro Episódio de Coito													
	Conheceu nessa altura		Conhecia mas era distante				Era amigo(a)		Era namorado(a)				Total	
	Observ	Esperad	Observ	Esperad	Observ	Esperad	Observ	Esperad	Observ	Esperad	Observ	Esperad	Observ	Esperad
	N	%	N	N	%	N	N	%	N	N	%	N	N	%
Masculino	51	17.8	28	23	8	16.8	75	26.2	58	137	47.9	183	286	100
Feminino	8	2.5	31	13	4	19	50	15.3	67	255	78.2	209	326	100
Total	59	9.6	59	36	5.9	36	125	20.4	125	392	64.1	392	612	100

Os resultados no global são consistentes com Kigozi (2006), uma vez que no estudo deste autor a maioria dos participantes iniciou-se no coito com o namorado(a) e uma reduzida parte com estranhos ou outros familiares (4.4% e 2%).

Nas raparigas, os resultados, embora não tendo exactamente as mesmas representações percentuais, concorrem para a ideia de Oliva, Serra e Vallejo (1993), pois os autores encontram a mesma ordem quanto ao conhecimento do parceiro (i.e. namorado, amigo, conhecido, desconhecido). Quanto aos rapazes os resultados divergem do estudo de referência. Assim, embora coincidam na ordenação das figuras do namorado e amigo, no estudo actual a representação no primeiro coito com desconhecido (17.8%) é superior ao coito com conhecido mas distante (8%), verificando-se o contrário no estudo dos autores.

A maior representação do namorado(a) no primeiro coito, coincide com a normativa social que desencoraja o interesse sexual na amizade. Porém na adolescência tanto é previsível que o amigo(a) se torne o namorado(a) após contactos de maior intimidade, ou pelo contrário o namorado(a) seja mais tarde reconhecido como um amigo(a) com o qual aconteceu a primeira experiência de coito, factos que podem concorrer para as representações percentuais encontradas na categoria “amigos”. Estes aspectos podem porventura espelhar o percurso afectivo e erótico entre a infância e a idade adulta, uma vez que o adolescente tanto desenvolve individualmente a visão de si na perspectiva romântica, como se aperfeiçoa no relacional romântico.

Sensações Após Primeiro Coito

Questionaram-se os participantes sobre as suas sensações após a primeira experiência de coito, observando-se que a grande maioria (N=388, 66.3%) se sentiu alegre/contente e uma pequena parte se sentiu preocupado (N=43; 7.4%), observando-se que existe relacionamento estatisticamente significativo com o sexo ($\chi^2_{(3)}=29.094$; $p=.000$). As diferenças devem-se ao facto de os rapazes se sentirem alegres/contentes ($z=4.5$) e indiferentes ($z=.2$) e as raparigas se sentirem mais preocupadas ($z=1.3$) e confusas ($z=5$). A tabela 41 documenta os resultados observados e esperados.

Tabela 41 Sensações Após Primeiro Coito de Acordo com o Sexo

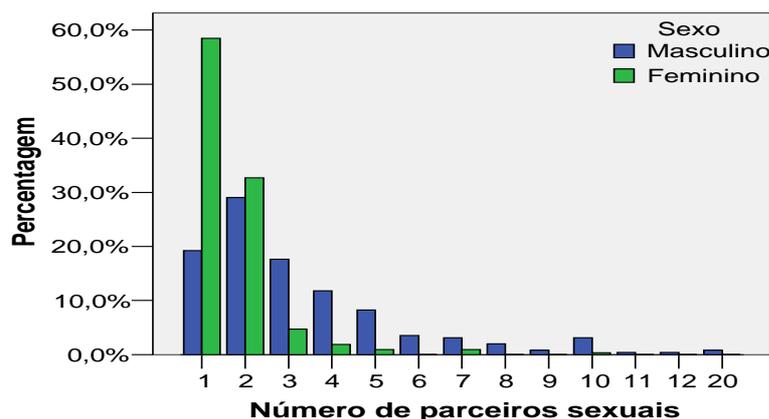
Sexo	Sensações Após o Primeiro Episódio de Coito													
	Alegre/Contente		Preocupado(a)			Confuso(a)			Indiferente		Total			
	Observad	Espera	Observa	Espera	Observa	Espera	Observa	Espera	Observa	Espera	Observad			
	N	%	N	N	%	N	N	%	N	N	%	N	N	%
Masculin	20	76.	176	15	5.7	19	2	8	43	2	10.	26	26	10
o	1	1					1			7	2		4	0
Feminino	18	58.	212	27	8.5	23	7	23.	52	3	9.7	32	31	10
	6	5					4	3		1			8	0
Total	38	66.	387	42	7.2	42	9	16.	95	5	10	58	58	10
	7	5					5	3		8			2	0

Não sendo exactamente as mesmas categorias, na amostra total os resultados são consistentes com Oliva, Serra e Vallejo (1993) que na quase totalidade dos participantes do seu estudo não identifica sentimentos negativos pós-coito. No entanto estes autores não encontram diferenças significativas entre os sexos, facto que ocorre no estudo actual.

6.1.3.8 Número de Parceiros Sexuais

Na análise dos dados, por nos parecer extraordinário, retiraram-se quatro sujeitos que afirmavam ter tido relações sexuais com mais de 20 pessoas. Referem ter tido um parceiro 235 sujeitos (40.8%), dois parceiros 179 sujeitos (31.1%), três parceiros 61 sujeitos (10.6%), ficando os restantes abaixo de dois dígitos percentuais. Tomando-se a variável como contínua, observa-se que há diferenças significativas entre rapazes e raparigas ($t_{(313.642)}=10.058$; $p=.000$), mostrando os rapazes em média mais parceiras sexuais ($M=3.40$) do que as raparigas ($M=1.60$). O gráfico 32 dá uma panorâmica do número de namorados(as) de acordo com o sexo.

Gráfico 32 Número de Parceiros Sexuais de Acordo com o Sexo



Relativamente ao número de parceiros sexuais, os resultados são concordantes com Upadhyay, Hindin e Gultiano (2006) que encontram também em adolescentes de 14-17 anos, alguns sujeitos que declaram mais de 20 parceiros sexuais. No global da amostra os resultados são aproximados a Boyce et al (2003) que identificam em cerca de metade dos seus participantes um parceiro sexual. Tal como no estudo actual, a tendência de que mais rapazes do que raparigas declaram mais parceiros sexuais é também coincidente com Boyce et al, (2003), Prinstein, Meade e Cohen (2003), Upadhyay, Hindin e Gultiano (2006) e Martinez e Fuertes (1999a). No entanto, enquanto que no presente estudo e no de Boyce et al (2003) a representação percentual das raparigas é aproximada ao longo do número de parceiros, a percentagem de rapazes do estudo actual com uma parceira sexual é menor que a do estudo destes autores (19.4% *versus* 43%), mas é maior quando se consideram os que têm duas (29.2% *versus* 21%) ou três parceiras (17.8% *versus* 9%).

6.1.3.9 Tipo de Relacionamento com Parceiros Sexuais

Em perguntas independentes e dicotómicas, questionaram-se os sujeitos relativamente ao facto de terem relações sexuais com uma pessoa “especial” entendida como parceiro fixo (C49), ou mais pessoas “não especiais”, entendidas como parceiros ocasionais (C50). A partir

destas duas questões, foi possível identificar também os sujeitos que tendo parceiros fixos, se relacionam simultaneamente com parceiros ocasionais, aqui designados “extemporâneos”, no sentido de parceiros mistos, reunindo-se a informação numa só variável (Tipo_parceiros) e os resultados são os seguintes.

Nos 555 sujeitos que responderam às questões, 355 (64%) são exclusivamente monogâmicos, 162 (29.2%) têm parceiros fixos mas também ocasionais, aqui chamados extemporâneos, e 38 (6.8%) referem exclusivamente parceiros ocasionais.

Observa-se relacionamento estatisticamente significativo entre o sexo e o tipo de parceiros ($\chi^2_{(2)}=148.732$; $p=.000$). Estas diferenças residem no facto de que mais rapazes têm parceiros extemporâneos ($z=10$) e ocasionais ($z=5.1$), enquanto que mais raparigas se declaram exclusivamente monogâmicas ($z=12.2$). A tabela 42 apresenta os dados.

Tabela 42 Tipo de Relacionamento com Parceiros Sexuais de Acordo com o Sexo dos Sujeitos

Sexo	Tipo de Relacionamento										
	Monogâmicos			Extemporâneos				Ocasionais		Total	
	Observ		Esperad	Observ		Esperad		Observ		Observ	
	N	%	N	N	%	N	N	%	N	N	%
Masculino	97	37.5	168	129	49.8	76	33	12.7	18	259	100
Feminino	258	87.2	189	33	11.1	86	5	1.7	20.3	296	100
Total	355	64	355	162	29.2	162	38	6.8	38	555	100

Em alguns aspectos encontram-se resultados semelhantes aos de Oliva, Serra e Vallejo (1993) pois estes autores observam que mais raparigas que rapazes declaram parceiros fixos (85.7% *versus* 47.6%). Por outro lado, no caso dos parceiros extemporâneos a maior representação é dos rapazes comparativamente às raparigas (30.1% *versus* 9.9%). Os autores consideram ainda os relacionamentos com “amigos e conhecidos(as)” e “desconhecidos(as)”, que reunidos, se mostram mais elevados que os relacionamentos ocasionais do presente estudo, quer nos rapazes (22.3%) quer nas raparigas (8.9%). Também no estudo de Kigozi (2006), embora a autora aborde a questão enunciando-a em termos de parceiros múltiplos nos últimos seis meses, os resultados são superiores aos do estudo actual, encontrando uma maior representação nos rapazes (42%) que nas raparigas (14.2%).

Andrinopolus, Kerrigan e Ellen (2006) no que se refere à comparação entre parceiros fixos e ocasionais nas raparigas, reconhecem nas suas participantes a preferência por monogamia, ainda que episodicamente, por razões de motivação emocional se relacionem com parceiros ocasionais. Nos rapazes, os autores explicam a clivagem entre parceiras fixas e ocasionais, quer pela necessidade de sentir-se amado pela pessoa com quem habitualmente se relaciona, quer pela obtenção de maior *status* social entre os pares por ter vários relacionamentos simultâneos. Poderão talvez as considerações destes autores aplicar-se aos sujeitos do estudo actual.

6.1.3.10 Predictores da Idade de Iniciação ao Coito

Para prever a idade do primeiro coito, tomaram-se cinco variáveis, uma no âmbito do desenvolvimento biológico (i.e. idade da menarca/espermarca), três no âmbito das experiências afectivo-sexuais (i.e. idade do primeiro amor, idade do primeiro namoro, idade da primeira experiência de sexo sem penetração) e ainda uma variável referida à idade do parceiro na ocorrência do primeiro coito. A análise foi realizada separadamente para rapazes e raparigas, utilizando-se o método Stepwise.

Predictores da Idade do Primeiro Coito nos Rapazes

Nos rapazes, o método Stepwise, revelou como predictores significativos a idade do primeiro episódio de sexo sem penetração ($\beta=.630$; $p=.000$), a idade do parceiro no primeiro coito ($\beta=.212$; $p=.000$) e a idade do primeiro namoro ($\beta=.205$; $p=.000$). O modelo é adequado, indicando o coeficiente de determinação que 62.9% da variância da idade do primeiro coito é explicada por estas variáveis ($R^2=.637$; $R^2_{Aj}=.629$), $F_{(3,147)}=85.938$; $p=.000$. (tabela 43).

Tabela 43 Regressão da Idade do Primeiro Coito nos Rapazes - Método Stepwise

Modelo		Coef. Não padronizados		Coef. padron	t	P	Correlações			Estatística de Colinearidade	
		B	ep	β			Ord. zero	Parcial	Part	Tolerância	VIF
1	Constante	5.757	.690		8.371	.000					
	Idade da 1ª Exp	.645	.049	.731	13.095	.000	.731	.731	.731	1.000	1.000
	Sexo sem Penetração										
2	Constante	4.460	.692		6.447	.000					
	Idade da 1ª Exp	.613	.046	.695	13.273	.000	.731	.737	.688	.980	1.020
	Sexo sem Penetração										
	Idade do parceiro no 1º coito	.112	.022	.262	5.007	.000	.359	.381	.260	.980	1.020
3	Constante	3.548	.707		5.019	.000					
	Idade da 1ª Exp	.556	.047	.630	11.857	.000	.731	.699	.589	.875	1.142
	Sexo sem Penetração										
	Idade do parceiro no 1º coito	.091	.022	.212	4.080	.000	.359	.319	.203	.915	1.093
	Idade do 1º namoro	.146	.039	.205	3.734	.000	.487	.294	.186	.819	1.222

Constata-se assim que nos rapazes, a possibilidade de iniciar as relações sexuais mais precocemente está associada a menor idade nas experiências de sexo sem penetração e no namoro, assim como a parceiras com idades mais baixas. Os resultados são consistentes com Dickson, Paul, Herbison e Silva (1998) que encontram também nos rapazes que se iniciam mais cedo, maior probabilidade de o facto ocorrer com uma parceira mais nova. Relativamente à idade do primeiro namoro e da primeira experiência de sexo não coital, os resultados concorrem para Noar, Zimmerman e Atwood (2004), que em revisão de literatura, lhes encontram associação com a menor idade do primeiro episódio de coito e também com atitudes mais permissivas face a experiências de intimidade física. Marín, Kirby, Hudes, Coyle e Gómez (2006), observam também, que os rapazes que se iniciam mais cedo no namoro com parceiras de idade semelhante, têm maior probabilidade de coito precoce, do que aqueles que não tiveram namoro.

Predictores da Idade do Primeiro Coito nas Raparigas

Nas raparigas, consideraram-se as mesmas variáveis independentes. O método Stepwise mostrou como melhor modelo o que inclui a idade do primeiro episódio de sexo sem penetração ($\beta=.767$; $p=.000$), a idade do parceiro no primeiro coito ($\beta=.121$; $p=.001$) e a idade do primeiro amor ($\beta=.110$; $p=.002$). O modelo é robusto explicando 72.6% da variância na idade do primeiro episódio de relações sexuais ($R^2=.729$; $R^2_{Aj}=.726$), $F_{(3,245)}=219.812$; $p=.000$. A tabela 44 apresenta os resultados da regressão.

Tabela 44 Regressão da Idade do Primeiro Coito nas Raparigas - Método Stepwise

Modelo	Coef. Não padronizados		Coef. padron	t	P	Correlações			Estatística de Colinearidade	
	B	ep	β			Ord. zero	Parcial	Part	Tolerância	VIF
1	Constante	2.651	.521	5.086	.000					
	Idade da 1ª Exp	.841	.035	24.290	.000	.840	.840	.840	1.000	1.000
	Sexo sem Penetração									
2	Constante	2.075	.537	3.865	.000					
	Idade da 1ª Exp	.806	.035	22.782	.000	.840	.824	.771	.917	1.090
	Sexo sem Penetração									
	Idade do parceiro no 1º coito	.061	.018	3.438	.001	.353	.214	.116	.917	1.090
3	Constante	1.591	.550	2.892	.004					
	Idade da 1ª Exp	.768	.037	20.817	.000	.840	.799	.692	.815	1.226
	Sexo sem Penetração									
	Idade do parceiro no 1º coito	.061	.018	3.481	.001	.353	.217	.116	.917	1.090
	Idade do 1º amor	.076	.025	3.109	.002	.389	.195	.103	.879	1.138

Assim, a possibilidade das raparigas se iniciarem mais cedo no coito está associada a menor idade na primeira experiência de sexo sem penetração, a idade mais baixa dos parceiros e a idade mais precoce do primeiro amor. Os resultados são consistentes com Marín et al (2006). Estes autores encontram como predictores de de menor idade no coito, o facto de as raparigas terem iniciado namoro muito cedo, tanto com parceiros da mesma idade, como com parceiros mais velhos, embora a probabilidade fosse ainda maior quando os namorados

eram mais velhos. Quanto à idade do primeiro amor e das experiências de sexo sem penetração, os resultados são consistentes com Upadhyay, Hindin e Gultiano (2006).

6.1.4 Caracterização dos Sujeitos Quanto Disponibilidade de Método Contraceptivo, Conhecimentos na Aplicação e Uso nas Práticas Sexuais Não Coitais e Coitais

6.1.4.1 Hábito de Transportar Preservativos

No que respeita ao hábito de trazer preservativos, a maioria dos sujeitos (N=830; 55.4%) nunca os trás consigo, 418 (27.9) algumas vezes transporta-os consigo e 250 (16.7%) tem o método imediatamente acessível.

Entre rapazes e raparigas existem diferenças significativas ($U_{(1492)}=154194$; $Z=-15.976$; $p=.000$). A média de ordenações dos rapazes é mais elevada ($M=932.29$) que a das raparigas ($M=609.21$). De facto na modalidade “nunca” as raparigas têm maior representação (N=624; 72.7%) que os rapazes (N=203; 32%), enquanto que nas modalidades “algumas vezes” e “sempre” os rapazes pontuam mais alto (39.3% *versus* 19.6% e 28.7% *versus* 7.7% respectivamente), conforme se vê na tabela 45.

Tabela 45 Hábito de Transportar Preservativos de Acordo com o Sexo

Sexo		Hábito de Transportar Preservativos			Total
		Nunca	Algumas Vezes	Sempre	
Masculino	Observado	203	249	182	634
	% no Sexo	32	39.3	28.7	100
Feminino	Observado	624	168	66	858
	% no Sexo	72.7	19.6	7.7	100
Total	Observado	827	417	248	1492
	% no Sexo	55.4	27.9	16.6	100

O facto de mais de metade dos sujeitos não transportar consigo preservativos converge com os resultados de Crosby et al (2002b) e poderá porventura ser interpretado pelo facto de na adolescência o coito ocorrer algumas vezes de maneira não planeada. As diferenças entre rapazes e raparigas são consistentes com Hiller, Harrison e Warr (1998).

A ideia subjacente no estudo actual é a de que a disponibilidade imediata de preservativo é uma realidade apenas possível para um reduzido número de sujeitos, estando os rapazes potencialmente em vantagem. As respostas enquadram a imagem social clássica de papéis sexuais diferentes. Enquanto que os rapazes ganham em reputação quando mostram que transportam preservativos consigo, utilizando ou não o método no momento adequado, nas raparigas o facto de transportar preservativos pode ser interpretado de maneira contrária, não só pela atribuição da responsabilidade aos parceiros masculinos, mas também porque pode perigar a sua reputação, pois poderá supor-se maior intenção para contactos sexuais, o que em geral tem conotação negativa (Fazekas, Senn & Ledgerwood, 2001).

6.1.4.2 Correção Teórica na Aplicação do Preservativo

Observou-se que a grande maioria (N=926; 62.8%) possui noção incorrecta do momento óptimo para aplicação do método, enquanto 548 (37.2%) domina teoricamente este aspecto. Não existe relacionamento estatístico significativo com o sexo ($\chi^2_{(1)}=1.515$; $p=.218$).

Os resultados são consistentes com Oliva, Serra e Vallejo (1993) e Crosby et al (2002b), que encontram também desconhecimento ou erros de uma parte significativa dos participantes nos seus estudos, relativamente ao momento adequado para a colocação do preservativo. No estudo de Oliva, Serra e Vallejo (1993) o desconhecimento é superior nas raparigas, aspecto que não se verifica no estudo actual.

6.1.4.3 Uso de Contraceptivo nas Experiências de Sexo Sem Penetração

Nos 677 sujeitos que declaram contactos sexuais sem penetração, a maioria dos sujeitos (N=383; 57.9%) nunca usou qualquer protecção, 153 (23.1%) usaram algumas vezes

e 125 (18.9%) declaram usar sempre. Entre os 320 rapazes e as 339 raparigas não se observam diferenças significativas ($U_{(659)}=50892.5$; $Z=-1.546$; $p=.122$).

A pouca utilização de contraceptivo nos contactos genito-genitais sem penetração concorre para os resultados de Hillier, Harrison e Warr (1998). No estudo dos autores as próprias práticas de sexo sem penetração tanto tinham a conotação de “não sexo”, como de método preventivo seguro. Relativamente às diferenças entre rapazes e raparigas, os resultados dos dois estudos não coincidem, pois os autores observam que o sexo sem penetração como método preventivo é mais valorizado pelas raparigas que pelos rapazes.

Método Mais Utilizado no Sexo Sem Penetração

O método mais usado nos contactos sexuais sem penetração foi o preservativo em 95 casos (34.1%), seguindo-se a pílula em 39 casos (14%). O método de dupla protecção (i.e. preservativo e pílula) é indicado por três sujeitos (1.1%). Além destes, 21 sujeitos indicam como métodos de protecção a masturbação (7.5%) e três sujeitos referem a ejaculação na cavidade oral (1.1%). Curiosamente uma maior representação percentual (i.e. 118 sujeitos, 42.3%) não identifica qualquer método, apesar de na questão anterior se declararem como utilizadores de contraceptivos.

6.1.4.4 Uso de Protecção nas Experiências de Sexo Oral

Nos 312 sujeitos que declaram práticas de sexo oral, no papel de receptor, o uso de preservativo ou folha-latex, foi totalmente negligenciado pela grande maioria ($N=255$; 81.2%), enquanto que 37 (11.8%) protege-se algumas vezes e 22 (7%) usam sempre. Entre rapazes e raparigas registam-se diferenças significativas ($U_{(312)}=9261$; $Z=-5.322$; $p=.000$), observando-se que a média de ordenações no sexo masculino ($M=173.87$) é mais elevada que no sexo feminino ($M=137$). Por exemplo, mais rapazes do que raparigas declaram-se

utilizadores “sempre” (N=18; 10.9% *versus* N=3; 2%), enquanto que o contrário ocorre na modalidade “nunca” (N=116; 70.3% *versus* N=138; 93.9%). Nos rapazes, apesar da representação ser muito baixa relativamente a alguma forma de protecção, parece existir maior preocupação em proteger-se.

Considerando agora os sujeitos que declaram práticas de sexo oral, no papel de executor, a maioria “nunca” usou protecção (N=226; 84%), 30 (11.2%) usaram “algumas vezes” e 13 (4.8%) usaram “sempre”. Entre rapazes e raparigas observam-se diferenças significativas $U_{(268)}=8062.5$; $Z=-2.5$; $p=.012$), exibindo os rapazes uma média de ordenações (M=128.38) mais baixa que as raparigas (M=143.52). Por exemplo, menos rapazes que raparigas declaram-se utilizadores “sempre” (N=6; 4.2% *versus* N=7; 5.5%), mas na modalidade “nunca”, observa-se o contrário (N=128; 89.5% *versus* N=99; 78%). Embora as representações de algum nível de protecção sejam muito baixas, parece existir maior preocupação por parte das raparigas.

Embora Prinstein, Meade e Cohen (2003) questionem os adolescentes de maneira geral e não em cada um dos papéis de receptor ou executor de sexo oral, os resultados são consistentes. Os autores observaram também que a maioria, quer dos rapazes (72.7%), quer das raparigas (67.9%), referem que nas práticas de sexo oral, nunca usou protecção.

Resumo do Uso de Protecção em Práticas Sexuais Não Coitais

Constata-se que em todas as práticas sexuais não coitais, a maioria tanto dos rapazes como das raparigas nunca se protege, menos de um quarto protege-se algumas vezes e uma minoria declara usar sempre protecção. No quadro 13 encontram-se as representações do uso de protecção neste conjunto de práticas sexuais não coitais.

Quadro 13 Resumo do Uso de Protecção nas Práticas Sexuais Não Coitais de Acordo com o Sexo

Uso de Protecção	Contacto Sexual Sem Penetração				Sexo Oral como Receptor				Sexo Oral como Executor			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nunca	193	60.3	189	55.8	116	70.3	138	93.9	128	89.5	99	78
Algumas vezes	76	23.8	76	22.4	31	18.8	6	4.1	9	6.3	21	16.5
Sempre	51	15.9	74	21.8	18	10.9	3	2	6	4.2	7	5.5
Total	320	100	339	100	165	100	147	100	143	100	127	100

Assim de uma maneira global os resultados parecem indicar que independentemente das razões que podem estar subjacentes, os sujeitos enfrentam riscos potenciais para a sua saúde sexual e reprodutiva, que porventura serão maiores nos casos de múltiplos parceiros ou nos sucessivos relacionamentos monogâmicos, tal como sugerem Bearman, Moody e Stovel (2004) na cadeia das experiências romântico-sexuais.

Relativamente ao sexo oral, as diferenças encontradas em ambos os papéis, entre rapazes e raparigas podem porventura justificar-se pelo desconhecimento quer da necessidade de protecção quer da existência de métodos femininos, ou possíveis alternativas, face à pouca disponibilidade de folha-látex no mercado.

6.1.4.5 Uso de Contracepção no Primeiro Episódio de Coito

Relativamente aos comportamentos preventivos no primeiro episódio de coito, observa-se que na grande maioria dos casos (N=511, 83.8%) os sujeitos declaram ter usado algum método contraceptivo, sendo o preservativo o mais representado (N=420, 81.4%), seguindo-se o método de dupla protecção (i.e. preservativo e pílula em 10 casos; 1.9%) e da pílula em terceiro lugar (N=9; 1,7%). Um dos sujeitos refere como método a contracepção de emergência. Repare-se contudo que 76 sujeitos (14.7%) se enunciam como utilizadores mas não mencionam qualquer método.

Os resultados actuais são superiores aos do INE (2002), que revelam na população portuguesa, uma tendência para maior uso de protecção no primeiro coito, observando-se que nas gerações mais jovens (15-19 anos), tal ocorreu em 59% dos rapazes e 61% das raparigas.

Tomando-se somente como métodos o preservativo e a pílula, não se observam diferenças significativas relativamente entre os sexos ($\chi^2(1)=.011$; $p=.918$), ou seja, o método aplicado no primeiro coito é independente do sexo.

Os resultados não são consistentes com Oliva, Serra e Vallejo (1993) que em jovens andaluzes encontraram, com maior representação no primeiro coito, a ausência de protecção (33.4%) seguindo-se o coito interrompido (31%) e depois o preservativo (29.4%). Manning, Longmore e Giordano (2000) também encontram uma utilização reduzida de contracepção (35%) no primeiro episódio de coito. No entanto, nos que usaram, o preservativo toma o primeiro lugar, mas em representação mais reduzida (75%) que no presente estudo, seguindo-se a pílula, em representação mais alta (17%) comparativamente ao estudo actual.

O desfasamento entre os resultados do presente estudo e das pesquisas de referência, poderá dever-se à deseabilidade social, no entanto é também de considerar os possíveis contributos do envolvente social, uma vez que Nodin (2001), reconheceu que no território, a maior representação do uso de preservativo recaía em jovens alentejanos (85%).

6.1.4.6 Agrado dos Sujeitos no Uso de Preservativo

Os sujeitos foram inquiridos relativamente ao facto de eles mesmos gostarem ou não de usar preservativos. A maior parte declara que gosta de usar ($N=454$, 75.7%), comparativamente a 146 (24.3%) que não gosta, não se observando relacionamento estatisticamente significativo com o sexo ($\chi^2(1)=.156$; $p=.692$).

Observou-se também a relação entre o agrado no uso de preservativo e o sexo dos sujeitos, considerando separadamente as amostras dos sujeitos com parceiros fixos,

extemporâneos e ocasionais. Assim, na amostra dos sujeitos com parceiro fixo o agrado quanto ao uso de preservativo é independente do sexo ($\chi^2_{(1)}=.672$; $p=.412$), tal como acontece na amostra dos sujeitos com parceiros extemporâneos ($\chi^2_{(1)}=.667$; $p=.414$) e ocasionais ($\chi^2_{(1)}=.034$; $p=1.000$, no teste exacto de Fisher). O quadro 14 resume os resultados.

Quadro 14 Resumo das Preferências dos Sujeitos Quanto ao Uso de Preservativo no Contexto do Tipo de Relacionamentos

Tipo de Relacionamentos	Rapazes				Raparigas				Total			
	Não Gostam de Usar P		Gostam de Usar P		Não Gostam de Usar P		Gostam de Usar P		Não Gostam de Usar P		Gostam de Usar P	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Parceiro Fixo Exclusivo	19	20.7	73	79.3	63	24.9	190	75.1	82	23.8	263	76.2
Parceiro Ocasional Exclusivo	5	16.7	25	83.3	1	20	4	80	6	17.1	29	82.9
Parceiros Extemporâneos	33	28.9	81	71.1	11	36.7	19	63.3	44	30.6	100	69.4

Resumidamente, uma maior representação de sujeitos declara que gosta de usar preservativo, independentemente do tipo de relação, não havendo diferenças entre os sexos. Relativamente ao tipo de parceiros, os resultados são concordantes com Bauman e Berman (2005), que em estudo qualitativo, observaram maior uso de preservativo nos relacionamentos ocasionais que nos relacionamentos de maior compromisso afectivo e previsão de vida em comum.

Contudo, no estudo actual, observa-se que os sujeitos com parceiros extemporâneos têm menor representação no agrado do uso de preservativo (69.4%), facto que concorre para Rosengard, Adler, Gurvey e Ellen (2005) quando as autoras identificam como grupo especialmente problemático, os adolescentes que tendo parceiros principais e ocasionais em simultâneo, se revelam menores utilizadores do método.

As razões invocadas para a não utilização do método são em geral a indisponibilidade imediata, a redução do prazer, entre outras, mas tal argumentação pode cair, em presença de campanhas de educação sexual bem sucedidas, como observou Kigozi (2006) em estudo com adolescentes.

Face à maior representação de agrado nos resultados do presente estudo, e não se podendo usar com grande credibilidade a argumentação da educação sexual no nosso país, porventura as particularidades da região (Nodin, 2001) poderão ser justificativas. A justificativa da deseabilidade social, como argumento para as declarações dos sujeitos é sempre possível, uma vez que é socialmente correcto concordar com o uso do preservativo e não há a possibilidade de contrapor as afirmações dos sujeitos, pois os comportamentos são privados. Contudo estudos anteriores (Shew, Remafedi, Bearinger, Faulkner, Taylor, Potthoff & Resnick, 1997), mostram validade dos auto-relatos no uso de preservativo em população adolescente (i.e. 13-21 anos), encontrando os autores concordância entre as declarações e os testes clínicos.

6.1.4.7 Agrado dos Parceiros no Uso Preservativo

A maior parte dos participantes (N=446, 73.7%) afirma que os seus parceiros gostam de usar preservativo, comparativamente a aproximadamente ¼ que refere que os parceiros não gostam (N=159; 26.3%). Existe relacionamento estatisticamente significativo com o sexo dos sujeitos ($\chi^2_{(1)}=17.048$; $p=.000$), devendo-se as diferenças ao facto de que são mais os rapazes que as raparigas a declarar que os parceiros(as) gostam de usar preservativo ($z=4.1$). A tabela 46 apresenta os resultados observados e esperados.

Tabela 46 Agrado dos Parceiros(as) em usar Preservativo de Acordo com o Sexo dos Sujeitos

Sexo	Agrado dos Parceiros(as) no Uso de Preservativo							
	Não				Sim		Total	
	Observados		Esperados		Observados		Observados	
	N	%	N	N	%	N	N	%
Rapazes	51	18.3	73	228	81.7	206	279	100
Raparigas	107	33.1	85	216	66.9	238	323	100
Total	158	26.2	158	444	73.8	444	602	100

O facto de os sujeitos declararem que a maior parte dos parceiros gosta de usar preservativo e das diferenças entre os rapazes e raparigas é consistente com Kigozi (2006).

O agrado dos parceiros em usar preservativo e a sua relação com o sexo dos sujeitos, é seguidamente analisado nas três amostras que dizem respeito aos parceiros fixos exclusivos, mistos e ocasionais.

No contexto das relações exclusivamente com parceiros fixos, observa-se que existe relacionamento estatístico significativo com o sexo dos sujeitos ($\chi^2_{(1)}=10.051$; $p=.002$), que se deve ao facto de que mais raparigas que rapazes afirmam que os parceiros não gostam de usar preservativo ($z=3.2$). Na amostra de sujeitos com parceiros mistos, aqui designados extemporâneos, observa-se algo semelhante ($\chi^2_{(1)}=4.659$; $p=.002$), pois são também mais as raparigas que declaram que os parceiros não gostam de usar preservativo ($z=2.2$) do que os rapazes. Na amostra dos sujeitos com parceiros exclusivamente ocasionais, não se encontraram diferenças significativas entre os sexos, no teste exacto de Fisher ($\chi^2_{(1)}=.506$; $p=.456$). No quadro 15 resumem-se os dados.

Quadro 15 Resumo do Agrado dos Parceiros em Usar Preservativo

Tipo de Relacionamentos	Rapazes				Raparigas				Total			
	Parceiras Não Gostam		Parceiras Gostam de Usar		Parceiros Não Gostam de Usar		Parceiros Gostam de Usar		Parceiros Não Gostam de Usar		Parceiros Gostam de Usar	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Parceiro Fixo Exclusivo	15	16.3	77	83.7	85	33.9	166	66.1	100	29.2	243	70.8
Parceiros Extemporâneos	27	22.7	92	77.3	13	41.9	18	58.1	40	26.7	110	73.3
Parceiro Ocasional Exclusivo	3	9.4	29	90.6	1	20	4	80	4	10.8	33	89.2

Olhando-se o total, os resultados são concordantes com Bauman e Berman (2005), que, no relato dos seus participantes, também encontram melhor aceitação do preservativo nos parceiros ocasionais e extemporâneos. Contudo, tal como Rosengard et al, (2005), observam, tanto nos rapazes como nas raparigas, a preferência do uso de preservativo nos sujeitos com parceiros extemporâneos é menor.

6.1.4.8 Método Contraceptivo Habitualmente Utilizado de acordo com o Tipo de Relacionamento dos Sujeitos

Método Habitualmente Usado Pelos Sujeitos Com Parceiros Fixos: Nos sujeitos que declaram ter parceiros fixos, o uso de preservativo com o seu parceiro principal tem menor representação percentual (N=237; 68.7%) do que com os seus parceiros extemporâneos (N=107; 74%), o mesmo acontecendo com o coito interrompido (N=34; 9.9% *versus* N=24; 16.4%), enquanto que no uso da pílula se passa o contrário (N=69; 20% *versus* N=11; 7.5%). Assim, nos sujeitos que se relacionam exclusivamente com parceiros fixos, 31.3% não se protegem de IST, enquanto que tal ocorre em 26% dos sujeitos, que tendo parceiros fixos se relacionam com outros indivíduos (quadro 16).

Quadro 16 Resumo dos Métodos Contraceptivos Mais Usados Pelos Sujeitos Com Parceiros Fixos nos Relacionamentos Com os Parceiros Principais e Extemporâneos

Método Contraceptivo	Sujeitos com Parceiros Fixos			
	Com Seus Parceiros Principais		Com Seus Parceiros Extemporâneos	
	N	%	N	%
Coito Interrompido	34	9.9	24	16.4
Pílula	69	20	11	7.5
Preservativo	237	68.7	108	74
Anel Hormonal	1	.3	-	-
Dupla Protecção	3	.9	-	-
Transcutâneo	1	.3	-	-
Ejaculação na Cavidade Oral	-	-	2	1.4
Não usa	-	-	1	.7
Total	345	100	146	100

Método Habitualmente Usado pelos Sujeitos Com Parceiros Ocasionais:

Considerando na amostra os sujeitos que têm relações sexuais exclusivamente com parceiros ocasionais, observa-se que a grande maioria utiliza o preservativo (N=29; 82.9%). Com menor representação é utilizado o coito interrompido (N=4; 11.4%), além de um sujeito que usa a pílula e outro que declara não utilizar nenhuma protecção. Assim seis sujeitos (17.2%) não se protegem de IST (tabela 47).

Tabela 47 Métodos Contraceptivos Usados Com Parceiros Ocasionais

Método Contraceptivo	Sujeitos com Parceiros Exclusivamente Ocasionais	
	N	%
Coito Interrompido	4	11.4
Pílula	1	2.9
Preservativo	29	82.9
Não usa	1	2.9
Total	35	100

Resumidamente, constata-se que em qualquer um dos tipos de relacionamento (i.e. fixo, extemporâneo ou ocasional), o preservativo é o método mais usado, concorrendo para os resultados de Vilar (2003), que identifica também maior preferência dos adolescentes por este método.

Contudo a representação percentual do uso de preservativo, é mais baixa nos relacionamentos com namorado/amigo habitual do que com parceiros extemporâneos. No uso da pílula observa-se o contrário, sendo maior a representação percentual nos relacionamentos com os parceiros habituais, do que nos relacionamentos com outros parceiros. A utilização do coito interrompido é maior, quando os sujeitos se relacionam com parceiros ocasionais.

A menor utilização do preservativo em favor da pílula, nos jovens com parceiros fixos é documentada por Nodin (2001), atribuindo-se o facto à maior confiança relacional e à possível noção de protecção que a monogamia pode oferecer. Observam Hillier, Harrison e Warr (1998) que ter parceiro único é considerado por alguns adolescentes como protecção contra IST em especial nas raparigas, constatando Bauman e Berman (2005) que a monogamia é entendida pelos adolescentes como mímica do casamento ou de relacionamentos com compromisso (i.e. *hubby-wifey*).

Relativamente ao menor uso de preservativo com os parceiros principais comparativamente aos parceiros extemporâneos, os resultados confirmam Rosengard et al (2005), que encontram diferenças no uso do método, quando consideram os encontros

afectivo-sexuais mais recentes e exploram a utilização deste contraceptivo com o parceiro principal e com os outros parceiros.

6.1.4.9 Método Contraceptivo Utilizado no Último Episódio de Coito em Sujeitos Com Parceiros Ocasionais e Sujeitos Com Parceiros Extemporâneos

Quando questionados sobre o método usado no último episódio de coito, os sujeitos com parceiros extemporâneos indicam em especial o preservativo (N=74; 67.9%), cinco (4.6%) mencionam a pílula, mas 30 (27.5%) não identificam o método utilizado. Nos sujeitos que se relacionam exclusivamente com parceiros ocasionais, 24 (80%) afirmam ter usado o preservativo no último coito com parceiro ocasional, um utilizou a pílula e cinco (16.7%) não identificam o método (quadro 17).

Quadro 17 Resumo do Uso de Contraceção no Último Episódio de Coito com Parceiros Ocasionais nos Sujeitos com Parceiros Extemporâneos e Ocasionais

Método Contraceptivo	Uso de Contraceção no Último Episódio de Coito			
	Sujeitos com Parceiros Ocasionais		Sujeitos com Parceiros Extemporâneos	
	N	%	N	%
Preservativo	24	80	74	67.9
Pílula	1	3.3	5	4.6
Não Identifica Método	5	16.7	30	27.5
Total	30	100	109	100

Os resultados do presente estudo, referentes ao uso de preservativo com parceiros ocasionais são superiores aos encontrados por Hillier, Harrison e Warr (1998) em população com idade entre os 15 e os 19 anos (80% *versus* 69%). São consistentes com Rosengard et al (2005), que encontram maior utilização de preservativo nos adolescentes com parceiros ocasionais do que em sujeitos com parceiros fixos que têm simultaneamente parceiros ocasionais.

6.1.5 Caracterização dos Pares, no Âmbito Afectivo-Sexual no Contexto das Experiências Afectivo-Sexuais dos Sujeitos

6.1.5.1 O Namoro nos Amigos e o Namoro nos Sujeitos

No total dos 1516 sujeitos que responderam à questão uma pequena parte desconhece, tanto se os seus amigos namoram, tanto como pensam que nenhum namora (N=55, 3.6% e N=52; 3.4%). Por outro lado, 609 sujeitos (40.2%) consideram que “poucos” dos seus amigos têm namoro, enquanto que 472 (31.1%) supõem que tal ocorre em “metade”, 306 (20.2%) pensa que acontece em “quase todos” e 22 (1.5%) acham que “todos” têm namorado(a).

Quando se toma a relação entre a suposição que os sujeitos têm sobre o namoro dos amigos e a ocorrência de namoro actual nos próprios sujeitos, encontram-se diferenças significativas ($U_{(1196)}=129469.5$; $Z=-8.146$; $p=.000$), observando-se que a média de ordenações dos sujeitos que namoram ($M=687.63$) é mais alta que naqueles que não namoram ($M=531.78$).

Por exemplo, no cruzamento das variáveis é evidente que, quando os sujeitos têm namorado, a suposição de que “metade”, “quase todos” e “todos” os amigos namoram é mais alta (N=174; 34%, N=156; 30.5% e N=15; 2.9%), que nos sujeitos que não têm actualmente namoro (N=221; 32.3%, N=102; 14.9% e N=3; .4%). A tabela 48 apresenta os dados.

Tabela 48 Ocorrência de Namoro nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Namoro nos Sujeitos

Namoro Actual nos Sujeitos		Os Amigos têm Namoro						Total
		Não sabe	Nenhum	Poucos	Metade	Quase todos	Todos	
Não	Observados	30	20	308	221	102	3	684
	% no namoro actual dos sujeitos	4.4	2.9	45	32.3	14.9	.4	100
Sim	Observados	10	9	148	174	156	15	512
	% no namoro actual dos sujeitos	2	1.8	28.9	34	30.5	2.9	100
Total	Observados	40	29	456	395	258	18	1196
	% no namoro actual dos sujeitos	3.3	2.4	38.1	33	21.6	1.5	100

Os resultados são concordantes com Harper et al, (2004) que identificam nos seus participantes o reconhecimento de similaridades nos comportamentos dos amigos, sendo mesmo por vezes os promotores de alguns namoros.

6.1.5.2 As Experiências de Coito nos Pares e as Experiências de Coito nos Sujeitos

Quando se considera a totalidade dos sujeitos que participaram neste estudo, 268 (18.5%) desconhecem se os seus amigos próximos já tiveram relações sexuais, enquanto que 81 (5.6%) supõe que tal não ocorreu nos seus amigos. Por outro lado 415 (28.6%) pensam que aconteceu com “poucos” no seu grupo de pares, 273 (18.8%) supõe que “metade” dos seus amigos tiveram relações sexuais, 334 (23%) que “quase todos” experimentaram o coito e 80 (5.5%) que “todos” são experientes neste assunto.

Quando na análise dos dados se observa a suposição do coito nos amigos, nos dois grupos dos sujeitos com e sem experiências de coito, encontram-se diferenças significativas ($U_{(1429)}=124672.5$; $Z=-16.848$; $p=.000$), constatando-se que a média de ordenações dos que são experientes nas relações sexuais é mais elevada ($M=915.86$) que nos que são inexperientes ($M=554.82$). Assim, para exemplo, no grupo do 634 sujeitos com experiências de coito, os que supõem que “quase todos” os seus amigos também são experientes no coito têm uma representação mais elevada (38.5%), do que no grupo dos 795 sujeitos que não têm praticas de coito, pois a representação de “quase todos” é mais baixa (11.1%). A tabela 49 apresenta os dados.

Tabela 49 Ocorrência de Relações Sexuais nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Relações Sexuais nos Sujeitos

Experiências de Coito nos Sujeitos		Os Amigos têm Experiências de Coito						Total
		Não sabe	Nenhum	Poucos	Metade	Quase todos	Todos	
Não	Observados	209	65	293	127	88	14	795
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	26.3	8.2	36.7	16	11.1	1.8	100
Sim	Observados	52	13	115	144	244	66	634
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	8.2	2.1	18.1	22.7	38.5	10.4	100
Total	Observados	261	78	407	271	332	80	1429
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	18.3	5.5	28.5	19	23.2	5.6	100

Os resultados confirmam Boyce et al, (2003), que também verificam, nos adolescentes que reconhecem em mais de metade dos seus amigos práticas de coito, maior probabilidade de os próprios terem também relações sexuais.

Considerando o grupo dos rapazes, observa-se que há diferenças significativas ($U_{(599)}=22285.5$; $Z=-10.902$; $p=.000$), sendo a média de ordenações dos rapazes experientes nas relações sexuais mais elevada ($M=377.42$) que nos inexperientes ($M=226.86$). A tabela 50 apresenta os resultados nos grupos.

Tabela 50 Ocorrência de Relações Sexuais nos Amigos de acordo com a Ocorrência de Relações Sexuais nos Rapazes

Experiências de Coito nos Rapazes		Os Amigos têm Experiências de Coito						Total
		Não sabe	Nenhum	Poucos	Metade	Quase todos	Todos	
Não	Observados	97	24	110	43	28	6	308
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	31.5	7.8	35.7	14	9.1	1.9	100
Sim	Observados	29	10	58	52	106	36	291
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	10	3.4	19.9	17.9	36.4	12.4	100
Total	Observados	126	34	168	95	134	42	599
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	21	5.7	28	15.9	22.4	7	100

Kigozi (2006) observou também nos rapazes que declaravam experiências de coito, que a grande maioria (89.3%) supunha que tal ocorresse no grupo de pares.

Nas raparigas também se verificam diferenças significativas ($U_{(825)}=39999$; $Z=-12.956$; $p=.000$). A média de ordenações das raparigas que declaram experiências de coito são mais elevadas ($M=537.70$) que nas que negam ($M=325.14$). A tabela 51 apresenta os resultados nos grupos.

Tabela 51 Ocorrência de Relações Sexuais nos Amigos de acordo com a Ocorrência de Relações Sexuais nas Raparigas

Experiências de Coito nas Raparigas		Os Amigos têm Experiências de Coito						Total
		Não sabe	Nenhum	Poucos	Metade	Quase todos	Todos	
Não	Observados	111	40	182	83	60	8	484
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	22.9	8.3	37.6	17.1	12.4	1.7	100
Sim	Observados	23	3	57	91	137	30	341
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	6.7	.9	16.7	26.7	40.2	8.8	100
Total	Observados	134	43	239	174	197	38	825
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	16.2	5.2	29	21.1	23.9	4.6	100

Nas raparigas Kigozi (2006) constatou resultados semelhantes, pois as suas participantes com experiências de coito supunham que 74.9% dos seus amigos se tinham também iniciado.

No global, os resultados são coincidentes com Martinez (2000), que em revisão de estudos confirma, que o factor com maior poder predictivo das experiências coitais em ambos os sexos é a percepção dos melhores amigos como sexualmente activos. Porventura as interações entre os elementos do grupo de pares poderão possuir efeito substantivo nas decisões de coito dos sujeitos, espelhando a teoria de influência triádica, onde se reconhece que os tempos de decisão para o primeiro coito são determinados em parte pela normativa dos comportamentos sexuais dos pares e pelos valores percebidos neste contexto (Sieving, Eisenberg, Pettingell & Skay, 2006, citam Flay, B. & Petraitis, J. 1994).

6.1.5.3 As Experiências de Sexo Oral nos Pares e as Experiências de Sexo Oral nos Sujeitos

Relativamente às experiências de sexo oral dos amigos, observa-se que a maior representação recai sobre 291 sujeitos (44.2%) que desconhece tal facto nos comportamentos dos amigos, seguindo-se 198 sujeitos (30.1%) que supõem que tal acontece em “poucos” dos seus amigos e 68 (10.3%) que terá ocorrido em “metade”. Uma minoria pensa que o sexo oral será uma prática possível em “quase todos” e “em todos” (N=47; 7.1%, N=26; 4% respectivamente) e 28 (4.3%) supõem que os amigos não praticam sexo oral.

Se se observarem os comportamentos de sexo oral dos amigos na perspectiva dos sujeitos que praticam ou não, eles mesmos, sexo oral, observa-se que há diferenças significativas ($U_{(656)}=35329$; $Z=-8.054$; $p=.000$), verificando-se que a média de ordenações dos sujeitos que negam tais práticas é mais baixa ($M=274.60$) que a daqueles que a confirmam ($M=386.84$).

Por exemplo, considerando os 315 sujeitos que têm experiências de sexo oral, observa-se que a percepção de que “quase todos” os seus amigos são praticantes (13%) é superior à representação encontrada nos 341 que não são praticantes de sexo oral, quando consideram que todos os seus amigos têm este tipo de práticas (1.8%). Por outro lado, nos 341 sujeitos que não têm experiências de sexo oral, a suposição de que “poucos” dos seus amigos têm essas práticas é maior (32%), do que nos 315 sujeitos que são praticantes quando supõem que “poucos” dos seus amigos o são (28.3%). A tabela 52 apresenta os dados.

Tabela 52 Ocorrência de Sexo Oral nos Amigos de acordo com a Ocorrência de Sexo Oral nos Sujeitos

Experiências de Sexo Oral nos Sujeitos		Amigos com Experiência de Sexo Oral						Total
		Não sabe	Nenhum	Poucos	Metade	Quase todos	Todos	
Não	Observados	183	23	109	19	6	1	341
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	53.7	6.7	32	5.6	1.8	.3	100
Sim	Observados	106	5	89	49	41	25	315
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	33.7	1.6	28.3	15.6	13	7.9	100
Total	Observados	289	28	198	68	47	26	656
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	44.1	4.3	30.2	10.4	7.2	4	100

Os resultados são coincidentes com Prinstein, Meade e Cohen (2003), que reconhecem semelhanças entre os comportamentos de sexo oral dos sujeitos e dos seus melhores amigos.

6.1.5.4 Ocorrência de Parceiros Múltiplos nos Amigos e nos Sujeitos

Considerando os sujeitos que declaram experiências de coito, uma parte representativa (N=239; 40.1%) desconhece se os seus amigos têm múltiplos parceiros, 155 (26%) pensa que tal ocorre em poucos e 83 (13.9%) supõem que nenhum tem tal tipo de comportamentos. Em representações percentuais mais baixas, 59 sujeitos (9.9%) pensa que o facto ocorre em metade dos amigos, 32 (5.4%) em quase todos os amigos e 28 (4.7%) em todos os seus amigos.

Considere-se agora, sob o ponto de vista dos próprios participantes, que têm ou não eles mesmo parceiros ocasionais, a ocorrência de parceiros múltiplos nos amigos. Observa-se que há diferenças significativas na suposição da ocorrência de parceiros múltiplos nos amigos, em função dos comportamentos dos próprios sujeitos ($U_{(588)}=29231.5$; $Z=-4.125$; $p=.000$).

Na realidade a média de ordenações dos sujeitos que têm parceiros ocasionais ($M=336.10$; $N=180$) é mais elevada que a média de ordenações dos que não têm parceiros ocasionais ($M=276.15$; $N=408$). Por exemplo, no grupo dos 180 sujeitos que têm parceiros ocasionais, a representação daqueles que supõem que “todos” os seus amigos têm parceiros múltiplos (11.1%) é superior àquela que os sujeitos que não têm parceiros ocasionais na mesma modalidade (1.7%). Por outro lado, nos 408 sujeitos que negam parceiros ocasionais, a maior representação de que “nenhum” dos amigos tem parceiros múltiplos está nos sujeitos que não se reconhecem com parceiros ocasionais (17.6%), face àqueles que assumem o facto (5.6%). A tabela 53 apresenta os resultados.

Tabela 53 Ocorrência de Múltiplos Parceiros nos Amigos de Acordo com a Ocorrência de Parceiros Ocasioneis nos Sujeitos

Sujeitos com Parceiros Ocasioneis		Amigos com com Parceiros Múltiplos						Total
		Não sabe	Nenhum	Poucos	Metade	Quase todos	Todos	
Sim	Observados	66	10	41	27	16	20	180
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	36.7	5.6	22.8	15	8.9	11.1	100
Não	Observados	170	72	111	32	16	7	408
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	41.7	17.6	27.2	7.8	3.9	1.7	100
Total	Observados	236	82	152	59	32	27	588
	% na ocorrência de coito nos sujeitos	40.1	13.9	25.9	10	5.4	4.6	100

No global, os dados referentes aos comportamentos dos sujeitos e dos pares relativamente ao namoro, coito e sexo oral e parceiros múltiplos, são sugestivos de que o percurso pelas várias experiências é semelhante. Simultaneamente, levantam a ideia de que determinados comportamentos podem ser indicativos da pertença a sub-grupos, onde as experiências em questão são expectáveis.

6.1.6 Caracterização dos Sujeitos Quanto aos Recursos de Informação Sobre Temáticas Afetivo-sexuais

6.1.6.1 Agentes de Informação sobre o Amor

A maioria dos sujeitos colhe informações sobre o amor junto dos amigos íntimos (N=767; 51.3%). Menos representativo, mas em segundo lugar surge a mãe (N=218; 14.6%) e só depois o namorado (N=125; 8.4%). Os primos/irmãos/amigos figuram com representações aproximadas ao pai, professores e profissionais de saúde (N=61; 4.1%, N=45; 3%, N=41; 2.7% e N=42; 2.8% respectivamente. A tabela 54 apresenta as frequências.

Tabela 54 Agentes de Informação Sobre o Amor Considerados Mais Úteis

Agentes de Informação Sobre o Amor		
	N	%
Amigos íntimos	767	51.3
Namorado(a)	125	8.4
Mãe	218	14.6
Pai	45	3
Professor	41	2.7
Profissional de Saúde	42	2.8
Livros/TV/Porno/Net	14	.9
Primos/Irmãos/Amigos	61	4.1
Ninguém/Experiência Pessoal	45	3
Pessoas da Geração Anterior	10	.7
Outros Vários	127	8.5
Total	1495	100

A eleição dos amigos íntimos em primeiro lugar concorre para as considerações de Zimmer-Gembeck (2002) sobre o papel dos pares no desenvolvimento romântico e é consistente com os resultados de Harper et al (2004) e Vilar (2003). Junto dos amigos, os sujeitos encontram porventura, pontes para a comunicação com os potenciais namorados, aprendizagens e orientações para o exercício dos novos papéis amorosos no sentido de uma progressiva autonomia de sentimentos a maior prazo.

O segundo lugar ocupado pela mãe, é consistente com Kigozi (2006), que como tema de conversa entre os seus participantes e as mães, encontra entre outros, o que preferir num potencial parceiro(a). Os resultados reflectirão porventura a maior atenção da parte desta figura face ao desenvolvimento do adolescente, a facilidade na comunicação de sentimentos

ou a sensação de apoio incondicional que se prolonga da infância para os desafios da adolescência.

O namorado, enunciado em terceiro lugar, é concordante com as considerações de Zimmer-Gembeck (2002), sugerindo que apesar dos assuntos românticos serem preferencialmente tratados junto dos amigos, os sujeitos estarão no caminho para a partilha de afectos de maior intimidade.

6.1.6.2 Agentes de Informação Sobre Relações Sexuais

Os agentes de informação sobre relações sexuais mais apontados pelos sujeitos são os amigos íntimos (N=512; 34.7%). Com representação aproximada, os sujeitos consideram a mãe (N=200; 13.6%), os profissionais de saúde (N=183; 12.4%) e os professores (N=157; 10.7%). Curiosamente o namorado apresenta uma representação percentual mais baixa (9%), que os agentes indicados anteriormente. O pai e os irmãos/primos/amigos entram em percentagens mais baixas e aproximadas (N=54; 3.7% e N=55; 3.7%). A tabela 55 apresenta as frequências.

Tabela 55 Agentes de Informação Sobre Relações Sexuais Considerados Mais Úteis

Agentes de Informação Sobre Relações Sexuais		
	N	%
Amigos íntimos	512	34.7
Namorado(a)	132	9
Mãe	200	13.6
Pai	54	3.7
Professor	157	10.7
Profissional de Saúde	183	12.4
Livros/TV/Porno/Net	31	2.1
Primos/Irmãos/Amigos	55	3.7
Ninguém/Experiência Pessoal	32	2.2
Pessoas da Geração Anterior	13	.9
Outros Vários	105	7.1
Total	1474	100

A eleição dos amigos íntimos como os agentes mais representativas nas informações sobre relações sexuais é consistente com Harper et al (2004), identificando-se nestas figuras a maior confiança e o maior à vontade quer para expor as experiências, quer para esclarecer

detalhes de maior intimidade. Os resultados são consistentes com Vilar (2003), que encontra também nas primeiras posições como agentes de informação sobre a sexualidade os amigos e a mãe. Comparativamente ao lugar ocupado pela mãe, os resultados não são consistentes com Kigozi (2006), pois embora a mãe neste estudo de referência esteja em lugar destacado, os participantes não abordam com esta figura a temática das relações sexuais.

A escolha dos profissionais de saúde em terceiro lugar e dos professores em quarto, pode talvez ser o reflexo da tendência recente de parcerias entre os estabelecimentos escolares e os centros de saúde. O facto é que o recurso a estes agentes pode preencher informação desconhecida pelos pares ou família, além de que a exposição de alguns aspectos se torna porventura mais fácil aos adolescentes.

6.1.6.3 Agentes de Informação Sobre Contracepção

São os professores e os profissionais de saúde (N=406; 27.4% e N=348; 23.5%) os agentes mais apontados pelos sujeitos como mais úteis na informação sobre a contracepção, seguindo-se os amigos íntimos (N=254; 17.2%). Com representação menor estão a mãe (N=142; 9.6%) e os namorados(as) (N=39; 2.6%). A tabela 56 apresenta os dados.

Tabela 56 Frequências dos Agentes de Informação Sobre Contracepção Considerados Mais Úteis

Agentes de Informação Sobre Contracepção		
	N	%
Amigos íntimos	254	17.2
Namorado(a)	39	2.6
Mãe	142	9.6
Pai	28	1.9
Professor	406	27.4
Profissional de Saúde	348	23.5
Livros/TV/Porno/Net	35	2.4
Primos/Irmãos/Amigos	22	1.5
Ninguém/Experiência Pessoal	16	1.1
Pessoas da Geração Anterior	9	.6
Outros Vários	181	12.2
Total	1480	100

O reconhecimento da maior utilidade dos educadores formalmente instituídos (i.e. professores e profissionais de saúde) como agentes mais úteis sobre as matérias da

contraceção, concorre para os resultados de Oliva, Serra e Vallejo (1993), que não enunciando exactamente as mesmas figuras, observa que os seus participantes elegeriam figuras da saúde em primeiro lugar (i.e. médico 35.2% e centro de planeamento familiar 27.5%), deixando ao amigo/namorado uma representação mais reduzida (3.5%). Tal facto pode porventura ser atribuído, a alguma preocupação que actualmente emerge nas escolas na abordagem do assunto ou à maior facilidade de apresentação do assunto pelos adolescentes. Em terceiro lugar figuram os amigos íntimos, sugerindo que os sujeitos lhe reconhecem menor competência, apesar da maior confiança. A posição da mãe em quarto lugar, distanciada do pai, será talvez o reflexo da maior comunicação por ser em geral, na família, a maior cuidadora. Curiosamente a representação do namorado(a) é reduzida, conduzindo à ideia de Nodin (2001) de que nos jovens portugueses a contraceção faz-se mas não se fala, porventura pelas implicações relacionais que daí possam advir.

Considerou-se oportuno observar se o conhecimento teórico sobre a correcção na aplicação do preservativo se relaciona estatisticamente com os seis agentes de informação considerados mais importantes pelos sujeitos. Observou-se que o conhecimento teórico é independente do agente de informação sobre métodos contraceptivos ($\chi^2_{(5)}=3.013$; $p=.698$), ou seja, em cada agente, a representação nas categorias “correcto” ou “incorrecto”, é semelhante. Este facto é algo preocupante, pois seria esperado que os profissionais de saúde fossem agentes que exercessem alguma influência nos conhecimentos que são necessários aos adolescentes para lidar com este método contraceptivo.

6.1.7 Caracterização dos Sujeitos Quanto a Consumo e Efeitos do Álcool

6.1.7.1 Consumo de Álcool nas Saídas com Amigos

Relativamente ao consumo de álcool nas saídas com os amigos, observa-se que 435 (29.1%) sujeitos declaram-se não consumidores de álcool. Por outro lado 533 (35.7%)

consomem 1-2 cervejas/shots, 237 (15.9%) consomem 3-4 cervejas/shots e 289 (19.3%) consome mais que 5 cervejas/shots. Entre rapazes e raparigas há diferenças significativas ($U_{(1488)}=165381$; $Z=-13.420$; $p=.000$), revelando os rapazes uma média de ordenações mais elevada ($M=910.56$) que as raparigas ($M=620.88$). De facto, nos sujeitos que são consumidores de “cinco ou mais cervejas/shots”, a maior representação é dos rapazes ($N=236$; 37.2%) comparativamente às raparigas ($N=53$; 6.2%). Por outro lado, mais raparigas consomem bebidas não alcoólicas ($N=307$; 36%) do que rapazes ($N=125$; 19.7%) (tabela 57).

Tabela 57 Consumo de Álcool nas Saídas com os Amigos de Acordo com o Sexo

Sexo	Consumo de Álcool nas Saídas com Amigos					Total
	Sumos/Águas	1-2 cerveja/shots	3-4 cerveja/shots	5/mais cerveja/shots		
Rapazes	Observados	125	163	111	236	635
	% no Sexo	19.7	25.7	17.5	37.2	100
Raparigas	Observados	307	369	124	53	853
	% no Sexo	36	43.3	14.5	6.2	100
Total	Observados	432	532	235	289	1488
	% no Sexo	29	35.8	15.8	19.4	100

Os resultados corroboram Matos (2003) e Navarro et al (2006), que também identificam maior consumo de álcool nos rapazes do que nas raparigas.

Considerando apenas os sujeitos menores de 16 anos, são consumidores de 1-2 cervejas/shots 172 sujeitos (35%), de 3-4 cervejas/shots 73 sujeitos (14.8%) e de mais de 5 cervejas/shots 62 sujeitos (12.6%). Assim, apesar de no nosso país estar legalmente¹ proibida a venda de álcool a menores de 16 anos, o facto é que lhes está acessível. Estes aspectos concorrem para os resultados de Matos (2003) que regista nos adolescentes alentejanos o segundo lugar no maior consumo de álcool.

6.1.7.2 Efeitos do Álcool nas Saídas com Amigos

Os sujeitos foram também inquiridos em relação aos efeitos do consumo de álcool. A maioria ($N=936$; 62.9%) afirma que controla o efeito do álcool, 80 sujeitos (5.4%) reconhece

¹ Dec-lei nº9/2002 de 24 de Janeiro (artigos 2º e 3º)

embriaguez e necessidade de ser levado a casa pelos amigos e em 23 casos (1.5%) foi preciso recorrer aos serviços de saúde. Há contudo 449 (30.2%) que ficam sóbrios uma vez que não bebem. Nos sujeitos com menos de 16 anos, 274 (56.8%) afirmam-se com controlo sobre as quantidades de álcool ingeridas, 18 (3.7%) foram levados a casa pelos amigos em estado de embriaguez e dez (2.1%) foram alguma vez levados ao hospital.

Os resultados são concordantes com Matos (2003), que regista nos adolescentes alentejanos o reconhecimento de embriaguez uma a três vezes em 20.5% dos casos e quatro ou mais vezes em 9.8% dos casos.

6.1.7.3 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração

Nos 677 sujeitos que se declaram com experiências de sexo sem penetração, a maioria (N=554; 87.1%) não consumiu álcool no primeiro episódio desta ocorrência, enquanto que 82 (12.9%) confirmam o facto. Observou-se relacionamento estatístico significativo com o sexo ($\chi^2_{(1)}=13.011$; $p=.000$). Assim, nos não consumidores de álcool a maior representação é das raparigas (N=299; 91.7%) comparativamente aos rapazes (N=252; 82.1%), enquanto que nos sujeitos que referem consumo de álcool na primeira experiência de sexo sem penetração a maior representação é dos rapazes (N=55; 17.9%) comparativamente às raparigas (N=27; 8.3%). A tabela 58 apresenta os resultados.

Tabela 58 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração de Acordo com o Sexo

Sexo	Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Sem Penetração								
	Não Consumidores			Consumidores			Total		
	Observados		Esperados	Observados		Esperados	Observados		Esperados
	N	%	N	N	%	N	N	%	N
Masculino	253	82.1	268	55	17.9	40	308	100	308
Feminino	299	91.7	283	27	8.3	42	326	100	326
Total	552	87	552	82	13	82	634	100	100

6.1.7.4 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Oral

Considerando os sujeitos que se declaram com experiências de sexo oral, observa-se que o consumo de álcool esteve presente no primeiro episódio desta experiência em 61 casos

(20.7%), não tendo sido utilizado na maioria das vezes (N=233; 79.3%). Entre o sexo e o consumo de álcool na primeira experiência de sexo oral, há relacionamento estatístico significativo ($\chi^2_{(1)}=4.966$; $p=.026$). Constata-se que mais sujeitos do sexo masculino tiveram o primeiro episódio de sexo oral associado a consumo de álcool (N=40; 25.8%) do que sujeitos do sexo feminino (N=21; 15.2%). Por outro lado, mais raparigas do que rapazes (N=117; 84.8% *versus* N=115; 74.2%) declaram o primeiro episódio da experiência sem consumo de álcool. A tabela 59 apresenta os resultados.

Tabela 59 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Oral de acordo com o Sexo

Sexo	Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Sexo Oral								
	Não Consumidores			Consumidores			Total		
	Observados		Esperados	Observados		Esperados	Observados		Esperados
	N	%	N	N	%	N	N	%	N
Masculino	115	74.2	123	40	25.8	32	155	100	155
Feminino	117	84.8	109	21	15.2	29	138	100	138
Total	232	79.2	232	61	20.8	61	293	100	193

Embora não esteja contextualizado na primeira experiência de sexo oral, a associação entre o comportamento e o consumo de álcool é também reconhecida por Prinstein, Meade e Cohen (2003).

6.1.7.5 Consumo de Álcool no Primeiro Coito

Nos sujeitos que se declaram com experiências de coito, o consumo de álcool no primeiro episódio de coito esteve presente em 103 casos (17.6%) e não se observou na maioria das vezes (N=483; 82.3%). Observa-se associação estatisticamente significativa com o sexo ($\chi^2_{(1)}=8.490$; $p=.004$), pois nos sujeitos que não consumiram a maior representação é das raparigas (N=272; 86.6%) comparativamente aos rapazes (N=209; 77.4%) enquanto que nos consumidores os rapazes têm maior representação que as raparigas (N=61; 22.6% *versus* N=42; 13.4%). A tabela 60 apresenta os resultados.

Tabela 60 Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Coito de Acordo com o Sexo

Sexo	Consumo de Álcool na Primeira Experiência de Coito								
	Não Consumidores			Consumidores			Total		
	Observados		Esperados	Observados		Esperados	Observados		Esperados
	N	%	N	N	%	N	N	%	N
Masculino	209	77.4	222	61	22.6	48	270	100	270
Feminino	272	86.6	259	42	13.4	55	314	100	314
Total	481	82.4	481	103	17.6	103	584	100	584

Nos consumidores, os resultados são superiores aos de Dickson et al, (1998), que no seu estudo encontram em 10% dos rapazes e das raparigas o reconhecimento de consumo de álcool aquando do primeiro coito.

Resumidamente, constata-se que a associação entre o álcool e o primeiro episódio de qualquer uma das experiências sexuais referidas é a maior parte das vezes negado pelos sujeitos. Nas raparigas a associação entre o álcool e as experiências sexuais iniciais são significativamente menos frequentes. Os dados sugerem ainda que as práticas de sexo oral se fazem acompanhar de consumo de álcool mais frequentemente que as outras experiências sexuais.

Embora Matos (2003) analise a associação entre o consumo de álcool e as relações sexuais e no presente estudo se direcione a questão para o primeiro episódio de coito, os resultados são condicentes, quer em termos de representação percentual na amostra global, quer na maior representação das raparigas como não consumidoras. Os resultados são também consistentes com a revisão de estudos realizada por Cooper (2002), onde o autor, que cita Leigh e Schafer (1993), encontra estreitas relações entre o consumo de álcool e a ocorrência de relações sexuais, exibindo os rapazes maior representação do que as raparigas.

6.2 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 2

À luz do modelo das Visões Românticas proposto por Furman (1994), caracterizam-se os sujeitos relativamente à percepção que possuem sobre os seus relacionamentos amorosos 1) nos estilos românticos globais e 2) nos estilos românticos dos sistemas comportamentais, procurando-se também associações com algumas das variáveis independentes complementares.

6.2.1 Estilos Românticos Globais e Estilos Seguros dos Sistemas Comportamentais

Observaram-se correlações inversas entre o estilo seguro e os estilos receoso ($r=-.273$; $p=.000$; $N=1404$) e evitativo-experimentação ($r=-.209$; $p=.000$; $N=1424$), mostrando que quanto maior é a percepção segura que os sujeitos têm sobre os seus relacionamentos românticos, menor se torna a evitação-experimentação ou o receio. Os estilos evitativo-experimentação e receoso correlacionam-se positivamente ($r=.391$; $p=.000$; $N=1420$).

As descritivas mostram que a média do estilo seguro é a mais elevada ($M=3.69$; $dp=.481$), seguindo-se o estilo evitativo-experimentação ($M=2.84$; $dp=.623$) e o estilo receoso ($M=2.64$; $dp=.474$). Na comparação de médias através do teste t de amostras emparelhadas verifica-se que os sujeitos têm percepções significativamente mais seguras dos seus relacionamentos, do que percepções evitativas-experimentação ($t_{(1423)}=37.452$; $p=.000$) ou de receio ($t_{(1403)}=51.715$; $p=.000$). Por outro lado as características de evitação-experimentação são significativamente mais reconhecidas que as de receio ($t_{(1419)}=-11.988$; $p=.000$). A alínea a) da primeira hipótese confirma-se.

Resumidamente, os sujeitos do presente estudo caracterizam as experiências românticas no grupo de pares como seguras, colocando em segundo plano percepções evitativas-experimentação, que de acordo com a AFCP são conotadas com os aspectos lúdico-eróticos, valorizando menos as percepções de receio.

Os dados são concordantes com Furman e Wehner (1997) e Furman et al (2002), que encontram também maior representação do estilo seguro e menor nos estilos evitativo e inquieto.

Identificar os parceiros amorosos essencialmente como fontes de apoio, enquadra um desenvolvimento que espelha potencialidades e ensaia as capacidades para futuros relacionamentos de confiança. Por outro lado a valorização em segundo plano do estilo evitativo-experimentação, no sentido lúdico-erótico, enquadra-se também no desenvolvimento, uma vez que é através dos jogos de cortejar, dos episódios de experimentação de sensações sexuais, que o adolescente exercita o conhecimento de si mesmo como ser sexual e se prepara para o exercício da sexualidade partilhada. Por último, a terceira posição do estilo receoso, que tem conotação de inquietude na percepção romântica, pode ser justificável, tanto pela maior valorização dos anteriores, como pelo desejo de ajustamento às experiências afectivo-sexuais, no contexto da “mensuração”, daquilo que é razoável oferecer mas também obter como retribuição no romance.

Relativamente aos estilos românticos dos sistemas comportamentais, nas correlações de Pearson observou-se que a mais alta se encontrava entre a afiliação segura e evitativa ($r=-.556$) e a mais baixa entre a intimidade segura e a intimidade evitativa-experimentação ($r=-.062$). A tabela 61 apresenta os resultados.

Tabela 61 Correlações por Pares dos Estilos Românticos em Cada Sistema Comportamental

	Estilos Românticos	N	Correlações	P
Par 1	Vinculação Segura & Vinculação Evitativa	1489	-.531	.000
Par 2	Vinculação Segura & Vinculação Inquieta	1476	-.070	.007
Par 3	Vinculação Evitativa & Vinculação Inquieta	1477	.224	.000
Par 4	Cuidado Seguro & Cuidado Evitativo	1489	-.467	.000
Par 5	Cuidado Seguro & Cuidado Inquieto	1490	.380	.000
Par 6	Cuidado Evitativo & Cuidado Inquieto	1490	-.225	.000
Par 7	Afiliação Segura & Afiliação Evitativa	1472	-.556	.000
Par 8	Afiliação Segura & Afiliação Inquieta	1471	-.394	.000
Par 9	Afiliação Evitativa & Afiliação Inquieta	1471	.312	.000
Par 10	Intimidade Segura & Intimidade Evitativa-Experimentação	1454	.062	.017
Par 11	Intimidade Segura & Intimidade Receosa	1455	-.146	.000
Par 12	Intimidade Evitativa-Experimentação & Intimidade Receosa	1455	.321	.000

Para testar a alínea b) da primeira hipótese, que supunha maior representação, no estilo seguro, dos sistemas de afiliação e intimidade comparativamente aos sistemas de vinculação e cuidado, observaram-se, as comparações por pares. Através do teste t de amostras emparelhadas, constata-se que os sujeitos têm percepções de afiliação segura comparativamente mais altas que de vinculação segura ($t_{(1462)}=-18.649$; $p=.000$) e cuidado seguro $t_{(1465)}=-3.855$; $p=.000$, tal como consideram nos seus relacionamentos românticos, maior intimidade segura do que vinculação ($t_{(1448)}=-14.388$; $p=.000$). Entre a intimidade segura e o cuidado seguro as diferenças não são significativas $t_{(1450)}=-1.123$; $p=.262$) (tabela 62). A alínea b) da primeira hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 62 Diferenças por Pares nas Médias dos Estilos Seguros dos Sistemas Comportamentais

Estilos dos Sistemas Comportamentais		Média	dp	t	gl	P
Par 1	Vinculação Segura – Afiliação Segura	-.339	.695	-18.649	1462	.000
Par 2	Cuidado Seguro - Afiliação Segura	-.064	.639	-3.855	1465	.000
Par 3	Vinculação Segura – Intimidade Segura	-.292	.774	-14.388	1448	.000
Par 4	Cuidado Seguro – Intimidade Segura	-.018	.611	-1.123	1450	.262

Exceptuando-se a diferença não significativa entre o cuidado seguro e a intimidade segura, os resultados são condicentes com Furman e Wehner (1997) que enunciam a percepção de afiliação e intimidade seguras como as mais marcadas nos relacionamentos românticos dos adolescentes.

6.2.2 Estilos Românticos Globais a Idade e o Sexo

Para responder à alínea c) da primeira hipótese, que supõe o efeito da idade e do sexo e o efeito conjunto destes dois factores, realizou-se uma análise de variância multivariada a dois factores (MANOVA), considerando-se como variáveis dependentes os estilos seguro, receoso e evitativo-experimentação e como factores independentes o sexo e a idade em três grupos (i.e. 14-15, 16-17, 18-21 anos)

A normalidade, observada através dos resíduos do teste K-S, verificou-se no estilo seguro em todos os grupos de idade ($p=.200$) e no estilo receoso no grupo dos 18-21 anos.

Quanto aos restantes, a observação das descritivas mostra normalidade, excepto no estilo receoso no grupo dos mais novos por ser leptocúrtica ($K/ep=3.12$) e no estilo evitativo-experimentação no grupo dos mais novos por ser assimétrica negativa ($Sk/ep=-3.15$) e leptocúrtica ($K/ep=2.47$). Quanto ao sexo, o K-S dos resíduos mostra normalidade no estilo seguro no grupo das raparigas ($p=.074$), não ocorrendo tal nos restantes. Nas descritivas as distribuições mostram-se simétricas e mesocúrticas, excepto o estilo evitativo-experimentação no grupo dos rapazes que é leptocúrtica ($K/ep=4.00$). A observação recaiu sobre 1378 sujeitos (tabela 63).

Tabela 63 Médias dos Estilos Românticos nos Grupos Etários de Acordo com o Sexo

Estilos	Idade	Sexo	Média	dp	N
Seguro	14-15 anos	Masculino	3.49	.481	184
		Feminino	3.65	.477	255
		Total	3.58	.485	439
	16-17 anos	Masculino	3.60	.466	307
		Feminino	3.83	.446	414
		Total	3.73	.468	721
	18-21 anos	Masculino	3.60	.427	100
		Feminino	3.96	.426	118
		Total	3.80	.426	218
	Total	Masculino	3.57	.467	591
		Feminino	3.79	.465	787
		Total	3.70	.479	1378
Receoso	14-15 anos	Masculino	2.77	.457	184
		Feminino	2.60	.424	255
		Total	2.67	.446	439
	16-17 anos	Masculino	2.76	.493	307
		Feminino	2.55	.466	414
		Total	2.64	.489	721
	18-21 anos	Masculino	2.73	.471	100
		Feminino	2.49	.466	118
		Total	2.60	.483	218
	Total	Masculino	2.76	.477	591
		Feminino	2.55	.454	787
		Total	2.64	.475	1378
Evitativo-Experimentação	14-15 anos	Masculino	3.09	.558	184
		Feminino	2.66	.581	255
		Total	2.84	.610	439
	16-17 anos	Masculino	3.15	.570	307
		Feminino	2.59	.583	414
		Total	2.83	.639	721
	18-21 anos	Masculino	3.17	.498	100
		Feminino	2.61	.602	118
		Total	2.86	.622	218
	Total	Masculino	3.13	.554	591
		Feminino	2.62	.585	787
		Total	2.84	.627	1378

Relativamente aos pressupostos da análise de variância, o teste M de Box revelou homogeneidade na matriz de variância-covariância ($p=.164$). No teste de Levene observou-se homogeneidade de variâncias dos grupos, nos estilos seguro ($p=.478$), receoso ($p=.169$) e evitativo-experimentação ($p=.234$).

Nos testes multivariados constata-se que relativamente ao factor sexo, há pelo menos um estilo romântico com médias significativamente diferentes (λ de Wilk=.835; $p=.000$), o mesmo acontecendo relativamente ao factor idade (λ de Wilk=.971; $p=.000$), factos com mais de 99% de confiança, tendo tamanho de efeito 16.5% ($\eta_p^2=.165$) no sexo e sendo mais reduzido nos grupos etários ($\eta_p^2=.015$). Além disso, não se observa efeito de interacção significativa dos factores sobre os estilos românticos (λ de Wilk=.993; $p=.167$).

No teste dos efeitos entre-grupos constata-se que o factor sexo possui efeito significativo sobre o estilo seguro ($F_{(1,1372)}=79.959$; $p=.000$), o estilo receoso ($F_{(1,1372)}=55.614$; $p=.000$) e o estilo evitativo-experimentação ($F_{(1,1372)}=218.586$; $p=.000$), enquanto que os grupos etários influenciam apenas significativamente o estilos seguro ($F_{(2,1372)}=19.298$; $p=.038$), não ocorrendo tal no estilo receoso ($p=.175$) e evitativo-experimentação ($p=.934$). Por fim, existe interacção significativa entre o sexo e a idade para a variável estilo seguro ($F_{(2,1372)}=3.273$; $p=.038$), não se observando o mesmo nos outros estilos românticos ($p>.05$).

Relativamente ao efeito da idade, respondendo ao primeiro parágrafo (1º§) da alínea c) da primeira hipótese, os gráficos de perfil 33, 34 e 35 são sugestivos de que à medida que os sujeitos crescem em idade, maior é a percepção de segurança romântica e menor o receio. Porém o estilo evitativo-experimentação desce dos 14-15 anos para os 16-17 anos subindo depois para os 18-21 anos.

Gráfico 33 Médias no Estilo Seguro de Acordo com os Grupos de Idade

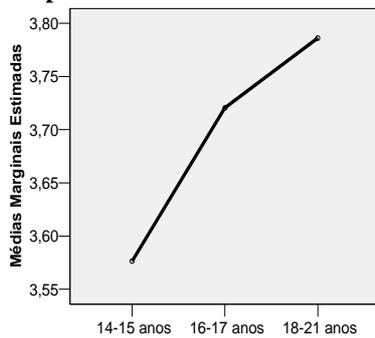


Gráfico 34 Médias no Estilo Receoso de Acordo com os Grupos de Idade

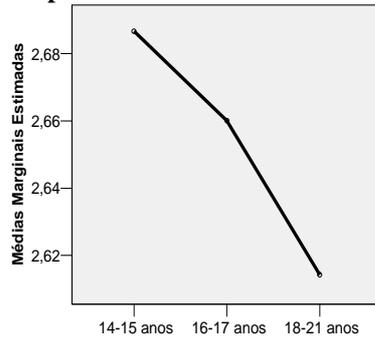
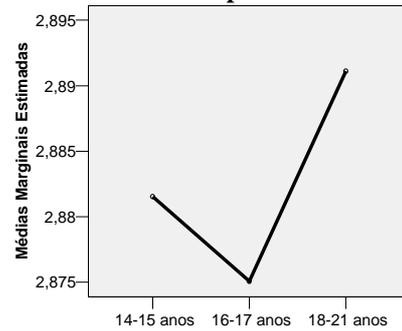


Gráfico 35 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com os Grupos de Idade



As comparações por pares, através do critério Tukey, mostram que os mais novos têm percepções significativamente menos seguras dos seus relacionamentos que os dois grupos com idade superior, mas a partir dos 16 anos até aos 21 anos as diferenças não são significativas. Relativamente aos estilos receoso e evitativo-experimentação as diferenças não são significativas. A tabela 64 apresenta as comparações por pares. O 1º da alínea c) da primeira hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 64 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Grupos Etários

Estilos Românticos	Idade		Diferença de Médias	P
Seguro	14-15 anos	16-17 anos	-.147*	.000
		18-21 anos	-.211*	.000
	16-17 anos	18-21 anos	-.063	.171
Receoso	14-15 anos	16-17 anos	.028	.566
		18-21 anos	.068	.177
	16-17 anos	18-21 anos	.039	.509
Evitativo-Experimentação	14-15 anos	16-17 anos	.012	.931
		18-21 anos	-.021	.892
	16-17 anos	18-21 anos	-.034	.721

* Diferenças significativas ao nível .05

Para responder à segunda afirmação da alínea c) primeira hipótese, observou-se o efeito do sexo nas médias dos estilos românticos. Os gráficos de perfil 36, 37 e 38 sugerem que as raparigas têm percepções mais seguras, menos receosas e com menor evitação-experimentação dos seus relacionamentos românticos.

Gráfico 36 Médias no Estilo Seguro de acordo com o Sexo

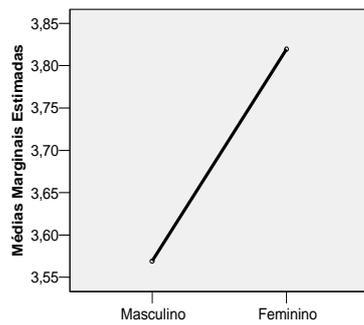


Gráfico 37 Médias no Estilo Receoso de acordo com o Sexo

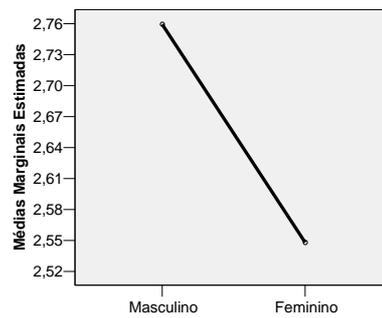
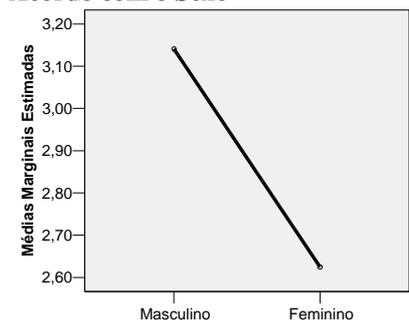


Gráfico 38 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de acordo com o Sexo



Observando-se as comparações por pares, confirma-se que as raparigas têm percepções românticas significativamente mais seguras, menos receosas e com menor evitação-experimentação que os rapazes. A tabela 65 apresenta os resultados. O 2º§ da alínea c) primeira hipótese confirma-se.

Tabela 65 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de acordo com o Sexo

Estilos Românticos	Sexo		Diferença de Médias	p
Seguro	Masculino	Feminino	-.250*	.000
Receoso	Masculino	Feminino	.211*	.000
Evitativo-Experimentação	Masculino	Feminino	.517*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Para verificar a terceira afirmação da alínea c) da primeira hipótese observou-se, em cada sexo, os efeitos simples dos grupos etários nas médias nos estilos românticos.

Nos gráficos 39, 40 e 41 as imagens são sugestivas do seguinte. Nos rapazes a percepção de segurança romântica cresce um pouco entre os mais novos e os de idade intermédia, não sofrendo evolução posteriormente. Nas raparigas as percepções de segurança romântica progridem acompanhando a idade. Quanto às percepções de receio e evitação-experimentação a imagem sugere tendência para modificações com a idade mas os testes univariados dos efeitos simples dos grupos etários negam diferenças significativas ($p > .05$).

Gráfico 39 Médias no Estilo Seguro por Sexo de acordo com os Grupos Etários

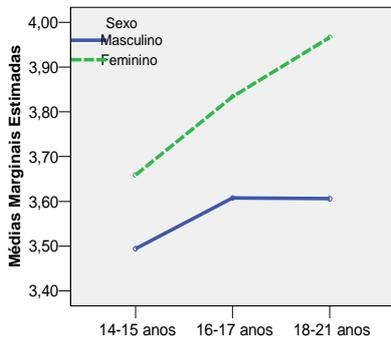


Gráfico 40 Médias no Estilo Receoso por Sexo de acordo com os Grupos Etários

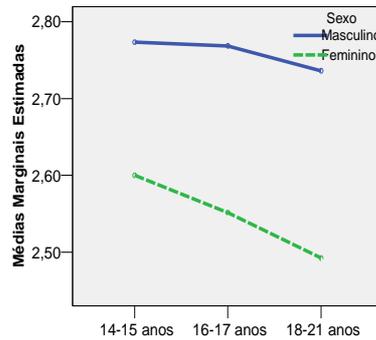
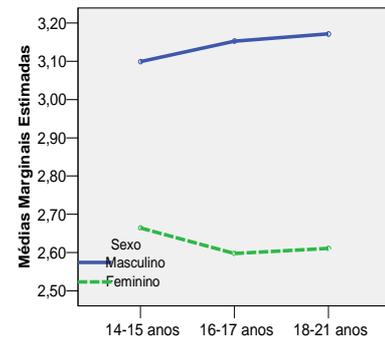


Gráfico 41 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação por Sexo de acordo com os Grupos Etários



As comparações por pares comprovam que nos rapazes a percepção de segurança romântica é mais alta nos que têm 16-17 anos, comparativamente aos que têm 14-15 anos, mas as diferenças entre os dois grupos de idade mais avançada não são significativas. Nas raparigas comprova-se que a segurança romântica acompanha o progredir na idade. Os estilos receoso e evitativo-experimentação não sofrem o efeito da idade em ambos os sexos. A tabela 66 apresenta os resultados. O 3º§ da alínea c) da primeira hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 66 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos por Sexo de acordo com os Grupos Etários

Estilos Românticos	Sexo	Idade	Diferença de Médias	p	
Seguro	Masculino	14-15 anos	16-17 anos	-.113*	.024
		16-17anos	18-21 anos	-.112	.151
		14-15 anos	18-21 anos	.002	1.000
	Feminino	14-15 anos	16-17 anos	-.174*	.000
		16-17 anos	18-21 anos	-.307*	.000
		14-15 anos	18-21 anos	-.133*	.017
Receoso	Masculino	14-15 anos	16-17 anos	.005	1.000
		16-17anos	18-21 anos	.037	1.000
		14-15 anos	18-21 anos	.032	1.000
	Feminino	14-15 anos	16-17 anos	.048	.574
		16-17 anos	18-21 anos	.108	.113
		14-15 anos	18-21 anos	.059	.666
Evitativo-Experimentação	Masculino	14-15 anos	16-17 anos	-.054	.945
		16-17anos	18-21 anos	-.072	.934
		14-15 anos	18-21 anos	-.018	1.000
	Feminino	14-15 anos	16-17 anos	.067	.433
		16-17 anos	18-21 anos	.053	1.000
		14-15 anos	18-21 anos	-.014	1.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Para dar resposta à quarta afirmação da alínea c) da primeira hipótese, observaram-se os efeitos simples do sexo em cada grupo etário. Assim os gráficos 42, 43 e 44 são sugestivos

de que em qualquer grupo de idades os rapazes têm sempre percepções menos seguras, mais receosas e com maior evitação-experimentação que as raparigas. A tabela 67 comprova que essas diferenças são sempre significativas. O 4º§ da alínea c) da primeira hipótese confirma-se.

Gráfico 42 Médias no Estilo Seguro por Grupos Etários de Acordo com o Sexo

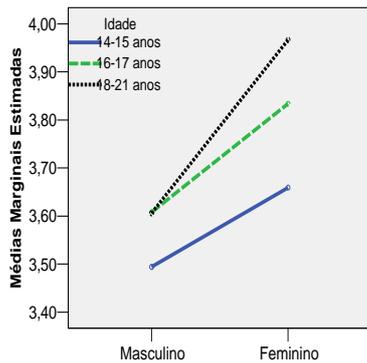


Gráfico 43 Médias no Estilo Receoso por Grupos Etários de Acordo com o Sexo

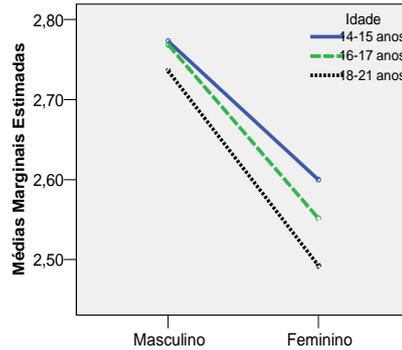


Gráfico 44 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação por Grupos Etários de Acordo com o Sexo

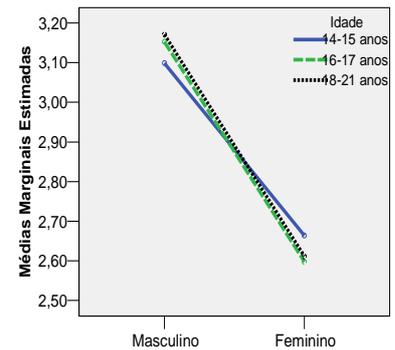


Tabela 67 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos por Grupos Etários de Acordo com o Sexo

Estilos Românticos	Idade	Sexo	Diferença de Médias	p	
Seguro	14-15 anos	Masculino	Feminino	-.165*	.000
	16-17 anos	Masculino	Feminino	-.226*	.000
	18-21 anos	Masculino	Feminino	-.361*	.000
Receoso	14-15 anos	Masculino	Feminino	.173*	.000
	16-17 anos	Masculino	Feminino	.217*	.000
	18-21 anos	Masculino	Feminino	.244*	.000
Evitativo-Experimentação	14-15 anos	Masculino	Feminino	.435*	.000
	16-17 anos	Masculino	Feminino	.555*	.000
	18-21 anos	Masculino	Feminino	.560*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Num comentário aos estilos românticos globais (1º§), pode dizer-se que a identificação dos parceiros amorosos como fonte de apoio e lugar de recurso é crescente da adolescência inicial para a adolescência mediana, tendendo a estabilizando-se a partir daqui, enquanto que as percepções de receio e evitação-experimentação mostram-se menos vulneráveis à evolução etária. Relativamente à predominância do estilo seguro, à menor evidência dos estilos receoso e evitativo-experimentação, os resultados condizem com Furman e Wehner (1997), que encontram uma certa tendência para que os estilos românticos se tornem mais seguros com o avançar na idade. A predominância do estilo seguro poderá

justificar-se, tanto pelo facto de os amigos na adolescência se tornarem uma referência afectiva importante (Connolly, Furman & Konarski, 2000), como pela maior gratificação em reconhecer relacionamentos com os pares não perturbadores da auto-estima (Feeney et al, 1999). Embora sem diferenças significativas, constata-se que os sujeitos com 16-17 anos, comparativamente aos grupos de idade anterior e posterior, mostram menor evitação-experimentação, estilo que na AFCP possui carácter lúdico-erótico. Este aspecto, conjuntamente com o facto de os sujeitos com 16-17 anos serem significativamente mais seguros que os de 14-15 anos e mostrarem aproximadamente a mesma segurança romântica que os de 18-21 anos, faz supor que será na adolescência mediana que as características afectivas e sexuais dos pares românticos serão reconhecidas em maior equilíbrio. Tal, corresponderá porventura, a um período de investimento romântico qualitativamente diferente, que deixou para trás (i.e. 14-15 anos) a visão do parceiro romântico como perspectiva de aquisição de *status*, pelo carácter lúdico-erótico que promete entre os pares do mesmo sexo, ainda que na incerteza de ser atingido, ou porque ainda não se atingiu (i.e. 18-21 anos) o carácter lúdico-erótico que a sucessão cumulativa de parceiros românticos de sexo oposto pode oferecer.

As raparigas entendem os seus relacionamentos amorosos de maneira mais segura, menos receosa e com menor evitação-experimentação que os rapazes (2º§). Tal poderá porventura justificar-se pelas menores competências do sexo masculino no sentido da maior intimidade que não é treinada na infância (Leaper & Anderson, 1997), prejudicando as expectativas românticas. Estes resultados concorrem para a ideia de Montgomery e Sorell (1998) quando as autoras verificam que os rapazes apaixonam-se mais vezes que as raparigas, porventura porque não possuem uma antevisão tão exacta quanto ao que é esperado nas experiências românticas.

Nos grupos de idade (3º§), em cada género há particularidades, pois se por um lado as raparigas mantêm um crescendo de segurança romântica com a idade, nos rapazes a segurança cresce entre a adolescência inicial e mediana, mas não regista diferenças entre a inicial e a tardia. Tais particularidades, poderão justificar-se nas raparigas pela maior perseverança na relação e nos rapazes pela orientação para outros estilos românticos, pois se se reparar, embora sem diferenças significativas, a evitação-experimentação, cresce com a idade nos rapazes ao longo dos três grupos etários, enquanto que nas raparigas tal facto só ocorre da adolescência mediana para a tardia. Ou seja, faz supor que nas raparigas a dimensão lúdico-erótica desperta um pouco mais tardiamente do que nos rapazes.

Entre os sexos, em cada grupo de idades (4º§), confirma-se nas raparigas a ideia de maior segurança romântica e menor evitação-experimentação, enquanto que os rapazes se mostram sempre mais receosos. Estes resultados contradizem a ideia de que as raparigas são mais dependentes nas relações afectivas e são consistentes com Montgomery e Sorell (1998), que nos rapazes identificam incerteza nas respostas amorosas das parceiras e por isso dificuldades na interpretação dos relacionamentos românticos, além de menor eficácia na rede de informação dos pares do mesmo sexo, que permita certezas quanto à reciprocidade, enquanto que nas raparigas a eficácia da rede permite mais facilmente validar o interesse romântico dos possíveis parceiros. Porventura nos rapazes, haverá maior inquietação ou ansiedade nas experiências românticas pela menor inabilidade na intimidade. A conjugação do maior interesse lúdico com a maior atracção sexual, frequente no estilo ansioso/ambivalente, podem talvez justificar estes resultados nos rapazes oferecendo-lhes visões menos nítidas quanto às ligações romance-sexo.

6.2.2.1 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Idade

Para responder à alínea d) da primeira hipótese realizou-se uma teste Anova de medidas repetidas, considerando-se quatro medidas que são os sistemas comportamentais, cada um com três níveis que correspondem aos estilos românticos. Como factores independentes considerou-se a idade em três grupos.

No teste K-S dos resíduos a normalidade das distribuições não se verificou. As descritivas mostram simetria e achatamento normal excepto: 1) no grupo dos 14-15 anos na afiliação evitativa por ser assimétrica positiva ($Sk/ep=2.01$), 2) no grupo dos 16-17 anos no cuidado evitativo por ser platicúrtica ($K/ep=-2.02$), na afiliação segura por ser também palticúrtica ($K/ep=-2.16$) e na afiliação evitativa por ser assimétrica positiva e leptocúrtica ($Sk/ep=4.42$; $K/ep=2.47$) e 3) no grupo dos 18-21 anos na afiliação segura e afiliação evitativa por ser assimétrica negativa ($Sk/ep=-2.36$ e $Sk/ep=-2.06$, respectivamente). A observação recaiu sobre 872 sujeitos em amostra aleatorizada, conforme a tabela 68 que se apresenta mais à frente.

No teste M de Box não se observou covariância das matrizes ($p=.000$). No teste de Levene a igualdade de variâncias observou-se em todos os casos, excepto na vinculação evitativa ($p=.031$), cuidado inquieto ($p=.016$), afiliação inquieta ($p=.000$), intimidade evitativa-experimentação ($p=.001$) e intimidade receosa ($p=.010$).

No teste de Mauchly não se verificou a esfericidade, recorrendo-se ao ϵ de Huynh-Feldt, que no sistema de vinculação foi de .873, no sistema de cuidado .831, no sistema de afiliação .842 e no sistema de intimidade .970.

Tabela 68 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com os Grupos de Idade

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Idade	Média	dp	N
Vinculação Segura	14-15 anos	3.52	.615	221
	16-17 anos	3.58	.676	477
	18-21 anos	3.68	.700	174
	Total	3.58	.668	872
Vinculação Evitativa	14-15 anos	2.92	.540	221
	16-17 anos	2.90	.630	477
	18-21 anos	2.85	.632	174
	Total	2.89	.609	872
Vinculação Inquieta	14-15 anos	2.29	.600	221
	16-17 anos	2.39	.646	477
	18-21 anos	2.40	.656	174
	Total	2.37	.638	872
Cuidado Seguro	14-15 anos	3.71	.500	221
	16-17 anos	3.83	.491	477
	18-21 anos	3.89	.530	174
	Total	3.81	.505	872
Cuidado Evitativo	14-15 anos	2.28	.589	221
	16-17 anos	2.14	.645	477
	18-21 anos	2.14	.608	174
	Total	2.18	.626	872
Cuidado Inquieto	14-15 anos	2.94	.516	221
	16-17 anos	3.09	.596	477
	18-21 anos	3.14	.626	174
	Total	3.06	.587	872
Afiliação Segura	14-15 anos	3.76	.566	221
	16-17 anos	3.96	.598	477
	18-21 anos	4.03	.600	174
	Total	3.93	.598	872
Afiliação Evitativa	14-15 anos	2.19	.719	221
	16-17 anos	1.92	.710	477
	18-21 anos	1.86	.643	174
	Total	1.93	.710	872
Afiliação Inquieta	14-15 anos	2.69	.518	221
	16-17 anos	2.65	.637	477
	18-21 anos	2.64	.725	174
	Total	2.66	.628	872
Intimidade Segura	14-15 anos	3.69	.532	221
	16-17 anos	3.89	.517	477
	18-21 anos	3.97	.521	174
	Total	3.86	.531	872
Intimidade Evitativa-Experimentação	14-15 anos	2.97	.557	221
	16-17 anos	2.95	.678	477
	18-21 anos	2.98	.693	174
	Total	2.96	.652	872
Intimidade Receosa	14-15 anos	2.68	.478	221
	16-17 anos	2.54	.543	477
	18-21 anos	2.53	.568	174
	Total	2.57	.536	872

Nos testes univariados dos efeitos intra-sujeitos observou-se que as médias dos estilos de vinculação diferem entre si ($F_{(1.746,1517.009)}=595.621$; $p=.000$), tal como no cuidado ($F_{(1.662,1443.876)}=1261.524$; $p=.000$), afiliação ($F_{(1.684,1463.032)}=1393.452$; $p=.000$) e intimidade

($F_{(1.939,1685.185)}=963.133$; $p=.000$). Os grupos de idade interagem significativamente com os estilos dos sistemas de cuidado ($F_{(3.323,1443.876)}=6.351$; $p=.000$) de afiliação ($F_{(3.367,1463.032)}=10.944$; $p=.000$) e de intimidade ($F_{(3.878,1685.185)}=9.408$; $p=.000$), não ocorrendo tal no sistema de vinculação ($F_{(3.491,1517.009)}=1.911$; $p=.116$).

Relativamente aos efeitos simples dos grupos de idade nos estilos dos sistemas comportamentais, os gráficos 45, 46, 47 e 48 são sugestivos de que em todos os casos o estilo seguro cresce com a idade e o estilo evitativo tende a diminuir, em especial no sistema de afiliação. Quanto ao estilo inquieto é algo oscilante no conjunto os quatro sistemas comportamentais, mostrando maior descida no sistema de intimidade.

Gráfico 45 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com os Grupos de Idade

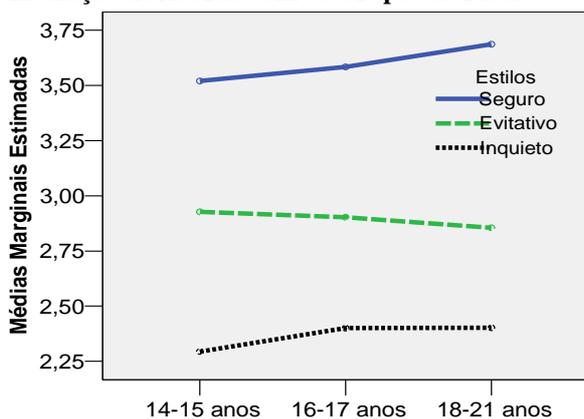


Gráfico 46 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com os Grupos de Idade

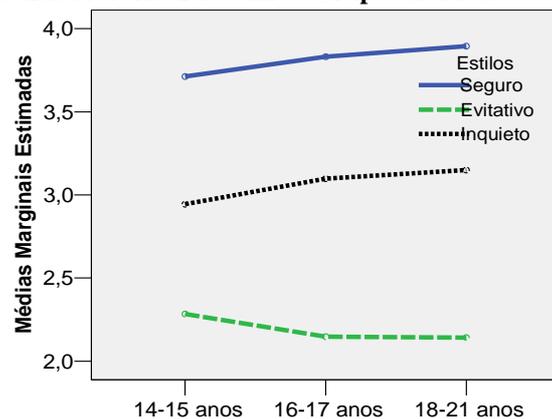


Gráfico 47 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com os Grupos de Idade

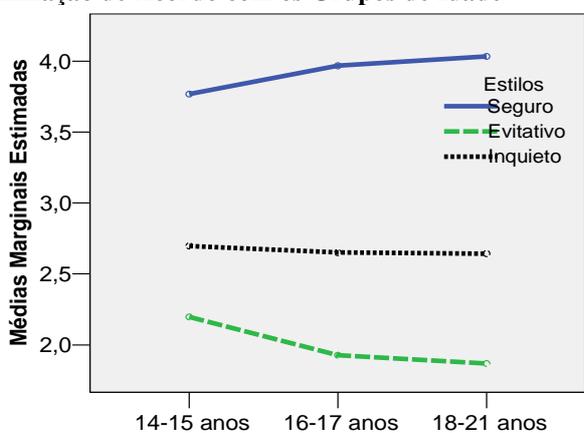
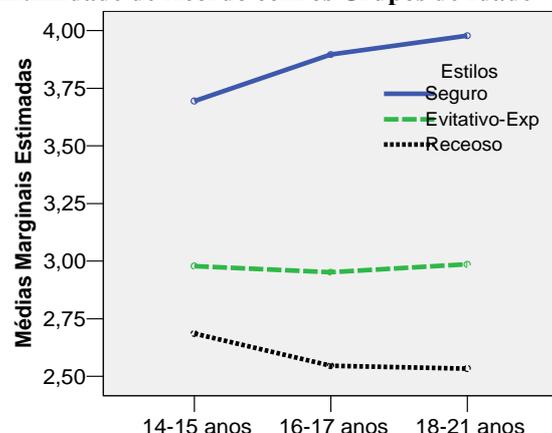


Gráfico 48 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com os Grupos de Idade



Na tabela 69 as comparações por pares mostram o seguinte. Entre os mais novos e os de idade intermédia a vinculação segura nos relacionamentos românticos é caracterizada de forma semelhante, tal como acontece entre os dois grupos de idade mais alta, mas os mais velhos reconhecem, de forma significativa, maior vinculação segura aos seus parceiros que os mais novos. Por outro lado a vinculação evitativa e inquieta não mostram diferenças significativas entre os grupos de idade.

O cuidado seguro cresce com a idade, estabilizando-se entre os 16-17 anos e 18-21 anos, o mesmo acontecendo com o cuidado inquieto. Por outro lado o cuidado evitativo diminui significativamente entre os 14-15 anos e os 16-17 anos.

Quanto à afiliação segura cresce significativamente, estabilizando-se entre os 16-17 e os 18-21 anos, enquanto que na afiliação evitativa acontece exactamente o contrário. Por outro lado a afiliação inquieta não sofre o efeito da idade.

No que respeita à intimidade segura cresce significativamente estabilizando-se entre os 16-17 anos e os 18-21 anos, enquanto que a intimidade receosa diminui no mesmo sentido. Por outro lado a intimidade evitativa não mostra alterações com o crescimento em idade.

Tabela 69 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Idade

Sistemas Comportamentais	Estilos	Idade		Diferença de Médias	p
Vinculação	Seguro	14-15 anos	16-17 anos	-.063	.734
			18-21 anos	-.166*	.042
	Evitativo	16-17 anos	18-21 anos	-.103	.242
		14-15 anos	16-17 anos	.024	1.000
			18-21 anos	.072	.723
		16-17 anos	18-21 anos	.048	1.000
Inquieto	14-15 anos	16-17 anos	-.106	.125	
		18-21 anos	-.108	.283	
	16-17 anos	18-21 anos	-.002	1.000	
Cuidado	Seguro	14-15 anos	16-17 anos	-.121*	.010
			18-21 anos	-.184*	.001
	Evitativo	16-17 anos	18-21 anos	-.064	.460
		14-15 anos	16-17 anos	.136*	.023
			18-21 anos	.141	.079
		16-17 anos	18-21 anos	.005	1.000
Inquieto	14-15 anos	16-17 anos	-.154*	.004	
		18-21 anos	-.206*	.002	
	16-17 anos	18-21 anos	-.051	.963	
Afiliação	Seguro	14-15 anos	16-17 anos	-.199*	.000
			18-21 anos	-.265*	.000
	Evitativo	16-17 anos	18-21 anos	-.066	.631
		14-15 anos	16-17 anos	.270*	.000
			18-21 anos	.328*	.000
		16-17 anos	18-21 anos	.058	1.000
Inquieto	14-15 anos	16-17 anos	.047	1.000	
		18-21 anos	.054	1.000	
	16-17 anos	18-21 anos	.007	1.000	
Intimidade	Seguro	14-15 anos	16-17 anos	-.202*	.000
			18-21 anos	-.283*	.000
	Evitativa- Experimentação	16-17 anos	18-21 anos	-.081	.236
		14-15 anos	16-17 anos	.027	1.000
			18-21 anos	.007	1.000
		16-17 anos	18-21 anos	-.034	1.000
Receosa	14-15 anos	16-17 anos	.140*	.004	
		18-21 anos	.151*	.016	
		16-17 anos	18-21 anos	.011	1.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Os resultados, no seu global sugerem que, na maior parte dos estilos dos sistemas comportamentais, entre os 16-17 anos e os 18-21 anos há modificações na percepção dos relacionamentos românticos. A alínea d) da primeira hipótese confirma-se parcialmente.

Não confirmando a totalidade da hipótese, os resultados interpretam-se da seguinte forma. É visível que a idade transporta modificações, mais ou menos pronunciadas, das percepções românticas nos estilos seguros dos sistemas comportamentais, enquanto que nem em todos os estilos inseguros dos quatro sistemas comportamentais tal é verificado. Isto é

sugestivo de que a confiança, a proximidade ao outro, o apoio, o recurso na crise, são aspectos mais reconhecidos nas experiências românticas adolescentes com o avançar da idade. Além disso é no sistema de vinculação que se encontram menos diferenças entre os grupos de idade, facto que parece denunciar que a vinculação, nas suas três qualidades, é algo ainda pouco perceptível para os sujeitos, corroborando Furman e Wehner (1997) que consideram este sistema como um dos últimos a emergir no romance adolescente.

Nos sistemas de afiliação, intimidade física e cuidado oferecido, as dimensões positivas são progressivamente mais marcadas com a idade, sugerindo amadurecimento das experiências românticas. Contudo, nos estilos inseguros destes sistemas comportamentais os resultados não são lineares. Enquanto que o cuidado inquieto cresce com a idade, sugerindo que as experiências românticas se tornam mais exigentes no cobrar da retribuição romântica dos parceiros, a afiliação inquieta e a intimidade física receosa diminuem, sugerindo que a idade torna, por um lado, mais evidente a percepção de desajuste entre o que é oferecido e cobrado, e por outro lado, que o companheirismo, a partilha de tempos e espaços se torna maior e diminuem também perspectivas mais centradas na valorização das actividades sexuais por si mesmas; porventura pelo maior envolvimento do par no quotidiano, maior intimidade e maturidade emocional.

O avançar da idade, espelha nos sujeitos tendências para estilos mais seguros, mais gratificantes, com investimento positivo nas experiências românticas e parecendo existir uma certa tendência para a estabilização entre os grupos de idade mais velhos. Assim, ainda que os resultados não sejam absolutamente fiéis à hipótese formulada, corroboram a ideia de que no evoluir da adolescência existirá um processo de desenvolvimento das competências românticas nos sistemas comportamentais dominando percepções mais positivas (Furman, 1999; Furman e Wehner, 1997).

6.2.2.2 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e o Sexo

Para responder à alínea e) da primeira hipótese realizou-se uma teste Anova de medidas repetidas. No factor intra-sujeitos consideraram-se quatro medidas que são os sistemas comportamentais, cada um com três níveis que correspondem aos estilos românticos. Como factores independentes considerou-se o sexo. Analisaram-se 1011 casos conforme a tabela 70.

Tabela 70 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com o Sexo

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Sexo	Média	dp	N
Vinculação Segura	Masculino	3.46	.651	521
	Feminino	3.71	.657	490
	Total	3.58	.665	1011
Vinculação Evitativa	Masculino	3.00	.581	521
	Feminino	2.82	.620	490
	Total	2.91	.606	1011
Vinculação Inquieta	Masculino	2.49	.685	521
	Feminino	2.33	.659	490
	Total	2.41	.677	1011
Cuidado Seguro	Masculino	3.72	.497	521
	Feminino	3.93	.493	490
	Total	3.82	.505	1011
Cuidado Evitativo	Masculino	2.35	.654	521
	Feminino	2.02	.557	490
	Total	2.19	.631	1011
Cuidado Inquieto	Masculino	3.04	.574	521
	Feminino	3.11	.574	490
	Total	3.07	.574	1011
Afiliação Segura	Masculino	3.80	.603	521
	Feminino	4.02	.589	490
	Total	3.91	.606	1011
Afiliação Evitativa	Masculino	2.19	.746	521
	Feminino	1.78	.614	490
	Total	1.99	.715	1011
Afiliação Inquieta	Masculino	2.87	.573	521
	Feminino	2.49	.648	490
	Total	2.68	.639	1011
Intimidade Segura	Masculino	3.77	.567	521
	Feminino	3.95	.489	490
	Total	3.86	.538	1011
Intimidade Evitativa-Experimentação	Masculino	3.24	.553	521
	Feminino	2.69	.602	490
	Total	2.97	.638	1011
Intimidade Receosa	Masculino	2.71	.539	521
	Feminino	2.47	.485	490
	Total	2.60	.527	1011

Nos resíduos do teste K-S não se verificou normalidade nas distribuições. As descritivas mostram simetria e achatamento normal excepto: 1) no grupo dos rapazes na afiliação segura e evitativa por ser platicúrtica ($K/ep=-3.05$ e $K/ep=-2.78$) e na intimidade

segura por ser também platicúrtica ($K/ep=-2.44$) e 2) no grupo das raparigas, no cuidado evitativo por ser assimétrica positiva, ($Sk/ep=2.70$), na afiliação evitativa e vinculação segura por ser assimétrica negativa ($Sk/ep=-5.05$ e $Sk/ep=-2.29$, respectivamente).

No teste M de Box não se observou covariância das matrizes ($p=.000$). No teste de Levene a igualdade de variâncias observou-se em todos os casos, excepto no cuidado evitativo ($p=.000$), na afiliação evitativa ($p=.000$), na afiliação inquieta ($p=.001$), na intimidade segura ($p=.000$) e na intimidade receosa ($p=.041$).

No teste de Mauchly não se verificou a esfericidade, recorrendo-se ao ϵ de Huynh-Feldt, que no sistema de vinculação foi de .905, no sistema de cuidado .838, no sistema de afiliação .841 e no sistema de intimidade .957.

Nos testes univariados dos efeitos intra-sujeitos observou-se que as médias dos estilos de vinculação diferem entre si ($F_{(1.811,1826.935)}=753.873$; $p=.000$), tal como no estilo de cuidado ($F_{(1.677,1691.988)}=1885.044$; $p=.000$), de afiliação ($F_{(1.682,1696.942)}=1961.982$; $p=.000$) e de intimidade ($F_{(1.913,1930.280)}=1464.018$; $p=.000$). O sexo interage significativamente com os estilos dos sistemas de vinculação ($F_{(1.811,1826.935)}=30.142$; $p=.000$), de cuidado ($F_{(1.677,1691.988)}=52.985$; $p=.000$), de afiliação ($F_{(1.682,1696.942)}=66.012$; $p=.000$) e de intimidade ($F_{(1.913,1930.280)}=111.691$; $p=.000$).

Relativamente aos efeitos simples do sexo nos estilos dos sistemas comportamentais, os gráficos 49, 50, 51 e 52 são sugestivos de que em todos os casos, excepto no cuidado inquieto onde a inclinação da recta é pequena, as raparigas são mais seguras, menos evitativas e inquietas/receosas que os rapazes.

Gráfico 49 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de acordo com o Sexo

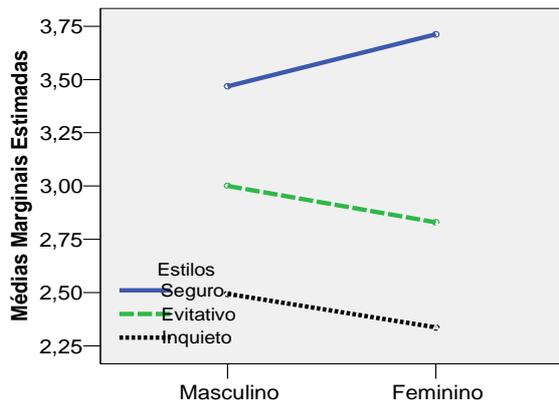


Gráfico 50 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de acordo com o Sexo

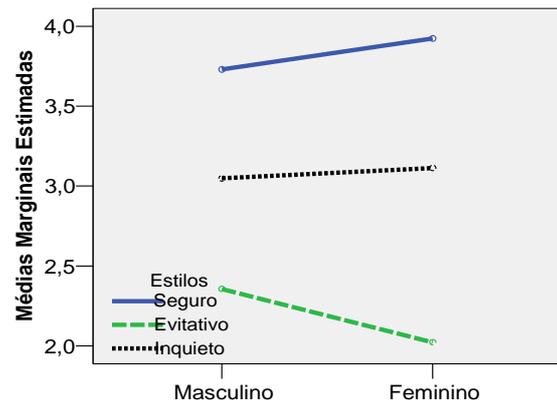


Gráfico 51 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de acordo com o Sexo

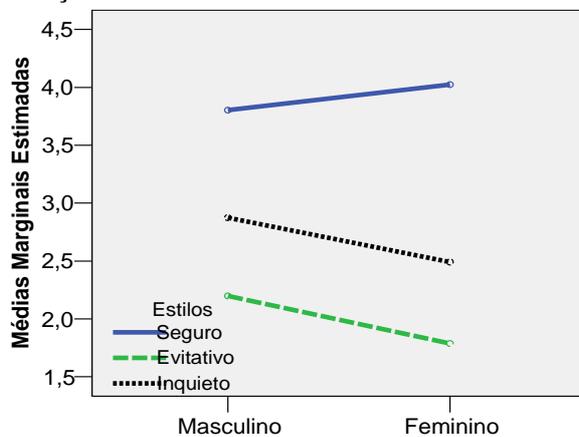
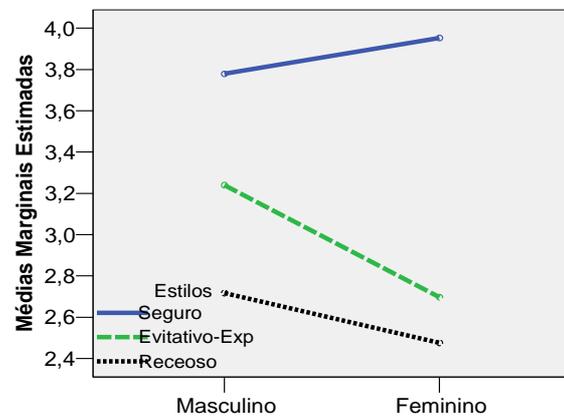


Gráfico 52 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de acordo com o Sexo



Na tabela 71 as comparações por pares comprovam que as diferenças são sempre significativas, excepto no cuidado inquieto onde as médias de ambos os sexos são semelhantes. A alínea e) da primeira hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 71 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de acordo com o Sexo

Sistemas Comportamentais	Estilos	Sexo	Diferença de Médias	p
Vinculação	Seguro	Masculino Feminino	-.244*	.000
	Evitativo	Masculino Feminino	.171*	.000
	Inquieto	Masculino Feminino	.158*	.000
Cuidado	Seguro	Masculino Feminino	-.194*	.000
	Evitativo	Masculino Feminino	.333*	.000
	Inquieto	Masculino Feminino	-.065	.072
Afiliação	Seguro	Masculino Feminino	-.221*	.000
	Evitativo	Masculino Feminino	.412*	.000
	Inquieto	Masculino Feminino	.383*	.000
Intimidade	Seguro	Masculino Feminino	-.174*	.000
	Evitativo-Exp.	Masculino Feminino	.544*	.000
	Receoso	Masculino Feminino	.241*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Os resultados são consistentes com Buhrmester et al, (1988), que embora encontrem nas raparigas menos competências para a iniciar relacionamentos românticos, reconhecem-lhes melhor desempenho no apoio, empatia e cuidado oferecido aos parceiros românticos. Também Shulman, Scharf (2000) e Taradash et al (2001) encontram nas raparigas maior percepção positiva de vinculação, cuidado e intimidade que nos rapazes.

De maneira global, em quase todos os estilos dos sistemas comportamentais, as raparigas parecem viver de uma maneira mais confortável as suas experiências românticas, facto a que pode não ser estranho o historial anterior de auto-revelação e disponibilidade para os outros, no grupo de pares ou com os amigos do mesmo sexo, onde se treina a proximidade relacional (Leaper & Anderson, 1997).

6.2.3 Estilos Românticos Globais e a Estima dos Pares

Recorde-se agora a alínea a) da segunda hipótese, na qual se esperava que o nível de estima percebida nos pares significativos fosse um factor independente com efeito na visão romântica, de tal modo que os sujeitos que se sentem mais estimados apresentem estilos mais seguros, menos receosos e evitativo-experimentação que aqueles que se sentem menos estimados (1º§). Além da estima percebida, introduziu-se também o sexo, esperando-se que nas raparigas a maior estima estivesse associada a maior segurança romântica, menor receio e evitação-experimentação (2º§), enquanto que nos rapazes, a maior estima se associasse a maior segurança e evitação-experimentação e a menor receio (3º§).

Antes de iniciar a verificação da hipótese através de um teste Manova, realizaram-se dois procedimentos distintos sobre a variável independente (i.e. afectividade percebida). O primeiro foi a redução de modalidades, passando “não amado” e “pouco amado” a uma só modalidade, assim como “amado” e “muito amado”, obtendo-se uma nova variável (C29_r) com três categorias. A redução das modalidades justifica-se na medida em que as cinco iniciais, retirariam acuidade ou dificultariam a interpretação dos resultados. Das três

categorias, utilizam-se na presente análise somente as extremas, no sentido de evitar a posição neutra “nem muito/nem pouco amado”. O segundo procedimento foi a aleatorização dos dados, no sentido de obter um conjunto de sujeitos com frequências aproximadas, pois numa primeira observação as frequências obtidas mostravam-se díspares.

O teste K-S dos resíduos mostra normalidade na distribuição do estilo seguro em ambos os sexos ($p=.200$). No estilo receoso e evitativo-experimentação, a normalidade verificou-se no grupo das raparigas ($p>.05$) enquanto que tal não ocorreu no grupo dos rapazes. Nestes casos as descritivas mostram que as distribuições são simétricas e mesocúrticas. Nas distribuições que respeitam às categorias da estima percebida, a normalidade no teste K-S dos resíduos verificou-se no estilo seguro para ambas e nos estilos receoso e evitativo-experimentação na categoria amado/muito amado. Quanto às restantes, observou-se nas descritivas que eram simétricas e mesocúrticas. A análise incidiu sobre 193 sujeitos conforme se apresenta na tabela 72.

Tabela 72 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estima Percebida nos Pares

Estilos Românticos	Estima Percebida	Sexo	Média	dp	N
Seguro	Nada/pouco amado	Masculino	3.40	.382	44
		Feminino	3.66	.573	33
		Total	3.51	.488	77
	Amado/muito amado	Masculino	3.58	.413	54
		Feminino	3.82	.467	62
		Total	3.73	.462	116
	Total	Masculino	3.50	.408	98
		Feminino	3.79	.513	95
		Total	3.64	.483	193
Receoso	Nada/pouco amado	Masculino	3.08	.459	44
		Feminino	2.79	.430	33
		Total	2.96	.467	77
	Amado/muito amado	Masculino	2.80	.398	54
		Feminino	2.47	.349	62
		Total	2.62	.405	116
	Total	Masculino	2.93	.447	98
		Feminino	2.58	.406	95
		Total	2.76	.460	193
Evitativo-Experimentação	Nada/pouco amado	Masculino	3.12	.462	44
		Feminino	2.70	.530	33
		Total	2.94	.533	77
	Amado/muito amado	Masculino	3.24	.410	54
		Feminino	2.56	.466	62
		Total	2.88	.556	116
	Total	Masculino	3.19	.436	98
		Feminino	2.61	.491	95
		Total	2.90	.547	193

A igualdade da matriz de variância covariância não se observou no teste M de Box ($p=.005$). No teste Levene a homogeneidade de variância nos grupos foi obtida no estilo seguro ($p=.209$), receoso ($p=.474$) e evitativo-experimentação ($p=.421$).

Os testes multivariados mostram que a estima percebida tem efeito sobre pelo menos uma das médias dos estilos românticos (Traço de Pillai=.143; $p=.000$), facto com 99.9% de credibilidade e 14.3% de tamanho de efeito, o mesmo ocorrendo relativamente ao sexo (Traço de Pillai=.310; $p=.000$), com mais de 99% de confiança e 31% de tamanho de efeito. Observa-se que não há interacção dos dois factores sobre os estilos românticos ($p=.325$).

Relativamente aos efeitos entre os grupos, constata-se que os níveis da estima percebida têm efeito sobre o estilo seguro ($F_{(1,189)}=7.899$; $p=.005$) e sobre o estilo receoso ($F_{(1,189)}=25.262$; $p=.000$), não ocorrendo tal sobre o estilo evitativo-experimentação ($p=.920$). O sexo também tem efeito sobre o estilo seguro ($F_{(1,189)}=15.887$; $p=.00$), receoso ($F_{(1,189)}=26.487$; $p=.000$) e evitativo-experimentação ($F_{(1,189)}=65.838$; $p=.000$). Não se verifica interacção significativa dos dois factores sobre os estilos seguro ($p=.904$), receoso ($p=.775$) ou evitativo-experimentação ($p=.065$).

Nos gráficos 53, 54 e 55 constata-se que são mais seguros, menos receosos e evitativos os sujeitos que se sentem muito estimados.

Gráfico 53 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Estima Percebida nos Pares

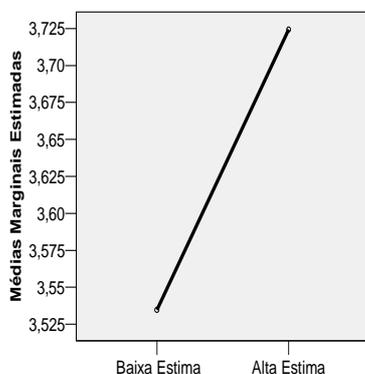


Gráfico 54 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Estima Percebida nos Pares

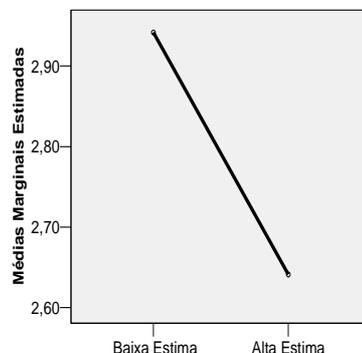
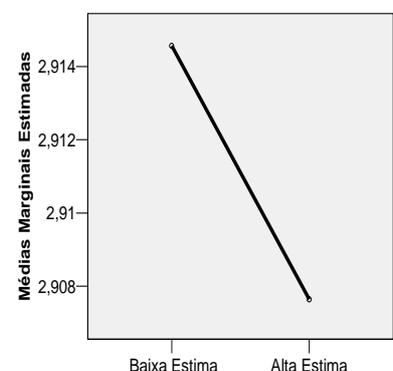


Gráfico 55 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Estima Percebida nos Pares



Nas comparações por pares, as diferenças são significativas nos estilos seguro e receoso, mas tal não acontece no estilo evitativo-experimentação. A tabela 73 apresenta os resultados. O 1º§ da alínea a) da segunda hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 73 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estima Percebida nos Pares

Estilos Românticos	Estima Percebida		Diferenças de Média	P
Seguro	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	-.190*	.005
Receoso	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.301*	.000
Evitativo-Experimentação	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.007	.920

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Para verificar a segunda e terceira afirmações da alínea a) da segunda hipótese, observaram-se os efeitos simples da estima percebida em cada sexo e os gráficos de perfil. Nos gráficos 56 e 57 observa-se que, quer nos rapazes, quer nas raparigas, são mais seguros e menos receosos, os sujeitos que sentem muito estimados pelos pares. No gráfico 58 observa-se que os nos rapazes a evitação-experimentação é mais elevada quando a estima percebida é mais alta enquanto que nas raparigas acontece o contrário.

Gráfico 56 Médias no Estilo Seguro Por Sexo de Acordo com a Estima Percebida nos Pares

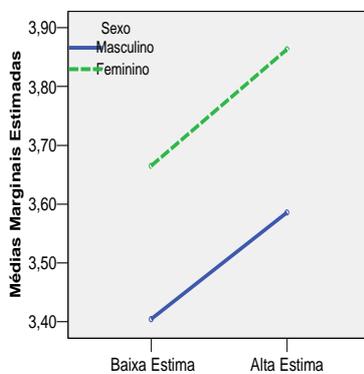


Gráfico 57 Médias no Estilo Receoso Por Sexo de Acordo com a Estima Percebida nos Pares

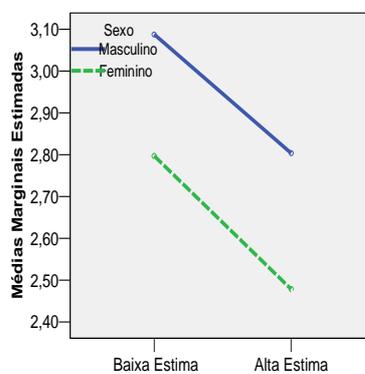
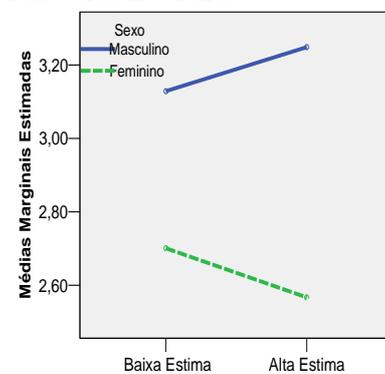


Gráfico 58 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação Por Sexo de Acordo com a Estima Percebida nos Pares



Nas comparações por pares comprova-se que no estilo receoso as diferenças são significativas para ambos os sexos, no estilo seguro as diferenças são significativas somente para as raparigas e no estilo evitativo-experimentação não são significativas (tabela 74). O 2º§ e o 3º§ da alínea a) da segunda hipótese confirmam-se parcialmente. Apesar de em alguns

aspectos as diferenças não serem significativas, a tendência dos resultados está no sentido da hipótese formulada.

Tabela 74 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos Por Sexo de Acordo com a Estima Percebida nos Pares

Estilos Românticos	Sexo	Estima Percebida		Diferenças de Média	p
Seguro	Masculino	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	-.181	.051
	Feminino	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	-.198*	.045
Receoso	Masculino	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.284*	.001
	Feminino	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.318*	.000
Evitativo-Experimentação	Masculino	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	-.120	.202
	Feminino	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.134	.180

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

No que respeita ao 1º§ da alínea a) da segunda hipótese, os resultados, nos estilos seguro e receoso, são condicentes com Furman (1999) que encontra correlações significativas quando fazem o paralelo entre relacionamentos românticos e de amizade no grupo de pares, confirmando também Bouchey e Furman (2003), que consideram consistentes as ligações entre as representações de amizade e romance. O maior sucesso relacional nos pares oferece facilidade para os contactos românticos (Brown, 1999) e assim, se no contexto das normativas internas do grupo, o parceiro(a) escolhido é positivamente validado pelos pares, será espectável que aqueles que se sentem mais estimados, se sintam também mais confiantes ao caracterizar os seus relacionamentos com os parceiros românticos. Contudo no estilo evitativo-experimentação, os resultados não reproduzem os de Furman (1999), ou seja, este estilo romântico não parece vulnerável à maior ou menor estima identificada nos pares, podendo tal facto dever-se ao carácter lúdico-erótico que a presente amostra imprime aos relacionamentos românticos, aspecto que se interliga com a segunda e terceira afirmações da hipótese.

Assim (2º§ e 3º§) reconhece-se em ambos os sexos que a caracterização das experiências românticas coincide com o sucesso afectivo identificado nos pares, pois têm percepções menos receosas e tendencialmente mais seguras. No entanto, no estilo evitativo-

experimentação, apesar de as diferenças não serem significativas em ambos os sexos, as tendências são opostas, pois nos rapazes, a maior estima percebida tende a maior reconhecimento lúdico-erótico nos romances, enquanto que nas raparigas acontece o contrário. Tais resultados são coincidentes com Harper et al, (2004), quando consideram que no sexo masculino há maior investimento em aspectos sexuais enquanto que no sexo feminino a preferência vai para os aspectos afectivos.

6.2.3.1 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Estima dos Pares

Para responder à alínea b) da segunda hipótese realizou-se uma Anova de medidas repetidas, considerando-se no factor intra-sujeitos os quatro sistemas comportamentais, com os três níveis, que correspondem aos estilos românticos. No factor independente colocou-se a estima percebida com dois níveis (pouco/nada estimado e estimado/muito estimado).

No teste K-S dos resíduos observou-se normalidade nas distribuições da vinculação segura e intimidade evitativa-experimentação. As restantes mostram-se simétricas e mesocúrticas, excepto a afiliação evitativa, no grupo dos que se sentem estimados/muito estimados (i.e. assimetria positiva: $Sk/ep=2.32$). Analisam-se 154 casos em amostra aleatorizada (tabela 75 que se apresenta mais à frente).

No teste M de Box não se observou covariância das matrizes ($p=.000$). No teste de Levene a igualdade de variâncias atingiu-se, excepto na intimidade segura ($p=.022$).

No teste de Mauchly não se verificou a esfericidade, recorrendo-se ao ϵ de Huynh-Feldt, que no sistema de vinculação foi de .918, no sistema de cuidado .796, no sistema de afiliação .946 e no sistema de intimidade .923.

Tabela 75 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Estima Percebida

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Estima Percebida	Média	dp	N
Vinculação Segura	Nada/pouco amado	3.28	.694	69
	Amado/muito amado	3.86	.617	85
	Total	3.60	.712	154
Vinculação Evitativa	Nada/pouco amado	3.06	.687	69
	Amado/muito amado	2.84	.678	85
	Total	2.94	.688	154
Vinculação Inquieta	Nada/pouco amado	2.61	.725	69
	Amado/muito amado	2.30	.663	85
	Total	2.44	.706	154
Cuidado Seguro	Nada/pouco amado	3.71	.587	69
	Amado/muito amado	3.91	.537	85
	Total	3.82	.566	154
Cuidado Evitativo	Nada/pouco amado	2.26	.732	69
	Amado/muito amado	2.06	.630	85
	Total	2.15	.684	154
Cuidado Inquieto	Nada/pouco amado	3.27	.734	69
	Amado/muito amado	3.00	.623	85
	Total	3.12	.687	154
Afiliação Segura	Nada/pouco amado	3.46	.652	69
	Amado/muito amado	4.05	.558	85
	Total	3.79	.669	154
Afiliação Evitativa	Nada/pouco amado	2.18	.717	69
	Amado/muito amado	1.82	.669	85
	Total	1.93	.712	154
Afiliação Inquieta	Nada/pouco amado	3.21	.667	69
	Amado/muito amado	2.55	.643	85
	Total	2.84	.730	154
Intimidade Segura	Nada/pouco amado	3.74	.602	69
	Amado/muito amado	4.09	.461	85
	Total	3.93	.555	154
Intimidade Evitativa-Experimentação	Nada/pouco amado	3.05	.601	69
	Amado/muito amado	2.82	.595	85
	Total	2.92	.607	154
Intimidade Receosa	Nada/pouco amado	2.78	.460	69
	Amado/muito amado	2.46	.535	85
	Total	2.60	.525	154

Nos testes univariados dos efeitos intra-sujeitos observou-se que as médias dos estilos de vinculação diferem entre si ($F_{(1.835,278.988)}=90.998$; $p=.000$), tal como acontece nos sistemas de cuidado ($F_{(1.593,242.112)}=223.138$; $p=.000$), de afiliação ($F_{(1.892,287.642)}=243.284$; $p=.000$) e de intimidade ($F_{(1.845,280.458)}=230.413$; $p=.000$). A estima percebida interage significativamente com os estilos dos sistemas de vinculação ($F_{(1.835,278.988)}=17.611$; $p=.000$), de cuidado ($F_{(1.593,242.112)}=5.142$; $p=.011$), de afiliação ($F_{(1.892,287.642)}=33.624$; $p=.000$) e de intimidade ($F_{(1.845,280.458)}=16.518$; $p=.000$).

Relativamente aos efeitos simples da estima percebida nos estilos dos sistemas comportamentais, os gráficos 59, 60, 61 e 62 são sugestivos de que em todos os casos, os sujeitos que se sentem mais estimados são mais seguros, menos evitativos e menos inquietos/receosos.

Gráfico 59 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de acordo com a Estima dos Pares

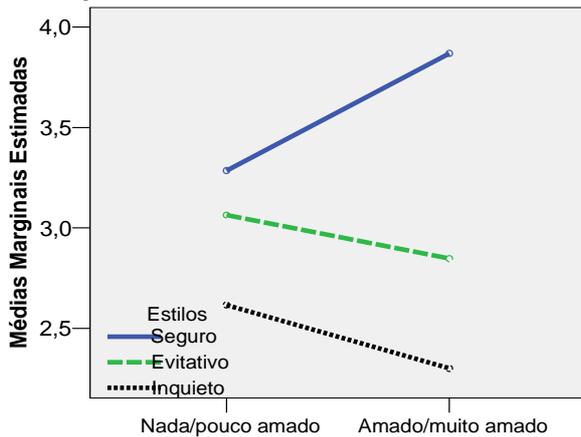


Gráfico 60 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de acordo com a Estima dos Pares

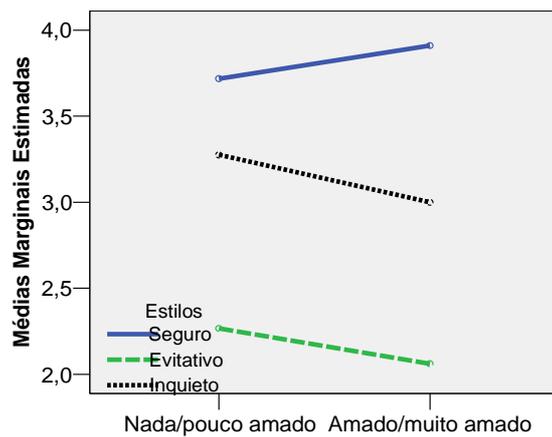


Gráfico 61 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de acordo com a Estima dos Pares

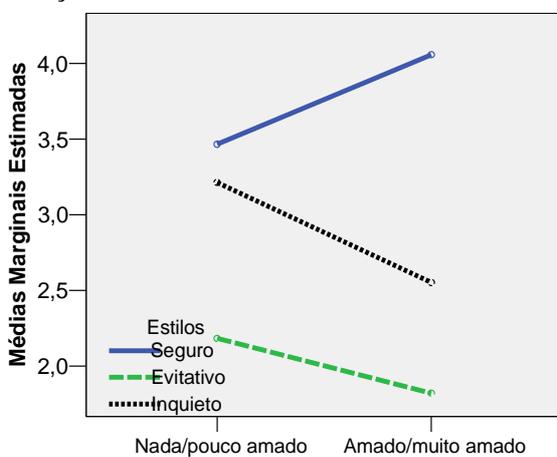
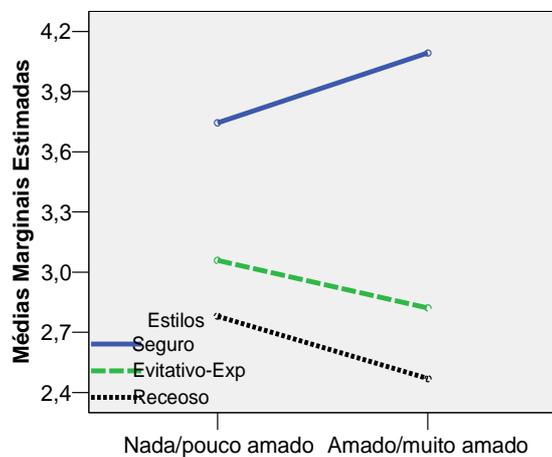


Gráfico 62 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de acordo com a Estima dos Pares



Na tabela 76 as comparações por pares comprovam que as diferenças são sempre significativas, excepto na vinculação e cuidado evitativos, que seguem no entanto a ideia formulada na hipótese. A alínea b) da segunda hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 76 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Estima Percebida

Sistemas Comportamentais	Estilos Românticos	Estima Percebida		Diferença de Médias	p
Vinculação	Seguro	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	-.584*	.000
	Evitativo	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.217	.052
	Inquieto	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.316*	.005
Cuidado	Seguro	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	-.192*	.036
	Evitativo	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.205	.064
	Inquieto	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.275*	.013
Afiliação	Seguro	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	-.592*	.000
	Evitativo	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.361*	.002
	Inquieto	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.662*	.000
Intimidade	Seguro	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	-.348*	.000
	Evitativo-Exp	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.236*	.016
	Receoso	Nada/pouco amado	Amado/muito amado	.312*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Os resultados são consistentes com Buhrmester et al, (1988) que identificam associações entre, a possibilidade de ver-se como um parceiro desejável no grupo de pares e as percepções individuais de competências interpessoais, dada a auto-imagem ser positiva. Porventura, no presente estudo, está patente a influência e a importância do grupo de pares, facto consistente com Furman e Wehner (1994) que consideram este envolvente como determinante na construção da intimidade dos adolescentes. Sentir-se estimado pelos amigos concorre porventura para modelos mais positivos de si e dos outros, nomeadamente nos ensaios românticos que a adolescência transporta e que são experiências com novos papéis a construir. A competência na amizade parece assim influenciar a competência romântica.

6.2.4 Estilos Românticos Globais e a Ocorrência de Namoro

Embora o instrumento proposto por Furman se dirija às percepções dos adolescentes quanto aos relacionamentos românticos na generalidade e não a relacionamento específico, o próprio autor, reconhece que as respostas podem ser influenciadas pelas situações amorosas mais marcantes. Não existindo neste estudo condições para fazer o paralelo entre os estilos românticos e o namoro validado como o mais importante, optou-se por analisar as relações

entre os estilos românticos e o facto dos sujeitos terem ou não namorado actualmente, através de um teste Manova, dando resposta à alínea a) da terceira hipótese, onde se supunha que a existência de namoro levaria à apresentação de médias mais altas no estilo seguro e mais baixas nos estilos desapegado e receoso.

A amostra foi aleatorizada uma vez que a representação dos rapazes e raparigas que declaram namoro no momento actual, não é aproximada (N=162; 31.7% *versus* N=349; 68.3% respectivamente). O estilo seguro está inversamente correlacionado com os estilos receoso ($r=-.276$; $p=.000$) e evitativo-experimentação ($r=-.290$; $p=.000$) e o estilo receoso com o evitativo-experimentação ($r=.412$; $p=.000$).

Através do teste K-S dos resíduos observa-se normalidade na distribuição do estilo receoso no grupo dos sujeitos que têm namoro actualmente ($p=.200$). Nas restantes situações as descritivas mostravam distribuições simétricas e mesocúrticas, excepto no estilo seguro, no grupo dos sujeitos com namorado, que se apresentava assimétrica negativa ($Sk/ep=-2.96$) e no estilo evitativo-experimentação, no grupo dos sujeitos que não têm namorado, apresentando-se neste caso leptocúrtica ($K/ep=2.60$).

No teste M de Box não se atingiu a homogeneidade de variância-covariâncias ($p=.010$) e no teste de Levene a homogeneidade de variâncias nos grupos observou-se nos estilos seguro ($p=.090$), não ocorrendo tal no estilo receoso ($p=.002$) e evitativo-experimentação ($p=.002$). A análise recaiu sobre 624 sujeitos conforme se vê na tabela 77.

Tabela 77 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Existência de Namoro Actual

Estilos Românticos	Namoro Actual	Média	dp	N
Seguro	Não	3.60	.441	311
	Sim	3.91	.474	313
	Total	3.75	.483	624
Receoso	Não	2.71	.443	311
	Sim	2.55	.519	313
	Total	2.63	.489	624
Evitativo-Experimentação	Não	3.01	.573	311
	Sim	2.77	.665	313
	Total	2.89	.632	624

Os testes multivariados mostram que o facto de ter namorado leva a que, pelo menos uma das médias dos estilos românticos se torna diferente das outras (Traço de Pillai=.115; $p=.000$), facto com uma credibilidade superior a 99% e um tamanho de efeito de 11.5% ($\eta_p^2=.115$). Entre-sujeitos observa-se que o facto de ter ou não namorado produz efeito nos estilos românticos, quer seja na percepção de segurança ($F_{(1,622)}=71.442$; $p=.000$), receio ($F_{(1,622)}=17.283$; $p=.000$) ou evitação-experimentação ($F_{(1,622)}=22.731$; $p=.000$) factos com uma credibilidade superior a 98.6%, embora o tamanho de efeito seja baixo (10.3%, 2.7% e 3.5%, respectivamente).

As comparações por pares especificam as diferenças, observando-se que são significativamente mais seguros, menos receosos e menos evitativos-experimentação os sujeitos que actualmente namoram. A tabela 78 apresenta os resultados. A alínea a) da terceira hipótese confirma-se.

Tabela 78 Diferenças de médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Ocorrência de Namoro Actual

Estilos Românticos	Namoro Actual		Diferença de Médias	p
Seguro	Sim	Não	.310*	.000
Receoso	Sim	Não	-.161*	.000
Evitativo-Experimentação	Sim	Não	-.237*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Os resultados são concordantes com Shulman e Scharf (2000), que encontram níveis de afecto mais elevados nos seus participantes que no momento têm relacionamentos amorosos, comparativamente aos que não tem. Montgomery e Sorell (1998) encontram resultados semelhantes. Embora o instrumento de avaliação destes estudos de referência seja diferente ao actualmente usado, colhe-se a ideia de que o facto dos participantes viverem no momento experiências românticas, torna mais salientes as competências dos sujeitos no assunto, podendo influenciar a percepção da qualidade dos romances. Ter namorado(a) representa oportunidade de desenvolvimento inter e intrapessoal na medida do exercício das competências afectivas. O namoro oferece condições para partilha de interesses,

reciprocidade afectiva e exploração da sexualidade, além de na adolescência representar reconhecimento de maior *status* no grupo de pares (Brown, 1999; Furman & Wehner, 1994), reconhecendo-se nos sujeitos percepções valorizadoras de confiança, de satisfação com a intimidade.

6.2.4.1 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Ocorrência de Namoro

Para responder à alínea b) da terceira hipótese realizou-se uma Anova de medidas repetidas. No factor intra-sujeitos consideraram-se quatro medidas que são os sistemas comportamentais, cada um com três níveis que correspondem aos estilos românticos. Como factor independente considerou-se a ocorrência actual de namoro.

Nos resíduos do teste K-S não se verificou normalidade nas distribuições. As descritivas mostram simetria e achatamento normal excepto nos casos seguintes. No grupo dos sujeitos que tem namoro na vinculação segura por ser assimétrica negativa e platicúrtica ($Sk/ep=-2.83$; $K/ep=-2.18$), na vinculação inquieta, cuidado evitativo e afiliação evitativa por serem assimétricas positivas ($Sk/ep=2.78$, $Sk/ep=3.84$, $Sk/ep=7.37$, respectivamente) e na afiliação segura por ser assimétrica negativa ($Sk/ep=-4.32$). No grupo dos sujeitos que não tem namoro na afiliação evitativa por ser assimétrica positiva e platicúrtica ($Sk/ep=2.11$; $K/ep=-2.48$), na vinculação inquieta por ser platicúrtica ($K/ep=-2.12$) e no cuidado inquieto por ser assimétrica positiva ($Sk/ep=2.23$). Analisaram-se 860 casos conforme a tabela 79.

Tabela 79 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Ocorrência de Namoro

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Namoro Actual	Média	dp	N
Vinculação Segura	Não	3.44	.617	432
	Sim	3.92	.639	428
	Total	3.68	.672	860
Vinculação Evitativa	Não	3.01	.563	432
	Sim	2.63	.641	428
	Total	2.82	.631	860
Vinculação Inquieta	Não	2.45	.647	432
	Sim	2.26	.683	428
	Total	2.35	.672	860
Cuidado Seguro	Não	3.77	.512	432
	Sim	4.00	.501	428
	Total	3.88	.519	860
Cuidado Evitativo	Não	2.24	.609	432
	Sim	1.95	.596	428
	Total	2.09	.620	860
Cuidado Inquieto	Não	3.04	.519	432
	Sim	3.18	.622	428
	Total	3.11	.577	860
Afiliação Segura	Não	3.83	.567	432
	Sim	4.26	.525	428
	Total	4.04	.588	860
Afiliação Evitativa	Não	2.08	.692	432
	Sim	1.63	.595	428
	Total	1.85	.683	860
Afiliação Inquieta	Não	2.73	.545	432
	Sim	2.39	.693	428
	Total	2.56	.646	860
Intimidade Segura	Não	3.81	.527	432
	Sim	4.05	.535	428
	Total	3.93	.544	860
Intimidade Evitativa-Experimentação	Não	3.03	.607	432
	Sim	2.76	.699	428
	Total	2.90	.669	860
Intimidade Receosa	Não	2.65	.501	432
	Sim	2.38	.544	428
	Total	2.52	.540	860

No teste M de Box não se observou covariância das matrizes ($p=.000$). No teste de Levene a igualdade de variâncias atingiu-se, excepto na vinculação evitativa ($p=.019$), cuidado inquieto ($p=.000$), afiliação evitativa ($p=.009$), afiliação inquieta ($p=.000$) e intimidade evitativa-experimentação ($p=.004$).

No teste de Mauchly não se verificou a esfericidade. Recorreu-se ao ϵ de Huynh-Feldt, que no sistema de vinculação foi de .904, no sistema de cuidado .840, no sistema de afiliação .879 e no sistema de intimidade .976.

Nos testes univariados dos efeitos intra-sujeitos observou-se que no sistema de vinculação há pelo menos uma média significativamente diferentes das ($F_{(1.807,1550.631)}=866.630$; $p=.000$), o mesmo acontecendo nos sistemas de cuidado ($F_{(1.679,1440.593)}=1906.871$; $p=.000$), de afiliação ($F_{(1.758,1508.123)}=2457.665$; $p=.000$) e de intimidade ($F_{(1.951,1674.136)}=1465.033$; $p=.000$). O facto de ter ou não namorado(a) interage significativamente com os estilos dos sistemas de vinculação ($F_{(1.807,1550.631)}=96.435$; $p=.000$), de cuidado ($F_{(1.679,1440.593)}=46.094$; $p=.000$), de afiliação ($F_{(1.758,1508.123)}=114.793$; $p=.000$) e de intimidade ($F_{(1.951,1674.136)}=61.899$; $p=.000$).

Ao observar os efeitos simples da existência de namoro nos estilos dos sistemas comportamentais, os gráficos 63, 64, 65 e 66 sugerem que em todos os casos, excepto no cuidado inquieto onde parece ocorrer o contrário, os sujeitos que têm namoro são mais seguros, menos evitativos e menos inquietos/receosos comparativamente aos que não têm.

Gráfico 63 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de acordo com a Ocorrência de Namoro

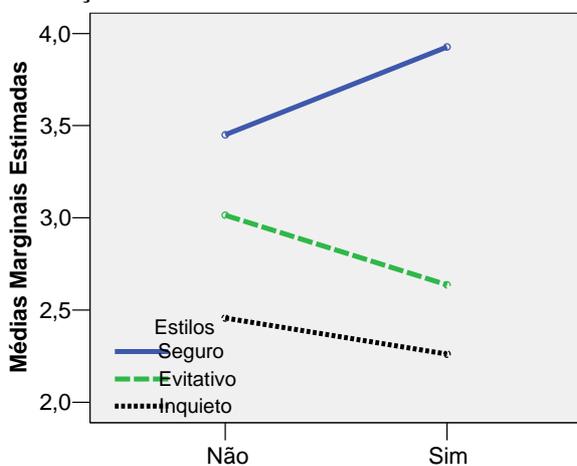


Gráfico 64 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de acordo com a Ocorrência de Namoro

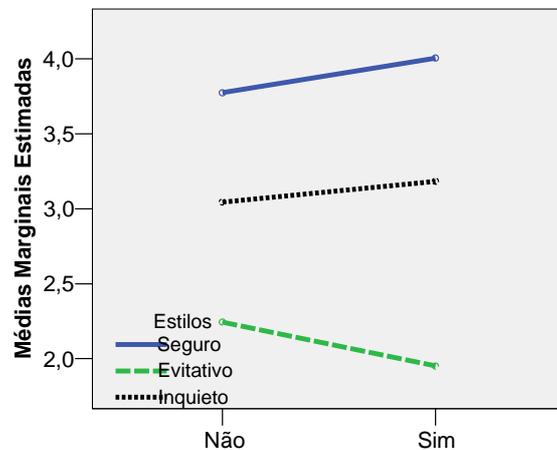


Gráfico 65 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de acordo com a Ocorrência de Namoro

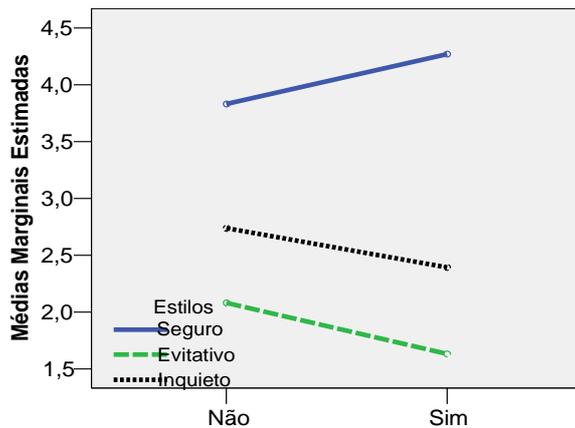
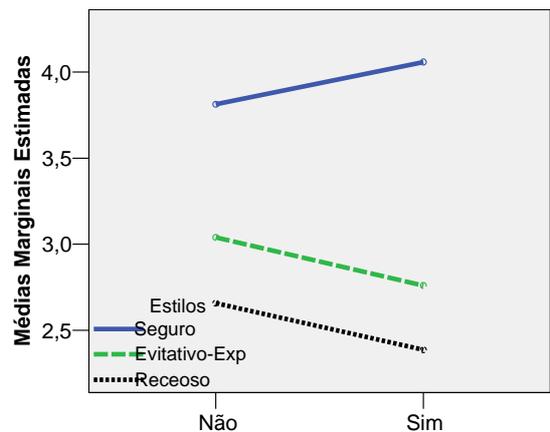


Gráfico 66 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de acordo com a Ocorrência de Namoro



Na tabela 80 as comparações por pares comprovam que as diferenças são sempre significativas. Contudo o cuidado inquieto é mais elevado nos sujeitos que têm namoro, do que naqueles que actualmente não namoram. A alínea b) da terceira hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 80 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de acordo com a Ocorrência de Namoro

Sistemas Comportamentais	Estilos Românticos	Namoro Actual	Diferença de Médias	p
Vinculação	Seguro	Sim Não	.477*	.000
	Evitativo	Sim Não	-.378*	.000
	Inquieto	Sim Não	-.195*	.000
Cuidado	Seguro	Sim Não	.231*	.000
	Evitativo	Sim Não	-.293*	.000
	Inquieto	Sim Não	.139*	.000
Afiliação	Seguro	Sim Não	.437*	.000
	Evitativo	Sim Não	-.448*	.000
	Inquieto	Sim Não	-.344*	.000
Intimidade	Seguro	Sim Não	.246*	.000
	Evitativo-Experimentação	Sim Não	-.279*	.000
	Receoso	Sim Não	-.271*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Os resultados são consistentes com Shulman e Scharf (2000). No estudo destes autores algumas das vantagens de ter parceiro romântico, identificadas pelos seus participantes, consistem no companheirismo e na componente sexual da relação.

A existência real de um parceiro romântico parece dominar a qualidade das percepções românticas dos sujeitos, que excepto no cuidado inquieto, transmitem a ideia de desenvolvimento, corroborando Connolly et al, (2004) que encontram nas experiências românticas adolescentes um percurso que passa da afiliação a indivíduos do mesmo sexo, para indivíduos do sexo oposto, progredindo para interacções com carácter afectivo-sexual. Os resultados observados no cuidado inquieto, podem porventura ser explicados pela dificuldade que pode estar presente na adolescência, quanto ao equilíbrio entre o que se oferece e cobra ao parceiro romântico.

6.2.5 Estilos Românticos Globais e a Duração do Namoro

Para responder à alínea c) da terceira hipótese realizou-se um teste Manova que considerou como variáveis dependentes os três estilos românticos e como factor independente a duração do namoro. O factor independente (C27_rr) resulta da categorização em quatro modalidades da variável contínua que colhia duração do namoro actual (C27).

No teste K-S dos resíduos a normalidade verificou-se para os três estilos em todas as categorias da variável respeitante à duração do namoro. A análise recaiu sobre 471 sujeitos conforme se vê na tabela 81.

Tabela 81 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Duração do Namoro Actual

Estilos Românticos	Duração do Namoro	Média	dp	N
Seguro	1 dia a 1 mês	3.73	.492	72
	31 dias a 6 meses	3.92	.446	115
	181 dias a 1 ano	4.00	.401	115
	Mais de 1 ano	4.03	.416	169
	Total	3.93	.443	471
Receoso	1 dia a 1 mês	2.71	.546	72
	31 dias a 6 meses	2.47	.460	115
	181 dias a 1 ano	2.50	.473	115
	Mais de 1 ano	2.43	.471	169
	Total	2.50	.488	471
Evitativo-Experimentação	1 dia a 1 mês	2.92	.662	72
	31 dias a 6 meses	2.68	.624	115
	181 dias a 1 ano	2.65	.607	115
	Mais de 1 ano	2.62	.635	169
	Total	2.69	.636	471

Relativamente aos pressupostos, no teste M de Box verifica-se a homogeneidade de variâncias ($p=.066$) e no teste de Levene as variâncias são homogêneas nos grupos, quer seja no estilo seguro ($p=.099$), receoso ($p=.234$) e evitativo-experimentação ($p=.729$).

Nos testes multivariados, observa-se que o tempo de namoro tem efeito significativo sobre pelo menos um dos estilos românticos (λ de Wilk=.923; $p=.000$), facto com uma credibilidade de 98.8%, mas com pequeno tamanho de efeito ($\eta_p^2=.026$).

Nos efeitos entre-sujeitos, constata-se que a duração do namoro actual possui efeito significativo sobre os estilos seguro ($F_{(3,467)}=8.875$; $p=.000$), receoso ($F_{(3,467)}=5.643$; $p=.001$) e evitativo-experimentação ($F_{(3,467)}=3.964$; $p=.008$). Nos dois primeiros casos a credibilidade é superior a 94.5%, embora o tamanho de efeito seja pequeno (η_p^2 varia entre .054 e .035), mas no terceiro caso a credibilidade é mais baixa de (83.3%; ($\eta_p^2=.025$)).

A observação dos gráficos de perfil 67, 68 e 69 é sugestiva de que à medida que cresce o tempo de namoro os sujeitos caracterizam os seus relacionamentos românticos actuais de maneira mais segura, menos receosa e evitativa-experimentação.

Gráfico 67 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Duração do Namoro Actual

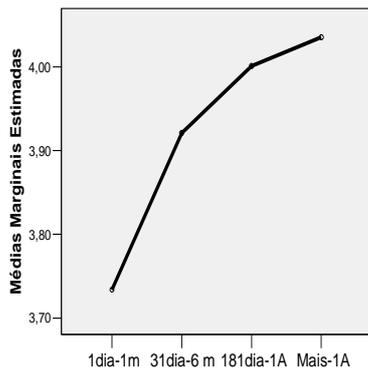


Gráfico 68 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Duração do Namoro Actual

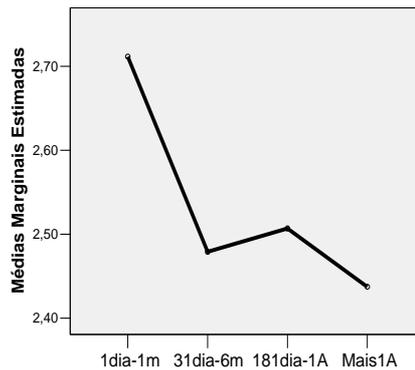
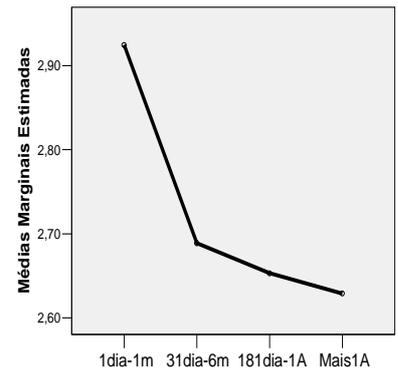


Gráfico 69 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Duração do Namoro Actual



Nas comparações por pares através do critério de Tukey, constata-se que os sujeitos que têm tempos de namoro mais curtos (1 dia a 1 mês) são significativamente menos seguros que os grupos com namoro mais longo, embora entre os restantes as diferenças não sejam

significativas. No estilo receoso, acontece exactamente o contrário. Relativamente ao estilo evitativo-experimentação, não existem diferenças significativas entre os dois grupos de menor duração do namoro (i.e. 1 dia a mês *versus*, 31 dias a 6 meses), residindo entre o grupo que namora há menos tempo e os dois grupos que têm namoro para além dos seis meses (tabela 82). A alínea c) da terceira hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 82 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Duração do Namoro Actual

Estilos Românticos		Duração do Namoro		Diferença de Médias	p
Seguro	Tukey HSD	1 dia a 1 mês	31 dias a 6 meses	-.187*	.022
			181 dias a 1 ano	-.267*	.000
			Mais de 1 ano	-.301*	.000
		31 dias a 6 meses	181 dias a 1 ano	-.079	.500
			Mais de 1 ano	-.114	.129
			Mais de 1 ano	-.034	.913
Receoso	Tukey HSD	1 dia a 1 mês	31 dias a 6 meses	.232*	.008
			181 dias a 1 ano	.204*	.025
			Mais de 1 ano	.274*	.000
		31 dias a 6 meses	181 dias a 1 ano	-.028	.971
			Mais de 1 ano	.041	.892
			Mais de 1 ano	.069	.630
Evitativo- Experimentação	Tukey HSD	1 dia a 1 mês	31 dias a 6 meses	.235	.063
			181 dias a 1 ano	.271*	.023
			Mais de 1 ano	.295*	.005
		31 dias a 6 meses	181 dias a 1 ano	.035	.973
			Mais de 1 ano	.059	.862
			Mais de 1 ano	.023	.989

* Diferença significativa ao nível .05

Os resultados sugerem que a percepção de segurança romântica é crescente e a de receio é decrescente, estabilizando-se ambas num tempo situado entre 31 dias e os seis meses. Por outro lado, o estilo evitativo-experimentação, que é decrescente, parece tender à estabilização em tempo posterior, num tempo situado entre os três meses e um ano de namoro. No global, apesar das diferenças não serem todas significativas, parece existir uma tendência para que o tempo do namoro sublinhe a identificação dos namorados como fontes de maior recurso e menor inquietação, assim como de utilização para auto-gratificação sexual. O desajuste nos tempos de instalação das percepções entre os estilos seguro e receoso, face ao estilo evitativo-experimentação, pode ser justificável pelo facto de que os adolescentes perspectivam inicialmente os namoros como oportunidade recreação, de experimentações sexuais ou de obtenção de *status* (Bouchey & Furman, 2003; Brown, 1999).

Com a maior duração do namoro, as interacções com os parceiros românticos promovem a identificação destes como fontes de apoio e progressivamente, adquirem-se competências para lidar com a intimidade física. A atracção física inicial passa para percepções mais estáveis dos aspectos lúdico-eróticos, redundando porventura na criação de laços, que podem gerar intimidade mais profunda e compromisso posteriores em relações mais consistentes no par.

6.2.5.1 Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Duração do Namoro

Para responder à alínea d) da terceira hipótese realizou-se uma Anova de medidas repetidas. Antes de proceder à operação estatística, a variável contínua respeitante à duração do namoro actual (C27), foi transformada em categórica (C27_r2) com duas modalidades 1) menos de seis meses e 2) mais de seis meses.

Na Anova de medidas repetidas, consideraram-se no factor intra-sujeitos quatro medidas (sistemas comportamentais), tendo cada um destes sistemas três níveis que correspondem aos estilos românticos seguro, evitativo e inquieto/receoso. No factor inter-sujeitos utilizou-se a duração do namoro em duas modalidades.

No teste K-S dos resíduos a normalidade verificou-se na vinculação segura para o grupo de sujeitos que namora há menos de seis meses e na intimidade evitativa-experimentação também neste mesmo grupo de sujeitos. As descritivas mostram simetria e achatamento normal, excepto: 1) no grupo do sujeitos que namoram há menos de seis meses no cuidado evitativo (Sk/ep=3.79), na afiliação segura (Sk/ep=-2.49), na afiliação evitativa (Sk/ep=5), na afiliação inquieta (Sk/ep=2.47) e na intimidade segura (Sk/ep=-4.53; K/ep=3.04) e no grupo dos sujeitos que namora há mais de seis meses no cuidado evitativo (Sk/ep=3.78; K/ep=3.81), cuidado inquieto (Sk/ep=2.12), na afiliação inquieta (Sk/ep=2.85) e na intimidade receosa (Sk/ep=2.15). A observação recaiu sobre 477 sujeitos (tabela 83).

Tabela 83 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais Consoante a Duração do Namoro Actual

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Duração do Namoro	Média	dp	N
Vinculação Segura	Menos de 6 meses	3.68	.690	175
	Mais de 6 meses	3.98	.667	302
	Total	3.87	.690	477
Vinculação Evitativa	Menos de 6 meses	2.73	.644	175
	Mais de 6 meses	2.63	.728	302
	Total	2.67	.699	477
Vinculação Inquieta	Menos de 6 meses	2.38	.735	175
	Mais de 6 meses	2.23	.677	302
	Total	2.28	.702	477
Cuidado Seguro	Menos de 6 meses	3.95	.517	175
	Mais de 6 meses	3.99	.542	302
	Total	3.98	.533	477
Cuidado Evitativo	Menos de 6 meses	2.08	.728	175
	Mais de 6 meses	1.96	.634	302
	Total	2.01	.672	477
Cuidado Inquieto	Menos de 6 meses	3.12	.662	175
	Mais de 6 meses	3.19	.683	302
	Total	3.17	.676	477
Afiliação Segura	Menos de 6 meses	4.13	.610	175
	Mais de 6 meses	4.32	.633	302
	Total	4.25	.631	477
Afiliação Evitativa	Menos de 6 meses	1.88	.798	175
	Mais de 6 meses	1.60	.624	302
	Total	1.70	.705	477
Afiliação Inquieta	Menos de 6 meses	2.58	.757	175
	Mais de 6 meses	2.35	.738	302
	Total	2.43	.752	477
Intimidade Segura	Menos de 6 meses	3.91	.625	175
	Mais de 6 meses	4.08	.544	302
	Total	4.02	.581	477
Intimidade Evitativa-Experimentação	Menos de 6 meses	2.88	.719	175
	Mais de 6 meses	2.73	.718	302
	Total	2.79	.722	477
Intimidade Receosa	Menos de 6 meses	2.49	.605	175
	Mais de 6 meses	2.36	.579	302
	Total	2.41	.592	477

No teste M de Box não se observou covariância das matrizes ($p=.000$). No teste de Levene a homogeneidade de variâncias observou-se em todas as variáveis ($p>.05$), excepto no cuidado evitativo ($p=.045$) e na afiliação evitativa ($p=.000$).

A circularidade não se verificou no teste de Mauchly, recorrendo-se ao ϵ de Huyhn-Feldt, que no sistema de vinculação foi de .887, no sistema de cuidado .845, no sistema de afiliação .882 e no sistema de intimidade .964.

Nos testes univariados dos efeitos intra-sujeitos observou-se que as médias no sistema de vinculação diferem entre si ($F_{(1.774,842.588)}=505.184$; $p=.000$), o mesmo acontecendo nos

sistemas de cuidado ($F_{(1.690,802.778)}=951.837$; $p=.000$), afiliação ($F_{(1.764,838.059)}=1284.060$; $p=.000$) e intimidade ($F_{(1.928,915.690)}=831.174$; $p=.000$). A tabela 84 apresenta as diferenças, confirmando que em todos os sistemas comportamentais a percepção de segurança romântica é mais elevada que a de evitação e inquietação/receio.

Tabela 84 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais

Sistemas Comportamentais	Estilos		Diferença de Médias	p
Vinculação	Seguro	Evitativo	1.144*	.000
		Inquieto	1.523*	.000
Cuidado	Evitativo	Inquieto	.379*	.000
	Seguro	Evitativo	1.949*	.000
Afiliação	Evitativo	Inquieto	.815*	.000
		Inquieto	-1.134*	.000
	Seguro	Evitativo	2.442*	.000
		Inquieto	1.722*	.000
Intimidade	Evitativo	Inquieto	-.721*	.000
	Seguro	Evitativo-Exp.	1.190*	.000
		Receoso	1.571*	.000
	Evitativo-Exp.	Receoso	.382*	.000

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Nos testes univariados observa-se também que a duração do namoro interage com os estilos do sistema de vinculação ($F_{(1.774,842.588)}=12.225$; $p=.000$), tal como com os estilos do sistema de afiliação ($F_{(1.764,838.059)}=13.151$; $p=.000$) e intimidade ($F_{(1.928,915.690)}=10.698$; $p=.000$), não se verificando tal no sistema de cuidado ($F_{(1.690,802.778)}=2.765$; $p=.073$).

O gráfico 70 sugere que quem namora há mais tempo é, no sistema de vinculação, mais seguro e menos inquieto, mas a inclinação da recta no estilo evitativo faz supor que as médias são aproximadas nos dois períodos considerados. No sistema de cuidado, a duração do namoro não parece influenciar as percepções nos estilos românticos (gráfico 71). Nos sistemas de afiliação e intimidade (gráficos 72 e 73) as imagens são sugestivas de que quem namora há mais tempo é mais seguro, menos evitativo e inquieto/receoso

Gráfico 70 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com a Duração do Namoro

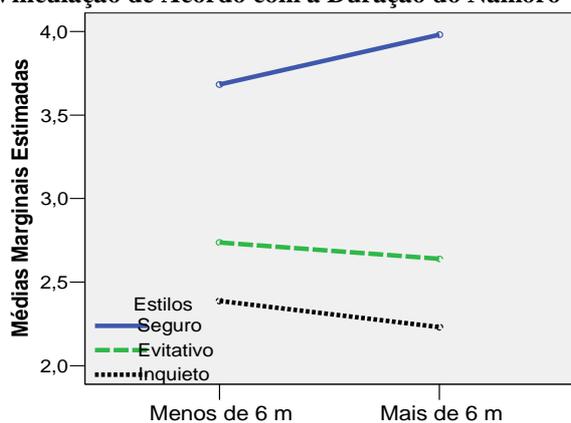


Gráfico 71 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com a Duração do Namoro

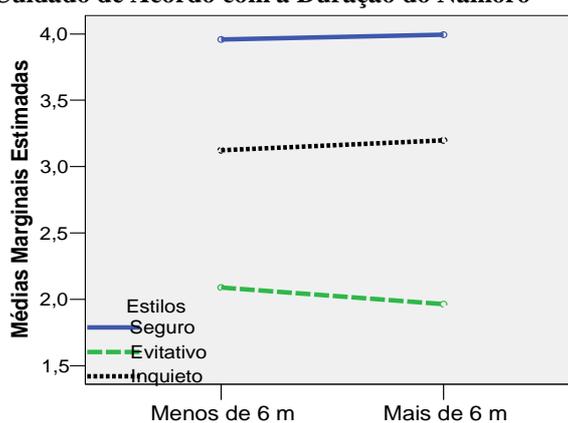


Gráfico 72 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de Acordo com a Duração do Namoro

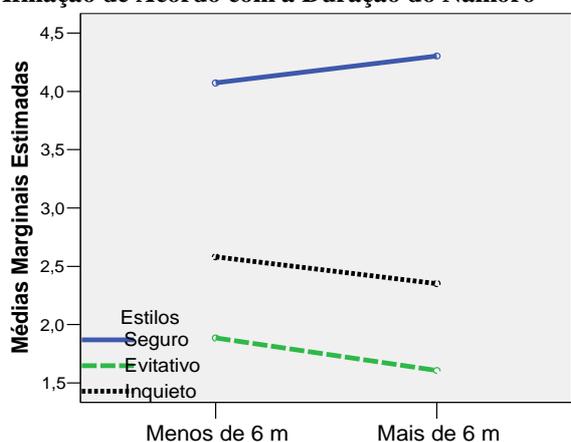
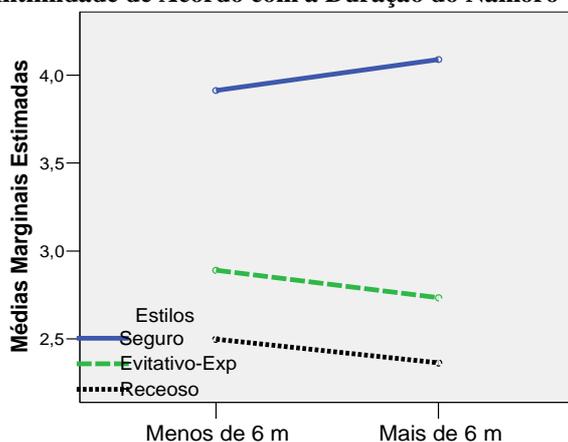


Gráfico 73 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de Acordo com a Duração do Namoro



As comparações por pares, confirmam que são significativas as diferenças sugeridas pelos gráficos (tabela 85). A alínea d) da terceira hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 85 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Duração do Namoro Actual

Sistemas Comportamentais	Estilos	Duração do Namoro Actual		Diferenças de Médias	p
Vinculação	Seguro	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	-.297*	.000
	Evitativo	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	.098	.142
	Inquieto	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	.157*	.019
Cuidado	Seguro	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	-.036	.474
	Evitativo	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	.124	.052
	Inquieto	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	-.075	.246
Afiliação	Seguro	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	-.231*	.000
	Evitativo	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	.279*	.000
	Inquieto	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	.230*	.001
Intimidade	Seguro	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	-.176*	.001
	Evitativo-Exp	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	.157*	.022
	Receoso	Menos de 6 meses	Mais de 6 meses	.134*	.017

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

O facto de se verificarem diferenças significativas em todos os estilos dos sistemas de afiliação e intimidade, em dois dos estilos do sistema de vinculação e de não existirem diferenças entre os estilos do sistema de cuidado, concorre para Furman e Wehner (1997) que consideram mais tardia a emergência da vinculação, supondo que o cuidado manifestar-se-á na última fase da adolescência ou início da idade adulta. Assim, as percepções românticas no desenvolvimento adolescente, mostrarem evolução quando referidas à duração de uma relação, onde está incluída uma figura particular. A maior duração da relação com uma pessoa específica fomenta a validação de laços afectivo-sexuais que os adolescentes com relacionamentos mais curtos não percebem.

6.2.6 Estilos Românticos Globais e o Tipo de Parceiros

Considerou-se oportuno observar a relação entre os estilos românticos e o tipo de parceiros sexuais dos sujeitos, dando-se resposta à alínea e) da terceira hipótese, onde se esperava que os sujeitos com parceiros fixos se mostrassem mais seguros, menos evitativos e recosos que os que têm parceiros ocasionais ou mistos.

Antes de iniciar a análise construiu-se uma nova variável (i.e. Tipo_Parceiros), onde se conjugaram as declarações dos sujeitos nas variáveis C49 e C50. Assim, os sujeitos que declaravam dar-se com uma “pessoa especial” (categoria 1 na variável C49) e não ter relacionamentos sexuais com outros (categoria 2 na variável 50) foram classificados como “fixos”; os sujeitos que declaravam não se relacionar com “uma pessoa especial” (categoria 2 na variável C49) e relacionar-se com outras pessoas (categoria 1 na variável C50) foram classificados como “ocasionais”; os sujeitos que declaravam relacionar-se com “uma pessoa especial” (categoria 1 na variável C49) e simultaneamente com parceiros ocasionais (categoria 1 na variável C50) foram classificados como “mistos”. Ou seja, através deste tratamento obteve-se a representação dos sujeitos quanto a relacionamentos exclusivamente

monogâmicos (i.e. fixos), exclusivamente ocasionais (i.e. ocasionais) e sujeitos que apesar de terem um parceiro fixo também têm relações sexuais com parceiros ocasionais (i.e. mistos). A amostra foi sujeita a aleatorização uma vez que a representação dos sujeitos com parceiros exclusivamente ocasionais (N=38) era muito díspar das outras situações.

A normalidade foi observada em todos as situações, excepto no estilo seguro para o grupo dos sujeitos com parceiro fixo, onde as descritivas mostraram assimetria negativa ($Sk/ep=-2.39$) e no estilo evitativo-experimentação, que nas descritivas se mostra assimétrica negativa ($Sk/ep=-3.257$) e leptocúrtica ($K/ep=3.66$). A análise recaiu sobre 126 sujeitos, conforme se vê na tabela 86.

Tabela 86 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com o Tipo de Parceiros

Estilos Românticos	Tipo de Parceiros	Média	dp	N
Seguro	Fixo	3.89	.451	48
	Misto	3.51	.525	43
	Ocasional	3.46	.382	35
	Total	3.64	.497	126
Receoso	Fixo	2.54	.480	48
	Misto	2.76	.539	43
	Ocasional	2.73	.512	35
	Total	2.67	.516	126
Evitativo-Experimentação	Fixo	2.79	.508	48
	Misto	3.25	.657	43
	Ocasional	3.31	.546	35
	Total	3.09	.615	126

Na verificação dos pressupostos, o teste M de Box mostra homogeneidade na matriz de variância covariância ($p=.111$) e no teste de Levene o erro de variância do estilo seguro não cumpre o pressuposto ($p=.032$), enquanto que no estilo evitativo-experimentação e receoso é igual nos grupos ($p=.813$ e $p=.777$, respectivamente).

Nos testes multivariados, observa-se que pelo menos um dos estilos românticos apresenta uma média significativamente diferente das outras (Maior Raiz de Roy=.312; $p=.000$), facto com mais de 99% de credibilidade e com tamanho de efeito de 23.8% ($\eta_p^2=.238$). Entre-sujeitos, constata-se que no estilo seguro há diferenças significativas ($F_{(2,123)}=11.364; p=.000$), o mesmo acontecendo no estilo evitativo-experimentação

($F_{(2,123)}=10.478;p=.000$), mas no estilo receoso as médias são semelhantes ($F_{(2,123)}=2.456;p=.090$).

Os gráficos 74, 75 e 76 são sugestivos de que os sujeitos com parceiros fixos são mais seguros e menos receosos e mostram menor evitação-experimentação.

Gráfico 74 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Tipo de Parceiros

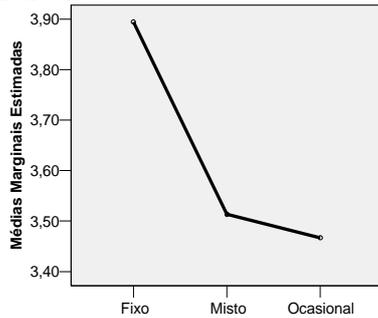


Gráfico 75 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Tipo de Parceiros

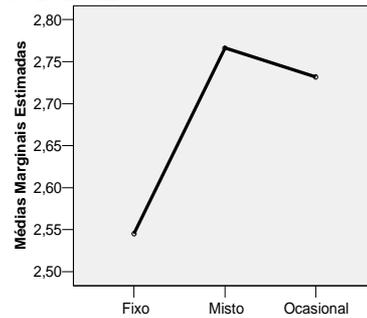
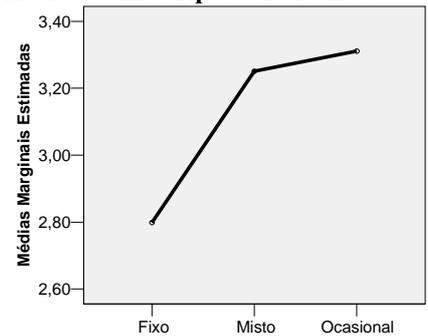


Gráfico 76 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Tipo de Parceiros



Nas comparações por pares comprovam que as percepções de segurança são mais altas nos sujeitos com parceiros fixos do que naqueles com parceiros mistos ou ocasionais, acontecendo exactamente o contrário no estilo evitativo-experimentação. No entanto o estilo receoso apesar de seguir a mesma tendência do estilo evitativo, as diferenças não são significativas. A tabela 87 apresenta as diferenças de médias. A alínea e) da terceira hipótese confirma-se parcialmente.

Tabela 87 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com o Tipo de Parceiros Sexuais

Estilos Românticos		Tipo de Parceiros		Diferença de Médias	p
Seguro	Bonferroni	Fixo	Misto	.380*	.000
			Ocasional	.427*	.000
		Misto	Ocasional	.046	1.000
Receoso	Bonferroni	Fixo	Misto	-.221	.124
			Ocasional	-.186	.307
		Misto	Ocasional	.034	1.000
Evitativo-Experimentação	Bonferroni	Fixo	Misto	-.452*	.001
			Ocasional	-.512*	.000
		Misto	Ocasional	-.065	1.000

* Diferença significativa ao nível .05

No que respeita aos estilos seguro e evitativo-experimentação e apesar de não serem significativas as diferenças no estilo receoso, mas tenderem para menor receio nos sujeitos

com parceiro fixo, os resultados confirmam Furman e Wehner (1997), que reconhecem maior segurança romântica e menor evitação e receio em raparigas com relacionamentos exclusivos, comparativamente àquelas que com relacionamentos ocasionais. Os resultados encontrados são também consistentes com Rosengard et al, (2005) que identificam associações entre a exclusividade dos relacionamentos e a maior valorização da intimidade e da confiança, comparativamente às situações em que os adolescentes têm apenas parceiros ocasionais ou aos que têm parceiros mistos.

Os relacionamentos com parceiros fixos, mais duradouros, podem permitir melhor auto-imagem romântica e maiores competências quando os adolescentes retratam os seus romances. O facto é que se os parceiros são fixos, o par interage mais vezes, por mais tempo e o investimento afectivo-sexual será mais forte, enquanto que em relacionamentos ocasionais perdurarão porventura os aspectos ludio-eróticos, sem compromissos de continuidade e sem partilhas afectivo-sexuais no quotidiano relacional.

6.2.6.1 Estilos Seguros dos Sistemas Comportamentais e o Tipo de Parceiros

Para responder à alínea f) da terceira hipótese, observou-se num teste Manova, o efeito do tipo de parceiros nos estilos seguros dos quatro sistemas comportamentais.

A normalidade, observada nos resíduos do teste K-S, para os sujeitos que têm parceiros fixos, não foi encontrada em nenhum dos sistemas comportamentais e nas descritivas encontrou-se assimetria negativa na vinculação segura ($Sk/ep=-3.27$) afiliação segura ($Sk/ep=-5.22$) e intimidade segura ($Sk/ep=-4.01$) e achatamento normais. No grupo dos sujeitos com parceiros mistos, o teste K-S dos resíduos apresentou normalidade na vinculação segura ($p=.200$) e nas restantes, as descritivas revelavam simetria e achatamento normais. Quanto ao grupo de sujeitos com parceiros ocasionais os resíduos no teste de Shapiro-Wilk, apresentavam normalidade na vinculação segura ($p=.100$), cuidado seguro

($p=.250$) e afiliação segura ($p=.097$), não se verificando na intimidade segura, que nas descritivas se mostrava assimétrica ($Sk/ep=-2.24$) e mesocúrtica ($K/ep=.724$). A análise recaiu sobre 539 sujeitos (tabela 88).

Tabela 88 Descritivas do Estilo Seguro nos Sistemas Comportamentais de Acordo com o Tipo de Parceiros

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Tipo de Parceiros	Média	dp	N
Vinculação Segura	Fixo	3.85	.679	350
	Misto	3.34	.730	152
	Ocasional	3.26	.666	37
	Total	3.66	.736	539
Cuidado Seguro	Fixo	3.98	.559	350
	Misto	3.67	.573	152
	Ocasional	3.64	.534	37
	Total	3.87	.581	539
Afiliação Segura	Fixo	4.20	.663	350
	Misto	3.86	.726	152
	Ocasional	3.79	.526	37
	Total	4.08	.694	539
Intimidade Segura	Fixo	4.08	.533	350
	Misto	3.64	.710	152
	Ocasional	3.68	.494	37
	Total	3.93	.619	539

Relativamente aos pressupostos da Manova, no teste M de Box não se verificou igualdade de variância covariância ($p=.001$) e no teste de Levene a homogeneidade entre os grupos foi encontrada na vinculação segura ($p=.830$), cuidado seguro ($p=.994$) mas tal não ocorreu na afiliação segura ($p=.026$) nem na intimidade segura ($p=.000$).

Os testes multivariados mostram que pelo menos uma das médias dos sistemas comportamentais é diferente das restantes (Traço de Pillai=.161; $p=.000$), com uma credibilidade superior a 99%, mas com pequeno tamanho de efeito ($\eta_p^2=.081$). Nos efeitos entre-sujeitos constata-se que na vinculação segura há médias diferentes, consoante o tipo de parceiros dos sujeitos ($F_{(2,536)}=35.602$; $p=.000$), o mesmo acontecendo no cuidado seguro ($F_{(2,536)}=19.949$; $p=.000$), afiliação segura ($F_{(2,536)}=17.505$; $p=.000$) e intimidade segura ($F_{(2,536)}=32.661$; $p=.000$).

Os gráficos 77, 78, 79 e 80 são sugestivos de que os sujeitos com parceiro fixo mostram maior vinculação segura, assim como cuidado, afiliação e intimidade.

Gráfico 77 Médias na Vinculação Segura de Acordo com o Tipo de Parceiros

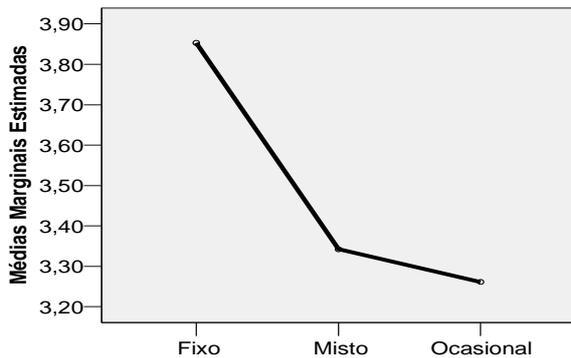


Gráfico 78 Médias no Cuidado Seguro de Acordo com o Tipo de Parceiros

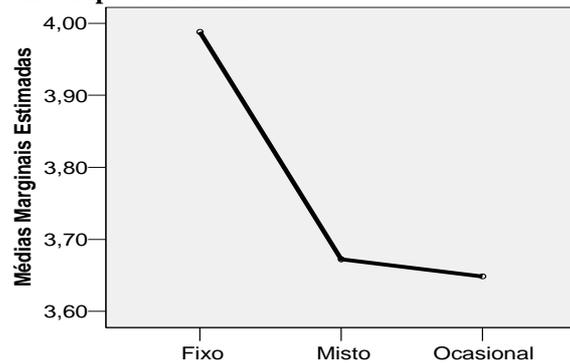


Gráfico 79 Médias na Afiliação Segura de Acordo com o Tipo de Parceiros

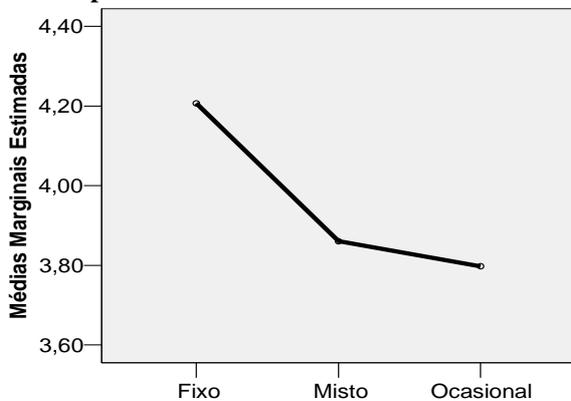
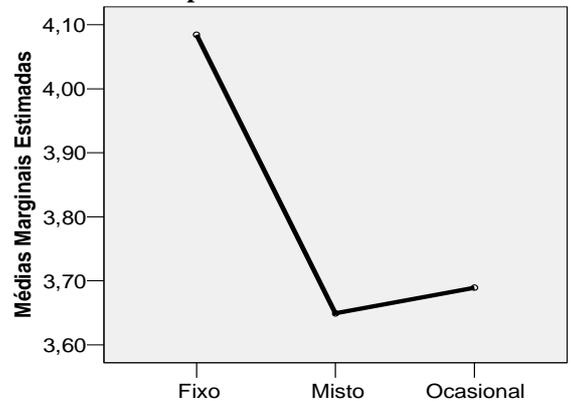


Gráfico 80 Médias na Intimidade Segura de Acordo com o Tipo de Parceiros



As comparações por pares, critério Games-Howell, mostram que os sujeitos que têm parceiros fixos caracterizam os seus relacionamentos com maior vinculação, cuidado, afiliação e intimidade seguras, do que aqueles que têm parceiros ocasionais ou mistos (tabela 89). A alínea f) da terceira hipótese confirma-se.

Tabela 89 Diferença de Médias nos Estilos Seguros dos Sistemas Comportamentais de Acordo com o Tipo de Parceiros

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Tipo de Parceiros		Diferença de Médias	p
Vinculação Segura	Fixo	Misto	.510*	.000
		Ocasional	.591*	.000
	Misto	Ocasional	.080	.886
Cuidado Seguro	Fixo	Misto	.315*	.000
		Ocasional	.339*	.002
	Misto	Ocasional	.023	.993
Afiliação Segura	Fixo	Misto	.346*	.000
		Ocasional	.409*	.000
	Misto	Ocasional	.062	.907
Intimidade Segura	Fixo	Misto	.435*	.000
		Ocasional	.395*	.000
	Misto	Ocasional	-.040	.969

* Diferença significativa ao nível .05

Destaca-se a maior segurança romântica, em todos os sistemas comportamentais, nos sujeitos que têm parceiros fixos, sendo os resultados consistentes com Furman e Wehner (1997) e Bauman e Berman (2005). Assim, ter como parceiro sexual uma só pessoa que com quem se interage repetidamente em situações de grande privacidade e exposição de sentimentos, e por isso em períodos de tempo mais prolongado, parece associar-se a percepções de maior segurança romântica. Martinez e Fuertes (1999b) encontram também em adolescentes associações entre a maior duração do relacionamento romântico e a estabilidade nessa mesma relação. Os resultados espelham porventura o significado que pode ter para os adolescentes a co-construção dos relacionamentos românticos, reconhecendo apoio, companheirismo, mutualidade, atenção ao bem-estar do outro e partilhas na exploração de intimidade sexual.

6.3 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 3

De acordo com o terceiro objectivo, caracterizam-se seguidamente os sujeitos no contexto das estratégias de negociação no uso de preservativo. Especificamente, à luz do modelo de Noar (2003), 1) identificam-se as estratégias mais utilizadas pelos sujeitos, procuram-se diferenças de acordo com o 2) sexo, 3) grupos de idade, 4) ocorrência de namoro actual, 5) experiências de coito e 6) tipo de parceiros. Identificam-se 7) associações entre os níveis de negociação das estratégias e os estilos românticos.

6.3.1 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e o Sexo dos Sujeitos

Os sujeitos sublinham estratégias de afirmação e valorizam menos a que pode ser conotada com falsidade relacional, ou seja, a estratégia de engano. A tabela 90 apresenta as descritivas.

Tabela 90 Descritivas das Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo

Estratégias de Negociação	N	Mínimo	Máximo	Média	dp
Recusa da Relação Sexual	1470	1.00	5.00	3.99	1.24
Pedido Directo	1448	1.00	5.00	4.07	1.12
Sedução	1424	1.00	5.00	3.48	.974
Argumentação Sobre o Tipo de Relação	1437	1.00	5.00	3.90	1.07
Informação Sobre IST	1436	1.00	5.00	4.05	1.12
Engano	1427	1.00	5.00	2.95	1.16

Para responder à alínea a) da quarta hipótese observaram-se as diferenças nas médias das estratégias de negociação de acordo com o sexo, através um teste t de Student.

Verificou-se que as raparigas apresentam médias significativamente mais altas que os rapazes nas estratégias de recusa da relação ($t_{(1300.635)}=-7.826$; $p=.000$), pedido directo ($t_{(1258.669)}=-5.983$; $p=.000$), tipo de relacionamento ($t_{(1287.372)}=-7.013$; $p=.000$) e recurso a informação sobre IST ($t_{(1206.938)}=-5.857$; $p=.000$). Por outro lado nas estratégias de sedução e engano as médias de ambos os sexos são aproximadas, não apresentando diferenças relevantes

($t_{(1371.385)}=.618$; $p=.537$ e $t_{(1419)}=-.900$; $p=.368$, respectivamente). A tabela 91 apresenta os resultados.

Tabela 91 Médias nas Estratégias de Negociação de Preservativo de Acordo com o Sexo

Estratégias de Negociação	Rapazes		Raparigas		t
	Média	dp	Médias	dp	
Recusa de Relação Sexual	3.69	1.25	4.20	1.19	-7.826*
Pedido Directo	3.87	1.15	4.22	1.07	-5.983*
Sedução	3.50	.918	3.47	1.01	.618
Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento	3.71	1.07	4.11	1.04	-7.013*
Informação Sobre IST	3.85	1.20	4.20	1.04	-5.857*
Engano	2.92	1.15	2.98	1.16	-.902

* $p<.05$

A alínea a) da quarta hipótese confirma-se parcialmente, uma vez que só algumas das estratégias que exigem verbalização são realmente mais usadas pelas raparigas, e na estratégia de engano e sedução (i.e. não verbal) não se verificaram diferenças entre os sexos.

Os resultados encontrados não são concordantes com Noar, Morokoff e Harlow (2004), que utilizando o mesmo instrumento em população universitária não encontraram diferenças significativas entre os sexos. Embora a hipótese não se verifique para todas as situações propostas, faz supor que há maior tendência nas raparigas para atitudes mais favoráveis à negociação do uso de preservativo e para usar mais as estratégias verbais (Puertas & Yáber, 2005; Oliva, Serra & Vallejo, 1997). Porventura, nos rapazes, o esforço para sexo seguro é aligeirado perante a eminência de oportunidades de coito, enquanto que nas raparigas, talvez pelas consequências (i.e. GND), o controlo sobre a ocorrência de coito e a responsabilidade pela contracepção está mais presente (Breakwell & Millward, 1997).

6.3.2 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo nos Grupos de Idade

Para observar a influência da idade nas estratégias de negociação e responder à alínea b) da quarta hipótese, realizou-se um teste de Student.

Observou-se que as médias das estratégias de negociação são próximas, sem diferenças significativas, excepto na estratégia de engano, onde os mais velhos pontuam mais

baixo ($t_{(1402)}=2.891$; $p=.004$), como se previa na hipótese formulada. Assim a hipótese confirma-se neste aspecto. A tabela 92 apresenta os resultados.

Tabela 92 Médias nas Estratégias de Negociação de Preservativo de Acordo com os Grupos Etários

Estratégias de Negociação	14-16 anos		17-21 anos		t
	Média	dp	Médias	dp	
Recusa de Relação Sexual	4.01	1.26	3.96	1.21	.803
Pedido Directo	4.09	1.14	4.03	1.08	.981
Sedução	3.48	.965	3.48	.981	-.076
Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento	3.97	1.07	3.88	1.06	1.643
Informação Sobre IST	4.06	1.15	4.04	1.09	.263
Engano	3.02	1.17	2.84	1.14	2.891*

* $p<.05$

Se se pensar que com o avançar da adolescência, as práticas de coito se tornam um comportamento esperado a maior ou menor prazo, o facto de os mais velhos não mostrarem maior adesão à aplicação das estratégias de negociação, faz supor que a maior idade dos sujeitos revela dificuldades na negociação que não são perspectivadas pelos mais novos. Porventura os mais novos menosprezam dificuldades ou criam antevisões irreais de facilidade na abordagem de aspectos de maior intimidade, no lidar com questões tanto de protecção pessoal como de confiança relacional.

Tais resultados são concordantes com um padrão de protecção contraceptiva problemático, que se inicia em adolescentes mais novos com métodos pouco eficazes ou má utilização do preservativo, passando cerca dos 14 anos para maior uso e mais tarde para menor frequência, especialmente no caso de relacionamentos continuados (Nguyet et al, 1994; Noar, Zimmerman & Atwood, 2004).

6.3.3 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e a Ocorrência de Namoro

Pesquisou-se também, no contexto das estratégias de negociação, a existência de diferenças de médias entre os grupos de sujeitos que namoram e que não namoram, para responder à alínea c) da quarta hipótese.

Através do teste de Student, constata-se que apenas existem diferenças significativas entre os que namoram e os que não namoram, na estratégia de recusa da relação ($t_{(991.445)}=2.573; p=.010$) e engano ($t_{(990.045)}=3.051; p=.002$) enquanto que nas restantes tal não acontece. Contudo, na estratégia de recusa da relação, contrariamente ao esperado, os que têm namoro apresentam médias mais baixas, ou seja, opor-se-iam menos ao coito, que aqueles que não namoram. A alínea c) da quarta hipótese confirma-se apenas na estratégia de engano. A tabela 93 apresenta os resultados.

Tabela 93 Médias nas Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo de Acordo com a Ocorrência de Namoro Actual

Estratégias de Negociação	Namoro Actual				t
	Não		Sim		
	Média	dp	Médias	dp	
Recusa de Relação Sexual	4.03	1.20	3.83	1.34	2.573*
Pedido Directo	4.09	1.09	4.00	1.19	1.278
Sedução	3.54	.928	3.44	1.06	1.494
Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento	3.95	1.05	3.96	1.16	1.259
Informação Sobre IST	4.04	1.13	3.96	1.18	1.144
Engano	3.01	1.13	2.79	1.21	3.051*

* $p < .05$

Nos sujeitos do presente estudo, excepto no engano, ter namoro, parece ser um factor que dificulta, a negociação para o uso de preservativo. Porventura as próprias características do namoro, como relação que se pretende de confiança, é pouco compatível com alguma forma de pressão sobre o parceiro(a), não suporta a tensão que a negociação pode gerar, ou simplesmente o uso do método não surge como necessidade (Fazekas, Senn & Ledgerwood, 2001; Kourdoutis, Loumakou & Sarafidou, 2000). Assim o facto de ter namorado, ou seja, ver-se na realidade num relacionamento onde há partilha de intimidade, compromisso ou afecto, pode diminuir o reconhecimento da importância do sexo seguro.

6.3.4 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e a Ocorrência de Coito

Para observar a influência das experiências de coito na aplicação das estratégias de negociação, realizou-se um teste de Student, respondendo assim à alínea d) da quarta hipótese.

Excepto na sedução, observaram-se diferenças significativas nas médias das estratégias de negociação, entre os sujeitos que são experientes no coito e os que não são experientes. Porém, a hipótese apenas se verifica na estratégia de engano, pois contrariamente ao proposto, os que não têm experiências de coito apresentam médias mais elevadas nas restantes estratégias de negociação. A tabela 94 apresenta os resultados.

Tabela 94 Diferenças de Médias nas Estratégias de Negociação no Uso de preservativo de acordo com a Experiência de Coito

Estratégias de Negociação	Experiência de Coito				t
	Não		Sim		
	Média	dp	Médias	dp	
Recusa de Relação Sexual	4.17	1.20	3.75	1.27	6.406*
Pedido Directo	4.19	1.07	3.92	1.17	4.547*
Sedução	3.50	.923	3.46	1.01	.679
Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento	4.08	1.01	3.75	1.11	5.846*
Informação Sobre IST	4.21	1.06	3.86	1.17	5.889*
Engano	3.04	1.15	2.84	1.16	3.127*

*p<.05

Os resultados afastam-se de Kigozi (2006) quando no seu estudo, a maioria dos sujeitos com experiências de coito (70.6%) considera que é fácil levar o parceiro(a) a usar protecção sempre que há relações sexuais.

A contradição está no facto de que seria esperado que as experiências de coito pudessem criar maior abertura na comunicação com o parceiro(a) sobre sexo seguro. Reflectem porventura, as dificuldades que os adolescentes enfrentam, quando passam do propósito de usar protecção para o uso propriamente dito do preservativo e faz supor que a persuasão do parceiro é vulnerável em presença de comportamentos coitais. As atitudes favoráveis ao uso de preservativo são úteis, mas não suficientes para o uso real do método.

6.3.5 Estratégias de Negociação no Uso de Preservativo e o Tipo de Parceiros Sexuais

Para dar resposta à alínea e) da quarta hipótese, através de um teste Anova One-way, observaram-se as médias para cada estratégia de negociação, de acordo com os três tipos de relacionamentos (i.e. parceiros fixos exclusivamente, parceiros extemporâneos em sujeitos com parceiros fixos e parceiros ocasionais exclusivos). A homogeneidade de variâncias não se verificou na estratégia de pedido directo ($p=.001$) e aplicação da informação sobre IST ($p=.001$), observando-se nas restantes ($p>.05$).

Identificaram-se diferenças significativas nas estratégias de recusa da relação sexual ($F_{(2,547)}=6.576$; $p=.002$), pedido directo ($F_{(2,545)}=11.678$; $p=.000$), argumentação sobre o tipo de relação ($F_{(2,543)}=10.692$; $p=.000$), aplicação da informação sobre IST ($F_{(2,540)}=20.772$; $p=.000$) e engano ($F_{(2,540)}=3.688$; $p=.026$), não ocorrendo tal na estratégia de sedução ($F_{(2,542)}=2.744$; $p=.065$). Nos gráficos 81, 82, 83, 84 as imagens são sugestivas de que os sujeitos com parceiros extemporâneos, ou seja, os que declaram parceiros fixos mas aqui se observam na perspectiva dos seus relacionamentos com parceiros ocasionais, apresentam médias mais baixas em todas as estratégias de negociação, excepto na estratégia de engano, onde os monogâmicos pontuam mais baixo (gráfico 85).

Gráfico 81 Médias na Estratégia de Recusa da Relação Sexual de Acordo com o Tipo de Relacionamento

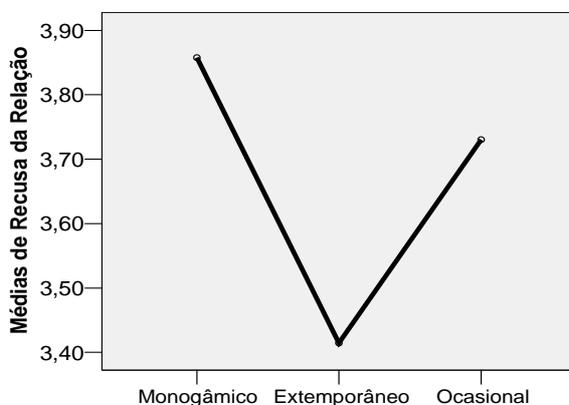


Gráfico 82 Médias na Estratégia de Pedido Directo de Acordo com o Tipo de Relacionamento

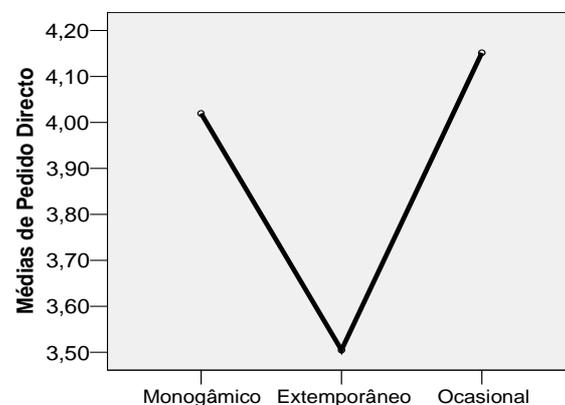


Gráfico 83 Médias na Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relação de Acordo com o Tipo de Relacionamento

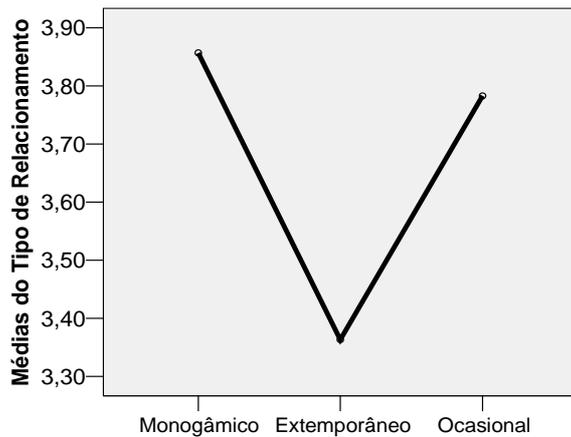


Gráfico 84 Médias na Estratégia de Aplicação da Informação Sobre IST de Acordo com o Tipo de Relacionamento

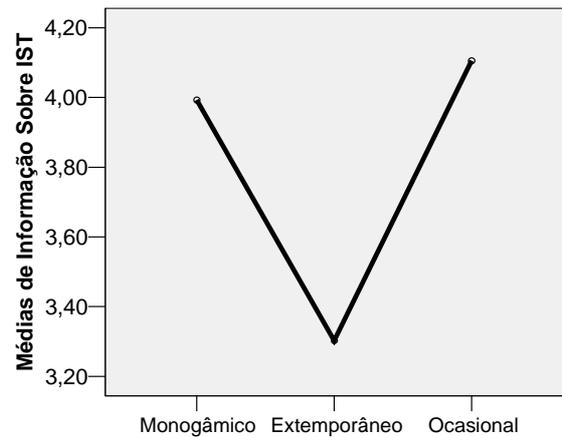
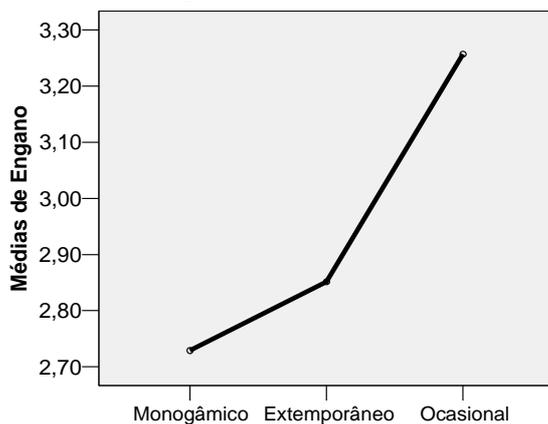


Gráfico 85 Médias na Estratégia de Engano de Acordo com o Tipo de Relacionamento



Nas comparações por pares, critérios Games-Howell e Tukey, constata-se que, entre os sujeitos monogâmicos e os que têm somente parceiros ocasionais, não há diferenças significativas nas estratégias de negociação, excepto no engano, pois os que têm parceiros ocasionais enganam mais para conseguir o uso de preservativo (tabela 95).

Observa-se também nas comparações por pares que os monogâmicos, excepto na estratégia de engano, utilizam mais a negociação que os indivíduos com parceiros extemporâneos. A alínea e) da quarta hipótese verifica-se parcialmente.

É de notar contudo que os sujeitos com parceiros ocasionais aplicam mais as estratégias de pedido directo e informação sobre IST que aqueles com parceiros extemporâneos.

Tabela 95 Diferenças de Médias nas Estratégias de Negociação Para o Uso de Preservativo de Acordo com o Tipo de Parceiros

Estratégias de Negociação	Tipo de Parceiros		Diferença de Médias	p
Recusa da Relação Sexual	Monogâmicos	Extemporâneo	.442*	.002
		Ocasional	.127	.840
Pedido Directo	Monogâmicos	Extemporâneo	-.315	.398
		Ocasional	.514*	.000
Argumentação Sobre o Tipo de Relação	Monogâmicos	Extemporâneo	-.132	.787
		Ocasional	-.646*	.007
Informação Sobre IST	Monogâmicos	Extemporâneo	.493*	.000
		Ocasional	.073	.901
Engano	Monogâmicos	Extemporâneo	-.419	.068
		Ocasional	.689*	.000
	Extemporâneo	Ocasional	-.112	.838
		Ocasional	-.802*	.000
	Monogâmicos	Extemporâneo	-.122	.527
		Ocasional	-.527*	.035
	Extemporâneo	Ocasional	-.405	.158

* Diferença significativa ao nível .05

O facto de os sujeitos com parceiros fixos e ocasionais aplicarem níveis aproximados nas estratégias de negociação (excepto no engano) é problemático pois espelha que a comunicação sobre as temáticas do sexo seguro não são facilitadas pela maior intimidade ou compromisso do par. Mostra que a negociação pode ter facetas de facilidade/dificuldade em ambas as situações, pois tanto a confiança afectiva depositada no par, como a menor proximidade relacional podem diminuir a comunicação sobre o sexo seguro. A particularidade na estratégia de engano, parece contudo mostrar que os sujeitos com parceiros ocasionais, têm consciência de que o preservativo deve ser usado, preferindo no entanto estratégias menos afirmativas. Tal concorre para Noar, Morokoff e Redding (2002), que reconhecem especiais dificuldades na assertividade sexual, ainda que a assertividade em termos gerais de carácter esteja presente.

Outro resultado preocupante, é o facto de os sujeitos com parceiros extemporâneos solicitarem significativamente menos o uso de preservativo e aplicarem menos a informação sobre IST, que os sujeitos que têm parceiros ocasionais. Tais resultados são concordantes com Rosengard et al, (2005), que identificam em sujeitos que têm simultaneamente parceiros principais e parceiros ocasionais, menor uso e menos intenções de usar o método, quando comparadas com sujeitos que têm exclusivamente parceiros ocasionais. Estes aspectos, no entender de Rosengard et al, (2005), revelam a emergência de um outro grupo de risco, poucas vezes identificado nos estudos sobre sexualidade adolescente, concorrendo também para as considerações de Bearman, Moody e Stovel (2004), que encontram na cadeia de relacionamentos, factores favorecedores de difusão de IST.

As diferenças entre os sujeitos com parceiros fixos *versus* extemporâneos na maior parte das estratégias, conjuntamente com as diferenças entre extemporâneos *versus* ocasionais na estratégia de pedido directo e aplicação da informação sobre IST, são sugestivas de que naqueles que não optam por um tipo definido de relacionamentos, a negociação é mais problemática.

Porventura a adolescência, como fase onde simultaneamente se deseja a criação de laços, mas também se desejam experiências intensas e variadas, pode facilitar, em adolescentes que têm menor competência para delinear o seu próprio caminho romântico e sexual, maiores riscos na saúde sexual e reprodutiva.

6.3.6 A Negociação no Uso de Preservativo e os Estilos Românticos

Considerando separadamente os rapazes e as raparigas, pesquisou-se a relação correlacional entre as estratégias de negociação e os estilos românticos seguro, receoso e evitativo-experimentação.

Nos rapazes, observam-se associações directas entre o estilo seguro e as estratégias de recusa da relação ($p=.108$), pedido directo ($r=.146$) e informação sobre IST ($r=.086$) e associação inversa com a estratégia de engano ($r=-.149$). Quanto ao estilo receoso, está inversamente associado com as estratégias recusa da relação ($r=-.147$), pedido directo ($r=-.184$) e directamente com a estratégia de engano ($r=.153$). Relativamente ao estilo evitativo-experimentação, encontram-se correlações negativas com a recusa de relação ($r=-.147$) e pedido directo ($r=-.091$) e correlação positiva com a estratégia de engano ($r=.118$). Nos rapazes a estratégia de sedução e informação sobre IST não se encontram correlacionadas com os estilos românticos. Os valores correlacionais são muito baixos, conforme se vê na tabela 96.

Tabela 96 Correlações Entre os Estilos Românticos e as Estratégias de Negociação nos Rapazes

Estilos Românticos	Estratégias de Negociação						
		Recusa da Relação Sexual	Pedido Directo	Sedução	Argumentação Sobre Relação	Informação Sobre IST	Engano
Seguro	Correlação de Pearson	.108**	.146**	.038	.081	.086*	-.149**
	P	.008	.000	.357	.051	.038	.000
	N	597	588	587	585	584	582
Receoso	Correlação de Pearson	-.147**	-.184**	-.045	-.067	-.040	.153**
	P	.000	.000	.281	.105	.332	.000
	N	598	589	588	586	586	584
Evitativo-Experimentação	Correlação de Pearson	-.147**	-.091*	.080	-.063	-.032	.118**
	P	.000	.026	.051	.122	.436	.004
	N	609	600	599	597	596	594

* Correlação significativa ao nível .01

** Correlação significativa ao nível .05

Nas raparigas observa-se associação inversa entre o estilo seguro e a estratégia de engano ($r=.172$) e associações directas desta mesma estratégia com os estilos receoso ($r=.151$) e evitativo-experimentação ($p=.111$). Quanto ao estilo evitativo-experimentação correlaciona-se directamente com a sedução ($r=.098$) e inversamente a informação sobre IST ($r=-.079$). Os valores correlacionais são no entanto muito baixos. A tabela 97 apresenta os resultados.

Tabela 97 Correlações entre os Estilos Românticos e as Estratégias de Negociação nas Raparigas

Estilos Românticos		Estratégias de Negociação					
		Recusa da Relação Sexual	Pedido Directo	Sedução	Argumentação Sobre Relação	Informação Sobre IST	Engano
Seguro	Correlação de Pearson	-.041	.000	.034	-.002	-.021	-.172**
	P	.245	.998	.345	.965	.565	.000
	N	800	792	775	785	782	779
Receoso	Correlação de Pearson	-.025	.010	.052	.002	-.004	.151**
	P	.475	.778	.153	.961	.917	.000
	N	792	783	766	776	774	770
Evitativo-Experimentação	Correlação de Pearson	-.017	-.023	.098**	-.023	-.079*	.111**
	P	.618	.510	.006	.511	.026	.002
	N	817	808	790	801	798	795

* Correlação significativa ao nível .01

** Correlação significativa ao nível .05

Resumindo os resultados, constata-se que as percepções românticas, dado o baixo valor correlacional (<.40), estão fracamente associadas à predisposição para negociar o uso de preservativo, ou não estão associadas, sendo o facto mais marcado nas raparigas.

6.3.7 Os Níveis de Negociação no Uso de Preservativo e os Estilos Românticos Globais

Responde-se seguidamente à alínea f) da quarta hipótese. Antes de proceder às operações estatísticas, as variáveis correspondentes às estratégias de negociação no uso de preservativo foram transformadas em categóricas, com três níveis de amplitude semelhante. Assim, as reacções que os sujeitos consideram mais prováveis em si, para conseguir o uso de preservativo no relacionamento sexual com o parceiro(a), são agora categorizadas em baixo nível de negociação (i.e. pontuação 1 a 2.25), médio nível de negociação (i.e. pontuação 2.50 a 3.50) e alto nível de negociação (i.e. pontuação 3.75 a 5).

As descritivas mostram, excepto na estratégia de engano, onde 38.6% dos sujeitos considera que utilizaria esta forma de negociação num nível médio, que em todas as outras, a

maior parte dos sujeitos se identifica com altos níveis de negociação para conseguir a utilização do preservativo, junto do parceiro(a) (tabela 98).

Tabela 98 Frequências dos Níveis de Negociação para o Uso de Preservativo

Estratégias de Negociação	Baixo		Médio		Alto		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Recusa da Relação	208	14.1	238	16.2	1024	69.7	1470	100
Pedido Directo	154	10.6	215	14.8	1079	74.5	1448	100
Sedução	182	12.8	584	41	658	46.2	1424	100
Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento	140	9.7	343	23.9	954	66.4	1437	100
Informação Sobre IST	161	11.2	225	15.7	1050	73.1	1436	100
Engano	461	32.3	551	38.6	415	29.1	1427	100

A análise que se segue toma os grupos de rapazes e raparigas separadamente. As amostras são aleatorizadas para se obter um número de casos semelhantes em cada categoria.

6.3.7.1 Os Estilos Românticos Globais e a Negociação no Uso de Preservativo nos Rapazes

Aborda-se a relação entre as variáveis na mesma ordem em que as estratégias de negociação foram apresentadas aos sujeitos. Realizam-se várias Manovas a um factor, considerando como variáveis dependentes os três estilos românticos, na forma que se obteve na AFCP e como factor independente cada uma das estratégias de negociação categorizadas em três níveis.

Estratégia de Recusa da Relação Sexual.

No teste K-S dos resíduos verificou-se normalidade na distribuição do estilo receoso ($p > .05$). No estilo seguro a normalidade encontra-se no grupo dos que recusam muito a relação sexual, não ocorrendo tal nos outros grupos, mas as descritivas mostram simetria e achatamento normais excepto no grupo dos sujeitos que aplica a estratégia medianamente, que se revela assimétrica positiva ($SK/ep=2.69$). Quanto ao estilo evitativo-experimentação as descritivas mostram simetria e achatamento normais, excepto no grupo dos sujeitos que

aplica a estratégia medianamente, que se apresenta leptocúrtica ($K/ep=2.31$). Analisaram-se 391 sujeitos do sexo masculino conforme documenta a tabela 99.

Tabela 99 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estratégia de Recusa da Relação Sexual nos Rapazes

Estilos Românticos	Recusa da Relação Sexual	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.54	.455	104
	Médio	3.49	.469	138
	Alto	3.58	.469	149
	Total	3.54	.465	391
Receoso	Baixo	2.85	.500	104
	Médio	2.82	.507	138
	Alto	2.71	.436	149
	Total	2.79	.482	391
Evitativo-Experimentação	Baixo	3.33	.501	104
	Médio	3.09	.522	138
	Alto	3.11	.538	149
	Total	3.16	.531	391

O pressuposto de homogeneidade da matriz de covariância não se verificou (M de Box $p=.007$). Relativamente ao pressuposto da igualdade de variâncias nos grupos, verificou-se nos estilos seguro ($p=.763$), receoso ($p=.117$) e evitativo-experimentação ($p=.537$).

Nos testes multivariados observa-se que há diferenças nas médias dos estilos românticos (Traço de Pillai=.054; $p=.002$), facto com uma credibilidade de 99.5%, mas pequeno tamanho de efeito ($\eta_p^2=.027$). Nos testes Anova entre-sujeitos, observa-se que a recusa da relação sexual produz efeito significativo nos estilos receoso ($F_{(2,388)}=3.340$; $p=.036$) e evitativo-experimentação ($F_{(1,388)}=7.268$; $p=.001$), não ocorrendo tal no estilo seguro ($F_{(2,388)}=1.243$; $p=.290$).

Os gráficos 86 e 87 são sugestivos de que são mais seguros e menos receosos os sujeitos que recusariam muito a relação sexual para levar o parceiro a usar preservativo. No gráfico 88 o estilo evitativo-experimentação é muito próximo daqueles que recusariam o coito de maneira elevada ou mediana, mas aqueles que se negariam pouco ao coito mostram médias de evitação-experimentação mais altas.

Gráfico 86 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Recusa de Relação Sexual nos Rapazes

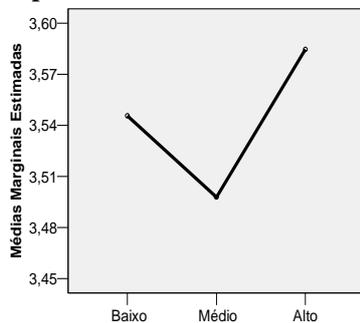


Gráfico 87 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Recusa de Relação Sexual nos Rapazes

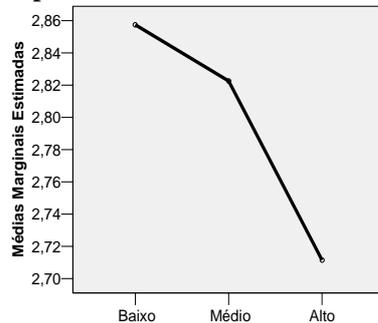
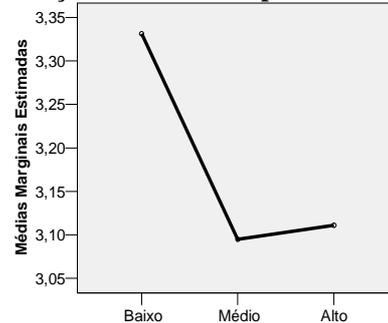


Gráfico 88 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Recusa de Relação Sexual nos Rapazes



Nas comparações por pares verifica-se que no estilo seguro as diferenças não são significativas. São significativamente mais receosos nos seus relacionamentos, os rapazes que recusariam pouco o coito, comparativamente aos que utilizariam muito essa estratégia. Por outro lado, mostram maior evitação-experimentação os que pouco se negariam ao coito, comparativamente aos que recusariam muito ou de maneira mediana a relação sexual (tabela 100). Os resultados nos estilos receoso e evitativo-experimentação confirmam, nos rapazes, o 1º da alínea f) da quarta hipótese no que se refere à estratégia de recusa da relação sexual.

Tabela 100 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis da Estratégia de Recusa da Relação Sexual nos Rapazes

Estilos Românticos		Recusa da Relação Sexual		Diferença de Médias	p
Seguro	Tukey HSD	Baixo	Médio	.047	.711
			Alto	-.039	.789
		Médio	Alto	-.086	.257
Receoso	Tukey HSD	Baixo	Médio	.034	.841
			Alto	.146*	.047
		Médio	Alto	.111	.124
Evitativo-Experimentação	Tukey HSD	Baixo	Médio	.236*	.002
			Alto	.220*	.003
		Médio	Alto	-.016	.963

* Diferença significativa ao nível .05

Estratégia de Pedido Directo do Uso de Preservativo

Os pressupostos, observados no teste K-S dos resíduos, revelam normalidade no estilo receoso em todos os grupos ($p \geq .094$), no estilo seguro no grupo dos rapazes que aplicam muito a estratégia ($p = .200$) e no estilo evitativo-experimentação nos níveis de aplicação baixa

e alta da estratégia de pedido directo ($p=.200$). Nos restantes, as descritivas mostram sempre simetria e achatamento normais, excepto no estilo seguro, no grupo dos sujeitos que aplica a estratégia de pedido directo medianamente que se revela assimétrica positiva ($Sk/ep=3.29$). A observação foi realizada sobre 217 rapazes, conforme a tabela 101.

Tabela 101 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis de Pedido Directo do Uso de Preservativo nos Rapazes

Estilos Românticos	Pedido Directo	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.53	.416	73
	Médio	3.35	.413	77
	Alto	3.70	.464	67
	Total	3.52	.451	217
Receoso	Baixo	2.92	.515	73
	Médio	2.80	.418	77
	Alto	2.66	.497	67
	Total	2.80	.486	217
Evitativo-Experimentação	Baixo	3.20	.550	73
	Médio	3.15	.502	77
	Alto	3.07	.570	67
	Total	3.14	.540	217

No teste M de Box verificou-se homogeneidade na matriz de variância covariância ($p=.229$) e no teste de Levene a igualdade de variâncias verificou-se nos estilos seguro ($p=.155$), receoso ($p=.314$) e evitativo-experimentação ($p=.543$).

Nos testes multivariados observa-se que relativamente ao factor de pedido directo, há diferenças entre as médias nos estilos românticos (λ de Wilk=.867; $p=.000$), com 99.5% e pequeno tamanho de efeito ($\eta_p^2=.069$). Nos testes entre-sujeitos constata-se que o pedido directo do uso de preservativo tem efeito significativo sobre o estilo seguro ($F_{(2,214)}=11.679$; $p=.000$) e receoso ($F_{(2,214)}=5.027$; $p=.007$), não se verificando no estilo evitativo-experimentação ($p=.347$).

Os gráficos 89, 90 e 91 sugerem que os sujeitos que mais pedem o preservativo directamente, são mais seguros, menos receosos e evitativos.

Gráfico 89 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível da Estratégia de Pedido Directo nos Rapazes

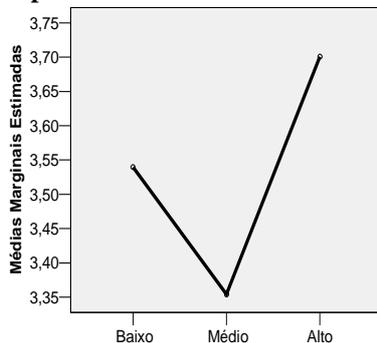


Gráfico 90 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível da Estratégia de Pedido Directo nos Rapazes

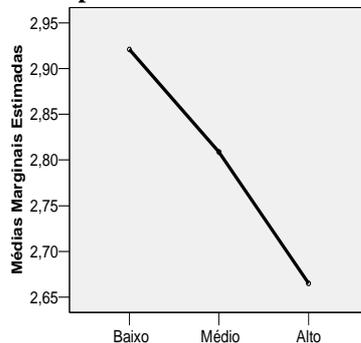
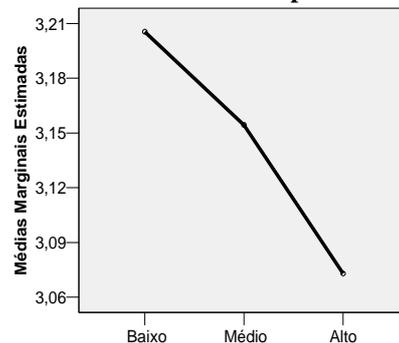


Gráfico 91 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível da Estratégia de Pedido Directo nos Rapazes



Nas comparações por pares verifica-se que têm percepções significativamente mais seguras os rapazes que pouco pedem directamente o uso de preservativo comparativamente aos que o fazem medianamente; são significativamente menos receosos os que pedem muito o uso de preservativo directamente comparativamente àqueles que pouco utilizam a estratégia. No estilo evitativo-experimentação as diferenças entre os níveis de aplicação da estratégia não são significativas. A tabela 102 apresenta os resultados. No grupo dos rapazes, o 1º da alínea f) da quarta hipótese confirma-se somente no estilo receoso, no que se refere à estratégia de pedido directo.

Tabela 102 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis de Pedido Directo nos Rapazes

Estilos Românticos		Pedido Directo		Diferença de Médias	p
Seguro	Tukey HSD	Baixo	Médio	.185*	.024
			Alto	-.161	.072
		Médio	Alto	-.346*	.000
Receoso	Tukey HSD	Baixo	Médio	.112	.324
			Alto	.255*	.005
		Médio	Alto	.143	.171
Evitativo-Experimentação	Tukey HSD	Baixo	Médio	.051	.832
			Alto	.132	.318
		Médio	Alto	.081	.640

* Diferença significativa ao nível .05

Estratégia de Sedução

No teste K-S dos resíduos verificou-se normalidade em todas as distribuições ($p > .05$).

A análise recai sobre 209 rapazes. A tabela 103 apresenta as descritivas.

Tabela 103 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estratégia de Sedução nos Rapazes

Estilos Românticos	Sedução	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.58	.521	62
	Médio	3.54	.426	66
	Alto	3.59	.487	81
	Total	3.57	.477	209
Receoso	Baixo	2.90	.537	62
	Médio	2.88	.397	66
	Alto	2.76	.473	81
	Total	2.84	.473	209
Evitativo-Experimentação	Baixo	3.23	.609	62
	Médio	3.04	.446	66
	Alto	3.19	.569	81
	Total	3.15	.549	209

O pressuposto de homogeneidade da matriz de covariância verificou-se (M de Box $p=.061$). Em relação à igualdade de variâncias nos grupos, verificou-se nos estilos seguro ($p=.346$), receoso ($p=.087$) e evitativo-experimentação ($p=.264$).

Nos testes multivariados observa-se que não há diferenças nas médias dos estilos românticos (Traço de Pillai=.057; $p=.062$). Nos testes Anova entre-sujeitos, observa-se que a sedução não produz efeito significativo nos estilos seguro ($F_{(2,206)}=.239$; $p=.787$), receoso ($F_{(2,206)}=1.930$; $p=.148$) e evitativo-experimentação ($F_{(1,206)}=2.283$; $p=.105$). Perante estes factos e a observação da comparação por pares com ajuste Bonferroni, onde não se encontraram diferenças significativas entre as médias, a análise não prosseguiu. Nos rapazes, o 1º§ da alínea f) da quarta hipótese, no que se refere à estratégia de sedução não se verifica.

Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento

No teste K-S dos resíduos verificou-se normalidade na distribuição do estilo evitativo-experimentação em todas as categorias do factor independente ($p>.05$). No estilo seguro a normalidade encontrou-se no grupo dos que argumentam muito sobre o tipo de relação ($p=.056$) e nas categorias de argumentação baixa e mediana, as descritivas mostravam assimetria positiva e achatamento normal ($Sk/ep=2.18$; $K/ep=.386$) e simetria e achatamento

normal ($Sk/ep=1.36$; $K/ep=-.162$). Quanto ao estilo receoso a normalidade observou-se no teste K-S nas categorias de baixa argumentação ($p=.183$) e argumentação mediana ($p=.200$), não ocorrendo na argumentação elevada ($p=.027$), que nas descritivas se mostrou simétrica ($Sk/ep=.195$) mas leptocúrtica ($K/ep=2.16$). Analisaram-se 231 casos (tabela 104).

Tabela 104 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes

Estilos Românticos	Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.53	.484	68
	Médio	3.55	.507	71
	Alto	3.53	.486	92
	Total	3.54	.490	231
Receoso	Baixo	2.91	.517	68
	Médio	2.75	.423	71
	Alto	2.80	.475	92
	Total	2.81	.475	231
Evitativo-Experimentação	Baixo	3.25	.549	68
	Médio	3.02	.551	71
	Alto	3.12	.578	92
	Total	3.13	.566	231

O pressuposto de homogeneidade da matriz de covariância verificou-se (M de Box $p=.309$), assim como o pressuposto da igualdade de variâncias dos grupos nos estilos seguro ($p=.228$), receoso ($p=.382$) e evitativo-experimentação ($p=.927$).

Nos testes multivariados não se observam diferenças nas médias dos estilos românticos (λ de Wilk=.968; $p=.288$). Nos testes Anova entre-sujeitos, observa-se que a argumentação sobre o tipo de relação não produz efeito significativo nos estilos seguro ($F_{(2,228)}=.033$; $p=.968$), receoso ($F_{(2,228)}=2.101$; $p=.125$) e evitativo-experimentação ($F_{(2,228)}=2.997$; $p=.052$).

Os gráficos 92, 93 e 94 são sugestivos de que são mais seguros, menos receosos e evitativos os sujeitos que, para conseguir sexo seguro, argumentariam medianamente com o parceiro sobre o relacionamento.

Gráfico 92 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes

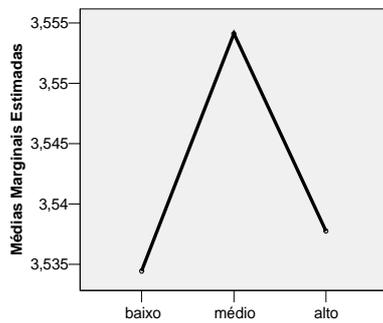


Gráfico 93 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes

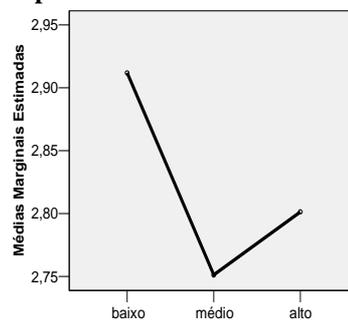
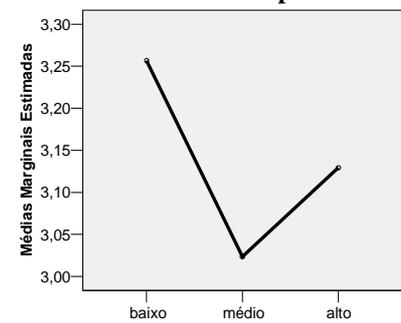


Gráfico 94 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes



Nas comparações por pares verifica-se que no estilo evitativo-experimentação os sujeitos que pouco argumentam sobre o tipo de relacionamento apresentam médias significativamente mais altas que aqueles que o fazem num nível mediano. Nas outras situações as diferenças não são significativas (tabela 105). Nos dados do grupo dos rapazes, não se encontram diferenças significativas que confirmem o 1º§ da alínea f) da quarta hipótese no que se refere à estratégia de argumentação sobre o tipo de relacionamento.

Tabela 105 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nos Rapazes

Estilos Românticos		Argumentação Sobre o Tipo de Relação	Diferença de Médias	p	
Seguro	Tukey HSD	Baixo	Médio	-.019	.970
			Alto	-.003	.999
		Médio	Alto	.016	.976
Receoso	Tukey HSD	Baixo	Médio	.160	.114
			Alto	.110	.312
		Médio	Alto	-.050	.781
Evitativo-Experimentação	Tukey HSD	Baixo	Médio	.233*	.040
			Alto	.127	.334
		Médio	Alto	-.105	.459

* Diferença significativa ao nível .05

Estratégia de Informação Sobre IST

No teste K-S dos resíduos verificou-se normalidade na distribuição do estilo receoso em todos os grupos do factor independente ($p > .05$). No estilo seguro a normalidade não se verificou no teste K-S dos resíduos, mostrando as descritivas que em todas as categorias se observava simetria e achatamento normal. No estilo evitativo-experimentação a normalidade

verificou-se no grupo que aplica níveis medianos da estratégia ($p=.059$); nas descritivas a categoria “nível baixo” mostrou-se assimétrica negativa e leptocúrtica ($Sk/ep=-2.26$; $K/ep=3.19$), enquanto que na categoria “nível elevado” se observou simetria e achatamento normal ($Sk/ep=.215$; $K/ep=.887$). Analisaram-se 278 sujeitos (tabela 106).

Tabela 106 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Estratégia de Informação Sobre IST nos Rapazes

Estilos Românticos	Informação Sobre IST	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.56	.474	82
	Médio	3.46	.423	96
	Alto	3.65	.463	100
	Total	3.56	.458	278
Receoso	Baixo	2.80	.529	82
	Médio	2.83	.454	96
	Alto	2.71	.461	100
	Total	2.78	.481	278
Evitativo-Experimentação	Baixo	3.18	.612	82
	Médio	3.17	.450	96
	Alto	3.07	.642	100
	Total	3.14	.573	278

Verificou-se o pressuposto de homogeneidade da matriz de covariância (M de Box $p=.066$). Relativamente ao pressuposto da igualdade de variâncias nos grupos, verificou-se nos estilos seguro ($p=.765$) e receoso ($p=.538$), não ocorrendo no estilo evitativo-experimentação ($p=.029$).

Nos testes multivariados observa-se que não há diferenças nas médias dos estilos românticos através do critério Traço de Pillai=.036 ($p=.126$), mas na Maior Raiz de Roy, com uma credibilidade um pouco crítica (73.3%), observam-se diferenças significativas (Maior Raiz de Roy=.035; $p=.034$). Nos testes Anova entre-sujeitos, observa-se que a aplicação da informação sobre IST produz efeito significativo no estilo seguro ($F_{(2,275)}=4.317$; $p=.014$), mas tal não acontece nos estilos receoso ($p=.192$) e evitativo-experimentação ($p=.382$).

Os gráficos 95, 96 e 97 são sugestivos de que são mais seguros, menos receosos e evitativos os sujeitos que aplicam muito a informação sobre IST para levar o parceiro a usar preservativo.

Gráfico 95 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível de Aplicação da Informação Sobre IST nos Rapazes

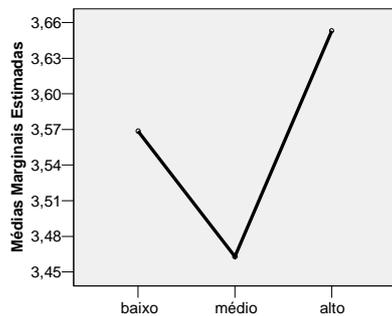


Gráfico 96 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível de Aplicação da Informação Sobre IST nos Rapazes

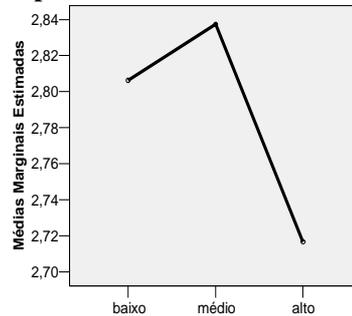
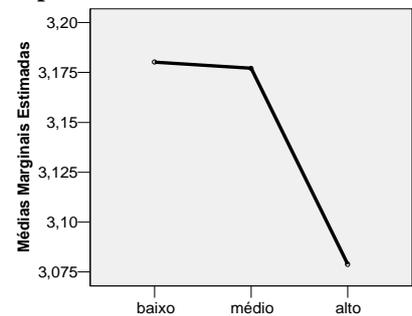


Gráfico 97 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível de Aplicação da Informação Sobre IST nos Rapazes



Nas comparações por pares verifica-se que no estilo seguro são significativamente mais seguros os rapazes que argumentam muito sobre a temática das IST, comparativamente aos que abordam o assunto medianamente. Nos outros casos as diferenças não são significativas. A tabela 107 apresenta os resultados. Os dados na amostra dos rapazes, no aspecto referente ao estilo seguro confirmam o 1º§ da alínea f) da quarta hipótese na estratégia de informação sobre IST.

Tabela 107 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis da Estratégia de Informação Sobre IST nos Rapazes

Estilos Românticos		Informação Sobre IST		Diferença de Médias	p
Seguro	Games-Howell	Baixo	Médio	.105	.268
			Alto	-.084	.450
		Médio	Alto	-.190*	.009
Receoso	Games-Howell	Baixo	Médio	-.031	.909
			Alto	.089	.454
		Médio	Alto	.120	.158
Evitativo-Experimentação	Games-Howell	Baixo	Médio	.003	.999
			Alto	.101	.524
		Médio	Alto	.098	.430

* Diferença significativa ao nível .05

Estratégia de Engano

Considerando seguidamente a estratégia de engano na negociação do preservativo, a normalidade da distribuição nos resíduos do teste K-S foi encontrada no estilo seguro para os rapazes que aplicam pouco e muito a estratégia e no estilo receoso para as categorias dos que

aplicam pouco e medianamente o engano ($p > .05$). Nas descritivas encontrou-se simetria e achatamento normais, excepto no estilo seguro no grupo dos sujeitos que aplicam a estratégia de maneira mediana, que é assimétrica positiva ($Sk/ep=3.40$) e no estilo evitativo-experimentação, no grupo dos que pouco usam a estratégia, que se mostra leptocúrtica ($K/ep=2.24$). A observação foi realizada sobre 578 sujeitos como documenta a tabela 108.

Tabela 108 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis das Estratégias de Engano nos Rapazes

Estilos Românticos	Engano	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.66	.485	189
	Médio	3.53	.443	234
	Alto	3.51	.464	155
	Total	3.57	.466	578
Receoso	Baixo	2.65	.522	189
	Médio	2.83	.437	234
	Alto	2.81	.466	155
	Total	2.77	.480	578
Evitativo-Experimentação	Baixo	3.09	.642	189
	Médio	3.09	.474	234
	Alto	3.25	.547	155
	Total	3.13	.556	578

Não se verificou homogeneidade na matriz de covariâncias (Mde Box $p=.000$) e no teste de Levene a igualdade de variâncias observou-se no estilo seguro ($p=.358$) mas tal não ocorreu nos estilos receoso ($p=.031$) e evitativo-experimentação ($p=.001$).

Nos testes multivariados constata-se que há pelo menos um estilo romântico com média significativamente diferente (Traço de Pillai=.057; $p=.000$), facto com uma credibilidade de 99.7%, mas pequeno tamanho de efeito (2.8%). Observa-se nos testes entre-sujeitos que as estratégias de engano têm efeito significativo sobre o estilo seguro ($F_{(2,575)}=6.071$; $p=.002$), tal como sobre o estilo receoso ($F_{(2,575)}=8.243$; $p=.000$) e evitativo-experimentação ($F_{(2,575)}=4.399$; $p=.013$).

Na observação dos gráficos 98, 99 e 100 as imagens são sugestivas de que são mais seguros os rapazes que pouco enganam os parceiros para conseguir o uso de preservativo, além de serem menos receosos e evitativos.

Gráfico 98 Médias no Estilo Seguro de Acordo com o Nível da Estratégia de Engano nos Rapazes

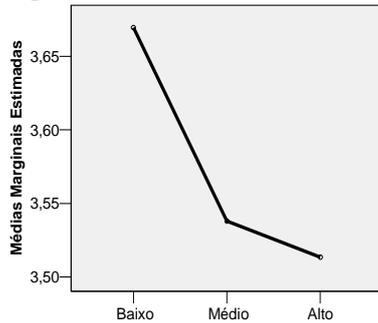


Gráfico 99 Médias no Estilo Receoso de Acordo com o Nível da Estratégia de Engano nos Rapazes

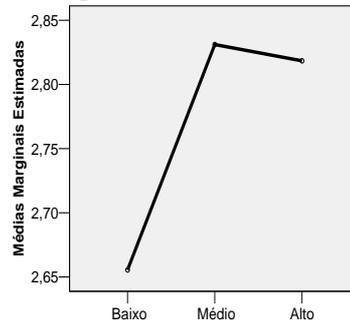
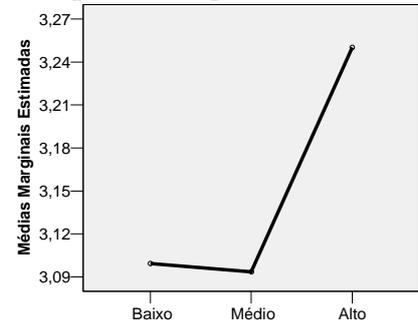


Gráfico 100 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com o Nível da Estratégia de Engano nos Rapazes



Nas comparações por pares verifica-se que têm percepções mais seguras e menos receosas dos seus relacionamentos românticos, os rapazes que utilizam pouco o engano no sentido de convencer a parceira ao uso de preservativo, comparativamente àqueles que usam muito ou usam medianamente o engano. No estilo evitativo-experimentação as diferenças só são significativas entre os que enganam muito face aos que enganam de uma maneira mediana. A tabela 109 apresenta os resultados. Nos rapazes, os resultados, no que respeita aos estilos seguro e receoso confirmam o 2º§ da alínea f) da quarta hipótese na estratégia de engano.

Tabela 109 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis da Estratégia de Engano nos Rapazes

Estilos Românticos		Engano		Diferença de Médias	p
Seguro	Tukey HSD	Baixo	Médio	.131*	.010
			Alto	.156*	.005
		Médio	Alto	.024	.866
Receoso	Tukey HSD	Baixo	Médio	-.175*	.001
			Alto	-.162*	.007
		Médio	Alto	.127	.961
Evitativo-Experimentação	Tukey HSD	Baixo	Médio	.005	.994
			Alto	-.150	.050
		Médio	Alto	-.156*	.011

* Diferença significativa ao nível .05

Em resumo, nos rapazes, 1) são significativamente mais seguros os que solicitam directamente o uso de preservativo de maneira elevada e os que aplicam muito a informação sobre IST, comparativamente a quem o faz de maneira mediana, mas não a quem o faz com pouca convicção; 2) são significativamente menos receosos os que recusam muito o coito e

os que pedem muito o uso do método, comparativamente aos que aplicam pouco estas estratégias, mas não a quem o faz de forma moderada; 3) o estilo evitativo-experimentação é significativamente menor nos sujeitos que recusam muito as relações sexuais comparativamente aos que o fazem com pouca convicção, mas não a quem o faz moderadamente; 4) são significativamente mais seguros e menos receosos os sujeitos que enganam pouco os parceiros, comparativamente aos que enganam muito, estando o nível de significância do estilo evitativo-experimentação no limiar ($p=.050$).

6.3.7.2 Os Estilos Românticos Globais e a Negociação no Uso de Preservativo nas Raparigas

No grupo das raparigas procede-se de igual forma, aleatorizando também a amostra quando o número de casos em cada categoria é muito díspar.

Estratégia de Recusa da Relação Sexual

A normalidade foi observada no teste K-S dos resíduos em todas as distribuições, excepto no estilo evitativo-experimentação, no grupo que recusaria medianamente a relação sexual para conseguir a concordância do parceiro em usar preservativo ($p=.001$). Nas descritivas a distribuição mostrou-se assimétrica positiva mesocúrtica ($Sk/ep=-2.00$; $Sk/ep=-.231$). A análise recaiu sobre 761 raparigas conforme a tabela 110.

Tabela 110 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Recusa da Relação Sexual nas Raparigas

Estilos Românticos	Recusa da Relação Sexual	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.83	.533	91
	Médio	3.87	.472	89
	Alto	3.79	.488	101
	Total	3.83	.498	281
Receoso	Baixo	2.58	.476	91
	Médio	2.53	.470	89
	Alto	2.50	.476	101
	Total	2.54	.473	281
Evitativo-Experimentação	Baixo	2.60	.645	91
	Médio	2.66	.613	89
	Alto	2.62	.540	101
	Total	2.63	.597	281

Verificou-se homogeneidade na matriz de covariâncias (Mde Box $p=.368$) e no teste de Levene a igualdade de variâncias verificou-se nos estilos seguro ($p=.469$), receoso ($p=.961$) e evitativo-experimentação ($p=.265$).

Os testes multivariados mostram que, relativamente ao factor de recusa da relação sexual, não há diferenças significativas nos estilos românticos (λ de Wilk= $.985$; $p=.656$). Nos testes entre-sujeitos observa-se que as estratégias de recusa da relação sexual não têm efeito significativo sobre os estilos românticos ($p>.05$). Face a estes dados e não encontrando diferenças significativas nas comparações por pares a análise não prosseguiu. Não se confirma o 1º§ da alínea f) da quarta hipótese para este cruzamento de variáveis no grupo das raparigas.

Estratégia de Pedido Directo

A normalidade foi observada no teste K-S dos resíduos para os estilos seguro e receoso e para a categoria “baixo nível” no estilo evitativo-experimentação. As descritivas mostram que no estilo evitativo-experimentação, na categoria “nível médio” a distribuição é simétrica e mesocúrtica ($Sk/ep=.367$; $K/ep=.327$) e na categoria “nível alto” é simétrica ($Sk/ep=.651$) e platicúrtica ($K/ep=-2.88$). Observaram-se 247 casos conforme a tabela 111.

Tabela 111 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Pedido Directo nas Raparigas

Estilos Românticos	Pedido Directo	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.88	.527	71
	Médio	3.72	.496	81
	Alto	3.71	.494	95
	Total	3.76	.508	247
Receoso	Baixo	2.54	.492	71
	Médio	2.53	.485	81
	Alto	2.60	.472	95
	Total	2.56	.481	247
Evitativo-Experimentação	Baixo	2.65	.613	71
	Médio	2.63	.617	81
	Alto	2.70	.581	95
	Total	2.66	.601	247

Verificou-se homogeneidade na matriz de covariâncias (Mde Box $p=.684$) e no teste de Levene a igualdade de variâncias verificou-se nos estilos seguro ($p=.736$), receoso ($p=.819$) e evitativo-experimentação ($p=.945$).

Os testes multivariados mostram que não há médias significativamente diferentes nos estilos românticos (λ de Wilk $=.975$; $p=.399$). Nos testes entre-sujeitos constata-se que a estratégia de pedido directo não tem efeito significativo sobre nenhum dos estilos românticos ($p>.05$). Perante estes dados e não existindo diferenças significativas nas comparações por pares, termina-se a análise. O 1º§ da alínea f) da quarta hipótese, no que se refere à estratégia de pedido directo, não se verifica no grupo das raparigas.

Estratégia de Sedução

A normalidade das distribuições verificou-se no teste K-S dos resíduos, no estilo receoso e nos grupos que aplicam baixos e altos níveis de sedução nos estilos seguro e evitativo-experimentação. Nas descritivas a categoria “nível médio”, mostrou-se no estilo seguro simétrica e mesocúrtica ($Sk/ep=-1.11$; $K/ep=-1.64$) e no estilo evitativo-experimentação assimétrica negativa ($Sk/ep=-2.02$) e mesocúrtica ($K/ep=-.251$). Consideraram-se na análise 325 casos (tabela 112).

Tabela 112 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Sedução nas Raparigas

Estilos Românticos	Sedução	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.81	.520	106
	Médio	3.75	.476	123
	Alto	3.88	.485	96
	Total	3.81	.494	325
Receoso	Baixo	2.50	.457	106
	Médio	2.51	.469	123
	Alto	2.56	.479	96
	Total	2.52	.467	325
Evitativo-Experimentação	Baixo	2.55	.562	106
	Médio	2.64	.572	123
	Alto	2.69	.579	96
	Total	2.62	.571	325

Os pressupostos verificaram-se (Mde Box $p=.847$) e no teste de Levene a igualdade de variâncias também se observou nos estilos seguro ($p=.682$), receoso ($p=.728$) e evitativo-experimentação ($p=.804$). Os testes multivariados mostram que não existem médias significativamente diferentes (λ de Wilk $=.977$; $p=.269$). Obtendo-se estes resultados e não havendo diferenças significativas na comparações por pares, termina-se a análise. No grupo das raparigas, o 1º§ da alínea f) da hipótese quatro, no que se refere à estratégia de sedução não se verifica.

Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento

Iniciou-se pela observação da normalidade das distribuições nos resíduos do teste K-S, que se verificou em todos os casos ($p>.05$), excepto no estilo receoso na categoria “nível médio” ($p=.008$). Nas descritivas, a distribuição apresentava-se simétrica e mesocúrtica ($Sk/ep=-.590$; $K/ep=-.495$). A análise recaiu sobre 208 raparigas conforme a tabela 113.

Tabela 113 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento nas Raparigas

Estilos Românticos	Argumentação Sobre o Tipo de Relação	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.86	.561	64
	Médio	3.73	.574	76
	Alto	3.77	.430	68
	Total	3.78	.528	208
Receoso	Baixo	2.56	.512	64
	Médio	2.57	.429	76
	Alto	2.66	.434	68
	Total	2.60	.458	208
Evitativo-Experimentação	Baixo	2.67	.645	64
	Médio	2.69	.583	76
	Alto	2.65	.556	68
	Total	2.67	.592	208

Verificou-se homogeneidade na matriz de covariâncias (Mde Box $p=.376$) e no teste de Levene a igualdade de variâncias verificou-se nos estilos receoso ($p=.388$) e evitativo-experimentação ($p=.526$), não ocorrendo o mesmo no estilo seguro ($p=.012$).

Nos testes multivariados observa-se que não há médias significativamente diferentes nos estilos românticos (Traço de Pillai=.021; $p=.634$). Nos testes entre-sujeitos constata-se que a estratégia de argumentação sobre o tipo de relacionamento não tem efeito significativo sobre qualquer dos estilos românticos ($p>.05$). Observando-se estes resultados e a inexistência de diferenças na comparações por pares, termina-se a análise. No grupo das raparigas, o 1º§ da alínea f) da quarta hipótese que se reporta à estratégia de argumentação sobre o tipo de relação não se verifica.

Estratégia de Informação Sobre IST

Nos resíduos do teste K-S observou-se normalidade das distribuições no estilo seguro e também nas categorias “nível baixo” e “nível alto” dos estilos receoso e evitativo-experimentação. Nas descritivas, a normalidade foi encontrada na categoria “nível médio” neste dois estilos ($Sk/ep=.544$; $ep=-.789$ e $Sk/ep=-.704$; $K/ep=1.21$, respectivamente). Observaram-se 236 casos (tabela 114).

Tabela 114 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis da Estratégia de Informação Sobre IST nas Raparigas

Estilos Românticos	Informação Sobre IST	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.90	.581	65
	Médio	3.76	.467	93
	Alto	3.89	.462	78
	Total	3.84	.502	236
Receoso	Baixo	2.60	.501	65
	Médio	2.51	.379	93
	Alto	2.52	.456	78
	Total	2.54	.441	236
Evitativo-Experimentação	Baixo	2.74	.651	65
	Médio	2.66	.533	93
	Alto	2.61	.592	78
	Total	2.67	.586	236

Não se verificou homogeneidade na matriz de covariâncias (M de Box $p=.040$) e no teste de Levene a igualdade de variâncias observou-se nos estilos seguro ($p=.071$), receoso ($p=.164$) e evitativo-experimentação ($p=.196$).

Nos testes multivariados não se identificaram diferenças significativas nas médias dos estilos românticos (Traço de Pillai=.037; $p=.193$). Nos testes entre-sujeitos observa-se que a informação sobre IST não produz efeito significativo sobre qualquer um dos estilos românticos ($p>.05$). Face a estes dados e não existindo diferenças significativa nas comparações por pares, termina-se a análise. Nas raparigas, o 1º§ da alínea f) da quarta hipótese no que se refere à aplicação da estratégia de informação sobre IST não se verifica.

Estratégia de Engano

Realizou-se uma Anova multivariada a um factor. A normalidade foi observada no teste K-S dos resíduos, mostrando normalidade, no estilo seguro, nos grupos que aplicam pouco e muito a estratégia de engano, assim como no estilo receoso no grupo das raparigas que aplicam a estratégia em níveis medianos. Nas descritivas, a simetria e achatamento normais foram identificadas nas restantes distribuições, excepto no estilo receoso no grupo que aplica muito o engano, revelando assimétrica negativa ($Sk/ep=-2.44$) e no estilo evitativo-experimentação, no grupo que aplica muito o engano, que se mostrou também assimétrica negativa ($Sk/ep=-2.67$). A análise recaiu sobre 761 raparigas (tabela 115).

Tabela 115 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com os Níveis das Estratégias de Engano nas Raparigas

Estilos Românticos	Engano	Média	dp	N
Seguro	Baixo	3.90	.458	239
	Médio	3.78	.454	288
	Alto	3.71	.476	234
	Total	3.80	.468	761
Receoso	Baixo	2.44	.479	239
	Médio	2.60	.432	288
	Alto	2.60	.441	234
	Total	2.55	.456	761
Evitativo-Experimentação	Baixo	2.56	.576	239
	Médio	2.63	.540	288
	Alto	2.68	.630	234
	Total	2.62	.582	761

Verificou-se homogeneidade na matriz de covariâncias (Mde Box $p=.216$) e no teste de Levene a igualdade de variâncias verificou-se nos estilos seguro ($p=.390$), receoso ($p=.371$) e evitativo-experimentação ($p=.096$).

Os testes multivariados mostram que, relativamente ao factor da estratégia de engano, há pelo menos uma média significativamente diferente nos estilos românticos (λ de Wilk=.953; $p=.000$), facto com uma credibilidade de 99.9%, mas pequeno tamanho de efeito ($\eta_p^2=.024$). Nos testes entre-sujeitos constata-se que as estratégias de engano têm efeito significativo sobre o estilo seguro ($F_{(2,758)}=11.124$; $p=.000$), o mesmo acontecendo no estilo receoso ($F_{(2,758)}=10.878$; $p=.000$), mas não ocorrendo no estilo evitativo-experimentação ($F_{(2,758)}=2.482$; $p=.084$).

Os gráficos 101, 102 e 103 são sugestivos de que são mais seguras, menos receosas e menos evitativas as raparigas que utilizam pouco a estratégia de engano, relativamente às outras categorias.

Gráfico 101 Médias no Estilo Seguro de acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Engano nas Raparigas

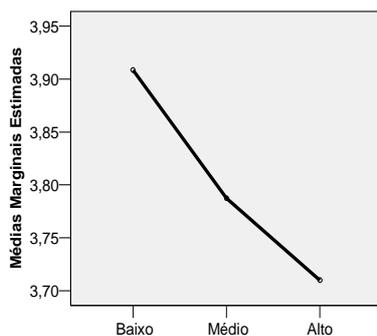


Gráfico 102 Médias no Estilo Receoso de acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Engano nas Raparigas

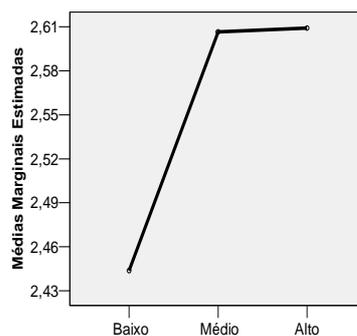
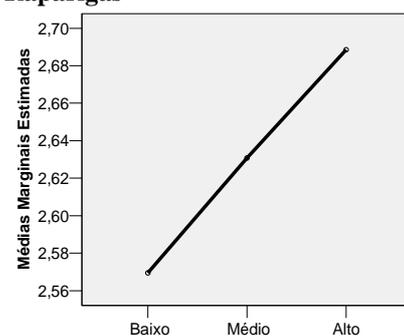


Gráfico 103 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de acordo com o Nível de Aplicação da Estratégia de Engano nas Raparigas



Nas comparações por pares, critério Tukey, verifica-se que têm percepções mais seguras e menos receosas dos seus relacionamentos românticos, as raparigas que pouco aplicam a estratégia de engano para convencer o parceiro a usar preservativo, comparativamente às que o fazem de uma maneira elevada ou mediana. No estilo evitativo-experimentação as diferenças não são significativas. A tabela 116 apresenta os resultados.

Nas raparigas, o 2º§ da alínea f) da quarta hipótese, verifica-se na associação entre a estratégia de engano e os estilos seguro e receoso.

Tabela 116 Diferenças de Médias nos Estilos Romântico de Acordo com os Níveis das Estratégias de Engano nas Raparigas

Estilos Românticos	Recusa da Relação Sexual		Diferença de Médias	p
Seguro	Baixo	Médio	.121*	.008
		Alto	.198*	.000
	Médio	Alto	.077	.140
Receoso	Baixo	Médio	-.162*	.000
		Alto	-.165*	.000
	Médio	Alto	-.002	.998
Evitativo-Experimentação	Baixo	Médio	-.061	.450
		Alto	-.119	.067
	Médio	Alto	-.057	.497

* Diferença significativa ao nível .05

Em resumo, nas raparigas, são significativamente mais seguras e menos receosas as que enganam pouco os parceiros, comparativamente às que enganam muito. Nas outras estratégias a hipótese não se verifica.

Num comentário global os resultados mostram que excepto na estratégia de engano, onde os resultados dos rapazes e raparigas partilham algumas características semelhantes, nomeadamente com maior segurança romântica e menor receio, nas restantes, a associação entre a postura na negociação de preservativo e as percepções românticas são interpretadas de maneira diferente no género.

Nas raparigas, excepto no caso apontado, a ausência de associação entre os estilos românticos e os níveis de estratégias de negociação, face à presença de pelo algumas associações no caso dos rapazes, é concordante com Noar, Zimmerman e Atwood (2004), quando os autores comentam os diferentes papéis de género, reconhecendo no sexo feminino maior dificuldade e necessidade de verdadeira negociação, enquanto que nos rapazes, a decisão de uso pode ser independente da persuasão da parceira. Os resultados são controversos, pois em análise anterior observou-se que as raparigas aplicam significativamente mais quase todas as estratégias e no geral mostram percepções mais seguras, menos receosas e evitativas das experiências românticas. Porventura, existem nas

raparigas, dificuldades em conjugar as formas de viver o romance e a determinação necessária para impor o uso de um método, que não controlam directamente e é incómodo em algumas das suposições que podem justificar o seu uso, em ambos os elementos do par. Sugerem assim os resultados que as raparigas não reconhecem a associação entre o empoderamento que a negociação contraceptiva pode dar e a qualidade das experiências românticas.

Nos rapazes, percepções românticas evitativas lúdico-eróticas e receosas mais altas tendem a associam-se a pouca recusa de coito, menor pedido directo do método, baixa invocação do relacionamento, resultados que são concordantes com estudos que reconhecem nos rapazes valorização do coito e simultaneamente atitudes menos favoráveis à contracepção, num perfil algo conservador dos papéis masculinos (Oliva, Serra & Vallejo, 1997; Feeney et al, 1999).

Uma nota particular é o facto de que são os sujeitos que aplicam de maneira menos clara (i.e. moderadamente) as estratégias de recusa da relação, pedido directo e aplicação da informação sobre IST, que revelam menor segurança romântica, enquanto que naqueles que argumentam moderadamente sobre o tipo de relacionamento existe maior segurança romântica. Assim, posturas menos claras em estratégias que não têm por base as ligações do par, condizem com percepções românticas mais inseguras, enquanto que a invocação, ainda que moderada, do tipo de relação se associa a caracterização mais favorável das experiências românticas.

6.4 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 4

A caracterização que se segue procura dar resposta ao objectivo quatro que se refere à relação entre os estilos românticos e a consistência no uso de preservativo nos sujeitos com parceiros fixos (considerando nestes os parceiros principais e extemporâneos) e nos que têm exclusivamente parceiros ocasionais. O fenómeno é também observado no contexto do sexo e idade e tipo de parceiros sexuais.

Antes de proceder às operações estatísticas, as variáveis correspondentes à frequência do uso de preservativo (i.e. Q1 e P1), foram transformadas de forma a obter um menor número de categorias. Assim a variável Q1 foi categorizada em duas modalidades (SocFixoP2), realizando-se processo semelhante para a variável P1 (SocCasualP2). Na categorização em duas modalidades, mantém-se a modalidade “sempre” que passa a denominar-se “uso consistente” e reúnem-se as modalidades “quase sempre”, algumas vezes”, “quase nunca” e “nunca”, numa nova denominada “uso inconsistentes”.

Reunindo-se a informação das variáveis em termos de caracterização geral, observa-se no quadro 18 que, nos sujeitos com parceiro fixo, a representação do uso consistente é percentualmente mais baixa que do uso inconsistente, quer quando o relacionamento é com os seus parceiros principais, quer quando o relacionamento é com parceiros extemporâneos. Por outro lado, a maioria dos participantes que tem exclusivamente parceiro ocasional usa consistentemente o método.

Quadro 18 Representação dos Sujeitos Quanto à Consistência no Uso de Preservativo de Acordo com o Tipo de Parceiros

Consistência no Uso de Preservativo	Sujeitos com Parceiros Fixos				Sujeitos com Parceiros Ocasionalmente Exclusivamente	
	Exclusivamente com parceiros habituais		Com parceiros extemporâneos		N	%
	N	%	N	%		
Consistente	171	48.4	60	37	22	59.5
Inconsistente/Não usa	182	51.6	102	63	15	40.5
Total	353	100	162	100	37	100

Os resultados são concordantes com Rosengard et al, (2005), que ao observar a utilização de preservativo, encontram em adolescentes com parceiro fixo menor uso do método do que com parceiros ocasionais.

Observou-se, através do teste de qui-quadrado, se existia relacionamento estatístico significativo entre a consistência/inconsistência no uso de preservativo e os grupos de idade (i.e. 14-16, 17-21 anos) e o sexo, nas situações de parceiros fixos e ocasionais.

Assim, na amostra dos sujeitos com parceiro fixo, o teste de qui-quadrado não revela diferenças nos grupos de idade ($\chi^2_{(1)}=4.87$; $p=.485$). Entre rapazes e raparigas que declaram ter parceiro fixo, também não se observam diferenças significativas quanto à consistência no uso de preservativo ($\chi^2_{(1)}=2.498$; $p=.114$).

No grupo dos sujeitos com parceiros ocasionais, o teste de qui-quadrado mostra que entre os mais velhos e mais novos há relacionamento estatístico significativo ($\chi^2_{(1)}=4.528$; $p=.033$), que reside no facto de os sujeitos mais velhos usaram mais o método de maneira consistente ($z=2.1$). A tabela 117 apresenta os resultados.

Tabela 117 Consistência do Uso de Preservativo de Acordo com os Grupos de Idade na Amostra dos Sujeitos com Parceiros Ocasionalis

Grupos Etários	Uso de Preservativo											
	Uso Consistente				Uso Inconsistente				Total			
	Observados		Esperados		Resid		Observados		Esperados		Resid	
	N	%	N	Aj	N	%	N	Aj	N	%	N	%
14-16 anos	41	48.2	48	-2.1	44	51.8	37	2.1	85	100		
17-21 anos	68	63.6	61	2.1	39	36.4	46	-2.1	107	100		
Total	109	56.8	109	-	83	43.2	83	-	192	100		

Neste grupo de sujeitos que se relacionam com parceiros ocasionais, a consistência quanto ao uso de preservativo não regista diferenças entre rapazes e raparigas ($\chi^2_{(1)}=.206$; $p=.650$).

6.4.1 Os Estilos Românticos e a Consistência no Uso do Preservativo

Caracterizam-se seguidamente, no contexto dos estilos românticos e da consistência no uso de preservativo, as amostras referentes aos participantes que têm relacionamentos com parceiros fixos em exclusividade e com parceiros ocasionais, procurando-se resposta para a alínea a) da hipótese cinco.

6.4.1.1 Os Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais e a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos

Após seleccionar os sujeitos que declaram ter, no momento actual, relacionamentos sexuais exclusivamente com um parceiro(a), negando relacionamentos com outros indivíduos, realizou-se um teste Anova de medidas repetidas, considerando-se no factor intra-sujeitos quatro medidas, que são os sistemas comportamentais, tendo cada um destes sistemas três níveis, que são os estilos românticos. No factor independente considerou-se a consistência no uso de preservativo com parceiro fixo, em duas modalidades, como anteriormente explicado.

A normalidade observada nos resíduos do teste de K-S, encontrou-se apenas na vinculação evitativa para os sujeitos que usam o preservativo de maneira consistente ($p=.053$). Nas descritivas, considerando o grupo dos sujeitos que usam o preservativo de maneira consistente, observou-se assimetria negativa na vinculação inquieta ($Sk/ep=-2.53$), afiliação segura ($Sk/ep=-4.94$) e assimetria positiva na afiliação evitativa ($Sk/ep=4.5$), e intimidade segura ($Sk/ep=3.03$). As distribuições no cuidado evitativo mostrou-se além de assimétrica, leptocúrtica ($Sk/ep=4.36$; $K/ep=2.85$), tal como na afiliação inquieta ($Sk/ep=3.08$; $K/ep=2.53$). Quanto ao grupo dos sujeitos que usam o preservativo de maneira inconsistente, as descritivas mostraram assimetria negativa na vinculação segura ($Sk/ep=-2.05$), na afiliação segura ($Sk/ep=-2.65$) e na intimidade segura ($Sk/ep=-2.60$), enquanto que a assimetria positiva se observou na vinculação inquieta ($Sk/ep=2.17$) no cuidado evitativo

(Sk/ep=2.09) e na afiliação evitativa que era também leptocúrtica (Sk/ep=5.46; K/ep=3.57).

Observaram-se 341 sujeitos (tabela 118).

Tabela 118 Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Uso de Preservativo	Média	dp	N
Vinculação Segura	Consistente	3.83	.689	166
	Inconsistente/Não Usa	3.87	.677	175
	Total	3.85	.682	341
Vinculação Evitativa	Consistente	2.75	.746	166
	Inconsistente/Não Usa	2.64	.668	175
	Total	2.69	.709	341
Vinculação Inquieta	Consistente	2.28	.676	166
	Inconsistente/Não Usa	2.31	.667	175
	Total	2.29	.671	341
Cuidado Seguro	Consistente	3.96	.575	166
	Inconsistente/Não Usa	4.01	.543	175
	Total	3.99	.559	341
Cuidado Evitativo	Consistente	1.96	.631	166
	Inconsistente/Não Usa	1.96	.611	175
	Total	1.96	.620	341
Cuidado Inquieto	Consistente	3.20	.669	166
	Inconsistente/Não Usa	3.25	.633	175
	Total	3.22	.650	341
Afiliação Segura	Consistente	4.22	.707	166
	Inconsistente/Não Usa	4.18	.619	175
	Total	4.20	.663	341
Afiliação Evitativa	Consistente	1.68	.657	166
	Inconsistente/Não Usa	1.61	.589	175
	Total	1.65	.623	341
Afiliação Inquieta	Consistente	2.48	.736	166
	Inconsistente/Não Usa	2.48	.723	175
	Total	2.48	.729	341
Intimidade Segura	Consistente	4.10	.557	166
	Inconsistente/Não Usa	4.05	.511	175
	Total	4.08	.534	341
Intimidade Evitativa-Experimentação	Consistente	2.91	.678	166
	Inconsistente/Não Usa	2.88	.670	175
	Total	2.89	.673	341
Intimidade Receosa	Consistente	2.40	.555	166
	Inconsistente/Não Usa	2.38	.536	175
	Total	2.39	.545	341

Quanto aos pressupostos, no teste M de Box verificou-se a covariância das matrizes ($p=.054$) e no teste de Levene há igualdade de variâncias para todas as variáveis ($p>.05$).

A circularidade não se verificou no teste de Mauchly, recorrendo-se ao ϵ de Huynh-Feldt que no sistema de vinculação apresentou um nível de significância de $p=.868$, no sistema de cuidado $p=.823$, no sistema de afiliação $p=.862$ e no sistema de intimidade $p=.958$.

Nos testes univariados dos efeitos intra-sujeitos, observou-se que no sistema de vinculação as médias dos estilos apresentam diferenças ($F_{(1.736,588.585)}=400.356$; $p=.000$), o mesmo sucedendo no sistema de cuidado ($F_{(1.647,558.325)}=834.992$; $p=.000$), no sistema de afiliação ($F_{(1.724,584.500)}=758.812$; $p=.000$) e no sistema de intimidade ($F_{(1.915,649.257)}=758.812$; $p=.000$). Não se verificaram-se interações significativas entre a consistência no uso de preservativo e os sistemas de vinculação ($F_{(1.736,588.585)}=1.109$; $p=.324$), acontecendo o mesmo no sistema de cuidado ($F_{(1.647,558.325)}=.128$; $p=.841$), no sistema de afiliação ($F_{(1.724,584.500)}=.196$; $p=.789$) e no sistema de intimidade ($F_{(1.915,649.257)}=.050$; $p=.946$).

Observaram-se os gráficos de perfil em cada sistema comportamental (gráficos 104, 105, 106 e 107). São sugestivos de que em qualquer um dos sistemas comportamentais, parece não haver diferenças significativas entre as médias dos estilos. Na tabela 119 comprova-se o facto. A alínea a) da quinta hipótese, no que se refere aos sujeitos monogâmicos não se confirma.

Gráfico 104 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos

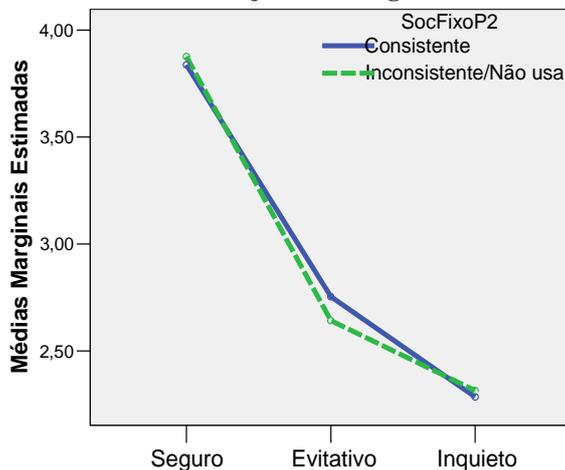


Gráfico 105 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos

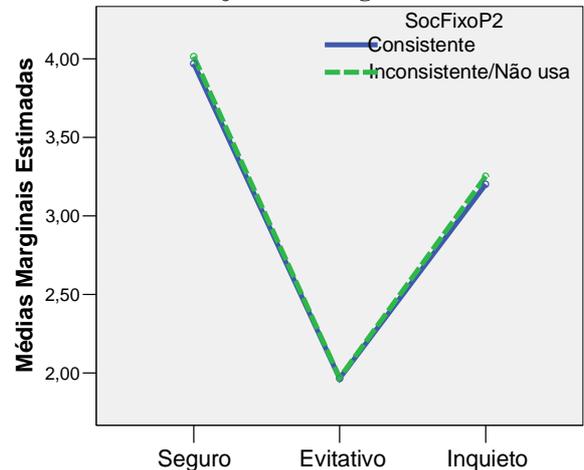


Gráfico 106 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos

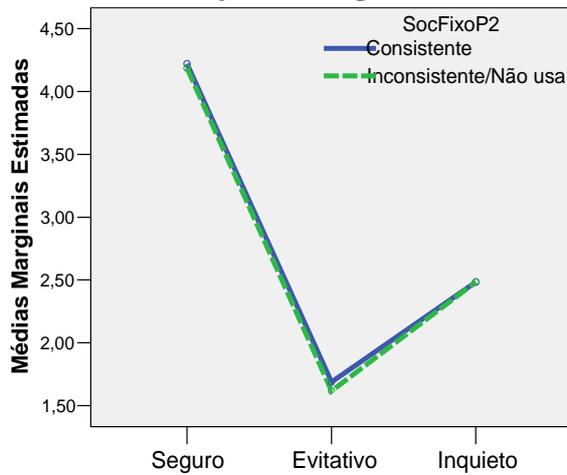


Gráfico 107 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos

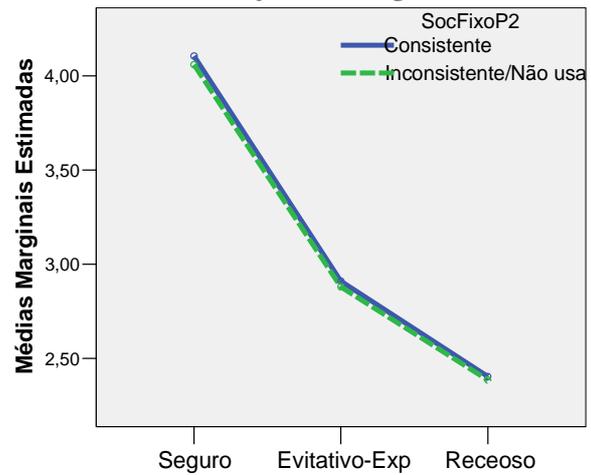


Tabela 119 Diferenças de Médias nos Estilos dos Sistemas Comportamentais de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Monogâmicos

Sistemas Comportamentais	Estilos Românticos	Uso de Preservativo	Diferença de Médias	p	
Vinculação	Seguro	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.039	.600
	Evitativo	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.113	.141
	Inquieto	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.030	.684
Cuidado	Seguro	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.044	.470
	Evitativo	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.003	.965
	Inquieto	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.049	.487
Afiliação	Seguro	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.036	.620
	Evitativo	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.071	.295
	Inquieto	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.001	.985
Intimidade	Seguro	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.046	.424
	Evitativo-Exp	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.030	.685
	Receoso	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.018	.756

Em resumo, nos sujeitos do presente estudo, o facto de usar ou não usar sistematicamente o preservativo, não promove perspectivas mais ou menos seguras, evitativas ou inquietas/receosas nas experiências românticas com os parceiros, facto surpreendente pois dado que uma parte significativa dos sujeitos (48.4%) se declara contraceptor consistente, e esperar-se-ia relacionamento entre as variáveis.

Os resultados não são concordantes Rosengard et al, (2005), que em sujeitos que declaram relacionar-se sexualmente apenas com um parceiro, encontram correlações entre a importância que atribuem à intimidade da relação e os aspectos protectores, nomeadamente o

uso de preservativo. Também não são concordantes com Pilkington, Kern e Indest (1994), que observam relacionamento inverso entre as práticas de sexo seguro e sentimentos positivos no relacionamento romântico.

Porventura, nos sujeitos monogâmicos do presente estudo, a consistência no uso de preservativo é um aspecto não valorizado como factor interveniente na profundidade e/ou proximidade do relacionamento. Talvez mesmo um alheamento face à maior ou menor confiança que nos relacionamentos monogâmicos o uso de preservativo pode oferecer.

6.4.1.2 Os Estilos Românticos e a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos com Parceiros Ocasionais

Mantendo-se a observação sobre os sujeitos com experiências de coito, seleccionaram-se aqueles que declaram ter parceiros ocasionais (C50=1).

Uma Anova de medidas repetidas foi realizada, considerando-se no factor intra-sujeitos quatro medidas que correspondem aos sistemas comportamentais, tendo cada uma três níveis, que são os estilos seguro, evitativo e receoso/inquieto. No factor independente introduziu-se a variável uso de preservativo com parceiros ocasionais, com duas modalidades (SocCasP2).

No teste de K-S dos resíduos observou-se normalidade nas distribuições da vinculação segura ($p=.200$) para ambos os grupos, na vinculação inquieta, afiliação segura, intimidade evitativa-experimentação e intimidade receosa para o grupo dos sujeitos que usam o preservativo de maneira inconsistente e na intimidade segura para os sujeitos que usam o método de forma consistente ($p>.05$). Nas descritivas, as distribuições mostraram-se simétricas e mesocúrticas excepto no grupo dos sujeitos que usam o preservativo de maneira consistente na vinculação inquieta ($Sk/ep=2.31$), na afiliação segura ($Sk/ep=-3.47$; $K/ep=5.07$) e na intimidade evitativa-experimentação ($Sk/ep=-2.20$; $K/ep=2.72$). A observação recaiu sobre 177 sujeitos conforme indica a tabela 120.

Tabela 120 Médias nos Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos com Parceiros Ocasionais

Estilos dos Sistemas Comportamentais	Uso de Preservativo	Média	dp	N
Vinculação Segura	Consistente	3.33	.678	101
	Inconsistente/Não Usa	3.33	.755	76
	Total	3.33	.710	177
Vinculação Evitativa	Consistente	3.09	.595	101
	Inconsistente/Não Usa	3.02	.691	76
	Total	3.06	.637	177
Vinculação Inquieta	Consistente	2.40	.710	101
	Inconsistente/Não Usa	2.60	.749	76
	Total	2.49	.731	177
Cuidado Seguro	Consistente	3.70	.553	101
	Inconsistente/Não Usa	3.61	.506	76
	Total	3.66	.534	177
Cuidado Evitativo	Consistente	2.47	.668	101
	Inconsistente/Não Usa	2.49	.752	76
	Total	2.48	.704	177
Cuidado Inquieto	Consistente	3.06	.603	101
	Inconsistente/Não Usa	3.26	.623	76
	Total	3.14	.618	177
Afiliação Segura	Consistente	3.92	.681	101
	Inconsistente/Não Usa	3.71	.720	76
	Total	3.83	.704	177
Afiliação Evitativa	Consistente	2.28	.834	101
	Inconsistente/Não Usa	2.50	.843	76
	Total	2.37	.842	177
Afiliação Inquieta	Consistente	2.85	.690	101
	Inconsistente/Não Usa	2.88	.683	76
	Total	2.87	.686	177
Intimidade Segura	Consistente	3.75	.675	101
	Inconsistente/Não Usa	3.49	.697	76
	Total	3.64	.695	177
Intimidade Evitativa-Experimentação	Consistente	3.37	.681	101
	Inconsistente/Não Usa	3.23	.670	76
	Total	3.31	.678	177
Intimidade Receosa	Consistente	2.79	.705	101
	Inconsistente/Não Usa	2.80	.625	76
	Total	2.79	.670	177

No teste M de Box, verificou-se covariância das matrizes ($p=.638$) e no teste de Levene a homogeneidade de variâncias foi observada em todos os estilos dos sistemas comportamentais variando o nível de significância entre $p=.091$ e $p=.971$. A esfericidade não se comprovou no teste de Mauchly recorrendo-se ao ϵ de Huynh-Feldt, que no sistema de vinculação mostrou um nível de significância de $p=.942$, no sistema de cuidado de $p=.828$, no sistema de afiliação $p=.890$ e no sistema de intimidade $p=.972$.

Nos testes univariados dos efeitos intra-sujeitos há diferenças significativas entre as médias dos três estilos românticos da vinculação ($F_{(1.884,329.710)}=60.363$; $p=.000$), ocorrendo o

mesmo no sistema de cuidado ($F_{(1.655,289.670)}=141.433$; $p=.000$), afiliação ($F_{(1.780,311.441)}=149.571$; $p=.000$), e intimidade ($F_{(1.943,340.108)}=79.455$; $p=.000$). Interações significativas entre a consistência no uso de preservativo e os estilos românticos são apenas observadas no sistema de afiliação ($F_{(1.780,311.441)}=3.556$; $p=.035$) não acontecendo tal nos sistemas de vinculação ($F_{(1.884,329.710)}=1.706$; $p=.185$) cuidado ($F_{(1.655,289.670)}=2.278$; $p=.114$) e intimidade ($F_{(1.943,340.108)}=2.143$; $p=.120$).

A observação do gráfico de perfil 108 é sugestiva de que a vinculação romântica segura é semelhante, qualquer que seja a consistência no uso de preservativo, mas os que usam de maneira irregular são menos evitativos mas mais inquietos. Quanto ao sistema de cuidado os estilos seguro e evitativo parecem ter médias muito próximas, qualquer que seja a forma de usar o preservativo, embora o cuidado inquieto seja mais elevado nos sujeitos que usam o método irregularmente. No gráfico 110 a afiliação romântica segura é mais alta e a evitativa é mais baixa nos sujeitos que usam o método com consistência, mas na afiliação inquieto as médias são muito aproximadas. Quanto ao sistema de intimidade, mostram-se claramente mais seguros e evitativos-experimentação os sujeitos que usam sempre o método, embora as médias do estilo receoso sejam semelhantes (gráfico 111).

Gráfico 108 Médias nos Estilos do Sistema de Vinculação de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo com Parceiros Ocasionais

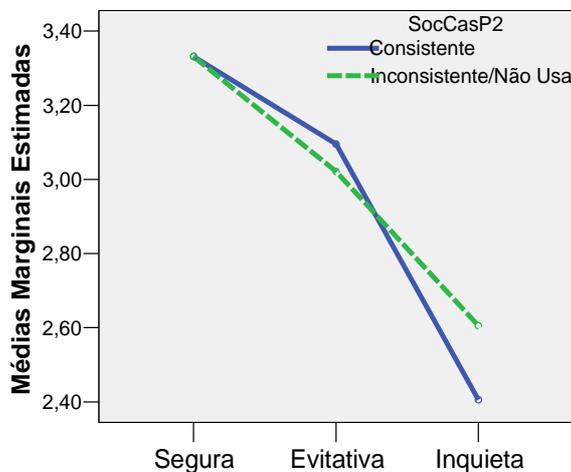


Gráfico 109 Médias nos Estilos do Sistema de Cuidado de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo com Parceiros Ocasionais

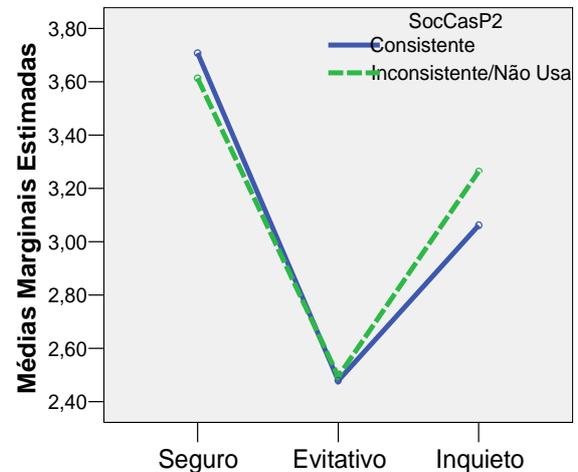


Gráfico 110 Médias nos Estilos do Sistema de Afiliação de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo com Parceiros Ocasionais

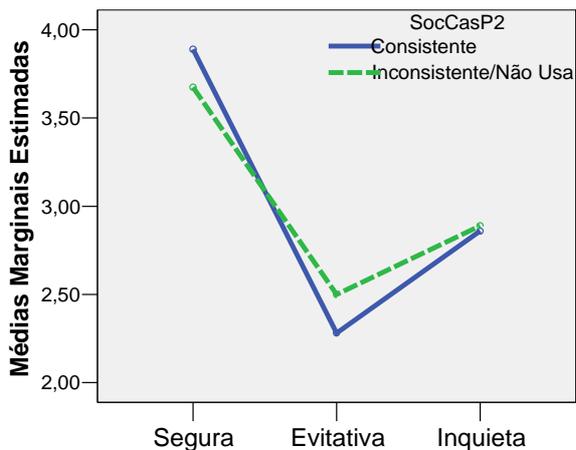
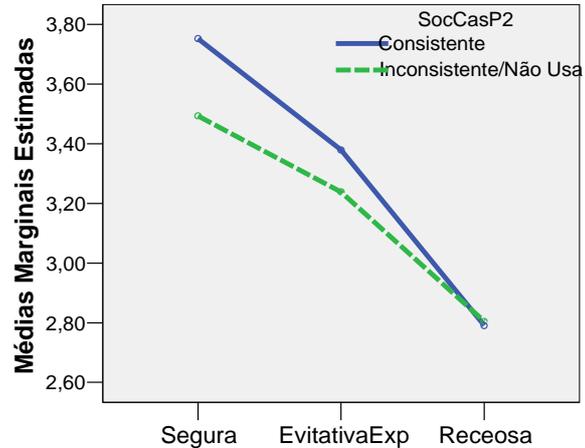


Gráfico 111 Médias nos Estilos do Sistema de Intimidade de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo com Parceiros Ocasionais



Nas comparações por pares comprova-se que a tendência, em geral, vai ao encontro da hipótese formulada, mas são apenas significativamente diferentes três situações. Ou seja, os sujeitos com parceiros ocasionais que usam o preservativo sempre, mostram um cuidado inquieto mais baixo, afiliação segura e intimidade segura mais elevadas, comparativamente aos que usam o método inconsistentemente. Porém, na vinculação e intimidade evitativa, a tendência contraria a hipótese formulada (tabela 121). A alínea a) da quinta hipótese, no que se refere aos sujeitos com parceiros ocasionais, confirma-se parcialmente.

Tabela 121 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos dos Sistemas Comportamentais de acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos com Parceiros Ocasionais

Sistemas Comportamentais	Estilos Românticos	Uso de Preservativo		Diferença de Médias	p
Vinculação	Seguro	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.001	.996
	Evitativo	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.074	.446
	Inquieto	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.199	.073
Cuidado	Seguro	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.094	.249
	Evitativo	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.016	.885
	Inquieto	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.202*	.031
Afiliação	Seguro	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.215*	.028
	Evitativo	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.219	.087
	Inquieto	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.030	.774
Intimidade	Seguro	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.259*	.014
	Evitativo-Exp	Consistente	Inconsistente/Não Usa	.140	.174
	Receoso	Consistente	Inconsistente/Não Usa	-.014	.892

* Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Embora a hipótese não se verifique na totalidade, os resultados são concordantes com Rosengard et al (2005), que encontram em adolescentes com parceiros ocasionais alguns

factores protectores, pois não tendo relacionamentos com grande intimidade, usam mais frequentemente o preservativo, exibindo atitudes mais positivas em relação ao método e menos relatos de GND e IST.

Porventura, a situação de parceiros ocasionais torna mais salientes as competências para sexo seguro, tendo assim os sujeitos perspectivas de maior afiliação e intimidade seguras e também de menor receio cuidativo. Repare-se que os estilos do sistema de vinculação não são percebidas diferenças significativas e no sistema cuidativo apenas o estilo inquieto mostra diferenças, interpretáveis como não desvalorização de merecimento do próprio, no cuidado oferecido no papel de contraceptor eficaz. Por outro lado nos sistemas de afiliação e intimidade física sobressai o estilo seguro, interpretável como expressão de mutualidade e exploração positiva da sexualidade, no papel de contraceptor eficaz.

O quadro é sugestivo de que os sujeitos buscam em ocorrências episódicas, ou relacionamentos inconstantes, o seu desenvolvimento romântico e sexual, numa faceta mais liberal. Talvez o menor compromisso romântico inerente às relações ocasionais e a assumpção da transitoriedade da experiência, possam causar menor embaraço na susceptibilidade dos parceiros e também a compreensão de benefício mútuo, permitindo sem ofensa, a proposta do método, o seu uso sem negociação problemática, ou a imposição sem possibilidade de recusa e assim percepções das experiências românticas com estes resultados. O facto é que os adolescentes, pela cultura envolvente, sabem que devem usar preservativo nas relações sexuais, nomeadamente com estranhos, e é talvez nestes encontros ocasionais que se torna mais evidente a necessidade de protecção para seu próprio interesse.

6.5 Caracterização dos Sujeitos Referida ao Objectivo 5

A caracterização que se segue procura responder ao objectivo cinco que se refere ao cruzamento das variáveis critério (i.e. estratégias de negociação no uso de preservativo e consistência no uso do preservativo) com a variável predictor (i.e. estilos românticos). A análise recai sobre sujeitos que têm experiências de coito e parceiro fixo, independentemente de terem ou não relacionamentos extemporâneos.

6.5.1 Estilos Românticos, Estratégias de Negociação e Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos com Parceiro Fixo

Para responder às alíneas a), b), c), d) da sexta hipótese, onde se esperava que os níveis de aplicação das estratégias de negociação, os estilos românticos e a consistência no uso de preservativo estivessem associados, realizaram-se várias Manovas. Nas provas estatísticas, utilizou-se a categorização anteriormente aplicada¹.

Como factores independentes introduziram-se duas variáveis: a consistência no uso de preservativo em duas categorias (i.e. SocFixoP2: consistente e inconsistente) e cada uma das estratégias em questão, que se limitaram a duas categorias (i.e. níveis baixo e alto). Apresenta-se a normalidade das distribuições, justificando-se os afastamentos com as descritivas.

A Recusa da Relação Sexual, os Estilos Românticos e a Consistência no Uso de Preservativo

Realizou-se um teste Manova introduzindo no factor intra-sujeitos três medidas que correspondem aos estilos românticos e no factor independente considerou-se o uso de preservativo com dois níveis (i.e. consistente, inconsistente) e a recusa da relação sexual limitando-se a dois níveis (i.e. RR3: baixo e alto).

¹ “baixo nível” de negociação pontuação 1 a 2.25
“nível médio” de negociação pontuação 2.50 a 3.50
“alto nível” de negociação pontuação 3.75 a 5

Nos resíduos do teste K-S a normalidade foi encontrada no estilo seguro, receoso e evitativo-experimentação para o grupo dos sujeitos que usam inconsistentemente o preservativo ($p > .05$). Nas descritivas, no uso consistente encontrou-se simetria e achatamento normais para os estilos receoso e evitativo-experimentação, mas no estilo seguro observou-se assimetria negativa e achatamento normal ($Sk/ep = -2.05$; $K/ep = -1.65$).

Relativamente às distribuições dos estilos na variável de recusa da relação sexual, a normalidade encontrou-se no estilo evitativo-experimentação para ambos os grupos e no estilo seguro para os sujeitos que aplicam pouco a estratégia. As descritivas mostram simetria e achatamento normais, excepto no estilo seguro para o grupo que recusa muito a relação sexual, que se mostrou assimétrica negativa e mesocúrtica ($Sk/ep = -2.01$; $K/ep = -1.94$). A observação recai sobre 382 sujeitos, conforme a tabela 122.

Tabela 122 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Recusa da Relação Sexual

Estilos Românticos	Uso de Preservativo	Níveis de Recusa da Relação Sexual	Média	dp	N
Seguro	Consistente	Baixo	3.82	.528	28
		Alto	3.89	.481	168
		Total	3.88	.487	196
	Inconsistente	Baixo	3.83	.558	61
		Alto	3.79	.495	125
		Total	3.80	.516	186
	Total	Baixo	3.82	.546	89
		Alto	3.85	.489	293
		Total	3.84	.502	382
Receoso	Consistente	Baixo	2.61	.447	28
		Alto	2.56	.461	168
		Total	2.57	.458	196
	Inconsistente	Baixo	2.76	.559	61
		Alto	2.57	.493	125
		Total	2.63	.522	186
	Total	Baixo	2.71	.528	89
		Alto	2.56	.474	293
		Total	2.60	.491	382
Evitativo-Experimentação	Consistente	Baixo	2.59	.573	28
		Alto	2.93	.616	168
		Total	2.88	.620	196
	Inconsistente	Baixo	3.10	.600	61
		Alto	2.85	.648	125
		Total	2.93	.641	186
	Total	Baixo	2.94	.635	89
		Alto	2.89	.630	293
		Total	2.90	.630	382

No teste M de Box observou-se homogeneidade da matriz de variância covariância ($p=.389$) e no teste de Levene verificou-se igualdade de variância dos grupos nos estilos seguro ($p=.602$), receoso ($p=.193$) e evitativo-experimentação ($p=.973$).

Nos testes multivariados a estratégia de recusa da relação sexual não tem efeito significativo sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.016; $p=.100$), assim como a consistência no uso de preservativo (Traço de Pillai=.020; $p=.059$). Os dois factores interagem significativamente sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.046; $p=.000$), com uma credibilidade de 95.9%, mas com pequeno tamanho de efeito ($\eta_p^2=4.6\%$).

Quanto aos testes entre-sujeitos, observa-se que a estratégia de recusa da relação sexual não tem efeito significativo sobre nenhum dos estilos ($p>.05$). A consistência no uso de preservativo não possui efeito sobre os estilos seguro e receoso ($p>.05$), mas tem sobre o estilo evitativo-experimentação ($F_{(1,378)}=7.503$; $p=.006$). Não existe interacção significativa entre a recusa da relação e a consistência do uso de preservativo sobre os estilos seguro e receoso ($p>.05$), mas ocorre sobre o estilo evitativo-experimentação ($F_{(1,378)}=13.528$; $p=.000$).

O gráfico 112 sugere que 1) os sujeitos que recusam muito a relação sexual e usam sempre o preservativo, são mais seguros que aqueles que usam o método inconsistentemente. No mesmo gráfico constata-se que nos sujeitos que recusam pouco, mas usam sempre o método, embora com pequena diferença, são menos seguros que aqueles que usam intermitentemente; 2) no gráfico 113 observa-se que nos sujeitos que recusam muito a relação sexual mas usam consistentemente o preservativo, o receio é menor, com pequena diferença, comparativamente aos que usam irregularmente. Por outro lado, nos sujeitos que pouco se negam à relação sexual e usam sempre o preservativo o receio é também menor; 3) no gráfico 114 constata-se no grupo dos sujeitos recusa muito a relação sexual e usa sempre o preservativo a evitação-experimentação é mais elevada comparativamente aos que usam irregularmente o método. Também se observa que quando a recusa da relação é baixa e o uso

de preservativo é sistemático, o estilo evitativo-experimentação é menor, comparativamente aos sujeitos que usam irregularmente o método.

Gráfico 112 Médias no Estilo Seguro de Acordo com os Níveis de Recusa da Relação Sexual e a Consistência no Uso de Preservativo

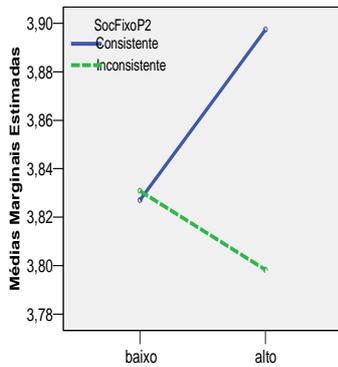


Gráfico 113 Médias no Estilo Receoso de Acordo com os Níveis de Recusa da Relação Sexual e a Consistência no Uso de Preservativo

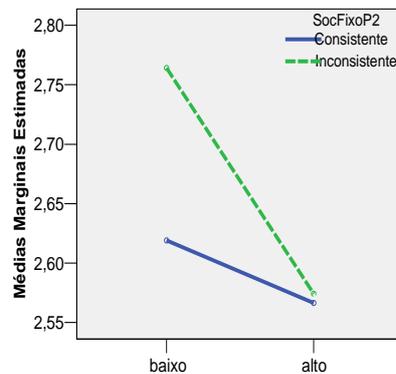
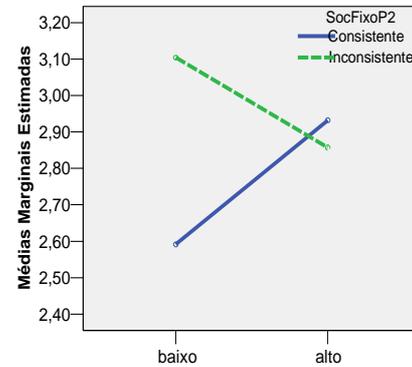


Gráfico 114 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com os Níveis de Recusa da Relação Sexual e a Consistência no Uso de Preservativo



Nas comparações múltiplas a diferença significativa encontrada é concordante com a hipótese formulada, pois nos sujeitos que pouco recusam a relação sexual e usam consistentemente o preservativo, o estilo evitativo-experimentação é menor (tabela 123).

Tabela 123 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Níveis de Recusa da Relação Sexual

Estilos Românticos	Níveis de Recusa da Relação Sexual	Uso de Preservativo	Diferença de Médias	p	
Seguro	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.004	.973
	Alto	Consistente	Inconsistente	.099	.096
Receoso	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.145	.193
	Alto	Consistente	Inconsistente	-.008	.893
Evitativo-Experimentação	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.513*	.000
	Alto	Consistente	Inconsistente	.075	.308

*Diferença significativa ao nível .05; Ajuste Bonferroni para comparações múltiplas

Em resumo:

A alínea a) da sexta hipótese (no grupo que usa muito a estratégia de recusa da relação sexual), não se verifica, embora nos estilos seguro e receoso exista alguma tendência que concorre para a hipótese.

A alínea b) da sexta hipótese (grupo que pouco usa a estratégia de recusa da relação sexual), verifica-se no estilo evitativo-experimentação. Contudo no estilo seguro o resultado tende para a hipótese formulada.

Pedido Directo do Preservativo, os Estilos Românticos e a Consistência no Uso do Método

Neste teste Manova o procedimento foi semelhante ao anterior, mas introduziu-se agora a estratégia de pedido directo do uso de preservativo (i.e. PD3: baixo e alto).

As distribuições dos estilos românticos, no contexto da consistência no uso de preservativo, revelaram normalidade nos resíduos do teste K-S ($p > .05$), nos estilos receoso e evitativo-experimentação, não ocorrendo tal no estilo seguro ($p < .05$). Contudo as descritivas mostraram simetria e achatamento normais no grupo que usa consistentemente ($Sk/ep = -1.86$; $K/ep = -1.58$) e inconsistentemente o preservativo ($Sk/ep = -1.90$; $K/ep = -.811$). Relativamente à variável pedido directo do uso do método, o teste K-S nos resíduos mostrava normalidade ($p > .05$), excepto no estilo seguro, para o grupo que solicita muito o método, mostrando as descritivas assimetria negativa e achatamento normal ($Sk/ep = -2.86$; $K/ep = -1.40$). A observação recaiu sobre 391 sujeitos, conforme a tabela 124.

Tabela 124 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Pedido Directo

Estilos Românticos	Uso de Preservativo	Níveis de Pedido Directo	Média	dp	N
Seguro	Consistente	Baixo	3.76	.545	28
		Alto	3.91	.477	166
		Total	3.89	.488	194
	Inconsistente	Baixo	3.81	.582	42
		Alto	3.87	.480	155
		Total	3.86	.503	197
	Total	Baixo	3.79	.564	70
		Alto	3.89	.478	321
		Total	3.88	.495	391
Receoso	Consistente	Baixo	2.63	.443	28
		Alto	2.56	.472	166
		Total	2.57	.467	194
	Inconsistente	Baixo	2.67	.626	42
		Alto	2.60	.489	155
		Total	2.61	.520	197
	Total	Baixo	2.66	.557	70
		Alto	2.58	.480	321
		Total	2.59	.494	391
Evitativo-Experimentação	Consistente	Baixo	2.78	.624	28
		Alto	2.93	.618	166
		Total	2.91	.620	194
	Inconsistente	Baixo	3.00	.583	42
		Alto	2.89	.643	155
		Total	2.91	.631	197
	Total	Baixo	2.91	.605	70
		Alto	2.91	.630	321
		Total	2.91	.624	391

No teste M de Box observou-se homogeneidade da matriz de variância covariância ($p=.308$) e no teste de Levene verificou-se igualdade de variância dos grupos nos estilos seguro ($p=.256$) e evitativo-experimentação ($p=.671$), não ocorrendo tal no estilo receoso ($p=.038$).

Nos testes multivariados observa-se que a estratégia de pedido directo não tem efeito significativo sobre os estilos românticos (λ de Wilk=.989; $p=.253$), assim como a consistência no uso de preservativo (λ de Wilk=.997; $p=.732$).

Nos testes entre-sujeitos, observa-se que o factor estratégia de pedido directo não tem efeito significativo sobre nenhum dos estilos ($p>.05$), o mesmo acontecendo com a consistência no uso de preservativo ($p>.05$), não se observando interacção significativa entre os dois factores, qualquer que seja o estilo romântico ($p>.05$).

O gráfico 115 é sugestivo de que 1) os sujeitos que solicitam muito o uso de preservativo e o usam sempre, são mais seguros, quando comparados aos que usam o método irregularmente, enquanto que os que pedem pouco o uso do método e o usam também sempre, são menos seguros, comparativamente aos que usam de maneira irregular; 2) no gráfico 116 a percepção de receio, no grupo dos que pedem muito a aplicação do método e o usam sempre, é mais baixa, quando comparados com os sujeitos que usam o preservativo de maneira inconsistente. No mesmo gráfico constata-se que no grupo de sujeitos que pouco pede a utilização do método, mas o usa sempre, a percepção de receio é menor, comparativamente aos que usam de maneira irregular; 3) o gráfico 117 é sugestivo de que nos sujeitos que pedem muito o uso de preservativo e o usam sistematicamente, o estilo evitativo-experimentação é mais elevado comparativamente aos sujeitos que usam irregularmente o método. Contudo, no grupo de sujeitos que pouco pede ao parceiro o uso de preservativo, mas o usa sempre, o estilo evitativo-experimentação é mais baixo, comparativamente aos sujeitos que não usam sistematicamente o método.

Gráfico 115 Médias no Estilo Seguro de Acordo com os Níveis da Estratégia de Pedido Directo e a Consistência no Uso de Preservativo

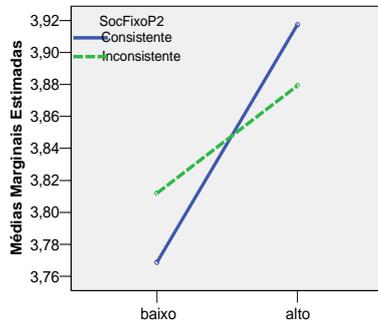


Gráfico 116 Médias no Estilo Receoso de Acordo com os Níveis da Estratégia de Pedido Directo e a Consistência no Uso de Preservativo

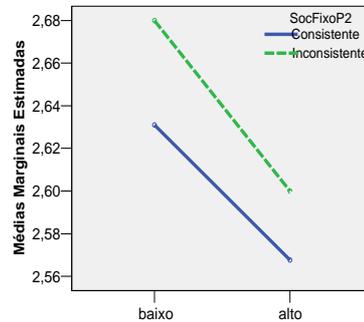
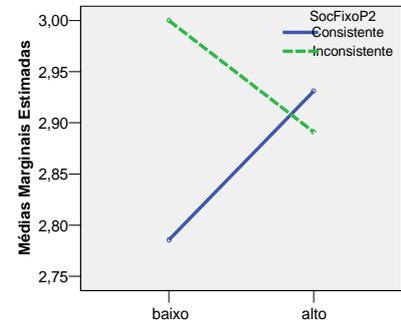


Gráfico 117 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com os Níveis da Estratégia de Pedido Directo e a Consistência no Uso de Preservativo



Nas comparações múltiplas, verifica-se que as diferenças não são significativas (tabela 125). Contudo, excepto no estilo receoso no grupo que pouco pede o uso do preservativo, e no estilo evitativo-experimentação no grupo que solicita muito o método, há tendência para a ideia formulada nas alíneas a) e b) da sexta hipótese.

Tabela 125 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e nos Níveis de Pedido Directo

Estilos Românticos	Níveis de Pedido Directo	Uso de Preservativo		Diferença de Médias	p
Seguro	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.043	.721
	Alto	Consistente	Inconsistente	.038	.491
Receoso	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.049	.686
	Alto	Consistente	Inconsistente	-.032	.559
Evitativo-Experimentação	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.214	.161
	Alto	Consistente	Inconsistente	.040	.567

Em resumo:

A alínea a) da sexta hipótese (no grupo que usa muito a estratégia de pedido directo), não se verifica, embora nos estilos seguro e receoso exista alguma tendência que concorre para a hipótese.

A alínea b) da sexta hipótese (grupo que pouco usa a estratégia de pedido directo), não se verifica, embora no estilo seguro e evitativo-experimentação os resultados tendam para a hipótese formulada.

A Sedução, os Estilos Românticos e a Consistência no Uso de Preservativo

Uma outra Manova multivariada foi realizada, introduzindo-se no factor intra-sujeitos as mesmas três medidas que correspondem aos estilos românticos e no factor entre-sujeitos manteve-se o uso de preservativo com dois níveis (i.e. consistente, inconsistente), introduzindo-se agora a estratégia de sedução limitada a dois níveis (i.e. SD3: baixo e alto).

A normalidade, observada nos resíduos do teste K-S verificou-se nos três estilos românticos para os níveis de sedução ($p > .05$). Quando à normalidade dos estilos românticos no contexto da consistência do uso de preservativo, verificou-se no estilo receoso para ambas as modalidades, para os estilos seguro e evitativo-experimentação, na inconsistência ($p > .05$). As descritivas mostraram simetria e achatamento normais no grupo que usa o preservativo de maneira consistente, quer no estilo seguro, quer no evitativo-experimentação. Analisaram-se 308 casos, (tabela 126).

Tabela 126 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Sedução

Estilos Românticos	Uso de Preservativo	Níveis de Sedução	Média	dp	N
Seguro	Consistente	Baixo	3.80	.570	30
		Alto	3.90	.435	118
		Total	3.89	.466	148
	Inconsistente	Baixo	3.83	.613	54
		Alto	3.80	.491	106
		Total	3.81	.533	160
	Total	Baixo	3.82	.595	84
		Alto	3.86	.464	224
		Total	3.85	.503	308
Receoso	Consistente	Baixo	2.66	.433	30
		Alto	2.59	.468	118
		Total	2.61	.460	148
	Inconsistente	Baixo	2.67	.648	54
		Alto	2.61	.486	106
		Total	2.63	.545	160
	Total	Baixo	2.67	.578	84
		Alto	2.60	.475	224
		Total	2.62	.505	308
Evitativo-Experimentação	Consistente	Baixo	2.81	.523	30
		Alto	2.99	.660	118
		Total	2.95	.637	148
	Inconsistente	Baixo	2.98	.628	54
		Alto	2.98	.674	106
		Total	2.98	.657	160
	Total	Baixo	2.92	.595	84
		Alto	2.98	.665	224
		Total	2.96	.646	308

No teste M de Box não se verificou homogeneidade da matriz de variância covariância ($p=.029$) e no teste de Levene a igualdade de variância dos grupos foi encontrada no estilo evitativo-experimentação ($p=.464$), não ocorrendo no estilo seguro ($p=.010$) e receoso ($p=.008$).

Nos testes multivariados observa-se que a estratégia de sedução não tem efeito significativo sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.013; $p=.273$), o mesmo acontecendo com a consistência no uso de preservativo (Traço de Pillai=.004; $p=.778$), não interagindo significativamente sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.011; $p=.335$).

Nos testes entre-sujeitos, a sedução não tem efeito significativo sobre nenhum dos estilos ($p>.05$), o mesmo acontecendo com a consistência no uso de preservativo ($p>.05$), não se verificando interação entre os factores independentes sobre os estilos românticos.

O gráfico 118 sugere que 1) os participantes que seduzem muito e usam sempre o preservativo são mais seguros que aqueles que pouco usam o método. Por outro lado, nos sujeitos que seduzem pouco e usam sempre, a segurança romântica é mais baixa, comparativamente aos que usam o preservativo inconsistentemente; 2) no gráfico 119 observa-se que nos sujeitos que seduzem muito e usam sempre o método o receio é menor, comparativamente àqueles que usam irregularmente o preservativo. No mesmo gráfico, os participantes que seduzem pouco, mas usam consistentemente o preservativo, o receio romântico é menor, comparativamente ao grupo que usa o método irregularmente; 3) no gráfico 120 constata-se que nos participantes que seduzem muito e usam sempre preservativo o estilo evitativo-experimentação é maior, comparativamente àqueles que usam irregularmente o preservativo, embora com pouca diferença. No mesmo gráfico, os sujeitos que pouco seduzem e aplicam sempre o preservativo, o estilo evitativo-experimentação é mais baixo, quando comparado com os sujeitos que usam o método irregularmente.

Gráfico 118 Médias no Estilo Seguro de Acordo com os Níveis da Estratégia de Sedução e a Consistência no Uso de Preservativo

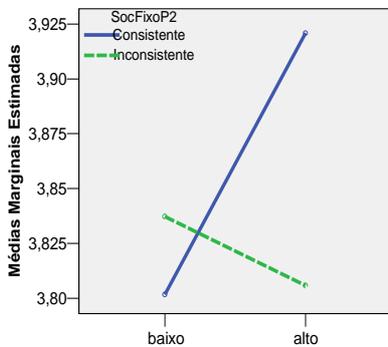


Gráfico 119 Médias no Estilo Receoso de Acordo com os Níveis da Estratégia de Sedução e a Consistência no Uso de Preservativo

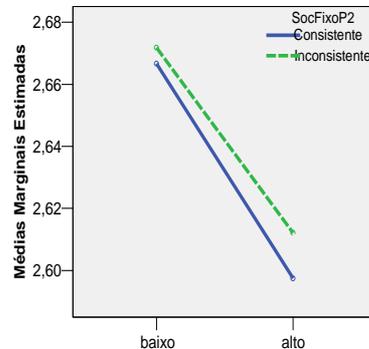
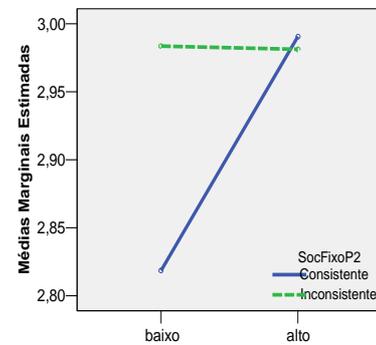


Gráfico 120 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com os Níveis da Estratégia de Sedução e a Consistência no Uso de Preservativo



Nas comparações múltiplas não se encontram diferenças significativas que possam responder com propriedade às hipóteses formuladas (tabela 127). Contudo, excepto na alínea b) no que respeita ao estilo receoso e na alínea a) no que se refere ao estilo evitativo-experimentação, os resultados tendem a ser concordantes com as hipóteses formuladas.

Tabela 127 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Níveis de Sedução

Estilos Românticos	Níveis de Sedução	Uso de Preservativo		Diferença de Médias	p
Seguro	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.035	.757
	Alto	Consistente	Inconsistente	.115	.089
Receoso	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.005	.965
	Alto	Consistente	Inconsistente	-.015	.829
Evitativo-Experimentação	Baixo	Consistente	Inconsistente	-.165	.264
	Alto	Consistente	Inconsistente	.009	.913

Em resumo:

A alínea a) da sexta hipótese (no grupo que seduz muito), não se verifica, embora nos estilos seguro e receoso exista alguma tendência que concorre para a hipótese.

A alínea b) da sexta hipótese (grupo que pouco seduz), não se verifica, embora no estilo seguro e evitativo-experimentação os resultados tendam para a hipótese formulada.

O Tipo de Relacionamento, os Estilos Românticos e a Consistência no Uso de Preservativo

Outro teste Manova foi realizado, mas modificando-se agora a estratégia, pela argumentação sobre o tipo de relacionamento (i.e. TR3: baixo e alto).

Nos resíduos do teste K-S a normalidade foi encontrada nas distribuições dos estilos românticos no contexto da consistência no uso de preservativo ($p > .05$), excepto no estilo receoso, na modalidade referente ao uso consistente. Nas descritivas, observou-se simetria e achatamento normais ($Sk/ep=1$; $K/ep=-.554$). Relativamente à distribuição dos estilos românticos nos níveis de argumentação a normalidade foi encontrada ($p > .05$). Analisam-se 352 casos (tabela 128).

Tabela 128 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento.

Estilos Românticos	Uso de Preservativo	Níveis de Argumentação Sobre o Relacionamento	Média	dp	N
Seguro	Consistente	Baixo	3.78	.654	24
		Alto	3.91	.457	155
		Total	3.90	.488	179
	Inconsistente	Baixo	3.74	.614	46
		Alto	3.83	.466	127
		Total	3.81	.510	173
	Total	Baixo	3.75	.624	70
		Alto	3.88	.462	282
		Total	3.85	.500	352
Receoso	Consistente	Baixo	2.60	.504	24
		Alto	2.54	.459	155
		Total	2.55	.464	179
	Inconsistente	Baixo	2.70	.613	46
		Alto	2.62	.503	127
		Total	2.64	.532	173
	Total	Baixo	2.66	.576	70
		Alto	2.58	.480	282
		Total	2.59	.501	352
Evitativo-Experimentação	Consistente	Baixo	2.87	.535	24
		Alto	2.90	.625	155
		Total	2.90	.613	179
	Inconsistente	Baixo	3.00	.619	46
		Alto	2.86	.642	127
		Total	2.90	.638	173
	Total	Baixo	2.95	.591	70
		Alto	2.88	.632	282
		Total	2.90	.624	352

No teste M de Box não se observou homogeneidade da matriz de variância covariância ($p=.011$) e no teste de Levene verificou-se igualdade de variância dos grupos nos

estilos receoso ($p=.089$) e evitativo-experimentação ($p=.900$), mas não se observou no estilo seguro ($p=.000$).

Nos testes multivariados observa-se que a estratégia de argumentação sobre o relacionamento não tem efeito significativo sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.008; $p=.438$), tal como a consistência no uso de preservativo (Traço de Pillai=.006; $p=.590$). Não se observa interação significativa (Traço de Pillai=.004; $p=.697$).

Quanto aos testes entre-sujeitos, observa-se que a estratégia de argumentação sobre o tipo de relacionamento não tem efeito significativo sobre nenhum dos estilos ($p>.05$), o mesmo acontecendo com a consistência no uso de preservativo ($p>.05$). Não se regista interação significativa entre a argumentação da relação e a consistência do uso de preservativo sobre os estilos românticos ($p>.05$).

O gráfico 121 sugere que 1) nos sujeitos que argumentam muito sobre o tipo de relação e usam sempre o preservativo, o estilo seguro é mais elevado, comparativamente àqueles que argumentam muito mas usam o método irregularmente. Na mesma imagem, observa-se que nos sujeitos que pouco invocam a relação para convencer ao uso de preservativo e usam o método de maneira inconsistente, a segurança romântica é mais alta; 2) no gráfico 122 observa-se que aqueles que recorrem muito ao argumento do tipo de relação e usam sempre o preservativo o receio é mais baixo, quando comparado com o grupo que usa irregularmente o método. Também se observa que nos sujeitos que pouco argumentam sobre a relação e usam o preservativo de maneira consistente o receio romântico é mais baixo; 3) no gráfico 123 constata-se que no grupo de sujeitos que argumenta muito e tem sempre sexo seguro, o estilo evitativo-experimentação é mais alto, comparativamente aos sujeitos que usam inconsistentemente o método. Por outro lado, nos sujeitos que pouco invocam a relação e usam sempre o método, o estilo evitativo-experimentação é mais baixo, comparativamente aos sujeitos que usam o preservativo de maneira irregular.

Gráfico 121 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Argumentação Sobre o Relacionamento e a Consistência no Uso de Preservativo

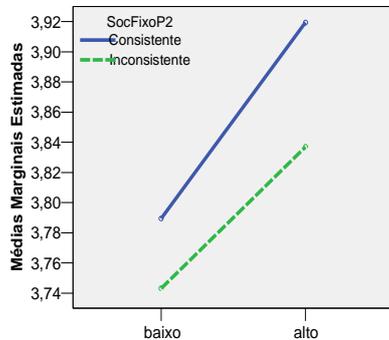


Gráfico 122 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Argumentação Sobre o Relacionamento e a Consistência no Uso de Preservativo

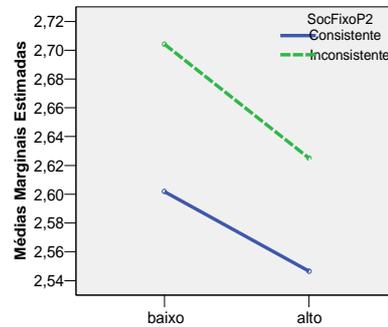
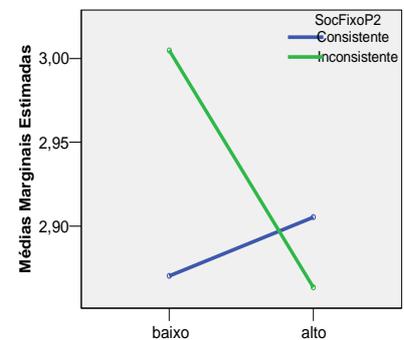


Gráfico 123 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Argumentação Sobre o Relacionamento e a Consistência no Uso de Preservativo



Nas comparações múltiplas, observa-se que as diferenças não são significativas (tabela 129).

Tabela 129 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Níveis de Argumentação Sobre o Tipo de Relacionamento

Estilos Românticos	Níveis de Argumentação Sobre o Relacionamento	Uso de Preservativo	Diferença de Médias	p
Seguro	Baixo	Consistente	.046	.712
	Alto	Inconsistente	.082	.168
Receoso	Baixo	Consistente	-.102	.418
	Alto	Inconsistente	-.079	.191
Evitativo-Experimentação	Baixo	Consistente	-.134	.394
	Alto	Inconsistente	.042	.577

Em resumo:

A alínea a) da sexta hipótese (no grupo que argumenta muito), não se verifica, embora nos estilos seguro e receoso exista alguma tendência que concorre para a hipótese.

A alínea b) da sexta hipótese (grupo que pouco argumenta), não se verifica, embora no estilo evitativo-experimentação os resultados tendam para a hipótese formulada.

A Aplicação da Informação Sobre IST, os Estilos Românticos e a Consistência no Uso de Preservativo

O mesmo procedimento foi agora realizado, introduzindo a estratégia de negociação referente à aplicação da informação sobre IST (i.e. IST3: baixo e alto).

Nos resíduos do teste K-S a normalidade foi encontrada no estilo receoso e evitativo-experimentação para o uso inconsistente do preservativo ($p > .05$). As descritivas mostraram o seguinte. No estilo seguro, o uso consistente tem distribuição simétrica e leptocúrtica ($Sk/ep = -1.30$; $K/ep = -2.13$) e o uso inconsistente mostra simetria e achatamento normais ($Sk/ep = -.816$; $K/ep = -1.60$); O uso consistente no estilo receoso é simétrica e mesocúrtica ($Sk/ep = -1.73$; $K/ep = -.614$), tal como no estilo evitativo-experimentação ($Sk/ep = -.860$; $K/ep = -.256$). Quanto à distribuição dos estilos românticos nos níveis da estratégia de informação sobre IST, o teste K-S dos resíduos mostra normalidade no estilo receoso para o nível alto e no estilo evitativo-experimentação para o nível baixo ($p > .05$). Nas descritivas, observou-se que excepto no estilo seguro e para a modalidade de nível alto, que se mostrava simétrica mas leptocúrtica ($Sk/ep = -1.29$; $K/ep = -2.10$), as restantes eram simétricas e com achatamento normal. A observação recai sobre 381 sujeitos (tabela 130).

Tabela 130 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Aplicação da Informação Sobre IST

Estilos Românticos	Uso de Preservativo	Níveis de Aplicação da Informação Sobre IST	Média	dp	N
Seguro	Consistente	Baixo	3.82	.565	26
		Alto	3.90	.465	159
		Total	3.89	.479	185
	Inconsistente	Baixo	3.79	.650	52
		Alto	3.85	.469	144
		Total	3.83	.522	196
	Total	Baixo	3.80	.619	78
		Alto	3.87	.467	303
		Total	3.86	.502	381
Receoso	Consistente	Baixo	2.65	.399	26
		Alto	2.55	.475	159
		Total	2.56	.466	185
	Inconsistente	Baixo	2.64	.628	52
		Alto	2.62	.503	144
		Total	2.62	.537	196
	Total	Baixo	2.64	.559	78
		Alto	2.58	.489	303
		Total	2.59	.504	381
Evitativo-Experimentação	Consistente	Baixo	3.01	.561	26
		Alto	2.91	.623	159
		Total	2.92	.614	185
	Inconsistente	Baixo	2.97	.715	52
		Alto	2.86	.635	144
		Total	2.89	.657	196
	Total	Baixo	2.98	.664	78
		Alto	2.89	.628	303
		Total	2.91	.636	381

No teste M de Box não se observou homogeneidade da matriz de variância covariância ($p=.047$) e no teste de Levene verificou-se igualdade de variância dos grupos no estilo evitativo-experimentação ($p=.805$), mas não se observou no estilo seguro ($p=.000$) e receoso ($p=.032$).

Nos testes multivariados observa-se que a estratégia de informação sobre IST não tem efeito significativo sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.005; $p=.574$), o mesmo acontecendo com a consistência no uso de preservativo (Traço de Pillai=.003; $p=.732$). A consistência no uso de preservativo e a estratégia de informação sobre IST não interagem significativamente sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.001; $p=.928$).

Quanto aos testes entre-sujeitos, observa-se que a estratégia de informação sobre IST não tem efeito significativo sobre nenhum dos estilos românticos ($p>.05$), o mesmo acontecendo com a consistência no uso de preservativo ($p>.05$). Não existe interação significativa entre a informação sobre IST e a consistência do uso de preservativo sobre qualquer um dos estilos românticos ($p>.05$).

No gráfico 124 a imagem é sugestiva de que 1) os sujeitos que aplicam muito a informação sobre IST e usam sempre o preservativo, a segurança romântica é mais elevada, comparativamente àqueles que usam o método irregularmente. No mesmo gráfico, aqueles que pouco invocam as IST e usam sempre o preservativo mostram-se mais seguros, que aqueles que usam o método inconsistentemente; 2) no gráfico 125 ,os sujeitos que referem muito as IST e usam sempre o preservativo mostram menor receio romântico, do que aqueles que usam o método de maneira irregular. Por outro lado, nos sujeitos que pouco aplicam a informação sobre IST e usam sempre o método, o receio romântico é maior, comparativamente àqueles que usam o preservativo inconsistentemente; 3) no gráfico 126 constata-se que nos sujeitos que invocam muito as IST e têm sempre sexo seguro, o estilo evitativo-experimentação é mais elevado, comparativamente àqueles que usam o preservativo

de forma inconsistente. No mesmo gráfico, os sujeitos que pouco utilizam a estratégia de informação sobre IST e são contraceptores consistentes, o estilo evitativo-experimentação é mais elevado, comparativamente àqueles que usam o método irregularmente.

Gráfico 124 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Estratégia de Informação Sobre IST e a Consistência no Uso de Preservativo

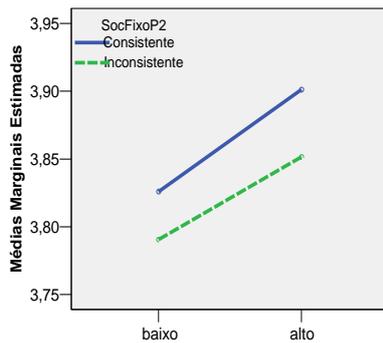


Gráfico 125 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Estratégia de Informação Sobre IST e a Consistência no Uso de Preservativo

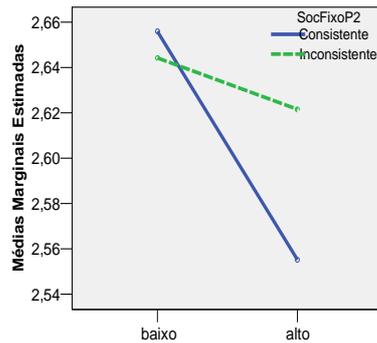
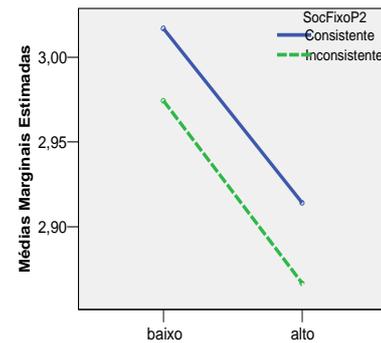


Gráfico 126 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Estratégia de Informação Sobre IST e a Consistência no Uso de Preservativo



Nas comparações múltiplas não se encontram diferenças estatisticamente significativas que confirmem as hipóteses formuladas (tabela 131).

Tabela 131 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo nos Níveis de Informação Sobre IST

Estilos Românticos	Níveis de Aplicação da Informação Sobre IST	Uso de Preservativo		Diferença de Médias	p
Seguro	Baixo	Consistente	Inconsistente	.035	.769
	Alto	Consistente	Inconsistente	.050	.390
Receoso	Baixo	Consistente	Inconsistente	.012	.923
	Alto	Consistente	Inconsistente	-.066	.254
Evitativo-Experimentação	Baixo	Consistente	Inconsistente	.043	.780
	Alto	Consistente	Inconsistente	.048	.517

Em resumo:

A alínea a) da sexta hipótese (no grupo que usa muito a informação sobre IST), não se verifica, embora nos estilos seguro e receoso exista alguma tendência que concorre para a hipótese.

A alínea b) da sexta hipótese (grupo que pouco usa a informação sobre IST), não se verifica, embora no estilo receoso o resultado tenda para a hipótese formulada.

O Engano, os Estilos Românticos e a Consistência no Uso de Preservativo

Na última Manova mantiveram-se as variáveis anteriores, considerando-se agora a estratégia de negociação engano (i.e. EG3: baixo e alto).

Nos resíduos do teste K-S verificou-se normalidade na distribuição de todos os estilos românticos relativamente à consistência no uso de preservativo ($p > .05$), excepto para o estilo seguro na modalidade de uso consistente ($p = .002$), que nas descritivas se mostrou simétrica e mesocúrtica ($Sk/ep = -1.17$; $K/ep = -1.47$). Quanto à distribuição dos estilos românticos nos níveis de engano, verificou-se normalidade nos estilos receoso e evitativo-experimentação ($p = .200$), não ocorrendo tal no estilo seguro. Nas descritivas constatou-se que a distribuição no nível de engano baixo era assimétrica negativa e mesocúrtica ($Sk/ep = -2.07$; $K/ep = -.917$), e no nível de engano alto era simétrica e mesocúrtica ($Sk/ep = -.463$; $K/ep = -1.01$). Observaram-se 314 casos (tabela 132).

Tabela 132 Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis da Estratégia de Engano

Estilos Românticos	Uso de Preservativo	Níveis de Engano	Média	dp	N
Seguro	Consistente	Baixo	3.90	.486	86
		Alto	3.77	.486	61
		Total	3.85	.489	147
	Inconsistente	Baixo	3.90	.519	105
		Alto	3.75	.500	62
		Total	3.84	.516	167
	Total	Baixo	3.90	.503	191
		Alto	3.76	.491	123
		Total	3.84	.502	314
Receoso	Consistente	Baixo	2.48	.483	86
		Alto	2.65	.417	61
		Total	2.55	.463	147
	Inconsistente	Baixo	2.51	.569	105
		Alto	2.71	.436	62
		Total	2.59	.530	167
	Total	Baixo	2.50	.531	191
		Alto	2.68	.426	123
		Total	2.57	.499	314
Evitativo-Experimentação	Consistente	Baixo	2.80	.596	86
		Alto	3.06	.650	61
		Total	2.91	.630	147
	Inconsistente	Baixo	2.88	.741	105
		Alto	2.97	.538	62
		Total	2.91	.672	167
	Total	Baixo	2.85	.679	191
		Alto	3.01	.595	123
		Total	2.91	.652	314

No teste M de Box observou-se homogeneidade da matriz de variância covariância ($p=.065$) e no teste de Levene verificou-se igualdade de variância dos grupos nos estilos seguro ($p=.950$), não ocorrendo tal no estilo receoso ($p=.048$) e evitativo-experimentação ($p=.014$).

Nos testes multivariados observa-se que a estratégia de engano tem efeito significativo sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.039; $p=.007$), mas tal não se observa na consistência no uso de preservativo (Traço de Pillai=.003; $p=.848$). Não se observam interações significativas entre as variáveis independentes sobre os estilos românticos (Traço de Pillai=.007; $p=.535$).

Relativamente aos testes entre-sujeitos, observa-se que a estratégia de engano tem efeito significativo sobre os estilos seguro ($F_{(1,310)}=6.030$; $p=.015$), receoso ($F_{(1,310)}=10.038$; $p=.002$) e evitativo-experimentação ($F_{(1,310)}=5.178$; $p=.024$). A consistência no uso de preservativo não tem efeito significativo ($p>.05$) e também não se observa interação das variáveis independentes sobre os estilos românticos ($p>.05$).

Considerando no gráfico 127 1) grupo que aplica pouco a estratégia de engano para levar o parceiro a usar preservativo e usa o método consistentemente, observa-se que são ligeiramente mais seguros, comparativamente os que usam inconsistentemente o método. No grupo que engana muito o parceiro e usa sempre o preservativo, a segurança romântica é maior quando comparada com os sujeitos que usam irregularmente; 2) no gráfico 128 constata-se que nos sujeitos que pouco enganam o parceiro e usam sempre o preservativo o receio romântico é menor, quando comparado com os sujeitos que usam o método irregularmente. No mesmo gráfico observa-se que nos sujeitos que enganam muito e usam consistentemente o preservativo, o receio é menor, comparativamente ao grupo que não tem sempre sexo seguro; 3) no gráfico 129, os sujeitos que pouco enganam o parceiro e usam sempre o preservativo são menos evitativos comparativamente aos que usam o preservativo

irregularmente. Também se observa que nos sujeitos que enganam muito e usam sempre o método, o estilo evitativo-experimentação é mais alto que naqueles que usam inconsistentemente o preservativo.

Gráfico 127 Médias no Estilo Seguro de Acordo com a Estratégia de Engano e a Consistência no Uso de Preservativo

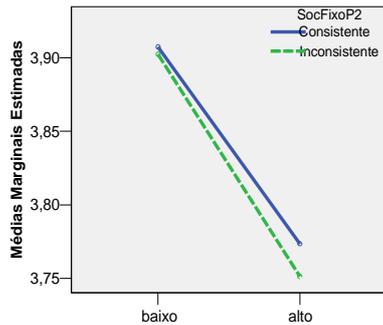


Gráfico 128 Médias no Estilo Receoso de Acordo com a Estratégia de Engano e a Consistência no Uso de Preservativo

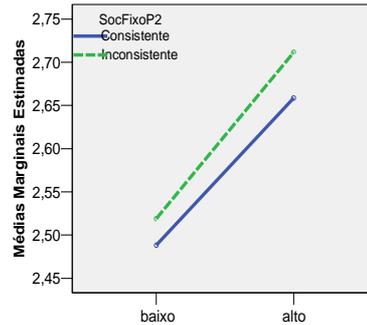
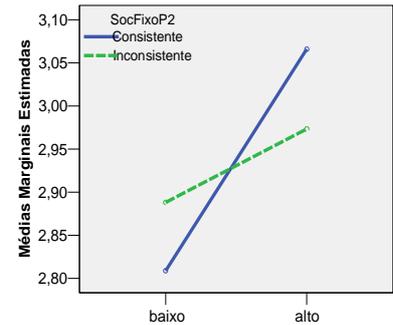


Gráfico 129 Médias no Estilo Evitativo-Experimentação de Acordo com a Estratégia de Engano e a Consistência no Uso de Preservativo



Nas comparações múltiplas não se encontram diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das situações propostas (tabela 133).

Tabela 133 Diferenças de Médias nos Estilos Românticos de Acordo com a Consistência no Uso de Preservativo e os Níveis de Engano

Estilos Românticos	Níveis de Engano	Uso de Preservativo	Diferença de Médias	p
Seguro	Baixo	Consistente	.005	.945
	Alto	Inconsistente		
Receoso	Baixo	Consistente	-.031	.670
	Alto	Inconsistente		
Evitativo-Experimentação	Baixo	Consistente	-.079	.403
	Alto	Inconsistente		

Em resumo:

A alínea c) da sexta hipótese (no grupo que pouco engana), não se verifica, embora nos estilos seguro, receoso e evitativo-experimentação exista alguma tendência que concorre para a hipótese.

A alínea d) da sexta hipótese (grupo que engana muito), não se verifica.

Nos sujeitos que invocam muito as cinco primeiras estratégias, as diferenças não são significativas. Contudo, a tendência dos resultados parece mostrar que nos sujeitos que comunicam muito sobre as vantagens de usar preservativo, e têm sempre práticas de sexo seguro, mostram percepções românticas mais seguras e menos receosas. No entanto não mostram menor evitação-experimentação. Por outro lado, na estratégia de engano, também sem diferenças significativas, a tendência é concordante com a hipótese formulada. A conjunção destes resultados, faz supor que estes adolescentes vêm as suas experiências românticas num misto de afecto e exercício lúdico-erótico. Tal é concordante com Noar (2003) que associa a assertividade sexual a maior negociação e a sexo seguro, e com Bonino, Cattelino e Ciairano (2005), que consideram a adolescência uma época de descoberta de expressões de intimidade física.

Nos sujeitos que pouco invocam as cinco primeiras estratégias de negociação, encontrou-se apenas uma diferença significativa na recusa da relação sexual, pois a evitação-experimentação é mais baixa nos que usam sempre protecção comparativamente aos que o fazem de forma inconsistente. Além disso, enquanto que nas estratégias de recusa da relação, pedido directo e sedução, sem diferenças significativas, os resultados tendem à ideia formulada na alínea a) da sexta hipótese, nos estilos seguro e evitativo-experimentação, nas estratégias de argumentação sobre a relação e informação sobre IST, a concordância com a hipótese verifica-se apenas em um dos estilos (i.e. evitativo e receoso, respectivamente) e não se verifica na estratégia de engano. Tais resultados, ainda que parcos, sugerem que as percepções das experiências românticas estarão porventura baseadas em relacionamentos amorosos, que tanto podem ser entendido como frágeis, na medida da pouca afirmação de sexo seguro, e robustos, na medida da confiança amorosa no parceiro. Veja-se que os sujeitos que usam sempre preservativo e pouco invocam o argumento do tipo de relação, as IST e enganam muito, têm percepções de maior segurança romântica; ao mesmo tempo apresentam

menor segurança romântica, quando pouco recusam a relação, pouco pedem o uso do método e pouco seduzem, além de explorarem menos a dimensão lúdico-erótica. Estes aspectos concorrem para Hillier, Harrison e Warr (1998), que reconhecem no uso de preservativo, sem debate e troca de argumentação entre o par, possibilidades de baixa intimidade e assim, porventura experiências menos ricas no campo afectivo-sexual. Ainda que com sexo seguro, a pouca afirmação na negociação do preservativo, e a confiança na fidelidade, podem porventura ser o reflexo de assimetria na relação entre os elementos do par, aspecto que na transitoriedade das experiências românticas adolescentes não colhe contributos para mais valias em experiências posteriores.

Nesta análise, é contudo necessário não esquecer que os resultados encontrados na associação entre as variáveis são muito fracos, sugerindo no seu global, que os sujeitos, no contexto dos romances, não se revêem quer em papéis encorajadores de comportamentos saudáveis, quer nos benefícios que poderiam obter para a sua saúde.

Capítulo 7. CONCLUSÕES

A amostra é constituída por 1527 indivíduos (42.3% rapazes), com uma média de idades 16.24 anos, frequentando em 13 escolas públicas do distrito de Évora, o 9º, 10º, 11º e 12º anos. A maior parte vive com os pais (84.7%), cujo nível de instrução mais representativo corresponde ao actual ensino básico (até nove anos de escolaridade).

7.1 Desenvolvimento Físico, Afectivo e Sexual

7.1.1 Desenvolvimento Físico

Em média, a menarca situou-se aos 12.17 anos e a espermarca aos 13.04 anos. A maioria considera que o seu desenvolvimento físico é semelhante ao dos seus colegas do mesmo sexo.

A auto-atribuição de atractividade e a percepção de atractividade devolvida pelos partes, na maioria, enquadra-se em “nem muito nem pouco atraente”, mas em ambas as situações a imagem positiva é superior à negativa.

7.1.2 Historial de Romances

A atracção por elementos do seu grupo de pares é semelhante nos dois sexos, mas nas raparigas, são as mais novas que manifestam sentir-se mais atraídas, enquanto que nos rapazes não há diferenças no contexto da idade. A maioria refere orientação heterossexual.

A grande maioria iniciou-se na carreira romântica, referindo ter alguma vez sentido amor por alguém ou desejo de proximidade (92.2%), sendo maior a representação dos rapazes (94.2%). A maior parte sente-se estimado pelos pares.

O primeiro amor ocorreu em média aos 13.3 anos, sendo os rapazes mais precoces (12.99 anos) comparativamente às raparigas (13.52 anos), reconhecendo a maioria que foi correspondido, embora tal fosse mais representativo nas raparigas.

Em média, o primeiro namoro observou-se aos 13.71, sendo os rapazes mais precoces (13.35 anos) que as raparigas (13.95 anos), mas a memória do primeiro episódio de namoro é progressivamente mais tardia à medida que a idade actual avança, sugerindo que a evolução etária acarreta modificações no significado desta experiência.

Em quase metade dos rapazes, a primeira namorada tinha a mesma idade, enquanto que mais de metade das raparigas referem que o primeiro namorado era mais velho um a três anos. O namoro mais prolongado durou em média 10.4 meses, mas as raparigas declaram maior duração (14 meses) comparativamente aos rapazes (7.7 meses) e os mais velhos (14.79 meses) em relação aos mais novos (7.24 meses). Contudo, enquanto que nas raparigas a duração é progressiva ao longo dos três grupos de idade, nos rapazes só há diferenças significativas entre os mais novos e os mais velhos.

Actualmente a maior parte dos sujeitos não tem namoro (57.4%), mas mais raparigas assumem a existência de namoro, no grupo total e em todos os grupos de idade. A duração média do actual namoro é de 11.9 meses, sendo nas raparigas mais prolongado (15.02 meses) que nos rapazes (7.38 meses) e nos mais velhos (14.98 meses) em relação aos mais novos (7.15 meses). O actual parceiro romântico é caracterizado num misto de amigo e amante.

Relativamente ao número de namorados, a representação percentual é variada, sendo a maior em “um namorado” (20.2%), exibindo os rapazes mais parceiras românticas. Nos rapazes identificaram-se como predictores de maior número de namoradas, a maior reciprocidade do primeiro amor, a maior estima percebida dos pares e o maior consumo de álcool nas saídas com os amigos. Nas raparigas, os predictores identificados foram, a idade de menarca mais baixa, a maior idade actual, o maior desenvolvimento físico auto-reportado, a maior reciprocidade no primeiro amor e a maior percepção de atractividade devolvida pelos pares.

7.1.3 Iniciação e Contexto das Primeiras Experiências Afectivo-Sexuais

Nos sujeitos que alguma vez amaram alguém, quase todos tocaram (95.1%) e beijaram (78.8%) o parceiro e cerca de metade (52.2%) teve contacto sexual sobre a roupa. Aproximadamente 46% tocaram a genitália ou tiveram contacto sexual sem penetração. Cerca de 45% tiveram experiências de coito, 23% experimentaram sexo oral e uma pequena parte (6.3%) refere experiência de sexo anal. Os rapazes declaram-se percentualmente mais experientes que as raparigas, excepto nas práticas de beijar.

A primeira experiência de sexo sem penetração ocorreu em média aos 14.47 anos, sendo os rapazes mais precoces. A rememoração do facto, em ambos os sexos, tende a idades mais tardias à medida que os sujeitos se enquadram em grupos etários mais avançados. A maior parte dos rapazes refere parceiras deste primeiro episódio com idade semelhante, enquanto que nas raparigas o primeiro parceiro era mais velho um a três anos.

A primeira experiência de sexo oral como receptor e executor ocorreu em média antes dos 16 anos, sendo os rapazes mais precoces, tendendo ambos os sexos a localizar-se mais tarde na rememoração, à medida que se enquadram em grupos etários mais avançados.

Nos 592 sujeitos que declaram experiências de coito (38.8% da amostra), o primeiro coito ocorreu em média aos 14.93 anos, declarando-se os rapazes mais precoces (14.58 anos) que as raparigas (15.23 anos), tendendo a localização a ser progressivamente mais tardia à medida que os sujeitos estão em grupos de idade mais avançada. Nos rapazes a parceira do primeiro episódio tinha idade semelhante, mas nas raparigas o parceiro era em média mais velho um a três anos.

O principal motivo invocado pelos sujeitos para o primeiro coito foi a demonstração de amor, mas os rapazes colocam a curiosidade em primeiro lugar. A maior parte dos sujeitos (63.3%) iniciou-se com o namorado(a), cerca de 20% preferiu um amigo(a) e 9.6% iniciou-se com alguém que lhe era desconhecido à data. A grande maioria dos sujeitos sentiu-se contente após a primeira experiência coital.

Cerca de 41% tiveram um parceiro coital e 31% dois parceiros. Em média, os rapazes declaram mais parceiras coitais (3.40) que as raparigas (1.60). Mais rapazes referem ter tido parceiras ocasionais e também mais rapazes tiveram parceiros extemporâneos ao mesmo tempo que tinham um parceiro fixo. A representação de monogamia é mais elevada nas raparigas.

Nos rapazes, a menor idade do primeiro coito é predizível pela menor idade da primeira experiência de sexo sem penetração, menor idade do parceiro nessa ocorrência e menor idade do primeiro namoro. Nas raparigas os melhores predictores da idade mais baixa no primeiro coito são a menor idade, tanto do primeiro episódio de sexo sem penetração, como do primeiro amor, como do parceiro nessa ocorrência.

7.1.4 Disponibilidade de Contraceptivos, Conhecimento Básico de Aplicação e Uso nas Experiências Não Coitais e Coitais

A maioria dos sujeitos (55.4%) não tem o hábito de transportar consigo preservativos, embora mais rapazes do que raparigas o façam, observando-se que uma minoria identifica correctamente o momento óptimo de colocar o método (37.2%).

Apesar do preservativo ser o método mais usado nas experiências genito-genitais, a maior parte dos sujeitos não o usou (60%).

Nos sujeitos com experiências de sexo oral, a protecção é quase negligenciada (81.2%), quer no papel de receptor quer no de executor.

A maior parte dos sujeitos afirma que usou preservativo no primeiro episódio de coito (81.4%) e a maioria diz que gosta de usar o método. Contudo, mais raparigas que rapazes referem que os parceiros não gostam de usar este método contraceptivo.

Os sujeitos monogâmicos usam maioritariamente o preservativo (68.7%) como método contraceptivo, seguindo-se a pílula (20%). Porém, nos sujeitos que têm parceiros fixos e ao mesmo tempo parceiros extemporâneos, o uso de preservativo é mais baixo nos

seus relacionamentos principais (68.7%) do que nos seus relacionamentos paralelos (74%), mas nos que têm exclusivamente parceiros ocasionais a representação percentual do uso do método é mais elevada (82.9%). Quando questionados sobre o uso do preservativo no último episódio de coito, os sujeitos com parceiros extemporâneos indicam percentagens um pouco mais baixas (67.9%) assim como os sujeitos com parceiros ocasionais (80%).

7.1.5 Experiências Afectivo-Sexuais dos Sujeitos no Contexto das Experiências dos Pares

A suposição da ocorrência de namoro nos pares é aproximada à ocorrência de namoro nos sujeitos, o mesmo acontecendo em relação às experiências de coito, sexo oral e múltiplos parceiros.

7.1.6. Agentes de Informação Afetivo-Sexual Mais Úteis

Os amigos íntimos são o recurso de aproximadamente metade dos sujeitos em relação à informação sobre o amor (51.3%). Relativamente às informações sobre relações sexuais os sujeitos preferem em primeiro lugar também os amigos íntimos (34.7%), enquanto que na informação sobre contraceção, os professores (27.4%) e os profissionais de saúde (23.5%) são identificados como o melhor recurso.

7.1.7 O Álcool no Contexto das Primeiras Experiências Não Coitais e Coitais

A maior parte dos sujeitos consome álcool nas saídas com os amigos, sendo o consumo mais representativo nos rapazes.

A maioria afirma que controla o consumo de álcool, mas 6.9% reconhece excesso, alguns dos quais com necessidade de recorrer ao hospital.

A maioria dos sujeitos nega o consumo de álcool aquando das primeiras experiências genito-genitais, sexo oral e coito.

7.2 Características da Visão Romântica

O instrumento respeitante ao modelo de Visões Românticas de Furman e Wehner (1999), foi sujeito a AFCP, mostrando as escalas dos sistemas comportamentais uma organização semelhante à proposta pelos autores. Porém, tomando a escala no global, a AFCP mostra uma organização um pouco diferente daquela proposta pelos autores, emergindo, após rotação oblíqua, três dimensões. Na interpretação dos sujeitos, agrupam-se numa primeira dimensão, os itens do estilo seguro e grande parte dos itens do estilo desapegado com sinal negativo, na segunda dimensão a maior parte dos itens do estilo inquieto, numa perspectiva de desajustamento a que se chamou estilo receoso, e na terceira dimensão, os itens correspondem a uma perspectiva lúdico-erótica que se chamou estilo evitativo-experimentação

Nas operações estatísticas realizadas, os sujeitos mostram-se mais seguros, do que evitativos ou inquietos/receosos, nos seus relacionamentos românticos. No contexto dos sistemas comportamentais, a afiliação e intimidade seguras são os aspectos mais valorizados.

As raparigas e os mais velhos tendem a exibir maior segurança romântica, menor receio e desapego, tal como os que se sentem mais estimados pelos pares, os que namoram, os que têm namoros mais prolongados e os que têm parceiros sexuais fixos.

7.3 As Estratégias de Negociação Para o Uso de Preservativo

O Modelo de Estratégias de Negociação do Preservativo de Noar (2003), permitiu avaliar com fiabilidade as práticas que supostamente os sujeitos desenvolvem ou desenvolveriam para convencer os parceiros a usar o método, observando-se que utilizariam

especialmente o pedido directo e aplicariam a informação sobre IST, rejeitando mais o engano. Os dados levam a supor que em termos intencionais, os sujeitos anteveem capacidades de proteger-se contra IST e gravidez indesejada. Contudo, os resultados devem ser interpretados com precaução, porque o instrumento é uma escala de intenções, não sendo controlável a desejabilidade social.

As raparigas aplicam significativamente mais as estratégias de negociação que os rapazes, excepto a sedução e engano. Os mais velhos em relação aos mais novos, e os que namoram em relação aos que não namoram, apenas usariam significativamente menos o engano. Contrariamente ao esperado, os que namoram aplicariam menos a recusa da relação para levar o parceiro a usar preservativo. Observou-se ainda que aqueles que têm experiências de coito usariam menos, quase todas as estratégias de negociação, comparativamente aos que têm este tipo de práticas. Estes aspectos levam a pensar que, embora a intenção do preservativo esteja presente, o uso real do método é problemático.

Nos rapazes com experiência de coito, as maiores percepções de segurança romântica, menor desapego e receio, correlacionam-se significativamente com a maior implementação das estratégias de recusa da relação sexual, pedido directo e menor engano, enquanto que nas raparigas as correlações são significativas apenas na estratégia de engano.

Nos rapazes, observou-se tendência para que a maior segurança romântica, menor desapego e receio estivessem associadas a implementação de níveis mais elevados das estratégias de negociação, mas as diferenças nem sempre são significativas. Nas raparigas, só se encontraram diferenças significativas na estratégia de engano, mostrando-se mais seguras e menos receosas as que menos enganam o parceiro para o convencer a usar preservativo.

7.4 A Consistência no Uso de Preservativo

A maior parte dos sujeitos com parceiro fixo, usa o preservativo de maneira inconsistente, não se revelando diferenças entre os mais novos e mais velhos ou entre os sexos. A maioria dos sujeitos com parceiros ocasionais usa consistentemente o método e neste caso, os mais velhos mostram maior frequência, embora entre rapazes e raparigas o uso do método seja semelhante.

Nos sujeitos monogâmicos, a consistência no uso de preservativo não está associada à qualidade das percepções românticas.

Os sujeitos com parceiros ocasionais que usam o método de maneira consistente mostram menor cuidado receoso, assim como maior afiliação e intimidade seguras, não sendo significativas as diferenças nas restantes situações.

No global, os resultados são sugestivos de que a monogamia, podendo porventura oferecer maior confiança e investimento afectivo-sexual, deixa a descoberto a protecção contra IST, que é mais valorizada nos adolescentes com parceiros ocasionais.

7.5 A Visão Romântica no Contexto das Estratégias de Negociação e da Consistência no Uso de Preservativo nos Sujeitos Com Parceiros Fixos

Embora em grande parte dos casos se verifiquem tendências que concordam com as hipóteses formuladas, a fraca representação de diferenças significativas sugere que, nos sujeitos do presente estudo, o maior/menor uso de preservativo e as estratégias de negociação entre os elementos do par, que poderiam convencer à aplicação do método e assim a práticas de sexo seguro, são aspectos pouco marcados, sendo coincidente com Nodin (2001), que em jovens alentejanos identificou fraca comunicação sobre o assunto, apesar da utilização do método.

Os sujeitos parecem algo alheados das relações entre o romance e as práticas sexuais seguras. Este facto é compreensível uma vez que os benefícios afectivo-sexuais se colhem de imediato e os problemas decorrentes se revelam a maior prazo.

Embora se tenha observado que as percepções de segurança romântica sejam elevadas e a evitação-experimentação e receio sejam baixos, porventura a novidade ou o investimento que os relacionamentos românticos transportam em si, são algo incompatíveis com posturas mais determinadas nas precauções contraceptivas. Os sujeitos parecem assim antecipar reacções negativas dos parceiros. Sugerem estar algo alheados de propostas determinadas e conciliadas com os parceiros quanto ao uso de preservativo, perdendo oportunidades de comunicar sobre os riscos, benefícios e desenvolvimento de competências nos envolvimentos afectivo-sexuais actuais e futuras.

Talvez a familiarização com a temática da contracepção, reportada à prevenção de IST e contextualizada na transitoriedade das experiências românticas, no treino de competências, entre outras, pudesse facilitar aos adolescentes vivências mais seguras, pois afinal, o romance, e a progressiva intimidade física são expectáveis e fazem parte do desenvolvimento. Numa perspectiva de competência valorizadora do desenvolvimento, o estímulo a práticas de sexo seguro, poderia porventura aliciá-los a viver com mais conforto o romance na fase em que surge a exploração dos contactos de maior intimidade. O quadro é sugestivo da necessidade de educação afectivo-sexual.

Capítulo 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num comentário final, encontraram-se no presente trabalho aspectos que espelham um desenvolvimento romântico e sexual saudável, mas também comportamentos que, se não acautelados, podem precipitar efeitos negativos.

Como aspectos saudáveis, saliente-se o reconhecimento, na maioria dos sujeitos, de que o grupo de pares é um lugar de bem-estar, de recurso, de experiências positivas para o desenvolvimento, por exemplo, na estima percebida, na reciprocidade dos afectos, na emergência do amor, na maior afiliação e intimidade seguras, na maior segurança romântica em namoros mais duradouros e com parceiros fixos, na maior intenção de negociação de uso de preservativo, na frequência do uso do método, entre outros.

Como aspectos problemáticos, saliente-se a iniciação temporã em algumas práticas sexuais coitais e não coitais, o uso não universal de preservativo, a fraca relevância entre a qualidade das percepções românticas e a consistência no uso de preservativo, a maior intenção de aplicação das estratégias de negociação no uso de preservativo nos não praticantes de coito face aos que têm esta experiência, entre outros. É também problemática a panorâmica que se obtém no cruzamento dos estilos românticos com as estratégias de negociação e a (in)consistência no uso do método, pois somente em poucas situações, os sujeitos revelam posturas mais determinadas. Transparece um certo alheamento, entre a valorização romântica e sexual, e a mais valia do sexo seguro, numa fase da vida em que os parceiros românticos podem ou não ser os companheiros(as) para relacionamentos mais duradouros que entram pela juventude ou idade adulta.

8.1 Limitações e Sugestões para Futuras Investigações

Pelo facto de ser um estudo transversal e embora algumas questões tenham sido colocadas em termos de retrospectiva, a memória é limitada podendo um estudo longitudinal futuro acarretar melhor informação.

A validade dos dados do presente estudo pode ser questionada, uma vez que a recolha de dados é realizada por auto-relato, e é sempre possível supor que as declarações dos sujeitos, nomeadamente nos comportamentos afectivo-sexuais, estejam influenciados pela maior ou menor vulnerabilidade dos participantes à deseabilidade social, normativas ou sub-cultura dos pares. Contudo os instrumentos de auto-relato, quando aplicados sob anonimato não são particularmente sensíveis ao enviesamento por deseabilidade social ainda que as temáticas sejam sensíveis, nomeadamente a sexualidade (Meston, Heiman, Trapnell & Paulhus, 1998). Dada a privacidade de alguns destes comportamentos e como a obtenção dos dados só é possível a partir daquilo que os sujeitos declaram, em futuras investigações, as entrevistas semi-estruturadas poderiam ser também uma opção a incluir.

Em aspectos que os sujeitos não vivenciaram, as respostas podem ter sido menos apuradas ou cair mais facilmente na categoria neutra das escalas de avaliação, por dificuldade de enquadramento nas situações. Por exemplo, os participantes que nunca namoraram, ou os que não têm intenção de em tempo próximo iniciar experiências de coito, as respostas são apenas supostas. Futuras investigações poderiam obter melhores dados com metodologias qualitativas uma vez que seria possível explorar as questões.

Os dados são colhidos em adolescentes que estudam em escolas do ensino básico e secundário. Futuras investigações deveriam incluir escolas profissionais e alguma representação de adolescentes que não se encontram no sistema de ensino.

Sendo a amostra de conveniência, os resultados não podem, com propriedade, ser generalizados. Futuras investigações deveriam obter o consentimento dos Conselhos

Executivos das instituições escolares, para aplicação universal dos instrumentos de colheita de dados, tratando-se a amostra, para ser representativa.

Supõe-se contudo que a actual pesquisa oferece dados preliminares importantes para a compreensão do desenvolvimento romântico e sexual dos adolescentes locais.

8.2 Implicações Práticas

Os resultados obtidos oferecem pistas para a actuação no campo.

O ponto de partida para a intervenção prática é favorável. Por um lado, os adolescentes, em geral, estão interessados no seu desenvolvimento afectivo-sexual, procuram informar-se, embora nem sempre obtenham as informações correctas atempadamente. Por outro lado, perante a disponibilidade do público adolescente, senão mesmo uma certa avidez, para a compreensão e exploração das questões da sexualidade, o papel dos educadores torna-se facilitado.

É importante encontrar caminhos que possam otimizar as vivências amorosas e sexuais dos adolescentes actuais e também garantir contributos e mais valias para a saúde sexual e reprodutiva na adulta. Desta forma propõe-se que:

a) Aos profissionais de saúde, nomeadamente aos enfermeiros, seja oferecida ou melhorada a formação académica, incluindo-se conteúdos teóricos sobre o desenvolvimento afectivo-sexual e respectivas práticas cuidativas. Tão só, porque no exercício, estes profissionais estão vocacionados para a abordagem de assuntos de maior intimidade e porque no dia-a-dia lidam, nos cuidados primários e diferenciados, tanto com mães/pais adolescentes, como com rapazes e raparigas que procuram informação sobre sexualidade e contracepção. Haveria vantagens em seguir as recomendações da WHO/OMS (2004), que nomeiam os profissionais de enfermagem como intervenientes válidos na educação sexual. Junto dos adolescentes poderiam trabalhar, entre outros e além da informação sobre as

temáticas da sexualidade, aspectos críticos, tais como: a desmitificação do sexo inseguro como prova de amor, a promoção de competências para o uso de preservativo e especificamente, no caso das raparigas, o empoderamento para a negociação do uso deste método.

b) Se estabeleçam ou melhorem parcerias entre as escolas e os serviços de saúde, de maneira a conseguir a presença regular de enfermeiros, tanto em intervenções lectivas integradas no programa escolar ao longo do ano, como em atendimento privado. Tão só pelas vantagens que a universalidade dos cuidados pode oferecer, mas também porque os adolescentes socialmente menos favorecidos, tendem a menor iniciativa na procura de recursos. Seria oportuno que as escolas e os serviços de saúde delineassem e programassem actividades, respeitando os diversos contextos. Cada instituição escolar possui a sua realidade em termos de necessidades educativas e aí, são as sub-culturas no espaço-turma, os pequenos grupos de amigos, ou por si mesmos, os próprios adolescentes, quem melhor identifica os interesses em termos do desenvolvimento romântico e sexual.

Urge seguir para a prática, deixando para trás a memória dos anos 80, que prometeu, mas adiou a educação sexual nas escolas. Porventura, poderia ter-se poupado numa geração, algumas GND, maternidades/paternidades adolescentes, assim como casos de IST.

É imperioso que as políticas educativas, os pais, os professores e os profissionais de saúde, reconheçam que na adolescência o desenvolvimento afectivo-sexual implica escolhas, decisões e comportamentos, que tendo caracteristicamente uma certa dose de risco, possuem repercussões positivas/negativas, a maior ou menor prazo. Não rejeitando os desafios necessários ao próprio desenvolvimento, pode aumentar-se o bem-estar afectivo-sexual na adolescência, se nesta fase da vida se oferecerem oportunidades de melhor preparação.

Reconheça-se a razão dos adolescentes, quando em manifestações mais ou menos (im)próprias, de forma recorrente, clamam pela urgência da educação sexual na escola.

Referências

Afifi, W. & Faulkner, S. (2000). On being “just friends”: The frequency and impact of sexual activity in cross-sex friendships. *Journal of Social and Personal Relationships, 17*, 205-222.

Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist, 44* (4), 709-716.

Ainsworth, M. (1999). Attachment and others affectional bonds across the life cycle. In C. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Attachment Across The Life Cycle* (pp.33-51). New York: Routledge.

Albarracín, D., Johnson, B., Fishbein, M., & Muellerleile, P. (2001). Theories of reasoned action and planned behavior as models of condom use: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 127*, 142-161.

Albarracín, D., Kumkale, G. & Johnson, B. (2004). Influences of social power and normative support on condom use decisions: a research synthesis. *AIDS Care, 16* (6), 700-723.

Allan, J. & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. (pp. 319-335). New York: Guilford Press.

Allen, J., Hauser, S., Bell, K. & O'Connor, T. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego-development and self-esteem. *Child Development, 65*, 179-194.

Alvarez-Marante, A. (2002). Courtship and gender identity in early adolescence. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Nijmegen: Holanda. Retirado em 12 de Dezembro de 2005 da World Wide Web:
http://webdoc.ubn.kun.nl/mono/a/alvarez_acourangei.pdf

Amato, P. & Booth, A. (2001). The legacy of parents' marital discord: consequences for children's marital quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81 (4), 627-638.

American Psychological Association. (2001). *Manual de Publicação* (4ª ed.) (D. Bueno, Trad.). Porto Alegre: Artmed Editora. (Obra original publicada em 1994).

Andrinopolus, K., Kerrigan, D. & Ellen, J. (2006). Understanding sex partner selection from the perspective of inner-city black adolescents. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 38 (3) 132-138.

Aron, A. & Aron, E. (1991). Love and sexuality. In K. Mckinney & S. Sprecher (Eds.), *Sexuality in Close Relationships*. (pp. 24-48). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Babalola, S. (2005). *Gender differences in the factors influencing consistent condom use among young people in Tanzania*. Comunicação apresentada na XXV Conferência Internacional Sobre a População, Tours, França, 18 a 23 de Julho.

Bancroft, J. (1989). *Human Sexuality and its Problems*. (2th ed.). New York: Melbourne.

Bancroft, J. (1990). The impact of sociocultural influences on adolescent sexual development: Further considerations. In J. Bancroft & J. Reinisch (Eds.). *Adolescence and Puberty*. (pp. 207-216). New York: Oxford University Press.

Bancroft, J. (2005). The endocrinology of sexual arousal. *Journal of Endocrinology*, 186, 411-427.

Bancroft, J., Herbenick, D. & Reynolds, M. (2003). Masturbation as a marker of sexual development. In J. Bancroft (Ed.), *Sexual Development in Childhood*. (pp. 156-185). Bloomington: Indiana University Press.

Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: a test of four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), 226-244.

Bates, J., Alexander, D., Oberlander, S., Dodge, K.A., & Pettit, G.S. (2003). Antecedents of sexual activity at ages 16 and 17 in a community sample followed from age 5. In J. Bancroft (Ed.), *Sexual Development in Childhood*. (pp-206-237). Bloomington: Indiana University Press.

Bauman, L. & Berman, R. (2005). Adolescent relationships and condom use: Trust, love and commitment. *AIDS and Behavior*, 9 (2) 211-222.

Bearman, P., Moody, J. & Stovel, K. (2004). "Chains of Affection: The Structure of Adolescent Romantic and Sexual Networks." *American Journal of Sociology*, 110 (1), 44-99.

Belsky, J., Steinberg, L. & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: an evolutionary theory of socialization. *Child Development*, 62, 647-670.

Berne, L. & Huberman, B. (1999). European approaches to adolescent sexual behaviour and responsibility. Advocates for Youth. European Study Tour. Washington, DC: Henry J. Kaiser Family Foundation. Retirado em 11 de Janeiro de 2006 da World Wide Web: [<http://www.advocatesforyouth.org/publications/european.pdf>].

Blassone, M. (1989). Risk of contraceptive discontinuation among adolescents. *Journal of Adolescent Health Care*, 10, 527-533 [ABSTRACT].

Bogart, L., Cecil, H., Wagstaff, D., Pinkerton, S. & Abramson, P. (2000). Is it 'sex'? College students' interpretations of sexual behavior terminology. *Journal of Sex Research*, 37 (2), 108-117.

Bonino, S., Cattelino, E. & Ciairano, S. (2005). *Adolescents and Risk. Behavior, Functions, and Protective Factors*. Springer: Milan.

Borzekowski, D. (2000). Media and contraception: position paper of the Society for Adolescent Medicine. *Journal of Adolescent Health*, 27, 290-291.

Bouchey, H. & Furman, W. (2003). Dating and romantic experiences in adolescence. In G. R. Adams & M. Berzonsky (Eds.), *The Blackwell Handbook of Adolescence* (pp. 313-329). Oxford, UK: Blackwell Publishers.

Bowlby, J. (1990). *Apego. Vol I da Trilogia. Apego e Perda* (2ª Ed.) (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1969).

Boyce, W., Doherty, M., Fortin, C. & MacKinnon, D. (2003). *Canadian youth, sexual health and HIV/AIDS study. Factors influencing knowledge, attitudes and behaviors*. Council of Ministers of Education. Canada.

Boyer, C., & Kegeles, S. (1991). AIDS risk and prevention among adolescents. *Social Science and Medicine*, 33 (1), 11-23.

Brannon, L. & Feist, J. (2000). *Health Psychology: An Introduction to Behaviour and Health*. Australia: Wadsworth.

Breakwell, G., Millward, L., & Fife-Schaw, C. (1994). Commitment to "safer" sex as a predictor of condom use among 16 -20-year-olds. *Journal of Applied Social Psychology*, 24, 189-217.

Brehm, S. (1988). Passionate love. In R. J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The Psychology of Love* (pp. 232-263). London: Yale University Press.

Brennan, K., Clark, C & Shaver, P. (1998). Self-report measures of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.

Brown, B. (1999). "You're going out with who?" Peer group influences on adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 291-329). Cambridge: Cambridge University Press.

Brown, B., Feiring, C. & Furman, W. (1999). Missing the love boat. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 1-16). Cambridge: Cambridge University Press.

Bruckner, H. & Bearman, P. (2005). After promise: The STD consequences of adolescent virginity pledges. *Journal of Adolescent Health, 36*, 271-278.

Bryan, A., Aiken, L. & West, S. (1997). Young women's condom use: The influence of acceptance of sexuality, control over sexual encounter, and perceived susceptibility to common STDs. *Health Psychology, 16* (5), 468-479.

Bryan, A., Aiken, L. & West, S. (1999). The impact of males proposing condom use on perceptions of an initial sexual encounter. *Personality and Social Psychology Bulletin, 25* (3), 275-286.

Buhrmester, D., & Furman, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development, 58*, 1101-1113.

Buhrmester, D., Furman, W., Wittenberg, M., & Reis, H. (1988). Five domains of interpersonal competence in peer relations. *Journal of Personality and Social Psychology, 55*, 991-1008.

Buss, D. (1988). Love acts. The evolutionary biology of love. In R. J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The psychology of love*. (pp. 100-118). London: Yale University Press.

Buss, D. (2004). *La evolución del deseo*. (C. González, Trad.) Madrid: Alianza Editorial. (Obra original publicada em 1994).

Cabrera, G. (2000). El modelo transteórico del comportamiento en salud. *Revista de la Facultad Nacional de Salud Pública, 18* (2), 129-138.

Cameron, J. (1990). Factors controlling the onset of puberty in primates. In J. Bancroft & J. Reinisch (Eds.), *Adolescence and Puberty*. (pp. 9-28) New York: Oxford University Press.

Carpintero, E. (1995). Modelos teóricos para la explicación de riesgos sexuales en la adolescencia: Embarazos no deseados, ETS y SIDA. *Cuadernos de Medicina Psicosomática*, 34, 35.

Carver, K., Joyner, K & Udry, J. (2003). National estimates of adolescent romantic relationships. In P. Florsheim. (Ed.). *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior. Theory, Research and Practical Implications*. (pp. 23-56). London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Catania, J., Coates, T., Kegeles, S., Peterson, J., Marin, B. & Fullilove, M. (1990, Junho). *Predicting risk behaviour with the AIDS risk reduction model (ARRM) in random household probability sample of San Franciscans: the "AMEN" study*. Comunicação apresentada 6th International AIDS Conference, San Francisco, Califórnia.

Coates, D. (1999). The cultered and culturing aspects of romantic experience in adolescence. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 330-363). Cambridge: Cambridge University Press

Collins, N. & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (4), 644-663.

Collins, W. & Sroufe, A. (1999). Capacity for intimate relationships: A development construction. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 125-147). Cambridge: Cambridge University Press.

Collins, W. A. (2003). More than myth: the developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13 (1), 1-24.

Conner, M. & Sparks, P. (1996). The theory of planned behaviour and health behaviors. In M. Conner & P. Norman (Eds.), *Predicting health behaviour: Research and practice with social cognitive models* (pp. 121-162). Philadelphia, PA: Open University Press.

Connolly, J. & Goldberg, A. (1999). Romantic relationships in adolescence. The role of friends and peers in their emergence and development. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 266-290). Cambridge: Cambridge University Press.

Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A. & Pepler, A. (2004). Mixed-gender groups, dating and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, *14* (2), 185-207.

Connolly, J., Furman, W. & Konarski, R. (2000). The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. *Child Development*, *71* (5) 1395-1408.

Cooper, M. (2002). Alcohol use and risky sexual behaviour among college students and youth: Evaluating the evidence. *Journal of Studies on Alcohol – Supplement*, *14*, 101-117.

Coosey, E., Mott, F. & Neubauer, S. (2002). Friendships and early relationships: Links to sexual initiation among american adolescents born to young mothers. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, *34*, 118-126.

Crosby, R. & Yarber, W. (2001) Perceived versus actual knowledge about correct condom use among US adolescents: Results from a national study. *Journal of Adolescent Health*, *28* (5), 415-420.

Crosby, R., DiClemente, R., Wingood, G., Cobb, B., Harrington, K., Davies, S. & Hook, E 3rd. (2002a). Condom use and correlates of African American adolescents's females' infrequent communication with sex partners about preventing sexually transmitted diseases and pregnancy. *Health Education Behavioral*, *29* (2), 219-231. [ABSTRACT].

Crosby, R., Graham, C., Yarber, W. & Sanders, S. (2004). If the condom fits, wear it: a qualitative study of young African-American men. *Sexual Transmitted Infections*, *80*, 306-309.

Crosby, R., Newman, D., Kamb, M., Zenilman, J., Douglas, J.Jr & Iatesta, M. (2000). Misconceptions about STD-protective behaviour. Project RESPECT study group. *American Journal of Preventive Medicine*, 19 (3), 167-173. [ABSTRACT].

Crosby, R., Sanders, S., Yarber, W., Graham, C. & Dodge, B. (2002b). Condom use errors and problems among college men. *Sexual Transmitted Diseases*, 29 (9) 552-557.

De Bro, S., Campbell, S. & Peplau, L. (1994). Influencing a partner to use a condom. A college student perspective. *Psychology Women Quarterly*, 18 (2), 185-182.

DeCarlo, L. (2003). Using the PLUM procedure of SPSS to fit unequal variance and generalized signal detection models. *Behavior Research Methods, Instruments & Computers*, 35 (1), 49-56.

DeLamater, J. & Friedrich, W. (2002). Human sexual development. *Journal of Sex Research*. Retirado em 5 de Dezembro de 2005 da World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2372/is_1_39/ai_87080434

DeLamater, J. (2003). Discussion paper. In J. Bancroft. (Ed.). *Sexual Development in Childhood*. (pp.186-191). Bloomington: Indiana University Press.

Denison, J. (1996). Behavior Change. A Summary of Four Major Theories. <http://www2.fhi.org/en/aids/aidschap/aidspubs/behres/bcr4theo.html> em 11 de Dezembro de 2004.

Diamond, L., Savin-Williams, R. & Dubé, E. (1999). Sex, dating, passionate friendship and romance. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 175-210). Cambridge: Cambridge University Press.

Dickson, N. Paul, C., Herbison, P. & Silva, P. (1998). First sexual intercourse: age, coercion, and later regrets reported by a birth cohort. *British Medical Journal*, 316, 29-33.

DiClemente, R., Wingood, G., Crosby, R., Sionean, C., Cobb, B., Harrington, K., Davies, S., Hook, E. & Oh, M. (2002). Sexual risk behaviors associated with having older sex partners: A study of black adolescent females. *Sexual Transmitted Diseases*, 29 (1) 20-4.

Dyk, P. (1993). Anatomy, physiology and gender issues in adolescence. In T. Gullota, G. Adams & R. Montemayor. (Eds), *Adolescent Sexuality*. (pp.35-56). Newbury Park: Sage Publications.

East, P. & Adams, J. (2002). Sexual assertiveness and adolescents' sexual rights. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 34 (4), 212-213.

Edgar, T., Freimuth, V., Hammond, S., McDonald, D. & Fink, E. (1994). Strategic sexual communication: condom use resistance and response. *Health Communication*, 4 (2), 83-104. [ABSTRACT].

Edwards, S. & Carne, C. (1998a). Oral sex and the transmission of viral STIs. *Sexually Transmitted Infections*, 74, 6-10.

Edwards, S. & Carne, C. (1998b). Oral sex and the transmission of non-viral STIs. *Sexually Transmitted Infections*, 74, 95-100.

Ellen, J., Cahn, S., Eyre, S. & Boyer, C. (1996). Types of adolescent sexual relationships and associated perceptions about condom use. *Journal of Adolescent Health*, 18 (6), 417-421

Eurotrials. Boletim Informativo. Saúde em Mapas e Números. (2001, Setembro). *Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 6, 1-4. Retirado em 8 de Julho de 2005 da World Wide Web: <http://www.eurotrials.com/publications/bol6.pdf>

Fazekas, A., Senn, C., & Ledgerwood, D. (2001). Predictors of intention to use condoms among university women: an application and extension of the theory of planned behaviour. *Canadian Journal of Behavioral Science*. Retirado da World Wide Web em 12 de

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_qa3717/is_200104/ai_8933512/pg_8

Feeney, J. & Noller, P. (2004). Attachment and sexuality in close relationships. In J. Harvey, A. Wenzel & S. Sprecher (Eds.), *The Handbook of Sexuality in Close Relationships*. (pp.183-201). London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Feeney, J. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. Shaver (eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 355-377). New York: Guilford Press.

Feeney, J., Kelly, L., Gallois, C., Peterson, C. & Terry, D. (1999). Attachment style, assertive communication and safer-sex behaviour. *Journal of Applied Social Psychology*, 29 (9), 1964-1983.

Feiring, C. (1999). Gender identity and the development of romantic relationships in adolescence. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (211-232). Cambridge: Cambridge University Press.

Fisher, H. (1994). *Anatomia do Amor: A História Natural da Monogamia, do Adulterio e do Divórcio*. (F. Gaspar e C. Gaspar, Trad.) Lisboa: Publicações Dom Quixote (Obra original publicada em 1992).

Fisher, J., Fisher, W., Misovich, S., Kimble, D. & Malloy, T. (1996) Changing AIDS risk behavior: effects of an intervention emphasizing AIDS risk reduction information, motivation, and behavioral skills in a college student population. *Health Psychology*, 15 (2), 114-23.

Fisher, W. & Fisher, J. (1998). Understanding and promoting sexual and reproductive health behavior: Theory and method. *Annual Review of Sex Research*. Retirado em 15 de Outubro da World Wide Web:

http://www.gobelle.com/p/articles/mi_qa3778/is_199801/ai_n8799467?pi=gb1

Fisher, W., Williams, S., Fisher, J. & Malloy, T. (1999). Understanding AIDS risk behavior among sexually active urban adolescents: An empirical test of the Information--Motivation--Behavioral Skills model. *AIDS and Behavior*, 3, 13-23.

Flanagan, A. & Furman, W. (2000). Sexual victimization and perceptions of close relationships in adolescence. *Child Maltreatment*, 5 (4), 350-359.

Forste, R. & Haas, D. 2002. The Transition of Adolescent Males to First Intercourse: Anticipated or Delayed? *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 34 (4), 184-190.

Fortenberry, J. (2003). Health behaviors and reproductive health risk within adolescent sexual dyads. In P. Folsheim (Ed.) *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior*. (pp. 279-296). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Fortenberry, J. (2005). The limits of abstinence-only in preventing sexually transmitted infections. *Journal of Adolescent Health*, 36, 269-270.

Fraley, R.C. & Shaver, P.R. (2000). Adult romantic attachment: theoretical development, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4, 132-154.

Freund, K. & Watson, R. (1990). Mapping the boundaries of courtship disorders. *Journal of Sex Research*, 27 (4), 589-606.

Friedrich, W., Fisher, J., Broughton, D., Houston, M. & Shafran, C. (1998). Normative sexual behaviour in children: A contemporary sample. *Pediatrics*, 101 (4), pe9. Retirado em 6 de Dezembro de 2005 da World Wide Web: http://home.wanadoo.nl/ipce/library_two/frie/friedrich.pdf

Fuertes, A. (1996). Redefinición sexual y de género. In J. Fernández (Coord.), *Varones y Mujeres: Desarrollo de la doble realidad del sexo y el genero a lo largo del ciclo vital*. (pp. 189-210). Madrid: Ediciones Pirámide.

Fuertes, A., Carpintero, E., Martinez, J. Soriano, S. & Hernández, A. (1997). *Revista de Psicología Social*, 12 (1), 113-127.

Furman, W. & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115

Furman, W. & Flanagan, A. (1997). The influence of earlier relationships on marriage: An attachment perspective. In W. K. & H.J. Markman (Eds.), *Clinical Handbook of Marriage and Couples Interventions*. Chicester: Wiley.

Furman, W. & Shaffer, L. (2003). The role of romantic relationships in adolescent development. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior*. (pp. 3-22). London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Furman, W. & Simon, V. (1999). Cognitive representations of adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds). *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp.75-98). Cambridge: Cambridge University Press.

Furman, W. & Whener, E. (1994). Romantic Views: Toward a theory of adolescent romantic relationships. In R. Montemayor, G. Adams & G. Gullota (Ed.), *Advances in Adolescent Development: Relationships During Adolescence* Vol. 6 (pp.168-195). Thousand Oaks, CA: Sage.

Furman, W. & Whener, E. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. In S. Shulman & W. Collins (Eds.), *Romantic Relationships in Adolescence. Developmental Perspectives* (pp. 21-36). San Francisco: Jessey-Bass.

Furman, W. (1999). Friends and lovers: The role of peer relationships in adolescent romantic relationships. In W. Collins & B. Laursen (Eds.), *Relationships as Developmental Contexts: The 30th Minnesota Symposium on Child Development*. (pp. 133-154) Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. Retirado em 11 de Fevereiro de 2004 da World Wide Web: <http://www.du.edu/psychology/relationshipcenter/publicationshtml>

Furman, W. (2002). The Emerging Field of Adolescent Romantic Relationships. *Current Directions in Psychological Science*. 177-180 *American Psychological Society*. Blackwell Publishing Inc.

Furman, W., Feiring, C. & Brown, B. (1999). Love is a many-splendored thing. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (399-414). Cambridge: Cambridge University Press.

Furman, W., Simon, V., Shaffer, L. & Bouchey, H. (2002). *Child Development*, 73, (1), 241-255. Retirado em 11 de Fevereiro de 2004 da World Wide Web: <http://www.du.edu/psychology/relationshipcenter/publicationshtml>

Gagnon, J. & Simon, W. (1987). The scripting of oral genital sexual conduct. *Archives of Sexual Behavior*, 16 1-25.

Gates, G. & Sonenstein F. (2000) Heterosexual Genital Activity among Adolescent Males: 1988 and 1995. *Family Planning Perspectives*, 32 (6), 295-304.

Gelperin, N. (2004). Oral sex and young adolescents: Insights from the “Oral sex lady”. *Educators’ Update*, 9 (1). Retirado em 22 de Maio de 2005 da World Wide Web: <http://www.plannedparenthood.org/pp2/portal/files/portal/educationn outreach/educatorsupdate/update-040801.xml>

Gerrard, M., Gibbons, F. & Bushman, B. (1996). Relations between perceived vulnerability to HIV and precautionary sexual behaviour. *Psychological Bulletin*, 119 (3), 390-409.

Gray, M & Steinberg, L. (1999). Adolescent romance and the parent-child relationship: A contextual perspective. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp.235-265). Cambridge: Cambridge University Press.

Grimley, D. & Lee, P. (1997). Condom and other contraceptive use among a random sample of female adolescents: a snapshot in time. *Adolescence*, 32, 128, 771-779.

Grimley, D., Prochaska, G & Prochaska, J. (1997). "Condom use adoption and continuation: A transtheoretical approach." *Health Education Research: Theory & Practice*, 12 (1), 61-75.

Halpern, C. (2003). Biological influences on adolescent romantic and sexual behaviour. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior*. (pp. 57-84). London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Halpern-Felsher, B., Cornell, J., Kropps, R. & Tschann, J. (2005). Oral versus vaginal sex among adolescents: Perceptions, attitudes, and behaviour. *Pediatrics*, 115 (4), 845-851.

Harper, G., Gannon, C., Watson, S., Catania, J. & Dolcini, M. (2004). The role of close friends in african american adolescent's dating and sexual behaviour. *Journal of Sex Research*. Retirado em 5 de Dezembro de 2005 da World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2372/is_4_41/ai_n9488756

Hatfield, E., Schmitz, E., Cornelius, J & Rapson, R. (1988). Passionate love: How early does it begin? *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 1 (1), (35-52).

Hatfield, H. & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. *Journal of Adolescence*, 9, 383-410.

Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.

Hazan, C. & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships*, Vol.5 (pp. 151-178) London: Jessica Kingsley.

Hendrick, C. & Hendrick, S. (1992). *Romantic love*. Newbury Park: Sage Publications

Herold, E. (1981). Contraceptive embarrassment and contraceptive behavior among young single women. *Journal of Youth and Adolescence*, 10 (3), 233-242.

Hill, M. & Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Hillier, L., Harrison, L. & Warr, D. (1998). “When you carry condoms all the boys think you want it”: negotiating competing discourses about safe sex. *Journal of Adolescence*, 21, 15-29.

Hocking, J., Turk, D. & Ellinger, A. (1999). The effects of partner insistence of condom usage on perceptions of the partner, the relationship, and the experience. *Journal of Adolescence*, 22, 355-367.

Hogben, M. & Byrne, D. (1998). Using social learning theory to explain individual differences in human sexuality. *The Journal of Sex Research*, 35 (1), 58-71.

Hogg, M & Vaughan, G. (2002). *Social Psychology* (3rd ed.) Harlow: Prentice Hall.

Hopwood, N., Kelch, R., Hale, P., Mendes, T., Foster, C. & Beitins, I. (1990). The onset of human puberty: Biological and environmental factors. In J. Bancroft & J. Reinisch (Eds.), *Adolescence and Puberty*. (pp. 29-49) New York: Oxford University Press.

Hotved, M. (1990). Emerging and submerging adolescent sexuality: Culture and sexual orientation. In J. Bancroft & J. Reinisch (Eds.), *Adolescence and Puberty*. (pp.157-172) New York: Oxford University Press.

INE. Instituto Nacional de Estatística. Portugal (1999). *Dia Internacional da Mulher. A Situação da Mulher em Portugal. Breve Análise Estatística*. Lisboa: INE 20 p.

INE. Instituto Nacional de Estatística. Portugal (2002). *Mulheres e Homens em Portugal nos anos 90. Destaque*. Lisboa: INE 119 p. Retirado em 10 de Novembro de 2006 da World Wide Web: http://www.ine.pt/prodserv/estudos/pdf/HM_Portugal_90.pdf

Jaccard, J., Blanton, H & Dodge, T. (2005). Peer influences on risk behaviour: An analysis of the effects of close friend. *Developmental Psychology*, 41 (1), 135-147.

Jakupcak, M. Salters, K. Gratz, K. & Roemer, L. (2003). Masculinity and emotionality: an investigation of men's primary and secondary emotional responding. *Sex Roles*, 49 (3-4), 111-120.

Jemmott, L. & Jemmott, J. (1991). Applying the theory of reasoned action to AIDS risk behavior: condom use among black women. *Nursing Research*, 40 (4), 228-234

Johnson, P. (1999). Sexualidade, gravidez e paternidade na adolescência. In I. Bobak, D. Lowdermilk, M. Duncan & S. Perry (Eds.), *Enfermagem na Maternidade* 4ª Ed. (pp. 754-779) (Lusociência Trad.). Loures: Mosby. (Obra original publicada em 1995).

Jonson, H. (2004). Gender, grade, and relationship differences in emotional closeness within adolescent friendships. *Adolescence*. Retirado da World Wide Web em 27 de Dezembro de 2005: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2248/is_154_39/ai_n6364174

Kanazawa, S. (2001). Why father absence might precipitate early menarche: The role of polygyny. *Evolution and Human Behavior*, 22, 335-341.

Kangas, I., Andersen, B., McGarrigle, C. & Ostergaard, L. (2004). A comparison of sexual behaviour and attitudes of healthy adolescents in a Danish school in 1982, 1996, and 2001. *Population Health Metrics*, 2 (5), 1-8.

Kigozi, N. (2006). The correlation between certain interpersonal relationships and the risky sexual behavior of urban black adolescents. Dissertation submitted in accordance with the partial requirements for the degree MSc. Psychology in the Department of Philosophy, Faculty of Humanities at the University of The Free State. Retirado da World Wide Web em 14 de Novembro de 2006: <http://etd.uovs.ac.za/ETD-db/thesis/available/etd-11072006-102255/unrestricted/KigoziNg.pdf>

Kourdoutis, P., Loumakou & Sarafidou, J. (2000). Heterosexual relationship characteristics, condom use and safe sex practices. *AIDS Care*, 12 (6), 767-782.

Kunce, L. & Shaver, P. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships*, Vol.5 (pp. 205-237) London: Jessica Kingsley.

Laksmna, T. (2003). The predictors of sexual behaviors and attitudes. *Perspectives in Psychology*. Retirado em 10 de Outubro de 2006 da World Wide Web: <http://bespin.stwing.upenn.edu/~upsych/Perspectives/2003/Laksmna.pdf>

Lam, A., Mak, A., Lindsay, P. & Russell, S. (2004). What really works? An exploratory study of condom negotiation strategies. *AIDS Education and Prevention*, 16 (2), 161-172.

Laraque, D., Mclean, D., Brown-Peterside, P., Ashton, D. & Diamond, B. (1997). Predictors of reported condom use in central Harlem youth as conceptualized by the Health Belief Model. *Journal of Adolescent Health*, 21 (5), 318-327.

Larson, R., Clore, G & Wood, G. (1999). The emotions of romantic relationships. Do they wreak havoc on adolescents?. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp.19-48). Cambridge: Cambridge University Press.

Leeper, C. & Anderson, K. (1997). Gender development and heterosexual romantic relationships during adolescence. In S. Shulman & W. Collins (Eds.), *Romantic Relationships in Adolescence: Development Perspectives*. (pp.85-103). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Leeper, C. (1994). Exploring the consequences of gender segregation on social relationships. *New Directions for Child Development*, 65, 67-86.

Lee, J. (1998). Ideologies of lovestyle and sexstyle. In V. Munck (Eds.), *Romantic love and sexual behaviour. Perspectives from the social sciences*. (pp. 33-76). London: Praeger Publishers.

Lewis, T., Amini, F. & Lannon, R. (2002). *Uma teoria geral do amor*. (T. M. Toldy, Trad.) Barcarena: Editorial Presença. (Obra original publicada em 2000).

Lewis, V. & Kashima, Y. (1993). Applying the theory of reasoned action to the prediction of AIDS-preventive behaviour. In D. Terry, C. Gallois & M. McCamish. *The Theory of Reasoned Action*. (pp. 29-46). New York: Pergamon Press.

Loewenstein, G. & Furstenberg, F. (1991). Is teenage sexual behavior racional? *Journal of Applied Social Psychology*, 21 (12), 957-986.

López, F. & Fuertes, A. (1999). *Para Compreender a Sexualidade*. (A. M. Marques e L. Silva, Trad.) Lisboa: Associação para o Planeamento da Família. (Obra original publicada em 1989).

López, F. & Oroz, A. (1999). *Para Compreender la Vida Sexual del Adolescente*. Pamplona: Verbo Divino.

López, F. (2003). Evolución del apego desde la adolescencia hasta la muerte. In F. López, I. Etxebarria, M. Fuentes & M. Ortiz (Eds.), *Desarrollo Afectivo y Social*. (pp. 67-93). Madrid: Ediciones Pirámide.

López, F., Del Campo, A. & Guijo, V. (2001). *Prepuberal sexuality*. Comunicação apresentada no 15th World Sexology Congreso, Paris, France.

MacDonald, N., Wells, G., Fisher, W., Warren, W., King, M., Doherty, J. & Bowie, W. (1990). Department of Pediatrics, Children's Hospital of Eastern Ontario, Ottawa, Canada. High-risk STD/HIV behavior among college students. *The Journal of American Medical Association*, 263, 23 [ABSTRACT]. Retirado em 20 de Outubro de 2005 da World Wide Web: <http://jama.ama-assn.org/cgi/content/abstract/263/23/3155>

Manlove J, Ryan S. & Franzetta K. (2003). Patterns of contraceptive use within teenagers' first sexual relationships. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 35 (6), 246–255.

Manlove, J., Ryan, S. & Franzetta, K. (2004). Contraceptive use and consistency in US teenagers' most recent sexual relationships. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 36 (6), 265-275.

Manning, W., Longmore, M. & Giordano, P. (2000). The relationship context of contraceptive use at first intercourse. *Family Planning Perspectives*, 32 (3), 104-110.

Marín, B., Kirby, D., Hudes, E., Coyle, K. & Gómez, C. (2006). Boyfriends, girlfriends and teenagers' risk of sexual involvement. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 38 (2) 76-83.

Maroco, J. (2003). *Análise Estatística* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Martinez, J. & Fuertes, A. (1999a). Importancia del clima familiar y la experiencia de pareja en las relaciones de amistad adolescentes. *Revista de Psicología Social*, 14 (2-3), 235-250.

Martinez, J. & Fuertes, A. (1999b). Factores personales, familiares y relacionales implicados en la estabilidad de relaciones de pareja adolescentes. *Infancia y Aprendizaje*, 88, 85-105.

Martinez, J. (1997). Desarrollo personal, ambiente familiar y relaciones de pareja en la adolescencia. *Revista de Psicología Social*, 12 (1) 59-78.

Martinez, J. (2000). Experiencias heterosexuales en la adolescencia: implicaciones para la educación sexual. *Revista de Psicología Geral y Aplicada*, 53 (1) 191-209.

Matos, M. e equipa do Projecto Aventura Social & Saúde (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses (Quatro anos depois)*. Edições FMH: Lisboa.

McElhaney, K. & Insabella, G. (2000). *The effects of autonomy versus control in parent-adolescent relationships at age 16 on romantic relationships at age 18*. Paper presented at the 2000 meeting of the Society for Research on Adolescence, Chicago, USA.

Retirado em 19 de Abril de 2005 da World Wide Web:

<http://www.people.virginia.edu/~psykliff/pubs/publications/kandgsra2000.pdf>

Mercer, C., Wellings, K., Macdowall, W., Copas, A., McManus, S., Erens, B., Fenton, K. & Johnson, A. (2006). First sexual partnerships – age differences and their significance: empirical evidence from the 2000 British National Survey of Sexual Attitudes and Lifestyles (Natsal 2000). *Journal of Adolescent Health, 39*, 87-95.

Metcalfe, T. (2004). Sexual health: meeting adolescents' needs. *Nursing Standart, 28* (18), 40-43.

Miller, B & Benson, B. (1999). Romantic and sexual relationship development during adolescence. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring. (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 99-121).Cambridge: Cambridge University Press.

Miller, B. (2002). Family influences on adolescent sexual and contraceptive behaviour. *Journal of Sex Research*. Retirado em 15 de Maio de 2005 da World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2372/is_1_39/ai_87080436

Miller, K., Clark, L., Wendell, D., Levin, M., Gray-Ray, P., Velez, C. & Weber, P. (1997). Adolescent sexual experience. A new typology. *Journal of Adolescent Health, 20*, 179-186.

Montgomery, M. & Sorell, G. (1998). Love and dating experience in early and middle adolescence: Grade and gender comparisons. *Journal of Adolescence, 21* (6), 677-687.

Montgomery, M. J. (2005). Psychosocial intimacy and identity: from early adolescence to emerging adulthood. *Journal of Adolescent Research, 20*, 346-374.

Morr, M. & Mongeau, P. (2004). First-date expectations. The impact of sex of initiator, alcohol consumption, and relationship type. *Communication Research, 31* (1) 3-35.

Morrison-Beedy, D. & Lewis, B. (2001). HIV prevention in single, urban women: condom-use readiness. *Journal of Obstetric, Gynecologic, and Neonatal Nursing*, 30 (2), 148-156.

Morrison-Beedy, D., Carey, M. & Aronowitz, T. (2003). Psychosocial correlates of HIV risk behaviour in adolescent girls. *Journal of Obstetric, Gynecologic, and Neonatal Nursing*, 32 (1), 94-101.

Navarro, E., Reig, A., Heredia, E. & Ferrer, R. (2006). Grupo de iguales e iniciación sexual adolescente: diferencias de género. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6 (1), 79-96.

Neto, F. (2000). *Psicologia social*. Vol. II. Lisboa: Universidade Aberta.

Newcomer, S. & Udry, R. (1985). Oral sex in an adolescent population. *Archives of Sexual Behavior*, 14 (1) 41-46.

Nguyet, N., Maheux, B., Beland, F. & Pica, L. (1994). Sexual behaviors and condom use: A study of suburban male adolescents. *Adolescence*, 29 (113), 37-48.

Noar, S. & Morokoff, P. (2002). The relationship between masculinity ideology, condom attitudes, and condom use stage of change: a structural equation modelling approach. *International Journal of Men's Health*, 1 (1), 43-58.

Noar, S. (2003). The role of structural equation modelling in scale development. *Structural Equation Modeling*, 10 (4), 622-647.

Noar, S., Anderman, E., Zimmerman, R., & Cupp, P. (2004). Fostering achievement motivation in health education: Are we applying relevant theory to school-based HIV prevention programs? *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 16 (4), 59-76.

Noar, S., Morokoff, P. & Harlow, L. (2002). Condom negotiation in heterosexually active men and women: development and validation of condom influence strategy questionnaire. *Psychology and Health*, 17 (6), 711-735.

Noar, S., Morokoff, P. & Harlow, L. (2004). Condom influence strategies in a community sample of ethnically diverse men and women. *Journal of Applied Social Psychology, 34* (8), 1730-1751.

Noar, S., Morokoff, P. & Redding, C. (2002). An examination of transtheoretical predictors of condom use in late-adolescent heterosexual men. *Journal of Applied Biobehavioral Research, 6* (1), 1-26.

Noar, S., Zimmerman, R. & Atwood, K. (2004). Safer sex and sexuality transmitted infections from a relationship perspective. In J. H. Harvey, A. Wenzel & S. Sprecher (Eds.), *Handbook of Sexuality in Close Relationships* (pp. 519-544). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

Nodin, N. (2001). *Os Jovens Portugueses e a Sexualidade em Finais do Século XX*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.

Noller, P. (1994). Relationships with parents in adolescence: Process and outcome. In R. Montemayor, G. Adams & T. Gullota (Eds.), *Personal Relationships During Adolescence. Advances in Adolescent Development. An Annual Book Series*, Vol. 6. (pp. 37-77). Thousand Oaks: Sage Publications.

Nottlemann, E., Inoff-Germain, G., Susman, E & Chorus, G. (1990). Hormones and behaviour at puberty. In J. Bancroft & J. Reinisch (Eds.), *Adolescence and Puberty* (pp. 88-121). New York: Oxford Press.

O'Donnell, L. O'Donnell, C. & Stueve, A. (2001). Early sexual initiation and subsequent sex-related risks among urban minority youth: The reach for health study. *Family Planning Perspectives, 33*, 268-275.

Obegi, J., Morrison, T. & Shaver, P. (2004). Exploring intergenerational transmission of attachment style in young female adults and their mothers. *Journal of Social and Personal Relationships, 21* (5), 625-638.

Ogden, J. (1999). *Psicologia da Saúde*. (C. Patrocínio e F. Andersen, Trad.). Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada s/d).

Oliva, A. & Parra, A. (2001). Autonomía emocional durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 24 (2), 181-196.

Oliva, A., Serra, L. & Vallejo, R. (1993). *Sexualidad y Contracepción en Jóvenes Andaluces. Estudio Cuantitativo*. Universidad de Sevilla. Área de Psicología Evolutiva y de la Educación. Servicio Andaluz de la Salud. Sevilla: Junta de Andalucía. Consejería de Salud.

Oliva, A., Serra, L. & Vallejo, R. (1997). Patrones de comportamiento sexual y contraceptivo en la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 77, 19-34.

Oliveira, E. F. & Grácio, M. C. (2005). Análise a respeito do tamanho de amostras aleatórias simples: Uma aplicação na área de Ciência da Informação. *DataGramaZero – Revista da Ciência da Informação*, 6 (3) http://www.dgz.org.br/ago05/Art_01.htm

Ortiz, M. (2003). El desarrollo emocional. In F. Lopez, I. Etxebarria, M. Fuentes & M. Ortiz (Cord.), *Desarrollo Afectivo y Social*. (pp. 95-124). Madrid: Ediciones Pirámide.

Ostovich, J. & Sabini, J. (2005). Timing of puberty and sexuality in men and women. *Archives of Sexual Behavior*, 34 (2), 197-206.

Padez, C. & Rocha, M. (2003). Age at menarche in Coimbra (Portugal) school girls: a note on the secular changes. *Annals of Human Biology*, 30 (5), 622-632.

Paul, E., McManus, B. & Hayes, A. (2000). “Hookups”: Characteristics and correlates of college students’ spontaneous anonymous sexual experiences. *Journal of Sex Research*, 37, 76-88

Pedersen, W., Samuelsen, S. & Wichstrom, L. (2003). Intercourse debut age: poor resources, problem behaviour, or romantic appeal? A population-based longitudinal study. *Journal of Sex Research*. Retirado em 3 de Novembro de 2003 da World Wide Web: http://www.findarticles.com/cf_0/m2372/4_40/112247851/p1/article.jhtml?term=

Pereira da Silva, D., Carvalho, J., Telhado, C. & Romão, F. (2005). Avaliação das Práticas Contraceptivas das Mulheres Portuguesas. *Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução*. Mimeografado.

Pereira, A. & Poupá, C. (2004). *Como Escrever uma Tese Monografia ou Livro Científico Usando o Word*. Lisboa: Edições Sílabo.

Pereira, M. & Espírito Santo, H. (2005, Junho). *Infecção VIH/SIDA. A Situação em Portugal*. Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge. CVEDT.

Pereira, S. (2004). Projecto de Intervenção em Crianças e Adolescentes Obesos. Retirado em 30 de Outubro de 2006 da World Wide Web. [<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0303.pdf>].

Peretti, P., & Abplanalp Jr., R. (2004). Chemistry in the college dating process: Structure and function. *Social Behavior & Personality: An International Journal*, 32 (2), 147-154.

Pilkington, C., Kern, W., & Indest, D. (1994). Is safer sex necessary with a "safe" partner? Condom use and romantic feelings. *Journal of Sex Research*, 31, 203-210.

Polit, D. & Hungler, B. (1995). *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem*. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pombo, V. (2002). Infecção pelo VIH vinte anos depois: o vacilar da esperança. *Sexualidade e Planeamento Familiar*, 33, 5-6.

Popen, P. (1994). Adolescent contraceptive use and communication: Changes over a decade. *Adolescence*, 29 (115), 503-514.

Portugal. Direcção Geral de Saúde. Divisão de Saúde Materna, Infantil e dos Adolescentes (2001). *Saúde Reprodutiva: Planeamento Familiar. Orientações Técnicas nº 9*. Lisboa: Direcção Geral de Saúde. 48 p.

Prinstein, M., Meade, C. & Cohen, G. (2003). Adolescent oral sex, peer popularity, and perceptions of best friend's sexual behaviour. *Journal of Pediatric Psychology*, 28 (4), 243-249.

Rademarks, J., Laan, M. & Straver, C. (2003). Body awareness and physical intimacy. In J. Bancroft (Ed.), *Sexual Development in Childhood*, (pp.121-129). Indiana: University Press

Ramos de Almeida, J.M. (1987). *Adolescência e Maternidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Regan, P., Durvasula, R., Howell, L., Ureño, O. & Rea, M. (2004). Gender, ethnicity, and the developmental timing of first sexual and romantic experiences. *Social Behavior and Personality*, 32, 667-676.

Remez, L. (2000). Oral sex among adolescents: Is it sex or is it abstinence? *Family Planning Perspectives*, 32 (6) 298-304.

Richards, M., Crowe, P., Larson, R. & Swarr, A. (1998). Developmental patterns and gender differences in the experience of peer companionships during adolescence. *Child Development*, 69 (1), 154-163.

Rickert, V., Sanghi, R. & Wiemann, C. (2002). Is lack of sexual assertiveness among adolescent and young adult women a cause for concern? *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 34 (4), 178-183.

Rodgers, J. & Bard, D. (2003). Behavior genetics and adolescent development: A review of recent literature. In G. Adams & M. Berzonsky (Eds.). *Blackwell Handbook of Adolescence*. Retirado em 16 de Maio de 2005 da World Wide Web: http://www.blackwellpublishing.com/content/BPL/Images/content_store/sample_chapter/063121920X/001.pdf

Rodgers, J. & Rowe, D. (1993). Social contagion and adolescent sexual behaviour: A developmental EMOSA model. *Psychological Review*, 100, 479-510.

Rodrigues, J. (s/d). Conhecimentos e experiências sexuais dos jovens estudantes do ensino superior. Educação, Ciência e Tecnologia. 149-173. Retirado em 7 de Julho de 2005 da World Wide Web: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium28/13.pdf>

Roque, O. (Coord.) (2003). *Mamãs de Palmo e Meio: Gravidez e Maternidade na Adolescência*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.

Roque, O. (Coord.) (2005). *Mamãs de Palmo e Meio: Testemunhos*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.

Rosengard, C., Adler, N., Gurvey, J. & Ellen, J. (2005). Adolescent partner-type experience: Psychosocial and behavioural differences. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 37 (3) 141-147.

Rostosky, S., Gallier, R., Welsh, D. & Kawaguchi, M. (2000). Sexual behaviors and relationship qualities in late adolescent couples. *Journal of Adolescence*, 23, 583-597.

Roth, M. & Parker, J. (2001). Affective and behavioral responses to friends who neglect their friends for dating partners: Influences of gender, jealousy and perspective. *Journal of Adolescence*, 24, 281-296.

Saavedra, L. & Barros, A. M. (1996). Elas preferem as bonecas, eles os carros: Aquisição dos estereótipos do género. *Psicologia*, vol. 1 n.º 1, Universidade do Minho

Sampaio, D. (1999). *Ninguém Morre Sozinho. O Adolescente e o Suicídio* 9ª Ed. Lisboa: Editorial Caminho.

Sanches, E., Teixeira, L. & Rodrigues Jr. O. (1991). Opinião de estudantes universitários sobre sexo oral em relações heterossexuais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 2 (1), 52-68.

Sanders, S. & Reinish, J. (1990). Biological and social influences on the endocrinology of puberty: Some additional aspects. In J. Bancroft & J. Reinish (Eds.). *Adolescence and Puberty*. (pp.50-62) New York: Oxford University Press.

Santelli, J., Brener, N., Lowry, R., Bhatt, A. & Zabin, L. (1998). Multiple sexual partners among US adolescents and young adults. *Family Planning Perspectives*, 30 (6), 271-275.

Santelli, J., Kaiser, J., Hirsh, L. Radosh, A., Simkin, L. & Middlestadt, S. (2004). Initiation of Sexual Intercourse among Middle School Adolescents: The influence of psychosocial factors. *Journal of Adolescent Health*, 34 (3), 200-208.

Schuster, M., Bell, R., Berry, S. & Kanouse, D. (1997). Students' acquisition and use of school condoms in a high school condom availability program. *Pediatrics*, 100, 689-694.

Schwartz, I. (1999). Sexual activity prior to coital initiation: A comparison between males and females. *Archives of Sexual Behavior*, 28 (1), 63-69.

Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: Evidence of developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, 27 (6), 519-531.

Shaffer, D. (2005). *Psicologia do Desenvolvimento*. (C. R. Canciss, Trad.) São Paulo: Pioneira Thomson Learning. (Obra original publicada s/d)

Shaffer, L. (2001, Abril). Agree or disagree? Poster apresentado no 2º Encontro Bienal da Society for Research in Child Development. Mineapolis.

Shaver, P. & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, 473-501.

Shaver, P., Hazan, C. & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment. The integration of three behavioural systems. In R. J. Sternberg & M. Barnes. (Eds.), *The Psychology of Love* (pp. 68-99). New Haven, CT: Yale University Press.

Sheeran, P. & Abraham, C. (1996). The health belief model. In M. Corner & P. Norman (Ed.), *Predicting Health Behaviour: Research and Practice With Social Cognitive Models* (pp. 23-61). Philadelphia, PA: Open University Press.

Sheeran, P. Abraham, C. & Orbell, S. (1999). Psychosocial correlates of heterosexual condom use: A meta-analysis. Psychological Bulletin, 125, 90-132.

Sheeran, P., White, D. & Phillips, K. (1991). Premarital contraceptive use: A review of the psychological literature. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 9, 253-269.

Shew, M., Remafedi, G., Bearinger, L., Faulkner, P., Taylor, B. Pothoff, S. & Resnick, M. (1997). The validity of self-reported condom use among adolescents. *Sexually Transmitted Diseases*, 24 (9), 503-510.

Shulman, S. & Scharf, M. (2000). Adolescent romantic behaviors and perceptions: age-and gender-related differences, and links with family and peer relationships. *Journal of Adolescent Research*, 10 (1), 99-118.

Shulman, S. & Seiffge-Krenke, I. (2001). Adolescent romance: between experience and relationships. *Journal of Adolescence*, 24, 417-428.

Sieving, R., Eisenberg, M., Pettingell, S. & Skay, C. (2006). Friend's influence on adolescents' first sexual intercourse. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 38 (1), 13-19.

Simon, V., Bouchey, H., & Furman, W. (2000). The social construction of adolescents' representations of romantic relationships. In S. Larose & G. M. Tarabulsky (Eds.) *Attachment and Development: The Role of Relationships in Human Development* Vol. 7(pp. 301-326). Québec, Canada: Les Presses de l'Université du Québec.

Smiler, A., Ward, M. Caruthers, A. & Merriwether, A. (2005). Pleasure, empowerment, and love: factors associated with a positive first coitus. *Sexuality Research & Social Policy*, 2 (3), 41-55.

- Sprecher, S. & McKinney, K. (1993). *Sexuality*. Newbury Park: Sage Publications
- Sprecher, S. & Regan, P. (1998). Passionate and companionate love in courting and young married couples. *Sociological Inquiry*, 68, 163-185.
- Sprinthall, N. & Collins, A. (1994). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. (C.M. Vieira, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original publicada em 1988).
- Steinberg, L. & Morris, A. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110.
- Sternberg, R. (2001). *A Seta do Cupido. O Percurso do Amor ao Longo do Tempo*. (I. Colaço, Trad.) Lisboa: Editora Replicação. (Obra original publicada em 1998).
- Sunder, M. (2006). Physical stature and intelligence as predictors of the timing of baby boomers' very first dates. *Journal of Biosocial Science*, 38 (6), 821-833.
- Taradash, A., Connolly, J. A., Pepler, D., Craig, W., & Costa, M. (2001). The interpersonal context of romantic autonomy in adolescence. *Journal of Adolescence*, 24, 365-377.
- Tracy, J., Shaver, P., Albino, A. & Cooper, M. (2003) Attachment styles and adolescent sexuality. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior: Theory, Research and Practical Implications*. (pp137-159). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Traen, B., Lewin, B. & Sundet, J. (1992). Use of birth control pills and condom among 17-19 year old adolescents in Norway: Contraceptive versus protective behaviour? *AIDS Care*, 4 (4), 371-380.
- Trost, J. (1990). Social support and pressure and their impact on adolescent sexual behavior. In J. Bancroft & J. Reinish (Eds.). *Adolescence and Puberty*. (pp.173-181) New York: Oxford University Press.

Udry, J. (1990). Hormonal and social determinants of adolescent sexual initiation. In J. Bancroft & J. Reinisch (Eds.). *Adolescence and Puberty*. (pp.70-87) New York: Oxford University Press.

Upadhyay, U., Hindin, M. & Gultiano (2006). Before first sex: gender differences in emotional relationships and physical behaviors among adolescents in the Philippines. *International Family Planning Perspectives*, 32 (3), 110-119.

Van Horn, M., Dowdy, B. & Embow, A. (1997). Dating as a Social Activity: The importance of peers. Comunicação apresentada à Society for Research in Child Development. Conferência Bienal. Washington, DC.

Velicer, W., Prochaska, J., Fava, J., Norman, G. & Redding, C. (1998). Smoking cessation and stress management: Applications of the transtheoretical model of behaviour change. *Homeostasis*, 38, 216-233. Retirado em 20 de Junho de 2005 da World Wide Web: <http://www.uri.edu/research/cprc/TTM/detailedoverview.htm>

Veloso, R. & Tê, C.(2002). Primeiro beijo. On *Cabeças no Ar* [CD]. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho, Música, Ldª.

Vilar, D. (2003). *Falar Disso*. A Educação Sexual nas Famílias Adolescentes. Porto: Edições Afrontamento.

Walsh, A. (1991). *The Science of Love. Understanding Love & its Effects on Mind & Body*. New York: Prometheus Books.

Whitaker, D., Miller K. & Clark, L. (2000). Reconceptualizing adolescent sexual behavior: Beyond did they or didnt they? *Family Planning Perspectives*, 32 (3), 111–117.

WHO/OMS (1975). *Meeting on Pregnancy and Abortion in Adolescence*. Geneva. Report. Geneva, (WHO Technical Report Series, 583). http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1049&cod_chave=1242&let ra=c

WHO/OMS (2001). *Guidelines for the Management of Sexually Transmitted Infections*. Retirado em 14 de Junho de 2002 da World Wide Web: [file://A:1_%20Introduction%20\(Guidelines%20%for%20%the%20Management%20of%20](file://A:1_%20Introduction%20(Guidelines%20%for%20%the%20Management%20of%20)

WHO/OMS (2004). *Protecting Young People from HIV and AIDS: The Role of Health Services*. WHO, Oxford. Retirado em 9 de Novembro de 2005 da World Wide Web: http://www.who.int/child-adolescent-health/publications/ADH/ISBN_92_4_159247_8.htm

Williams, B., Sawyer, S. & Washlstrom, C. (2006). *Marriages, families and intimate relationships. A practical introduction*, 1/E. 0-205-366740. Retirado em 14 de Abril de 2005 da World Wide Web: <http://www.ablongman.com/samplechapter/0205366740.pdf>

Wilson, M., Kastrinakis, M., D'Angelo, L. & Getson, P. (1994). Attitudes, knowledge, and behavior regarding condom use in urban black adolescent males. *Adolescence*. Retirado em 7 de Setembro de 2005 da World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_2248/is_n113_v29/ai_15502619

Wyatt, G. (1990). Changing influences on adolescent sexuality over the past forty years. In J. Bancroft & J. Reinisch (Eds.). *Adolescence and Puberty*. (pp.182-206) New York: Oxford University Press.

Yela, C. (2002). *El Amor desde la Psicología Social: Ni Tan Libres, Ni Tan Racionales*. Madrid: Ediciones Pirámide.

Zapiain, J. (2005). Apego y comportamiento sexual en la adolescencia, en relación con la disposición a asumir riesgos asociados a la experiencia erótica. *Infancia y Aprendizaje*, 28 (3), 293-308.

Zapiain, J. G. (1993). *Riesgo de Embarazo no Deseado en la Adolescencia y Juventud*. Vitoria-Gasteiz: Instituto Vasco de la Mujer.

Zapian, J. (1997). La sexualidad: perspectiva psicosocial en la adolescencia. In M. Lameiras & A. Lopez (Eds.), *Sexualidad y Salud* (pp. 68-85). Santiago de Compostela:

Torculo Ediciones. Retirado em 25 de Setembro de 2004 da World Wide Web:

<http://www.svnp.es/Documen/Captulof.htm>

Zimmer-Gembeck, M. (2002). The development of romantic relationships and adaptations in the system of peer relationships. *Journal of Adolescent Health, 31*, 216-225.

Zimmer-Gembeck, M., Siebenbruner, J. & Collins, A. (2001). Diverse aspects of dating: associations with psychosocial functioning from early to middle adolescence. *Journal of Adolescence, 24*, 313-336.

Zimmer-Gembeck, M., Siebenbruner, J. & Collins, A. (2004). A prospective study of intraindividual and peer influences on adolescents' heterosexual romantic and sexual behaviour. *Archives of Sexual Behavior, 33* (4), 381-394.

Zlokovich, M. & Snell Jr, W. (2001). The relationship between adult attachment tendencies, illusion of fertility control, contraceptive efficacy, and contraceptive choices. In W. Snell Jr. (Ed.), *New directions in the psychology of human sexuality: Research and theory*. Cape Girardeau, MO: Snell Publications. WEB: <http://cstl-cla.semo.edu/snell/books/sexuality/sexuality.htm>

APÊNDICE